U.PORTO
FLUP FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DO PORTO

MESTRADO
HISTÓRIA DA ARTE, PATRIMÓNIO E CULTURA VISUAL

Arquitetura: modos de ver e comunicar

Um projeto sobre arquiteturas do Porto desenvolvido na empresa SWARK

Ana João Costa e Silva

M

2022

Ana João Costa e Silva

Arquitetura: modos de ver e comunicar

Relatório de estágio realizado no âmbito do Mestrado em História da Arte, Património e Cultura Visual, orientada pelo Professor Doutor Hugo Daniel Silva Barreira e supervisionado pela Arquiteta Sara Silva Natária.

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

2022

Ana João Costa e Silva

Arquitetura: modos de ver e comunicar
Um projeto sobre arquiteturas do Porto realizado na empresa SWARK

Relatório de Estágio realizado no âmbito do Mestrado em História da Arte, Património e Cultura Visual, orientada pelo Professor Doutor Hugo Daniel Silva Barreira e supervisionado pela Arquiteta Sara Silva Natária.

Membros do Júri

Professor Doutor (escreva o nome do/a Professor/a)

Faculdade (nome da faculdade) - Universidade (nome da universidade)

Professor Doutor (escreva o nome do/a Professor/a)

Faculdade (nome da faculdade) - Universidade (nome da universidade)

Professor Doutor (escreva o nome do/a Professor/a)

Faculdade (nome da faculdade) - Universidade (nome da universidade)

Classificação obtida: (escreva o valor) Valores

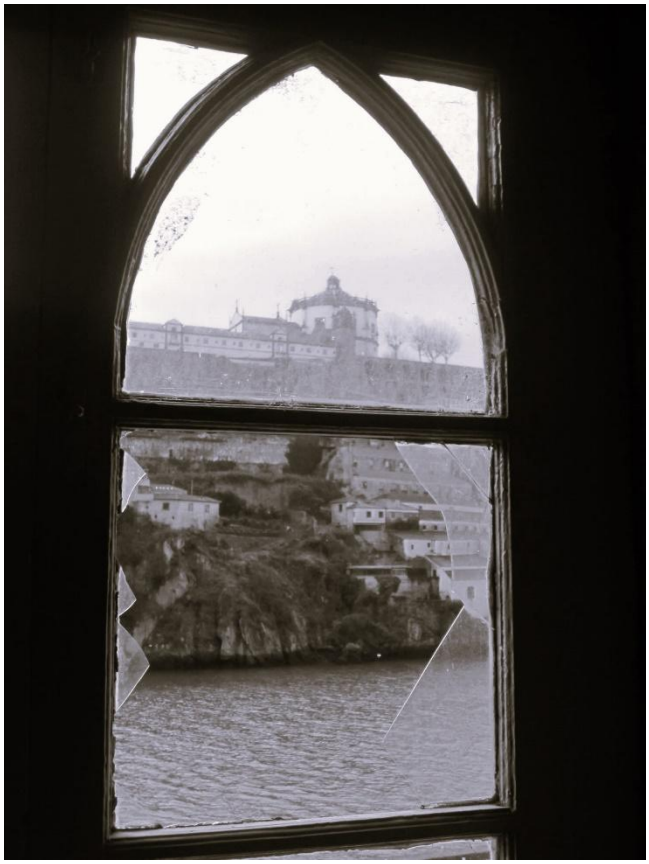


Figura1. Fonte: SWARK.

Olha para as tuas mãos,

Imagina tudo aquilo que elas serão capazes de construir.

O mundo espera pelo invisível que, hoje, só tu és capaz de ver.

(José Luís Peixoto).

Sumário

1.Introdução 15
2.Estado de Arte 20
3.Problematização prévia de estudos: a divulgação científica, numa aproximação à área do Património 27
4.Objetivos e principais problemáticas 29
5.Pertinência do tema 31
6.Justificação do Título do Trabalho 33
7.Justificação da organização dos capítulos 35
8.O Estágio Curricular 38
8.1 Entidade de Acolhimento do estágio: SWARK 38
8.2 Metodologia de trabalho 40
8.3 Introdução às tarefas desenvolvidas no estágio na SWARK 45
9.Tipologias arquitetónicas 52
9.1 O estudo da casa burguesa, palacete e casa periurbana 52
9.2 *Casa burguesa* da cidade do Porto: a realidade SWARK 58
9.3 O palacete 65
10.Os casos de estudo 74
10.1 As Arquiteturas:Enquadramento Teórico e Desenvolvimento de uma Metodologia de Análise Integrada 74
10.2 O caso de estudo da casa na Rua do Gólgota 78
10.3 O caso de estudo da casa na Rua de Cedofeita 119
10.4 Os casos de estudo: Resultados 163
11.O projeto de divulgação patrimonial 167
11.1 A mediação/comunicação patrimonial: O percurso e relevância do trabalho da lista de desejos 167
11.2 A adaptação da investigação à lista de desejos 178
A lista de desejos: resultados 183
12. As publicações nas plataformas digitais 192
12.1.1 *Sabia que…* (A Legislação Patrimonial nas Publicações Temporárias) 195
12.1.2 A Claraboia 198

12.1.3 A Trapeira e o Mirante 209
12.1.4 A Janela e a Porta 216
12.1.5 O Estuque 224
12.1.6 O Azulejo 233
12.1.7 O Mosaico Hidráulico 245
12.1.8 As Linguagens Arquitetónicas 247
12.1.9 A Cornija e a Mísula 254
12.1.10 Os Ferros Decorativos 260
12.1.11 As Influências na Arquitetura da Cidade 265
12.2 As publicações nas platafomas digitais: resultados 275
13.A inovação e oportunidade 286
13.1 Casos de estudo, redes sociais e lista de desejos: desafios, problemáticas surgidas e contributos para a área do património 286
14.Considerações finais 294
15.Referências Bibliográficas 298
16.Apêndices 311

Declaração de honra

Declaro que o presente relatório de estágio é de minha autoria e não foi utilizado previamente noutro curso ou unidade curricular, desta ou de outra instituição. As referências a outros autores (afirmações, ideias, pensamentos) respeitam escrupulosamente as regras da atribuição, e encontram-se devidamente indicadas no texto e nas referências bibliográficas, de acordo com as normas de referenciação. Tenho consciência de que a prática de plágio e auto-plágio constitui um ilícito académico.

Porto, setembro de 2022

Ana João Costa e Silva

Agradecimentos

O percurso aqui presente é reflexo de pessoas e de experiências que alimentam este sonho. Uma investigação é sempre reflexo de várias camadas e este relatório não é exceção. A todos os meus professores universitários que me formaram e que me fizeram sonhar e querer, hoje, chegar aqui, o meu profundo obrigado.

Um agradecimento especial ao meu Orientador, Professor Doutor Hugo Barreira, por ter, desde o início, guiado este trabalho, por ter acompanhado e embarcado num projeto que sempre idealizei como 'fora das normas'. Por todo o companheirismo, pela leveza de tantas conversas e orientações com sentido maior que me inspiram a ir sempre mais longe.

À Sara que para além de supervisora deste estágio, abriu as portas da empresa SWARK a este projeto e aos desafios propostos. A leveza, o sorriso fácil e o espírito livre da Sara permitiram a este trabalho voar, ir mais além. Obrigada pela amizade, cuidado constante, carinho e por ter deixado que a SWARK fosse casa deste trabalho.

À Arquiteta Joana Vasconcelos e à Arquiteta Adriana Floret agradeço o contributo basilar a este trabalho. A reflexão, análise que permitiram captar em conversas para o efeito em muito acrescentam à investigação deste relatório de estágio. Sem as suas perspetivas este trabalho não teria conseguido 'mergulhar' tão plenamente nos objetos de estudo que o move.

Ao Júnior, materialização do amor, as palavras nunca serão suficientes para expressar tudo o que és para mim. Obrigada por todo o companheirismo e por me tornares cada dia uma melhor versão. Sem o teu amor e apoio incondicionais este trabalho nunca teria sido possível. Por tudo o que és na minha vida, por estares sempre ao meu lado e por, ao fim destes anos, continuares a ser o que sempre desejei para mim. A vida ficou mais bonita contigo.

À minha Mãe, a quem devo tudo. Obrigada por seres força e perseverança, por tanta compreensão em momentos nos quais, mergulhada em trabalho, não estive tão presente. Agradeço-te os conselhos, tudo o que me ensinas e ensinarás e por teres tido sempre a sabedoria de me deixares voar e percorrer os meus sonhos. Obrigada, minha Mãe. O meu amor por ti nunca caberá nestas linhas.

Ao Miguel, peça fundamental da minha vida e a quem, também, devo tudo. Obrigada por toda a sensibilidade, toda a alegria e amor que trouxeste à minha vida. Este trabalho é também o teu reflexo pelo exemplo inspirador que és para mim. Por todas as conversas onde a Arte tem sempre um lugar especial, por teres o dom de entender a paixão que me move e por sermos companheiros em tantas outras coisas da vida, obrigada.

Aos meus avós, minhas estrelas guias. Aos que ainda cá estão e aos que, onde estiverem, acredito que me direcionam. Obrigada, Avó Fatinha e Avô Manuel por todos os abraços e por todas as vezes em que, inquieta pelo trabalho, o vosso 'em frente Ana' me deu alento para ir mais além. Obrigada por todo o amor e por serem luz na minha vida. Nunca será possível expressar todo o amor que vos tenho.

Às pessoas das minhas famílias Lina, Carlos, Tia Graciosa, Sameiro e Sr. Alberto. A vossa alegria, presença e cuidado trouxeram mais à minha vida e, inevitavelmente, a este trabalho.

A todos os meus amados amigos, em especial à amiga Sousa. Por todas as conversas, gargalhadas e brincadeiras que indiretamente alimentaram este trabalho e tantos outros sonhos.

E a todos os que passam na minha vida e me acrescentam, este trabalho inspira-se também nas breves conversas que me ficam na memória.

Resumo

A partir da realização do estágio na entidade de acolhimento SWARK, o presente estudo tem como objetivos principais a análise de dois casos de estudo, do universo da empresa. As arquiteturas, inseridas nos universos da *casa burguesa* e da *casa periurbana* localizadas na Rua de Cedofeita e Rua do Gólgota, respetivamente, são estudadas promovendo uma análise integrada. Neste estudo houve um complexo cruzamento de conhecimento materializado através de um *corpus* de trabalho com fontes e referências bibliográficas na área da Arquitetura e do Património, mas não só. A complementar o corpo científico deste trabalho- da *Casa Burguesa, Casa Periurbana* e *Palacete* entre finais do séc.XIX e início do séc.XX-, destaca-se contributos de áreas distintas, mas sobretudo o trabalho de campo realizado simultaneamente, de forma alargada e diversificada, e que em muito consolida e enriquece o trabalho teórico.

Por outro lado, este estudo não se foca, exclusivamente, no estudo destes dois casos do estudo como também se debruça sobre a sua divulgação física com uma população generalizada. Em semelhança aos dois *Casos de Estudo* que movem este relatório, também a parte teórica, fruto da investigação do *palacete, casa periurbana e casa burguesa*, são objetos de promoção patrimonial. Os elementos arquitetónicos caracterizadores destas habitações são alvo de um processo de comunciação patrimonial nas plataformas digitais da empresa SWARK.

A investigação permitiu desenvolver uma perspetiva de análise e divulgação de arquiteturas de valor histórico-patrimonial, que resulta num produto de comunicação diferenciado com possibilidade de aplicação num universo mais extenso. Este estudo, para além da análise de duas arquiteturas nunca estudadas e permitir um melhor entendimento das formas das arquiteturas, promove a sua valorização por terceiros, alerta para o valor patrimonial das arquiteturas 'correntes' da cidade do Porto e necessidade da sua preservação.

Palavras-chave: História da Arquitetura, Mediação, Comunicação, Porto.

Abstract

From the completion of the internship at the host entity SWARK, the present study has as main objectives the analysis of two case studies, from the company's universe. The architectures, inserted in the universes of the bourgeois house and the periurban house located in Rua de Cedofeita and Rua do Gólgota, respectively, are studied promoting an integrated analysis. In this study there was a complex crossing of knowledge materialized through a corpus of work with sources and bibliographic references in the area of Architecture and Heritage, but not only. Complementing the scientific body of this work - from Casa Burguesa, Casa Periurbana and Palacete between the end of the 19th century and the beginning of the 20th century -, contributions from different areas stand out, but above all the fieldwork carried out simultaneously, in an extensive way. and diversified, and which greatly consolidates and enriches the theoretical work.

On the other hand, this study does not focus exclusively on the study of these two cases of the study, but also focuses on their physical dissemination with a generalized population. Similar to the two Case Studies that drive this report, the theoretical part, the result of the investigation of the mansion, periurban house and bourgeois house, are also objects of heritage promotion. The architectural elements that characterize these dwellings are the subject of a heritage communication process on the digital platforms of the SWARK company.

The research allowed us to develop a perspective of analysis and dissemination of architectures of historical and heritage value, which results in a differentiated communication product with the possibility of application in a wider universe. This study, in addition to the analysis of two architectures never studied and allowing a better understanding of the forms of the architectures, promotes their appreciation by third parties, alerts to the heritage value of the 'current' architectures of the city of Porto and the need for their preservation.

Key-words: History of Architecture, Mediation, Communication, Porto.

Índice de Tabelas

TABELA 1 – TABELA DE TERMINOLOGIAS 183

TABELA 2 – TABELA DE PUBLICAÇÕES TEMPORÁRIAS NAS REDES SOCIAIS 351

TABELA 3 – TABELA DE PUBLICAÇÕES PERMANENTES NAS REDES SOCIAIS 399

TABELA 4 – TABELA DE PUBLICAÇÕES PENDENTES NAS REDES SOCIAIS 637

TABELA 5 – TABELA DE DADOS ECONÓMICO-FISCAIS DA CASA DE CEDOFEITA (ACESSO CONDICIONADO) 662

Índice de Gráficos

GRÁFICO 1- GRÁFICO DE ALCANCE DE ATIVIDADE NAS REDES SOCIAIS 298

GRÁFICO 2- GRÁFICO DE VISITAS ÀS REDES SOCIAIS 298

GRÁFICO 3- GRÁFICO DE NOVOS SEGUIDORES NAS REDES SOCIAIS 298

Lista de abreviaturas e siglas

ACRPP	ARQUIVO DA CONSERVATÓRIA DO REGISTO PREDIAL DO PORTO
AMCMP	ARQUIVO MUNICIPAL DA CÂMARA MUNICIPAL DO PORTO
ARQ.	ARQUITETA
CMP	CÂMARA MUNICIPAL DO PORTO
DRCN	DIREÇÃO REGIONAL DA CULTURA DO NORTE
FAUP	FACULDADE DE ARQUITETURA DA UNIVERSIDADE DO PORTO
FLUP	FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO
UC	UNIDADE CURRICULAR

1. Introdução

O presente relatório é resultado do estágio desenvolvido na empresa SWARK para a conclusão do Mestrado em História da Arte, Património e Cultura Visual desenvolvido na Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

O estudo de património arquitetónico era já uma certeza, assim como a realização de um estágio, para implementação de muito do que se veio a adquirir na Licenciatura em História da Arte e no Mestrado. Motivado por um interesse destacado no universo de património arquitetónico o contacto com a empresa SWARK foi estabelecido pelo orientador deste relatório e, desde logo, ficou claro que o universo de estudos ficaria subordinado à cidade do Porto, espaço onde a empresa atua em maior força. Foi, assim, possível estabelecer contacto com a SWARK, empresa especializada no *house-hunting* e reabilitação de património arquitetónico, e foi a partir dos primeiros contactos com a SWARK e sua proprietária - Sara Natária- que foi criada uma conexão entre o objetivo deste trabalho e os interesses da empresa.

O trabalho inicial que moveu o desejo de um relatório de estágio estava, no entanto, longe de se relacionar com a empresa SWARK. Ao longo do primeiro ano de Mestrado o objeto de estudo, e o qual estava pensado para exploração neste segundo ano, era o "Palacete Dona Chica", localizado na freguesia de Palmeira, em Braga. Arquitetura construída no ano de 1919 pelo projetista Ernesto Korrodi para uma família regressada do Brasil, esteve ao longo de vários anos em mãos de variados proprietários, tendo passado por períodos de abandono, o que justifica o avançado estado de deterioração que assumiu até ao ano de 2021. Atualmente prepara-se para a sua reabilitação e para dar lugar a um espaço de eventos. No entanto, através de um intenso trabalho de investigação ao longo do primeiro ano do Mestrado, surgiram lacunas que inviabilizaram a sua continuidade para um estudo mais aprofundado neste segundo ano. Apesar do objeto deste relatório ser diferente daquele que se tinha inicialmente programado, o universo de estudo, focado na investigação sobre património arquitetónico, mantém-se.

Todo este relatório é pautado por iniciativas focadas em três frentes: a Investigação, o projeto de divulgação patrimonial e atender aos interesses da empresa e clientes.

O trabalho motivador do estágio na SWARK, os *casos de estudo*, incluídos no universo da empresa, são desde logo trabalhos altamente desafiadores dentro do universo da SWARK, que sempre se focou no *house-hunting* e que nunca teve a oportunidade, e capacidade, de desenvolver atividades científicas voltadas para o património arquitetónico, com o qual contacta, no âmbito da sua atividade laboral.

A complementar a investigação teórica, que possui um *corpus* científico-base centrado no estudo das tipologias das arquiteturas *casa burguesa*, *palacete* e *casa periurbana*, as quais se ligam aos dois casos de estudo deste relatório, está um insubstituível trabalho no terreno proporcionado pelo estágio.

O trabalho *in loco* permitiu visitar e analisar arquiteturas para reabilitação, em processo de reabilitação e já reabilitadas e habitadas. Deste contacto, para além de um contributo que verte para o *corpus* escrito deste relatório, há um relevante trabalho visual que está presente neste documento. Ao longo do corpo do trabalho, e devido a este intenso trabalho de terreno, está compilado um número considerável de fontes visuais sobre exemplares das chamadas construções correntes da cidade que congregam diferentes camadas e origens: de autoria própria, de autoria da SWARK e das arquitetas Joana Vasconcelos e Adriana Floret envolvidas nos projetos, assim como do fotógrafo de arquitetura Ivo Tavares. Este trabalho visual é um dos aspetos inéditos que este trabalho materializa e, pela relevância associada, estão devidamente localizados nas legendas, para a sua valorização enquanto um espólio fotográfico com potencialidades de uso futuro.

A Investigação teórica e visual dos *casos de estudo* em causa potencializara a criação de um conjunto de conteúdos de interesse, o que motiva outros campos de trabalho tendo em vista uma maior amplitude de estudo de divulgação da investigação.

A segunda parte do presente relatório de estágio prende-se com a SWARK, e o projeto de divulgação patrimonial. Neste âmbito, para o trabalho das plataformas digitais da empresa e para a intervenção nos instrumentos de trabalho já desenvolvidos

pela empresa contribuiu diretamente uma parte da investigação realizada para o estudo da *casa burguesa, palacete* e *casa periurbana* da cidade do Porto: o trabalho das redes sociais procura individualizar todos os elementos destas casas- claraboia, azulejo, estuque, entre outros - com vista a alimentar e despertar a atratividade, relação de afetividade e, consequentemente, de valorização e de proteção do património, nos clientes da empresa e potenciais compradores.

Os vários instrumentos de trabalho, como a *lista de desejos*, da qual falaremos mais à frente, é amplamente enriquecida com informação especializada, ao nível patrimonial e arquitetónico, que provém, também, ao nível teórico, das investigações realizadas com o estudo das *casa burguesa*, *palacete* e *casa periurbana*, mas não só. Para o trabalho deste documento foi também crucial o trabalho de campo realizado que o qual permitiu criar uma correlação mais eficaz entre imagem e texto: investigação e trabalho prático, de contacto com o terreno, apesar de realidades diferenciadas, funcionaram numa relação simbiótica entre as partes ao longo deste estágio.

Para dar resposta ao processo de divulgação patrimonial, e respetivos públicos, foi necessária a utilização de mecanismos operativos comuns tanto ao cidadão, como à área de investigação ou ao setor empresarial, neste caso de uma pequena empresa. Assim, se por um lado a investigação deste relatório de estágio está difundida entre plataformas digitais e códigos QR, também o restante relatório de estágio é pautado pelo uso de instrumentos propícios à utilização no universo das empresas e ao trabalho em rede. Como veremos ao longo do trabalho, fizemos uso de plataformas como a *Tom's Planner*- destinado à distribuição de tarefas no tempo e espaços através de um sistema de cronograma focado no entendimento visual- ou o *Miro*- plataforma onde aspetos mais teóricos deste relatório são transformados em esquemas mais visuais-. O universo digital e da tecnologia são hoje mecanismos de trabalho de todas as empresas que buscam a inovação e não seria possível realizar este relatório de outra forma, dada a consciência de que é no digital onde o hoje e o amanhã se desenvolverão. Este é assim um relatório que pretende acompanhar estas mudanças de paradigma e as suas possibilidades, pelo que procuraremos, demonstrar o melhor possível o processo de trabalho adotado e os desafios inerentes.

A apoiar todo o corpo de trabalho existem os anexos divididos em duas vertentes: por um lado os anexos de livre acesso e, por outro, os anexos de acesso condicionados.

A divisão entre os documentos disponibilizados e os de acesso restrito é motivado pela natureza confidencial a documentação/ testemunhos no trabalho dos *casos de estudo* e da própria *lista de desejos*. Em primeiro lugar destaca-se que, na investigação realizada sobre o *caso de estudo*, localizado na Rua de Cedofeita, foi possível aceder a um conjunto de dados fiscais da habitação de particulares o que condicionara, desde logo, o seu acesso livre. Nesta mesma linha também as entrevistas às arquitetas Joana Vasconcelos, Adriana Floret e Sara Natária integram o conjunto de documentos com proteção pelo teor particular, confidencial de alguns temas abordados ao longo das entrevistas. Por fim, nestes anexos condicionados, ficam presentes dois instrumentos de trabalho: o Link direto de acesso à *lista de desejos*, componente de trabalho da empresa SWARK elaborado neste estágio, que é condicionado porque o seu preenchimento é possibilitado através do mesmo. No entanto, e porque ocupa um dos lugares centrais neste trabalho, capturas de ecrã da versão final da *lista de desejos* estão disponibilizadas no capítulo *4.3. Lista de Desejos: Resultados*.

Também o *portefólio* desenvolvido para um cliente da empresa SWARK integra este conjunto pelo caráter confidencial de algumas das informações presentes relacionadas com a compra do imóvel.

Na versão aberta ao público os anexos congregam um *diário de bordo*- documento que reúne as visitas realizadas no estágio e anotações fruto desse trabalho de campo- assim como tabelas de publicações- temporárias e permanentes- já concluídas nas redes socias.

Fica também presente nestes anexos a tabela de discussão terminológica que serviu de base, não só à *lista de desejos*, como a parte deste relatório e a tabela com as publicações programadas para o mês de outubro de 2022.

Os Consentimentos de divulgação das entrevistas às Arquitetas integram os apêndices de livre acesso como legitimação de utilização de citações referentes às mesmas ao

longo do corpo de texto do capítulo *casos de estudo*, seguindo em linhas gerais, as recomendações da Oral History Society[1].

[1] Recomendações da Oral History Society, disponível em: https://www.ohs.org.uk/ (último acesso a 29/09/2022).

2. Estado de Arte

A investigação desenvolvida foi fundamental para complementar o trabalho de campo realizado ao longo do estágio na SWARK e, também, para validar e desenvolver, de uma forma mais fundamentada, informações, pensamentos e ideias relacionadas com o tema. Assim, este Estado de Arte, com vista a um maior rigor de organização, focará, em primeiro lugar, o trabalho de investigação teórico deste relatório que sustenta e apoia o ponto seguinte de análise, os *casos de estudo*. Em terceiro lugar é abordado o trabalho nas redes sociais seguido do trabalho na *lista de desejos*. Por fim é feita uma aproximação ao estudo do universo da mediação patrimonial e marketing.

Iniciando este percurso reflexivo com o tema da investigação teórica das habitações *casa burguesa, palacete* e *casa periurbana* é preponderante, desde já, ressalvar que são referências que sustentam este trabalho.

Primeiramente, é de destacar a obra de Domingos Tavares, do ano 2017, *Transformações na Arquitetura Portuense*[2] que foi uma fonte basilar ao contribuir para um melhor entendimento das arquiteturas da cidade do Porto, assim como para os seus câmbios e alterações. Outra obra relevante para este trabalho, de Joaquim José Lopes Teixeira, intitula-se *Descrição do sistema construtivo da casa burguesa do Porto entre os séculos XVII e XIX: Contributo para uma história da construção arquitectónica em Portugal*[3], do ano 2004. Há, em conjunto com o trabalho de Domingos Tavares, citado acima, uma importante convergência de distintos conhecimentos e perspetivas sobre arquitetura e respetivas formas de análise.

Outra referência de destaque é da autoria de Maria do Carmo Pires, com o título *A Rua Álvares Cabral (1895-1940) Formas de Habitar* (2000)[4]. Esta é uma das obras analisadas no percurso de realização do estágio e foi, desde logo, valorizada como uma fonte basilar para a presente investigação. Apesar de focar-se exclusivamente na Rua Álvares

[2] TAVARES, Domingos. (2017) - *Transformações na Arquitetura Portuense*, Porto, Dafne Editora.

[3] TEIXEIRA, Joaquim José Lopes. (2004) - *Descrição do sistema construtivo da casa burguesa do Porto entre os séculos XVII e XIX: Contributo para uma história da construção arquitectónica em Portugal.*

[4] PIRES, Maria do Carmo Marques. (2000) - *A Rua Álvares Cabral (1895-1940) Formas de Habitar*, Porto, FAUP Publicações.

Cabral, desta cidade, através da evolução das construções, da análise de materiais e técnicas, esta referência foi importante para complementar as visitas a arquiteturas durante o estágio. Assim, é uma obra essencial no percurso de estudo das arquiteturas que movem este trabalho.

O autor Francisco Barata Fernandes, através da sua obra, do ano 1999, *Transformação e Permanência na habitação portuense: as formas da casa na forma da cidade*[5], complementa a trajetória já introduzida por Maria do Carmo Pires, no entanto aqui contextualizando, estas construções na conjuntura social e temporal da época.

Na investigação direcionada aos *casos de estudo* são, sobretudo, fontes que sustentam o seu percurso de trabalho.

Em primeiro lugar, a consulta dos processos presentes no AMCMP é, no caso da habitação localizada na Rua de Cedofeita, crucial uma vez que possibilita o acesso a documentos como plantas, alçados, proprietários, funções associadas ao edifício que complementa a documentação do ACRPP. A articulação entre estas duas fontes permitiu validar algumas informações, para além ter permitido, através da complementação das fontes, descodificar questões nas quais a habitação na rua de Cedofeita esteve envolvida.

A investigação histórica e patrimonial da casa na Rua do Gólgota foi difícil porque existe um grande vazio de informações sobre este *caso de estudo*. Para o estudo deste caso são, em primeiro lugar, essenciais, os processos consultados na CMP, de 2014 e 2016, que permitiram o entendimento de alguma riqueza patrimonial pela pré-existência arquitetónica que existia à data do 1º processo e que foi preservada e integrada numa nova realidade habitacional. Mas foi através do ACRPP que se tornou possível contactar com outro tipo de dados sobre os proprietários deste imóvel desde o séc.XIX. A articulação entre estas informações foi essencial por representar uma base teórica sobre o objeto de estudo- ainda que escassa- que viabilizou o seu estudo.

- [5] FERNANDES, Francisco Barata. (1999) - *Transformação e Permanência na habitação portuense: as formas da casa na forma da cidade*, Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, Porto.

A atuação nas redes sociais da empresa está sustentada, sobretudo, em obras de referência.

Na temática das publicações temporárias, com vista a dar um conhecimento alargado ao público-alvo da legislação patrimonial, houve o estudo de legislação nacional, internacional e municipal. As obras síntese da temática da legislação são o *Plano Diretor Municipal* da cidade do Porto[6], assim como o D*ocumento de Nara para a Autenticidade* ou a *Carta de Veneza*[7], de 1964. Com o estudo desta legislação, em conjunto com a *Carta Europeia para o Património Arquitetónico*[8] (1975), torna-se possível destacar conceitos como: a importância da multidisciplinaridade em trabalhos que envolvem o Património ou a relevância da responsabilidade social na preservação patrimonial.

Dentro das publicações permanentes destaca-se a obra, de 2008, de Maria de São José Pinto Leite, intitulada *Os estuques no século XX no Porto- A oficina Baganha*[9]. Esta obra, em conjunto com a referência *Os Estuques do Porto* [10](1997), da autoria de Flórido de Vasconcelos, auxiliam a um melhor entendimento do tema porque, se por um lado, é na bibliografia de Maria Pinto Leite onde existe muito trabalho de investigação escrito sobre o tema, na obra de Flórido de Vasconcelos materializa-se um trabalho de recolha visual que facilita o entendimento do respetivo trabalho escrito.

Neste universo de trabalho ressalva-se, ainda, o tema da azulejaria que está, também, partilhado nas redes sociais. De um ponto de vista mais específico destaca-se a obra de Sandra Araújo Amorim (2001) na sua obra *Azulejaria de Fachada na Póvoa de Varzim (1850-1950)*[11]. Apesar do seu objeto de trabalho, geograficamente, ser na Póvoa de

---

[6] CÂMARA MUNICIPAL DO PORTO. (2021) – *PDM 2021*. Disponível em: https://pdm.cm-porto.pt/ , [último acesso a 01/04/2022].

[7] ICOMOS. (1964) - *Carta de Veneza sobre a Conservação e Restauro de Monumentos e Sítios*. Disponível em: chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://www.icomos.pt/images/pdfs/2021/11%20Carta%20de%20Veneza%20-%20ICOMOS%201964.pdf, [último acesso a 25/09/2022].

[8] CONCELHO DA EUROPA. (1975) *Carta Europeia do Património Arquitectónico*, disponível em: chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://5cidade.files.wordpress.com/2008/03/cartaeuropeiadopatrimonioarquitectonico.pdf

[9] LEITE, Maria de São José Pinto. (2008) - *Os estuques no século XX no Porto- A oficina Baganha*, Universidade Católica, Citar.

[10] VASCONCELOS, Flórido de. (1997) - *Os Estuques do Porto*, Câmara Municipal do Porto, Porto.

[11] AMORIM, Sandra Araújo. (2001) - *Azulejaria de Fachada na Póvoa de Varzim (1850-1950)*, Gráfica Maia Douro, Porto.

Varzim e não na cidade do Porto as similaridades entre a realidade do azulejo em ambos os casos é similar, justificada pela proximidade geográfica. Neste trabalho destaca-se um espólio fotográfico importante que serviu de base de exploração e comparação para o caso de estudo na cidade do Porto. Também a bibliografia de José Meco, de 2003, intitulada *Azulejaria Portuguesa*[12]*,* se destaca neste universo. Esta referência é importante por transcender a realidade local da cidade do Porto e analisar a conjuntura da azulejaria ao nível nacional. Dentro desta abordagem mais abrangente ressalva-se, ainda, a obra de Ana Margarida Portela Domingues (2009) *A ornamentação cerâmica na Arquitectura do Romantismo em Portugal*[13], onde o contributo visual- do universo azulejar de grande extensão e riqueza- veio complementar a teoria materializada, tanto nesta obra, como na referência acima enunciada.

Neste Estado da Arte, um ponto de relevo a destacar é o desenvolvimento da *lista de desejos.* No trabalho do documento destaca-se a investigação referente ao campo das 'linguagens arquitetónicas' que, pela complexidade terminológica referente justificou um estudo específico para resolução desta lacuna. Dentro do estudo destaca-se a obra de Joana Brites O *Capital da Arquitetura: Estado novo, Arquitectos e Caixa Geral de Depósitos 1929-1970*[14]*,* de 2014, apesar ter, como objeto de estudo, os edifícios da Caixa Geral de Depósitos durante o período Estado Novo, auxilia este trabalho ao, durante o capítulo IV, haver reflexão e estudo em torno da arquitetura 'português suave'. Ainda neste tema ressalva-se a obra de Ana Tostões (1997), *Verdes Anos na Arquitetura Portuguesa nos anos 50*[15]. Num momento de grande dificuldade esta referência veio clarificar algumas dúvidas referentes às formas do modernismo e complementar o estudo de Joana Brites sobre o tema do 'português suave'.

Para além de referência, este estudo foi também alicerçado em trabalhos académicos, mais especificamente teses de doutoramento.

---

[12] MECO, José. (1993) - *Azulejaria Portuguesa*, Edições INAPA, Lisboa.

[13] DOMINGUES, A. M. P. (2009) -*Ornamentação cerâmica na arquitectura do Romantismo em Portugal*, FLUP, Porto.

[14] BRITES, Joana. (2014) - *O Capital da Arquitetura: Estado novo, Arquitectos e Caixa Geral de Depósitos 1929-1970*, Volume I, Tese de Doutoramento, FLUC, Coimbra.

[15] TOSTÕES, Ana. (1997) - *Os Verdes Anos na Arquitetura Portuguesa dos Anos 50*, FAUP Publicações,Porto.

A tese de doutoramento de Leonor Botelho, de 2010, *A Historiografia da Arquitectura da Época Românica em Portugal (1870-2010)*[16], foi metodologicamente importante. No segundo volume é apresentada uma tabela sistematizada para organização e sistematização de autores e termos do campo de estudos. Este trabalho foi um auxílio para a criação de uma tabela para organização de termos adotados pelos vários autores, que são estudados para esta investigação, tendo como objetivo uma ponderação da terminologia mais adequada a utilizar no campo das *linguagens arquitetónicas*.

Por fim, e sob o ponto de vista da *mediação cultural e marketing*, é importante, desde já, destacar o grande desafio que esta temática, em especial, representa, o que justifica a diversidade de documentos que sustentam o seu estudo: referências, trabalhos académicos e revistas. Nas obras de referência destaca-se, de Philip Kotler, Hermawan Kartajaya, e Iwan Setiawan (2017) *Marketing 4.0: do Tradicional ao Digita*[17]*l*. Nesta referência é importante destacar a abordagem diversificada do tema do digital: públicos-alvo, estratégias aplicáveis dependendo do objetivo da marca, quais as tipologias de marcas presentes no mercado, entre outros temas. Esta obra auxiliou à definição dos conteúdos a partilhar, e respetivas estratégias de publicação, nas redes sociais da empresa SWARK.

Também a obra *Património Cultural- Realidade Viva*[18]*,* de Guilherme d'Oliveira Martins (2020), alerta para um distinto conjunto de ideias que vai de encontro ao trabalho da mediação no património. Ao longo do capítulo 'Património Cultural, dever de todos' o autor reflete sobre a ligação do património com a sociedade assim como da sua potencialidade no quadro geral do país. Esclarece que o património é um elemento do futuro, no entanto tem necessidade de ser explorado por agentes da cultura.

[16] BOTELHO, Maria Leonor. (2010) - *A Historiografia da Arquitectura da Época Românica em Portugal (1870-2010)*, Volume II, Tese de Doutoramento, FLUP, Porto.

[17] KOTLER, Philip; KARTAJAYA, Hermawan & SETIAWAN, Iwan. (2017) - *Marketing 4.0: do Tradicional ao Digital*, Sextante Editor.

[18] MARTINS, Guilherme d'Oliveira. (2020) - *Património Cultural- Realidade Viva, Fundação Calouste Gulbenkian,* Lisboa.

Por outro lado, a consulta das R*evistas Património a Norte* nº05[19] e 07[20], dos anos 2017 e 2020 respetivamente, foi essencial para percecionar como são aplicados, na realidade do património, muitas das ideias partilhadas em *Marketing 4.0: do Tradicional ao Digital*. Desde logo, entre estes dois volumes, ressalva-se o volume nº 05 onde se aborda, em toda a revista, a importância da mediação cultural, as medidas estratégicas aplicadas hoje por agentes do património, para além de muitos dos passos futuros que instituições culturais do país pretendem implementar.

Neste tema da mediação e marketing destaca-se, de Gonçalo Vasconcelos e Sousa, a *Revista de Artes Decorativas*. Nas revistas consultadas, referentes aos anos 2012-2015[21] e 2015-2019[22], foi relevante percecionar a adaptação de investigações a um formato 'revista' da área científica de História da Arte. Por outro lado, a organização e contextualização, que são feitos pelos autores ao longo dos distintos capítulos, foi importante para a contextualização dos objetos em estudos e um melhor entendimento associado aos mesmos.

A complementar as obras e revistas acima referidas, e neste universo da Mediação Patrimonial, destacam-se, ainda, dois trabalhos académicos com uma aproximação a este objetivo. Por um lado, do ano de 2018 e da autoria de Mariana Raquel Salino Carvalho, *Paranhos e a sua Morfologia Urbana. O estudo da Forma Urbana para a*

[19] DIREÇÃO REGIONAL DA CULTURA DO NORTE. (2020) - *Mediação Cultural: objetos, modelos e público,* Revista Património a Norte, volume nº05, Direção Regional da Cultura do Norte, disponível em: https://issuu.com/cultura.norte/docs/panorte_n_5_digital [último acesso a 15/01].

[20] PEREIRA, Paulo. (2020) - *Mosteiros: anamorfoses e metamorfoses* em *Convento de Vilar de Frades: Perspetivas de Intervenção 1994-2008*, *Revista Património a Norte*, volume nº7, Direção Regional da Cultura do Norte, disponível em: https://issuu.com/cultura.norte/docs/drcn_pan_07_digital, [último acesso a 13/01].

[21] SOUSA, Gonçalo de Vasconcelos. (2012-2015) - *Revista de Artes Decorativas*, Nº6, CITAR - Centro de Investigação em Ciência e Tecnologia das Artes da Universidade Católica Portuguesa, Porto, disponível em: chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://citar.artes.porto.ucp.pt/sites/default/files/files/artes/CITAR/Edicoes/RAD_06.pdf, [último acesso a 01/09].

[22] SOUSA, Gonçalo de Vasconcelos. (2015-2019) - *Revista de Artes Decorativas*, Nº7, CITAR - Centro de Investigação em Ciência e Tecnologia das Artes da Universidade Católica Portuguesa, Porto, disponível em: chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://citar.artes.porto.ucp.pt/sites/default/files/files/artes/CITAR/Edicoes/REVISTA-DE-ARTES-DECORATIVAS_M-07.pdf, [último acesso a 01/09].

compreensão e salvaguarda do Património da Freguesia[23]. Releva-se pelo percurso que trilhado ao ter criado um site com vista à partilha de informação sobre a freguesia de Paranhos com um público generalizado. Por fim, outro documento valorizado para este estudo é o relatório de estágio, datado de 2019 e da autora Beatriz Takahashi, intitulado *Arquitetura em vão- Estágio na Casa da Arquitectura (Matosinhos)*[24]. No estágio desenvolvido, a investigação foi adaptada à partilha com cinco diferentes públicos-alvo, direcionando para cada um deles, um discurso e objetos de análise, tendo no centro das preocupações gostos e interesses de cada grupo. Para além da versatilidade que rege este trabalho destaco, ainda, a versatilidade de análise e estudo realizada sobre a arquitetura, analisada em diferentes quadrantes para uma visão integrada dos objetos arquitetónicos que influenciou diretamente este trabalho apesar dos ambientes laborais distintos: o relatório de Beatriz Takahashi realizou-se na Casa da Arquitectura enquanto este relatório de estágio realiza-se numa empresa de *house-hunting* e reabilitação.

[23] CARVALHO, Mariana Raquel Salino. (2018) - *Paranhos e a sua Morfologia Urbana. O estudo da Forma Urbana para a compreensão e salvaguarda do Património da Freguesia*, Relatório de Estágio, FLUP, Porto, Disponível em: https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/117307, [último acesso a 04/02].

[24] TAKAHASHI, Beatriz da Silva. (2019) – *Arquitetura em vão- Estágio na Casa da Arquitectura (Matosinhos)*, Relatório de Estágio, FLUP, Porto.

3. Problematização prévia de estudos: a divulgação científica, numa aproximação à área do Património

Para o desenvolvimento do presente trabalho é importante salientar uma relevante base que, para além de servirem de influência a muitos dos percursos aqui assumidos, acompanham e atualizam a forma de como se poderá partilhar, transmitir património a um grupo generalizado. Assim, este capítulo complementa o capítulo anterior do *Estado de Arte*, uma vez que são destacadas as áreas científicas que, pelos contributos, potencializaram este trabalho.

Desde já é importante destacar o contributo da UC frequentada na FAUP- 'Património e Paisagem. Gestão, Análise, Projeto'. Através do acesso a novas ferramentas e formas de trabalho, voltadas para a reflexão de valores e atributos do património, foi possível explorar formas de trabalho até então não conhecidas, como Tabelas de Análise de Valores e Atributos de edifícios, a exploração da ferramenta 'InDesign' para apresentação visual de trabalhos, entre outros. Por outro lado, o contacto com um corpo de docência, e alunos, de áreas variadas permitiu desenvolver novas formas de trabalho pelo ambiente multidisciplinar criado com profissionais diversificados que atuam, diretamente, no universo das arquiteturas. Muitas das estratégias de trabalho adquiridas ao contactar com o quadro de trabalhos da cadeira são uma peça de grande relevo na forma como este estágio e relatório se materializam: mais prático com o uso de ferramentas destinadas a uma exploração visual de componentes teóricas (tais como 'mind-mappings' ou o uso da ferramenta 'Mymaps' para exploração de casos de estudo no terreno).

Embora o universo tecnológico e online seja uma realidade atual para a sociedade, não é possível deixar de destacar que a área de publicidade/ marketing, em ambiente de trabalho empresarial, exigiu um grau de conhecimento diferenciado dado que, quem trabalha esta área, deve conseguir selecionar os mecanismos adquiridos na formação da área para atingir objetivos em ambiente empresarial. Um trabalho bem concretizado nas plataformas digitais pode ser 'veículo' para resultados proveitosos, dado que «mídias sociais como Twitter e Instagram facultam aos usuários mostras e

compartilham suas experiências como clientes, inspirando outros consumidores da mesma classe, ou de uma classe inferior, a buscar uma experiência semelhante» (KOTLER, 2017: 37). Deste modo, o «caminho do consumidor deveria ser reescrito como os cinco As: assimilação, atração, arguição, ação e apologia» (KOTLER, 2017: 91), uma vez que «se (…) convencidos pelas informações (…) obtidas no estágio de arguição, os consumidores passarão à ação» (KOTLER, 2017: 94).

Assim, trabalhar e estudar as áreas da tecnologia tornou-se vital, tendo em vista, não só um maior conhecimento, como uma maior preparação para responder aos objetivos traçados para o trabalho. Embora este não seja um trabalho na área, foi necessário socorrer de algumas referências para poder potenciar o trabalho com as ferramentas digitais, que serão utilizadas ao nível do utilizador.

Teses e documentos publicados de áreas de engenharia civil e arquitetura são também referências que aprofundam o estudo e investigações de aplicação no campo de trabalho. A consulta de documentação técnica destas áreas científicas, apesar de desafiante, é importante para este percurso. No entanto se o estudo era complexo, dado que esta não é a área de formação particular, foi através do auxílio da Arq. Sara que se tornou possível resolver muitas das questões que se levantaram.

Para além do conhecimento teórico, obras de referência das áreas da arquitetura e engenharia civil influenciaram ainda este relatório através da organização metodológica apresentada. Dotados de metodologias de organização exploradas do ponto de vista visual, a sua leitura é um ponto de grande destaque como auxilio ao desenvolvimento de uma organização do relatório por um lado, orgânica- uma vez que se pretende uma fruição direta entre temas, como um percurso e não como um conjunto de partes individuais de um relatório de estágio- por outro lado, lógica- que fosse compatível com uma organização formal das áreas científicas de Património e História da Arte-.

4. Objetivos e principais problemáticas

O presente relatório tem dois casos de estudo como foco da Investigação: uma Casa na Rua do Gólgota e uma habitação na Rua de Cedofeita, que se enquadram nas arquiteturas das *casas periurbanas e casas burguesas* da cidade do Porto, respetivamente. No entanto, para além das duas tipologias arquitetónicas referidas anteriormente, é também alvo de estudo as arquiteturas dos *palacetes* da cidade do Porto, uma vez que, a empresa SWARK, à data deste estágio, encontrava-se num período de reformulação ao nível do público-alvo, pretendendo atingir mercados mais valiosos que procuram este tipo de habitação. Consequentemente as visitas levadas a cabo neste período de trabalho foram, em grande número, voltadas para estas arquiteturas, o que justifica o seu estudo.

Num panorama de estágio, este trabalho e respetivos objetivos, dividem-se em dois paradigmas: por um lado dar respostas às solicitações da empresa acolhedora deste estágio, a SWARK; por outro, desenvolver uma parte teórica de investigação arquitetónica com uma perspetiva de análise patrimonial integrada.

Apesar de, com duas frentes ativas a dar resposta, as mesmas não funcionam de forma isolada, mas, pelo contrário, numa relação simbiótica: através do período de estágio há a absorção de conhecimento fruto do trabalho de campo, que permitiu o contacto direto com várias arquiteturas e profissionais e que verte diretamente para o conhecimento teórico refletido no corpo do relatório; por outro lado, através da investigação realizada com a consulta de bibliografia e fontes é possível estudar, e melhor analisar, os casos presentes no terreno e dar resposta a problemáticas levantadas.

As perguntas basilares do projeto são:

- Quais as características das casas da cidade do Porto que associamos à *casa burguesa, casa periurbana* e *palacete* nos finais do séc.XIX e inícios do séc.XX?
- Qual o papel, e contributo, que um profissional de História da Arte poderá materializar num ambiente de reabilitação patrimonial de *house-hunting*?

- De que forma a criação de um estudo histórico-patrimonial de uma arquitetura permitirá o desenvolvimento de um modelo útil para aplicação em empresas da área da arquitetura e património?
- De que forma arquiteturas com valor histórico e/ou patrimonial se reinventam no presente para a sobrevivência futura, com vista a responder às necessidades da sociedade atual, sem descaraterizar os valores e atributos passados?
- De que forma poderá ser possível a partilha de investigações, conhecimentos na área científica em História da Arte, de forma interativa e de fácil entendimento, com um público mais generalizado?

Os objetivos do trabalho são:

- Estudo das tipologias arquitetónicas *casas burguesas, casas periurbanas e palacetes* entre o final do séc.XIX e nos inícios do séc.XX.
- Desenvolvimento de uma perspetiva integrada para a investigação dos *casos de estudo*: destacar as conjunturas sociais, económicas, artísticas e paisagísticas nas quais as arquiteturas se inserem e de que forma isso se reflete nas formas apresentadas pelas mesmas.
- Reforçar o caráter atual e potencialidades das arquiteturas *casos de estudo* através de um estudo inverso na sua diacronia: estudar o papel que assumem atualmente e, sustentando-se na sua história, evidenciar atributos e valores de caráter excecional existentes e a preservar no futuro.
- Utilização das redes sociais como mecanismo de divulgação de conhecimento, investigações em torno de arquiteturas com valor histórico e/ou patrimonial para sensibilização e aproximação a um público-alvo mais alargado.

5. Pertinência do tema

A pertinência da realização do tema apresentado no presente relatório de estágio é motivada, num primeiro momento, pelo desejo que persistia há já algum tempo, de conseguir traduzir no mundo laboral os ensinamentos, mecanismos de trabalho da área científica de História da Arte. Adquiridos não só ao longo da licenciatura, complementam-se com formações variadas com as quais foi possível contactar: ao longo do primeiro ano do Mestrado em 'História da Arte, Património e Cultura Visual' e ao longo do segundo ano com a participação na UC, da FAUP, 'Património e Paisagem. Gestão, Análise, Projeto'.

Toda esta formação foi e é crucial, num primeiro momento, para a realização de um estágio que tinha, sobretudo, como objetivo principal a aplicação prática de todos os ensinamentos, como profissional da área de História da Arte e Património, no mercado de trabalho. Por outro lado, realidades como a cadeira da FAUP, frequentada já ao longo da realização deste estágio, permitiu alargar os horizontes e melhor responder às solicitações do estágio, com novas formas de ação para a partilha de informação destas áreas.

À medida que o interesse pelo património arquitetónico se desenhava cada vez maior, o contacto com trabalhos de cariz prático na Licenciatura e Mestrado alertavam cada vez mais para a importância de comunicar património a vários públicos-alvo.

Ideias como «(…) o incentivo do acesso de todos à fruição cultural (…)» (MARTINS, 2020: 69) ou «a valorização de bens culturais envolve (…) o acesso e a fruição, a formação, a divulgação, a sensibilização e animação, (…) o apoio à criação cultural, a utilização (…)» (MARTINS, 2020: 70) são motores que alimentam este trabalho de mediação. A comunicação entre o mundo da academia- onde são desenvolvidas as investigações- e o mundo profissional- onde as mesmas poderão traduzir-se em resultados interessantes para aplicação pela ou para a população geral- tem grande relevância futura para a área. Cada vez mais «emerge (…) a importância do mediador cultural como técnico especializado capaz de compreender o contexto e estudar os seus atores, para elaborar estratégias adequadas que coloquem em diálogo os diferentes intervenientes da teia de

relações pessoais e institucionais e, ao mesmo tempo, os coloque em contacto com o património que se pretende dar a conhecer» (DRCN, 2020: 26).

Esta mediação acaba por se ligar diretamente aos casos de estudo deste relatório, que por si só, são um motor da investigação. Tanto a casa na Rua de Cedofeita como a casa na Rua do Gólgota são habitações particulares que não tem, ainda, um estudo sobre as mesmas. O caráter inédito da investigação e a intenção de desenvolvimento de estudo de uma perspetiva integradora, ressalvando as suas potencialidades e valores excecionais corroboram a ideia de Carlos Alberto Ferreira de Almeida quando afirma que:

> *É neste duplo aspecto, isto é, o de Património como valor de identidade e de memória de uma comunidade e, sobretudo, o de Património como qualidade de vida que ele será cada vez mais falado e se lhe dará, futuramente, uma maior importância e atenção* (ALMEIDA, 1999: 2).

Por outro lado, a realização da investigação relacionada com os dois casos de estudo vai, mais uma vez, de encontro à realidade da importância do papel de mediação na área do património. São ambas arquiteturas do universo do *house-hunting* e reabilitação da empresa SWARK, no entanto, o seu estudo, e posterior divulgação, deve ser adaptada ao público-alvo e à própria empresa. Para isso mediar contributos e conteúdo dos universos académico e empresarial é fulcral para a fruição de informação entre ambos.

6. Justificação do Título do Trabalho

Quando foi iniciado o processo para realização de um estágio para término do Mestrado, o título inicial proposto para o relatório de estágio estava definido como *A Arquitetura de Habitação na Transição do séc.XIX para o séc.XX na cidade do Porto.* Este título representava o que, à um ano atrás, estava proposto para apresentar a uma entidade para um estágio: desenvolver estudos de arquiteturas entre o séc.XIX e o séc.XX na cidade do Porto. No entanto, se por um lado o relatório de estágio realizado na SWARK mantém o seu objeto de estudo, a *arquitetura*, por outro possibilitou a sua investigação numa trajetórica diferenciada. O título deste trabalho *Arquitetura: modos de ver e comunicar* reflete essa mesma trajetória que se congregou no presente relatório de estágio.

O contacto com a arquitetura da cidade do Porto, durante a realização do estágio, foi realizado de várias formas e quadrantes: desde o contacto com várias tipologias arquitetónicas até à interação, no lugar, com arquiteturas para reabilitação, reabilitadas e durante o processo. Estes *modos de ver*[25] as arquiteturas complementam outras duas formas: por um lado, o trabalho teórico subjacente e, por outro, a visão de arquitetos e intervenientes do terreno que possibilitaram um novo entendimento das arquiteturas. As análises e contributos, de ver e interpretar a arquitetura da cidade do Porto, é um dos aspetos inéditos deste trabalho e um dos seus maiores contributos e, por isso, *ver* forma parte do título deste relatório.

Por outro aldo, enquanto se via arquitetura de formas tão variadas e enriquecedoras *comunicava-se* a arquitetura de forma transversal: nos *casos de estudo* a comunicação varia tendo em conta as potencialidades, valores e atributos de cada caso de estudo, para além de que fruto do trabalho de campo muitas das visões são aqui refletidas e articuladas com fontes tendo em vista uma análise mais integrada. No trabalho da *lista de desejos* a comunicação da arquitetura é adaptada a um questionário tendo um teor mais informativo e nas redes *socias* a arquitetura é divulgada/

[25] Uma referência auxiliar no trabalho de campo e no estudo das suas múltiplas interpretações é a obra *Modos de Ver* (BERGER, John.).

comunicada ao cliente em múltiplas publicações com conteúdo patrimonial e arquitetónico sobre as mesmas. *Comunicar* é o segundo grande motor deste relatório de estágio, que complementa a parte do *ver, e,* em conjunto, definem o trabalho deste relatório de estágio. No entanto a experiência surgida fruto destes dois segmentos de trabalho alimentam o subtítulo deste relatório: *Um projeto sobre arquiteturas do Porto desenvolvido na empresa SWARK* .

Apesar deste ser um relatório de estágio o subtítulo refere-se ao documento como *projeto*. Embora este seja um estágio, em termos formais, focado na arquitetura da cidade do Porto na empresa SWARK, este relatório, pela amplitude de trabalho de *ver* e *comunicar* a arquitetura, tornara-se num projeto diversificado, que abrange o universo da investigação, da comunicação e mediação e que pode ser implementar em vários locai, como gabinetes de arquitetura, prestando um serviço de consultoria patrimonial. Pela potencialidade de aplicação no universo empresarial, o subtítulo intitula este trabalho como um *projeto*, que também o é.

7. Justificação da organização dos capítulos

O presente relatório de estágio está distribuído em cinco capítulos que, apesar, de distintos, têm uma linha de pensamento que os relaciona entre si. Todos os capítulos sustentam o último, materializado como demonstração de potencialidades, oportunidades, resolução de problemas e inquietações surgidas fruto do desenvolvimento deste relatório de estágio.

O estágio curricular.

Este primeiro capítulo direciona-se à introdução do estágio desenvolvido com uma apresentação da entidade de acolhimento de estágio SWARK e da metodologia de trabalho. A metodologia de trabalho está incluída neste capítulo pela influência, muito direta, que a empresa teve na distribuição de trabalho, no espaço e no tempo, e na forma como a transmissão do conhecimento, fruto da investigação e em consonância com o trabalho de campo, é realizada.

O estudo da casa burguesa, palacete e casa periurbana.

O segundo capítulo segue uma matriz organizativa que pretende criar uma relação direta com os seguintes capítulos já que, neste, está latente a teorização, estudo e reflexão de três tipologias arquitetónicas presentes na cidade do Porto. Este estudo reflete-se *à posteriori* nos dois *casos de estudo*, já que se inserem nas tipologias *casa burguesa* e *casa periurbana*. O estudo do *palacete* é viabilizado devido a um número considerável de visitas realizadas a estas arquiteturas em estágio, que permitiram um melhor entendimento das arquiteturas da cidade, e que se traduziram num espólio fotográfico de relevo presente ao longo de todo o corpo do relatório.

Casos de estudo.

Neste terceiro capítulo existe, primeiramente, uma discussão em torno da visão, e análise, que existe na atualidade sobre as arquiteturas e aquela que este relatório de estágio pretende desenvolver, com as respetivas justificações e motivações. Alicerçada em fontes e recursos, lançam-se sobretudo questionamentos, ideias para uma nova forma de pensar, e estudar, arquiteturas e transmitir os seus respetivos valores no campo do património.

Depois de um subcapítulo focados na interpretação e redefinição da linha de análise arquitetónica pretendida, os capítulos seguintes são dedicados a dois *casos de estudo*: a habitação na Rua de Cedofeita e a casa na Rua do Gólgota. Ambas estão relacionadas com a entidade de acolhimento deste estágio, tanto no processo de *house-hunting* como nos posteriores processos de reabilitação. São estes dois casos de estudo que materializam as linhas de pensamento partilhadas no subcapítulo anterior.

Projeto de divulgação patrimonial.

Para além da investigação desenvolvida para os *casos de estudo,* neste capítulo é apresentada a segunda parte do trabalho desenvolvido em processo de estágio: o trabalho para a divulgação de conhecimento, informação de caráter patrimonial.

Este capítulo segue a mesma linha que o anterior já que se inicia com um *brainstorming* de ideias, conhecimentos de áreas científicas variadas que inspiram esta parte do trabalho e a sua respetiva transmissão.

Este trabalho dedica-se integralmente ao digital já que neste capítulo é partilhado o trabalho desenvolvido para a *lista de desejos*- criada numa plataforma online- e para as redes sociais- com a aplicação da investigação na área científica de História da Arte às páginas digitais *Instagram, Facebook, Linkedin, Pinterest* e *Twitter*- da empresa SWARK.

A inovação e oportunidade.

Este quinto, e último capítulo, é uma reflexão das oportunidades futuras que surgem com a materialização deste trabalho. Este capítulo vem numa uma linha comum com os capítulos anteriores já que, nos subcapítulos, está presente, sobretudo, uma narrativa focada na prospeção da potencialidade de aplicabilidade das várias tarefas deste trabalho, assim como algumas preocupações surgidas ao longo do trabalho desenvolvido (tanto em idas ao terreno, como no desenvolvimento da investigação em locais para o efeito).

8. O Estágio Curricular

8.1 Entidade de Acolhimento do estágio: SWARK

Sara Silva Natária é arquiteta, proprietária da empresa SWARK, entidade de acolhimento deste estágio, e uma profissional apaixonada pela cidade do Porto.

A SWARK é uma empresa criada no ano de 2010 e destaca-se pela inovação do projeto focado no serviço do *house-hunting* na cidade. Segundo Sara Natária, o projeto «nasce de uma consciência de um enorme potencial que estava claramente subaproveitado na cidade do Porto (..) quando me tornei proprietária de uma casinha no centro histórico do Porto» (Entrevista Arq. Sara Natária minuto 01:10-01:44). «Todo o tempo que lá passei fez com que olhasse para a arquitetura histórica de uma outra forma» (Entrevista Arq. Sara Natária, minuto 02:14- minuto 02:02:20) e acrescenta «comecei a aperceber-me das dificuldades que, mesmo quem era da área, tinha entre comprar, projetar, reabilitar uma casinha no centro do Porto» (Entrevista Arq. Sara Natária, minuto 04: 48- minuto 04:58).

O «contacto com o rio, os brilhos, com as casas, com as cores, tudo isso começou a ficar impregnado em Mim e foi daí que começou a nascer esta paixão» (Entrevista Arq. Sara Natária, minuto 02:44- minuto 02:59) e que levou à criação da SWARK.

Hoje a SWARK apresenta um projeto de *house-hunting* focado em casas antigas e históricas na cidade do Porto, resgatando-as, valorizando-as e proporcionando-lhes uma nova vida.

Tendo por base a formação em arquitetura, é preciso destacar que os valores que movem a SWARK, acompanhando a sua singular atividade, estendem-se a valores transversais da área do património como o respeito, e salvaguarda, da individualidade das casas e o subjacente valor arquitetónico, e patrimonial, das mesmas.

É a relação simbiótica entre passado, presente e futuro que rege a empresa uma vez que, em conjunto com compradores, a SWARK materializa a missão de «dar uma nova vida às casas, trabalhar com o passado para criar um novo futuro» (Entrevista Arq. Sara Natária, minuto23:56- minuto 24:02). Num texto preparatório sobre a história da

SWARK, a Arq. Sara Natária acaba por refletir que, para além do prazer e do gosto que move a sua atividade:

> *O aumento exponencial na procura de casas históricas que se verificou ao longo destes anos foi o muito aguardado reconhecimento do carácter excecional deste trabalho* (Sara Natária, proprietária da SWARK).

Casas com um grande sentido patrimonial, sujeitas a processos de recuperação, associam-se a números cada vez mais crescentes de compradores e investidores sendo, hoje, o público-alvo da empresa, sobretudo, clientes estrangeiros numa faixa etária entre os 20 e os 45 anos.

O futuro da SWARK é pautado por grandes ambições, com um intenso desejo de continuar a contribuir para o futuro da cidade do Porto, explorando novas casas, mas indo mais longe. Hoje, a empresa, estende já a sua atividade a regiões como Lisboa ou Algarve, no entanto quando iniciado este estágio, a empresa passava por um importante período de reformulações: atingir públicos-alvo do mercado de luxo, assim como estender a sua esta atividade a outras cidades do país a médio-longo prazo.

Hoje a SWARK representa um mote que inspira, particularmente, este trabalho: ter a sensibilidade de valorização do Património Arquitetónico. No entanto, tendo, igualmente, a capacidade de entendimento que este mesmo património deve acompanhar os tempos, como uma realidade viva, com valências e qualidades representativas de tempos passados que devem adaptar-se às necessidades presentes para que possam perdurar no futuro.

8.2 Metodologia de trabalho

O processo de trabalho em ambiente de estágio com a empresa SWARK foi pautado por uma grande diversidade de tarefas que exigiu períodos de exploração, organização, estudo e análise diversificados. Neste sentido, e uma vez que a empresa SWARK não possui sede física de trabalho, o acompanhamento de trabalho realizado neste estágio, pelo orientador deste projeto, foi realizado, maioritariamente, de forma presencial em reuniões marcadas para o efeito.

Por outro lado, e uma vez que o desenvolvimento do presente relatório exigiu um grande trabalho de pesquisa, consulta de fontes em arquivos e bibliotecas, e nem sempre sendo possível em todas as semanas a articulação de horários de orientação presencial, o trabalho em desenvolvimento, era ainda partilhado em tempo real através de uma pasta partilhada em linha. A complementar todo o trabalho de pesquisa, estudo e investigação realizados de forma autónoma, destaca-se o trabalho de campo realizado ao longo de todo o período de estágio. Esta atividade de trabalho de campo foi sempre acompanhada pela supervisora de estágio, um contributo valioso para uma melhor e diferenciada interpretação das arquiteturas visitadas e a sua aplicabilidade ao trabalho teórico a ser desenvolvido para a empresa e relatório de estágio.

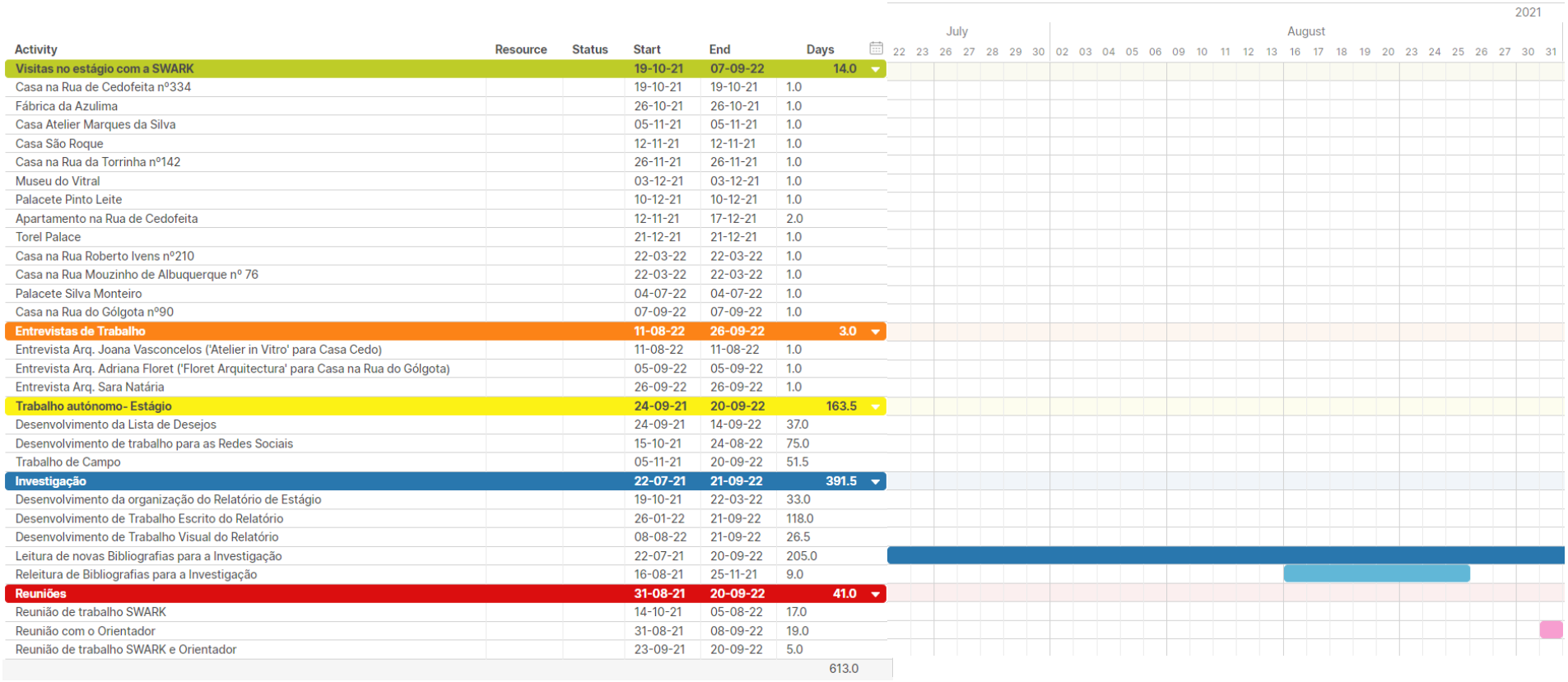
As orientações funcionaram em três diferentes quadrantes de trabalho: reuniões individuais com a supervisora de trabalho (arquiteta Sara) - para validação de conteúdos relacionados com os objetivos da empresa-; reuniões individuais com o Orientador- supervisão de desenvolvimento de trabalho, resolução de dúvidas e dificuldades-; e ainda reuniões conjuntas- para definição de estratégias e esquematização do trabalho tanto para relatório como para dar resposta aos interesses da entidade de acolhimento do estágio-.

A distribuição do trabalho de campo, investigação, orientações, pesquisa e estudo de fontes, no tempo e espaço, foi sendo organizado através da aplicação 'Tom's Planner', que promove a interpretação visual da informação de distribuição de tarefas **(fig.2).** Para além de servir o propósito do relatório, de aposta em esquemas e fontes visuais, esta ferramenta tem um grande potencial pois é adaptável ao mundo

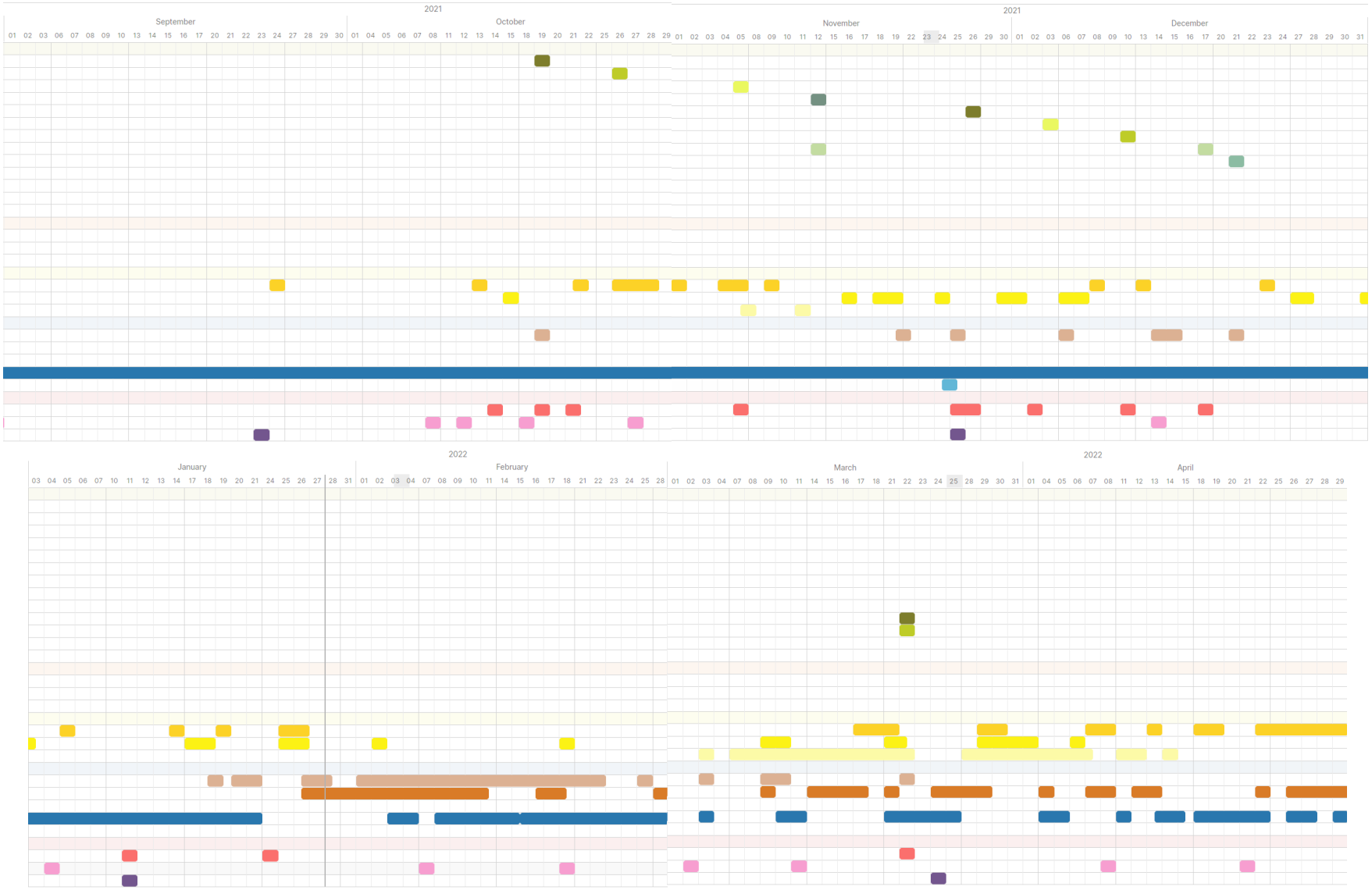
empresarial de variadas áreas- como gabinetes de arquitetura, gestão de projetos, investigações, entre outros- onde o planeamento, organização e trabalho com variadas etapas é crucial para o desenvolvimento de tarefas. Esta distribuição de trabalho no tempo e espaço está presente na **figura 2** seguinte.

Por outro lado, e referente ao trabalho escrito no presente neste relatório de estágio, é aplicada a norma de referenciação do Centro de Investigação Transdiciplinar para a Cultura, Espaço e Memória (CITCEM) com ligeiras adaptações. As adaptações relacionam-se, por exemplo, com partes de texto destacadas, normalmente citações, valorizando algumas ideias longo do corpo de texto. Esta metodologia de apresentação do trabalho escrito surge influenciado pela leitura do relatório de estágio da autoria de Beatriz Takahashi (2019) - intitulado *Arquitetura em vão- Estágio na Casa da Arquitectura (Matosinhos)*- onde esta metodologia é já aplicada.

Para além da norma de referenciação e o destaque de partes textuais, um outro aspeto a destacar foi o esforço de implementação de uma escrita com a tónica temporal no presente. Ao longo do estudo, leituras de relatórios/ teses/ investigações nas áreas científicas de História, História da Arte, Património é constatável que em grande parte é o tempo verbal do passado que prevalece. Neste relatório de estágio procurou-se inverter esta realidade já que «O bem patrimonial não é um objeto inerte a ser observado ou vivenciado de forma passiva, tendo em vista que está sempre enquadrando o passado no presente por meio de estratégias de apropriações, estabelecendo novas conexões e resgatando antiga» (TAKAHASHI, 2019: 28). Nesse sentido, e pensando nas arquiteturas enquanto organismos vivos, existentes numa cronologia longa, procurámos, sempre que possível, que a escrita se adaptasse a esta ideia de um olhar radicado no presente, a partir do qual estabelece relações sincrónicas e diacrónicas. Para além destes elementos, a estrutura do trabalho, marcada por um esquema diferenciador na apresentação de texto, estimulando a respetiva leitura, auxilia a um melhor entendimento da importância das arquiteturas ao encará-las como um património vivo.



Activity	Resource	Status	Start	End	Days
Visitas no estágio com a SWARK			**19-10-21**	**07-09-22**	**14.0**
Casa na Rua de Cedofeita nº334			19-10-21	19-10-21	1.0
Fábrica da Azulima			26-10-21	26-10-21	1.0
Casa Atelier Marques da Silva			05-11-21	05-11-21	1.0
Casa São Roque			12-11-21	12-11-21	1.0
Casa na Rua da Torrinha nº142			26-11-21	26-11-21	1.0
Museu do Vitral			03-12-21	03-12-21	1.0
Palacete Pinto Leite			10-12-21	10-12-21	1.0
Apartamento na Rua de Cedofeita			12-11-21	17-12-21	2.0
Torel Palace			21-12-21	21-12-21	1.0
Casa na Rua Roberto Ivens nº210			22-03-22	22-03-22	1.0
Casa na Rua Mouzinho de Albuquerque nº 76			22-03-22	22-03-22	1.0
Palacete Silva Monteiro			04-07-22	04-07-22	1.0
Casa na Rua do Gólgota nº90			07-09-22	07-09-22	1.0
Entrevistas de Trabalho			**11-08-22**	**26-09-22**	**3.0**
Entrevista Arq. Joana Vasconcelos ('Atelier in Vitro' para Casa Cedo)			11-08-22	11-08-22	1.0
Entrevista Arq. Adriana Floret ('Floret Arquitectura' para Casa na Rua do Gólgota)			05-09-22	05-09-22	1.0
Entrevista Arq. Sara Natária			26-09-22	26-09-22	1.0
Trabalho autónomo- Estágio			**24-09-21**	**20-09-22**	**163.5**
Desenvolvimento da Lista de Desejos			24-09-21	14-09-22	37.0
Desenvolvimento de trabalho para as Redes Sociais			15-10-21	24-08-22	75.0
Trabalho de Campo			05-11-21	20-09-22	51.5
Investigação			**22-07-21**	**21-09-22**	**391.5**
Desenvolvimento da organização do Relatório de Estágio			19-10-21	22-03-22	33.0
Desenvolvimento de Trabalho Escrito do Relatório			26-01-22	21-09-22	118.0
Desenvolvimento de Trabalho Visual do Relatório			08-08-22	21-09-22	26.5
Leitura de novas Bibliografias para a Investigação			22-07-21	20-09-22	205.0
Releitura de Bibliografias para a Investigação			16-08-21	25-11-21	9.0
Reuniões			**31-08-21**	**20-09-22**	**41.0**
Reunião de trabalho SWARK			14-10-21	05-08-22	17.0
Reunião com o Orientador			31-08-21	08-09-22	19.0
Reunião de trabalho SWARK e Orientador			23-09-21	20-09-22	5.0
					613.0


2021
September
October
2021
November
December
2022
January
February
2022
March
April

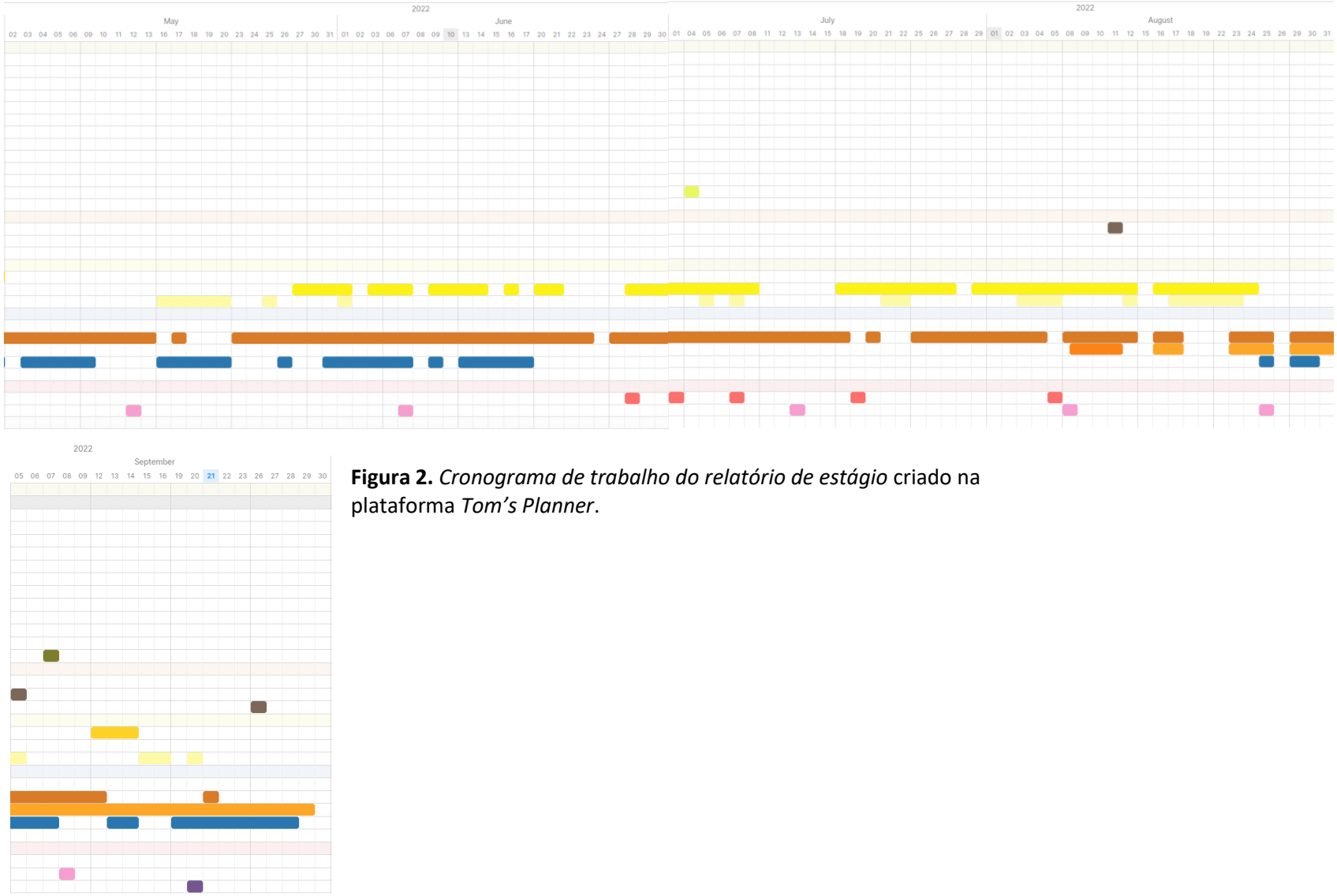


Figura 2. *Cronograma de trabalho do relatório de estágio* criado na plataforma *Tom's Planner*.

8.3 Introdução às tarefas desenvolvidas no estágio na SWARK

O percurso de trabalho com a SWARK levantou, desde logo, alguns desafios que desafiavam, não só a capacidade de desenvolvimento do presente projeto, mas da adaptação do trabalho fruto da investigação na área de História da Arte ao público-alvo da empresa. O universo da empresa, através da investigação e da atuação nas plataformas digitais e *lista de desejos*, deveria conseguir apresentar o *house-huntig* como «fisicamente atraentes, intelectualmente interessantes, socialmente envolventes e emocionalmente fascinantes (…)» (KOTLER, 2017:171). Esta ideia exigia desde logo um estudo tendo em vista a capacidade de estabelecer uma relação entre o universo de investigação, e estudo, da História da Arte e Património e o universo profissional que a SWARK materializa até porque: «barreiras entre os setores também estão sendo derrubadas. A convergência e a integração de dois ou mais setores da economia estão virando uma tendência» (KOTLER, 2017: 21).

A atuação nas plataformas digitais da SWARK, ao qual se dedica na íntegra todo o capítulo XI, é justificada pela relevância que assumem na atualidade: fontes digitais são hoje os grandes mecanismos de ação e divulgação de conhecimentos e conteúdos de variadas empresas. As tecnologias promovem a divulgação e partilha de conhecimento, proporcionam o contacto com novos públicos-alvo com uma rapidez que meios físicos não apresentam.

A relevância da *lista de desejos* para a atividade da empresa viabilizou também, desde logo, a necessidade do desenvolvimento e especialização da ferramenta. A *lista de desejos* assume-se como:

> *aquele documento que reúne as necessidades de cada cliente. Cada Wishlist é pessoal e intransmissível que reúne informações específicas* (Entrevista Arq. Sara Natária, minuto 33: 06- minuto 34:20) como os seus desejos, sonhos e ambições para o início da busca pela futura casa.

Não só para a empresa a atuação neste documento era necessário, mas também como campo de trabalho para os estudos de Património e Arquitetura que movem a atividade de estágio. Este documento, que carecia de atualização, é um campo propício à aplicação do conhecimento proveniente da formação em História da Arte no mundo profissional da área do Património.

No entanto, o primeiro grande incentivo de materialização do estágio com a SWARK foram os dois imóveis- *casos de estudo*- que ligam a entidade de acolhimento à necessidade de desenvolvimento de uma investigação relacionada com os mesmos. É ao longo do capítulo X que o trabalho dos *casos de estudo* é amplamente abordado. Estas investigações são:

> Documentos reflexo de um estudo histórica de um imóvel em estreita articulação com fontes visuais. Este estudo pretende dar uma visão integrada da arquitetura explorando os aspetos históricos e patrimoniais da arquitetura em estreita relação com elementos sociais, económicos, artísticos e paisagísticos que direta, ou indiretamente, influenciaram às formas, características que a arquitetura hoje apresenta.

Os dois *casos de estudo* selecionados (um na Rua de Cedofeita e outro na Rua do Gólgota) validam a relevância do seu estudo, em primeiro lugar, pela inexistência de uma investigação sobre estas duas arquiteturas unifamiliares. Serve, em segundo lugar, os interesses da empresa através de desenvolvimento de um trabalho até então nunca desenvolvido e que promove a singularização da atividade da SWARK, comparativamente às demais entidades que atuam na área.

O desenvolvimento de uma investigação histórico-arquitetónicas num *caso de estudo* não deixa de ter, por outro lado, uma dupla valência, agora voltada para a de divulgação patrimonial, tendo em vista proprietários das respetivas habitações, mas não só. Através da criação de um *QR Code* (de uma forma não intrusiva nas fachadas/muros das casas, uma vez que «a criação de conteúdos digitais em matéria de património não pode nem deve prejudicar a preservação do património existente que se visa proteger»

(DRCN, 2020: 14)) permite a quem na rua passe apontar com o seu dispositivo móvel para este código e ter acesso à viagem que o *storyboard (*nome pelo qual os *casos de estudo* são referidos na empresa e que foi adotado ao processo de investigação, durante o estágio, para reunir, e organizar, informação dos *casos de estudo)* vai contar sobre a respetiva casa, indo de encontro à ideia seguinte: «o desenvolvimento das tecnologias digitais deverá reforçar o acesso ao património cultural e aos benefícios que lhe são inerentes» (DRCN, 2020: 14). Este acesso virtual acaba, também, por surtir efeito num grande objetivo da empresa: uma maior promoção e valorização da sua atividade. A divulgação no terreno de trabalho científico em colaboração com a SWARK através destes códigos permitirá que «levados pela curiosidade, os consumidores (continuem) pesquisando ativamente as marcas pelas quais são atraídos para obter mais informações dos amigos e da família, da mídia e/ou direto das marcas» (KOTLER, 2017: 93).

Por outro lado, o trabalho de investigação dos *Casos de Estudo* não é um fim em si mesmo dado que potencializa, ainda, o desenvolvimento de um novo mecanismo, de caráter operativo, para avaliação e estudo, passível de aplicação noutras arquiteturas históricas em início de processo de reabilitação, ou, até, em outras empresas. Estes estudos poderão ter ainda a valência de auxiliar em processos de intervenção num imóvel com caráter patrimonial, complementando relatórios de arquitetura

Por outro lado, a atuação do estágio desenvolvido com a SWARK foi muito além das tarefas acima destacadas, e, em momentos específicos, direcionou-se a trabalhos já em curso na empresa. Neste ponto a versatilidade e capacidade de atuação eram essenciais e destaca-se o desenvolvimento de um *portefólio* relacionado com um apartamento comprado por um cliente da empresa, na Rua de Cedofeita, durante este estágio. Num documento da empresa é explicado que o *portefólio* é:

> um documento- pré-existente na empresa- que se entrega aos clientes depois da compra de um imóvel de caráter histórico e/ou patrimonial. Com um caráter altamente informativo possui três partes: uma introdução com a exploração da toponímia da rua onde se localiza o imóvel adquirido; uma análise SWOT referente ao edifício e zona

> circundante; um conjunto de fotografias, no final do mesmo, que eternizam o estado, características do imóvel à data da compra.

O desenvolvimento deste documento, de muito específico âmbito, levanta desde logo uma atividade de prospeção não só do imóvel, mas de toda a conjuntura que o rodeia. O modelo era, já, existente na empresa, mas apresentava alguma necessidade de atualização. Foram realizadas alterações ao documento tendo como fonte de inspiração leituras e trabalhos realizados na área do marketing e na área da cultura para adaptação ao público mais generalizados. Uma parte das imagens que, anteriormente, estavam colocadas na última parte do portfólio passam a ser contextualizadas e inseridas ao longo da análise SWOT para uma melhor compreensão dos riscos, vulnerabilidade, oportunidades e forças. Na última parte do portefólio mantêm-se alguns registos fotográficos, mas referentes a espaços e detalhes da casa que não se incluem na análise SWOT desenvolvida. No entanto, aquando da realização deste documento não foi possível a exploração de documentação de plantas e alçados que pudessem estar presentes no AMCMP, por escassez de tempo. Apesar de, neste *portefólio*, estarem plantas cedidas pela imobiliária que detinha o imóvel, caso o período de entrega fosse mais alargado, seriam as plantas históricas as que estariam presentes.

Por outro lado, para além de um objetivo direto de informar o cliente, a verdade é que o trabalho desenvolvido neste documento ganha uma especial ênfase porque, indiretamente, e à semelhança da *lista de desejos*, são também mecanismos com potencial de comunicação do âmbito patrimonial. Assim, tendo em vista esta ideia, e com o objetivo de singularizar a atividade à volta da empresa com o aperfeiçoamento de documentos que intimamente conectam a atividade 'empresa e cliente', reforça-se o que a citação seguinte defende:

> *os clientes continuam esperando uma experiência melhor com o passar do tempo, uma categoria funil talvez seja a mais propensa a inovações disruptivas (…)». Esta categoria funil incentiva a que marcas/ empresas*

*se concentrem «em melhorias graduais e em inovações na experiência do cliente (*KOTLER, 2017:146).

O *portefólio* desenvolvido para a SWARK está integralmente disponível para consulta no número 6 dos Apêndices Condicionados. Na **figura 3** seguinte, num termo comparativo, é destacado um fluxograma com o *portefólio* antes de ser intervencionado e os contributos surgidos com as alterações realizadas durante o período do estágio. Na **figura 4** estão esquematizadas as tarefas desenvolvidas durante o estágio na entidade de acolhimento SWARK.

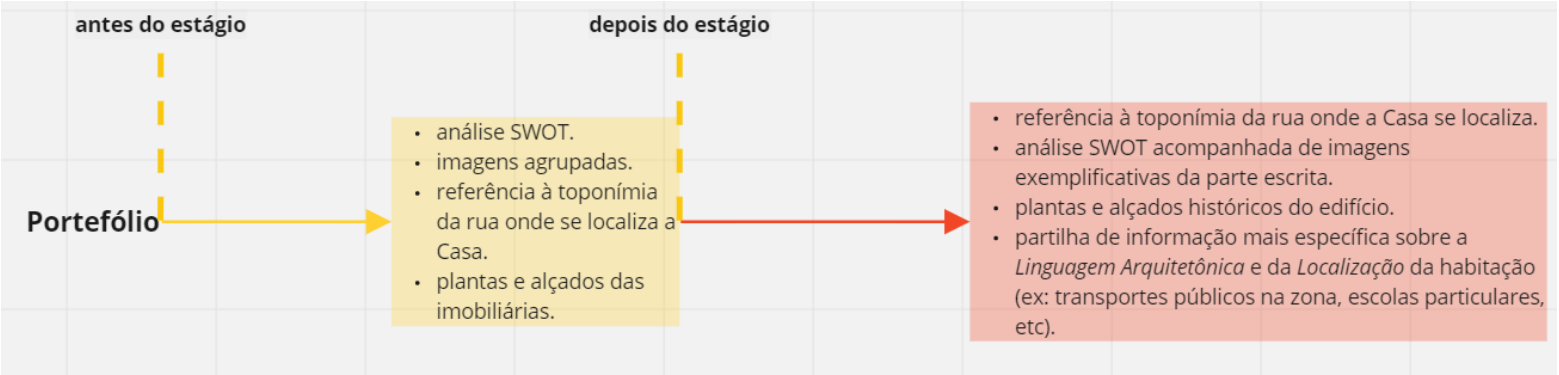


Figura 3. Fluxograma comparativo com o antes e depois da atuação no *Portefólio*.

Fonte: Captura de ecrã da plataforma *Miro.*

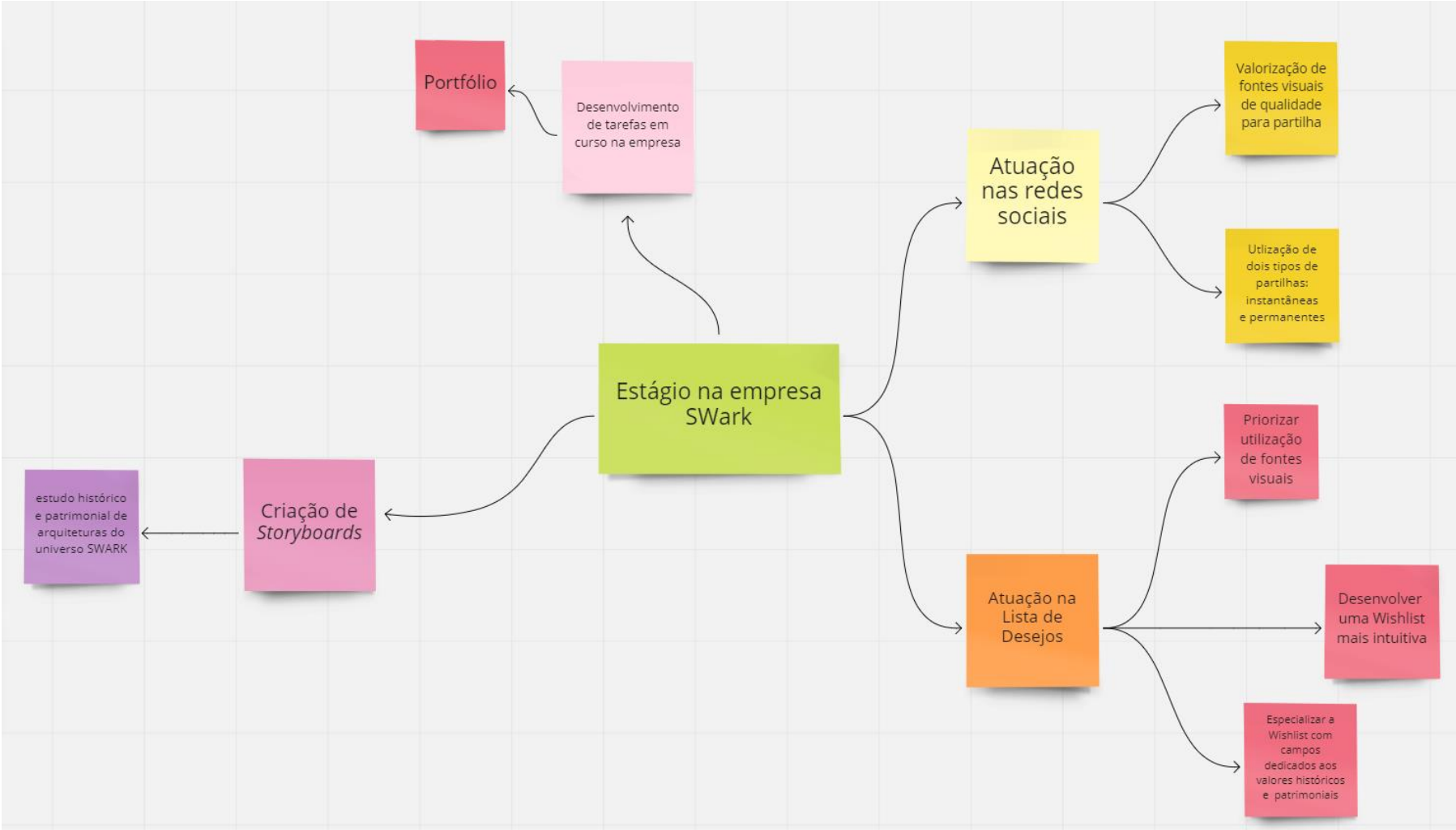


Figura 4. Captura de Ecrã de *Mind-Mapping* das Tarefas do Estágio na SWARK criado na Plataforma *Miro.*

9. Tipologias arquitetónicas

9.1 O estudo da casa burguesa, palacete e casa periurbana

Focado na investigação arquitetónica, o presente estudo tem três grandes linhas de análise: a *casa burguesa*, o *palacete* e *a casa periurbana* da cidade do Porto. É desde já relevante traçar o caminho percorrido para serem, hoje, estas arquiteturas os objetos de estudo do presente relatório.

Primeiramente, a *casa burguesa do Porto*, foi desde logo selecionada para investigação porque, dentro do portefólio de vendas, e de interesse da empresa, esta é a tipologia arquitetónica que sobressai, uma vez que para os clientes da SWARK esta materializa-se como sendo a arquitetura identitária da cidade.

Por outro lado, escolher outras tipologias arquitetónicas, para um estudo mais completo e multifacetado das habitações na cidade portuense, assumia-se essencial. A realização do estágio na SWARK insere-se num período altamente desafiante, não só pelo estágio se inserir numa empresa da área de património e arquitetura, mas sobretudo por esta empresa estar em processo de mudança e delineação de novos rumos futuros. Este novo rumo centra-se no objetivo de progressão de vendas, sendo desejo implícito atingir públicos-alvo diferenciados, com maiores posses monetárias para compra de imóveis diferenciados. Indo de encontro às necessidades, desejos e ambições da empresa estudar estruturas arquitetónicas de maior impacto e sumptuosidade tornara-se um caminho viável a percorrer. Por outro lado existia já um interesse assumido, ao nível pessoal, no estudo destas arquiteturas uma vez que, inicialmente, o objeto de estudo que se pensava trabalhar no segundo ano de Mestrado era o 'Palacete Dona Chica', em Braga. Fruto da conciliação de interesses de ambas as partes a maior parte das visitas de campo realizadas, e que permitiram a assimilação de informações cruciais para o entendimento da arquitetura da cidade, direcionaram-se a estruturas de palacetes da cidade do Porto tais como o: Palacete Pinto Leite, Palacete Silva Monteiro, o Hotel Torel Palace, entre outros.

O estudo da *casa periurbana* surgiu motivado pelo segundo caso de estudo deste relatório: a Casa na Rua do Gólgota. Inserida num ambiente rural da cidade, necessita, desde logo, de um estudo individualizado para entendimento da relação entre território, atividade da agricultura e a casa, para um maior entendimento das formas assumidas pelas arquiteturas da zona.

Os estudos da *casa burguesa, casa periurbana e palacete* centram-se, geograficamente, na cidade do Porto e isto é justificável, desde logo, numa perspetiva estratégica de contacto com o maior número possível de arquiteturas. Por outro lado, e apesar da atividade da SWARK estar já presente em outras cidades do país como Lisboa ou Faro, a cidade do Porto continua a ser o principal centro da atividade de *house-hunting,* o que desde logo viabilizara a concentração deste estudo na cidade.

A investigação destas três tipologias arquitetónicas tem uma relação direta com os dois casos de estudo que movem a investigação deste relatório: uma das habitações enquadra-se exatamente na tipologia da *casa burguesa* da cidade, sobretudo pelas dimensões assumidas, enquanto a outra, como acima já destacado, insere-se completamente no modelo e ambiente daquilo que designamos como casa *periurbana*. O estudo do *palacete* surgiu motivado, para além do número considerável de visitas realizadas como acima foi já destacado, também pelo portefólio visual materializado fruto deste trabalho de campo.

> *Palacete* (TAVARES, 2017: 106), *Casa-Grande* (PIRES, 2000: 102), *Casa Apalaçada* (PIRES, 2000:96).
>
> *Casa Burguesa* (OLIVEIRA & GALHANO, 1994: 326), *Casas de habitação corrente da cidade do Porto* (TEIXEIRA, 2004: 93), *Casa Estreita e Alta* (FERREIRA & ROCHA, 2018: 65).
>
> *Casa Peri-Urbana, Casa Rural dos Arredores do Porto* (OLIVEIRA & GALHANO, 1994: 45).

Tal como acima identificados existem termos vários referentes às tipologias arquitetónicas alvo deste estudo, no entanto a leitura, análise de bibliografias diversificadas sobre o tema permitem, desde logo, o questionamento da viabilidade, ou não, de alguns termos aqui apresentados.

Iniciando com a *casa burguesa da cidade do Porto*, termo escolhido para definição desta tipologia, a escolha da terminologia assentou em dois sentidos: ser um termo rico, ao nível da informação entre a história e a arquitetura para comunicação da empresa; um termo válido para aplicação no universo científico.

Os termos *casa corrente da cidade do Porto* (TEIXEIRA, 2004: 93) e *casa estreita e alta* (FERREIRA & ROCHA, 2018: 65) levantam questões pertinentes que acabam por pôr em causa a viabilidade da sua aplicação: *casa corrente* incitava ao pensamento de uma casa sem valores excecionais, o que não é o caso, entendimento que condiciona o seu apelo por parte de um potencial cliente. Por outro lado, é um facto que a *habitação de fisionomia estreita e alta* é a tipologia em maior número da cidade, mas casas com estas características não são exclusivas da cidade do Porto (existindo em Braga, Guimarães, e fora do país, sendo uma tipologia habitual no Norte da Europa), o que coloca logo em questão definir esta tipologia habitacional com estes termos dada a abrangência de que o termo potencialmente apresenta e a sua focalização em características morfológicas que não são, também, aplicáveis em todos os edifícios.

O termo *casa burguesa* (OLIVEIRA, 2013: 23) consegue conciliar valores que remetem num sentido de valorização desta tipologia arquitetónica: ao ser relacionado com a Burguesia- classe dominante na imagem da cidade, destacando-se pelo poderio monetário - relaciona-se também com um aspeto cultural e histórico do Porto que se enquadra nos interesses estratégicos da empresa. Atribui, ainda, um maior sentido de erudição a estas casas que acentuam os valores excecionais que poderão estar latentes. Por outro lado, é um termo amplamente difundido bibliograficamente, o que permite validar a sua aplicação a esta investigação.

Entendemos, porém, que esta escolha, baseada numa lógica de aplicabilidade em contexto da casa como produto integrado nos serviços da empresa, é, como qualquer

uma das alternativas, uma convenção com as suas limitações, pois nem todas as "casas burguesas" o são do ponto de vista da encomenda.

Já com a tipologia arquitetónica definida como *palacete* (TAVARES, 2017: 107), este termo, assim como a terminologia *palácio*, levantam desde logo algumas questões. Na cidade do Porto estas arquiteturas assumem-se como uma habitação que, em muito, se relaciona com a *casa burguesa* (OLIVEIRA, 2013: 23) ao, por exemplo: possuírem a mesma organização interna; a separação acentuada entre espaço privado e espaço de receção; distribuição de espaços a partir do principal elemento organizador das habitações, a caixa de escadas.

O que diferencia esta arquitetura da *casa burguesa* (OLIVEIRA, 2013: 23) é, para além do espaço destinado a cada compartimento, assumindo dimensões mais generosas e permitindo criar ambientes de maior sumptuosidade e impacto, a implantação destas casas. Os *palacetes* (TAVARES, 2017: 109), nos casos presentes na cidade do Porto ou se materializam com uma das fachadas da casa à face da estrada, e com áreas de jardins generosas, ou no espaço central do terreno, rodeada de jardins e com entradas sumptuosas, que, para além de símbolo do poderio monetário e posição social da família, nos casos da habitação afastada da face da rua proporcionava uma privacidade rara em ambiente citadino. Por outro lado, para além da espacialidade diferenciadora destas casas há, também, a ressalvar, o surgimento, entre os sécs.XIX e XX, de novos espaços como a sala do fumo ou o jardim de inverno. No entanto, e sendo a dinâmica de organização interna em todo semelhante à *casa burguesa (*OLIVEIRA & GALHANO, 1994: 326), questiona-se se será viável a sua referência como *palácio* ou mesmo *palacete* (TAVARES, 2017: 107). *Palácio* implica uma grandiosidade que estas casas, em ambiente de cidade, não apresentam. Por outro lado, até o termo *palacete* é questionável. Se comprarmos a estrutura destas casas da cidade com o Palacete Marques Gomes[26], localizado na zona de Gaia, a dimensão da casa e jardins, o impacto da arquitetura na paisagem em nada se relaciona com estas casas em ambiente urbano da cidade do Porto.

[26] O palacete é amplamente estudado por Domingos Tavares na sua obra *Palacete Marques Gomes*, de 2015.

Entre leituras sobre este tema, destaco a obra de Maria do Carmo Pires quando refere um termo que poderá ser uma terminologia interessante para esta discussão: *Casa Grande* (PIRES, 2000: 121). Embora na bibliografia de Maria do Carmo Pires este termo se relacione com casas da Rua Álvares Cabral de três frentes, esta terminologia adequa-se ao que aqui tem vindo a ser referido e questionado: por um lado, tipologicamente esta é definitivamente uma casa de maiores dimensões comparativamente à casa burguesa, e metaforicamente *casa grande* pode ser entendido como casa de proprietários abastados, embora se apresente alguma ambivalência em relação à casa burguesa. No entanto, indo de encontro aos interesses de comunicação da SWARK e à validação terminológica é o termo *palacete* (TAVARES, 2017: 107) que prevalecerá no relatório para estas arquiteturas. No entanto levanta-se esta discussão que merecia, desde logo, ser explorada até para investigações futuras relacionados com as terminologias ou com estas arquiteturas.

Por fim, e referente ao termo casa *periurbana do Porto* (OLIVEIRA & GALHANO, 1994: 45), foi decidida a utilização deste termo comparativamente à outra proposta *casa rural do Porto* (OLIVEIRA & GALHANO, 1994: 45). Apesar da casa objeto de estudo ter-se incluído, certamente, à data de construção da habitação e alguns anos *à posteriori*, num ambiente rural, e até poder ter sido uma das casas de produção agrícola da zona, hoje esta casa não reflete mais a primitiva função que possa ter assumido, para além de que o espaço envolvente teve mutações consideráveis. Hoje a zona de Massarelos é zona estratégica de crescimento da cidade do Porto, com a ponte da Arrábida já construída na área, e uma futura ponte de ligação do metro a conectar Porto e Gaia. Assim, o primitivo ambiente rural da zona é hoje marcado por um local protagonista de evolução da cidade, com uma ebulição urbana considerável. Desta forma, o termo *Rural*, não se inclui nem na envolvência da casa nem na logística atual da habitação, de forma que foi decidido a utilização do termo *casa periurbana*[27], termo voltado para uma interpretação a partir do presente, de espaços que, embora denotando evidências de

[27] Termo de *áreas periurbanas* disponível em: https://www.forumdascidades.pt/content/areas-periurbanas, (último acesso a 28/09/2022).

camadas anteriores à urbanização, foram ou estão a ser incorporadas na extensão do tecido urbano, como é exemplo, para além do Gólgota, a Rua de Entrequintas.

9.2 *Casa burguesa* da cidade do Porto: a realidade SWARK

A *casa burguesa* da cidade do Porto caracteriza-se pela sua fachada de caráter estreito e alto, ocupando a largura corrente que não excede os 6,5 metros e os 15 a 30 metros de comprimento (FERNANDES, 1999: 78) (**figs. 5,6 e 7).** Em parte, isto é justificável pelo facto da estrutura de pavimentos e cobertura da casa ser em troncos de madeira **(fig.8)**: o transporte de troncos com mais de 6 metros, nas embarcações da época, era uma tarefa praticamente impossível. Esta tipologia arquitetónica «começa por surgir nos arruamentos criados com a expansão da cidade, mas rapidamente se torna um modelo usado para toda a expansão da cidade» (FERREIRA, 2018: 65).

Figuras 5, 6 e 7. *Casas Burguesas da cidade do Porto*, fotos de autoria própria (20/08/2022).

Localização: Rua das Flores, Rua das Flores e Cais da Estiva, respetivamente.

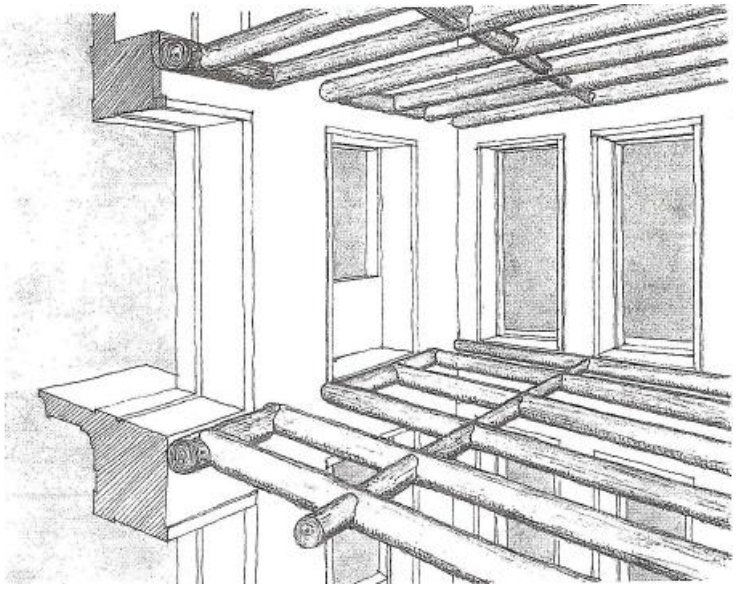


Figura 8. *Estrutura da Casa Burguesa*.

Fonte: PIRES, Juliana Sofia Lopes (2009) *Metodologias de Reabilitação de Claraboias Antigas no Centro Histórico do Porto*, pág.20.

Estes lotes, apesar de estreitos, beneficiam de grande profundidade e praticamente todas as casas usufruem de um espaço verde fruto desta distribuição de espaço: o logradouro. A área por andar, na casa burguesa da cidade, não excede normalmente os 100 m^2, no entanto isto muitas vezes varia de acordo com distribuição de espaços e número de pisos (ARAÚJO, 2015:42). Estas casas distribuem-se entre 3 a 4 pisos- com duas ou três janelas por andar-, havendo ainda a possibilidade de criação de acréscimos ao nível de espaço em altura.

A fachada voltada para a rua é ricamente ornamentada com azulejos, trabalhos de serralharia e vãos emoldurados por granito, «belas almofadas entalhadas» (OLIVEIRA, 1994: 329), enquanto nas «fachadas voltadas para o logradouro existia uma menor preocupação com o seu tratamento, concepção formal, revestimentos e ornamentação» (PIRES, 2000: 107), marcado, por exemplo, pelos vãos que «surgem ordenados de formas completamente díspares, podendo encontrar-se associados ou não» (PIRES, 2000: 107). Na fachada tardoz ficam, normalmente, «pequenos volumes (…) em toda a altura do edifício, onde aparecem pequenas frestas de iluminação e ventilação dos W. C» **(figs.9, 10, 11 e 12)** (PIRES, 2000: 107).

Figura 9. Fachada tardoz da *Casa na Rua da Torrinha nº142*, Fonte: foto de autoria própria (26/11/2021).

Figura 10. *Fachada tardoz da Casa na Rua de Cedofeita nº334*, Fonte: foto de autoria própria (19/10/2021).

Figuras 11 e 12. *Corpos destacados de WC* nas *fachadas a tardoz*, Fonte: foto de autoria prórpia (12/09/2022).

Localização: Rua de Passos Manuel.

Na atualidade as casas visitadas em estágio já não possuem nestes volumes as zonas de casa de banho. Na casa visitada na Rua da Torrinha, nº142, esse espaço é hoje zona de arrumos da habitação (mantém, no entanto, a porta antiga com os detalhes das aberturas em formato losango para ventilação do espaço que são recriadas no portão de garagem criado na mais recente intervenção- **figs.14 e 15**) e a casa de banho privada localiza-se num espaço contíguo ao quarto de casal **(fig.13).**

Figura 13. *Acesso à casa de banho contíguo à área do quarto na Casa na Rua da Torrinha nº142*, Fonte: foto de autoria própria (26/11/2021).

Figuras 14 e 15. *Pré-existências decorativas de formas de losangos na Porta e Portão na Casa na Rua da Torrinha nº142*, Fonte: fotos de autoria própria(26/11/2021).

Casas que vão além da sua função individual, representam também um diálogo constante com as que as rodeiam, marcando um caráter urbano contínuo da cidade. Estas casas, normalmente, apresentam «três tipos de associação de edifícios: por repetição, geminação e associação mista» (PIRES, 2000: 88).

A associação mista reflete edifícios que seguem um mesmo modelo de organização formal do edificado enquanto uma associação por repetição assume «um conjunto centralizado, unem-se, neste espaço, em número de três» (PIRES, 2000: 88). Por fim, um conjunto geminado define-se «essencialmente, pela simetria e surge aqui com algumas variantes caracterizadas e identificadas a partir do modo como ocupam o logradouro» (PIRES, 2000: 88).

A realidade é que até aos anos 40 do séc.XIX a casa funcionava segundo uma dinâmica unifamiliar. Esta casa surge na cidade «em conjuntos em banda continua com fachada de seis metros sobre a rua» (PIRES, 2000: 101).

Normalmente habitações da classe burguesa, estas casas eram, no piso térreo, lugar de atividade comercial- poderia ser armazém, loja, oficina- da família (PIRES, 2000: 105) e os pisos superiores davam lugar a espaço de habitação. Neste cenário surge o «corredor privado da habitação, paralelo ao patamar da escada central, por forma a permitir-se o funcionamento independente dos acessos verticais naturalmente, a continuidade do alojamento da fachada da frente à das traseiras» (FERNANDES, 1999:242).

No primeiro andar «voltado para a rua, o salão ou sala de visitas e, virado para o logradouro a zona social, constituída pela sala de jantar, e a de serviço com a cozinha» (PIRES, 2000: 105). O sótão era, normalmente, espaço de arrecadação, e, por vezes, lugar de habitação dos criados que serviam a família.

O logradouro começou por ser, sobretudo, espaço verde que servia a casa em plena cidade do Porto. No entanto este começou a adaptar-se às necessidades dos habitantes: passou, num segundo momento, a dar lugar a espaços de oficinas e armazéns que serviam a atividade comercial da loja que existia na frente de rua. Com a revolução industrial, o logradouro sofre uma nova alteração começando a dar lugar a garagens das casas e prédios (ARAÚJO, 2015:63).

A partir de 1840 vemos uma mutação na vivência desta tipologia arquitetónica uma vez que surge a realidade das habitações plurifamiliares. Casas que se adaptavam às mutações das cidades em que se localizavam, este é um exemplo de adaptabilidade a uma densa população que chegava à cidade para trabalhar, sobretudo, na área industrial. Davam assim resposta à grande procura por habitação numa cidade sobrelotada intramuros, com pouca oferta. São casas que se definem pelo pensamento de quem as possui como forma de estabelecer negócios de arrendamento e para isso «o seu espaço interior simplifica-se e repete-se nos vários pisos» (PIRES, 2000: 103).
Os maiores exemplos na cidade são os «novos quarteirões do prolongamento da Rua Sá da Bandeira pelo lugar de Fradelos e a abertura da Rua de Ceuta. Mais afastadas do centro, é de salientar as urbanizações para nascente e poente da Rua do Rosário; para nascente e poente da Rua de Camões e na envolvente da Rua do Campo Lindo» (FERNANDES, 1999:243). Esta é, tal como referido ao longo deste texto e da sucessão das diferentes épocas, casa de famílias burguesas com reconhecido poder monetário e até respeito, mas também casa de famílias com posses reduzidas, que aqui encontram local de habitação através da convivência com mais inquilinos. É, assim, «casa de toda a gente e de todas as classes» (OLIVERIA, 1994: 329).

Não havendo uma matriz generalizada da casa plurifamiliar, nas décadas de 20 do séc.XX, houve sim uma generalização de habitação em sistema de prédio, não sendo esta uma realidade exclusiva de classes sociais baixas. Quase todas as frações partilham similaridades ao nível de organização: cada apartamento dispunha dos espaços dos quartos e sala voltadas para a fachada principal e a tardoz a sala de jantar e quarto de banho, e no caso de famílias mais abastadas, o quarto da empregada entre a cozinha e a dispensa. «O acesso aos apartamentos faz-se a partir de duas escadas, situadas lateralmente na fachada sobre a rua» (PIRES, 2000: 138). São habitações com «uma redução da área habitada» e «a inexistência da zona de recepção, passando a zona social a sala de jantar a acumular estas funções» (PIRES, 2000: 135).

Por outro lado, no primeiro quartel do séc.XIX surge a vontade, por parte de uma burguesia mais abastada, de separar a realidade do trabalho do espaço habitacional, sendo este agora destinado exclusivamente a espaço de habitação (OLIVEIRA, 2013: 85):

«Esta classe enriquecida, pelo trabalho que exercia nas grandes fábricas ou armazéns, nos cargos políticos ou administrativos, já não encontrava, assim, uma justificação plausível para o espaço comercial dentro da habitação» (OLIVEIRA, 2013: 87). Assim, fruto desta nova forma de viver o espaço da casa e espaço do trabalho, o anterior piso térreo destinado ao comércio da família deixa de existir para dar lugar a um espaço semi-enterrado (cave) com funções de serviço doméstico e armazém da casa. Passa a localizar-se nesta cave, e junto à fachada tardoz, a cozinha da casa. Mantêm-se, voltada para a rua, a sala de receção «contígua à entrada e que contribui para a preservação da privacidade dos restantes espaços da casa» (OLIVEIRA, 2013: 87). Com vista a uma preservação do espaço privado dos proprietários, os quartos mantêm-se localizados nos pisos superiores. Para uma maior operatividade na distribuição de espaços, os criados tinham também «uma pequena porta interior, ainda no patamar de entrada, que permitia um acesso direto e independente à cave, maioritariamente para a descarga de mercadorias» (OLIVEIRA, 2013: 89).

A matriz organizacional na casa burguesa do Porto até ao séc.XVIII era uma realidade nula, uma vez que não existia a ideia de funções associados a espaços específicos: «Todas as ações (comer, dormir, trabalhar, "cultivar o espírito") desenrolam-se na mesma divisão, onde apenas o mobiliário - móvel e versátil - marcava posição face às diferentes atividades diárias» (ARAÚJO, 2015:67). É a partir do 2º quartel do séc.XIX (período liberal) que se vê grandes câmbios a surgir nestas arquiteturas: começa a existir uma função inerente a cada espaço, com a sala a ficar localizada na fachada da frente do primeiro piso da casa como local de receção. A cozinha manteve-se no último piso virada para o logradouro (devido a uma maior proteção dos fogos) e, ainda relacionado com a preocupação dos fogos, assiste-se a um cambio ao nível construtivo nestas casas: as fachadas deixam de ser realizadas na totalidade em tabique para serem construídas com partes de alvenarias em pedra (ex: fchadas), dando maior segurança em caso de fogo (OLIVEIRA, 2013: 83).

Estas casas, já com uma matriz organizativa bem exploradas, tinham um elemento essencial que distribuía racionalmente todos os momentos da vida da casa: a caixa de escadas. Normalmente localizada na parte central da arquitetura era continuamente

iluminada pela existência de uma claraboia: a «localização da caixa de escadas desempenham um papel essencial e constituem uma permanência» (FERNANDES,1999: 227).

9.3 O palacete

A existência de casas de proporções mais alargadas **(figs.16 e 17)** são já reflexo de uma outra forma de habitação, de classes mais abastadas que definiam esta tipologia arquitetónica, correntemente conhecida como *palacete*.

Figura 16. *Fachada principal Hotel Torel Palace*, Fonte: foto de autoria própria (26/12/2021).

Figura 17. *Fachada principal Palacete Silva Monteiro,* Fonte: foto de autoria própria (03/07/2022).

Designamos por *palacete* «toda a residência unifamiliar isolada, com uma área média de 1000m² resultante do reagrupamento de várias parcelas (...) O exterior reflecte o interior e assim na sua fachada de leitura horizontal, simétrica e sóbria transparece uma certa ostentação, transmitindo uma imagem de um determinado grupo» (PIRES, 2000: 101).

Tipologicamente diferencia-se das casas burguesas da cidade pelas suas dimensões e aparato, mas ao nível da planta há similaridades: a planta assume «uma clara aproximação ao quadrado: abre um espaço nuclear no coração da casa que serve as diferentes funções distribuídas pelos dois andares principais, preenchendo o perímetro interior da residência. Este vazio central (…) toma conta de toda a altura disponível até à cobertura e beneficia da inserção de um amplo lanternim a jorrar luz zenital» (TAVARES, 2017: 150).

Destacavam-se pelas fachadas de leitura com três ou quatro frentes, reflexo de um sentido de afirmação de poder e domínio de uma classe social mais abastada através das áreas generosas assumidas pelas casas.

A implantação nos lotes «são diversas, a habitação isolada ocupa o lado direito da parcela, deixando a parte esquerda do terreno para acesso - um corredor para o logradouro e saguão -, as casas geminadas pelo vazio também apresentam o mesmo tipo de ocupação lateral e as que se geminaram pela meação ocupam a parte central do lote, deixando entradas laterais para o espaço do logradouro» (PIRES, 2000: 122). A acompanhar a estrutura, e localização diversa, do palacete, também a cobertura destas casas se adaptava à situação individual, podendo ser telhados de «três-quatro-duas águas, duas-três; quatro ou mais águas» (PIRES, 2000: 122).

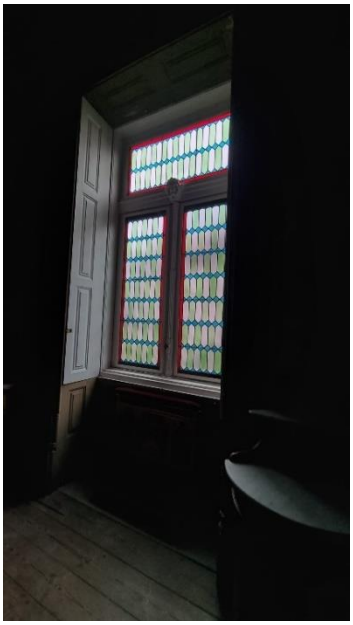
Externamente os espaços eram normalmente ocupados por «jardins e dependências várias» (PIRES, 2000: 113) e demarcava-se no seu exterior «dois tipos de dispositivos, uns destinados a iluminação- como a clarabóia, a trapeira ou água-furtada -, e outros utilizados como elementos de valorização formal, como o torreão com ameias e merlões ou com telhado piramidal» (PIRES, 2000: 113). No entanto, e à semelhança da casa burguesa do Porto, também as fachadas a tardoz revelavam uma menor

preocupação quando comparadas às fachadas principais ricamente ornamentadas ao nível de materiais e de ornamentação -.

Casas caracterizadas por uma grande distribuição de espaços eram características por uma realidade tripartida: zonas de domínio público (onde se incluíam as salas de receção, salão de jogos, salão), zonas privadas (quartos) e zonas de serviço (como a cozinha). Muitas vezes, a circulação entre estes espaços realizava-se de forma independente: a Casa de São Roque, visitada a 13 de novembro, possui um complexo esquema de corredores internos que permite a existência de dupla circulação na casa. Normalmente «Na zona social, a sala de jantar ocupa um lugar específico, geralmente, na retaguarda do edifício, voltada para o jardim, situando-se ao lado da cozinha» (PIRES, 2000: 115), realidade que muda a partir da década de 20/30 do séc.XX quando a sala de jantar «se encontrava situada à frente do corpo mais avançado, continuando a cozinha no fundo da habitação» (PIRES, 2000: 117). Este câmbio de localizações, em parte é explicado pela distância que muitas destas casas possuem da frente de rua nestas décadas, o que acaba por garantir uma maior privacidade, situação que não se verificava no século e década anteriores uma vez que os palacetes, na sua generalidade, se encontravam à face da rua. As arquiteturas de *Palacetes* na cidade do Porto, localizam-se sobretudo em áreas nobres e de grande movimentação: na Avenida da Boavista «invertem a estabilidade renovadora do desenho de inspiração urbana, para se mostrarem, como peças de luxo exibicionista» (TAVARES, 2017: 39).

Casas de proprietários de posses abastados, era também, habitual a existência de espaços de oração particulares nas habitações. Um exemplar é a capela inserida no Palacete Pinto Leite[28], visitado a 10 de dezembro de 2021, onde hoje é ainda possível apreciar o ambiente de culto do espaço: a talha, o vitral, toda a imaginária direcionada à liturgia do espaço que era exclusivo para usufruto da família **(figs.18 e 19).**

[28] QUEIROZ, Francisco Os *Pinto Leite: Uma família influente no Porto Romântico*, disponível em: chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/http://www.franciscoqueiroz.com/os_Pinto_Leite_uma_familia_influente_no_Porto_romantico.pdf, (último acesso a 29/09/2022).



Figuras 18 e 19. *Capela particular (e respetivo vitral) do Palacete Pinto Leite*, Fonte: fotos de autoria própria (10/12/2021).

A partir de 1940 continuaram a localizar-se na cave zonas de serviço-como a despensa, a garrafeira-, no piso térreo as áreas públicas- como o vestíbulo, sala de estar, cozinha, sala de jantar e com o surgimento de novos espaços fruto de novas vivências sociais como a sala de fumo ou o jardim de inverno- e por fim no primeiro andar a área privada da casa- o quarto dos proprietários assim como quartos de dormir, quartos de vestir e quartos de banho-. Nas imagens seguintes do Palacete Silva Monteiro, visitado a 3 de julho do presente ano, a Sala Vermelha assumia, não só, o local de receção de convidados do proprietário, como era, também, a sala do fumo da habitação **(figs.20 e 21).**

Figuras 20 e 21. *Sala Vermelha do Palacete Silva Monteiro*, Fonte: fotos de autoria própria (03/07/2022).

> *Embora a distribuição interior respeite as utilizadas por projectos tradicionais, foi pensada e executada de uma forma inovadora, nomeadamente, uma área maior, mais iluminada e mais funcional* (PIRES, 2000: 127).

Como referido na citação destacada, pretendia-se sobretudo uma compartimentação das áreas e o distanciamento, não só dos criados, que tinham inclusive corredores e escada de serviços secundários- mecanismos estruturadores do espaço-, mas também para próprio bem-estar dos proprietários da casa (funcionalidade). Destacam-se «as portas, os corredores e as escadas como dispositivos ordenadores dos espaços e os elementos que possibilitam a passagem que aproxima ou separa os espaços» (PIRES, 2000: 115).

A imponente caixa de escadas, à semelhança da *casa burguesa* do Porto, é um importante elemento organizador do espaço destas casas, mas não só. Elemento complexo, merece um pouco mais de atenção por ir além da sua função-base: se temos esta característica transversal às duas tipologias de casas, no caso de habitações mais imponentes como os *palacetes* as escadas são iluminadas por claraboias de grandes dimensões, localizadas de frente para o vestíbulo- local de receção e entrada dos visitantes da casa- e que são denunciadoras do poderio monetário e social da família. Um exemplo visitado e que materializa esta realidade de demonstração de poder é a Casa Atelier Marques da Silva onde a entrada para a habitação é feita através de uma imponente escadaria em granito que acede ao vestíbulo que possui com uma lareira **(fig.23)** e caixa de escadas que só não assume maiores dimensões pelo espaço limitado da casa (inserida num lote de 6metros de largura).

Figura 23. *Lareira da Casa-Atelier Marques da Silva,* disponível em: https://fims.up.pt/index.php?cat=67 (último acesso a 27/09/2022).

12.1 A Casa periurbana

> *(…)foi em Aldoar que este tipo de casa primeiramente se definiu, nos termos que indicámos, difundindo-se seguidamente pelas redondezas, onde aparece com menos frequência; seja em todo o caso como for, o seu aparecimento situa-se, o mais tardar, no decorrer da última metade do século XVI (…)* (OLIVEIRA & GALHANO, 1994: 57).

Uma outra tipologia que é, desde já, essencial neste relatório são as habitações nos arrabaldes da cidade do Porto que prolongam a sua existência, e construção, para os séculos XVII e XVIII, surgindo «casas deste tipo, com pequenas variantes, em Nevogilde, em Ramalde, nos lugares de Vila Nova e Pereiró, da Barranha e de Lavadores da freguesia da Senhora da Hora, em Matosinhos, etc» (OLIVEIRA & GALHANO, 1994: 52).A inclusão destes modelos é deveras relevante dado que se ligam diretamente com um dos casos de estudo de investigação deste relatório: o caso da habitação presente na Rua do Gólgota, Massarelos.

Estas são habitações diretamente influenciadas pela atividade laboral associada ao seu lugar de implantação, já que «Encontramos, pois, aqui, as características fundamentais das culturas de Entre-Douro-e-Minho: o milho e a erva, a horta, o vinho de ramada, o boi e o mato, a sua utensilagem e tecnologia próprias, muitos dos seus conceitos e costumes» (OLIVEIRA & GALHANO, 1994: 46). Zonas de cultivos das principais atividades de produção das grandes cidades, e que alimentam, as principais atividades de produção associado à zona do Douro: o vinho, produtos hortícolas, criação de animais para consumo. São assim zonas de grande relevo porque produzem alimentos que abastecem cidades próximas, como é o caso do Porto.

A ligação ao trabalho da terra vai influenciar diretamente as arquiteturas das habitações que pontuam áreas como Massarelos, minimizando o espaço destinado à casa de forma a rentabilizar o terreno para cultivo e/ou criação. A casa ou era «feita pelos próprios donos com a ajuda da família ou de assalariados, ou arrendada a caseiros,

mediante o pagamento de rendas fixadas de acordo com certas normas consuetudinária» (OLIVEIRA & GALHANO, 1994: 46).

Habitações que se «localizam (…) geralmente junto a qualquer muro ou outra divisória do prédio rústico que encabeçam; mas, quando esta é o caminho público, a fachada que dá para fora não é a principal, onde se encontra a escadaria e a porta de entrada: a fachada que dá para fora é sempre uma fachada lateral, sem portas; penetra-se no terreno onde casa se encontra por um portal de entrada para terreiro» (OLIVEIRA & GALHANO, 1994: 57). A fachada principal «é virada a SE- é um dos lados mais compridos, e que se compõe de rés-do-chão e andar, a que se acede por uma escadaria exterior e uma escada interior. A escadaria exterior, larga (de 1,60 m) e de subida suave, é de pedra bem aparelhada» (OLIVEIRA & GALHANO, 1994: 46). Um elemento de destaque correntemente presente nestas habitações é a escadaria e alpendre de acesso à habitação: a escadaria de pedra de acesso ao primeiro piso da habitação é relevante pelas formas e riqueza que apresenta: «a guarda da escada começa por um elemento decorativo em S de dupla espiral, e é em grandes blocos de cantaria com um corrimão talhado a capricho» **(fig.24)** (OLIVEIRA & GALHANO, 1994: 47) que mantém uma estreita relação com o alpendre da habitação: uma das quatro águas do telhado «-que corresponde à fachada principal - prolonga-se de modo a formar sobre o patim um alpendre inclinado, sustentado por três colunas baixas (0,85 m), de granito, num estilo neoclássico singelo e rústico» (OLIVEIRA & GALHANO, 1994: 47).

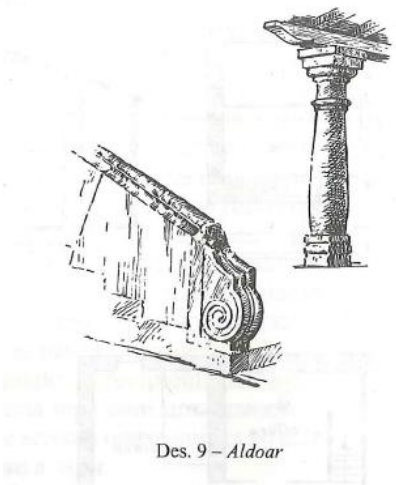
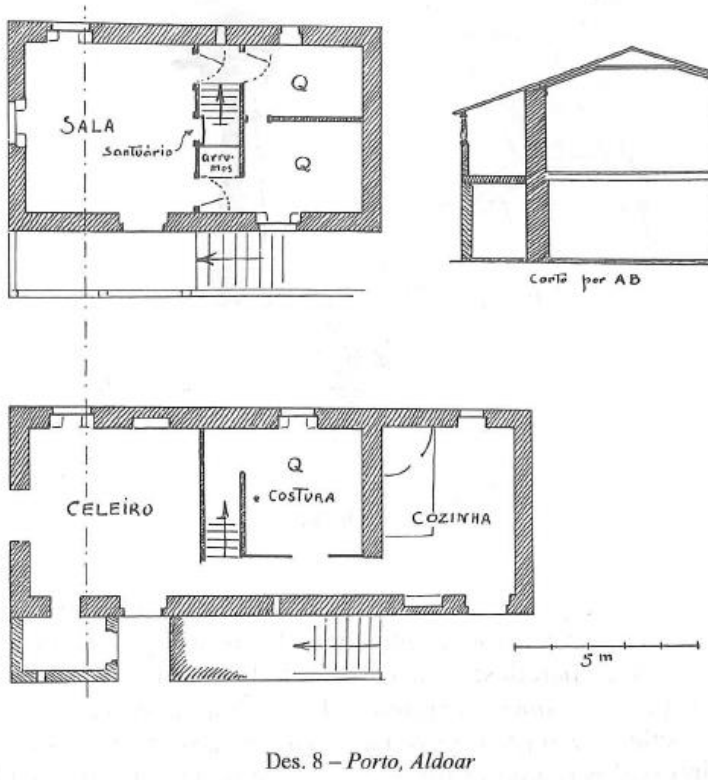


Figura 24. *Pormenor da guarda da escada,*
Fonte: OLIVEIRA, Ernesto Veiga de; GALHANO, Fernando (1994) *Arquitetura Tradicional Portuguesa*, pág. 48.

A propriedade é, por normal, de planta retangular, com cobertura em telhados de quatro águas, e divide os dois níveis de habitação entre espaço de trabalho e espaço de casa: «No rés-do-chão, existe, por baixo da sala, uma loja-celeiro» **(fig.25)** (OLIVEIRA & GALHANO, 1994: 50) para além de um pequeno quarto destinado à costura e o espaço de cozinha; no primeiro piso ficam presentes a sala e os quartos.



Des. 8 – *Porto, Aldoar*

Figura 22. *Organização interna da Casa periurbana***,** Fonte: OLIVEIRA, Ernesto Veiga de; GALHANO, Fernando (1994) *Arquitetura Tradicional Portuguesa*, pág. 47.

A sala, cujo « tecto (…) é de masseira, com os barrotes bem aparelhados à vista (…)» **(fig.26)** (OLIVEIRA & GALHANO, 1994: 48), comunica diretamente com os quartos da habitação.

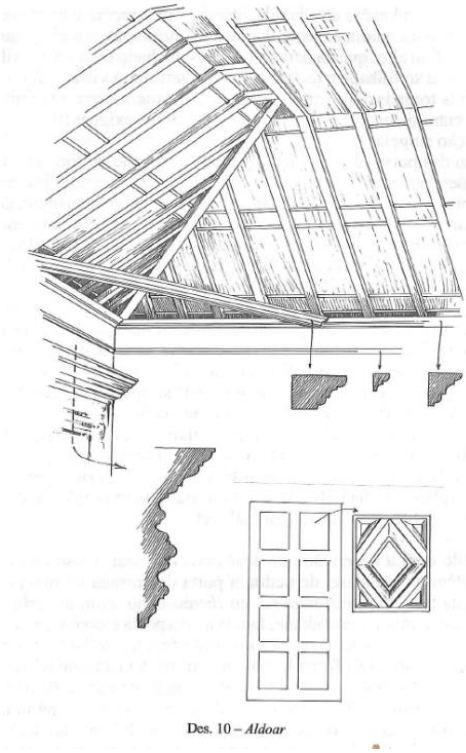


Figura 26. *Pormenor teto da sala de casa periurbana,* Fonte: OLIVEIRA, Ernesto Veiga de; GALHANO, Fernando (1994) *Arquitetura Tradicional Portuguesa*, pág. 49.

«Ambos os quartos são pequenos, mas o da frente é maior, pois aproveita o recanto à entrada, que o das traseiras cedeu ao patamar» (OLIVEIRA & GALHANO, 1994: 49). Numa tentativa de nobilitação, até, do quarto de maiores dimensões, este difere-se do outro existente, não só por assumir uma dimensão maior, mas também porque mantém as formas de masseira que igualmente enobrecem já, de certa forma, o teto da sala. A permitir a comunicação interna entre piso térreo (de trabalho) e espaço do primeiro piso (piso de descanso) está a escada interna da habitação que, no entanto, reflete «uma solução muito inconveniente: numa casa exígua e com reduzidas possibilidades de alojamento, essa escada vem roubar um espaço considerável a um dos dois únicos quartos disponíveis, já de si diminutos» (OLIVEIRA & GALHANO, 1994:59).

10. Os casos de estudo

10.1 As Arquiteturas:Enquadramento Teórico e Desenvolvimento de uma Metodologia de Análise Integrada

> *Património é tudo o que tem qualidade para a vida cultural e física do homem e tem notório significado na existência e na afirmação das diferentes comunidades (…)* (ALMEIDA, 1999: 2).

Após o estabelecimento de um contacto direto de trabalho com a empresa SWARK esta investigação tenta conciliar os dois principais interesses de investigação e empresa: a investigação de habitações relacionadas com a empresa e, por outro lado, adequar esses estudos à realidade da sua respetiva divulgação. Indo de encontro a estes pontos apresentados, os dois *casos de estudo* do presente relatório, para além de arquiteturas com interesse ao nível histórico e patrimonial são, ambos, casos de arquiteturas unifamiliares e ao seu estudo está subjacente um caráter inédito ao nunca terem sido objetos de estudo.

Inicialmente tinham sido selecionadas três arquiteturas como casos de estudo do presente relatório.

O primeiro caso de estudo foi visitado com a SWARK- no início de setembro de 2021- ainda em processo de projeto para reabilitação, com o objetivo de ser espaço de futura *guest-house* da cidade, e localiza-se na Rua de Cedofeita com o número de polícia 334.

O segundo caso de estudo no qual a SWARK esteve diretamente envolvida, num processo de *house-hunting*, localiza-se em Massarelos, mais especificamente na Rua do Gólgota, com o número 90. Apesar do contacto direto com a casa ser sido estabelecido apenas em setembro de 2022, é uma arquitetura que em muito justifica o interesse do seu estudo já que, contrariamente ao à habitação nº334 localizado na zona urbana de Cedofeita, se localiza numa zona mais rural que inevitavelmente influenciará a arquitetura da área. Por outro lado, existe também uma motivação pessoal no seu

estudo pelo contacto indireto que ao longo dos anos foi estabelecido pela proximidade à FLUP- instituição onde se desenvolveu a licenciatura e mestrado da área de formação. O terceiro caso de estudo, que não veio a materializar-se, relacionava-se com a investigação de uma habitação em Matosinhos, na Rua Roberto Ivens. A atividade de estudo e investigação foi iniciada no mês de março do presente ano, no entanto o processo de investigação foi interrompido porque a compra do imóvel acabou por não se concretizar devido a complicações de âmbito burocrático.

Primeiramente, os dois casos de estudo serão trabalhados de uma perspetiva integrada, dado que «para defender, proteger ou preservar um testemunho arqueológico ou um monumento (ou um elemento de caráter simplesmente histórico), temos de considerar o valor histórico e patrimonial, mas também a relação que a sociedade tem com esse elemento» (MARTINS, 2020: 26). Uma fonte basilar neste percurso de estudo da arquitetura, de uma perspetiva integradora da realidade onde se insere, é o trabalho de campo e o contacto com as arquiteturas, possibilitado pelas visitas de campo com a SWARK, assim como o contacto com as arquitetas autoras dos projetos de reabilitação (as entrevistas realizadas para a investigação dos dois *Casos de Estudo* estão disponíveis nos Apêndices Condicionados 1 e 2). Ambas as propriedades em estudo são privadas e este poderia ter sido um fator condicionante que, diretamente, afetaria o curso e resultado da investigação, no entanto o mesmo não se veio a materializar pela ajuda que a SWARK garantiu no acesso às arquiteturas. Os trabalhos de campo com a SWARK foram, e são, essenciais uma vez que permitiram contactar diretamente, não só com os objetos em estudo, como contar com o contributo, experiência de trabalho e explicações da SWARK e de quem intervém diretamente no terreno. As metodologias de trabalho da SWARK permitem contornar vários obstáculos através de ferramentas de análises empíricas que só um profissional treinado no campo de trabalho conseguiria materializar. Estes contributos são preponderantes para a investigação e têm em vista o fomento de uma perspetiva diferenciadora no estudo de arquiteturas com valor histórico e patrimonial.

Para além destes fatores, o trabalho de campo com a SWARK não se cingiu apenas a contacto com as arquiteturas, mas sobretudo, o contacto com edifícios nas

suas variadas fases de vida: em estados devolutos, em reabilitação e em projeto, o que permitira: por um lado, uma consciencialização da importância dos contributos do foro empírico proporcionadas por um olhar mais apurado do terreno da Arq. Sara; por outro a relevância de contactar com estas realidades da arquitetura para melhor entender o objeto arquitetónico. Esta atividade é extremamente enriquecedora e um dos fatores inéditos deste trabalho: o estudo das Arquiteturas foi sustentado a partir de um estudo teórico em estreita relação com testemunhos de profissionais do terreno e no contacto, *in loco,* com a realidade das arquiteturas e do património no terreno.

Outra fonte relevante na definição da trajetória de trabalho dos *Casos de Estudo* foi a UC 'Património e Paisagem. Gestão, Análise, Projeto' lecionada na FAUP. O trabalho desenvolvido com esta UC em muito contribui para esta arte do relatório pela influência direta que surtiu ao nível da metodologia de trabalho. Nesta Unidade Curricular foi possível contactar com trabalhos de autores de relevo na área do património, como Ana Tarrafa, que, com um extensivo e complexo trabalho na definição e categorização de atributos e valores patrimoniais, reforça uma visão de análise e estudo mais especializados a aplicar. Por outro lado, ao longo das aulas da Unidade Curricular era incentivada a análise a partir de um conjunto e não da análise individual da arquitetura, ideia presente na *Carta de Paisagem Histórica Urbana (2011)* quando a mesma refere «A conservação urbana não se limita à preservação de edifícios isolados. Encara a arquitetura como um dos vários elementos que constituem a envolvente urbana geral, tornando-a uma disciplina complexa e multifacetada» (UNESCO, 2011:9), ideia seguida pelo arquiteto Paulo Mendes da Rocha quando refere na sua obra *Duas Casas*:

> *A casa não é o lugar de morar; o homem mora nas cidades. As casas são apenas um dos equipamentos das cidades.* (ROCHA, 2018: 14).

Para além de uma visão integrada, o presente trabalho pretende transcender as barreiras do universo académico e materializar-se num universo social mais abrangente.

Pretende-se que este trabalho tenha uma escrita acessível e este é um desafio complexo pelo trabalho com documentação técnica de áreas científicas variadas, no

entanto, este é um ponto do qual não será desejável prescindir porque «a cultura ou é aberta e disponível, ou torna-se fechada e decadente» (MARTINS, 2020: 31).

Assim, o desenvolvimento destes *casos de estudo* justifica-se cada vez mais dado que o «estudo das tipologias de habitação, cada vez mais vai impondo a sua importância» (FERREIRA, 2017: 136).

Em suma, os desafios e trajetórias de trabalho aqui apresentados são deveras importantes e algumas investigações tem-se, já, direcionado neste sentido. Não é possível entender mais um objeto- quer seja arquitetónico ou não- de uma forma isolada, porque só entendendo as conjunturas que levaram à sua construção e às formas que assume permitirão uma rica, profunda e completa investigação para ir de encontro ao que é defendido na citação seguinte:

> *Definido ao longo do tempo pela ação humana, o património cultural, longe de se submeter a uma visão estática e imutável, tem de ser considerado como um «conjunto de recursos herdados do passado», testemunha e expressão de valores, crenças, saberes e tradições em contínua evolução e mudança* (MARTINS, 2020: 7).

10.2 O caso de estudo da casa na Rua do Gólgota

A Rua do Gólgota, localizada na freguesia de Massarelos, é em alguns documentos definida como Travessa/Lugar do Gólgota, mas «tal como aconteceu com a estrada para S. João da Foz e Matosinhos, os planos de melhoramentos deverão ter estado na origem do emprego dos topónimos rua do Gólgota, rua da Pena ou rua da Boa Viagem, atualizando a sua anterior designação de caminhos e cumprindo a sua progressiva integração na lógica urbana» (RAMOS, 2017: 80). É hoje espaço de grande importância ao albergar um polo da UP que engloba as Faculdades de Letras, Arquitetura e Ciências da mesma universidade: «A decisão de instalação de um pólo universitário no Campo Alegre data da segunda metade dos anos 70 (…)» (GUSMÃO, 1995: 13).

Entender a casa com «os números de polícia 1 referente à Travessa do Gólgota e 90 relativo à Rua do Gólgota» (CMP, 2020: PROCESSO Nº34147) é também entender o que a rodeia, a caracteriza. Inclui-se hoje na «Área de proteção funcional da rede de Metro (Medida Preventiva da afectação do espaço canal - Faixa com largura total de 50m, centrada a partir do eixo das linhas)» (CMP, 2020: PROCESSO Nº34147) e viria, ainda, a localizar-se na Área de Reabilitação Urbana de Massarelos definida no ano de 2018. Para já é de relevo introduzir a zona de estudo, na qual a casa se insere, do ponto de vista histórico, cultural, económico e temporal.

> *O lugar de Maçarellos está situado no seio de dous montes, hum que fica para Nascente chamado a Torre da Marca, outro para Poente, o pé d'Arrábida.* (CAPELA, MATOS & BORRALHEIRO, 2009: 593).

Para entender a economia que fazia mexer o espaço até ao séc.XIX é importante explicar a toponímia Campo Alegre, onde a Rua do Gólgota se insere: «topónimo Campo Alegre deixava registado na toponímia do lugar em mudança a sua origem, o caráter da sua vida económica primitiva e a especificidade do modo de vida que até então lhe estivera associado» (RAMOS, 2017: 80). Até ao séc.XIX habitava Massarelos uma população trabalhadora intimamente relacionada com o espaço: «Note-se que Massarelos foi, no século XVI, local de habitação da maioria dos capitães, mestres,

contra-mestres, pilotos e marinheiros do Porto» (RAMOS, 2017: 35), já que «a indústria e o comércio principalmente o comércio marítimo - são pois, desde a primeira hora, os traços que definem a personalidade social do Porto, a quem a cidade deverá o seu engrandecimento e riqueza» **(figs.27 e 28)** (OLIVEIRA & GALHANO, 1994:322).

Figura 27. *Massarelos- vista pela alheta de bombordo da corveta 'Estefânia',* Fonte: Arquivo GISA WEB, , disponível em: https://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/826723/? (último acesso a 20/09/2022).

Figura 28. *Panorâmica de Massarelos vista do Palácio de Cristal*, Fonte: Arquivo GISA WEB, disponível em: https://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/303015/fullscreen (último acesso a 20/09/2022).

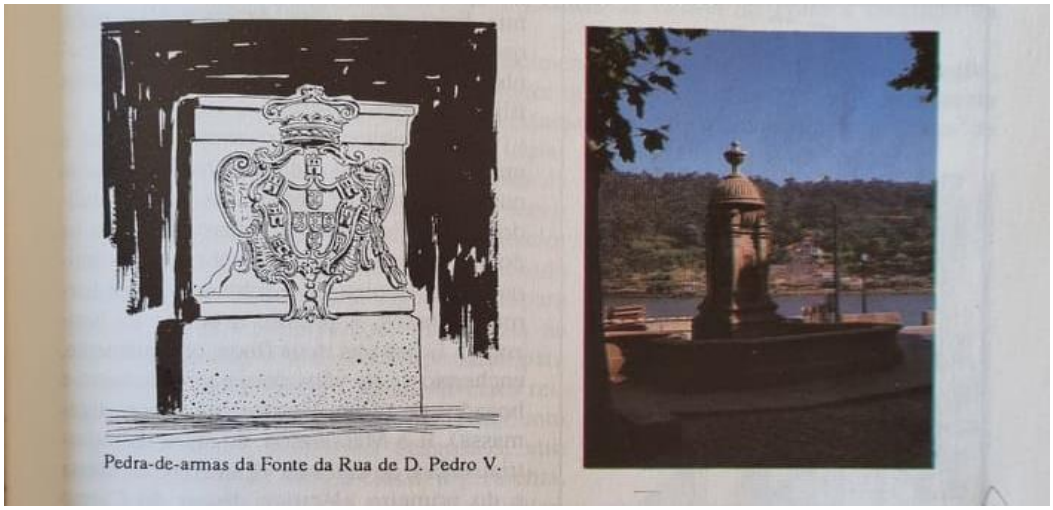
Por outro lado, e para além da economia do mar, pauta a zona de Massarelos uma outra atividade focada no trabalho da terra. A intensa prática da agricultura no lugar é justificada, por um lado, pelo terreno favorável da área já que, apesar de localizada em área de encostas, este aspeto é atenuado pelos socalcos existentes, o que permite a sua

realização. Por outro lado, tanto o trabalho do mar como o da terra estavam intimamente ligados, normalmente, a populações sem muitas posses, caso que se verifica em Massarelos. Viviam fora do núcleo central da cidade, financeiramente dependentes da localização privilegiada de área de residência e dedicados a atividades de trabalho intensas, mas pouco lucrativas. Estes ambientes rurais, tradicionais e românticos da área beneficiam dos trilhos do Caminho do Romântico que valorizam o ambiente oitocentista burguês **(figs.29 e 30).**

Figuras 29 e 30. *Caminhos do Romântico em Massarelos,* Fonte: foto de autoria própria (07/09/2022)

Localização: Rua do Gólgota.

Para além destas atividades que moldavam a paisagem, é interessante destacar a riqueza da área, que se estende para lá da terra ou da proximidade ao mar, e que se revela através de realidades heterógenas que a zona oferece, destacando-se, em primeiro lugar, recursos naturais de águas potáveis que explicam a profusão de fontes de água ao longo das encostas de Massarelos: Fonte do Bicalho, Fonte das Bicas, Fonte da rua da Fonte, Fonte das Azenhas, Fonte do Caco (REIS, 1984: 192 e 193) **(figs.31 e 32).** Esta realidade é explicada pelo número considerável de linhas de água que ainda hoje pontuam a cidade e que abastecem o lugar dado que «sabe-se que, no passado, muitas das nascentes eram apetrechadas de um fontanário ao qual a população acorria, o que pressupunha que encontrar um fontanário corresponderia a encontrar a água de uma nascente» (FREITAS, DEVY-VARETA, GOMES, SILVA, AFONSO & CHAMINÉ, 2010: 7). Na área de Massarelos foram detetados cerca de 40 nascentes no ano de 1908/09 (FREITAS, DEVY-VARETA, GOMES, SILVA, AFONSO & CHAMINÉ, 2010: 7), onde se destaca a Ribeira de Vilar ou a Nascente do Bicalho.



Figuras 31 e 32. *Fontes de água na zona de Massarelos,* Fonte: COUTO, Júlio (1993) *Monografia de Massarelos*, Edição da Junta de freguesia de Massarelos, pág.225.

Um segundo elemento que em muito enriquece a paisagem e lugar onde fica localizada a habitação em estudo é a devoção religiosa, onde, durante muitos anos, se destacou na paisagem a presença do Orago da Nossa Senhora da Boa Viagem, primitiva capela dos devotos de Massarelos:

> *(…) duas ruas, uma a Rua do Bicalho; e outra, a da Boa Viagem (…) Se subirmos por esta última, (…), chegamos em breve a um pequeno largo, onde se destaca a nossa frente, uma casa apalaçada (…), que tem no dintél da porta da rua o nº 11. Esta casa está no logar que ocupava a antiga parochial da freguesia de Massarellos, a que o vulgo em geral chamava Egreja da Boa Viagem* (ALVARISCO, 1926:319).

Esta era terra de pescadores, por excelência, e algo que é transcende a todos os homens do mar é a religiosidade **(fig.33)**, o que justifica o que a seguinte citação nos descreve:

> *(…) financiada por marinheiros, a capela foi dedicada a Nossa Senhora da Boa Viagem, protetora dos navegantes. No monte do Gólgota (…) foi edificada sensivelmente a meia encosta, a cerca de 30m acima do nível da água (…)* (RAMOS, 2017:35).

Figura 33. *Nossa Senhora da Boa Viagem, padroeira dos pescadores*, Fonte: Arquivo da Câmara Municipal do Porto (1963).

Esta igreja tinha um sentido de grande importância para a união da comunidade ao nível social, cultural e religioso e exemplo dessa atmosfera que se vivia é este testemunho:

«Ainda um d'esses antepassados, que era capitão de navio, subiu d'uma vez essa mesma calçada (…) incorporado com a tripulação o seu barco. Iam todos descobertos e descalços entoando um cântico, carregando, enrolada ás costas, a vela grande que, n'uma hora de angustia, tinham prometido offertar á Senhora da Boa Viagem» (ALVARISCO, 1926: 320). No entanto a igreja foi demolida ainda no séc.XIX, estando em 1868 em estado de ruína, e «foi o Santissimo transferido, em 12 de março de 1868, para a capella do Corpo Santo, por ordem de D. João de França Castro e Moura, então Bispo da diocese» (ALVARISCO,1926: 319).

> *Neste lugar de Maçarellos naõ há feira alguma, nem correyo, por que se serve deste, e daquella dos da cidade do Porto*. (COUTO, 1993: 165).

Massarelos foi até ao séc.XIX- tal como refere a citação acima - vista e tida como arrabalde da cidade do Porto, no entanto a partir do séc.XIX «afirmar-se-á a ocupação das encostas de Massarelos por negociantes e industriais (frequentemente estrangeiros, e principalmente ingleses), em ligação próxima com o crescimento do sector transformador na zona ocidental da cidade» (COUTO, 1995: 5). A perspetiva de Massarelos como espaço periurbano começava a revelar-se injustificado, dado que Massarelos passou a ser local estratégico de desenvolvimento e crescimento, cenário amplamente incentivado pela «ação imobiliária de iniciativa privada de proprietários locais, nacionais, com o objetivo da obtenção da máxima rentabilidade económica dos terrenos que possuíam» (RAMOS, 2017: 91). Este percurso inicia-se nos finais do séc.XIX quando «foram desenvolvidos um conjunto de planos municipais que promoveram a interseção da rua do Campo Alegre com o sistema viário da Boavista, a norte, cujo principal elemento de composição era praça do mesmo nome e a série de vias que dela irradiavam» (RAMOS, 2017: 100). Assim:

> *Com estes planos ficava definitivamente estabelecido o perfil longitudinal da rua do Campo Alegre, em linha reta até à rua de Júlio Dinis, e a dimensão do seu perfil transversal, que deverá ter sido determinado em*

harmonia tanto com o eixo da Boavista como com as radiais da praça (RAMOS, 2017: 100).

Com a ligação da zona de Massarelos à rotunda da Boavista- principal ponto de distribuição do tráfego viário da cidade- através da Rua do Campo Alegre a paisagem seria marcada, para a eternidade, pela mudança da zona, que passa agora a incluir-se no plano de desenvolvimento e crescimento da cidade do Porto. Este facto vem a acentuar-se ainda mais com a realidade financeira do lugar que começa a acusar sinais de positivas mudanças já que «nos finais da primeira metade do século XX a cidade do Porto encontrava-se dividida em quatro zonas (…) A 1.a zona, composta pelas freguesias do Bonfim, Cedofeita, Massarelos (…) distinguem-se por ser sobretudo um "aglomerado de grande densidade média populacional com comércio, pequena industria (…)"» (FERREIRA, 2017: 63).

Mas o ponto fulcral para entender esta como uma zona importante no panorama económico-social para a cidade é o projeto, e posterior construção, da Ponte da Arrábida sobretudo «pela forma como o sistema viário com eixo na Ponte se relacionaria com a cidade e/ou a região e, finalmente, pela definição das características urbanas daquela zona de entrada na cidade» (COUTO, 1995:6).

A construção da Ponte da Arrábida **(figs. 34 e 35)** permitiu um valioso acesso à cidade do Porto num eixo sul-norte, complementando o «eixo principal da antiga urbe, a nascente» (COUTO, 1995: 8). Se por um lado, a construção da Ponte da Arrábida e de todos os acessos subjacentes é essencial para entender o grau, e impacto, de desenvolvimento na cidade do Porto, a verdade é que esta construção mudaria completamente a paisagem da recatada zona de Massarelos.

Figura 34. *Capturas de ecrã elevação estrutura Ponte da Arrábida,* minutos 08:22, 08:29 e 08:46 respetivamente, Fonte: CINEMATECA Portuguesa (1961) *Imagens de Portugal,* nº228, disponível em: http://www.cinemateca.pt/Cinemateca-Digital/Ficha.aspx?obraid=6234&type=Video (último acesso a 20/09/2022).

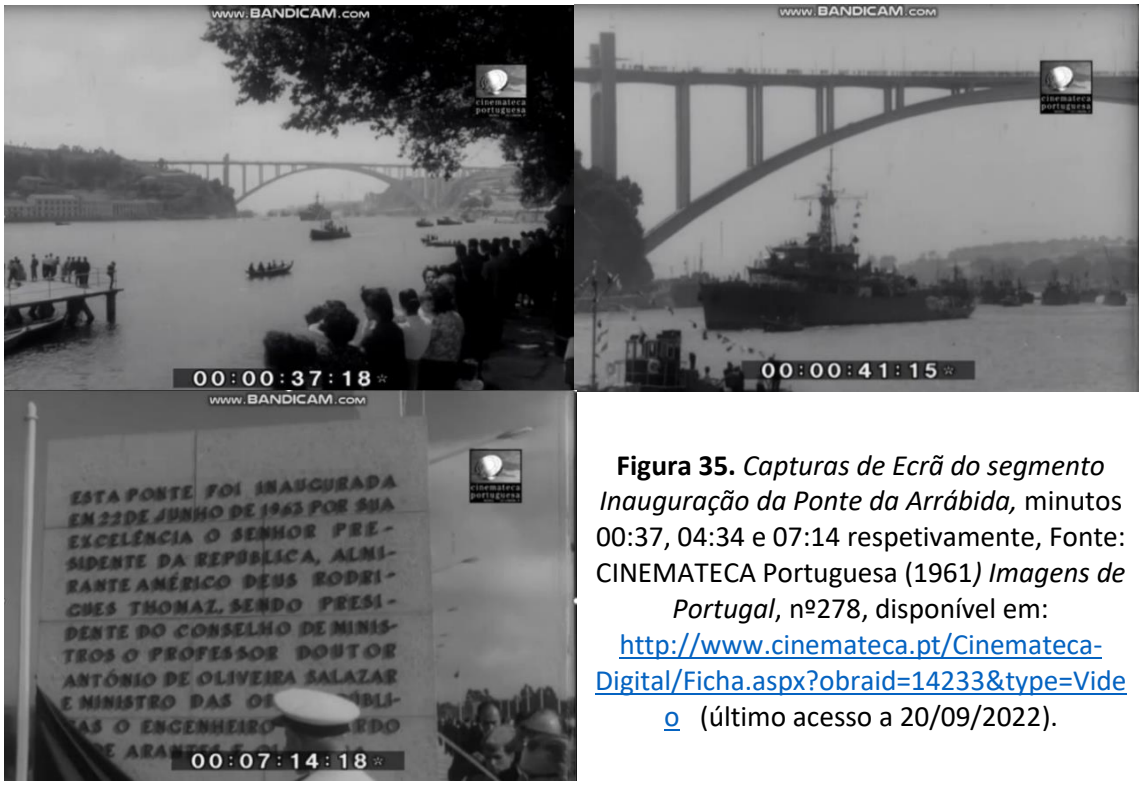


Figura 35. *Capturas de Ecrã do segmento Inauguração da Ponte da Arrábida,* minutos 00:37, 04:34 e 07:14 respetivamente, Fonte: CINEMATECA Portuguesa (1961*) Imagens de Portugal*, nº278, disponível em: http://www.cinemateca.pt/Cinemateca-Digital/Ficha.aspx?obraid=14233&type=Video (último acesso a 20/09/2022).

Fruto deste processo de construção da ponte da Arrábida, a Quinta dos Andresen acabou por ser divida a meio e «parte da Quinta do Campo Alegre ia ser sacrificada com a construção dos acessos à Ponte da Arrábida» (COUTO, 1995: 12) o que motivou «a entrega à Universidade da Quinta Burmester e de uma importante área adjacente, onde estava planeada a construção de residências de estudantes e a ampliação do parque desportivo» (COUTO, 1995: 12). A verdade é que não só ao nível estratégico-económico esta zona sofre uma transformação, mas, também, ao nível social, tal como demonstra o seguinte testemunho:

> *o então Reitor da Universidade do Porto, Amândio Tavares, temendo que a concretização da "Cidade Universitária" pensada para a Asprela fosse relegada para um "futuro longinquo", propõe em 1957 "o aproveitamento e ampliação dos edificios universitários existentes e o desenvolvimento do núcleo do Campo Alegre, onde deveriam construir-se o edifício para os Museus de História Natural, residência de estudantes e organismos circum-escolares, segundo um plano de conjunto, em coordenação com o Instituto Botânico e o Estádio Universitário já começado e de harmonia com o plano de urbanização* (COUTO, 1995:12).

Massarelos é assim espaço protagonista para desenvolvimento e crescimento da cidade do Porto que vem a acentuar-se com grande impacto no séc.XIX, mas que se inicia muito antes com o investimento inglês nesta área de estudo:

> *Com a «Guerra da Independência» contra os Filipes de Espanha e a guerra por estes movida directamente contra a Inglaterra (…), começam a escurecer os ares em Viana (é muito próximo da fronteira espanhola) e os ingleses acham preferível deslocar os seus interesses mais para sul, aproveitando o maior rio que se lhes depara e onde o comércio é já grande o Rio Douro e a cidade do Porto e seus arredores* (COUTO, 1993: 124).

A vinda da comunidade inglesa para a cidade do Porto vai mudar a morfologia e vivências do lugar de Massarelos, não só do ponto de vista económico e financeiro, mas também com o surgimento «na zona poente as chamadas "quintas de recreio"» (COUTO, 1995: 5), surgindo uma «ocupação de qualidade» (COUTO, 1995: 6), sobretudo de uma comunidade inglesa abastada presente na cidade pela atividade comercial do vinho do Porto. Também «(…) a burguesia passou a procurar outros territórios na parte alta da cidade ou nas extensões de caminhos abertos na direcção do mar, até aos campos vizinhos da Foz do Douro, para viver no recato dos chalés, entre jardins murados» (TAVARES, 2017:20).

Esta realidade surge quando se verifica um grande interesse «pelos valores da vida natural, pelos temas da amenidade do campo e da natureza, dos bons ares e da vista da paisagem, que fez renascer a ideia da casa de campo, implantada no espaço periurbano, em estreita relação com a cidade, independentemente da distância a que se situava» (RAMOS, 2017: 59), mas não só. Estas casas de aparato assumem-se como um retiro à vida da cidade onde «a colonia britânica (…) havia encontrado aylo n'esta banda occidental da cidade, escapando simultaneamente à hostilidade patriótica dos burgueses da banharia e rua chã, e aos seus mau cheiros» (FARIA, TRIPEIRO: 34). Por excelência, era assim possível conciliar «valores de domesticidade, privacidade e conforto, com raízes no campo e, simultaneamente, em contato com a urbanidade, que envolvia uma conceção específica da paisagem» (RAMOS, 2017: 80) **(figs. 36, 37 e 38)**.

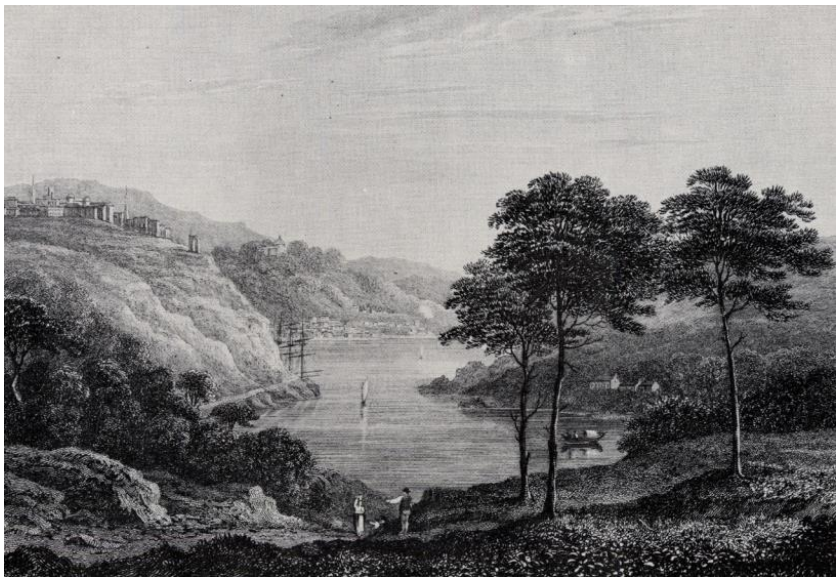


Figura 36. *View up the Douro towards*(1828), Fonte: AMCMP.

Figura 37. *Oporto from the Monte da Arrábida* (1829), Fonte: AMCMP.

Figura 38. *Porto visto do Monte da Arrábida* (1835), Fonte: AMCMP.

Do ponto de vista arquitetónico estas eram construções onde se «experimentavam novas espacialidades tais como varandas, terraços e jardins com vista privilegiada sobre a paisagem» (RAMOS, 2017: 59). Inicialmente esta colónia inglesa apostara «no aluguer de propriedades, mas, à medida que se consolidou a sua fixação, as famílias tornaram-se proprietárias» (RAMOS, 2017: 83), o que explica o grande número de pedidos de licença de obras no final de novecentos e início do novo século destinado a «novas construções, mas também a trabalhos de alteração e ampliação de edifícios preexistentes» (RAMOS, 2017: 83).

Estas casas, surgidas, maioritariamente, na Travessa do Gólgota e Calçada da Boa Viagem,

> *Funcionavam como contraponto à casa, singular e qualificada, na cidade, (…) tendo como preocupações principais as exigências de qualidade de vida, o benefício de um maior conforto, o melhoramento dos aspetos de higiene e salubridade (…).* (RAMOS, 2017: 59).

Casas de famílias de posses consideráveis, com desejo de materialização em terras portuenses de hábitos e tradições de cultura inglesa, faziam das suas casas as mais altas representações das posses da família, tal como refere o testemunho abaixo:

> *fina e casquilha roupa branca de mobiliário e decoração, já porque se não via janella nua de cortinas, já porque havia doces poltronas no salão, lindas ilustrações pelas mesas, flores nos vasos, a casa de jantar armada e reluzente de pratas como um altar, e animando tudo o aspecto das senhoras e dos babys loiros recendendo a banho.* (FARIA, 1910:134).

É neste ambiente de riqueza histórica, temporal e de desenvolvimento económico-social, que se insere a casa em estudo. Mas aproximando-nos mais do objeto de estudo, geograficamente, e já conforme nos demostra documentação referente ao ano de 1880 do imóvel, a Casa na Rua do Gólgota insere-se:

> *do norte com a mesma rua, do sul com António Alves da Cunha, do poente com a Travessa do Golgotha, e do nascente com a calçada da Boa Viagem. Vale dois contos de reis.* (ACRPP: *Descripção predial e averbamentos*, Ap. 6/-09-07-1880).

Hoje, o nº90 da Rua do Gólgota, pelas suas formas arquitetónicas conta-nos a realidade social, económica e cultural do local e época em que surgiu uma vez que «Para além das quintas de recreio, no Campo Alegre existiram outras em que o novo tipo de espaço lúdico e reparador se conciliou com o ordenamento de um espaço produtivo» (RAMOS, 2017: 65). Neste sentido, sabemos que já em 1880 a casa existia e tinha espaço de 'quintal' através de documentação comprovativa no Arquivo da Conservatória do Registo Predial do Porto: «Morada de casas e quintal sita com o nº22/ anteriormente tinha o nº8/ na rua do Golgotha, na freguesia de Massarellos» (ACRPP: *Descripção predial e averbamentos*, Ap. 6/-09-07-1880). Se por um lado vemos a existência de quintas de caráter erudito nesta zona, a verdade é que uma outra realidade de quintas existia nesta área: Quintas implantadas à face do caminho com uma das suas fachadas, «enquanto a outra se abria a sul, ao rio e às terras de lavradio» (RAMOS, 2017: 65).

Se por um lado este nº90 da rua do Gólgota parece incluir-se nesta realidade de quinta de lavoura, com fachada à face da estrada e que em 2016 preservava ainda estruturas pétreas de produção vinícola, que pontuava a localização de Massarelos, por outro lado é essencial, desde já, destacar uma fonte que auxiliará à compreensão de uma outra perspetiva de análise ao objeto arquitetónico:

> *No final do século XIX, surge uma "base cartográfica rigorosa que apoiou toda a gestão urbanística municipal" da época e que hoje constitui um elemento de grande "valor documental para a história urbana ou, mais concretamente, para a história da forma urbana do Porto". Trata-se da planta cartográfica realizada entre 1877 e 1892 e dirigida por Augusto Gerardo Teles Ferreira* (CARVALHO, 2018 :73).

Assim, e na planta de Telles Ferreira, há novos elementos que nos faz questionar uma outra possibilidade. Nesta planta a ampla área externa da casa assume, no séc.XIX, jardins de uma riqueza considerável, que se aproximam dos típicos jardins franceses, característicos pela organização geométrica **(fig.39).** Permite levantar um outro

percurso possível desta casa a partir de determinado espaço temporal, desconhecido em documentação: entre o caminho do Gólgota e o sítio do Calvário várias edificações surgiram fruto da cedência de terrenos da quinta pelo próprio Barão de Massarelos, levando ao surgimento de edificações em que «predominavam os lotes de cerca 20-25m, de profundidade, por 20-25m, de frente, colocando-se a hipótese de que possam ter resultado da ação de loteamento da frente da antiga quinta que com eles confrontava a poente» (RAMOS, 2017: 66). Eram sobretudo casas para habitação unifamiliar que eram caracterizadas da seguinte forma:

> *Eram, em geral, edifícios de área relativamente reduzida em planta e altura de dois ou três pisos, que se implantavam com uma das suas fachadas sobre o arruamento. Esta fachada era composta exclusivamente por vãos de janelas e frestas, não se proporcionando o acesso direto do espaço público ao espaço interior da habitação. (…) Os jardins destas casas, embora de área muito inferior aos das quintas de recreio, resultavam em composições que partilhavam com eles a modelação em patamares e a vegetação luxuriante.* (RAMOS, 2017: 69).

Figura 39. *Casa na Rua do Gólgota na planta de Telles Ferreira*, Fonte: Captura de ecrã *Planta Topográfica Telles Ferreira 1892*, disponível em: https://mapas.cm-porto.pt/ (último acesso a 09/09/22022).

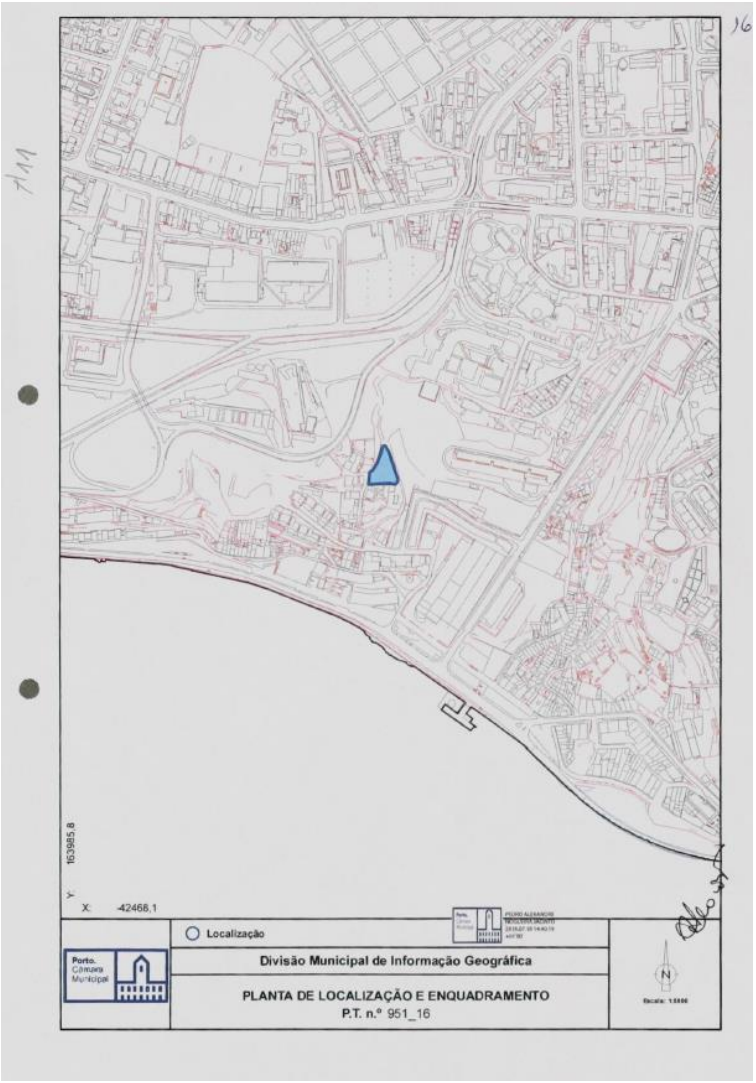


Figura 40. *Planta da Localização e Enquadramento do área da casa do Gólgota*, Fonte: CMP (2016).

Esta descrição vai assim de encontro aquilo que, de uma interpretação condicionada pela escassez de informação, parece definir esta casa no séc.XIX, sendo uma casa que articulava «aspetos referenciáveis à casa rural e, simultaneamente, outros associados à cultura urbana» (RAMOS, 2017: 66). Assim, é especialmente relevante destacar que esta casa, cuja datação de construção é desconhecida, poderia sim, ter sido construída com vista a ser uma tradicional casa de lavoura cuja fachada à face da estrada denuncia a inteligente economização de materiais, reflexo de proprietários dedicados à agricultura, de posses não muito abastadas. No entanto, e tendo como base a Planta da cidade de 1892 de Telles Ferreira, poderia também ter sido recuperada *à posteriori* como casa de aparato de uma família de posses, pelas formas diferenciadoras que o jardim assume. A

evidenciar esta realidade é a existência de um portão da casa que dava acesso direto à parte exterior «Bem mais pequeno, não era muito grande (..) com motivo partido na lateral em pedra que já estava em mau estado que não conseguimos aproveitar (…)» (Entrevista Arq. Adriana Floret, minuto 26:24-minuto 27:09) **(fig.41)**, o que identificava, à época, edifícios de exceção: «As exceções reservavam-se aos edifícios que se implantavam em lotes com frente de maior dimensão. Em muitos destes casos era provável que se admitissem acessos laterais e diretos ao espaço do logradouro que qualificava cada uma das habitações» (RAMOS, 2017: 92).

Figura 41. *Portão lateral de acesso à habitação com elemento pétreo no seu sítio original,* Fonte: SWARK.

Data: aproximadamente ano de 2016.

Não se sabe a data de construção desta casa ou quem a mandou realizar, já que:

> *apenas com o Decreto Real de 31 de Dezembro de 1864 (…)reforçou a importância de que nenhuma obra a executar poderia ser feita sem o respectivo projecto ser examinado e aprovado pelas autoridades, explicitando que nenhuma obra deveria "effectuar-se sem que á testa d'ella e por ella responsavel haja engenheiro, architecto ou condutor dos quadros technicos do ministerio das obras publicas, commercio e industria, ou devidamente diplomado por qualquer escola nacional*

> *ou estrangeira, ou mestre de obras habilitados"* (FERREIRA, 2017: 94).

Assim, e sendo a sua construção provavelmente anterior ao ano de 1864, a 1ª documentação referente a este imóvel está relacionada com o proprietário da casa- que podia não ser, no entanto, o proprietário primitivo-. No Arquivo da Conservatória do Registo Predial do Porto, e no ano de 1885, o proprietário da casa era Alberto Alexandre Duarte e Sousa, morador na Rua de Santa Catarina da cidade (ACRPP: *Descrições- Averbamentos- Anotações* Nº1567/200090817, pág.1).

A Rua de Santa Catarina é, desde sempre e ainda hoje, por excelência, uma rua de comércio e este proprietário, com residência fixa nesta movimentada rua da cidade, pode, realmente, significar que esta casa na Rua do Gólgota era casa de fim-de-semana perto da cidade, mas longe o suficiente para descansar. De relembrar que em 1892 a casa aparenta já jardins exuberantes o que reflete que seria uma casa cuidada, denunciando já que a propriedade não teria sido comprada, ou alugada, por um proprietário desinteressando, muito pelo contrário: pelas formas assumidas dos jardins da casa no mapa de Telles Ferreira, o poder económico, e interesse, deste proprietário era considerável.

Mais tarde esta casa é alvo de um processo de usucapião pela família Espregueira Mendes. Família renomeada e respeitada na cidade, dedicada à área da medicina, com residência na Rua Marechal Saldanha da cidade, passa esta propriedade para seu nome já em 2015 (ACRPP: *Descrições- Averbamentos- Anotações* Nº1567/200090817, pág.2), o que pode significar a ausência de registo, até, por exemplo, por perda. Mas revela-se mais uma vez que esta casa esteve, dentro do que é conhecido nos registos existentes, sempre em mãos de proprietários de renome e de posses assumidas. Não se sabe quando esta casa foi adquirida realmente pela família ou o papel que esta casa poderia ter na vida da mesma, mas pode levantar-se a possibilidade de esta ser casa de fim de semana para evasão da vida frenética da cidade. Neste mesmo ano de 2015 esta casa é doada, ainda no processo de usucapião, pelos patriarcas da família Espregueira Mendes

aos herdeiros- em 1/6 para cada um: Maria Teresa Ortigão Espregueira Mendes, Maria Amélia Ortigão Espregueira Mendes, Roberto Duarte Ortigão Espregueira Mendes António Maria Sarmento Pimentel das Neves e João Pedro Osório Sarmento Pimentel (ACRPP: *Descrições- Averbamentos- Anotações* Nº1567/200090817, pág.2).

Em 2016 esta propriedade é vendida pelos herdeiros da família Espregueira Mendes. Entre o ano de 2015 e 2016 António Maria Sarmento Pimentel- herdeiro- falece, o que explica que nesta venda surjam novos «sujeitos passivos, João Pedro Osório Sarmento Pimentel, Teresa Isabel Osório Sarmento Pimentel Adão da Fonseca e Maria Leonor Osório Sarmento Pimentel Faria da Silva (…)» que «intervêm na qualidade de únicos herdeiros na herança aberta» (ACRPP: *Descrições- Averbamentos- Anotações* Nº1567/200090817, pág.4).

O estado da propriedade, aquando desta venda, é de um avançado estado de ruína: «tinha as quatro paredes, não tinha cobertura» **(figs.42, 43, 44 ,45 e 46)** (Entrevista Arq. Adriana Floret, minuto 14:48-minuto 14:57).

A valorização da ruína «teve raízes no movimento romântico (…) e estabelece carácter expressivo e visual na sua capacidade evocativa e na evidência de antiguidade» (SOARES, 2021: 121). Quando:

*se trata de ruínas impõe-se uma conservação escrupulosa, recolocando no seu lugar os elementos originais encontrados (anastilose) sempre que o caso o permita (*AMCMP, 1931: 3).

Figura 42. *Edifício da casa do Gólgota em ruína*, Fonte: RAMOS, Sílvia Cristina Teixeira (2017) *Campo Alegre- da sua longa metamorfose*, pág.68.

Figura 43. *Levantamento Fotográfico*, Fachada tardoz, Fonte: FLORET, Adriana (2016).

Figura 44. *Levantamento Fotográfico*, *Fachada tardoz*, Fonte: FLORET, Adriana (2016).

Figura 45. *Fachada tardoz*, Fonte: SWARK (2016).

Figura 46. *Fachada principal*, Fonte: SWARK (2016).

Vendida pela família Espregueira Mendes (CMP, 2014: 2), o projeto de intervenção tem como mote a «reabilitação, ampliação de habitação unifamiliar sito na Rua do Gólgota» (CMP, 2016: PROCESSO Nº237248) para «adequar a preexistência construída e aumentos propostos, para a função de habitação unifamiliar» pelo gabinete Floret Arquitectura (CMP, 2016: PROCESSO Nº237248):

> *(…) a modernidade vinha acrescentar um novo tempo* (SOARES, 2021:98).

Esta recuperação, «preservando e valorizando as suas qualidades arquitectónicas originais» (CMP, 2016: PROCESSO Nº237248) reflete a consciência do edifício como representação de uma forma de estar e viver de um conjunto de outras épocas.

O volume em ruína da casa assume a função mais privada do espaço, albergando, por exemplo, os quartos da família ou ainda o escritório. «Dado que não havia nada (…) mantivemos o sistema construtivo do que existia originalmente, ou seja, mantivemos os vigamentos em madeira, não só por uma vertente histórica ou manutenção de memória de sistemas de construção antigos, mas também por uma questão funcional» (Entrevista Arq. Adriana Floret, minuto 16:51-minuto 17:17). No entanto o interior é «mais contemporâneo, a escada é contemporânea, já fizemos um desenho mais

contemporâneo porque era uma situação nova» (Entrevista Arq. Adriana Floret, minuto 17:57-minuto 18:11).

Figura 47. *Casa do Gólgota- Projeto de Reabilitação e Construção,* Fonte: FLORET, Adriana(2016).

Figura 48. *Casa do Gólgota*, Fonte: TAVARES, Ivo, disponível em: https://www.ivotavares.net/golgota-floret-arquitectura-no-porto/#jp-carousel-61784 (último acesso a 09/09/2022).

Fruto de novas vivências da atualidade o espaço assume-se insuficiente para a realidade dos novos proprietários o que explica a «Nova construção para extensão da área da habitação, garagem e piscina» **(figs) (**CMP, 2016: PROCESSO Nº237248). Vai assim de encontro às diretrizes do restauro científico de Camilo Boito, referido na Carta de Veneza (1964) quando a mesma salienta a defesa por «uma conciliação ou harmonia arquitectónica (continuidade) e terá que acusar a data de intervenção (modernidade)» (ICOMOS, 1964:3).

A divisão do espaço da casa entre espaço de receção e espaço privado, que ganha especial ênfase entre o século XIX e o séc.XX, presente, por exemplo, na Casa Atelier Marques da Silva, contruída no início do séc.XX , mantém-se atual em projetos recentes ou em desenvolvimento: se o volume primitivo da casa assume a função privada da habitação «O volume da nova construção destinada à ampliação da habitação, contempla áreas mais públicas da casa constituída por átrio de entrada, cozinha, sala e apoio da piscina» **(figs.49, 50 e 51)** (CMP, 2016: PROCESSO Nº237248), inserido «perpendicularmente ao edifício existente e é composto por dois pisos, estendendo-se para nascente acompanhando e relacionando-se a várias cotas com os socalcos existentes terreno» (CMP, 2016: PROCESSO Nº237248).

Figuras 49, 50 e 51. *Sala de Estar e Cozinha no Novo Volume construído,*
Fonte: fotos de autoria própria (07/09/2022).

Adriana Floret, na entrevista realizada para este trabalho reflete que:

> *Quando visitamos o terreno, o terreno era especial porque tinha aquela envolvência toda com a vegetação* (Entrevista Arq.Adriana Floret, minuto 20:19-minuto 20:29).

Este novo volume da casa vai de encontro à paisagem típica de Massarelos marcada pela divisão em socalcos, motivo de uma produção agrícola centenária na área. Entre o espaço externo e o espaço interno deste novo volume da casa existe uma interessante relação simbiótica ao nível de organização de espaços, uma vez que internamente, este novo volume da casa, é inspirado no terreno de socalcos que predomina, tanto na área de implantação da casa, como em toda a área circundante. Assim, na sua construção «O pavimento térreo ao nível do piso 0 deste edifício

apresenta duas zonas a cotas distintas com 40m de desnível entre si» **(fig.52)** (CMP, 2016: PROCESSO Nº237248).

Figura 52. *Casa do Gólgota,* Fonte: TAVARES, Ivo, disponível em: https://www.ivotavares.net/golgota-floret-arquitectura-no-porto/#jp-carousel-61783 (último acesso a 09/09).

É ainda possível estabelecer uma relação entre o novo volume da casa, que se 'espalha' pelos socalcos do terreno para ampliação do espaço interno, e a Casa Atelier Marques da Silva (visitada a 06 de novembro de 2021): para a criação da casa da família, Marques da Silva, aproveitou o espaço pouco-nobre do lote (lote regular de 6m) para alongar a casa na área do logradouro **(figs. 53 e 54).**

Existe um outro ponto comum entre estas arquiteturas: se por um lado a Casa na Rua do Gólgota tem o novo volume a consumir parte do logradouro e todo ele em vidro para captar a paisagem do rio Douro e espaços verdes, esta nobilitação tinha já sido realizada na Casa-Atelier Marques da Silva uma vez que o arquiteto direcionou todos os vãos da habitação para o Palacete Pinto Leite e logradouro, pautado de várias espécies de camélias, o que prolonga e valoriza o espaço da casa **(figs. 55 e 56).**

Figuras 53 e 54. *Casa Atelier Marques da Silva e a sua inserção no terreno* Fonte: fotos de autor (05/11/2021).

Figura 55. *implantação da Casa Atelier Marques da Silva*, Fonte: Captura de ecrã na plataforma *Google Maps* (09/09/2022).

Figura 56. *implantação da Casa nº90 da Rua do Gólgota*, Fonte: Captura de ecrã na plataforma *Google Maps* (09/09/2022).

Opta-se por materiais de construção «mais brutos, mais naturais» **(figs.57,58 e 59)** (minuto 21:09-minuto 21:11) como madeira, aço, vidro, betão para desenvolvimento deste projeto, materiais estes com um grande sentido de compromisso focado na compatibilidade, e reversibilidade, com a primitiva arquitetura de valor patrimonial e histórico.

Figuras 57, 58 e 59. *Materiais na Casa: betão, vidro, pedra e madeira*, Fonte: fotos de autor ia própria (07/09/2022).

Com similaridades ao caso da intervenção arquitetónica no Mosteiro de São Bento da Vitória «a intervenção procurou não afetar o património por meio do uso da estrutura metálica, que surge como garantia de reversibilidade futura» (SOARES, 2021: 144) ou ainda na necessidade de criação de um espaço muito iluminado na casa «com muitos vidros, sem dúvida que tivemos muita inspiração nos projetos de Carlos Castanheira, de que gostamos bastante» (Entrevista Arq. Adriana Floret, minuto 21:56-minuto 22:03), **(figs.60 e 61)** fazendo com que «o jardim entrasse dentro de casa com esse envidraçado todo» (Entrevista Arq. Adriana Floret, minuto 23:15-minuto 23:18).

Figura 60. *Estrutura construída com profusão de vidro*, Fonte: foto de autor (07/09/2022).

Figura 61. *Adropeixe House,* Fonte: CASTANHEIRA, Carlos (2005-2008), disponível em: https://www.carloscastanheira.pt/project/adpropeixe-house/# (último acesso a 09/09/2022).

A construção deste novo corpo arquitetónico- dedicada às áreas de receção da casa- é assim pensada de acordo com «o respeito pelos princípios ditados pelas Cartas e Recomendações Internacionais, nomeadamente a Reversibilidade, a Compatibilidade e a baixa Intrusividade das soluções» (CMP, 2016: PROCESSO Nº237248), ideias já amplamente incentivadas por Camillo Boito ou pela Carta de Cracóvia que defende, veemente o sentido da reversibilidade. No processo de intervenção mais recente, que data de 2020, «Verificou-se em obra existir um vão encerrado nesta fachada. Por este motivo, optou-se por abrir este mesmo vão em vez daquele proposto mais à esquerda, onde se inseriu em alternativa o lavatório por questões de melhoria de organização deste espaço» (CMP, 2020: PROCESSO Nº34147). Esta citação volta a ressalvar, neste processo, o grande respeito pela pré-existência materializada pelo gabinete da arquiteta Adriana Floret, dado que estava projetada a abertura de um vão no Alçado Nascente, realidade que veio a ser retificada depois de, em obra, ter sido descoberto um a pré-existente.

Na seleção de materiais há a destacar, em especial, a utilização de madeira de pinho, tanto nas paredes como ao nível das janelas e estrutura, sendo que este material não é ocasional e merece uma outra análise. Nos dois corpos arquitetónicos da casa o material madeira permite estabelecer uma ponte com estruturas tradicionais das casas do Porto: à semelhança das típicas casas da cidade, a estrutura de vigamentos de madeira estão expostos e, embora nesta casa os a estrutura em madeira esteja tratada e nas casas mais antigas da cidade os troncos estarem presentes numa condição natural e sem tratamento, esta é mas uma pré-existência que poderá ter sido mantida numa tentativa de estabelecimento de relação direta à arquitetura típica da cidade onde a casa se insere **(figs.62 e 63)** .

Figuras 62 e 63. *Estrutura em madeira visível,* Fonte: fotos de autoria própria (07/09/2022).

A madeira é «o material mais utilizado na construção de edifícios» isto porque «entre outras qualidades, a madeira era o único material (além do ferro) com capacidade para funcionar à tracção, era fácil de transportar e de trabalhar, existindo com alguma abundância por todo país. As construções de madeira, relativamente às de alvenaria de pedra, apresentam a vantagem de serem mais deformáveis, ligeiras e económicas» (TEIXEIRA, 2004: 53). A partir do séc.XV os grandes fornecedores do material para a cidade passam a ser Dantzig e Riga por fornecerem uma «madeira de qualidade»(TEIXEIRA, 2004: 54).Dentro das tipologias eleitas para a construção de habitação- para além de em alguns casos o carvalho ou o castanho- é a madeira de pinho que é predominante: « o pinho de Riga, para o vigamento dos sobrados e a estrutura das coberturas; o pinho nacional para as estruturas e revestimentos dos tabiques, soalhos e caixilharias exteriores e interiores» (TEIXEIRA, 2004: 54). A aplicação em grande escala da madeira de Pinho é explicada pelo caráter económico que abarcava: enquanto em casos mais endinheirados era a madeira de castanho ou de mogno (OLIVEIRA, 2013: 97) que prevalecia, em casos de posses mais reduzidas era o «pinho da terra» (TEIXEIRA, 2004: 146) o que era mais amplamente utilizado.

Esta escolha de material permite desde logo formar uma possibilidade que poderia auxiliar ao entendimento do possível percurso desta casa: não é referido no projeto que tipo de madeira existia nos espaços internos quando a mesma foi encontrada em ruína. No entanto, e tendo por base o respeito pela pré-existência que este projeto de reabilitação demonstra ao longo das várias etapas, nesta casa poderia prevalecer a existência de madeira de pinho. Sendo este um material menos nobre dentro das categorias das madeiras, isto poderia significar que a o/os proprietário/s eram realmente de posses não muito abastadas, o que corrobora a hipótese acima levantada de uma casa de lavoura nobilitada *à posteriori* por uma família de posses.

Em termos construtivos destaca-se, ainda, a presença de paredes de alvenaria, o que move «a utilização de materiais e técnicas tradicionais, de forma garantir a preservação da identidade do edifício» (CMP, 2016: PROCESSO Nº237248) através, por exemplo, da «Execução de novas paredes em alvenaria de pedra conforme as pré-existências» (CMP, 2016: PROCESSO Nº237248). Não são conhecidas cores pré-existentes da casa, mas mesmo em ruína a casa assumia um tom terroso e passa a aproximar-se, nesta reabilitação, do tom «sangue-de-boi» (CMP, 2016: PROCESSO Nº237248), elemento identitário já que esta é cor típica das casas da cidade portuense **(fig.64).** A fachada de rua, sem aberturas, materializar a ideia de uma casa que se fecha para a área privada da casa o que estabelece uma relação com as típicas casas de trabalho agrícola, também presentes na zona.

Figuras 64. *Fachada principal da casa com tom vermelho, aproximado ao 'sangue-de-boi' e com ausência de abertura ,* Fonte: fotos de autoria própria (07/09/2022).

No ano 2020 um novo processo relacionado com o imóvel faz-nos olhar para o caráter histórico desta casa através, em primeiro lugar, da cobertura do mesmo. A cobertura da casa em «telha cerâmica» (CMP, 2016: PROCESSO Nº237248) reveste um telhado de quatro águas, telhado típico da cidade do Porto já que «os telhados de duas águas exigirem mais pedra na sua construção, tornando-se mais dispendiosos do que os telhados de quatro águas, que, por exigirem mais madeira, eram mais fáceis de executar e mais baratos» (TEIXEIRA, 2004: 42).

Em 2020 a estrutura de cobertura mereceu novamente atenção: «Esta alteração deveu-se a uma pormenorização mais detalhada do telhado, de forma a manter o desenho do telhado o mais próximo possível do original», uma vez que «na fachada principal ele tinha um desenho que fazia umas curvas e fomos estudar dentro dos tipos de fachada que tipos de cobertura tinham aquela forma» (Entrevista Arq. Adriana Floret, minuto 15:01-minuto 15:24).

«Foi realizada uma pesquisa de prédios com coberturas de desenho semelhante na cidade do Porto, sendo possível concluir que o elemento decorativo das fachadas poderá ser independente da cobertura» (CMP, 2020: PROCESSO Nº34147). Esta pesquisa e trabalho de alteração foi realizado «ao nível do 3º andar com elevação das águas laterais» (CMP, 2020: PROCESSO Nº34147) e mais uma vez o destaque vai para o respeito e compromisso pela valorização da pré-existência tendo, a autora do projeto Adriana Floret, realizado uma inventariação de estruturas de cobertura para aproximação a este caso de estudo com vista a torná-lo ainda mais próximo daquilo que poderá ter assumido, formalmente, em outras épocas. Por outro lado, há ainda a destacar um grande sentido de novidade presente na cobertura da habitação: a criação de um terraço vista rio com acesso exclusivo a partir da biblioteca no último piso da habitação **(figs.65 e 66)**.

Figuras 65 e 66. *Terraço no último piso da habitação e vista respetiva,* Fonte: fotos de autoria prórpia (07/09/2022).

Externamente o projeto opta por incentivar «todo o respeito pelo conceito de preservação da paisagem tradicional dos jardins do Porto» através da demolição de anexos que existiam no logradouro da propriedade (no espaço de logradouro desta casa, já no final do séc.XX, foram construídas ilhas, realidade muito presente pós-25 de Abril de 1974 com a realidade dos retornados) e da preservação de espécies naturais, escadas e muros pré-existentes da propriedade, tal como refere a citação seguinte: «a equipa projetista sugere a reconstrução deste muro limítrofe» (CMP, 2016: PROCESSO

Nº237248). Quando a casa é adquirida, ainda em ruína, pelo atual proprietário existiam espécies florais nos jardins da propriedade onde se relevam a espécie da japoneira já que as «japoneiras espécie tradicionalmente usada pela burguesia romântica do Porto Oitocentista» (PINTO, 2014: 34). A sensibilidade de preservação e manutenção dos valores excecionais da propriedade materializam a ideia convocada por Françoise Choay do:

> *(…) respeito absoluto pelo contexto edificado, com um valor memorial onde ela (arquitetura) é chamada a inserir-se, e condenava formalmente as demolições evitáveis.* (CHOAY, 1999:6).

Houve, mais uma vez, um grande sentido de preservação das estruturas de memória de anteriores 'vidas' através da consolidação de muros de pedra existentes, como também a cópia de elementos originais presentes no exterior da casa, e que pontuam toda a paisagem de Massarelos: motivado por um terreno acidentado e em socalcos tornam-se essenciais estruturas como escadas, estruturas hoje com um valor excecional pelo valor de comunidade e de lugar que lhes está latente. No nº90 do Gólgota, não só serão preservadas as estruturas de escadas existentes como serão replicadas «novas escadas térreas em pedra» (CMP, 2016: PROCESSO Nº237248) **(figs. 67 e 68).**

Figura 67 e 68. *Estruturas de escadas em pedra*, Fonte: fotos de autoria própria (07/09/2022).

Na casa estão também preservadas estruturas pétreas que, pelas formas apresentadas, parecem ter sido deslocadas para a habitação **(figs.69,70, 71, 72 e 73).** No entanto não sendo possível corroborar esta ideia, é importante levantar a questão.

Figuras 69, 70 e 71. *Estruturas de poço, banco e estruturas pétreas pré-existentes preservadas,* Fonte: fotos de autor (07/09/2022).

Figuras 72 e 73. *Muros em pedra originais e espécies naturais preservadas,* Fonte: fotos de autoria própria (07/09/2022).

Esta preservação de estruturas de memória permitem fazer uma ponte com um outro edifício localizado nas encostas de Massarelos: o Palacete Silva Monteiro. Hoje é sede da Comissão de Viticultura da Região dos Vinhos Verdes, no entanto esta casa foi lugar de habitação de Silva Monteiro, um português regressado do Brasil onde criou uma empresa de importação com o irmão, e fez fortuna. Se na Casa da Rua do Gólgota o valor de memória está presente nas escadarias em pedra e na fauna e flora preservadas no exterior da casa, no Palacete Silva Monteiro este valor é hoje ainda muito visível por toda a casa: na estrutura da claraboia existem molduras com representações do Rio de Janeiro, Massarelos e Lisboa e símbolos de comércio, agricultura, ciência e riqueza. Na sala de jantar estão trabalhos decorativos da autoria de Le Favre (pintor francês) que terá conhecido, trocado contactos na sua viagem e convidado a vir pintar zonas da sua habitação particular **(figs. 74, 75, 76 e 77).**

Figuras 74, 75, 76 e 77. *elementos da vida de Silva Monteiro no Palacete Silva Monteiro, Fonte*: fotos de autoria própria (03/07/2022).

O espaço externo é completo em «3 socalcos voltados a nascente (CMP, 2016: PROCESSO Nº237248) e completa este espaço zonas de espaço vedes, uma piscina mas também espaço para estacionamento materializado através de «um coberto solto no terreno com lugar para duas viaturas» (CMP, 2016: PROCESSO Nº237248). No entanto a construção desta cobertura não se veio a verificar por «opção dos donos de obra de libertar este espaço para permitir maior facilidade de manobra, tal como o estacionamento de maior número de carros, algo que estaria limitado com a construção desta cobertura e respetiva estrutura» (CMP, 2020: PROCESSO Nº34147). Se a casa contava já com uma entrada que dava acesso ao espaço exterior da mesma, «foi necessário propor uma nova abertura no muro existente contíguo à ruína (Travessa do Gólgota). Esta nova abertura servirá tanto a entrada de veículos como a entrada pedonal» (CMP, 2016: PROCESSO Nº237248) **(fig.78)** . Estes são, mais uma vez, reflexos

de novas formas de adequação de um bem de caráter histórico e patrimonial, reflexo de uma outra época, às necessidades atuais dos proprietários da casa.

Figura 78. *Casa do Gólgota*, Fonte: TAVARES, Ivo, disponível em: https://www.ivotavares.net/golgota-floret-arquitectura-no-porto/#jp-carousel-61798 (último acesso a 09/09).

A criação e idealização da piscina **(figs.79 e 80),** localizada no terceiro socalco exterior da casa, tem particularidades que permitem e merecem alguma atenção:

> *em betão armado para materialização da piscina semi-enterrada, ficando encostada ao terreno apenas numa das suas faces. Esta piscina tem a particularidade de ter apenas terra de um dos seus lados* (CMP, 2016: PROCESSO Nº237248).

Figuras 79 e 80. *Estrutura e implantação da piscina,* Fonte: fotos de autoria própria (09/09/2022).

Tal como refere a citação acima destacada esta é uma piscina que apesar de se «assumir como elemento novo nos socalcos, não tentamos pô-la enterrada, tentamos mostrar como um volume novo e foi como que pousada no socalco» (Entrevista Arq. Adriana Floret, minuto 23:23- minuto 23: 49), inserindo-se completamente na paisagem não sendo um corpo dissonante na mesma. Pela projeção desenvolvida de inclusão desta estrutura num dos socalcos, ficando ao nível do piso deste mesmo patamar onde se insere, funciona como um 'espelho de água' incluído na paisagem natural da área de

implantação da casa. Permite pensar o espaço, o lugar, a casa como algo transcendente, que não se limita a explorar a arquitetura. Explora a relação silenciosa, mas forte, dos elementos naturais que marcam o espaço interno, e externo, da casa com a sua envolvente, criando fios condutores que transcendem o espaço físico **(figs. 81 e 82)**: a água está presente tanto na piscina como no Rio Douro que demarca a paisagem; os socalcos onde se insere comunicam com estruturas semelhantes preservadas na área; as espécies naturais preservadas comunicam com espaços verdejantes que ainda hoje marcam o lugar e com a cor verde da pastilha da piscina. Permite pensar o espaço, o lugar, a casa como:

> *"património atmosférico", isto é, de um "património metafísico", feito de vibrações, de sons, de ar e cheiros, de sensações* (PEREIRA, 2020: 18).

Figuras 81 e 82. *Relação da piscina com a paisagem natural circundante,* Fonte: fotos de autoria própria(09/09/2022).

10.3 O caso de estudo da casa na Rua de Cedofeita

O segundo caso de estudo que move o presente trabalho situa-se na Rua de Cedofeita, da cidade do Porto, com o número de polícia 334.

O nome Cedofeita reflete desde logo informações de relevo, uma vez que:

> *O significado do topónimo, de raízes latinas -Cito-facta-tem sido controvertido. Enquanto uns, numa etimologia por demais simplista - «feita cedo» -pretendem provar aquela vetusta e suposta origem, outros, mais correctamente o traduzem por «feita apressadamente», ou, como queria Herculano, «feita recentemente»* (FREITAS, 1999: 99).

Mas nem sempre a Rua de Cedofeita teve esta designação dado que há documentação referente a esta zona que se refere como Rua da Estrada no ano de 1777; em 1781 há indicações da zona referida como Rua Direita de Cedofeita.

Os primeiros dados referentes a esta zona datam em «dois documentos do ano de 1120: uma bula do Papa Calisto II e a doação da rainha D. Teresa ao bispo D. Hugo» (FREITAS, 1999: 99). Outros dados de relevo da zona, do séc.XVI, destacam o lugar como sendo «ainda lugar campestre, e tão ermo e afastado da cidade, que os cónegos da Colegiada pediam ao bispo que os mudasse para a Vitória, para o lugar onde pouco depois se construiu o mosteiro dos frades bentos» (FREITAS, 1999: 100).

No entanto esta zona viria a urbanizar-se, inicialmente, através de uma «provisão régia que autorizou o aforamento do referido campo da Corredoura, junto à Torrinha (…)No século passado continuou o seu desenvolvimento citadino pelo aforamento de rústicos casais o da Cruz (…), o do Coxo, o do Ribeiro, o da Torrinha e outros que foram origem das transversais, como se verá. A chamada Planta Redonda, de Balck (1813) mostra já o troço de Cedofeita até à Rua da Boavista, quase todo ladeado de casario» **(figs.83 e 84)** (FREITAS, 1999: 100).

Figura 83. *Planta Redonda do Porto de George Balck* (1813), Fonte: Câmara Municipal do Porto disponível em: https://artsandculture.google.com/asset/round-map-of-porto-by-george-balck-george-balck-arquivo-hist%C3%B3rico-da-casa-do-infante/6AHTkNEL_5Eang?hl=pt (último acesso a 09/09/2022).

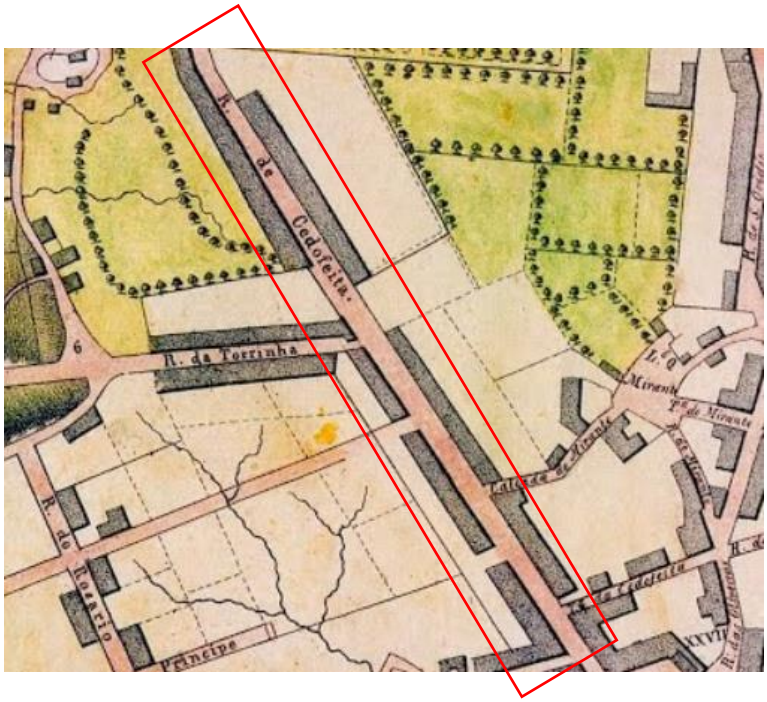


Figura 84. *Captura de Ecrã Troço Cedofeita na Planta Redonda do Porto de George Balck* (1813), Fonte: Câmara Municipal do Porto, disponível em: https://artsandculture.google.com/asset/round-map-of-porto-by-george-balck-george-balck-arquivo-hist%C3%B3rico-da-casa-do-infante/6AHTkNEL_5Eang?hl=pt (último acesso a 09/09/2022).

O seu desenvolvimento e urbanização crescente ditou que esta se tornasse numa zona estratégico na, e da, cidade do Porto:

> *A rua de Cedofeita corresponde à antiga estrada de ligação da cidade do Porto com os principais aglomerados urbanos do noroeste litoral português, como Vila do Conde ou Viana do Castelo, num percurso que partia do Olival, pertencente à antiga muralha gótica do século XIV* (PINTO, 2014: 14).

Sendo esta estrada de Cedofeita um ponto crucial de passagem para outras cidades do norte do território português é justificável que já durante o «processo de expansão e de consolidação urbana, ao longo da segunda metade do século XVIII, transformou essa velha estrada numa rua ordenada, rectificada e quase alinhada» (PINTO, 2014: 14) por ordem da Junta de Obras Públicas e tendo em vista a resolução de «problemas urbanos decorrentes do crescimento demográfico e da falta de controlo adequado sobre a nova construção» (PINTO, 2014: 14). Para esta rua,

> *Teodoro de Sousa Maldonado esboçou (…) em 1795, revelam o intuito da Junta de Obras Públicas em propor (à burguesia portuense) residência em construções parecidas com os palácios da nobreza iluminada, tanto na escala urbana como na composição* (PINTO, 2014: 14).

Socialmente esta era uma zona de igual destaque da cidade, amplamente habitada por pessoas de posses assumidas, uma vez que «aqui, o trabalho e o comércio ascendem ao nível da nobreza, e há nomes que figuram na tabuleta de casas comerciais, que valem títulos nobiliárquicos, à semelhança do que acontecia nas cidades burguesas do Norte da Europa, das ligas hanseaticas, da Holanda, da Flandres» (OLIVEIRA, 1994: 326). Desde negociadores, passando por «comerciantes capitalistas,

como Alfredo Pessanha (no n.o 333), ou Joaquim Ferreira dos Santos Maia (no n.º 995); por brasileiros de torna-viagem como o Visconde de Barreiros (no n.° 365); ou por uma nova aristocracia com posses, como a Baronesa do Seixo (no n.o 361)» (PINTO, 2014:11), pessoas de poder habitam esta rua «numa configuração em faixa que combinava uma arquitectura parcialmente formalizada pela Junta de Obras Públicas, com algumas criações de gosto romântico e filiação liberal» (PINTO, 2014: 10). Fruto deste processo de redefinição urbana e arquitetónica da área surgem problemas e atrasos que ficaram registados: por exemplo, relacionados com os números de polícia das habitações já que, «em meados da década de 50 do século XIX, o profundo lote (...) ainda não tinha sequer número de polícia atribuído» (PINTO, 2014: 12). A verdade é que este problema arrastar-se-ia no tempo e o problema é novamente referido em 1877: «Morada de vários de casas sita com os nº320 a 322 na Rua e freguesia de Cedofeita tem (áreas) prontas mas a do centro não tem nº de polícia» (ACRPP: *Inscrições- Averbamentos- Anotações* Nº1549/20031226, pág.3).

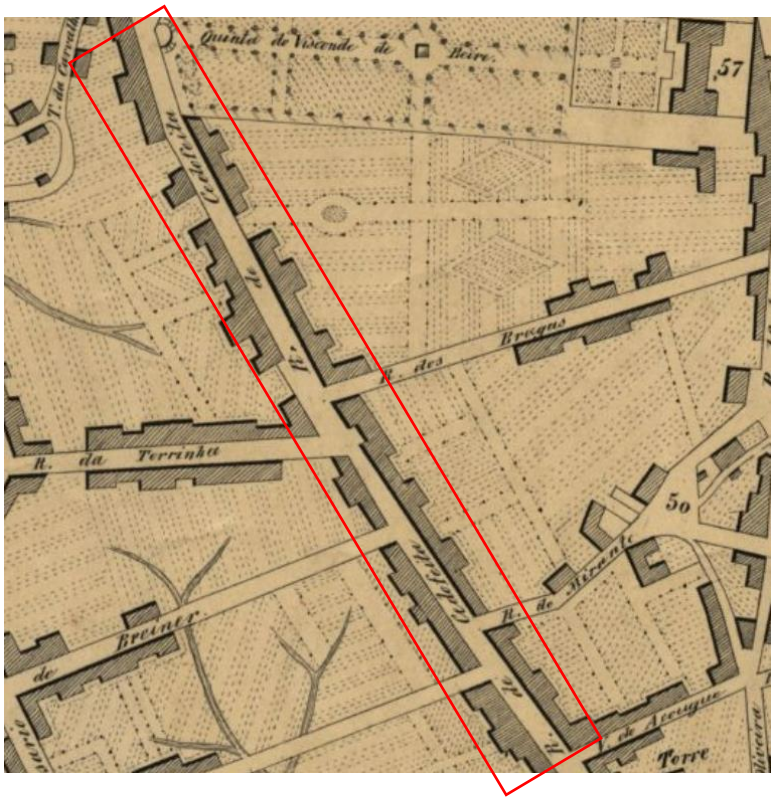
Pode destacar-se, do lado norte da rua, neste ambiente de alta esfera da sociedade a existência, do renomeado Colégio Six - muitos dos seus reconhecidos professores habitavam exatamente esta mesma rua- que era ««frequentado pelos rapazes das primeiras famílias do Porto», como os Vanzellers, os Kopke ou os Garrett, o qual «timbrava em ter um corpo docente dos melhores professores, e do (...) collegio sahiram homens notaveis em variadas carreiras scientificas e commerciaes» (PINTO, 2014: 12).

Em 1877 sabemos, especificamente, já, a localização desta casa:

> *(…) do norte com José Alves Canedo Bastos, nascente com a Quinta dos Bragas, e pelo poente a rua de Cedofeita. (É de natureza) do praso do domínio (direto) do Priorado de Cedofeita* (ACRPP: *Descripção predial e Averbamento*- B.582.15, pág.2).

É neste ambiente que se localiza a casa em estudo com o nº334, sendo que a primeira documentação existente relacionada com a casa data de 25 de janeiro de 1877, quando este número foi vendido a Domingos Francisco da Silva «que se mostra ter

comprado pela quantia de dois contos de reis a José João Martins de Pinho e mulher D. Isabel Labourdounay Gonçalves Roque de Pinho, proprietários, residentes na cidade do Rio de Janeiro, cidade do Brasil, representados para este (fim) por seu procurador Domingos da Silva Balthasar» (ACRPP: *Descripção predial e Averbamento*- B.582.15, pág.1). No entanto a documentação data já dos anos 70 do séc.XIX, e sabemos que a sua construção é anterior, não só porque estava já a ser vendida a um novo proprietário, mas também, porque, em 1813, na planta de George Balck dedicada à cidade do Porto a estrada de Cedofeita estava já pontuada por construções na área onde se localiza a residência. Posteriormente, e já em 1865, a planta de Perry Vidal **(figs.85 e 86)** corrobora, mais uma vez, a existência, e manutenção, da edificação no lote do nº334 da rua de Cedofeita.



Figuras 85 e 86. *Planta da Cidade do Porto de Perry Vidal* (acima) e Captura de Ecrã Troço Cedofeita na *Planta do Porto de Perry Vidal* (1865), Fonte: Biblioteca Nacional de Portugal disponível em: https://purl.pt/3556/3/ (último acesso a 09/09/2022).

Não se conhece o ano de construção desta habitação, mas podendo ser ou de inícios do séc.XIX ou finais do séc.XVIII, esta poderá ser fruto da renovação arquitetónica e urbanística levada a cabo pela Junta de Obras Públicas naquela zona da cidade em finais do séc.XVIII.

A casa em estudo esteve sempre, e desde cedo, envolvida em processos variados de vendas e aquisições e logo nos anos de 1887e 1888 é alvo de dois processos de aquisição por António Ribeiro e Vicente Tavares, respetivamente.

No ano de 1889 está nas mãos de António de Ribeiro, depois de adquirida a «António Joaquim dos Santoz, banheiro e sua mulher Maria Marques, moradores na Rua da Senhora da Luz, freguesia de S. João da Foz do Douro» (ACRPP, 1889: PROCESSO Nº15513) referido, em documentação do Arquivo da Conservatória do Registo Predial do Porto como «empregado municipal» (ACRPP: *Descripção predial e Averbamento*-B.582.15, pág.2).

No ano de 1898 a descrição presente no Arquivo da Conservatória do Registo Predial do Porto viria já corroborar a morfologia e arquitetura que a casa nº334 assume em 1892 na Planta da cidade do Porto de Telles Ferreira, analisada empiricamente: «descreve como sendo uma morada de casas de dois andares com os nºs 334 e 336 e 338, com seu quintal poço de meiação e mais hertenças» (ACRPP: *Descripção predial e Averbamento*- B.582.15, pág.2). A expressão «mais hertenças» é importante e merece algum cuidado no tratamento porque nos permite analisar, também, a parte tardoz da habitação: À data de 1892, **figs.87 e 88,** através da consulta do mapa da cidade do Porto da autoria de Telles Ferreira, ficamos a saber de uma construção, no final do espaço do logradouro, de reduzidas proporções que poderia, por exemplo, servir como área de serviço do espaço do jardim.

Figuras 87 e 88. *Planta da Cidade do Porto de Telles Ferreira Capturas de Ecrã Troço Cedofeita* (1892), Fonte: CMP, disponível em: https://mapas.cm-porto.pt/ (último acesso a 09/09/2022).

Figura 89. *Fachada Tardoz da habitação,* Fonte: foto de autoria própria (19/10/2021).

Hoje, a fachada tardoz, na **figura 89**, reflete uma realidade resultante da passagem pelos tempos: não existe a possibilidade de entendimento e análise da fachada original, dado que a parte a tardoz da casa foi ampliada para criação de mais espaço de habitação e hoje, o que conseguimos ver é uma marquise contínua em chapa, madeira e vidro. No entanto a fachada a tardoz, por norma, materializa-se com um trabalho menos cuidadoso ao nível do seu tratamento formal, o que poderá ser caso desta habitação em estudo. Ao nível do primeiro piso podemos imaginar a profusão de janelas de batente que existiriam e que, por meio de uma escadaria, davam acesso direto ao espaço do logradouro.

Esta estrutura de escadas assume-se como uma possível pré-existência porque, na planta de Telles Ferreira, datada de 1892 da cidade do Porto, é já representada como meio de ligação do primeiro piso ao espaço do logradouro, logradouro este que se apresenta nesta data como um jardim de formas proeminentes: as formas assumidas pelo jardim nos finais do séc.XIX bem ao gosto de jardins franceses vem, mais uma vez, corroborar a ideia de que esta era casa pertenceria a pessoas de posses na cidade, fazendo jus aos seus gostos e necessidades. No ano de 1865 Emílio David realizava, no Palácio de Cristal da cidade do Porto- para a Exposição Internacional- jardins com caráter muito semelhante aos presentes na habitação: geometria bem demarcada, mas com outra magnitude pelo espaço disponível no Palácio onde se incluíram também estátuas

alusivas às estações do ano. No entanto esta poderia ter sido uma referência/inspiração para a replicação nos jardins da casa **(figs.91 e 92).**

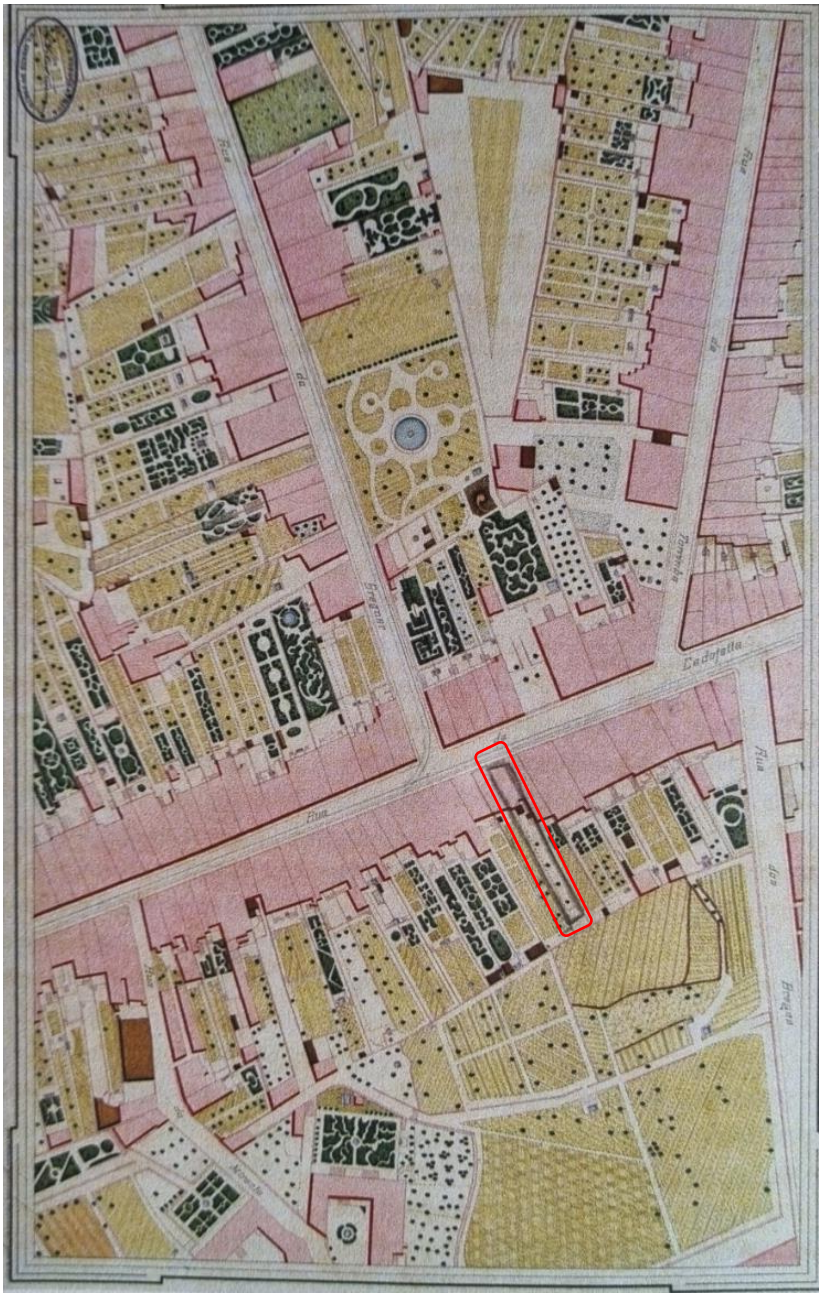


Figura 90. *A localização do caso de estudo localizado na Rua de Cedofeita,* Fonte: PINTO, Jorge Ricardo (2014), *O 285 da Rua de Cedofeita*, pág.28.

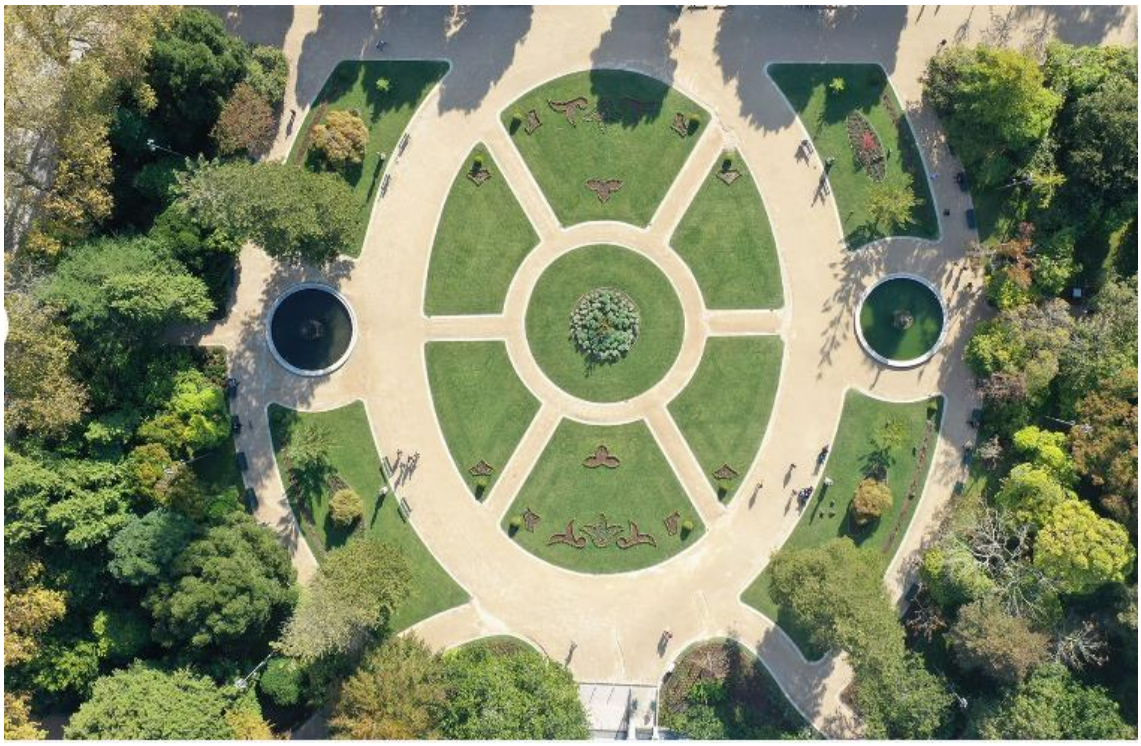


Figura 91. *Jardim Emílio David- Jardins do Palácio de Cristal* (2018), Fonte: CMP, disponível em: https://www.goporto.pt/portefolio/jardim-emilio-david-jardins-do-palacio-de-cristal (último acesso a 06/09/2022).

Figura 92. *Captura de Ecrã Planta da Cidade do Porto de Telles Ferreira* (1892), Fonte: CMP, disponível em: https://mapas.cm-porto.pt/ (último acesso a 09/09/2022).

O que persiste, também, nesta fachada tardoz como elemento pré-existente é a presença de «pequenos volumes (…) em toda a altura do edifício, onde aparecem

pequenas frestas de iluminação e ventilação dos W. C» (PIRES, 2000: 107), inovação à época uma vez que é apenas «A partir dos anos 70 (que se) inicia o processo de instalação das redes públicas de abastecimento de água (1873) e saneamento (1896), cujo objectivo principal era melhorar as péssimas condições de saúde pública» (TEIXEIRA, 2004: 22).

Nesta fachada tardoz vemos ainda o aproveitamento do vão do telhado- que não é, no entanto, replicado na fachada principal-, iluminado por uma janela isolada e de pequenas dimensões, para espaço de sótão da habitação, podendo refletir, uma realidade típica da cidade: «para o alojamento dos criados e arrumações» (FERREIRA, 2018:329) **(fig.93)** :

> *Nas casas com telhados de duas águas, o vão do telhado é sempre aproveitado para sótãos, em forma de gable, com empenas para os lados, como solução de mais um andar que não implica aumento da altura das paredes principais, mas apenas dos oitões; e esse sótão apresenta também uma grande variedade de soluções de iluminação: a mais vulgar é o simples postigo, que não altera a linha lisa do telhado, ou, quando tal é possível, uma janela ou até sacada na empena do sótão* (OLIVEIRA,1994: 351).

Figura 93. *Fachada tardoz e pormenor de vão no último piso da habitação,* Fonte: foto de autoria própria (19/10/2021).

Ressalva-se, no entanto, que «nas casas, antigas ou modestas, de fachada de tabique, esse beiral, como as varandas, assenta num entablamento de madeira, com os caibros à vista, geralmente com os topos arredondados», realidade hoje ainda materializada neste postigo do número 334 da Rua de Cedofeita e que «no século XVIII, à medida que as casas de pedra e cal se vão tornando mais frequentes e cuidadas, com molduras e ornatos de granito, vemos substituírem-se os velhos beirais de madeira por belos entablamentos de pedra» (OLIVEIRA,1994:350). Tendo em vista a readaptação da habitação a futura *guest-house*, esta casa terá uma fachada tardoz restruturada, onde, o caráter contemporâneo com aplicação de vidro, ferro e betão prevalecerá (contrariamente à fachada principal que será preservada) motivado por: «A fachada tardoz teria que ser nova porque o relatório de inspeção e estrutural foi claro (..) está muito degradada e a partir do momento que é substituída (…) faz sentido assumir uma linguagem mais contemporânea mas mantendo a lógica de intervenção nestas casas. Mantemos os elementos existentes em alvenaria de pedra, mais monolítico, mais pesado, que eram as estruturas das casas de banho» (Entrevista Arq. Joana Vasconcelos, minuto 42:00-minuto 43:40,). A arquiteta Joana Vasconcelos, acrescente ainda que:

> *nós temos uma fachada principal que é preservada, reabilitada (…) e depois a partir do momento que passamos a caixa de escada o edifico assume uma linguagem muito mais contemporânea porque o estado do edifício já se encontrava muito mais deteriorado. Essa gradação de intervenção da fachada principal para a fachada tardoz reflete o estado de conservação da casa* (Entrevista Arq. Joana Vasconcelos, minuto 45:41-46:12) **(figs.94 e 95).**

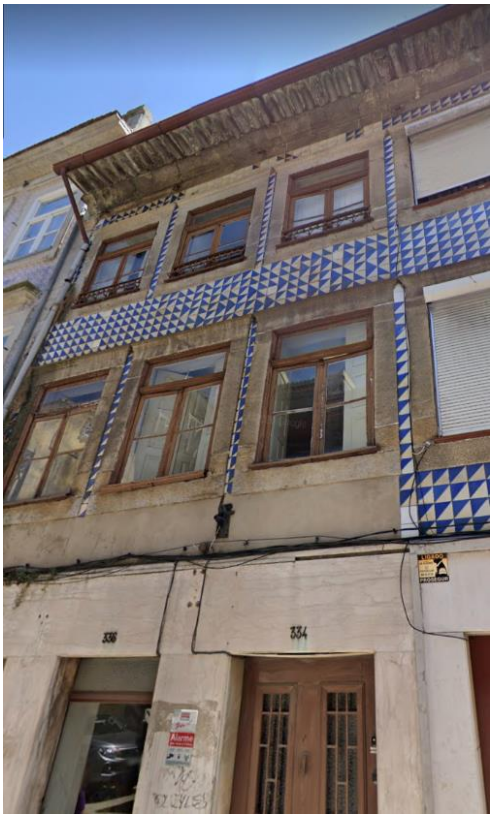


Figura 94. *fachada principal,* Fonte: foto de autoria própria (19/10/2021).

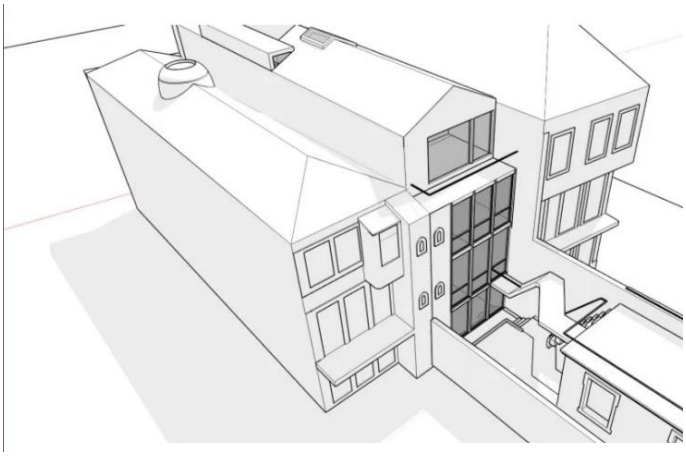


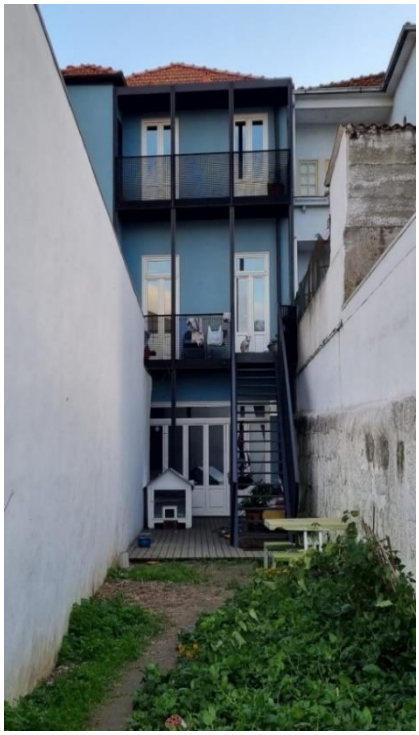
Figura 95. *Projeto de reabilitação da Casa Cedo-fachada tardoz,* Fonte: *Atelier in Vitro.*

Esta realidade permite criar uma ponte com a Casa Quelhas, em Lisboa, da autoria de Paulo Mendes da Rocha, onde a fachada tardoz é «completamente nova. Usamos as virtudes da técnica e do betão armado mais contemporâneas para preservar o que foi acordado preservar e fizemos uma construção absolutamente nova. A fachada existente, das mais peculiares, foi preservada, com os seus azulejos e recuperando o que havia para recuperar» (ROCHA, 2018: 87) **(figs.96 e 97).** Esta alteração de paradigma no tratamento da fachada tardoz não é caso único da habitação da Rua de Cedofeita ou do exemplo já referido Casa Quelhas. Na habitação nº142 da Rua da Torrinha, visitada a 26 de novembro de 2021, há a intervenção na fachada tardoz dotando-a de varandas de desenho contemporâneo no primeiro e segundo pisos o que permitiu, no caso do primeiro piso, aceder diretamente ao logradouro, facto que não acontecia

anteriormente (o acesso ao logradouro era exclusivo do piso térreo). Nesta fachada tardoz as portas- estreitas- mantém as larguras das primitivas janelas **(figs. 98 e 99)** .

Figura 96. Fachada principal-*Quelhas House* (fachada principal), Fonte: LOBO, Inês (2010-2017) https://www.ilobo.pt/Quelhas.html (última consulta a 06/09/2022).

Figura 97. Fachada a tardoz- *Quelhas House* (fachada tardoz), Fonte: LOBO, Inês (2010-2017) https://www.ilobo.pt/Quelhas.html (última consulta a 06/09/2022).



Figuras 98 e 99. *fachadas principal e tardoz da habitação nº142 Rua da Torrinha,* Fonte: fotos de autoria própria (26/11/2021).

Mas é entre o final do séc.XIX e início do séc.XX que é de grande importância monitorizar a evolução desta habitação, uma vez que nos anos vinte do séc.XX a casa sofrerá mudanças arquitetónicas- ao nível da funcionalidade- que alterarão definitivamente a morfologia da arquitetura.

É no ano de 1920 que esta casa sofreria grandes e profundas mudanças aquando da sua aquisição pelo proprietário Arnaldo Queiróz Mesquita a Maria Inocência de Pinho e Silva, depois de ter pertencido ao Priorado de Cedofeita, por «cinco mil seiscentoz escudos» (ACRPP, 1920: Nº3), que deixa de pertencer a esta entidade neste mesmo ano (AMCMP, 1920: COTA D-CMP/9(295)). O novo proprietário, morador na rua da Torrinha, é referido nos documentos como industrial (ACRPP: *Inscrições de Propriedade* Nº9922, pág.2), facto que veio a materializar-se nesta mesma habitação, já que:

> *Arnaldo Queiroz Mesquita (?) proprietário de uma Casa na Rua de Cedofeita, nº334, pretende (?) construir no quintal da vossa propriedade, um atelier para industria de malhas manual em harmonia com o projeto junto* (AMCMP, 1920: COTA D-CMP/9(295)) **(figs.100, 101 e 102).**

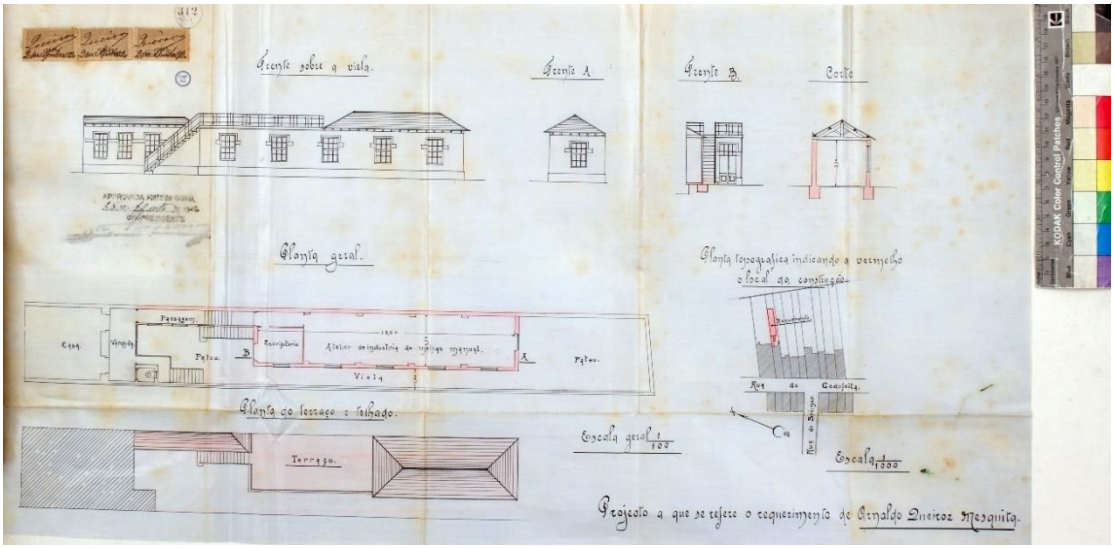


Figura 100. *Projeto de Atelier de Malhas* (1920), Fonte: AMCMP Processo nº658.

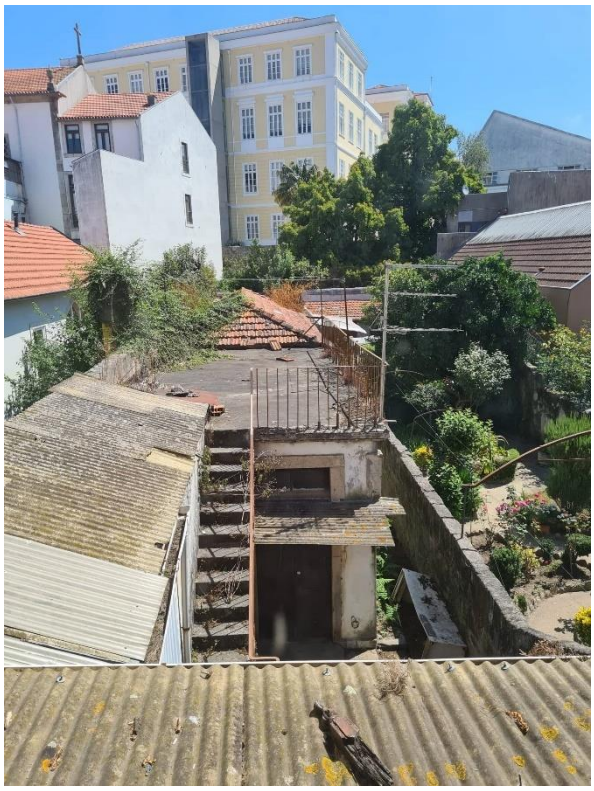


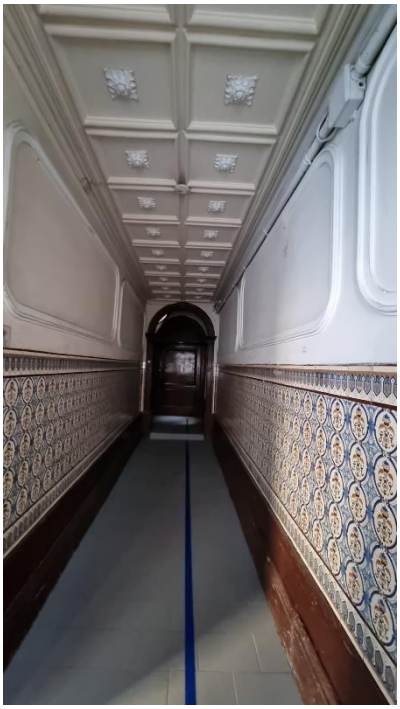
Figura 101. *logradouro com antigo atelier de malhas atualmente,* Fonte: SWARK.

Figura 102. *Interior do antigo atelier de malhas atualmente* Fonte: foto de autoria própria (19/10/2021).

A licença para construção deste atelier de malhas no espaço do logradouro da casa viria a ser aprovada no dia 28 de agosto de 1920, dois dias após a entrada do pedido de autorização para construção nos Paços do Concelho da cidade do Porto. Tal como já tinha sido referido acima, quando se aborda a localização da Rua/Estrada de Cedofeita, esta era localização de eleição de empresários, comerciantes e esta realidade vem assim a ser comprovada através da construção de um atelier dedicado às malhas, facto não ocasional, já que «As áreas de indústria fabril mais desenvolvidas na época eram a tecelagem e a fiação» (FERREIRA, 2017: 62).

O impacto na arquitetura, fruto da transformação do logradouro em atelier de produção têxtil, vai ser grande e refletir-se-á até ao nível da sua organização interna. Internamente, quando entramos na habitação pela porta da casa- dada a «existência sem excepção, de pelo menos duas portas: uma, da residência, e outra, da loja»

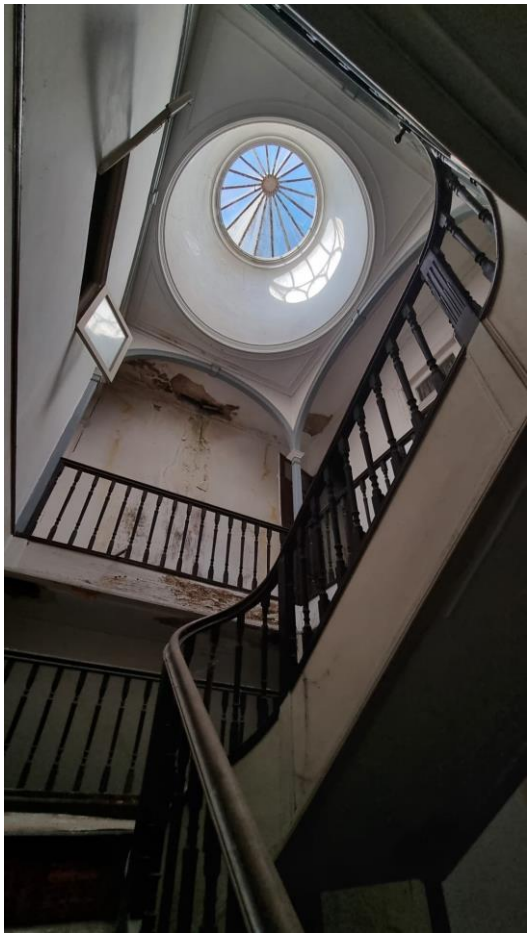
(OLIVEIRA, 1994: 319) -destaca-se um corredor decorado por painéis azulejares nas paredes laterais de motivos decorativos florais com policromias **(figs.103 e 104).**

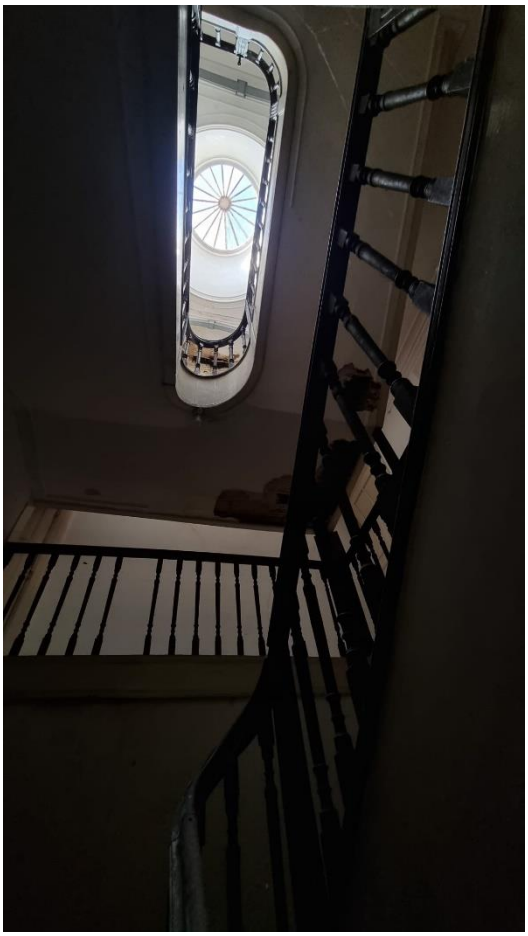


Figuras 103 e 104. *Vestíbulo da Casa de Cedofeita e pormenor dos azulejos,* Fonte: fotos de autoria própria (19/10/2021).

A verdade é que não são conhecida as plantas primitivas da casa mas sendo esta uma rua comercial e de comerciantes e empresários, por excelência, o acesso direto deste corredor privado da casa ao espaço do logradouro pode ser reflexo já do séc.XX quando Arnaldo Queiróz Mesquita manda edificar o atelier de malhas no logradouro. E este acesso é com grande probabilidade deste período porque, para além de não ser conhecida até este período a existência de outra atividade a ser desenvolvida no espaço verde da casa, a planta de Telles Ferreira demonstra-nos já que até ao final do séc.XIX prevalecia o espaço de um jardim e o acesso ao espaço externo fazia-se através de uma escadaria a tardoz, já demonstrada, também, na fonte cartográfica do mesmo autor, não se justificando outro acesso ao mesmo espaço. A escadaria que dá acesso à parte

mais privada da habitação valoriza e enobrece, através do elemento distribuidor da habitação, o espaço interno, mas não só **(figs.105 e 106).**





Figuras 105 e 106. *Caixa de Escadas da habitação,* Fonte: fotos de autor (19/10/2021)

A escadaria, e sobretudo o corrimão e respetivo término **(figs.107 e 108),** é reflexo das mudanças a que esta casa foi sendo sujeita ao longo do tempo dado que, se hoje é acessível através de uma porta, nem sempre o foi. Provavelmente, e fruto da necessidade de proteger o espaço mais privado do espaço de trabalho- e na altura de Arnaldo Queiróz Mesquita- vemos que o término do corrimão se estende para lá da parede e da porta entre rés-do- chão e escadaria.

Figuras 107 e 108. *pormenor do corrimão da caixa de escadas que se prolonga para lá da parede,* Fonte: fotos de autoria própria (19/10/2021).

O facto da estrutura do corrimão se prologar para lá da estrutura da parede é um elemento incontestável como esta casa teria acesso direto do corredor privado para a caixa de escadas da habitação, no entanto, e motivado pela mudança funcional a que será sujeito o logradouro, houve a necessidade de proteção do espaço mais íntimo através da criação de uma porta e parede – esta última em tabique- **(fig.109)**.

Figura 109. *tabique na parede rés-do-chão na habitação em Cedofeita, nº334,* Fonte: foto de autoria própria (19/10/2021).

Na técnica do tabique dos casos que nos parecem mais antigos, não se usa o fasquio: o sistema de construção aproxima-se talvez do Fachwerk dos países germânicos, Inglaterra e França, em que o tabique é feito por sectores compreendidos num esqueleto de madeira, com barrotes horizontais e a prumo, cortados por diagonais, e com os vãos cheios com cacos de barro e tijolos metidos na argamassa, por vezes à vista, dispostos decorativamente em espinha ou de outro modo (OLIVEIRA, 1994: 336).

Em documentação de venda desta habitação a Arnaldo Queiróz Mesquita, para além de sabermos a existência de um poço de meação, também é transmitido «que o predio tem paredes de meação» (ACRPP: *Inscrições de Propriedade* Nº9922, pág.2). Arquitetonicamente esta descrição revela-nos uma das características típicas das casas da cidade: com possibilidade de várias associações, a geminação por meação significa que «edifícios que tendo o telhado único se geminam pela meação, um com entradas laterais pelo logradouro e outro com as entradas encostadas à frente na fachada principal e cujos limites das duas habitações não se definem, claramente, na face exterior» (PIRES, 2000: 90). Esta habitação corrobora a citação do ACRPP uma vez que com esta mesma cobertura de telhado temos os nºs 334, 336 e 338 (estes dois últimos referentes à loja localizada no rés-do-chão do edifício) e ainda o nº332 (casa contígua).

A loja presente no rés-do-chão da habitação tem acesso a um espaço de arrecadação, espaço este valiosíssimo pela possibilidade de visualização e entendimento da parte estrutural da casa: a estrutura base é materializada por grandes e fortes troncos de madeira no seu estado natural (apenas pintados a branco) para sustentação do primeiro piso, permitindo entender que: «A componente estrutural dos pavimentos caraterísticos do edificado assentam numa estrutura constituída por um vigamento de troncos de madeira com dimensões que variam entre os 20 e os 30 centímetros de diâmetro e comprimentos nunca superiores a 7 metros, mas sempre dependentes da largura da edificação (CERQUEIRA, 2018: 33) **(figs.110 e 111).** É nestas estruturas que assenta, posteriormente, o «tabuado, usualmente em madeira de pinho, denominado por soalho» (CERQUEIRA, 2018: 34).

Figura 110. *Detalhe do sistema construtivo da Casa na Rua de Cedofeita no espaço da loja,* Fonte: foto de autoria própria (19/10/2021).

Figura 111. *Estrutura interna de casa burguesa (fachada tardoz)* Fonte*:* TEIXEIRA, Joaquim (2004) *Descrição do sistema de construção da Casa Burguesa*, pág.90

Analisando a fachada principal desta habitação, onde está presente a loja da casa destacada no parágrafo anterior, destacam-se, desde logo os conjuntos de três vãos em formato janela de peito nos pisos superiores, emoldurados por modenaturas em granito. Um elemento a destacar nestes mesmos vãos são as guardas exteriores em ferro e cujo apoio é em madeira, o que não é ocasional **(fig.112)**. Muito característico na cidade, a diferenciação de material acontecia para que quando uma pessoa se debruçasse sobre o apoio da guarda da janela o toque fosse mais agradável dado o clima rigorosos de calor e frio nos picos das estações verão e inverno, respetivamente.

Figura 112. *Apoio do varandim de vão do segundo piso da Casa na Rua de Cedofeita em madeira*
Fonte: foto de autoria própria (19/10/2021).

Em relação íntima com as janelas da casa, e na vertente de proteção do interior face ao exterior das guardas, destacam-se as portadas. No espaço de receção com vista para a Rua de Cedofeita o tom assumido pelas portadas é o tom branco/creme **(fig.113).**

Figura 113. *Espaço de receção da Casa na Rua de Cedofeita nº334 com portadas brancas,* Fonte: foto de autoria própria (19/10/2021).

No quarto a tardoz vemos já outra realidade: seriam estas as janelas de término da área da casa original- e que hoje acede a outro espaço que foi criado *à posteriori* para aumento da área da casa -. Estas portadas, com bandeiras em motivos decorativos irradiantes, assumem, no entanto, o tom azul-claro **(fig.114)** que também está presente em outros elementos da habitação como rodapés e portas internas.

Figura 114. *Detalhe da porta, bandeira e portada com policromia azul,* Fonte: foto de autoria própria (19/10/2021).

A verdade é que tanto o tom creme como o tom azul-bebé não estão presentes nas portadas externas das janelas da casa e isso é relevante porque, normalmente, a portada segue o cromatismo presente nas caixilharias externas para uma maior harmonização cromática. No entanto, e tal como refere a citação «As bandeiras das portadas das varandas, quase sempre pintadas de branco» (OLIVEIRA, 1994:331) reflete-se uma clara preferência pelos tons branco/bege nas portadas da cidade, realidade que poderia ser comum a este caso de estudo: a casa poderia possuir, originalmente, o tom branco e posteriormente algumas áreas terem sido alteradas cromaticamente, tendo em vista, uma tentativa de contraste entre elementos.

Em 1924, através de um pedido de Arnaldo Queiróz Mesquita para lavar, caiar e pintar o edifício na Rua de Cedofeita nº334, sabemos que o prédio não tinha a telha Marselha- que no séc.XX passou a generalizar-se na cidade pela praticidade de aplicação da matéria que não necessitava de argamassa- «bem assim substituir a telha atual pela tipo de Marselha» (AMCMP, 1924: COTA D-CMP/9(432)). Mais se descobre pela documentação que estava aplicada na casa a Telha Nacional à data do pedido de alteração. A verdade é que já tinha entrado nos Paços do Concelho um pedido em 1923- pelas mãos de um representante de Arnaldo Queiróz Mesquita, de nome Arnaldo Fernandes Pires, e que fora aprovado- para substituição da telha do prédio pelo de tipo Marselha e ainda para «caiar e pintar o mesmo prédio» e arranjar uma empena da habitação (AMCMP, 1923: COTA D-CMP/9(366)) mas a verdade é que, pelo menos a substituição da telha da cobertura, não se veio a confirmar dado que no ano de 1924 o processo de substituição de telha volta a ser referido.

Já este ano, 2022, no processo de reabilitação a que a casa será sujeita, volta a ser referido este tema da cobertura, uma vez que «Está prevista a ampliação de um novo piso no edifício principal, materializado através de paredes em estrutura de frontal de madeira» (VASCONCELOS, 2022: 48) e «O piso novo será revestido a soletos de ardósia» (VASCONCELOS, 2022: 8) revestimento identitário das *casas burguesas* da cidade do Porto **(figs.115 e 116)**. No entanto, esta alteração ao número de pisos do edifício exigirá uma inevitável intervenção na cobertura da habitação: «A telha deverá ser removida com cuidado especial para posterior aproveitamento em partes de coberturas» (VASCONCELOS, 2022:46).

Figura 115. *Estrutura em soletos de ardósia em casa do Porto*, Fonte: PIRES, Juliana Sofia Lopes (2009), *Metodologia de Reabilitação de Clarabóias Antigas no Centro Histórico do Porto*, pág.30.

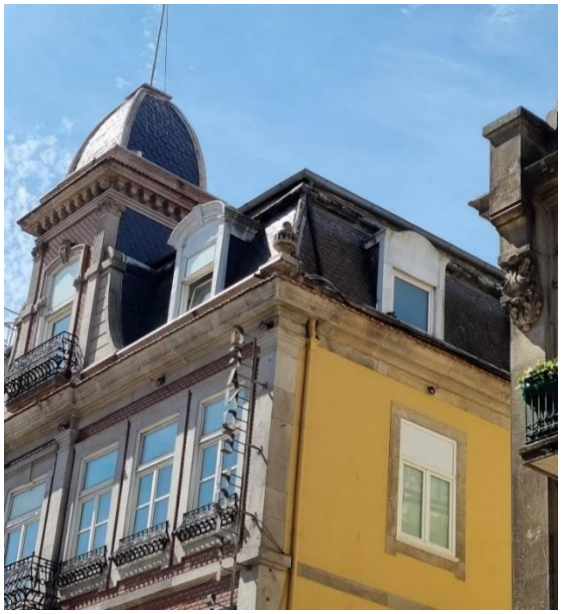


Figura 116. *Soletos de ardósia como revestimento do último piso do Grande Hotel do Porto*, Fonte: foto de autoria própria (11/09/2022).

Localização: Rua de Santa Catarina.

Neste novo piso «a estrutura de madeira da cobertura assumir-se-á à vista pelo interior» (VASCONCELOS, 2022: 9) o que estabelece um paralelismo com a Casa na Torrinha visitada no âmbito deste estágio: a substituir a solução que será aplicada no caso de estudo das asnas de madeira visíveis, neste caso opta-se por substituir esta opção por estruturas aéreas, no quarto, com a mesma função **(figs.117 e 118).**

Figura 117. *sistema construtivo de madeira visível no teto,* Fonte: FLORET, Adriana (2020) *Living in Porto*, pág.88.

Figura 118. *opção de estrutura aérea metálica na Casa na Rua da Torrinha nº142,* Fonte: foto de autoria própria (26/11/2021).

O período de construção do atelier de malhas data de 1920 e sabe-se que em 1927 o mesmo já estaria construído. Em documentação do Arquivo da Conservatória do Registo Predial do Porto é-nos já apresentado que:

> *Pelos requerimentos assinados na inscrição nº190 do livro Cl 1, verifiquei que no quintal do predio verifica-se edificada uma fabrica de malhas* (ACRPP: *Inscrições- Averbamentos- Anotações* Nº1549/20031226).

No entanto, no ano de 1930 esta casa deixaria de estar associada ao casal Arnaldo e Maria dado que neste ano surge o processo de divórcio do casal e «Fica inscrita a favor de Arnaldo Queiroz Mesquita divorciado de Maria de Oliveira, residente na rua de Cedofeita 334, a transmissão do prédio nº15513 a fl.15 do Lº. 58 da 1ªsecção que (conhece) por uma secção que lhe (pertence) um de valor de vinte e um contos na partilha a que (herdara), um na (escriptura), (resultante) da (sentença) do divórcio

(indicado) por sentença de 24 de Março de 1930» (ACRPP: *Inscrições de Propriedade* Nº9922, pág.2).

O entendimento de todo o processo torna-se tarefa complexa pela ausência de documentação, mas no ano de 1937, a habitação continuava em posse de Arnaldo Queiróz Mesquita.

Não é certo o proprietário da habitação em 1947, mas é corroborado que a indústria de malhas continuaria a funcionar no logradouro da casa que neste ano poderia, ainda, pertencer a Arnaldo Queiróz Mesquita. No entanto é-nos dado a conhecer que apesar da indústria pertencer à casa que por sua vez pertenceria a Arnaldo Queiróz Mesquita, a loja pertencia, ou estava arrendada, a um outro nome: Arlindo Candido dos Santos Almeida. Neste ano, este proprietário «residente na Rua de Cedofeita, nº336, desta cidade, tendo revestido a mármore o rés-do-chão da fachada do seu prédio na mesma rua e número, sem licença da Ex.ma Camara, vem appesentar o respectivo projecto de legalização, pedindo que lhe seja concedida licença pelo praso de 15 dias para conclusão da obra» (AMCMP, 1947: COTA D-CMP/12(502/1947)). No entanto este projeto vai mais longe do que a simples legalização e, segundo uma memória descritiva presente em documentação oficial de um projeto, surgem mudanças significativas na fachada da loja 336 da Rua de Cedofeita **(fig.119):**

> *Destina-se o presente projecto do revestimento a mármore, da fachada do rés-do-chão do prédio 336 de Cedofeita. São aproveitados todos os vãos existentes. A porta de acesso aos andares, não se modificará. As portas do estabelecimento serão executadas em ferro* (AMCMP, 1947: COTA D-CMP/12 (502/1947)).

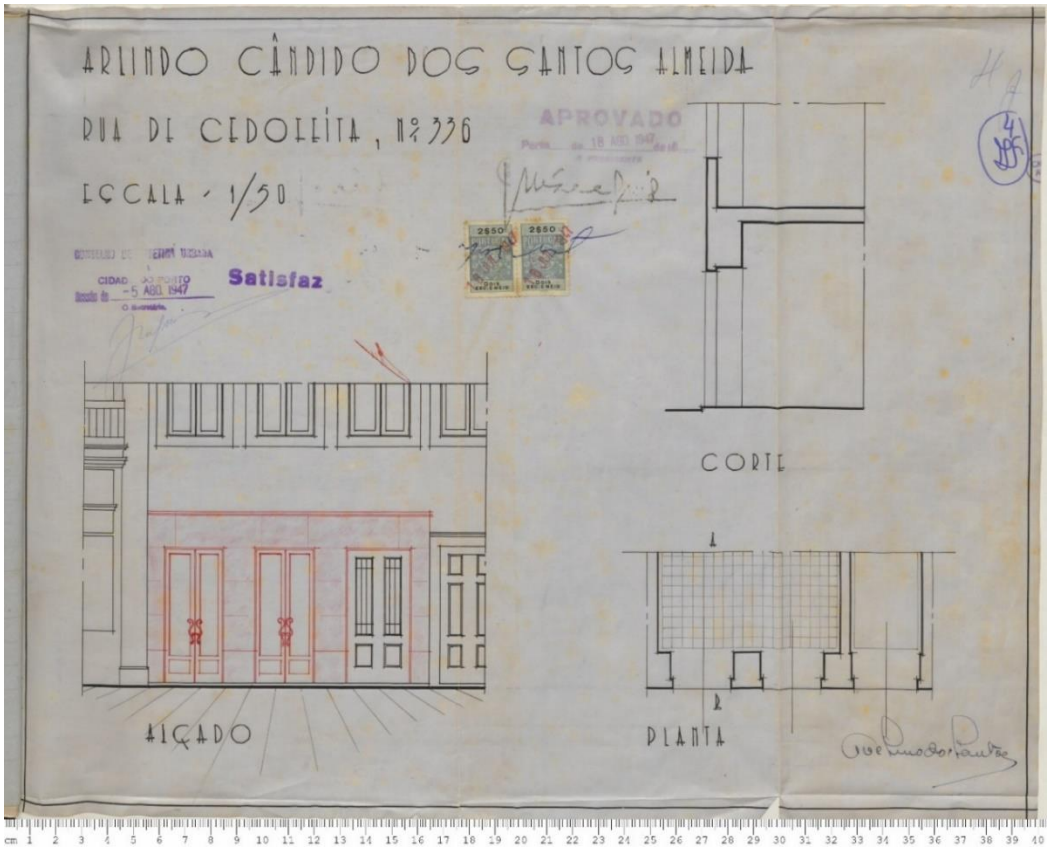


Figura 119. *Projeto de alteração da fachada do rés do chão da habitação nº334 de Cedofeita* (1947), Fonte: AMCMP Processo nº502.

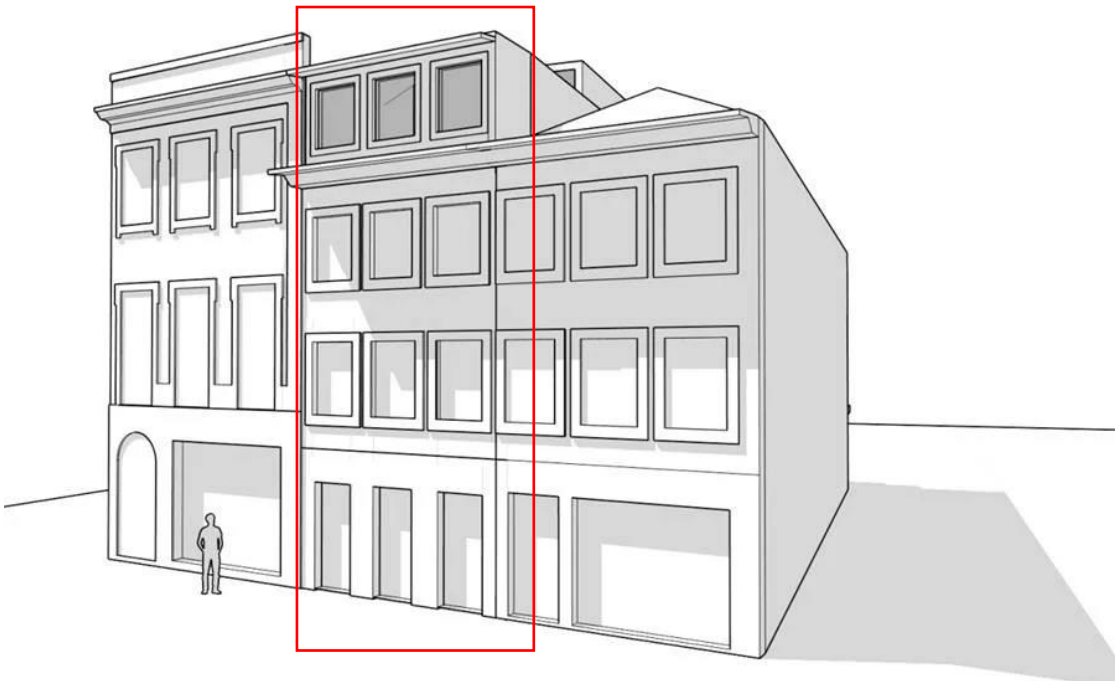


Figura 120. *Projeto de reabilitação Casa Cedo- fachada principal,* Fonte: *Atelier in Vitro.*

No projeto de reabilitação da casa do presente ano 2022, esta pedra é substituída pelo padrão azulejar presente na parte superior da fachada principal: «Fornecimento e aplicação de revestimento em azulejo, réplica do existente, a instalar na parte inferior da fachada principal, ao nível do rés-chão» (VASCONCELOS, 2022: Linha 64) **(fig.120).** A arquiteta Joana Vasconcelos, na seguinte citação, explica esta escolha:

> *Nós aqui tivemos algumas dúvidas: se manter este revestimento em pedra mármore (…) ou tentar colocar, na nossa opinião, o que seria o revestimento original* (Entrevista Arq. Joana Vasconcelos, minuto 25: 23-minuto 26:14).

Esta citação levanta desde logo questões uma vez que esta é a fachada principal de um edifício histórico que tem projeto de arquiteto dos anos 40 do séc.XX, e segundo a Carta de Cracóvia, «Devem ser evitadas reconstruções de partes significativas de um edifício, baseadas no que os responsáveis julgam ser o seu verdadeiro estilo» (CONFERÊNCIA INTERNACIONAL SOBRE CONSERVAÇÃO, 2000: 2). Esta «opção de projeto foi para uniformizar. (…) Já teríamos um primeiro rés do chão, depois os pisos do meio e o último piso com um terceiro revestimento e a certa altura já teríamos aqui uma série de revestimentos para trabalhar e como opção de projeto esta pareceu-nos a melhor decisão» (Entrevista Arq. Joana Vasconcelos , minuto 28:26-minuto 29:09).

Entre 1947 e o ano de 1995 existe um vazio de documentação relacionada com a habitação e do que com ela poderá ter sucedido. E sucede porque no ano de 1995 é-nos dada a informação, segundo registos no Arquivo da Conservatória do Registo Predial do Porto, que o imóvel é alvo de «partilha da herança de Maria de Jesus Pinheiro de Magalhães e marido António Pinheiro de Magalhães» (ACRPP: *Inscrições de Propriedade* Ap.08/110795-99.973). Rosa Duarte de Carvalho seria a proprietária que marcaria a propriedade desta casa na transição dos finais do séc.XX para o início do séc.XXI uma vez que, se por um lado Adriano Leal dos Santos- e esposa- vendem a sua parte (1/2) «a favor de Baltasar Domingues de Castro Moreira, divorciado, residente na Rua do Monte 607, Gulpilhares, Vila Nova de Gaia» (ACRPP: *Inscrições- Averbamentos- Anotações*

Nº1549/20031226.), Rosa Duarte Carvalho manter-se-á proprietária da outra metade da habitação.

Entre 1999 e 2002 o proprietário masculino da habitação falece o que leva à «Aquisição a favor de Alcino Manuel Rocha Moreira por sucessão na herança de Baltazar Domingues de Castro Moreira» (ACRPP: *Inscrições de Propriedade* Ap.20/210102-109.796). Em documento oficial, no ano de 2003, é referida a empresa « Empicar Comércio de Veículos Industriais e Equipamentos, Lda"» (ACRPP: *Inscrições- Averbamentos-Anotações* Nº1549/20031226, pág.2) como ocupante do atelier do logradouro da casa, o que demonstra uma grande valência do património: a adaptação do património a diferentes atividades/funções ao longo do tempo. No presente ano 2022, e no projeto de reabilitação, este antigo atelier de malhas e de peças automóveis abraçará como futura função a de espaço de eventos.

No primeiro piso estão presentes o espaço da cozinha e o espaço direcionado à rua principal, de Cedofeita, que poderia ser uma sala de receção. Neste espaço de receção destacam-se os trabalhos em estuque com grande exuberância decorativa entre motivos geometrizastes de caráter vegetalista **(fig.121).** O trabalho diferenciado de estuque presente nesta sala é justificável dado que, e sendo espaço de receção da habitação, exigia um grau de aparato diferenciado daquele que nos apresenta o espaço íntimo dos quartos da família.

Figura 121. Motivos decorativos na Sala da habitação de Cedofeita, Fonte: foto de autoria própria (19/10/2021).

Mas é ao subir a escadaria do primeiro para o segundo piso da habitação que se destaca a estrutura da escadaria articulada com um espaço de vestíbulo que permite uma noção mais clara da organização e distribuição de espaços **(figs.122 e 123)**. Estas estruturas não são ocasionais e contextualizando-as contam-nos um pouco mais sobre a importância desta casa e de quem a habitava:

> *Na boa tradição do palacete urbano, o espaço interior é dominado por uma poderosa escada de dois lanços e galeria envolvente ao nível do andar* (TAVARES, 2017: 160).

Esta organização interna demonstra assim que a mesma era típica de casas de aparato, aspeto que nos conduz a levantar a hipótese de que, quem mandou edificar a habitação, poderia não ter o espaço para edificar um *palacete* no lote disponível, mas materializou o poderio monetário e social através de estruturas e elementos arquitetónicos estritamente conectados a casas de aparato, adaptando a sua dimensão ao espaço existente.

Para além do que foi já exposto, a existência destes elementos de distribuição para os quartos, sala e cozinha corrobora a ideia que:

> *O vestíbulo largo e longo simboliza o primeiro momento de uma chegada enfática na passagem ao privado da casa* (TAVARES, 2017: 164).

No entanto estas estruturas vão além do simples caráter simbólico uma vez que funcionalmente a existência de vestíbulos, ao nível dos dois pisos superiores da casa, em diálogo com a caixa de escadas permitem, «com esta orgânica, (libertar) o perímetro interior da construção para as diferentes funções sociais relacionadas com a dinâmica diurna» (TAVARES, 2017: 164) Isto possibilita uma maior fruição de movimentos e organização que são complementados com um grande sentido de simetria arquitetónica através da multiplicação de portas, algumas delas falsas para manutenção destes do sentido de harmonia e equilibro à arquitetura**(figs.124, 125 e 126).** Assim:

O conhecimento e estudo formal da habitação – circulação, distribuição dos dispositivos espaciais permitem-nos uma reflexão e uma integibilidade do espaço habitado e o conhecimento dos valores de estabilidade, de intimidade e de sociabilidade (PIRES, 2000: 100).

Figuras 122 e 123. *vestíbulos organizadores da habitação,* Fonte: fotos de autoria própria (19/10/2021).

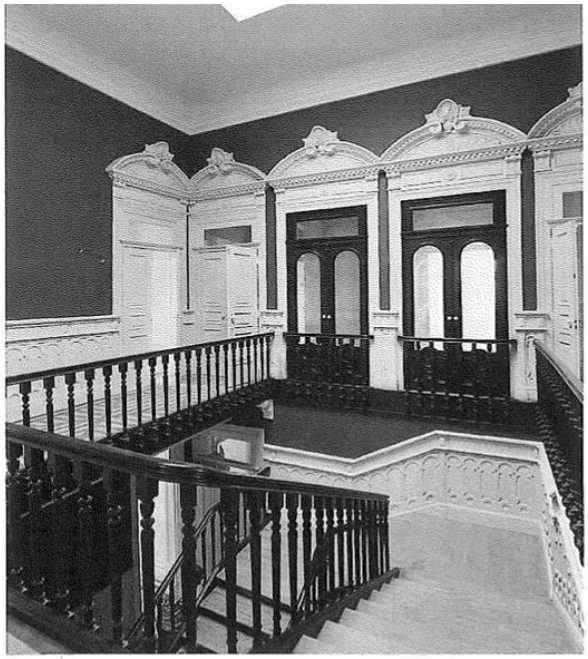


Figura 124. *Portas organizadoras em edifício,* Fonte: TAVARES, Domingos (2017) *Transformações na Arquitetura Portuense*, pág.160

Localização: Palacete Alves de Freitas.

Figura 125. *Vestíbulo organizador em habitação*, Fonte: TAVARES, Domingos (2017)*Transformações na Arquitetura Portuense*, pág.164.

Localização: Palacete dos Brandões, Oliveira de Azeméis.

Figura 126. *vestíbulo organizador do Palacete Pinto Leite,* Fonte: foto de autoria própria (10/12/2021).

Na habitação existem dois quartos, no segundo piso, onde o grau de tratamento da importância é desde logo demarcada pelas localizações de cada um: um voltado para a rua de Cedofeita e outro direcionado à fachada tardoz, demonstrando a importância de quem ocuparia cada um deles **(figs.127 e 128).** Por outro lado, a área destes quartos é semelhante, ocupando toda a fachada onde se localizam.

Figura 127 e 128. *quarto da fachada principal à esquerda, quarto a tardoz à direita*, Fonte: fotos de autoria própria (19/10/2021).

No que se refere à área dos quartos, nesta habitação ambos estão incluídos num diálogo arquitetónico permanente possibilitado através de dois elementos principais: o estuque e as portas internas.

Relacionado com o estuque há a destacar que tanto no corredor do piso-térreo, quanto na sala ou quartos há a aplicação de estuque com os mesmos motivos decorativos:

geométricos- dado que «Os limites materiais das superfícies são assim evidenciados por molduraçõesde regular traçado geométrico – triângulos, quadrados, rectângulos, trapézios, hexágonos, octógonos, círculos, elipses ou ovais – que por sua vez criam os campos que serão ocupados pelos elementos decorativos» (VASCONCELOS, 1997:27)- e florais- «o elemento vegetal cuja presença é mais acentuada nos estuques do Porto – e nortenhos – é a folhagem» (VASCONCELOS, 1997: 29)- . Apesar de cada um deles se adequar à importância que cada espaço onde estão inseridos, a verdade é que permitem criar uma linguagem comum em todos os espaços da casa **(figs.129, 130, 131 e 132).**

Figura 129. *estuque do vestíbulo*, Fonte: fotos de autoria própria (19/10/2021).

Figura 130. *estuque do quarto tardoz,* Fonte: fotos de autoria própria (19/10/2021).

Figura 131. *estuque do quarto fachada principal,* Fonte: fotos de autoria própria (19/10/2021) .

Figura 132. *estuque da sala,* Fonte: fotos de autoria própria (19/10/2021) .

Os tectos das salas são, nos casos mais ricos, de caixotes barrocos de castanho pintado ou, do século XIX em diante, de estuques de finos lavores (OLIVEIRA, 1994:281) **(figs. 133 e 134).**

Figura 133. T*eto do vestíbulo da Casa São Roque com motivos de florões e pequenos caixotões,* Fonte: fotos de autoria própria *(*13/11/2021).

Figura 134. *Teto de sala do Palacete Pinto Leite com caixotões em madeira,* Fonte: fotos de autoria própria (10/12/2021).

Tal como na citação acima referida a presença de trabalhos em estuque estruturalmente organizado em caixotões com florões na parte central- «destinados a marcar centros ou cantos de qualquer superfície, como rosetas e florões» (LEITE, 2008:32)- está presente na habitação, não na sala como no Palacete Pinto Leite mas no corredor de acesso à casa pela porta da entrada, o único exemplar que será totalmente preservado (que no entanto levanta a questão se será ou não original) sendo que «Está

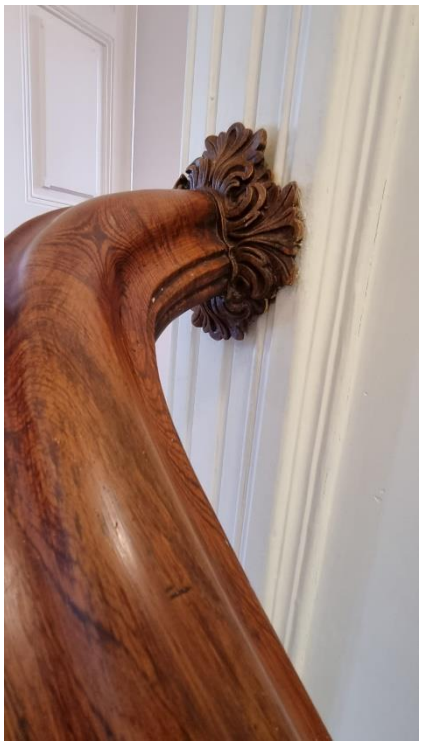
prevista a reparação pontual de tectos existentes, no caso do vestíbulo de entrada do piso 0» (VASCONCELOS, 2022: 53) . Não é de estranhar esta riqueza no acesso à habitação, uma vez que: esta casa localiza-se numa das mais privilegiadas zonas do sécs. XIX e XX da cidade, o que denuncia que quem a mandou edificar teria possibilidades económicas para ostentar o poderio monetário através, por exemplo, da presença deste dispendioso elemento à época. No entanto «inicialmente nós pegamos no projeto com a ideia de que iriamos manter quase tudo (…) quando começamos a trabalhar o projeto, a integrar o programa, legislação específica para o alojamento local (…), as várias exigências para a especialidade que existem para este tipo de espaços, começamos a perceber que não conseguiríamos manter metade dos elementos pretendidos. Os tetos eram um desses elementos (…)» (Entrevista Arq. Joana Vasconcelos, minuto 15:47- minuto 16:50). Foi proposto, em contrapartida a manutenção do teto do vestíbulo e no caso dos outros estuques «no início da obra remover os elementos decorativos do teto cuidadosamente e na parte do acabamento com os novos tetos voltar a aplicar esses elementos» (Entrevista Arq. Joana Vasconcelos, minuto 17:54- minuto 18:14) nos espaços «do primeiro e segundo piso à frente (fachada principal)» (Entrevista Arq. Joana Vasconcelos, minuto 23:27- minuto 23:30) .

Para além dos tetos estucados, as portas internas da casa destacam-se por sedimentar ainda mais esse aspeto de espaços que comunicam entre si: nas portas dos espaços de receção/ socias- como sala ou cozinha - subsistem bandeiras em formato meia-lua enquanto no espaço privado dos quartos a linguagem distancia-se para bandeiras com vitrais quadrangulares coloridos entre tons verde e transparente - em alguns casos- **(figs.135 e 136).**

Figuras 135 e 136. *portas internas e detalhes das bandeiras*, Fonte: fotos de autoria própria (19/10/2021).

Não é conhecido se os motivos das bandeiras da casa são os originais, se mantêm o formato ou a cor de vitral, no entanto esta poderia ter sido opção dos proprietários da casa como elemento de diferenciação entre espaço de receção e privado, como acontecia habitualmente nos *palacetes* da cidade. No entanto «Não está prevista a preservação de portas ou janelas existentes, à excepção da porta de entrada principal» (VASCONCELOS, 2022:53).

Este caso de estudo permite estabelecer um paralelismo com a Casa de São Roque visitada: também esta casa possui elementos comunicantes, mas, neste caso particular são os ferros. Os ferros externos tem o mesmo motivo floral que os ferros decorativos no interior da casa presentes, por exemplo, no corpo da escadaria **(figs.137, 138 e 139).**



Figuras 137, 138 e 139. *elementos florais que criam linguagem comum na Casa de São Roque,* Fonte: fotos de autoria própria (13/11/2021).

No último piso são, ainda, protagonistas a claraboia e a janela interna.

A janela interna apresenta-se, hoje, como janela de batente e corrobora a praticidade deste elemento para iluminação de um espaço de vestir contíguo ao quarto, não tão bem iluminado. No entanto esta janela poderia ter assumido, em tempos e como era recorrente na cidade, a morfologia de uma janela de guilhotina. O mesmo acontece com as janelas da casa: todas de batente podem ter sido uma renovação contemporânea que a casa tenha sofrido por necessidade na habitação, no entanto não deixa de ser necessário e viável levantar a hipótese desta casa ter originalmente janelas de peito em formato guilhotina.

Hoje esta casa está em processo de reabilitação para ganhar uma nova vida e assumir a função de *guest-house.* Só no ano de 2019 chegaria às mãos dos atuais proprietários, «JEREMIAH ANTHONY HEALY» e «MASSIMILIANO SALĖ» (ACRPP: *Inscrições- Averbamentos- Anotações* Nº1549/20031226, pág.3) pela intervenção da empresa de acolhimento deste estágio, SWARK. Neste projeto de readaptação o edifício a uma nova função destaca-se o grande respeito pela pré-existência e valorização dos seus elementos, como é o caso da claraboia. No que toca à claraboia esta assume-se como circular, e apesar de, ao primeiro contacto, aparentar alguma simplicidade a verdade é que a mesma possui uma estrutura em tambor que sustenta a sua forma circular, o que a singulariza pela complexidade e riqueza estrutural associada **(fig.140).**

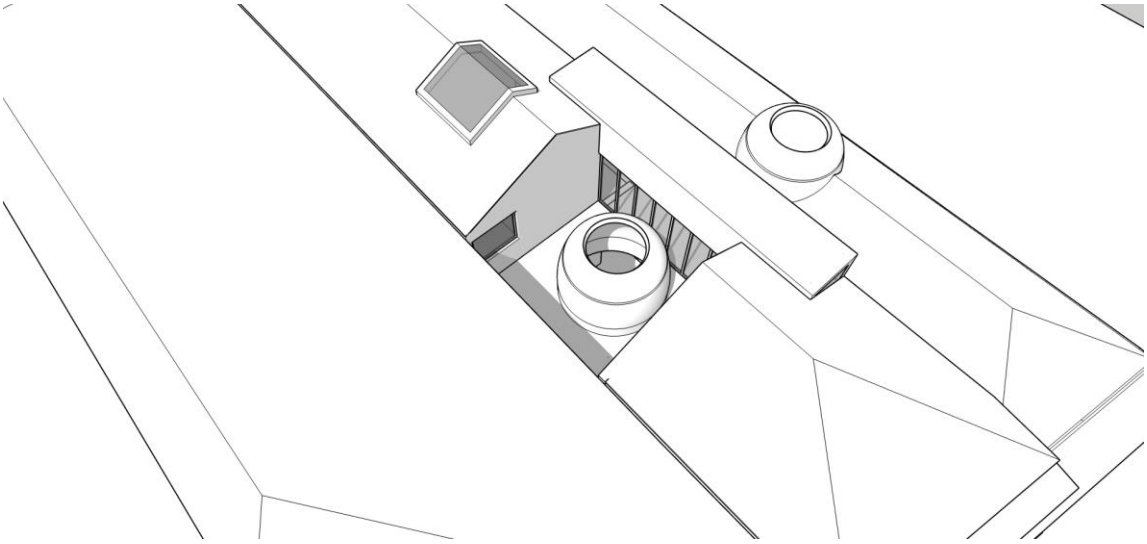
Apesar de não ter vitrais ou elementos decorativos de exceção, por si só numa casa típica burguesa da cidade a presença de uma estrutura de iluminação de morfologia circular tridimensional enaltece e cria uma atmosfera diferenciada na habitação. Prova disto mesmo é que no novo projeto de *guest-house* está projetada a criação de uma estrutura em vidro o que permitirá, não só, promover o respeito pela pré-existência, forma e área da claraboia como possibilitará a sua admiração de um diferenciado e invulgar ponto de vista pelos hóspedes e visitantes **(figs.141, 142, 143 e 144).**

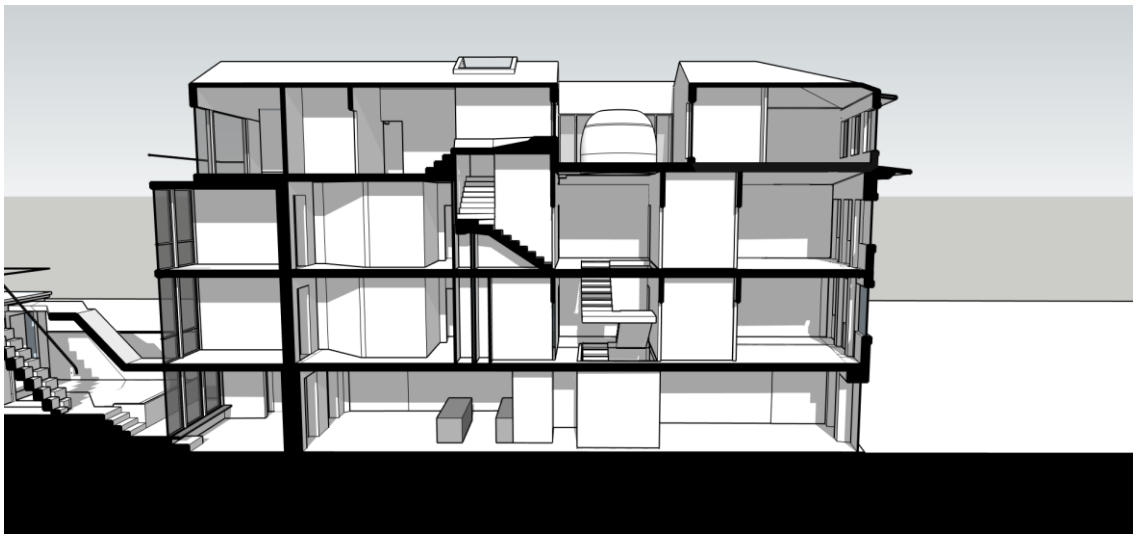
Figura 140. *claraboia da habitação,* Fonte: fotos de autoria própria (19/10/2021).

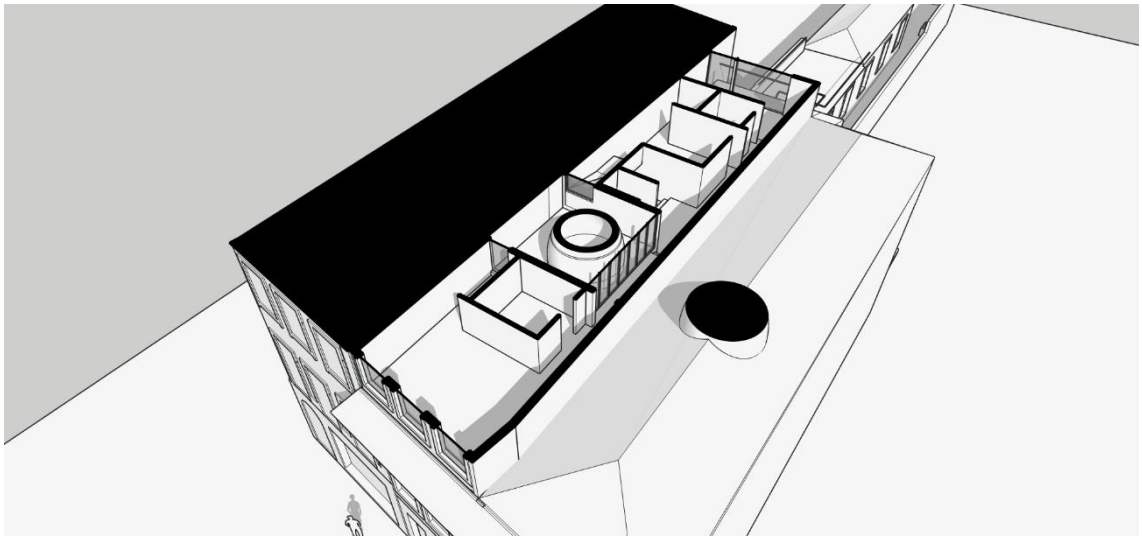
Esta intervenção na claraboia é resultado do acrescento de um novo piso à habitação, presente nas imagens seguintes, mas é também a transformação e materialização de valores excecionais numa realidade comercial e económica, ideia amplamente defendida por Guilherme d'Oliveira Martins quando o mesmo refere que:

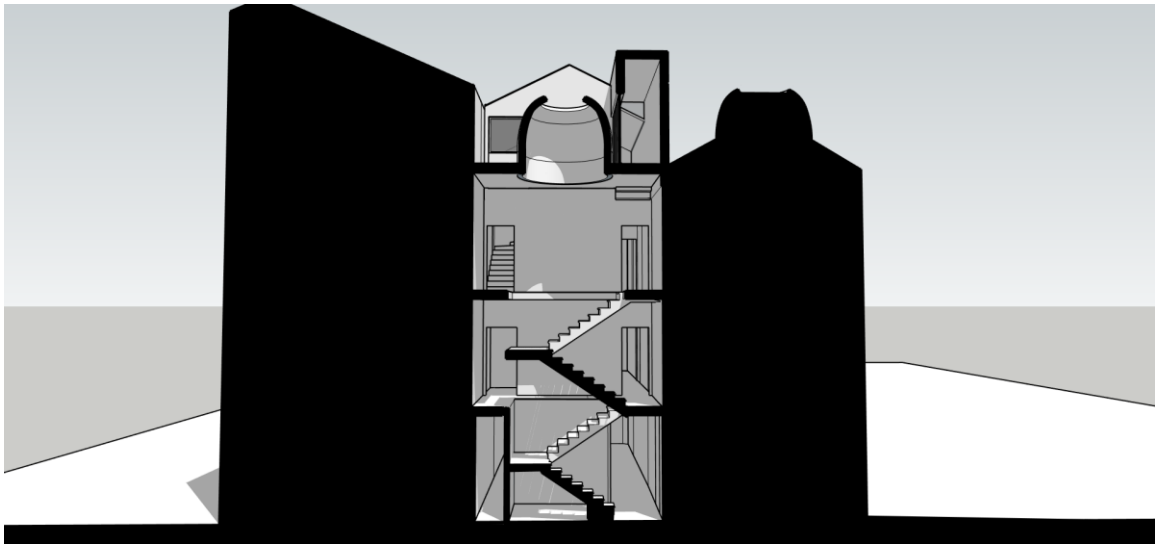
> *A relação do património cultural com a atividade económica não pode deste modo ficar-se por considerações simplistas de custo e benefício de curto prazo, devendo entender sempre a criação de valor, a*

compreensão das potencialidades e a sua projeção no longo prazo (MARTINS, 2020 :59).









Figuras 141, 142, 143 e 144. Projeto de Reabilitação *da Casa Cedo – Imagens 3D,* Fonte: Atelier In Vitro.

10.4 Os casos de estudo: Resultados

Os resultados dos *casos de estudo* não serão imediatos, mas terão a sua aplicação a médio/longo prazo. Os dois casos de estudo terão uma aplicação diferenciada , o que explica *timings* igualmente diferenciados.

O *caso de estudo* da casa da Rua do Gólgota, por ser uma casa particular habitada, tem a sua exploração mais centrada no lugar da casa, no estudo e interpretação da arquitetura e espaço externo da casa e nas ligações entre a pré-existência e os câmbios na atualidade, em projeto. Por se tratar de um imóvel particular, habitado, para a colocação de um código QR no muro da habitação, para divulgação com o público-geral como já tem vindo a ser referido em capítulos anteriores, houve a necessidade de contactar com os proprietários da habitação para, num primeiro momento, explanação da investigação desenvolvida. Este contacto foi já realizado no dia 07 de setembro de 2022. Neste dia, para além de fotografar a habitação foi possível propor este trabalho e a sua divulgação, tendo sido aceite pelos proprietários. Segue-se o segundo momento, de seleção da informação e imagens, para divulgar através do código QR, num trabalho em estreita relação com os proprietários, arquiteta Adriana Floret e supervisora deste estágio Sara Natária.

No *caso de estudo* da habitação localizada na Rua de Cedofeita, nº334, o contexto é diferente e face ao extensivo processo de estudo e investigação sobre esta habitação foi ainda possível contactar com dados financeiros congregados no número 5 dos Apêndices condicionados.

Esta casa em particular entrará num processo de reabilitação, muito em breve, e apenas após a conclusão desta fase será possível colocar em prática o estudo desenvolvido para o seu *storyboard*. Não se tratando de uma habitação particular, como é o caso da Casa localizada na Rua do Gólgota, a exploração do espaço interno foi o foco de trabalho para este *caso de estudo*. A divulgação da investigação terá uma dupla aplicabilidade: por um lado, através da colocação de um código QR na fachada; por outro lado, dentro do edifício, existirão, em pontos estratégicos, códigos QR para divulgação da história, elementos de caráter excecional ao nível arquitetónico e patrimonial, como se de um roteiro se tratasse, visitável através de qualquer smartphone pelos hóspedes,

contribuindo para a valorização do edifício e da componente patrimonial da experiência do cliente.

Os projetos de divulgação destes trabalhos assumem, igualmente, um grande sentido de futuro dado que poderão ser um mecanismo de divulgação do património da cidade, mais próximo de todos os que os quiserem consultar, ler e disfrutar e que poderá ser replicado a muitos mais casos de estudo.

O estudo destas casas é, do ponto de vista da investigação, de um grande enriquecimento ao permitir tirar resultados interessantes de habitações que nunca haviam sido investigadas, o que levanta um grande sentido de oportunidade. Ao realizar esta investigação sobre casas 'correntes' da cidade, ao explorar os seus valores e ao evidenciar o caráter excecional reforça-se a necessidade de valorização e estudo de outros casos da cidade semelhantes, e não apenas a intervenção e estudo em imóveis mais conhecidos ou classificados.

Alimentando ainda mais o sentido de oportunidade, estes *casos de estudo* são tanto uma ferramenta intermediária como um fim em si mesmos. Por um lado, não deixam de ser um fim em si mesmos porque a divulgação dos seus conteúdos, através de um código QR nas fachadas das habitações estudadas, permitirão o acesso livre à população generalizada, já que que o «estudo das tipologias de habitação, cada vez mais vai impondo a sua importância» (FERREIRA, 2017: 136). Por outro, e aqui reside o outro sentido inovador destes estudos, são uma ferramenta intermediária porque podem funcionar, no universo da reabilitação patrimonial, como relatórios histórico-patrimoniais de atributos e valores excecionais da habitação. Realizados com a antecedência devida poderão funcionar como mecanismos auxiliares em processos de reabilitações de casas históricas, em estreito diálogo com relatórios de engenharia e projetos de arquitetura, tendo em vista tomadas de decisão mais conscientes.

Este trabalho é também, um grande contributo para a entidade de acolhimento deste estágio, uma vez que, e tendo como mote as ambições futuras de progressão no mercado da área do *house-hunting e* da reabilitação patrimonial, este é um serviço exclusivo e especializado que a empresa passa a possuir e que alimenta cenários vários, todos com grande importância: primeiramente, é um serviço personalizado

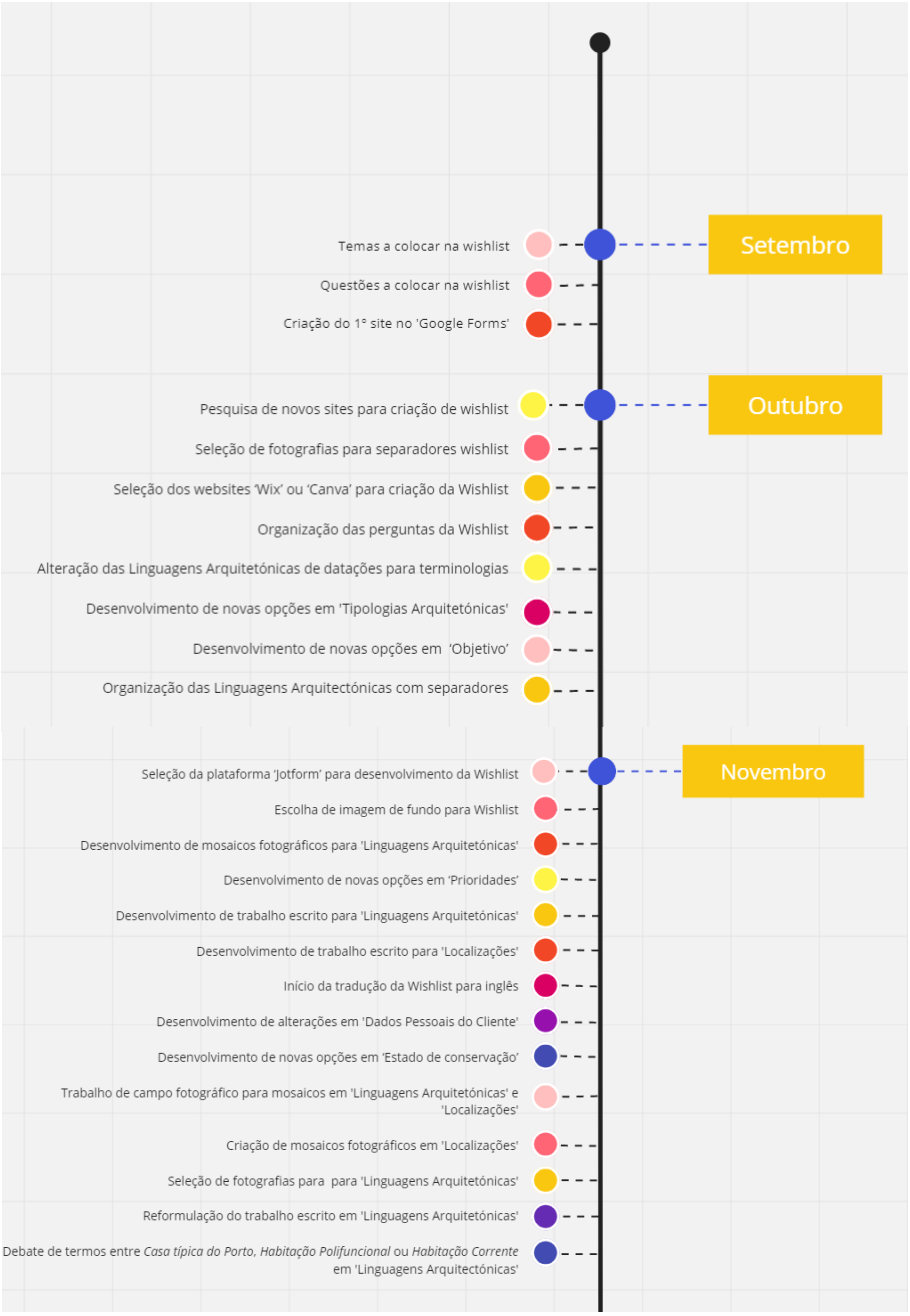
desenvolvido para o cliente tendo como objeto de estudo a casa que comprou através da empresa SWARK; por outro, a divulgação dos *casos de estudo* nas fachadas das habitações, permitirá a médio prazo que a SWARK seja uma marca cada vez mais presente na cidade, como uma empresa que é símbolo de valorização, recuperação e divulgação patrimonial, promotora do rejuvenescimento da cidade do Porto.

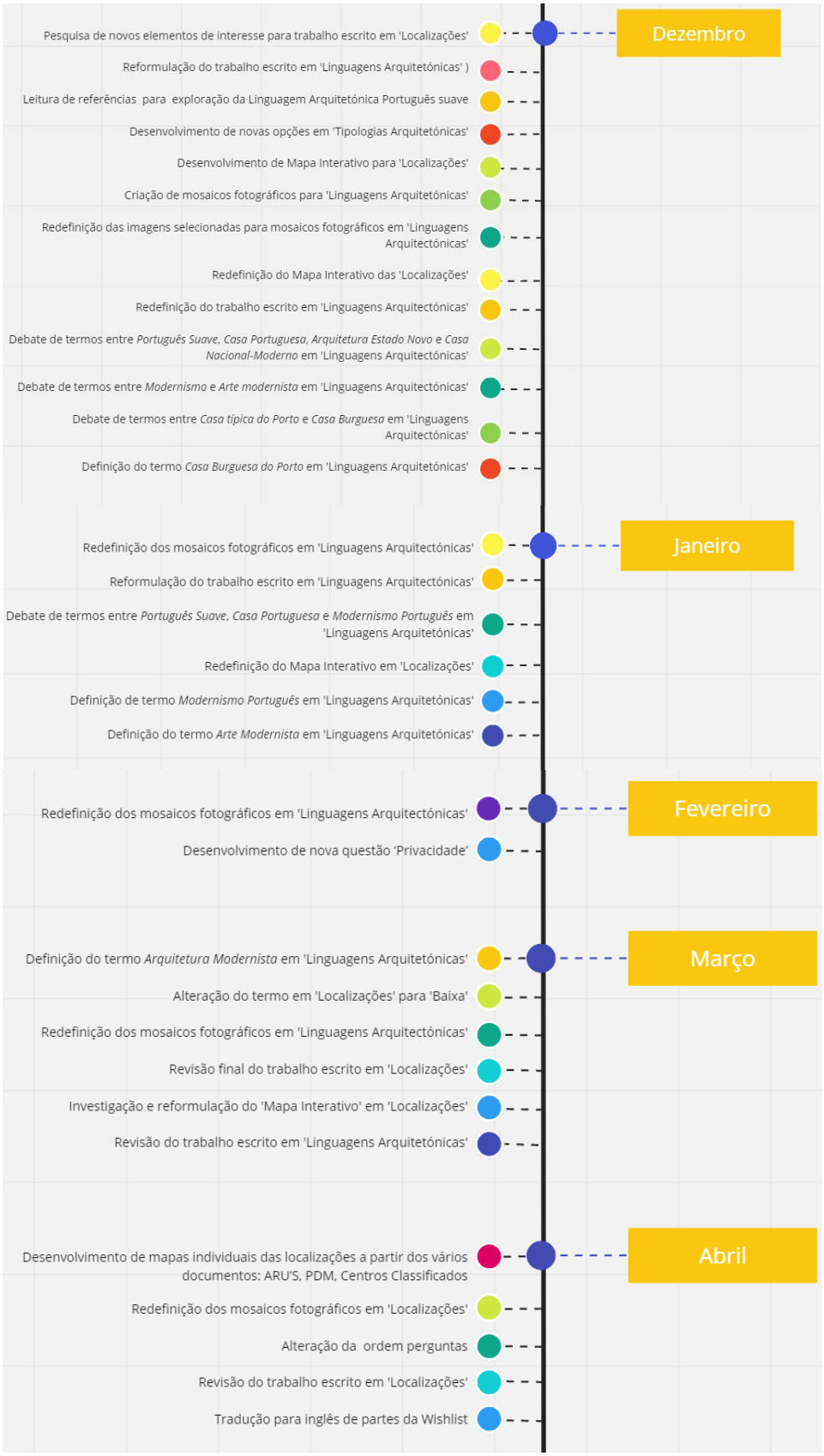
Na figura seguinte **145** é partilhada o fluxograma reflexivo do desenvolvimento de investigação dos *casos de estudo*.

Figura 145. Fluxograma comparativo do antes e depois da atuação na empresa SWARK na tarefa dos *casos de estudo,* Fonte: Captura de ecrã da plataforma *Miro.*

11. O projeto de divulgação patrimonial

11.1 A mediação/comunicação patrimonial: O percurso e relevância do trabalho da lista de desejos




Dezembro
Pesquisa de novos elementos de interesse para trabalho escrito em 'Localizações'
Reformulação do trabalho escrito em 'Linguagens Arquitetónicas')
Leitura de referências para exploração da Linguagem Arquitetónica Português suave
Desenvolvimento de novas opções em 'Tipologias Arquitetónicas'
Desenvolvimento de Mapa Interativo para 'Localizações'
Criação de mosaicos fotográficos para 'Linguagens Arquitetónicas'
Redefinição das imagens selecionadas para mosaicos fotográficos em 'Linguagens Arquitectónicas'
Redefinição do Mapa Interativo das 'Localizações'
Redefinição do trabalho escrito em 'Linguagens Arquitectónicas'
Debate de termos entre *Português Suave, Casa Portuguesa, Arquitetura Estado Novo* e *Casa Nacional-Moderno* em 'Linguagens Arquitectónicas'
Debate de termos entre *Modernismo* e *Arte modernista* em 'Linguagens Arquitectónicas'
Debate de termos entre *Casa típica do Porto* e *Casa Burguesa* em 'Linguagens Arquitectónicas'
Definição do termo *Casa Burguesa do Porto* em 'Linguagens Arquitetónicas'
Janeiro
Redefinição dos mosaicos fotográficos em 'Linguagens Arquitectónicas'
Reformulação do trabalho escrito em 'Linguagens Arquitectónicas'
Debate de termos entre *Português Suave, Casa Portuguesa* e *Modernismo Português* em 'Linguagens Arquitetónicas'
Redefinição do Mapa Interativo em 'Localizações'
Definição de termo *Modernismo Português* em 'Linguagens Arquitetónicas'
Definição do termo *Arte Modernista* em 'Linguagens Arquitetónicas'
Fevereiro
Redefinição dos mosaicos fotográficos em 'Linguagens Arquitectónicas'
Desenvolvimento de nova questão 'Privacidade'
Março
Definição do termo *Arquitetura Modernista* em 'Linguagens Arquitetónicas'
Alteração do termo em 'Localizações' para 'Baixa'
Redefinição dos mosaicos fotográficos em 'Linguagens Arquitectónicas'
Revisão final do trabalho escrito em 'Localizações'
Investigação e reformulação do 'Mapa Interativo' em 'Localizações'
Revisão do trabalho escrito em 'Linguagens Arquitetónicas'
Abril
Desenvolvimento de mapas individuais das localizações a partir dos vários documentos: ARU'S, PDM, Centros Classificados
Redefinição dos mosaicos fotográficos em 'Localizações'
Alteração da ordem perguntas
Revisão do trabalho escrito em 'Localizações'
Tradução para inglês de partes da Wishlist

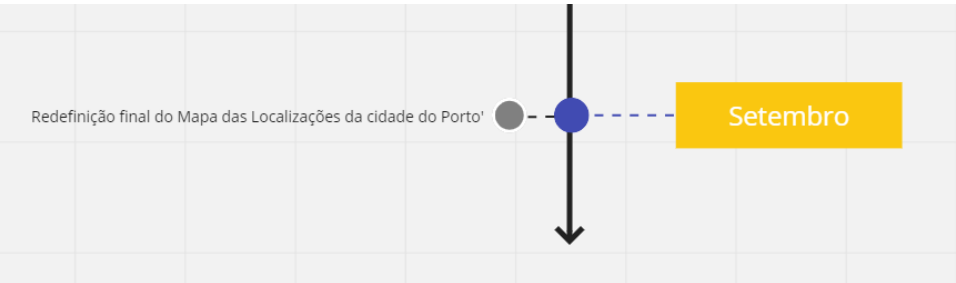


Figura 146. *Cronograma de trabalho da Lista de Desejos*, Fonte: Captura de Ecrã do Percurso criado na Plataforma *Miro.*

O trabalho desenvolvido na *lista de desejos*, que é apresentada neste relatório de estágio, surge depois de acordado o estágio com a empresa acolhedora SWARK e de entender a filosofia e objetivos futuros da empresa.

O primeiro contacto existente com a *wishlist* (nome do documento na entidade de acolhimento do estágio) - desenvolvido pela empresa e que vinha a ser utilizada até então- era um documento WORD com poucas fontes visuais e dominado por texto escrito, com questões que, pontualmente, eram acompanhadas de breves explicações para auxílio à compreensão da pergunta.

Para além do contacto com a *lista de desejos*, foi crucial entender os objetivos da empresa, não só no presente, mas sobretudo em projeções futuras. A SWARK ambiciona atingir um mercado cada vez mais exclusivo, não só em termos de clientes, mas também em termos de mediação imobiliária e neste percurso deseja-se igualmente expandir a atividade da empresa.

Inicialmente o documento era enviada aos clientes em formato WORD, mas através da aplicação 'Jotform', passa a ser enviada, através de um link, com acesso a uma página completamente personalizada com o respetivo questionário.

O trabalho desenvolvido na *lista de desejos* tem duas linhas orientadoras: a parte escrita, por um lado, e, por outro, a parte visual.

Iniciando com a parte visual da *lista de desejos* esta, apesar de aparentemente ser de fácil desenvolvimento, exigira análise e atenção. Comparativamente à *lista de desejos* existente na empresa ficava, desde logo, bastante claro a necessidade de tornar este meio de contacto com o cliente mais intuitivo e isso passava, obrigatoriamente, por uma maior carga fotográfica, não só para auxiliar à interpretação das questões, mas

também como forma de introduzir a cidade do Porto ao próprio cliente- uma vez que a empresa contacta com um grande número de clientes estrangeiros-. Esta introdução visual da cidade é possível de materializar através dos campos *localizações* e *linguagens arquitetónicas*. Todas as fotografias apresentadas neste documento, e especialmente nos dois campos acima mencionados, são realizadas especialmente para este fim, o que exigiu, um intenso e muito importante trabalho de campo.

A única exceção são os separadores com fotografias, presentes ao longo de toda *a Lista de Desejos*, e que pretendem conferir alguma organização ao questionário já que neste documento são abordadas questões variadas: *dados pessoais, a sua atual casa* e por fim *a sua futura casa*. Nestes casos, apesar de algumas semelhanças aos mosaicos apresentados nas *linguagens arquitetónicas* ou *localizações*, todas estas imagens têm um elo em comum: são da autoria da fundadora da empresa SWARK, Sara Natária.

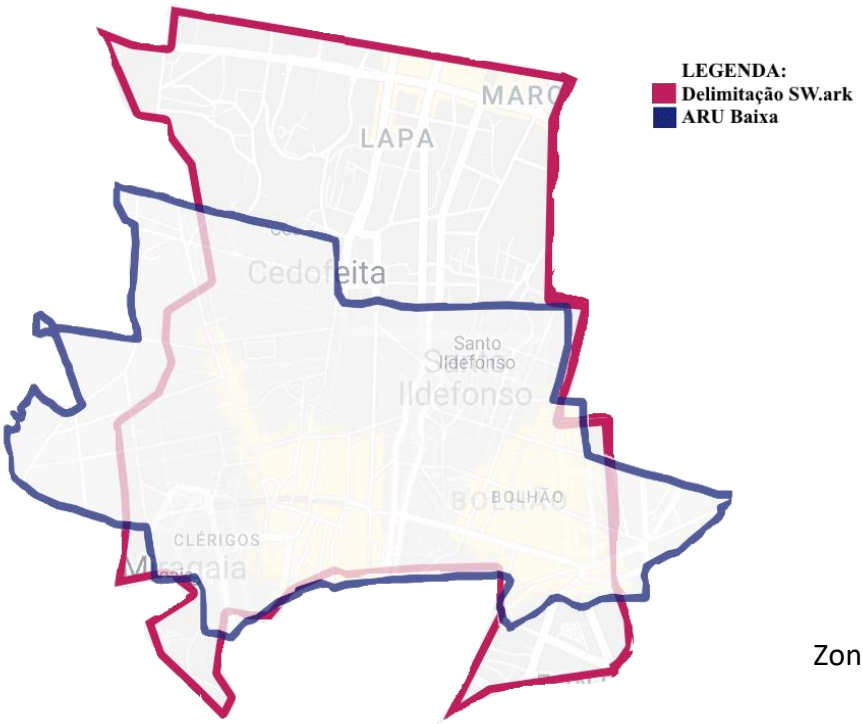
Na parte do questionário dedicado às *localizações* o trabalho foi importante e complexo. Todas as localizações têm fotografias associadas aos espaços mais icónicos que as caracterizam, mas não só. Na hora de proceder ao trabalho de campo para a recolha fotográfica dos espaços na cidade, foi decidido não só divulgar zonas emblemáticas como também espaços com menos protagonismo, mas com igual interesse e riqueza cultural/histórica/paisagística, como o Parque Nova Sintra, localizado no Bonfim, ou as ruas estreitas pontuadas de casas de pequenas dimensões na zona da Foz do Douro.

Ainda nas *localizações* foi ainda criado um mapa geral, com todas as localizações presentes nesta *lista de desejos*, motivado por haver «pessoas que não conhecem de todo e é também o papel da SWARK mostrar-lhes o caráter dessas zonas» (Entrevista Arq. Sara Natária, minuto 35:28- minuto 35:40). Este mapa foi realizado através da aplicação *MyMaps*, ferramenta do *Google Maps*. No entanto a forma como seriam apresentadas estas localizações exigiu um trabalho acrescido, uma vez que, para a empresa, não se justificava utilizar os limites sugeridos pelas áreas das freguesias da cidade. Assim, forma como seriam apresentadas estas áreas deveriam conseguir dar resposta, por um lado, ao interesse imobiliário e estratégico da empresa, dado que: *Location, location, location essa é uma das perguntas principais da Lista de Desejos da*

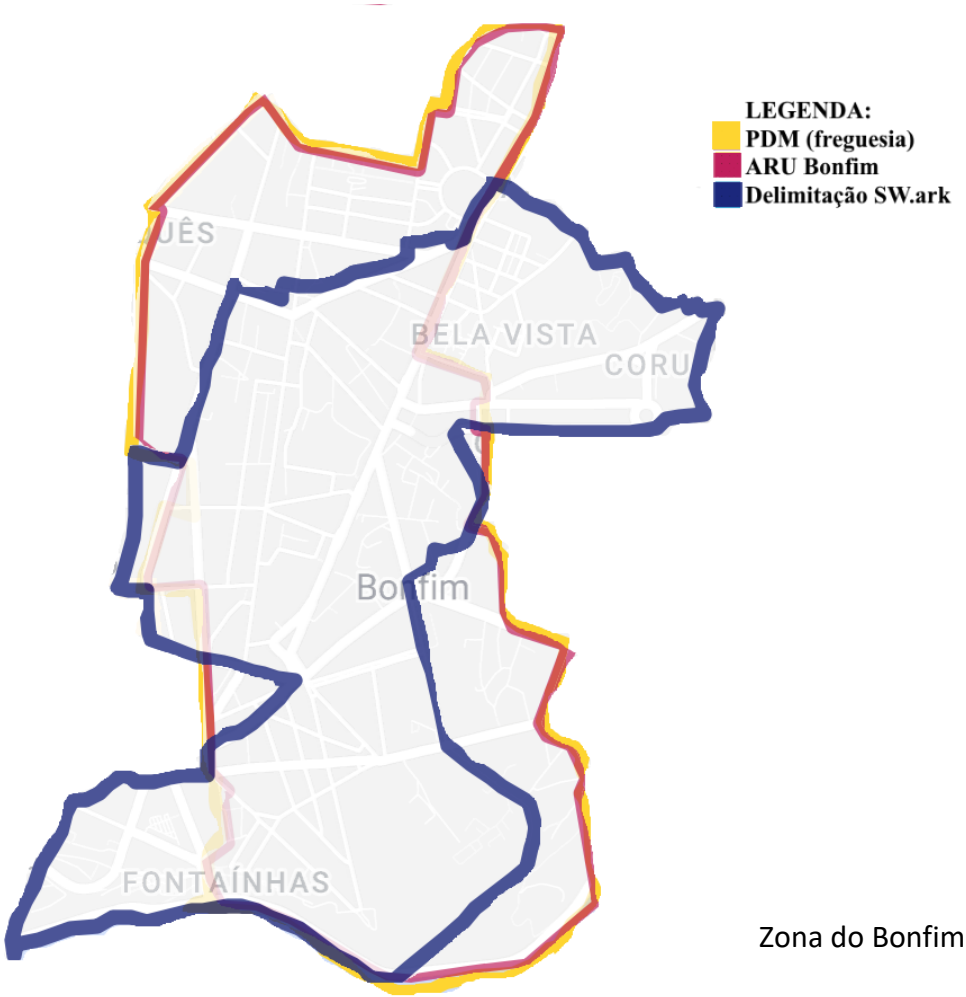
SWARK (Entrevista Arq. Sara Natária, minuto 34: 44-minuto 34:50) e por outro responder necessidade de manutenção de uma realidade lógica, no universo da investigação.

Com o objetivo de dar resposta às questões levantadas são, neste relatório, comparados limites de zonas em quatro documentos de relevo: o Plano Diretor Municipal da cidade (onde se optou por comparar áreas de freguesias por «terem um caráter cultural talvez» (Entrevista Arq. Sara Natária, minuto 38:22)); as Áreas de Reabilitação Urbanas («são áreas de reabilitação urbana que trazem importantes benéficos fiscais, desde logo a taxa reduzida de iva a 6% (…) e não só, mesmo as licenças camarárias têm 50% de desconto» (Entrevista Arq. Sara Natária, minuto 41:38- minuto 42:07); os Centros Classificados (neste caso o Centro Histórico e o conjunto da Foz Velha) porque «essas zonas sempre estiveram presentes no trabalho da SWARK por causa da legislação específica e por causa dos benefícios fiscais de incentivo à reabilitação» (Entrevista Arq. Sara Natária, minuto 40:44- minuto 41:00) e por fim o documento da empresa com as delimitações de interesse da SWARK.

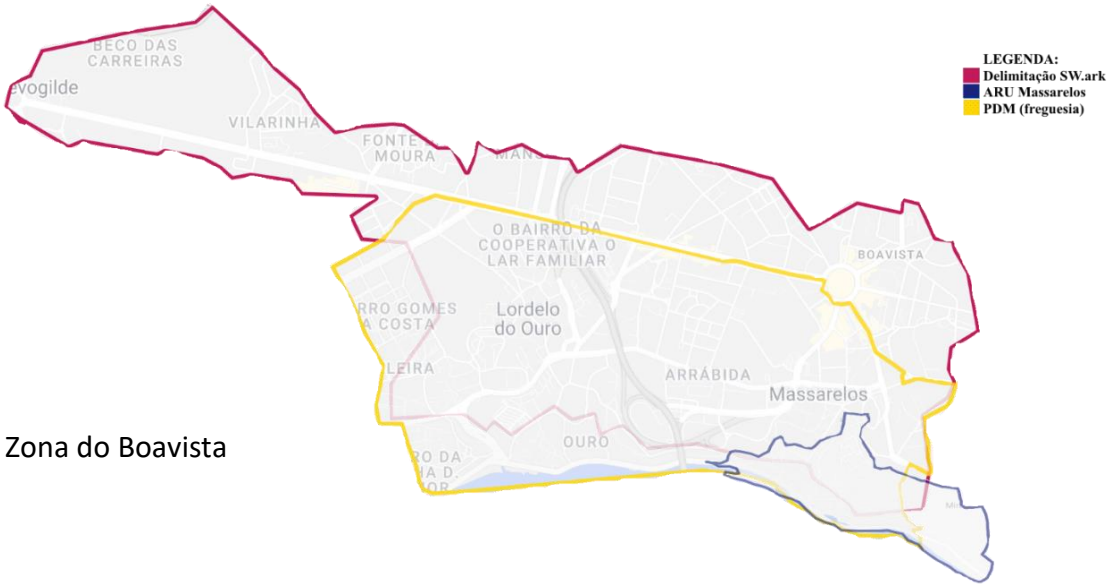
Estas delimitações foram, primeiramente, criadas na plataforma *MyMaps*, no *Google Maps,* e posteriormente transferidos para a aplicação de Design *PaintNet.* Nesta plataforma foi realizado um trabalho de sobreposição de limites de documentos referente às cinco zonas selecionadas. Para a comparação de limites, o principal trabalho neste programa foi a manipulação do nível da opacidade para conseguir o efeito de comparação cromática (**figs. 147, 148, 149, 150, 151 e 152)**.



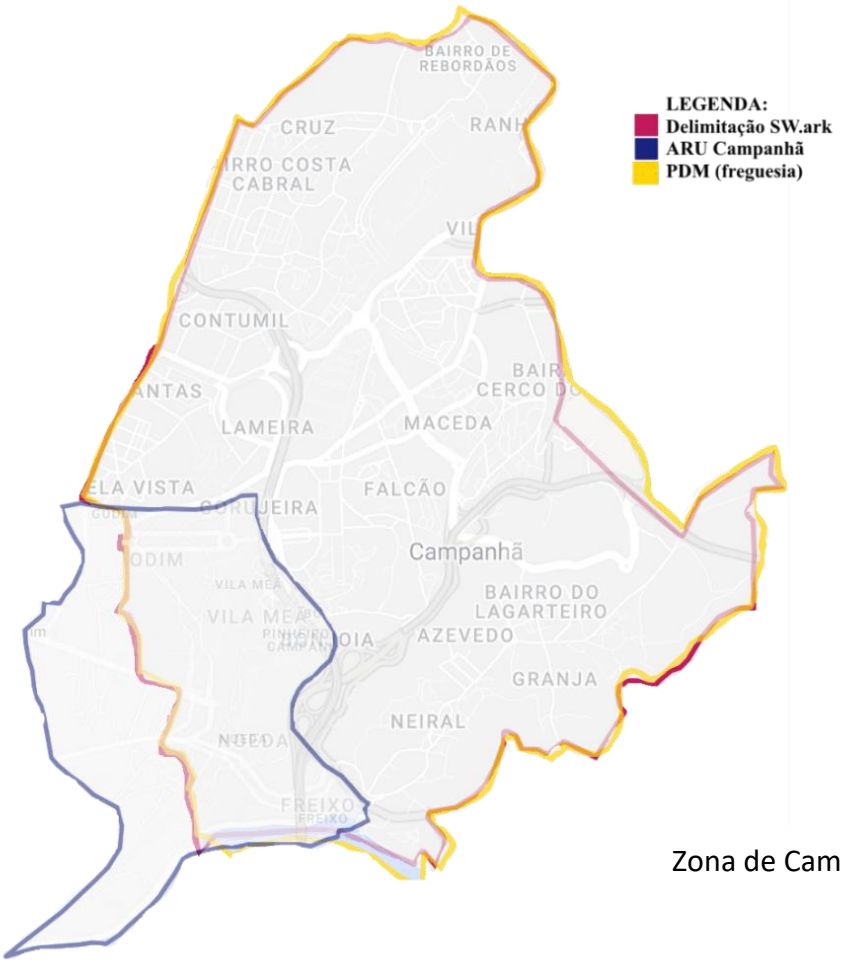
Zona da Baixa



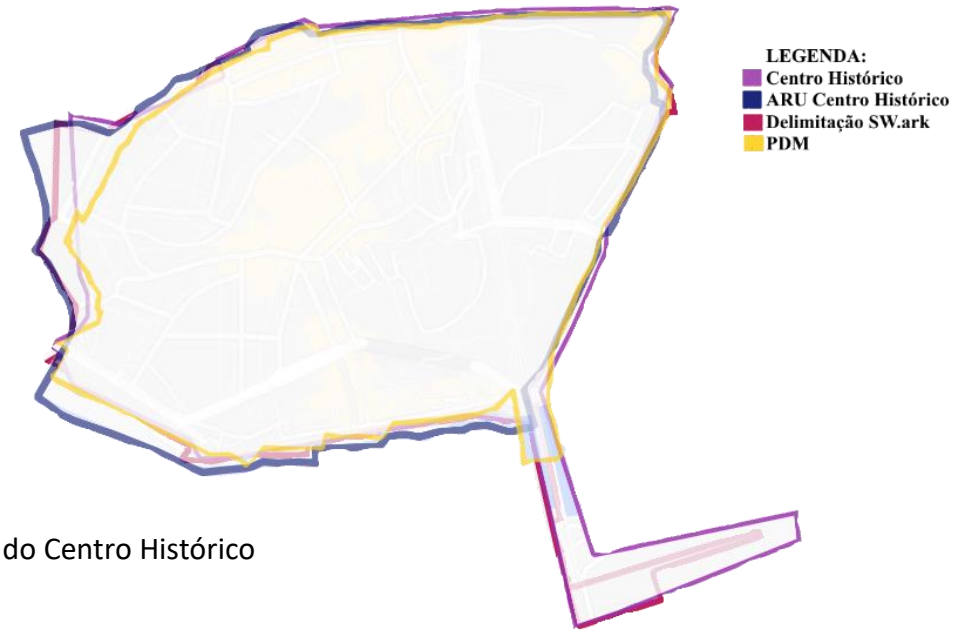
Zona do Bonfim



Zona do Boavista



Zona de Campanhã



Zona do Centro Histórico

Zona da Foz do Porto

Figuras 147, 148, 149, 150, 151 e 152. *Mapas comparativos de limite nas zonas selecionadas*, Fonte: Captura de Ecrã dos mapas criados na aplicação *Paint Net.*

Figura 153. *Mapa Final das Localizações,* Fonte: Captura de Ecrã do desenvolvido na Plataforma *Google Maps.*

Após estas comparações e com o mapa final acima partilhado **(fig.153),** à pergunta:

> *-Houve então a conciliação entre a questão social, histórica, imobiliária e de prospeção para conciliar todos estas realidades numa área só?*

A Arquiteta Sara Natária, como justificação das escolhas abaixo enunciadas, respondeu:

> *-Exatamente, aconteceu esta conciliação nas escolhas.* (Entrevista Arq. Sara Natária, minuto 49:50- minuto 50:14).

No caso da Foz prevaleceu a área da freguesia dado que «para os objetivos da SWARK, tendo em conta que estamos a trabalhar para o mercado de luxo, interessava à SWARK que a Foz, zona premium no mercado imobiliário, fosse uma zona o mais abrangente possível» (Entrevista Arq. Sara Natária, minuto 43: 56- minuto 44:18).

No caso de Campanhã a área do mapa das Localizações é uma junção entre a ARU de Campanhã e da Corujeira dado que «Campanhã tem duas ARUS que ocupam um grande território precisamente porque faz parte da política de expansão urbana da CMP atrair o investimento para uma zona algo deprimida e que precisa de facto ser

regenerada e que tem potencial para isso» (Entrevista Arq. Sara Natária, minuto 47:20-minuto 47:49).

No caso do Centro Histórico prevaleceu a zona como Centro Classificado pela UNESCO e a Frente Ribeirinha é uma junção entre a ARU de Lordelo do Ouro com Massarelos.A Baixa é uma junção entre a ARU da Lapa e ARU da Baixa e no caso do Bonfim foi selecionada a ARU desenhada para a zona.

Por fim, Boavista é uma zona criada para a SWARK e que engloba a área do Pinheiro Manso a Norte e o Campo Alegre a Sul.

No que toca aos esquemas fotográficos criados especificamente para o campo das *linguagens arquitetónicas* houve, ao longo do tempo, várias reformulações nas imagens a adotar uma vez que o objetivo principal era fotografar casas e prédios (e não edifícios públicos ou de serviços) indo de encontro ao principal objeto de trabalho da empresa. Em alguns casos esta realidade dificultou o trabalho de campo, tais como as linguagens *Arte Déco*- com poucos exemplares na cidade e os que existem, na maior parte, assuem funções de serviços públicos - ou o *Modernismo Português*- um tema sensível que obrigou a reflexões teóricas e pela complexidade ao nível da seleção terminológica será especificamente abordado no subcapítulo seguinte-.

No que toca à parte escrita do questionário, existia já uma quantidade relevante de questões que se mantiveram (questões direcionadas aos dados e informações pessoais do cliente). No conjunto das restantes questões houve uma intervenção mais direta nas opções de resposta que existiam, focando-se em duas realidades: a retificação de algumas perguntas, para que se tornassem mais intuitivas; maior diversidade de opções de resposta (mais opções a selecionar ou criando espaço para que o cliente possa escrever a sua resposta).

É nas *linguagens arquitetónicas* e nas *localizações* onde existe uma atuação profunda ao nível textual nesta l*ista de desejos*.

Ao longo do período de reformulação deste questionário surgiu muitas vezes a questão: Como é possível alertar para as relevâncias patrimoniais e históricas de uma forma sucinta, mas eficaz neste questionário? Ambos os temas foram, durante um período considerável, alvo de pensamentos, ideias e reformulações, surgindo, posteriormente,

a ideia de criação de pequenos textos informativos e explicativos para as *Localizações* e *linguagens arquitetónicas*, respetivamente.

As descrições das *localizações* pretendem dar a conhecer a cidade e criar uma ligação mais direta do cliente a uma área face às restantes. Estas descrições focam três ideias principais: o caráter histórico da zona; locais de interesse turístico, patrimonial e social na respetiva área; serviços existentes- tais como os transportes públicos-.

As descrições das *linguagens arquitetónicas* pretendem dar a conhecer as linguagens presentes por toda a cidade do Porto. Têm como mote quatro direções: uma contextualização histórica e temporal de cada linguagem; o caráter decorativo de cada uma das cinco linguagens selecionadas; os materiais mais predominantes e por fim o sistema construtivo.

No entanto os textos descritivos destes dois grandes campos foram desenvolvidos ao longo de bastante tempo e requereram alguma maturação. Não só devido à necessidade de simplificação de linguagem que era exigida para uma melhor compreensão por parte do cliente, mas também pela necessidade de cumprir o que acima já veio a ser referido: desenvolver uma *lista de desejos* com carácter especializado. Estes últimos dois pontos são essenciais para entender que os textos deveriam ser ricos de informação, mas ao mesmo tempo sucintos, para evitar cansaço, provindo da leitura, por parte do cliente. Assim, foi decidido um máximo de 400 caracteres (com espaços) para cada um dos textos.

Foi necessário um período de seleção da informação para responder a este limite e a informação que ficou excluída foi redirecionada para inclusão no documento *portefólio*. No *portefólio* passam a estar presentes dados alargados, referente à *Localização* do imóvel, tais como: transportes públicos na área, escolas particulares na zona. Dedicados à *linguagem arquitetónica*, passa a incluir o *portefólio*, dados alargados do sistema construtivo ou elementos decorativos do imóvel comprado.

11.2 A adaptação da investigação à lista de desejos

A discussão em torno das terminologias a utilizar nas *linguagens arquitetónicas*, no projeto de desenvolvimento da *lista de desejos*, foi um percurso desafiante dado os dois cenários a ter em conta: em primeiro lugar, a necessidade de conseguir comunicar com os clientes da empresa. Exigia-se assim que fossem termos imediatos, tendo em vista um fácil entendimento por parte de clientes e seguidores.

Por outro lado, a realidade da investigação tinha exigência às quais era necessário dar resposta: os termos a serem selecionados deveriam ir de encontro a um rigor científico de acordo com a investigação na área do Património e da própria Arquitetura.

Esta articulação de interesses distintos, mas diretamente ligados pela atividade de estágio, exigiu um grau de ponderação, e investigação, que se estendera por um período considerável pela complexidade inerente à tarefa. Fruto deste processo houve a elaboração de uma tabela de termos com correlação às obras onde estavam referidos, presente no Apêndice 1, e foi um instrumento de análise, e auxílio, essencial na seleção terminológica partilhada ao longo do presente capítulo.

Os termos existentes na primitiva *lista de desejos* referiam-se às realidades das *linguagens arquitetónicas* numa mistura entre terminologias e espaços temporais: Modernismo, Art Déco, Português Suave, séc.XIX e início do séc.XX.

Por uma questão de uniformização havia a hipótese de optar pelos intervalos temporais ou, por outro lado, a exploração das linguagens arquitetónicas através de terminologias. Neste percurso de decisão pesou, sobretudo, os interesses do cliente e qual a forma mais eficaz de comunicação das linguagens arquitetónicas. Assim, concluiu-se que as terminologias seriam mais imediatas ao cliente uma vez que o entendimento de espaços temporais exigia já um conhecimento mais avançado, que poderia não ser transversal.

Se, num primeiro momento, foi selecionado a uniformização deste campo através da terminologia, num segundo momento, foi decidida a exploração de cinco linguagens arquitetónicas: *Art Déco*, *Modernismo*, *Português Suave*, *Arte Nova* e *Casa típica do Porto*.

Iniciando a discussão com o termo *Português Suave*, que existia já no formulário inicial, em semelhança à opção, sugerida pela empresa, *Casa Portuguesa*, apresentavam

dois graves problemas. Por um lado, ambos os termos não comunicam de forma eficaz com um cliente que não tenha um conhecimento prévio história da arquitetura, carecendo da capacidade de uma comunicação fácil e eficaz com o público-alvo. Por outro lado, convergem para um grande conflito: a ideia que Raul Lino- com o seu entendimento culturalista- muito difundia da existência de um 'modelo' de casa portuguesa.

O termo *Casa Portuguesa* assume um outro problema adicional: quem pensa em casa não pensa em prédio.É essencial entender, desde já, que ««português suave», (…), mais do que um estilo, é um modo de ver ou de estar na arquitectura» (ALMEIDA & FERNANDES, 1993:151). Neste período surge um revivalismo de aspetos decorativos dos sécs. XVII e XVIII, promovidos pelo regime ditatorial de Salazar, que se vão materializar em casas, mas também em outros edifícios - prédios- e este termo logo à partida coloca uma lacuna com este entendimento base.

Tanto *Português Suave* (BARREIRA, 203: 66) como *Casa Portuguesa* (TOSTÕES, 1997: 34) comunicam a ideia da existência de uma arquitetura específica do regime autoritarista português e a verdade é que «não existia uma "arquitectura portuguesa"» (TOSTÕES, 1997: 161) . Raul Lino, nas suas abordagens relacionadas com este tema pretendia exatamente a materialização desse mesmo estilo.

> *O fascismo português alicerçara-se (…) numa doutrina que conciliava o retomar do postergado rumo das nossas tradições com a "feição e necessidades dos novos tempos' e com 'as promessas do futuro'* (BRITES, 2014: 213).

Tal como salienta a citação acima destacada, o que existiu foi uma «conjugação (mais do que na síntese) de uma nota de actualidade (volumes dinâmicos, janelas rasgadas horizontalmente e óculos de inspiração marítima, remetidos, com frequência para os alçados posteriores) com elementos regionalistas e/ou historicistas modernizados» (BRITES, 2014: 250), desejando-se assim «o melhor dos dois mundos: uma arquitectura actual que não deixasse de revelar um cunho português» (BRITES, 2014: 267). Esta realidade incluía assim a utilização de elementos já introduzidos pelo *Movimento*

Moderno, como o betão, mas agora articulado com elementos de caráter decorativo que existiam nas arquiteturas em Portugal nos sécs.XVII e XVIII, tais como: «Chaminés e beirados, telhas "à portuguesa" e coruchéus piramidais ao jeito pombalino, aletas barrocas simplificadas e fileiras de cachorros decorativos, cata-ventos e esferas armilares, pilastras e pináculos estilizados, arcarias no rés-do-chão (…)» (BRITES, 2014: 258). Existe ainda «a presença esmagadora de vãos (janelas e portas principiais) com molduras simples dotadas de ressalto superior. As janelas com sacada, já utilizadas na década anterior, sobrevivem ainda nesta fase» (BRITES, 2014: 275).

No entanto, tal como afirma «o arquitecto José Rafael Botelho, "o Estado Novo não sabia o que promover. Queria promover qualquer coisa nova» (BRITES, 2014: 248) e este período de tentativa de definição de uma *linguagem arquitetónica Estado Novo* foi pautada por alguma inconstância já que: «Se a busca de uma sobriedade nobilitante correspondeu, nos anos trinta, maioritariamente, a uma economia de expressão; no decénio de 1940 ela pautou-se por um regionalismo e/ou historicismo. Na década seguinte, render-se-ia a uma estabilização classicizante» (BRITES, 2014: 250). Assim, «não existia uma "arquitectura portuguesa"» (TOSTÕES, 1997: 161) mas sim «constantes na história da arquitectura portuguesa que não derivam de modelos, de tipos ou de elementos arquitectónicos comuns ao território nacional, mas sobretudo de um "traço de carácter intemporal dos homens do nosso país» (TOSTÕES, 1997: 163).

Após várias leituras, a reflexão sobre a problemática destes termos foi constante. Para 'definir' esta linguagem arquitetónica optara-se pela adoção da terminologia *Modernismo Português*. Consegue, por um lado, conciliar, terminologicamente, a continuidade da adoção de técnicas e materiais introduzidos pelo *Movimento Moderno*, mas articulado com elementos decorativos revivalistas que existiram no território português entre os sécs.XVII e XVIII, e que entre os anos 30 e 70 do séc.XX serão novamente protagonistas nas arquiteturas. Por outro lado, à decisão de adoção do termo *Modernismo Português* pesou a imediatez que o mesmo conseguiria passar ao cliente que consulta a *lista de desejos* da empresa.

O termo *Modernismo* (BARREIRA, 2013: 67) veio, também, a relevar alguma necessidade de reflexão e de investigação. O termo *Modernismo* «nasce e desenvolve-

se, na viragem para o século XX, a partir da articulação de um trio de vectores: técnica, forma e ideologia. A correlação entre estes três elementos foi concebida, pelos intelectuais orgânicos do Movimento, em termos deterministas. Novos materiais e técnicas construtivas (com destaque para o ferro e o betão armado) conduziriam a uma experimentação e inovação formais (tendencialmente abstractas e atracadas na estética da máquina)» (BRITES, 2014: 196). A partir dos anos 50 e 60 do séc.XX começa a difundir-se o termo *Arquitetura Moderna* (MECO, 1993: 87) (com o predomínio de linhas geométricas, repetição de elementos arquitetónicos, eliminação de molduras nos vaos, utilização de materiais inovadores). Ambas as terminologias referem-se a períodos distintos que seguem, no entanto, uma linha de base comum. No entanto foi decidida a utilização do termo *Arquitetura Moderna* uma vez que, especificamente na cidade do Porto e «em Portugal, apenas na segunda metade do século XX se verificaria a existência de uma "verdadeira" arquitectura moderna, ou seja, aquela que assenta na articulação entre técnica, forma e ideologia, conforme proposto pelo Movimento Moderno» (BRITES, 2014: 191).

Casa típica do Porto (FERREIRA & ROCHA, 2018: 65) foi um termo que, à semelhança dos casos acima partilhados, também não se manteve e necessitou de algum diálogo, e decisão, de acordo com as possibilidades encontradas.

Este termo levantava desde logo variadas interrogações: por um lado a *casa estreita e alta* (FERREIRA & ROCHA, 2018: 65)., que pontua a cidade, não é um modelo arquitetónico exclusivo da cidade dado que «Este modo de viver por "empilhamento" era uma situação típica e geralmente encontrada em zonas portuárias de comércio intensivo, como na Holanda» (ARAÚJO, 2015: 47). Outra possibilidade é ser «(…) de origem flamenga, já que a Flandres colaborava comercialmente com Portugal, e consequentemente com a cidade do Porto, o que reforça o carácter multicultural da arquitetura portuense» (ARAÚJO, 2015: 48). Desta forma o termo *Casa típica do Porto* (FERREIRA & ROCHA, 2018: 65) entrava em choque com a realidade histórica que envolve estas habitações. Por outro lado, também o termo *Casa Corrente da cidade do Porto* foi descartado porque, se por um lado dava resposta à parte mais histórica ao nível funcional destas casas (são as casas em maior número na cidade) a verdade é que

não preenche os requisitos da empresa SWARK: A empresa procura transmitir ao cliente o seu trabalho personalizado envolvendo arquiteturas singulares e o termo 'corrente' entrava em confronto direto com este objetivo.

Neste processo de procura, foi, por fim, decidida a utilização da terminologia *Casa Burguesa da cidade do Porto* (OLIVEIRA & GALHANO, 1994: 326): transmite, por um lado, uma realidade social e histórica de quem habitou estas casas, em grande escala, na cidade; por outro, « entre estas duas categorias de casas (casa burguesa e palacete), a primeira é a que se pode sem dúvida considerar típica do Porto, aquela que ocorre de modo pouco menos que exclusivo, tanto nas ruas mais velhas como em outras mais recentes» (OLIVEIRA, 1994: 322). O termo consegue, em primeiro lugar, contribuir para a transmissão de conhecimento pela riqueza terminológica e corrobora os interesses da entidade de acolhimento deste estágio. Em segundo lugar, é um termo com validade científica pela ampla utilização do termo em referências/obras relacionadas com o tema.

Por fim os termos *Arte Nova* (TAVARES, 2016: 177) e *Art Déco* (TAVARES, 2016: 105) foram de um mais fácil tratamento isto porque *Arte Nova* mantém-se desde o primeiro momento e o termo *Art Déco*, por uma questão de uniformização de linguagem, sofre a tradução para português, materializando-se em *Arte Déco*.

A discussão em torno destes termos também existiu, mas numa realidade diferenciada das discussões e reflexões acima partilhadas com os outros casos: neste caso a reflexão centrou-se na relevância, ou não, de separar estes termos ou optar pelo conjunto *Arte Nova e Arte Déco*, dado que na cidade do Porto estas linguagens não estão presentes em grande número nas arquiteturas, o que colocou em causa a relevância da sua individualização. No entanto, e porque estamos a contactar diretamente com os clientes, foi decidido a sua individualização, uma vez que, apesar de existirem em número reduzido, a verdade é que são linguagens distintas. Assim, e pensando, sobretudo nesta questão de liberdade de escolha foi decidido a separação das linguagens e a sua respetiva manutenção com vista um bem maior: o interesse do cliente.

A lista de desejos: resultados

Findo o percurso de explanação e reflexão sobre o trabalho relacionado com a Lista de Desejos, nos capítulos anteriores, neste ponto estão partilhadas as capturas de ecrã da nova *lista de desejos* na **fig.155**. Na **fig.154** Está refletido a realidade do documento antes e depois da intervenção fruto da realização do presente estágio.

O link direto de acesso a esta Lista está disponível no Apêndices Condicionados nº4 do presente trabalho uma vez que, hoje, este é um instrumento de trabalho pertencente à empresa SWARK e que por isso tem acesso controlado.

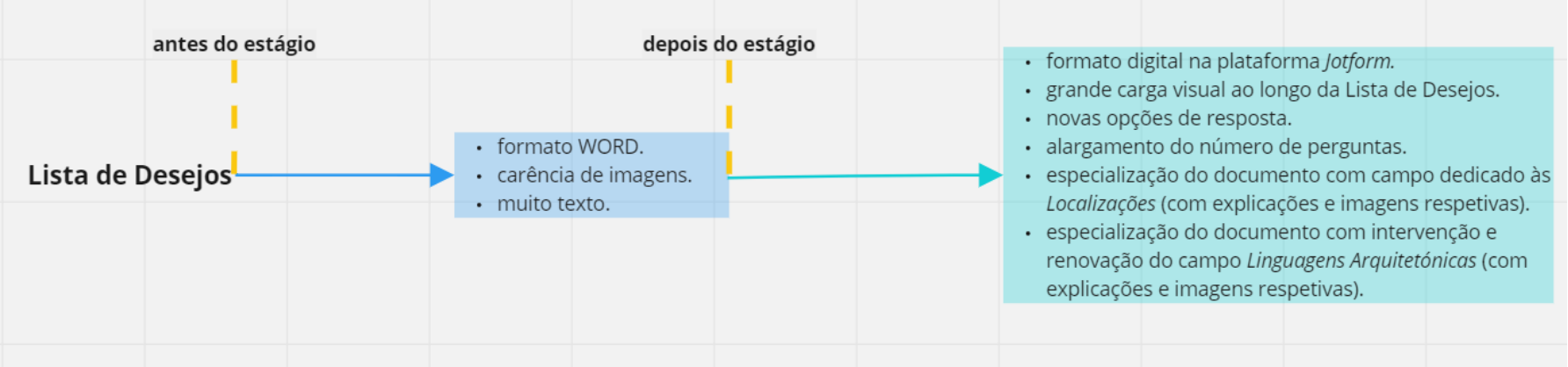


Figura 154. Fluxograma comparativo com o antes e depois da atuação na empresa SWARK na tarefa sobre a *Lista de Desejos,* Fonte: Captura de ecrã da plataforma *Miro*.

SWARK

LISTA DE DESEJOS

Caro Rui Pinto,

Nesta página encontra-se a Lista de Desejos relativa à sua futura Casa histórica, o documento que irá orientar a selecção das propriedades mais adequadas às suas necessidades e estilo de vida. Caso surja alguma dúvida, terei todo o gosto em esclarecer.

SOBRE SI

Nome

Local de residência

Profissão

O que mais lhe agrada na atual casa?

O que menos lhe agrada na atual casa?

Meio de transporte preferencial

Hobbies

SOBRE A SUA FUTURA CASA

Tipologia

- [ ] Palacete
- [ ] Solar/ Casa Nobre
- [ ] Chalet
- [ ] Quinta
- [ ] Casa Rural
- [ ] Prédio
- [ ] Moradia
- [ ] Apartamento
- [ ] Duplex
- [ ] Penthouse
- [ ] Loft
- [ ] Bairro Típico Operário

Estado de conservação

- ( ) Para reabilitar
- ( ) Em fase de projeto
- ( ) Em fase de obra
- ( ) Pronto a habitar

Objetivo

Casa Própria ou Casa Própria+ Arrendamento/ Atelier/ Comércio/ Escritório

Localização Preferencial

- [ ] Centro Histórico
- [ ] Frente Ribeirinha
- [ ] Baixa
- [ ] Foz
- [ ] Boavista
- [ ] Campanhã
- [ ] Bonfim

A Frente Ribeirinha foi desde o séc.XIV, local por excelência de construção naval e de grande intensidade comercial, tendo, como expoente máximo, o Vinho do Porto. A presença constante do Douro, a excelente exposição solar, os pescadores locais dão alma a este lugar especial. Elementos urbanos excepcionais como o Palácio da Bolsa, a Alfândega do Porto, a Igreja de Massarelos e o eléctrico histórico que percorre a marginal, transportam-nos numa viagem ao passado.

O Centro Histórico possui 'uma riqueza monumental e paisagística' excecional, que levou à sua classificação como Património Mundial da UNESCO em 1996. Destaca-se pela paisagem urbana singular, de casas povoando a colina até ao rio Douro, em perfeito diálogo com edifícios históricos notáveis como a Sé Patriarcal, a Ponte Luís I, o Mosteiro da Serra do Pilar. Ruas, largos e praças fervilhantes dialogam com hotéis, lojas, cafés e restaurantes recentemente reabilitados que devolvem, hoje, ao centro o seu antigo esplendor.

Zona central da cidade a Baixa representou, desde sempre, o principal ponto de serviços da cidade com bancos, instituições oficiais e a Câmara Municipal. Alarga, hoje, a sua intensa atividade comercial com uma profusão de hotéis, restaurantes, cafés e lojas. Aqui encontramos a Rua de Santa Catarina ou a Rua das Flores, ruas historicamente comerciais, e ainda loclais de grande simbolismo e monumentalidade como a Avenida dos Aliados, a Igreja e Torre dos Clérigos e a Estação de São Bento.

Com fortes reminiscências marítimas, a Foz era originalmente um povoado piscatório, onde surgiram, no início do séc.XX, residências de veraneio de estrangeiros e da alta burguesia portuense. O traçado irregular e sinuoso de ruas estreitas da Foz Velha, a sul, deu lugar ao traçado ortogonal de ruas arborizadas da Foz Nova, a poente. É um lugar de tranquilidade, caracterizado pela extensão de praias e magnífico pôr do sol, beneficiando do Jardim do Passeio Alegre e do Parque da Cidade.

Aberta em meados do século XIX a Avenida da Boavista permitiu a ligação entre o centro da cidade do Porto e o mar, atravessando os arrabaldes rurais da cidade. Perto de espaços de grande interesse como o Jardim Botânico, o Museu de Serralves ou a Casa da Música, nesta zona da cidade encontramos moradias e palacetes de grande imponência.

Campanhã, historicamente, foi um importante centro de agricultura e indústrias tradicionais, impulsionado pelo aparecimento da Estação de comboios de Campanhã em finais do séc XIX. Aqui surgiram importantes quintas e casas de veraneio de famílias burguesas e nobres da cidade, de que são testemunho o Palácio do Freixo e o Palacete Ramos Pinto. Mantém ainda o ambiente de tranquilidade, beneficiando de importantes zonas verdes como os Parques de Nova Sintra, São Roque e Oriental.

O Bonfim marcou a história do Porto pelo grande pólo industrial que representou, e representa, tendo sido local de eleição como habitação da alta burguesia da cidade, no início do séc.XX. Recentemente considerado pelo The Guardian como um dos bairros mais cool da Europa, com uma intensa vida cosmopolita e uma dinâmica artística ligada à Faculdade de Belas Artes do Porto. Possui equipamentos de grande interesse histórico como a Biblioteca Municipal ou a Capela do Prado do Repouso.

Caráter da rua

Luz, Som, Dimensão, Comércio e Serviços...

Zonas e Ruas Preferencias ou a Evitar

Transportes Públicos

Tempo a pé até estação de metro, Autocarros, Caminhos de ferro....

Estacionamento

Garagem individual, Garagem de recolha, Estacionamento de rua....

Privacidade

- ◯ Imprescindível
- ◯ Relevante
- ◯ Não relevante

Elevador

- ◯ Imprescindível
- ◯ Relevante
- ◯ Não relevante

Área e Nº Quartos

Orientação Solar

- ◯ Norte
- ◯ Sul
- ◯ Poente
- ◯ Nascente

Espaços Exteriores

- ☐ Jardim
- ☐ Pátio
- ☐ Terraço
- ☐ Varanda
- ☐ Outros

Vistas

- ☐ Rio
- ☐ Mar
- ☐ Jardim
- ☐ Cidade

Linguagem Arquitetónica Preferencial

- ☐ Casa Burguesa do Porto
- ☐ Arte Nova
- ☐ Arte Déco
- ☐ Modernismo Português
- ☐ Arquitetura Moderna

A Casa Burguesa na cidade do Porto remonta ao século XVIII e estende-se até inícios do séc.XX. Destaca-se pela sua fisionomia estreita e alta. O piso-térreo pode ser destinado a funções económicas como loja ou oficina. Os pisos superiores do edifício são destinados à habitação familiar. A fachada voltada para a rua é ricamente ornamentada em trabalhos azulejares articulados com o granito a emoldurar janelas e portas, para além de um trabalho singular nas ferragens. Internamente destacam-se a existência da clarabóia para iluminação da escada e de tetos com estuques decorativos. Ao nível construtivo, as casas são, nas fachadas, em granito e internamente em madeira. Têm ainda logradouros- pequenos espaços verdes- nas traseiras.

A Arte Nova, surgida nos inícios do séc.XX na cidade do Porto, materializou-se nas arquiteturas através de uma rica temática decorativa dominada por trabalhos azulejares e de serralharia de temática naturalista/ vegetalista tratada com policromias fortes e linhas marcadas por grande movimento. As fachadas, normalmente rebocadas, assumem tons claros como contra-ponto aos tons vibrantes dos elementos decorativos. Associada à temática decorativa estavam ainda as janelas, emolduradas com granito, que assumiam geometrias curvilíneas. O sistema construtivo destaca-se pela articulação entre materiais como madeira e pedra, materiais por excelência abundantes na cidade.

A Arte Déco chega ao Porto a partir dos anos 30 do séc.XX. A linguagem decó materializou-se nos edifícios com grande domínio da simetria e da geometria nas fachadas, dominadas por linhas verticais que alongavam as arquiteturas. Janelas ritmadas e simétricas, fachadas em reboco, por vezes, em cores arrojadas e com elementos decorativos quase inexistentes dominam o léxico da arte déco. Ao nível do sistema construtivo destacou-se da utilização de materiais extremamente inovadores à época como o betão e o aço.

A 'Casa Portuguesa', surgida nos anos 20 e até aos anos 70 do séc.XX, caracteriza-se pelo ressurgimento do léxico decorativo tradicionalista português dos sécs. XVII e XVIII. Fachadas simples e depuradas assumem cores claras. Ressurge a presença de torreões rematados por cata-ventos e esferas armilares, a pedra rusticada, elementos cerâmicos tradicionais e alpendre a assinalar a entrada da casa. Ao nível do sistema construtivo destaca-se a utilização do betão e do aço, materiais inovadores já introduzidos pelo modernismo na arquitetura. Esta linguagem foi amplamente incentivada durante o período Estado Novo em Portugal, como tentativa de criação de uma identidade arquitetónica portuguesa.

A Arquitetura Moderna Surgiu na cidade nos inícios do séc.XX com o ensino da Escola do Porto, influenciada pelo racionalismo da arquitectura internacional e manter-se-ia até aos anos 60/70 do mesmo século. Caracterizam-no as formas depuradas, dominadas por linhas horizontalizantes, as coberturas exteriores em palas a assinalar varandas e entradas de edifícios. Externamente destacam-se os revestimentos cerâmicos- pastilha-, o reboco pintado- com policromias vibrantes- e motivos decorativos em azulejo com padrões geométricos. A aplicação de materiais inovadores, como o ferro, o betão-armado, o aço possibilitaram a abertura de amplas janelas, abrindo o espaço interior ao exterior, e a criação, internamente, de espaços de maiores dimensões.

Quantia disponível para aquisição

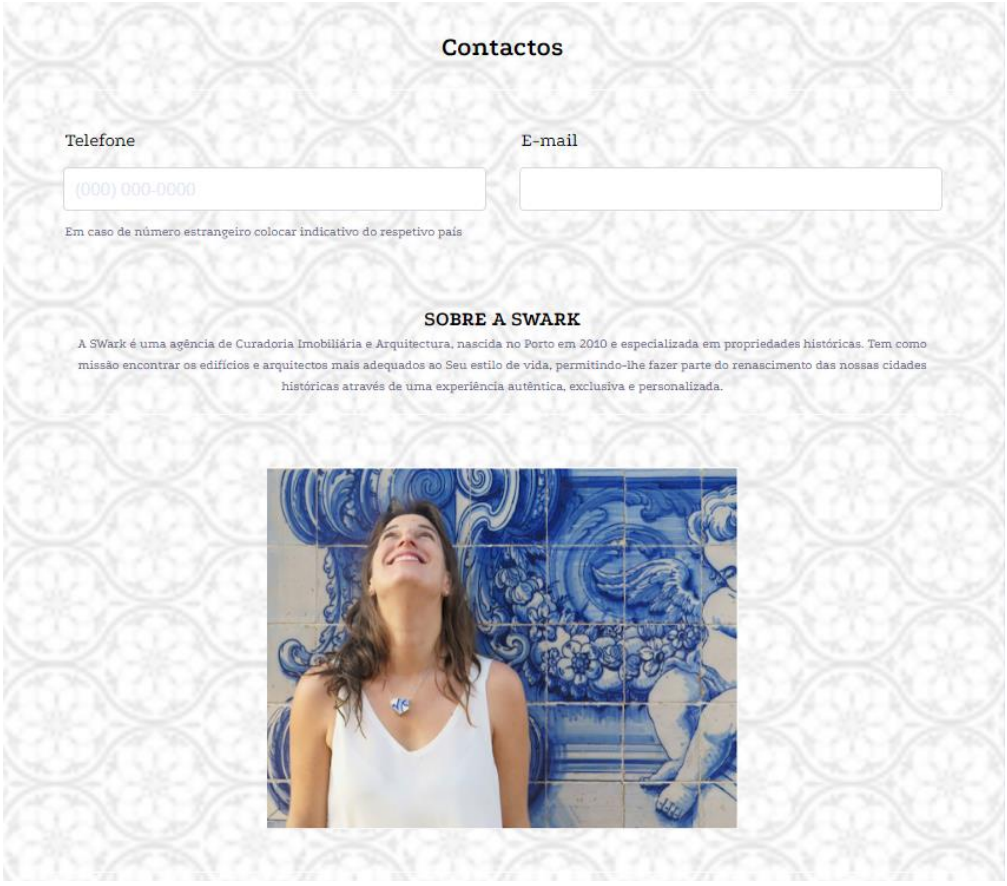
Prioridades

Digite aqui...

Orçamento, Jardim, Linguagem Arquitetónica, Estado de Conservação, Garagem, Elevador...

Your Wildest Dreams

Digite aqui...



Figuras 155: *Lista de desejos* definitiva, Fonte: Captura de ecrã da plataforma *JotForm*.

12. As publicações nas plataformas digitais

Neste capítulo serão desenvolvidas algumas ideias que justificam a relevância de atuação nas redes sociais.

Atualmente é inequívoca o poder e relevância que não só a internet, mas sobretudo as redes sociais, possuem em todos os segmentos e faixas etárias. Há quem as use para fins recreativos, outros para fins de trabalho como é o caso da entidade de acolhimento deste estágio.

Quando foi realizado um plano de desenvolvimento de atividades na empresa, ficou desde logo muito claro a necessidade de intervenção nas redes sociais da empresa porque «hoje vivemos em um mundo totalmente novo. (…) A internet, que trouxe conectividade e transparência às nossas vidas, tem sido em grande parte responsável por essas transformações» (KOTLER, 2017: 16). A comprovar tudo isto «pesquisas recentes em diferentes setores mostram que a maioria dos consumidores acredita mais no fator social (amigos, família, seguidores do Facebook e do Twitter)» (KOTLER, 2017: 26). Assim, através da intervenção nas plataformas digitas, seria possível atingir dois objetivos deste estágio: por um lado, promover a partilha de conhecimento dos estudos de património e arquitetura; por outro, aproximar e anexar mais público às redes sociais da empresa, uma vez que «na verdade, apenas um único momento de prazer inesperado com uma marca é o que basta para transformar um cliente em um fiel advogado da marca» (KOTLER, 2017: 87).

A ação de partilhas nas redes socais é transversal a todas as plataformas onde a empresa está presente: *Instagram*, *Facebook, Linkedin, Twitter* e *Pinterest*.

Nestas plataformas esteve em curso o desenvolvimento de dez temas permanentes sobre características e elementos presentes nas casas da cidade do Porto, distribuídos entre várias semanas para intensificar a «comunicação, fortalecendo a presença no canal e melhorando a interface com o cliente (…)» (KOTLER, 2017: 87). O desenvolvimento destes temas, centrado nos elementos que caracterizam as casas do Porto, é inspirado na citação presente no livro *Marketing 4.0: do Tradicional ao Digital*: «Isso envolve identificar temas únicos que sejam relevantes para os consumidores e que

tenham conexão com as marcas»(KOTLER, 2017: 126). Vão até mais longe nesta sugestão alertando que «o conteúdo pode ser disponibilizado em formatos variados, tanto escritos (artigos, white papers, estudos de caso, press release e até e-books) quanto gráficos e visuais (infográficos, quadrinhos, gráficos interativos, jogos, vídeos e até filmes)» (KOTLER, 2017: 126). Seguindo esta sugestão, o projeto desenvolve um conjunto de textos com relação direta a imagens, selecionadas a partir das visitas realizadas com a SWARK, trabalho de campo autónomo e ainda do espólio fotográfico da empresa.

O *Pinterest* é a única página onde são partilhadas fotografias com uma redução substancial de texto face às partilhas nas outras plataformas por ser uma plataforma dedicada, em exclusivo, ao conteúdo fotográfico. Ainda referente à rede *Pinterest*, se por um lado nas redes *Instagram*, *Facebook, Linkedin*, *Twitter* há referência ao autor de cada fotografia publicada, na plataforma digital *Pinterest* o mesmo não acontece. Foi priorizado referir, apenas, as fotografias referentes a outros autores, cuja referência é obrigatória segundo as boas práticas de gestão de recursos. Mais uma vez esta estratégia surge fruto da ideologia de funcionamento desta plataforma digital: dar destaque, quase em exclusivo, ao recurso fotográfico publicado.

Também na rede social *Twitter* houve necessidades adicionais*:* para a partilha do conteúdo escrito foi necessário fazer uma redução substancial de texto uma vez que a plataforma tem, como regra, 280 caracteres com espaços.

Tendo em vista alguma organização nas partilhas, cada tema permanente é, em primeiro lugar, antecedido por um *post*, com o fundo a assumir o logotipo da SWARK e com conteúdo escrito, a anteceder o tema que será partilhado nos dias seguintes (ex: 'A Claraboia'). Face a esta organização, e uma vez que o *Instagram* tem uma estrutura de organização de 3 publicações por fila, foram programadas as publicações para que todos os *posts* a anunciar cada tema se organizassem na mesma coluna tendo em vista, também, uma renovação estética da página social da empresa.

> *No marketing centrado no ser humano, os profissionais de marketing abordam os consumidores como seres humanos integrais, com mente, coração e espírito* (KOTLER, 2017: 158).

Para além da criação de publicações permanentes, relacionadas com elementos e características das arquiteturas da cidade, foram ainda criadas publicações temporárias (24h) direcionados ao *Instagram* e *Facebook* (por serem as plataformas que possuem este mecanismo de trabalho). Nestes conteúdos temporários foram divulgados valores, termos e ideias veiculados nas principais legislações do universo patrimonial. Esta transmissão, e de forma a ir de encontro à citação acima destacada, foi realizada centrando a tónica no papel que o próprio cliente e cidadão comum pode ter na preservação do património edificado, isto porque «(…) Marcas que evocam emoções podem induzir ações favoráveis dos consumidores. Elas se conectam com os clientes em um nível emocional com mensagens inspiradoras» (KOTLER, 2017: 168).

Metodologicamente, e devido ao grande volume de publicações- 90 publicações permanentes e 15 conjuntos de histórias temporárias- foi necessário recorrer a aplicações para agendamento nas plataformas digitais. Para publicar no Facebook e Instagram foi utilizada a plataforma *Business Suite* e para as restantes páginas a aplicação *Canva*.

Para o trabalho nas redes sociais foram estudados aspetos como o melhor horário para as partilhas: os temas permanentes seriam partilhados 7 dias por semana às 18:30 h (horário de término do horário laboral- na sua generalidade- e no qual as pessoas reativam a sua presença no mundo digital) ; os *posts* temporários, de 24h, foram partilhados aos sábados e domingos às 11h (por serem mensagens rápidas o fim de semana adequava-se mais a este trabalho dado que as pessoas estão mais recetivas, e ativas nas redes, e o período pré-almoço beneficia por ser compasso de espera até à refeição de meio dia).

O início da partilha dos conteúdos nas redes sociais *Instagram* e *Facebook* data do dia 25 de julho de 2022 com término programado no dia 18 de setembro de 2022. Já nas redes *Twitter, Linkedin* e *Pinterest* o início das partilhas iniciara-se mais tarde (5 de

agosto de 2022) mas tem término programado na mesma data das plataformas *Instagram* e *Facebook*. O atraso no início de partilhas nas plataformas referidas é explicado por complicações no período experimental da aplicação *Canva* que impossibilitou a partilha de conteúdo a partir de dia 25 de julho. A rede social *Pinterest*, apesar de iniciada a atividade a 5 de agosto, terminaria mais cedo do que as restantes dado que as primeiras e últimas publicações de cada tema (a primeira publicação é referente ao tema- ex: 'a clarabóia'- e último referente aos artistas que, na atualidade, trabalham o elemento em estudo) foram descartadas para aplicação nesta rede.

A partilha de conhecimento desenvolvido durante a ação de investigação em Património e Arquitetura no âmbito do presente estágio é realizado tendo em vista que «na verdade, o conteúdo é o novo anúncio. (…) O conteúdo, por outro lado, contém informações que os consumidores possam usar para alcançar seus objetivos pessoais e profissionais» (KOTLER, 2017: 177).

12.1.1 *Sabia que…* (A Legislação Patrimonial nas Publicações Temporárias)

Sabia que segundo a **Carta de Veneza**, «A conservação dos monumentos é sempre favorecida pela sua adaptação a uma função útil à sociedade» (ICOMOS, 1964:2). Para a SWARK, uma casa histórica é um monumento habitado. Na SWARK, o objetivo é encontrar quem terá o privilégio de habitar e cuidar desta valiosa herança arquitetónica. Será o seu caso?.

Sabia que «a conservação dos monumentos é sempre favorecida pela sua adaptação a uma função útil à sociedade» (ICOMOS, 1964: 2). Hoje os clientes da SWARK, habitando e vivendo em casas históricas da cidade do Porto, ajudam a dar-lhes uma nova vida.

Sabia que a **Carta Europeia do Património Arquitetónico**, de 1975, já explica que «O património Arquitetónico é um capital (…) *de valor insubstituível*» (CONSELHO DA EUROPA, 1975:2)? Comprar uma casa histórica é ter o privilégio de habitar uma obra arquitetónica única e irrepetível.

Sabia que a participação de todos é indispensável ao sucesso da conservação integrada (CONSELHO DA EUROPA, 1975: 3)?. Desde 2010 a SWARK cria equipas multidisciplinares para encontrar a melhor solução para a casa dos seus Clientes.

Sabia que o **Documento de Nara sobre a Autenticidade**, de 1994, explica-nos afirmando que «a responsabilidade pelo património cultural e pela sua gestão, pertence, em primeiro lugar, à comunidade (…)» (ICCROM & ICOMOS, 1994: 2) ?. Ao habitar uma casa histórica está a ter um papel de protagonista na preservação dos edifícios com caráter excecional.

Sabia que apoiamos a **Carta de Cracóvia**, de 2000, quando afirma que «a 'alteração de valores (…) é, afinal, uma das características do património, ao longo da História» (CONFERÊNCIA INTERNACIONAL SOBRE CONSERVAÇÃO, 2000: 1)? Património para a SWARK é, também, futuro. Será o seu?

Sabia que «os elementos que embora hoje possam não ter um significado específico, poderão, contudo, tê-lo no futuro» (CONFERÊNCIA INTERNACIONAL SOBRE CONSERVAÇÃO, 2000: 2) ?. Incentivamos os nossos clientes a reabilitações conscientes das suas casas históricas para preservação de possíveis valores excecionais.

Sabia que «o «projeto de restauro» deverá basear-se num (…) processo cognitivo que integra a recolha de informações e a compreensão do edifício e do sítio'» (CONFERÊNCIA INTERNACIONAL SOBRE CONSERVAÇÃO, 2000: 2)?. Uma das primeiras tarefas da SWARK é a análise da casa e da sua envolvência para ir de encontro às expectativas dos clientes. Quais são as suas?

Sabia que «os bens móveis e imóveis podem ser classificados como de interesse nacional de interesse público ou de interesse municipal»? (ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA, 2001: 4). E se a sua futura casa for um destes casos excecionais?

Sabia que «os bens imóveis classificados (…) beneficiarão automaticamente de uma zona geral de proteção de 50 m, contados a partir do seus limites externos (…)» (ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA, 2001: 8)?. A sua casa estará sempre integrada numa envolvente de caráter excecional.

Sabia que o **PDM 2022** da cidade do Porto defende «(…)a compatibilização de materiais (…) que promova a harmonização com a envolvente» (CÂMARA MUNICIPAL

DO PORTO, 2021: 30)?. Ao usar materiais tradicionais na reabilitação da sua casa está a eternizar a cultura, a herança histórico-patrimonial da cidade.

Sabia que o PDM da cidade do Porto defende a realização de «um levantamento incluindo inventário e mapeamento das estruturas edificadas e de elementos naturais existentes com valor patrimonial» (CÂMARA MUNICIPAL DO PORTO, 2021: 33)? Para melhor conhecer a sua casa a SWARK promove a realização de inventários de caráter histórico e arquitetónico-estrutural.

Sabia que pode ter acesso ao património arquitetónico da cidade do Porto sem sair de casa através a Carta de Património I, no PDM da cidade.

Sabia que «a conservação tornou-se uma estratégia para alcançar um equilíbrio sustentável entre o crescimento urbano e a qualidade de vida» (UNESCO, 2010:3)? A SWARK dá-lhe acesso a um estilo de vida que combina charme, conforto e sustentabilidade.

Sabia que «As condições mudaram e as cidades estão sujeitas a pressões e desafios do desenvolvimento»? (UNESCO, 2010:2). A SWARK é uma empresa dinâmica e responsável, que concilia os seus interesses -enquanto cliente- e o respeito pelo património das nossas cidades.

12.1.2 A Claraboia

É essencial destacar, em primeiro lugar, a grande variedade destas estruturas na cidade **(figs. 156 e 157),** não só no que toca às suas dimensões, mas também no que se refere às suas tipologias. São as claraboias retangulares, circulares e elípticas que dominam na cidade, sendo que nas construções mais antigas da cidade são as retangulares que se detetam em maior número (CERQUEIRA, 2018:40). A claraboia retangular destaca-se das circulares ou elíptica pela simplificação da sua forma, uma vez que, tendo uma ou duas águas, são caracterizadas por acompanharem a pendente o telhado.

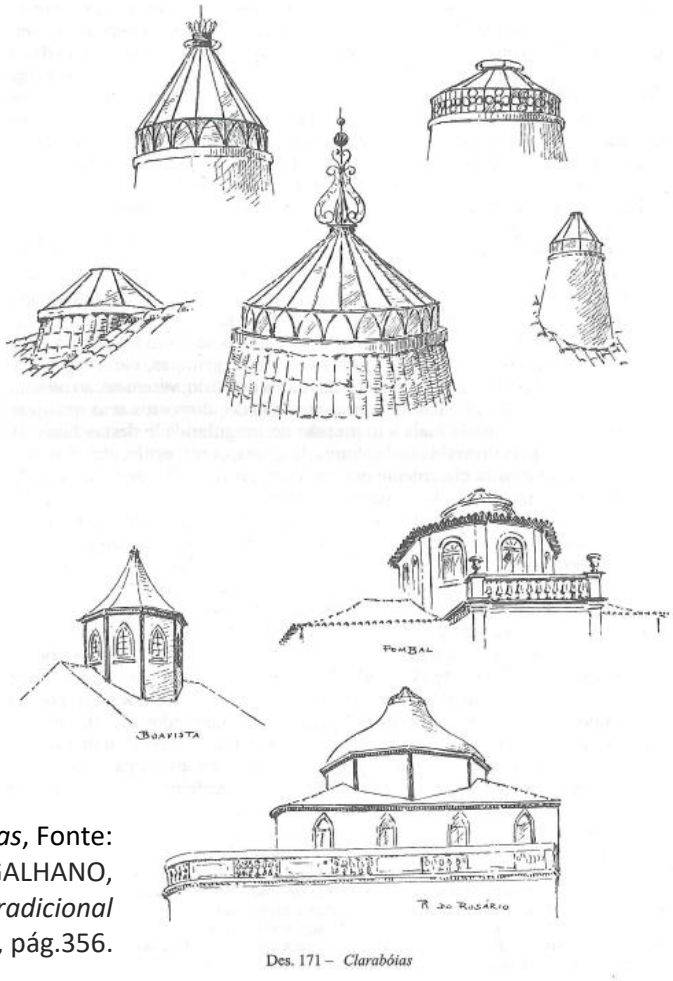


Figura 156. *Tipos de claraboias*, Fonte: OLIVEIRA, Ernesto Veiga de; GALHANO, Fernando 1994) *Arquitetura Tradicional Portuguesa*, pág.356.

Legenda:

1-Clarabóia Complexa Estrutural Tridimensional sem catavento

2-Clarabóia Complexa Estrutural Tridimensional com catavento

3-Clarabóia Complexa Estrutural Tridimensional com catavento

4-Clarabóia Simples Plana de duas águas

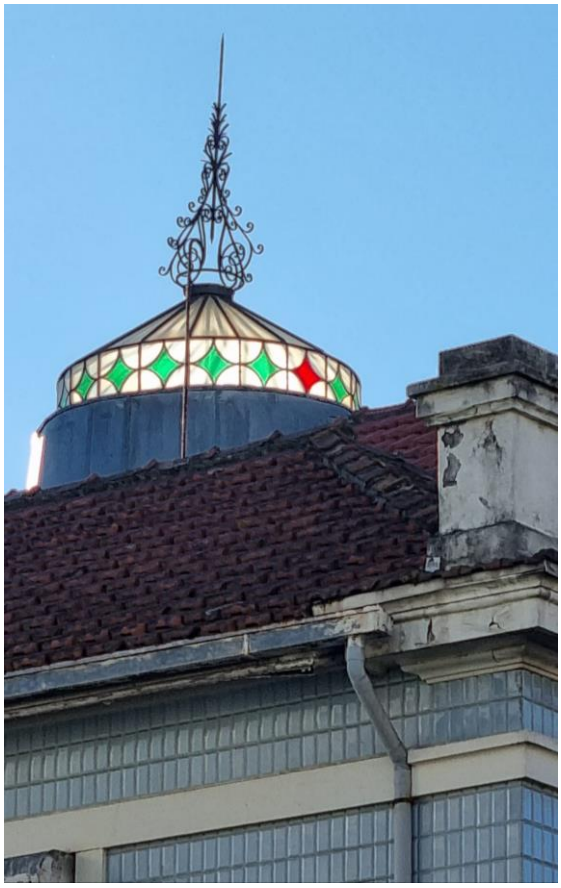
5-Clarabóia Complexa Estrutural Tridimensional com catavento

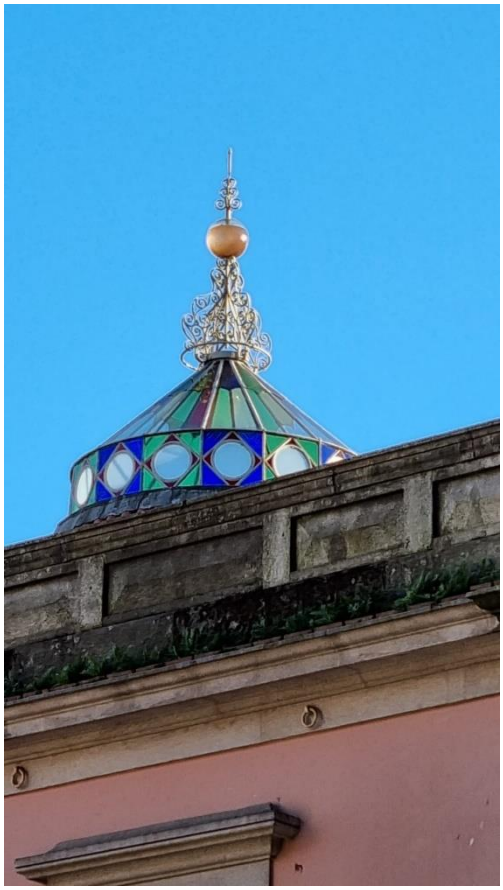
6-Clarabóia Complexa Estrutural Tridimensional sem catavento

7-Clarabóia Simples Estrutural por gomos

Figura 157. *Tipos de claraboias,* Fonte: CERQUEIRA, Ana Rita Martins. (2018) *Reabilitação de Edifícios Históricos*, pág.62.

A claraboia circular ou elíptica mantém-se ao longo do tempo nas mais distintas tipologias habitacionais. Dentro das claraboias circulares é importante destacar duas vertentes: a claraboia simples estrutural, que se caracteriza pela arquitetura de base circular com a estruturação do telhado de vidro num módulo de 'guarda-chuva', (PIRES, 2009:57) e a claraboias de estrutura tridimensional. Caracterizam-se pelas semelhanças às claraboias circulares simples, devido à estrutura de vidro em formato 'guarda-chuva' (PIRES, 2009:57) mas distanciam-se, no entanto, deste modelo mais simples, pela complexidade que acabam por apresentar ao serem sobre-elevados devido à existência de um tambor onde assenta a estrutura de vidro, sendo de fácil identificação no horizonte da cidade.





Figuras 158 e 159. *Claraboias existentes na cidade do Porto*, Fonte: fotos de autoria própria (26/02/2022).

Localização: Rua Álvares Cabral e Marquês, respetivamente.

Estas estruturas não são ocasionais nas casas do Porto. É importante destacar que, em alguns casos, algumas destas claraboias possuem vidros de cor **(figs. 158, 159, 160 e 161),** criando um ambiente cenográfico no interior da casa com a incidência da luz. Assumem, assim, um papel decorativo que é, ainda mais acentuado, pela existência, em alguns casos, de cataventos ou outras estruturas decorativas (PIRES, 2009:61) **(fig.162)**.

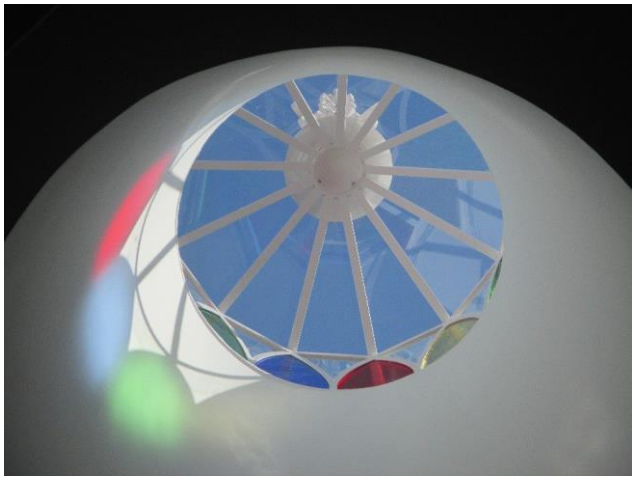


Figura 160. *Vidros de cor em claraboia*, Fonte: SWARK.

Figura 162.*elemento decorativo de claraboia,* Fonte: SWARK.

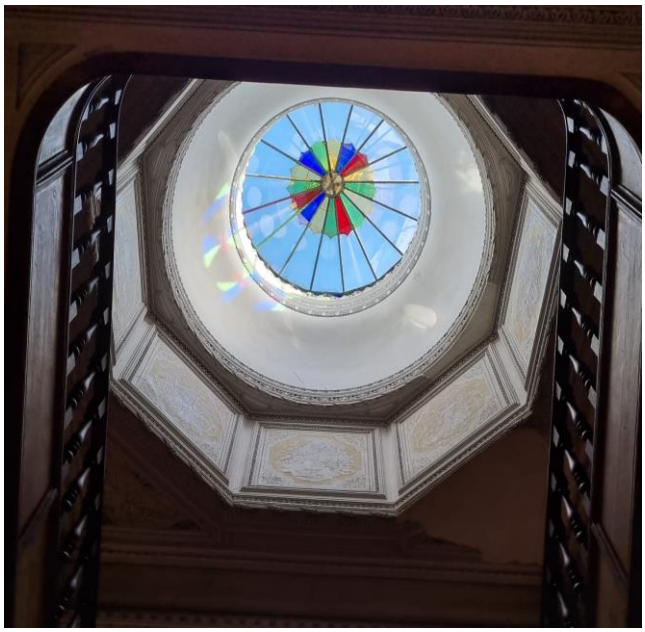


Figura 161. *claraboia e ambiente cenográfico criado no Palacete Pinto Leite,* Fonte: fotos de autoria própria (06/11/2021).

O termo vitral (*stained glass*) relaciona-se com vidro colorido e pintado e fixado numa estrutura própria **(figs.163, 164 e 165).** Para a realização do vidro colorido é muito habitual as técnicas da pigmentação, no entanto, existem outras ainda hoje utilizadas: óxidos metálicos, esmaltagem **(figs.166 e 167).**

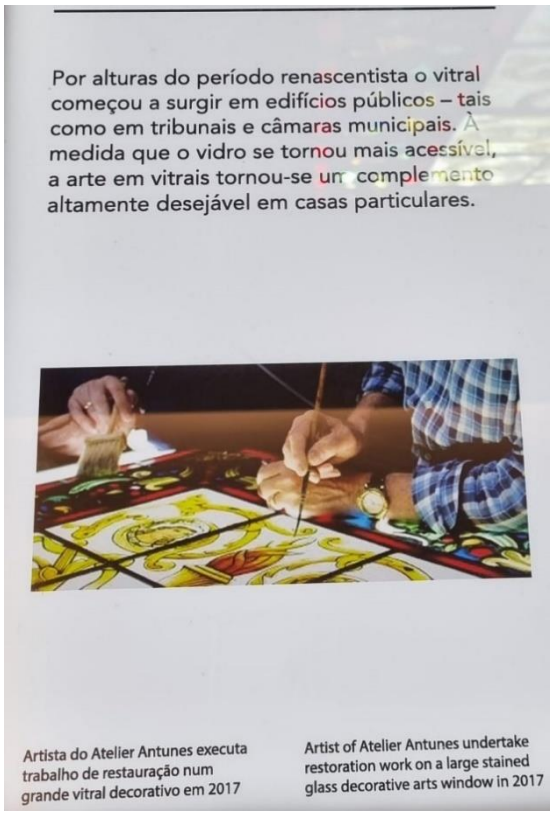
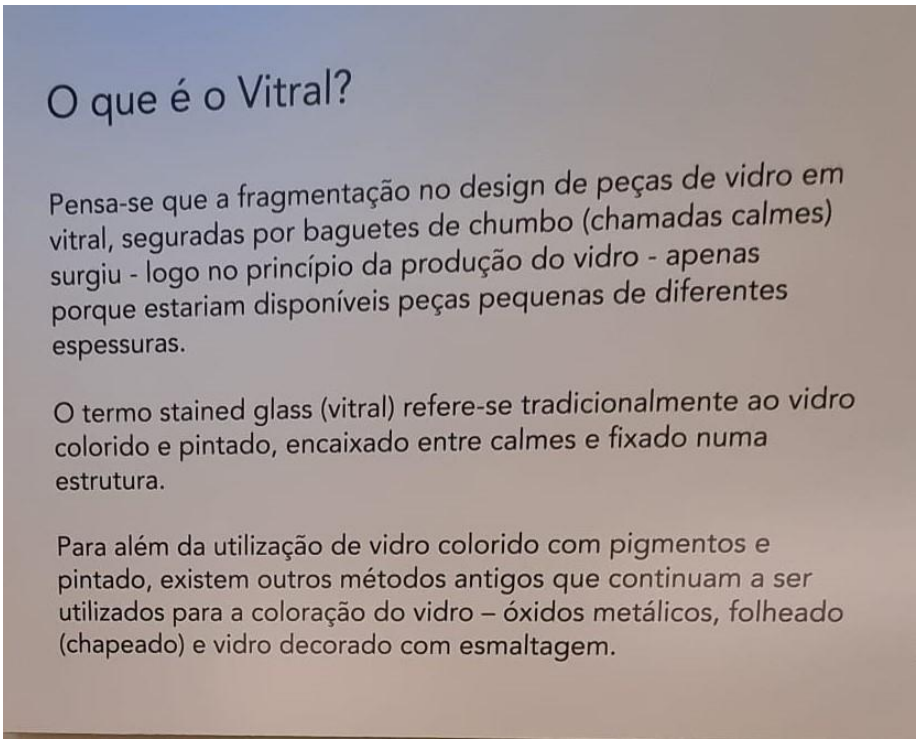
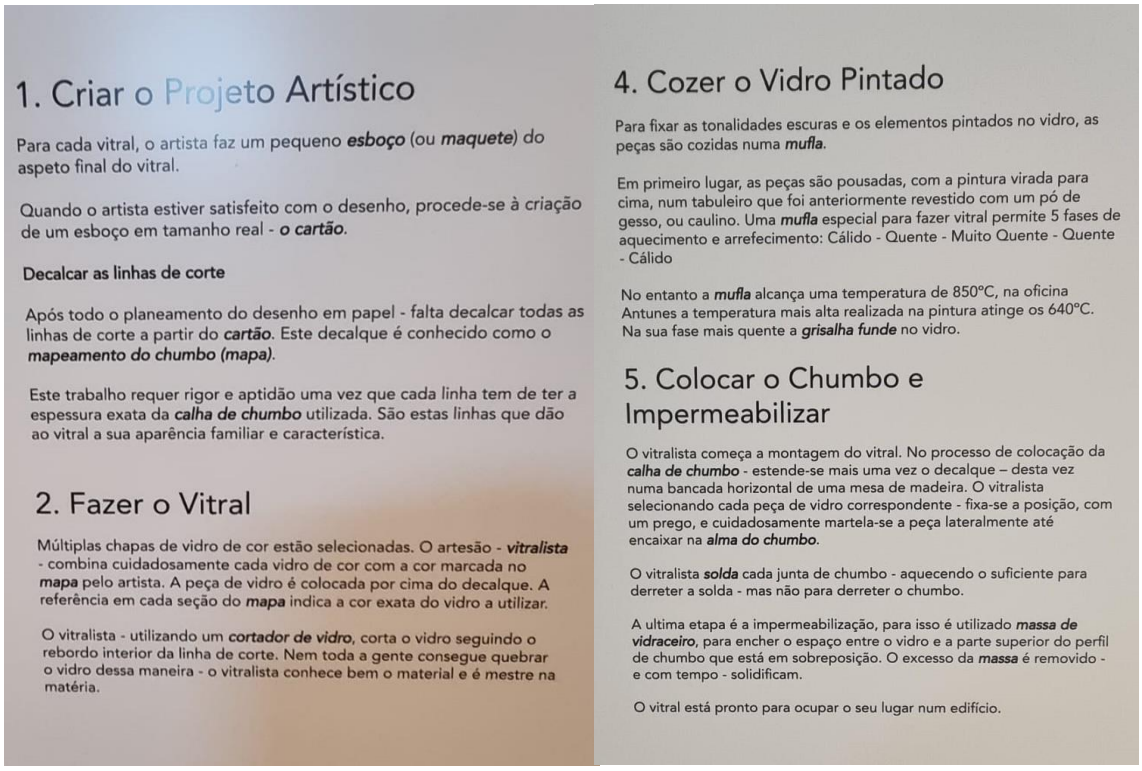


Figura 163. *Painel presente no Museu do Vitral,* Fonte: fotos de autoria própria (03/12/2021).



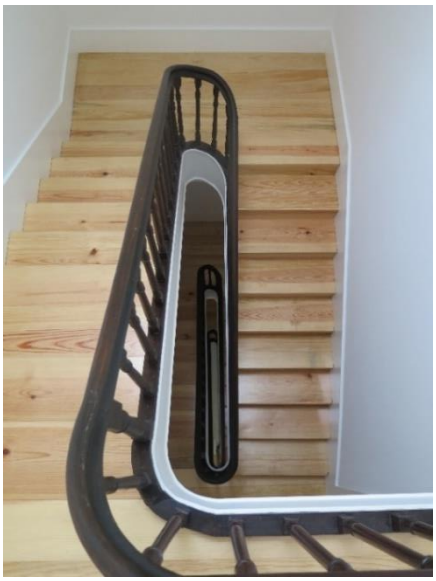
Figuras 164 e 165. *Explicação do termo vitral e origens- Painéis presentes no Museu do Vitral,* Fonte: fotos de autoria própria (03/12/2021).

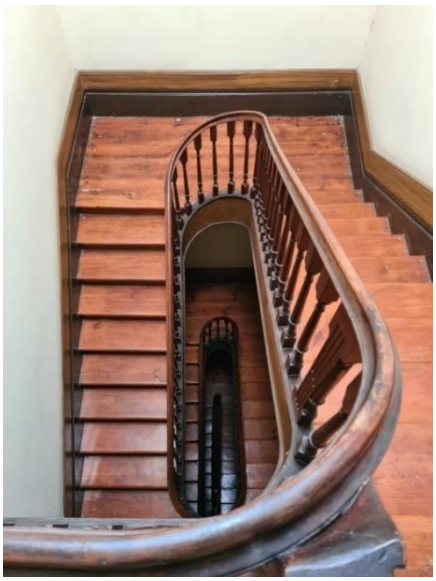


Figuras 166 e 167. Processo de criação do vitral- *Painéis presentes no Museu do Vitral,* Fonte: fotos de autoria própria (03/12/2021).

Para obtenção das diferentes policromias dos vitrais são utilizadas matérias distintas: ouro para o vermelho, cobre para obtenção do verde e cobalto para o tom azul.

No entanto, e para além do caráter decorativo e cenográfico associado a este elemento, a claraboia é uma estrutura extremamente importante e funcional para as casas: na casa burguesa do Porto, em que só existem duas frentes, a iluminação interna das casas era insuficiente e é a claraboia que soluciona este obstáculo, estando localizada, normalmente, na caixa de escadas, o que permite, não só, iluminar o elemento distribuidor da casa como dar mais luz aos outros cómodos do espaço da habitação. Claraboia e caixa de escadas tem uma relação simbiótica, uma vez que, com vista a que a função da claraboia seja completamente bem-sucedida a escadaria das casas adapta-se de forma a permitir essa realidade: à medida que os lanços de escada aumentam, vão diminuindo de tamanho os degraus para permitir que a iluminação provinda da claraboia consiga chegar ao piso mais baixo da casa **(figs. 168 e 169)**.

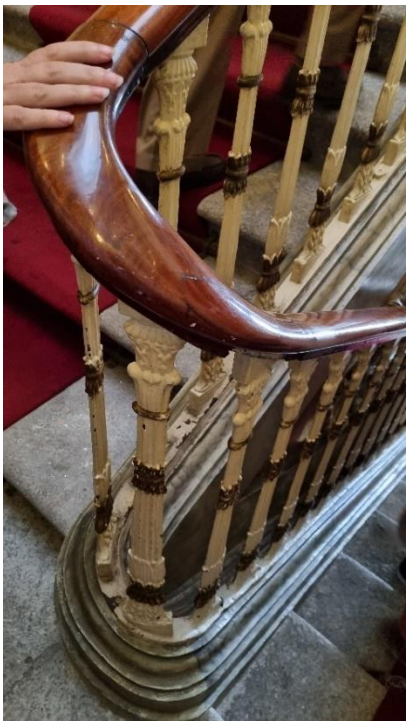




Figuras 168 e 169. *relação da claraboia com a caixa de escadas,* Fonte: SWARK e foto de autoria própria respetivamente (28/06/2022).

Localização: foto à direita Rua José Falcão.

A escadaria das casas da cidade vai dialogar com a claraboia, mas não só. Destaca-se a relação íntima que o corrimão assume com um outro interveniente: o habitante da casa. O corrimão apresenta-se com formas que se relacionam com a fisionomia humana uma vez que, a sua forma ergonómica, permite um maior encaixe entre o apoio e a mão, dando maior sentido de segurança a quem utilize a escadaria **(figs.170 e 171).**



Figuras 170 e 171. *relação do corrimão com fisionomia da mão humana,* Fonte: fotos de autoria própria.

Por outro lado, em casas de maior imponência em que já existiam três ou até quatro frentes, a claraboia poderia funcionar, igualmente, como elemento funcional de iluminação do espaço interno, no entanto esta não seria a sua única função. Nestes casos existia uma óbvia intenção de monumentalização da habitação, uma vez que «Nos salões e nas escadas de luxo a luz das clarabóias passa a esses aposentos por meio de um céu de vidro, construído nos seus tectos e deles fazendo parte» (REGO, 2016:44). Associada às grandes dimensões deste elemento arquitetónico estava a ideia de representatividade da grandeza e prestígio da família sobre a caixa de escadas, para o visitante da casa. Um exemplo desta imponência interna é a claraboia do Palacete Silva Monteiro uma vez que a claraboia pintada azul reflete a ideia de ter um 'céu exclusivo' da casa**(fig.172) (**ou no Hotel Torel Palace pelo aparato da grandeza da estrutura) **(fig.173).** Por outro lado, nesta casa, a claraboia é acompanhada por uma grande carga simbólica uma vez que a rodeá-la existem representações próximas ao proprietário da casa Silva Monteiro nas molduras existem representações do Rio de Janeiro (onde fez fortuna), Massarelos e Lisboa; nos símbolos, estão presentes os do comércio, agricultura, ciência e riqueza.

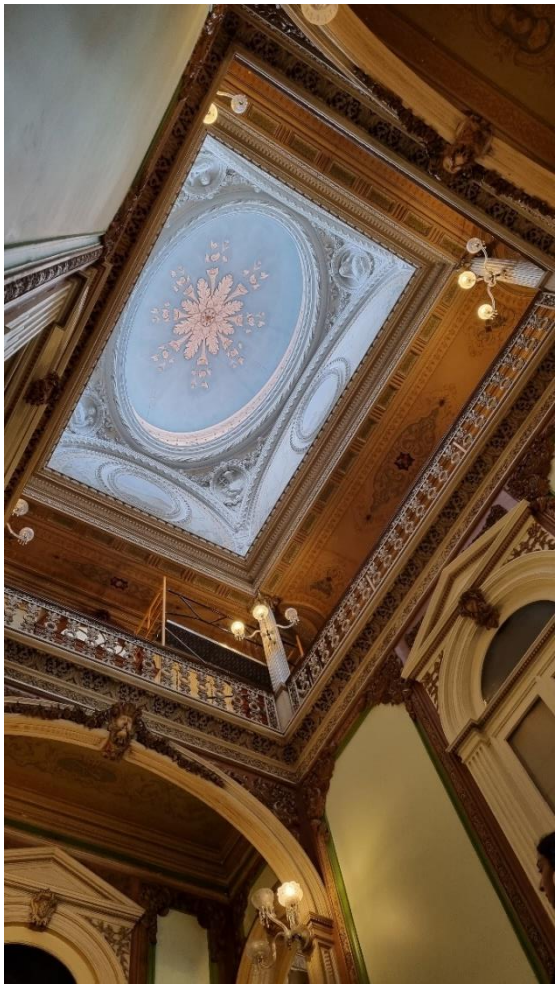


Figura 172. *claraboia Palacete Silva Monteiro*, Fonte: fotos de autoria própria (03/07/2022).

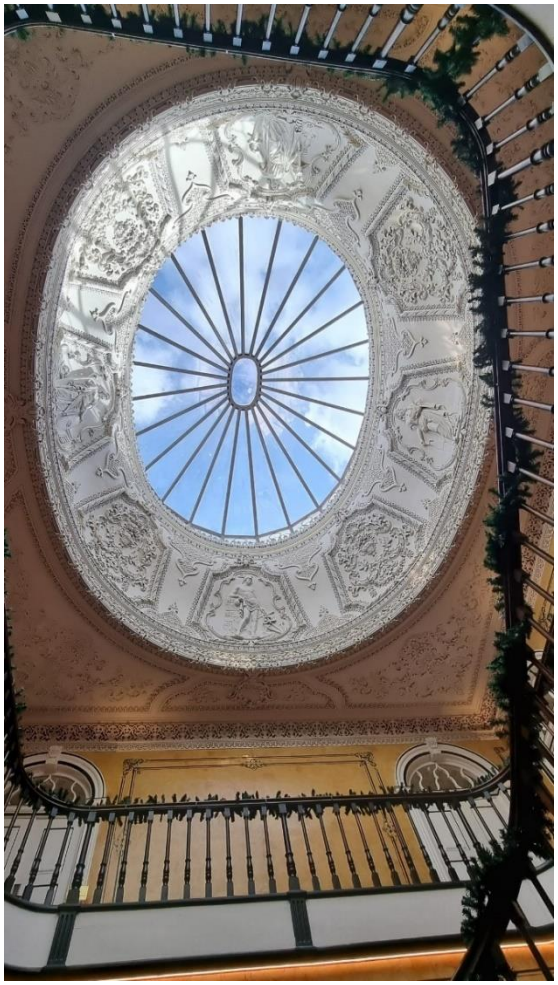


Figura 173. *claraboia Palacete Pinto Leite*, Fonte: fotos de autoria própria (10/12/2021).

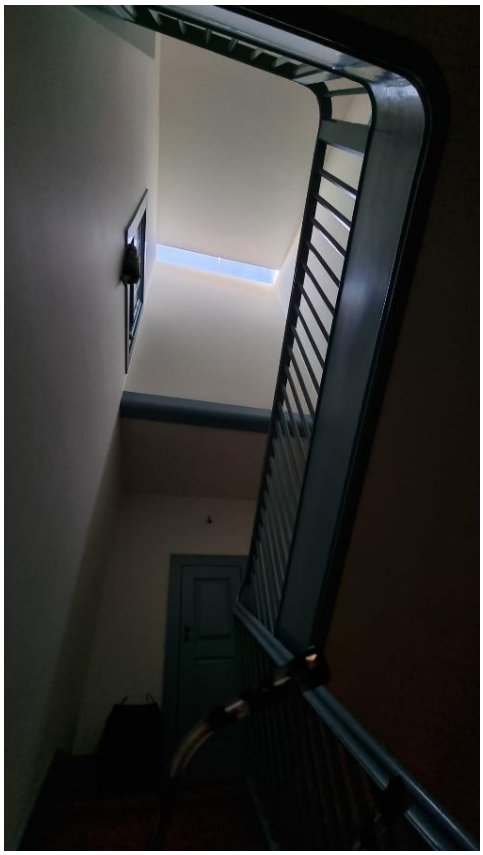
A construção da estrutura da claraboia difere, de acordo com a complexidade da sua forma. Iniciam-se os trabalhos de construção marcando a área para a abertura na cobertura. «Para a sua execução suprimem-se as ripas e contra-ripas da cobertura nessa zona» (REGO, 2016:45) e «dentro deste espaço era pregado um tabuado de tábuas costaneiras, à estrutura do tecto e da cobertura, que conformava as paredes da clarabóia» (TEIXEIRA, 2004: 134).

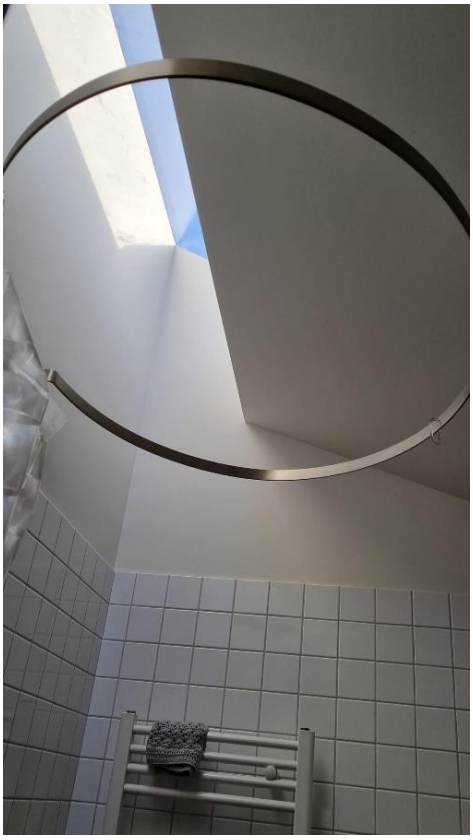
O revestimento difere dependendo da forma da mesma: nas claraboias de formato curvo/ arredondado o fasquiado é aplicado na forma diagonal ao tabuado, para «diminuir a sua curvatura e o risco destas peças frágeis se partirem» (TEIXEIRA, 2004:

135). O mesmo processo é utilizado para as claraboias de formato elíptico ou circular. Externamente os acabamentos das claraboias são, normalmente, em chapa de zinco **(fig.174)** para uma maior impermeabilização e escoamento das águas das chuvas.

Figura 174. *revestimento em chapa de zinco da claraboia da Casa na Rua de Cedofeita nº334,* Fonte: SWARK (12/05/2022).

Atualmente a estrutura da claraboia, em casos de reabilitação de arquiteturas, continua a ser uma estrutura vital para a funcionalidade do espaço interior da casa. Assim, em muitos casos opta-se pela conservação das suas formas quando possui detalhes caracterizadores e individualizadores para a própria arquitetura. Por outro lado, há casos em que se opta por claraboias de desenho mais contemporâneo (FLORET, 2020: 69). Um destes casos é a habitação nº142 da Rua da Torrinha, visitada em ambiente de estágio, em que a claraboia assume um desenho contemporâneo alinhado com a cumieira do telhado **(figs.175, 176 e 177).**





Figuras 178, 179 e 180. *claraboia contemporânea na Casa na Rua da Torrinha nº142,* Fonte: fotos de autor (26/11/2021).

No trabalho em volta deste elemento arquitetónico destaca-se o trabalho da Paulo Gaspar Ferreira. No projeto da *Anima Luminária* fotografa toda a atmosfera, elementos caracterizadores das claraboias da cidade do Porto **(fig.181).**

Figura 181. *Claraboia na Anima Luminária,* Fonte: FERREIRA, Paulo Gaspar, disponível em: https://paulogasparferreira.com/anima-luminaria (último acesso a 09/09/2022).

12.1.3 A Trapeira e o Mirante

Trapeira e Mirante estão, ambos, localizados na parte superior dos edifícios e, é essencial, desde já destacar a diferença entre ambos. A trapeira caracteriza-se por ser um aproveitamento do vão do telhado e o mirante é a criação de um volume acima da cobertura do telhado do edifício (CERQUEIRA, 2018:41). De construção semelhante, têm normalmente cobertura de quatro águas e a construção segue a matriz de paredes em tabique simples.

A trapeira é de dimensões reduzidas, normalmente com espaço suficiente para uma pequena janela e, normalmente, direcionada para a fachada da rua principal. No entanto existem casos de trapeiras com duas ou três janelas, tendo já dimensões consideráveis, mas estão em menor número na cidade.

Os mirantes localizam-se em locais estratégicos dependendo da casa. Na casa burguesa do Porto é habitual ocuparem toda a largura do edifício. No entanto, em casas com maior largura como os palacetes ficam, normalmente, isolados na parte da

cobertura, tendo um telhado independente da cobertura da casa (OLIVEIRA & GALHANO, 1994: 354) **(figs.182, 183 e 184).**

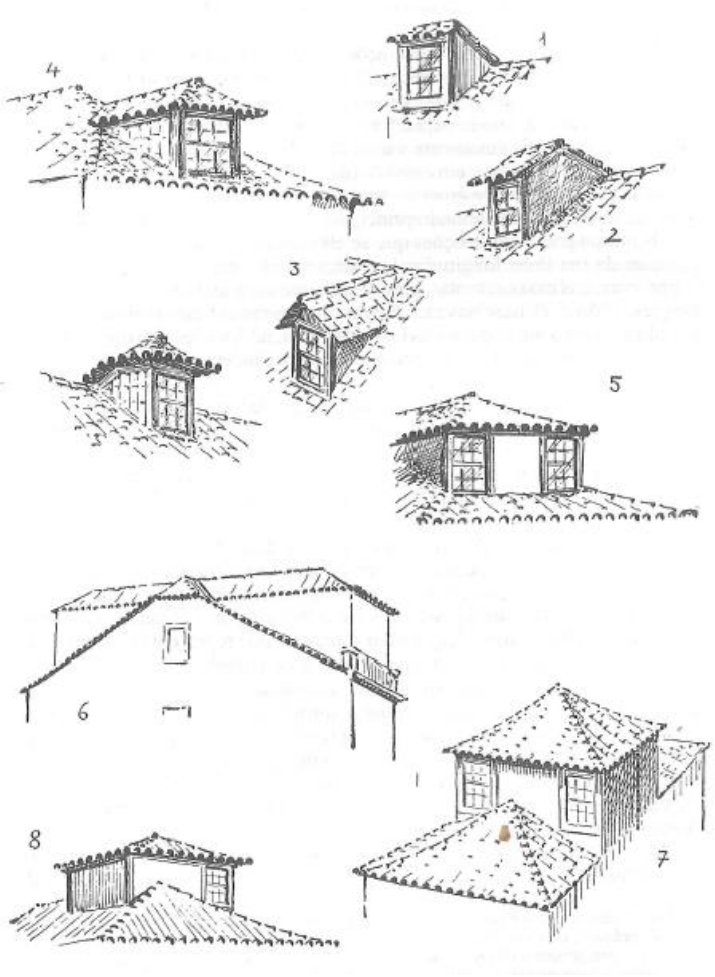


Figura 182. *Exemplos de trapeiras e mirantes*, Fonte: OLIVEIRA, Ernesto veiga de; GALHANO, Fernando (1994) *Arquitetura Tradicional Portuguesa*, pág.353.

São estruturas altamente funcionais. As trapeiras servem para iluminar e dar maior dimensão a um espaço, como um sótão, na parte superior do edifício. Por outro lado, o mirante localiza-se acima do telhado e cria uma última divisória da habitação, ou seja, ampliação, da própria casa (OLIVEIRA & GALHANO, 1994: 356). Ao serem construídos em tabique simples não só não representa uma preocupação de sobre-esforço para a estrutura do edificado como também é de fácil capacidade monetária a sua criação. Estes pontos explicam, em parte, o número considerável de elementos desta natureza nas casas da cidade do Porto.

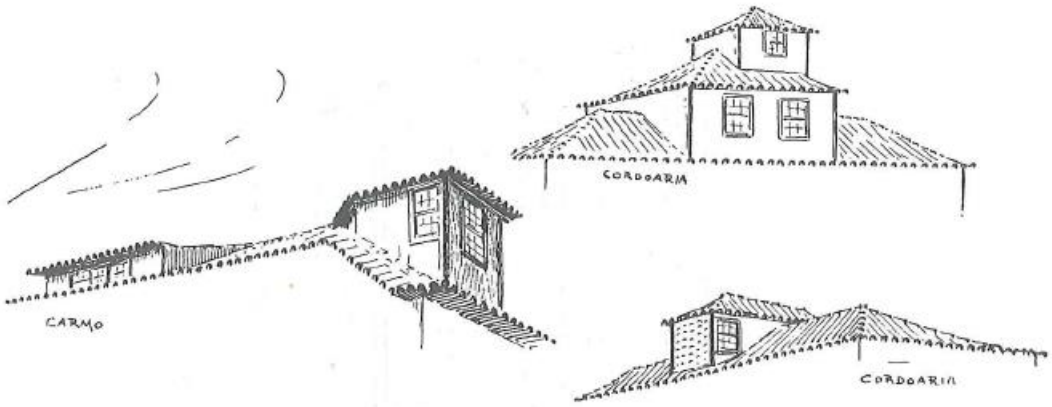


Figura 183. *Exemplos de trapeira e mirante*, Fonte: OLIVEIRA, Ernesto veiga de; GALHANO, Fernando (1994) *Arquitetura Tradicional Portuguesa*, pág.357.

Figura 184. *Mirante*, Fonte: TEIXEIRA, Joaquim (2004) *Descrição do Sistema Construtivo da Casa Burguesa do Porto entre os Séculos XVII e XIX*, pág.142.

Por vezes uma última alternativa é visível nas habitações: existe a possibilidade do último piso do prédio ser um varandim, onde existe um último corpo da fachada que pode, ou não, ser recuado **(figs.185, 186 e 187).** Estes varandins, são protegidos por uma guarda de ferro corrida ou, em outros casos, platibadas ou balaustradas (OLIVEIRA & GALHANO, 1994: 357).

Figuras 185 e 186. *Exemplos de varandins na cidade do Porto*, Fonte: SWARK.

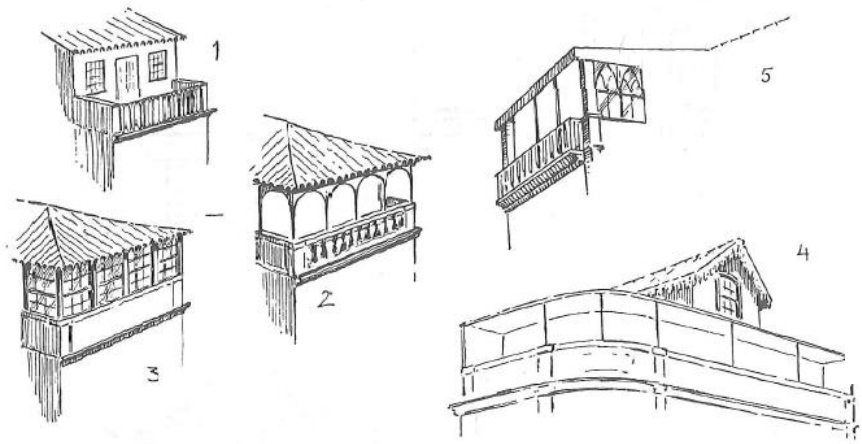


Figura 187. *Exemplos de varandins*, Fonte: OLIVEIRA, Ernesto veiga de; GALHANO, Fernando (1994) *Arquitetura Tradicional*

Relacionado com estas estruturas está a cobertura das casas. Foi a partir do séc.XV que se começaram a aplicar, como cobertura, a telha, motivada pela sequência de incêndios que aconteceram na cidade, em parte mais desastrosos, pelas coberturas em materiais facilmente inflamáveis em contacto com o fogo. É a telha Marselha que predomina na

cidade a partir do séc.XIX, uma vez que permitia uma grande economização no seu uso ao ser plana e de encaixe não exigia a utilização de argamassa na sua aplicação, o que a tornava igualmente funcional mas sobretudo menos dispendiosa **(figs. 188 e 189)** (TEIXEIRA, 2004: 74).

Figura 188. *Telha Marselha*, Fonte: SWARK.

Figura 189. *Telha Marselha,* Fonte: foto de autoria própria (07/09/2022).

Se até ao fim do séc.XVIII era o telhado de quatro águas- terminando em largos beirais- que prevalecia, a partir deste mesmo século surge uma alteração para a vulgarização do telhado de quatro águas «no sentido frente fundo, com as empenas dos oitões por vezes muito elevadas, continuando a linha frontal a ser horizontal» **(figs. 190, 191 e 192)** (OLIVEIRA & GALHANO, 1994: 351) em platibanda lisa ou ornamentada, sendo que «se completa por vezes com estátuas, vasos, urnas, monogramas, ou outros motivos» (OLIVEIRA, GALHANO, 1994: 351). Este câmbio é explicado pela logística de construção que envolvia um telhado de duas águas: inicialmente «os telhados de duas águas exigirem mais pedra na sua construção, tornando-se mais dispendiosos do que os telhados de quatro águas, que, por exigirem mais madeira, eram mais fáceis de executar e mais baratos» (TEIXEIRA, 2004: 42).

Figura 190. *profusão de telhados de quatro águas na cidade,* Fonte: foto de autor (13/03/2022).

Localização: Sé do Porto.

Figuras 191 e 192. *profusão de telhados de duas e quatro águas na cidade,* Fonte: foto de autoria própria (28/06/2022).

Localização: Rua dos Carmelitas, Rua de S. Filipe de Néry.

Se, nas casas históricas e com valor patrimonial do Porto, se construíam mirantes, trapeiras ou varandins para criar uma estrutura extra ao espaço já existente nas casas, atualmente essa realidade existe, mas adaptada a todas as preocupações patrimoniais em vigor na área. Segundo o PDM da cidade do Porto é possível a ampliação de edifícios a partir de mansardas ou pisos recuados **(fig. 193 e 194)** desde que não «ultrapasse a moda da cércea da frente urbana do quarteirão onde se situa» (CMP, 2021: 311) e «desde que sejam conservados todos os elementos arquitetónicos e construtivos que contribuam para a caracterização patrimonial do edifício e da imagem urbana desta zona da cidade» (CMP, 2021: 311).

Figuras 193 e 194. *mansarda contemporânea em edifício da cidade*. Fonte: fotos de autor (04/04/2022 e 07/07/2022 respetivamente).

Localização: Hotel Infante Sagres, Rua D. Manuel III.

12.1.4 A Janela e a Porta

A identidade das várias casas do Porto veicula-se, também, pelos vãos que as caracterizam.

As janelas têm diferentes formas e tamanhos, sendo que estas poderão ser de sacada- sempre de batente- ou de peito- podendo estas terem a forma de batente ou guilhotina- **(figs. 195 e 196)(**CERQUEIRA, 2018: 43). Localizam-se em locais específicos na arquitetura da casa burguesa do Porto: as de peito dão sempre lugar, no piso seguinte, às de sacada.

As janelas de peito, tal como acima referido, podem assumir o desenho de janela guilhotina, o que é bastante frequente na cidade. A janela de guilhotina funciona segundo um esquema de calha, o que permite o movimento ascendente e descendente da parte móvel da janela. Apresentam, normalmente, um esquema de três ou quatro vidros de largura e dois ou três vidros de altura (CERQUEIRA, 2018: 44).

Figuras 195 e 196. *janela de sacada e de peito respetivamente,* Fonte: fotos de autoria própria (03/12/2021).

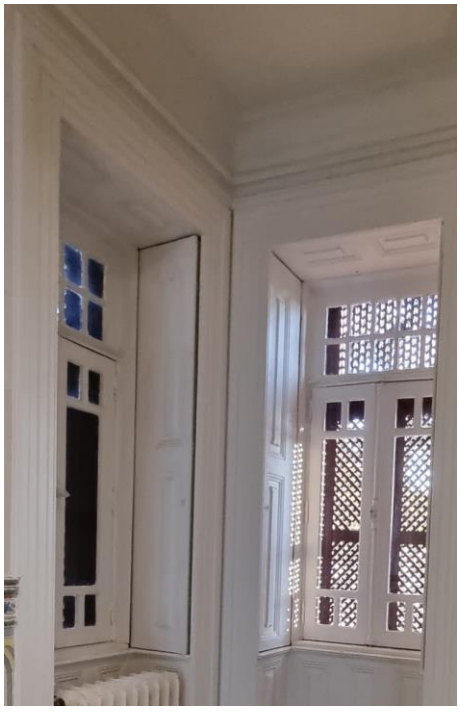
Localização: Museu do Vitral.

A janela de sacada é normalmente organizada segundo um esquema de esquadria «de couceiras e travessas divididas por pinázios e preenchida com vidros e almofadas» (CERQUEIRA, 2018: 43).

A proteção do interior da casa face ao exterior, por via das janelas é materializada pelas portadas, em madeira, normalmente no mesmo tom da caixilharia da janela, de forma a uma uniformização de tom **(fig.197)** . São normalmente de duas ou três folhas com a particularidade de serem de abrir, permitindo a função de recolha da portada para a abertura do vão (OLIVEIRA, GALHANO, 1994: 160). São recolhidas internamente nas ombreiras de cantaria com vista, por um lado, uma ocupação reduzida do valioso espaço interno e por outro lado, uma vez que as sacadas são em pedra, ao recolherem, esconderem a pedra que traz um caráter mais frio ao interior da casa **(figs. 198, 199 e 200).**

Figuras 197. *Portadas*, Fonte: SWARK.

Localização: Rua de Alexandre Braga.



Figuras 198, 199 e 200. *portadas recolhidas e forma de encaixe e recolha,* Fonte: fotos de autoria própria (13/11/2021).

Localização: Casa de São Roque.

No entanto não só externamente a janela define e caracteriza a casa da cidade, sendo que uma das particularidades destas casas é a existência de janelas interiores **(figs. 201 e 202).** Estrategicamente localizadas na caixa de escadas, são quase sempre do estilo guilhotina, no entanto há também casos em que surgem em janelas de abrir com formas

e dimensões variadas. O objetivo destas janelas internas é iluminar os espaços contíguos à caixa de escadas (TEIXEIRA, 2004: 161) que carecem de luz natural.

Figura 201. *Janelas Internas,* Fonte: SWARK.

Localização: Rua de D. João IV.

Figura 202. *janela interna da Casa na Rua da Torrinha nº142,* Fonte: foto de autoria própria (26/11/2021).

Também as portas são reflexo do seu tempo e das vivências sociais e económicas da cidade. As portas exteriores, no período anterior ao séc.XIX, vulgarizavam-se sendo de uma só folha, largas e pesadas, decoradas com almofadas quadrangulares simetricamente alinhadas **(fig.203).** A partir do final do séc.XIX surge uma mudança neste elemento passando a porta a possuir duas folhas: esteticamente mais esguias, mas utilitariamente mais funcionais dado que se tornam mais leves do que a anterior solução **(fig.204)** . São o pinho de terra e o pinho de castanho- em casos de maiores posses monetárias- os materiais que prevalecem nas portas da cidade. As portas, em consonância com o clima da cidade mais chuvoso do que o centro ou sul do país, são

pintadas em tons escuros como o verde-garrafa, azul-marinho, preto ou vermelho (TEIXEIRA, 2004: 146).

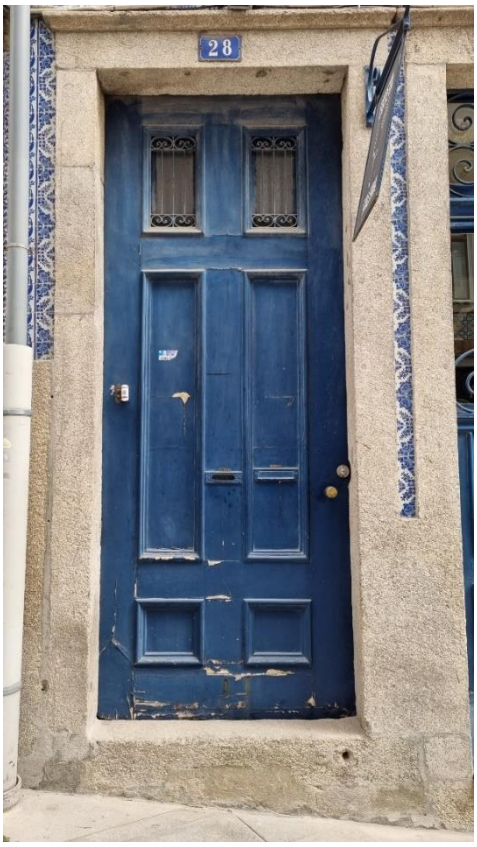


Figura 203. *porta de uma folha,* Fonte: foto de autoria própria (17/03/2022).

Localização: Rua de Sousa Viterbo.

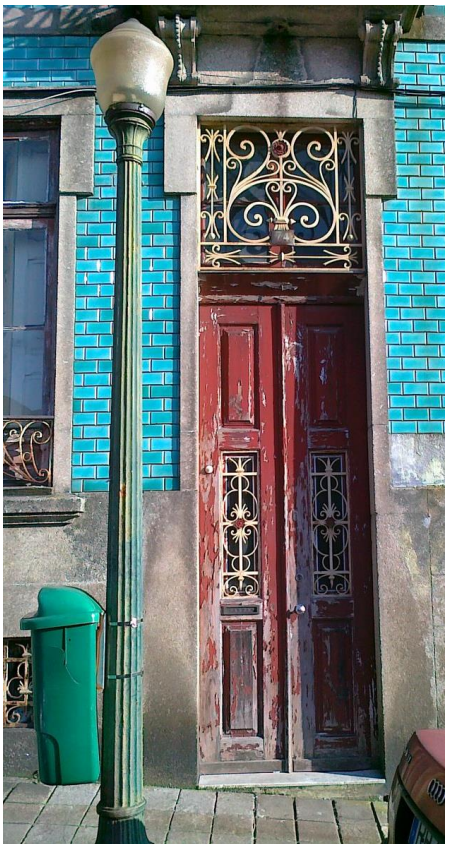


Figura 204. *Porta de duas folhas*, Fonte: SWARK.

Localização: Rua Moreira da Assunção.

Surge, em alguns casos a substituição das anteriores almofadas quadrangulares «por um postigo oblongo, móvel e em vidro, protegido e adornado com uma grade» (OLIVEIRA & GALHANO, 1994: 325). Estas portas passam neste período a ser encimadas por bandeira envidraçadas- com vista à iluminação do átrio da casa- protegidas por elementos de serralharia, com variados motivos decorativos **(figs.205 e 206).** Apesar de visualmente apelativos têm associado um caráter funcional: protegiam o vidro, de eventuais quebras, e consequentemente roubos no interior da casa. No interior da casa a bandeira replica-se como mecanismo de distribuição da luz natural entre compartimentos **(fig.207**).

Figura 205. *pormenor das bandeiras externas do Hotel Torel Palace* , Fonte: foto de autoria própria (21/12/2021).

Figura 206. *pormenor da bandeira em porta exterior*, Fonte: foto de autoria própria(13/05/2022).

Figura 207. *pormenor da bandeira em porta interna do Hotel Torel Palace,* Fonte: foto de autoria própria (21/12/2021).

No séc.XIX, na cidade do Porto, começa a ser visível uma inovação técnica nas janelas: na bandeira, por vezes, começa a surgir vidros com cores e desenhos (OLIVEIRA, GALHANO, 1994: 331) **(figs. 208, 209, 210, 211 e 212).**

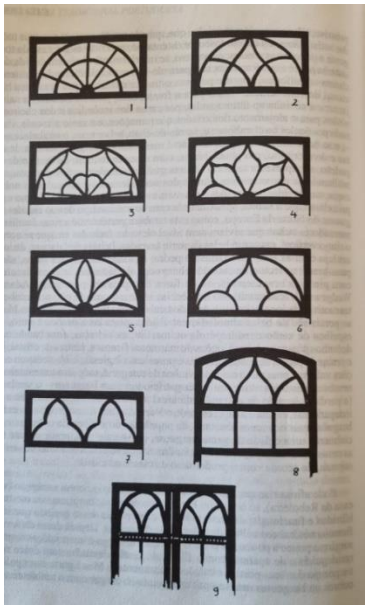


Figura 208. *Desenhos das bandeiras***,** Fonte: OLIVEIRA, Ernesto Veiga de; GALHANO, Fernando (1994) *Arquitetura Tradicional Portuguesa*, pág. 330.

Figura 209. *Bandeira com formas decorativas,* Fonte: SWARK.

Localização: Rua do Almada.

Figuras 210, 211 e 212. *Bandeiras com vidros de cor,* Fonte: SWARK.

Localização: Rua do Almada.

Neste tema da porta e janela destaca-se a página de *Instagram* 'Doors of Porto'. Da autoria de Zulmira, esta página dedica-se a fotografar cores, tipologias das portas e janelas das casas da cidade.

Figura 213. *Janelas e portas de casas da cidade do Porto,* Fonte: ZULMIRA, Instagram *Doors of Porto*. Disponível em: https://www.instagram.com/p/B_XRV9rAPOE, (último acesso a 23/09/2022).

Localização: Praça do Marquês de Pombal.

12.1.5 O Estuque

O estuque, massa policromática branca, é uma constituição de cal- que deve ser cozida a 900ºC (LEITE, 2008: 25) -, areia final, pó de mármore e gesso- gesso calcinado a 140ºC- (PEREIRA, 2010:17). Para ser utilizado, todos estes materiais devem ser conjugados com água, a qual «reage, libertando calor e transformando-se numa pasta fina que é batida antes de ser empregue» (LEITE, 2008: 25). Esta massa reveste paredes, tetos e outras superfícies do edificado rebocado e, aos ingredientes já enumerados, são adicionados gelatina ou cola forte para uma maior aderência do material.

«O uso de materiais pobres – tijolo, a argamassa misturada com seixos, chamada opus tectorium, ou até mesmo da alvenaria de pedra miúda, o opus incertum(…) levou os romanos a optar por cobrir as superfícies das paredes e dos tectos, bem como as colunas formadas por tijolos em forma de sector circular, com uma camada de argamassa onde poderiam inserir-se a pintura a fresco ou a decoração modelada em estuque (…)» (VASCONCELOS, 1997: 39). Na Península Ibérica, desde finais do séc.XI, também os árabes exploraram a técnica do estuque, influenciando à proliferação desta técnica (VASCONCELOS, 1997: 40). Serão também os estucadores de origem italiana que acabam por influenciar à arte do estuque nos países germânicos, balcânicos.

Em Portugal é do período romano que surgem os primeiros trabalhos na arte do estuque e no Porto são exatamente do séc.XVIII que datam os registos de trabalho em estuque mais antigos (TEIXEIRA, 2004: 66).

Figura 214. *Estuque na estrutura da Claraboia,* Fonte: SWARK.

Figura 215. *Sala de receção Casa Atelier Marques da Silva*, Fonte: foto de autoria própria (05/11/2021).

Na cidade portuense existiam grandes famílias de estucadores: os Baganha e os Bezerra. NaCasa de São Roque temos a materialização de tetos em estuque por mão de uma outra família de destaque- os Meiras- **(figs.216 e 217).**

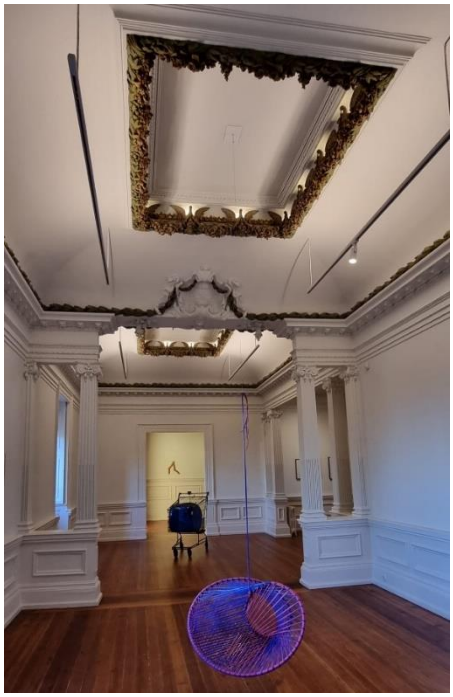


Figura 216 e 217. Antiga *Sala de jantar Casa São Roque,* Fonte: foto de autoria própria(12/11/2021).

Para trabalhar o estuque existem utensílios específicos para o domínio da arte **(fig.218).** Assim, existe a «talocha, pequena tábua rectangular, com uma asa ou punho numa das faces, e que serve para alisar os rebocos; a colher, em tudo igual à de pedreiro ou trolha, e cuja ponta pode ser arredondada ou em bico; o colherim, idêntico ao anterior, apenas mais pequeno para amassar o gesso e alisar as superfícies; os ferros de acabamento, usados sobretudo quando se trata de trabalho à lanceta» (VASCONCELOS 1997: 23). São ainda utilizados pelos estucadores a picadeira para «aferroar, ou seja, «picar o estuque antigo a fim de se colocar o novo»» (VASCONCELOS 1997: 25) e ainda da régua com cerca de 0,25 cm de comprimento.

Figura 218. Fonte: SOUSA, Eduarda Vieira Filipe Freitas Gonçalo de Vasconcelos e; MENDONÇA, Isabel Mayer Godinho; RODRIGUES, Ramiro Moreira Araújo Ricardo; COSTA, José Maria & PINTO, Maria de São José. (2021) *Estuques e Estucadores de Viana do Castelo*, Câmara Municipal de Viana do Castelo, Viana do Castelo, pág.251.

As três grandes cidades onde se desenvolve a prática desta arte são Lisboa, Porto e Évora e daqui surgem trabalhos para todo o país. Destaca-se o trabalho de João Grossi, originário de Milão, na cidade de Lisboa e o trabalho de Nicolau Nasoni no Porto (PEREIRA, 2010:12). São, no entanto, de Viana de Castelo- mais especificamente Afife- a maioria dos estucadores portugueses.

Portugal era adepto da arte do estuque, mas não tinha a matéria-prima (minas de gesso). A verdade é que a arte era tão requintada, e importante, que, face à escassez de

mão de obra nacional especializada o Marquês de Pombal decidiu fundar a Escola de Estuque e Desenho em 1764, sediada na Fábrica das Sedas na cidade, debaixo do comando do mestre João Grossi (PEREIRA, 2010:13), que lecionava a Aula de Desenho e Estuque.

Com vista a uma maior organização do trabalho, o trabalho do estuque é classificado pelos estucadores em dois níveis: a função e a decoração.

No que toca à classificação por função destacam-se os ornatos de encher («destinados a ocupar espaços emoldurados, escolhidos livremente ou de acordo com a utilização do espaço»), de ligamento («destinados a unir, como cordões, fitas e entrelaçados destinados a unir, como cordões, fitas e entrelaçados»), de apoio («destinados a sugerir o apoio do peso a sustentar, como frisos de folhas invertidas e óvulos, mísulas, consolas»), suspensos(«destinados a marcar centros ou cantos de qualquer superfície, como rosetas e florões») ou de remate («destinados a sugerir o fecho da decoração, como capitéis e jogos de volutas e folhas em linha ascendente» (LEITE, 2008: 31)).

O trabalho decorativo divide-se entre motivos de caráter abstrato- volutas, cruzes, espirais- e também motivos de caráter vegetalista- «floresta, pomar, jardim ou simples canteiro– abarcando as quatro componentes visíveis das espécies: caule, folhas, flores e frutos» (VASCONCELOS, 1997: 28) figuras geométricas, figuras humanas e atividades do dia-a-dia. No entanto surgem, por vezes, outros motivos, alegorias e símbolos **(fig.219)** (de caráter mitológico, religioso, etc).

Figura 219. *Figura relativa ao progresso no trabalho de estuque do Palacete Silva Monteiro*, Fonte: foto de autoria própria (04/07/2022).

Nos estuques da cidade são os elementos vegetalistas os que prevalecem, sobretudo os motivos de folhagem das árvores carvalhos, loureiros, oliveiras e videiras (VASCONCELOS 1997: 29**) (fig.220)** . Também se destaca no universo da ornamentação floral preferência pela rosa. «E, finalmente, os frutos. São de regra nos tectos das salas de jantar: as frutas autóctones – peras, maçãs, cerejas, uvas, melões, e até pepinos; e as frutas tropicais bananas (muito raramente) e ananases» **(fig.221)** (VASCONCELOS 1997: 31). Associado à função do espaço onde os tetos se localizam, no Palacete Pinto Leite, visitado no âmbito deste estágio, o teto da sala de música tem presentes elementos associados a esta arte **(fig.222).**

Figura 220. *Motivos decorativos no estuque,* Fonte: SWARK.

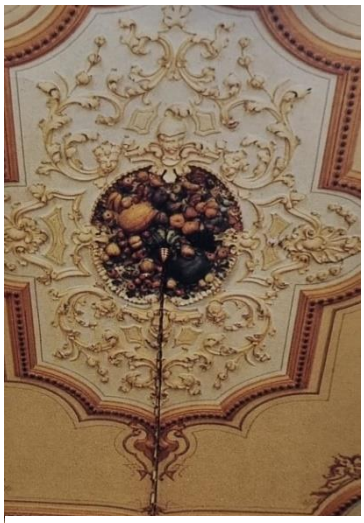


Figura 221. *Frutas e legumes em tetos de sala de jantar.* Fonte: VASCONCELOS, Flórido de (1997) *Os Estuques do Porto*, pág.78,

Figura 222. *tetos da sala da música no Palacete Silva Monteiro com instrumentos musicais*, Fonte: foto de autor (04/07/2022).

Os estuques da cidade do Porto vão surgir mais tardiamente do que o estuque na generalidade do país (com trabalhos a partir do séc.XVII) e isso é explicado pela «forte tradição dos tectos de madeira – em caixotões ou simplesmente em taboado de «camisa e saia» - a abundância de boas madeiras, sobretudo castanho» (VASCONCELOS 1997: 54). É então a partir de meados do séc.XVIII que surgem os primeiros trabalhos na cidade, influenciados pela «vinda dos estucadores ingleses» (LEITE, 2008: 56) para trabalhar na Feitoria dos Ingleses e na Sé Patriarcal.

Figuras 223, 224 e 225. *Motivos decorativos variados no estuque,* Fonte: VASCONCELOS, Flórido de (1997) *Os Estuques do Porto*, págs.62,63 e 65 respetivamente.

Até ao séc.XVIII era o *Rococó* que influenciava os motivos decorativos do estuque- com decorações como conchas, folhagens, curvas-. Posteriormente é ao Neoclássico- por

influência da comunidade inglesa que vivia na cidade (LEITE, 2008: 52) - que dá lugar com a predominância de molduras com pinturas e reproduções de obras.

Nos finais do séc.XIX, com o *Movimento Romântico*, há uma clara alteração de paradigma decorativo no estuque: primeiro, a abundância de motivos decorativos numa exaltação de gosto literário e nacional e, por outro lado, a valorização da arte muçulmana e manuelina como são exemplo os trabalhos de estuque no Palácio de Monserrate, em Sintra, ou o Palácio da Bolsa, no Porto, no Salão Árabe (PEREIRA, 2010:14).

No terceiro quartel do séc.XIX surge uma complexificação dos gostos espelhados nos estuques com «os movimentos e as enxundias rococó, agora exagerados e combinados com elementos provenientes de outros tempos e de outras sensibilidades artísticas, em misturas e combinações nem sempre felizes, mas quase invariavelmente aparatosas cenográficas, onde a cor retoma um papel muito importante» (VASCONCELOS, 1997: 73).

No início do séc.XX surge a temática *Arte Nova* nos estuques do País e «embora pouco vulgares, alguns exemplos deste tipo de estuque são francamente notáveis e podem situar-se até ao final da década dos anos vinte, sendo do Norte do país os melhores espécimes» (VASCONCELOS 1997: 49) **(fig.226).**

Figura 226. *Estuque arte nova***,** Fonte: VASCONCELOS, Flórido de (1997) *Os Estuques do Porto*, pág.79.

Sucede à Arte Nova a *Arte Déco*. Esta nova estética contraria as formas onduladas e livres da *Arte Nova*, priorizando a geometrização e a depuração das formas. Destacam-se dois grandes exemplos desta linguagem decorativa: Casino de Afife e O Comércio do Porto, hoje já destruído.

No entanto, o trabalho de estuque é altamente sensível e ao longo do tempo pode sofrer ações de deterioração pelos mais variados fatores e causas.

Em primeiro lugar, destaca-se a ação destrutiva da água **(fig.227).** A sua ação assume-se como um resultado de empolamentos das áreas do estuque causando, por exemplo, infiltrações de água nas madeiras do fasquiado e consequente apodrecimento (PEREIRA, 2010:39).

Figura 227. *Destruição do estuque pela água,* Fonte: PEREIRA, Maria Emília Castro Fernandes Macedo Lopes. (2010) - *Reabilitação de Tetos Estucados Antigos,* pág.40.

Por outro lado, outro fator a ter em atenção é o ambiente a que o estuque está exposto. O ambiente citadino dominado por agentes poluentes, atuam na degradação do estuque ao depositarem-se sobre os paramentos estucados, penetrando na estrutura. A sua ação materializa-se, muitas vezes, através da sujidade que acaba por ficar visível na estrutura (PEREIRA, 2010:43).

As variações térmicas são altamente nocivas para o estuque e promove a sua destruição. Ao contrário de materiais como a pedra ou a madeira, o estuque é altamente recetivo a energias térmicas o que causa a possibilidade de 'descolamentos' entre as partes de suporte e este revestimento.

Figura 228. *Tetos degradados na Casa na Rua de Cedofeita, nº334,* Fonte: foto de autor (19/10/2021).

Figura 229. *Estuque degradado,* Fonte: PEREIRA, Maria Emília Castro Fernandes Macedo Lopes. (2010)- *Reabilitação de Tetos Estucados Antigos,* pág.40.

Destaca-se também a degradação do estuque através da cristalização de sais, fissurações- que podem ter origem exclusivamente no revestimento ou, em outros casos, com origem nas estruturas de suporte em madeira-, fungos e microorganismos.

No entanto não só por força destes agentes o estuque começa a sofrer deteriorações. Muita das anomalias provém de recuperações com fragilidades ao, por exemplo, aplicarem materiais incompatíveis. A desarmonia entre materiais contemporâneos e originais pode causar, ou potenciar, uma mais rápida degradação do estuque (PEREIRA, 2010:48). As tintas contemporâneas são altamente nocivas para o

estuque ao promoverem a oclusão de poros no estuque, impedindo-o de 'respirar' (PEREIRA, 2010:49).

Na atualidade, esta arte tem sofrido cada vez mais com a escassez de profissionais. No entanto a exceção à regra é a artista Iva Viana que, no seu projeto, dedica-se a reinventar o estuque **(figs.230 e 231).**

Figuras 230 e 231. *Estuque de Iva Viana em edifício do Chiado,* Fonte: CHAVES, António (2022) *Instagram Iva Viana Sculpture, disponível em:* https://www.instagram.com/p/Cdd2x6FMU7l/ e https://www.instagram.com/p/CdfMOQyMyss/ respetivamente (último acesso a 25/09/2022) .

Localização: Rua do Chiado.

12.1.6 O Azulejo

O termo azulejo surge em Portugal nos inícios do séc.XVI por influência de Andaluzia e tem como significado 'pedra polida e brilhante'.

A Casa de São Roque, visitada a 13 de novembro de 2021, demonstra esta influência ao possuir azulejos oriundos do território espanhol, mias especificamente da cidade de Sevilha **(fig.232).**

Figura 232. *Motivo central oriundo de Sevilha na Casa de São Roque,* Fonte: foto de autoria própria (12/11/2021).

O início do séc.XIX foi um espaço temporal turbulento para o universo azulejar devido a um período social marcado pela independência do Brasil em 1822, a fuga da família real para o mesmo país e o governo de Portugal em mãos inglesas. Todas estas realidades geraram um grande clima de instabilidade que, consequentemente, colocou em suspenso o prolongamento dos princípios e pensamentos estéticos que vinham materializados ao longo de Setecentos. Neste clima de grande instabilidade, economicamente as coisas não corriam de feição uma vez que o Brasil- até então grande consumidor de azulejo português- cortou relações com o país e passou a encomendar a países como Inglaterra ou Holanda (MECO, 1993:76). Na cidade do Porto, debaixo desta conjuntura, mantinham-se operativas as fábricas de azulejos de Massarelos e Miragaia.

No séc.XIX são as Fábricas do Carvalhinho e Devesa que se vão destacar, uma vez que estrategicamente localizadas perto do Caminho de Ferro, dão resposta a grandes volumes de vendas e produção. No entanto surgiram um grande nº de novas fábricas, reflexo da procura do azulejo que se vivia: por exemplo, na região do Porto, mais especificamente em Gaia, a Fábrica Pereira Valente.

A Fábrica de Massarelos, no Porto, foi fundada por Manuel Duarte da Silva no ano de 1766 (VASCONCELOS, 1997:142). «Só a partir de 1904, com a entrada de capital humano inglês, liderado por William MacLaren, que trazia a experiência de Sacavém, sob a designação de Empresa Cerâmica Portuense Ld.a, esta unidade fabril conheceu um período estável que se traduziu na produção especializada de azulejos relevados» (VASCONCELOS, 1997:143) decorados com «um rosetão central e quatro ramagens nas diagonais ou nos cantos do quadrado» (AMORIM, 2001:38). Produziam igualmente outros azulejos dominados pelos tons do azul, amarelo, verde e branco, no entanto.

A fábrica de Miragaia, localizada na Rua da Esperança, foi fundada em 1775 por João da Rocha e João Bento da Rocha (AMORIM, 2001:40). Dentro do universo azulejar é «A pintura monocroma azul que domina a decoração das peças a partir de 1827» (AMORIM, 2001:41).

A fábrica do Carvalhinho **(fig.233)** foi, em 1864, uma das fábricas que mais se destacou ao produzir e vender em volumes massivos. Foi fundada em 1840 por Thomaz Nunes da Cunha e António Monteiro Catarino (VASCONCELOS, 1997:143).

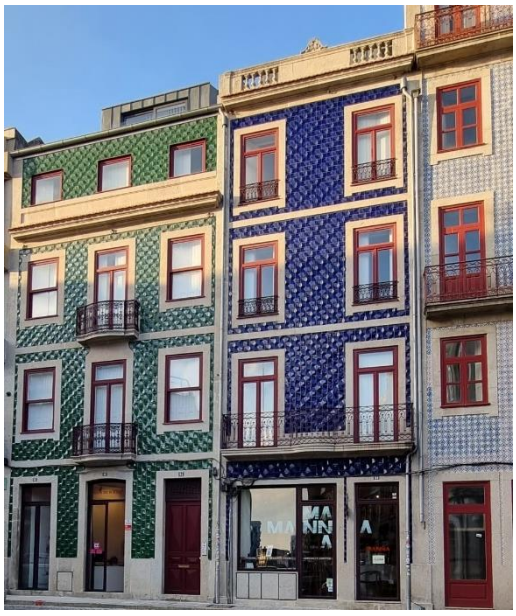
Figura 233. *símbolo Fábrica do Carvalhinho*, Fonte: MARTINS, Fausto Sanches (2001) *Azulejaria Portuense*, pág. 143.

Esteve «representada na "Exposição de Cerâmica realizada pela Sociedade de Instrução do Porto», em 1882, no Palácio de Cristal, obtendo «um diploma de mérito na secção de azulejos» (VASCONCELOS, 1997:143). Destacou-se por fabricar azulejos de motivos soltos, mas também de padrões e decorativos, adornados com paisagens, figuras. «Especializou-se nos painéis figurativos e ornamentais «únicos exemplares de típico sabor antigo e com cuidada perfeição e requintado gosto artístico. Possuía um

conjunto extremamente variado de padrões» (AMORIM, 2001:44). Frequentaram esta fábrica passaram artistas como Carlos Branco, Pedro Figueiredo, António de Azevedo ao longo do séc.XX (VASCONCELOS, 1997:143).

A Fábrica das Devezas, localizada em Gaia, foi fundada em 1865 por António Almeida da Costa. Destacou-se pela produção de grandes volumes de azulejos estampilhados e com motivos de influência *Arte Nova*. Esta foi uma das mais conceituadas fábricas de todos os tempos e isso é explicado pela qualificação que os técnicos recebiam: «Os artífices recebiam instrução na escola de desenho e modelagem existente na própria fábrica, constituindo este ensino uma inovação para a época» (AMORIM, 2001:46). O prestígio associado à fábrica é, também, explicado pela capacidade de resposta a pedidos volumosos, aos quais era possível responder pela localização estratégica da fábrica: «um sítio privilegiado, próximo da estação dos caminhos-de-ferro» (VASCONCELOS, 1997:146). Associada à fábrica das Devezas estava a Fábrica Pereira Valete, criada em 1884, igualmente localizada em Gaia, tendo ficado «conhecida pelo nome de Fábrica das Devezas em conjunto com o nome do seu proprietário: F.: DEVEZAS/J.P. VALENTE». Destacou-se ao produzir «azulejaria figurada em pequenos quadros, muito apreciados nos inicios do século XX» (AMORIM, 2001:48).

A partir de meados do séc.XIX os azulejos começam a, não só, estar presente no interior das casas, mas agora como revestimento da fachada voltada para a rua **(figs.234 e 235).**



Figuras 234 e 235. *fachadas revestidas a azulejo,* Fonte: fotos de autoria própria (04/02/2022 e 13/05/2022 respetivamente). Localização: Rua de José Falcão, Rua Álvares Cabral, respetivamente

Neste processo houve influência por parte dos imigrantes portugueses regressados do Brasil uma vez que, em território brasileiro, esta técnica é utilizada como mecanismo de controlo térmico do interior das habitações (VASCONCELOS, 1997:140). A aplicação de azulejos nas fachadas, agora em território português, materializa uma funcionalidade de relevo subjacente: «protecção contra a inclemência permanente do elevado grau de pluviosidade, aliado aos factores comuns à utilização do material cerâmico: economia da produção e aplicação, durabilidade, facilidade de limpeza, sem desprezar os valores do colorido, do brilho, da movimentação das tonalidades, provenientes da incidência solar» (VASCONCELOS, 1997:140).

No entanto a aplicação de azulejo nas fachadas das casas do Porto viria mesmo a generalizar-se e isso é explicado, não só como impermeabilização da fachada da casa mas também pela baixa manutenção que exige. A esta função surge uma função estética possibilitada pela diversidade policroma e ornamental.

A verdade é que as inovações técnicas à época do séc.XIX permitiram a proliferação dos azulejos nas fachadas das casas do Porto uma vez que surgiram novas técnicas, saídas da Revolução Industrial, possibilitando a produção azulejar em série. Assim «70% dos azulejos de fachada do Porto foram executados através da técnica de estampilhagem, utilizando-se com preferência duas estampilhas» (VASCONCELOS, 1997: 147).

> *Depois de termos percorrido as principais artérias da cidade do Porto, onde tivemos a oportunidade de constatar a enorme variedade de modelos utilizados no revestimento das fachadas, concluímos que os poderíamos dividir em quatro grupos: azulejos de padrão, biselados, relevados e de figura avulsa* (VASCONCELOS, 1997: 147).

O azulejo biselado **(fig.236)** é um dos mais frequente na cidade. Caracteriza-se pelo seu modelo retangular chanfrado nas extremidades. A proliferação massiva na cidade, e referida na citação acima destacada, é explicada por alguns fatores: «através da sua espessura, ofereciam maior protecção à superfície em que eram aplicados; possuíam grande brilho que variava consoante a incidência do sol, criando cambiantes

de luz entre as zonas lisas e as partes biseladas» (VASCONCELOS, 1997: 147). As fábricas produziam azulejos biselados em tons de azul, castanho, verde e vermelho 'sangue-de-boi'.

Figura 236. *Azulejo Biselado,* Fonte: SWARK.

Ao nível nacional há uma clara diferenciação entre as cores do azulejo: no Porto predominam os tons escuros enquanto em Lisboa o azulejo assume sobretudo tons mais pastéis. Esta realidade em muito se relaciona com a meteorologia das cidades uma vez que o Porto é uma cidade com um clima mais chuvoso e encoberto do que a solarenga Lisboa. Assim, as cores do azulejo vão acompanhar o ambiente e clima de cada cidade. No Porto destacam-se os tons verde-garrafa, bordeaux, castanho, azul-marinho **(fig.237).** Para a obtenção destas cores nos azulejos da cidade do Porto os pigmentos mais utilizados eram o cobalto para a cor azul, o ferro para obtenção do vermelho, manganês para o castanho e por fim o cobre para o pigmento verde.

Em Lisboa predominam o azul-bebé, o amarelo-torrado, o rosa-pálido **(fig.238).** Também ao nível de padronização há diferenças: mais complexas e profusas na cidade do Porto quando comparada à cidade lisboeta; em Lisboa é muito habitual a existência de frisos como moldura de acabamento das fachadas, realidade que não é recíproca à cidade do Porto dado que a utilização da pedra granítica contribui para um grande peso decorativo no trabalho fachadista.

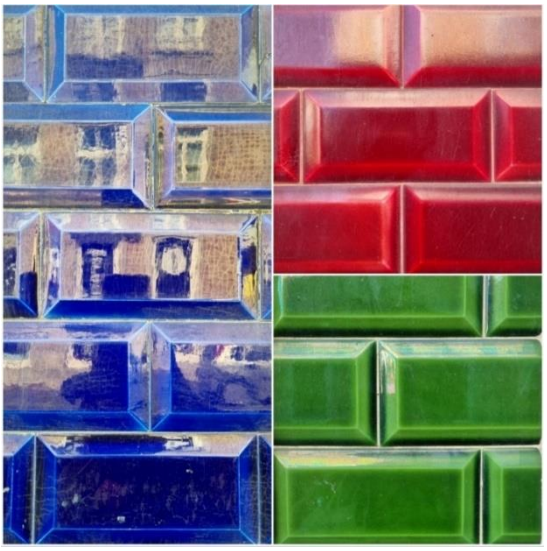


Figura 237. *cores típicas do Porto (azul-escuro, verde-garrafa, vermelho 'sangue de boi'),* Fonte: foto de autoria própria.

Figura 238. *tons típicos da cidade de Lisboa em visita à AZULIMA*, Fonte: foto de autoria própria (26/10/2021).

O azulejo relevado é um azulejo muito comum na cidade do Porto com um modelo a destacar-se: «relevados em quadrados concêntricos com uma flor ao centro, monocromaticamente pintados de azul, rosa, amarelo, castanho, em diversas tonalidades» **(figs.239, 240 e 241)** (VASCONCELOS, 1997: 147). Este azulejo é, normalmente, esmaltado de branco, em toda a sua superfície, e, posteriormente, pintado em várias cores de forma a tirar ainda mais partido dos jogos de luz, sombra, cor que o azulejo potencializa. A técnica de execução deste azulejo passa sempre por um extenso trabalho uma vez que é manualmente que se molda a argila para criar os volumes no azulejo.

Figura 239. *Azulejo relevado,* Fonte: MECO, José (1993) *Azulejaria Portuguesa,* pág.76.

Figura 240. *Azulejo Relevado na cidade do Porto,* Fonte: foto de autor (26/11/2021).

Localização: Rua da Torrinha.

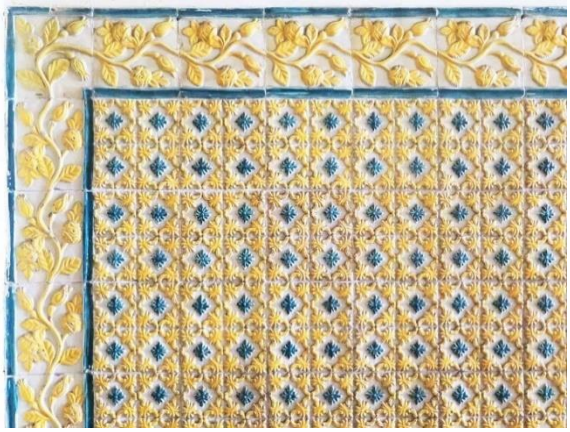
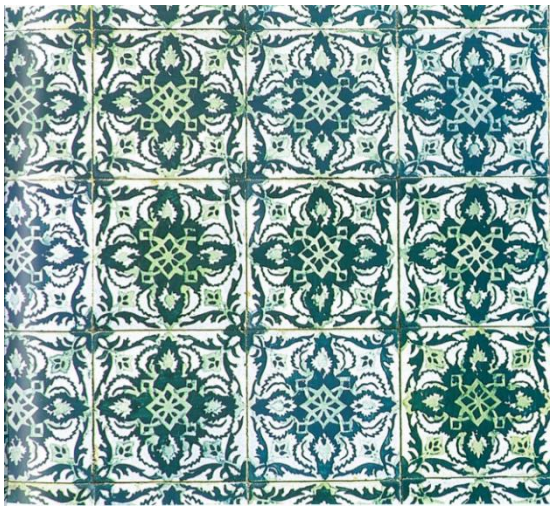


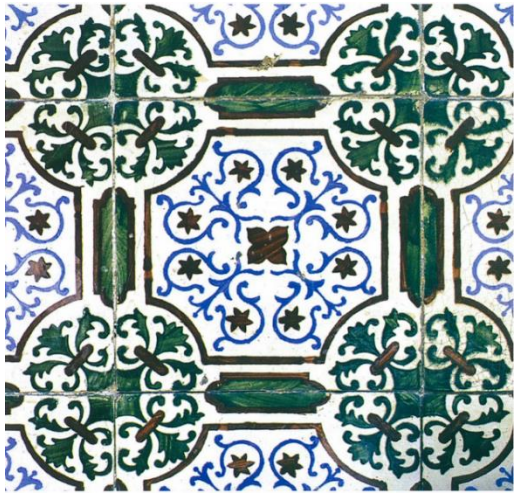
Figura 241. *Azulejo Relevado na cidade do Porto*, Fonte: SWARK.

Dentro dos motivos decorativos estes variam entre elementos florais, vegetalistas, inspirações geométricas, entre outros **(fig. 242).**

Figura 242. *Motivos decorativos habituais nos azulejos*, Fonte: MARTINS, Fausto Sanches (2001) *Azulejaria Portuense*, pág. 141.

A verdade é que a azulejaria de fachada se centra na repetição regular para formação de padrões. Existem três possibilidades: um azulejo, por si só, formar um padrão completo sendo quase independente (AMORIM, 2001:52). Por outro lado, existem os moldes de 4 azulejos que formam um padrão em conjunto, o mais comum na cidade do Porto, e mais raro ainda o caso de dois azulejos completarem um padrão **(figs. 243 e 244)**. Este trabalho contribui, decisivamente, não só para a organização arquitetónica do edifício, mas também para a sua harmonia e sensação de conjunto.





Figuras 243 e 244. *Modelo de 4 azulejos a formar um padrão*, Fonte: AMORIM, Sandra (2018) *A azulejaria de fachada na Póvoa de Varzim*, págs.43 e 47.

Nos Oitocentos nota-se uma clara influência estrangeira- sobretudo de Inglaterra, Holanda ou França- nos azulejos da cidade com «conhecimento de catálogos ou da importação de matrizes, quer indirectamente pela divulgação de desenhos dos tecidos ou dos papéis de parede então em voga» (AMORIM, 2001:66). No início de Novecentos a *Arte Nova* difundiu-se nos azulejos da cidade**(fig.245)** e « encontrou nas lojas locais privilegiados de aplicação, através de painéis figurativos e ornamentais bastante movimentados» (MECO, 1993:83).

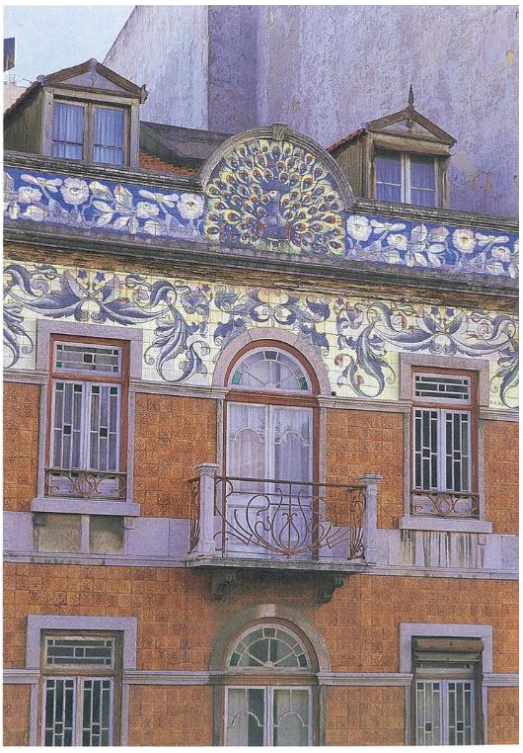


Figura 245. *Azulejos Arte Nova,* Fonte: MECO, José (1993) *Azulejaria Portuguesa,* pág.83.

Na *Arte Déco*, anos 30 e 40 do séc.XX, fruto das vivências pós Grande Guerra, destacam-se as formas geometrizantes, e todas as «expressões de volume são reduzidas a elementos gráficos, de construção racional, que sugerem a desmultiplicação de planos no espaço» (MECO, 1993: 84). Foi em Lisboa, na fábrica Lusitânia, onde existiu a maior produção associada a esta linguagem decorativa.

«Prolongando a obra dos pintores românticos do século anterior, paralelamente às manifestações Arte Nova e Arts Deco, desenvolveu-se a corrente dos pintores nacionalistas, que produziram obras de pendor historicista, folclorizante e religioso, destinadas a camadas sociais tradicionalistas» (MECO, 1997:84). São exemplos desta vertente a Estação de São Bento, no Porto, os mercados de Santarém e Vila Franca de Xira.

A partir da década de 40, com o Estado Novo, surgem também modificações significativas: considerada 'arte menor' para revestimento, o azulejo foi substituído nas fachadas por mármore, mosaicos de vidro (MECO, 1997: 87). Seria, apenas a partir dos anos 50 que surgiria um renascimento do azulejo no país pela influência que o Congresso Internacional de Arquitetura do Rio de Janeiro teve nos artistas portugueses através do «papel inovador que os arquitectos e artistas brasileiros conferiam ao azulejo moderno» (MECO, 1997: 87).

No *Modernismo* foi em equipamentos públicos (como Escolas, Bancos, Palácios da Justiça, Avenidas) onde se materializara a azulejaria do seu tempo com assinatura de artistas como Fernando Távora e José Carlos Loureiro com motivos de caráter modernista **(figs.246 e 247)**.

Figura *246. Azulejos de influência modernistas,* Fonte: MECO, José (1993) *Azulejaria Portuguesa,* pág.88.

Figura 247. *Azulejos de influência modernista,* Fonte: MECO, José (1993) *Azulejaria Portuguesa,* pág.89.

Neste tema é de destacar o projeto 'Preencher Vazios' na cidade do Porto. Este projeto alerta para a necessidade de reabilitação fachadista na cidade já que, com modelos em madeira ocupa espaços já sem azulejo com imitações do padrão do mesmo, com frases inspiradoras de artistas e poetas portugueses **(fig.248).**

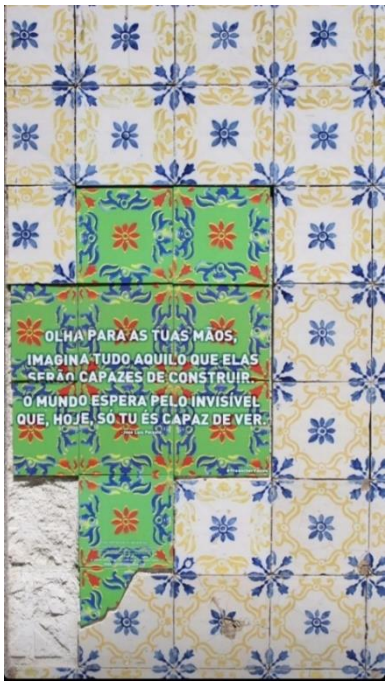


Figura 248. *Trabalho de Joana de Abreu,* Fonte: ABREU, Joana, *Instagram Preencher Vazios*, disponível em: https://www.instagram.com/p/CNieUiWFtxG/ , (último acesso a 23/09)

Localização: Alameda Basílio Teles.

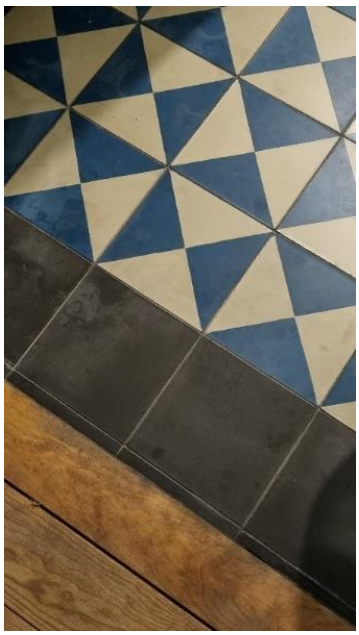
12.1.7 O Mosaico Hidráulico

Neste tema é destacado um outro elemento que é característico dos pavimentos das casas da cidade do Porto: o mosaico hidráulico. O conteúdo presente neste capítulo resulta, em exclusivo, das informações, explicações obtidas durante a visita à fábrica de produção de azulejos AZULIMA no dia 30 de outubro de 2021. O modelo *standard* de produção é 20 cm por 20 cm, mas existe a possibilidade de realização de peças de maiores dimensões, no entanto há um risco subjacente: quanto maiores as peças maior é o risco das mesmas se partirem.

O mosaico hidráulico é feito a partir da conjugação de dois materiais: o pó de mármore e o cimento. O processo de produção é inverso ao da produção do azulejo: primeiro realiza-se a camada de pintura e só depois de realizada esta camada é que no mesmo é aplicada a camada de cimento. Vai à prensa hidráulica (para extrair o excesso de água que possa existir) e depois fica a secar verticalmente, no mínimo, um dia. É necessário de uma semana a secar para que o mosaico hidráulico fique pronto a utilizar **(figs. 249, 250, 251, 252)**.

Figuras 249, 250, 251 e 252. *processo de criação de Mosaico Hidráulico em visita à fábrica AZULIMA*, Fonte: foto de autoria própria (26/10/2021).

Na habitação visitada na Rua da Torrinha, cliente da empresa SWARK, no dia 26 de novembro de 2021há a destacar que o pavimento da casa de banho privada do casal é em mosaico hidráulico com modelos em triangulo nos tons preto, branco e azul **(figs.253 e 254).**



Figuras 253 e 254. *mosaico hidráulico na zona da casa banho e duche da Casa na Rua da Torrinha*, nº142, respetivamente, Fonte: foto de autoria própria (26/11/2021)

É de destacar que, à semelhança da Casa Quelhas, em Lisboa, onde a piscina surge «como prolongamento exterior da sala, sendo o fundo em mosaico hidráulico com o mesmo desenho do pavimento da sala. A piscina é 'a sala inundada'» **(fig.255)** (ROCHA, 2018: 9) Também a zona dos banhos é o prolongamento de outras zonas da casa- como o vestíbulo e casa de banho de serviço- onde o mosaico hidráulico está presente com o mesmo modelo e tons. Nesta casa de banho existe um 'mosaico inundando' em semelhança ao projeto da autoria de Paulo Mendes da Rocha.

Figura 255. *Mosaico hidráulico na piscina da habitação,* Fonte: ROCHA, Paulo Mendes (2018) *Duas Casas*, págs.100-101.

12.1.8 As Linguagens Arquitetónicas

A *Arte Nova*, surgida nos inícios do séc.XX na cidade do Porto, materializou-se nas arquiteturas através de uma rica temática decorativa dominada por trabalhos azulejares e de serralharia (TAVARES, 2017: 19) de temática naturalista/ vegetalista tratada com policromias fortes e linhas marcadas por grande movimento. No entanto questiona-se se na cidade do Porto se «pode falar numa verdadeira arquitetura Arte Nova ou «de elementos artenovizantes», já que esta linguagem arquitetónica surge mas «nas fachadas tradicionais, através da aplicação de serralharia Arte Nova articulada com azulejos de temática naturalista». (FERREIRA & ROCHA, 2018: 67)

As fachadas, normalmente rebocadas, assumem tons claros como contra-ponto aos tons vibrantes dos elementos decorativos. Associada à temática decorativa estavam ainda as janelas, emolduradas com granito, que assumiam geometrias curvilíneas incentivando a fachadas animadas por volumes nas fachadas **(figs.256 e 257)** (BARREIRA, 2013: 53).

Figura 256 e 257. *Elementos Decorativos Arte Nova,* Fonte: fotos de autoria própria (05/07/2022).

Localização: Rua Galerias de Paris.

O sistema construtivo destaca-se pela articulação entre materiais como madeira e pedra **(figs. 258 e 259),** materiais por excelência abundantes na cidade.

Figuras 258 e 259. *Pedra em edifícios arte nova***,** Fonte: fotos de autoria própria (05/07/2022) .

Localização: Rua das Galerias de Paris.

O *Modernismo* surgiu na cidade nos inícios do séc.XX com o ensino da Escola do Porto, influenciada pelo racionalismo da arquitectura internacional (FERREIRA & ROCHA, 2018: 72) e manter-se-ia até aos anos 60/70 do mesmo século.

Caracterizam-na as formas depuradas, dominadas por linhas horizontalizantes, as coberturas exteriores em palas (FERREIRA & ROCHA, 2018: 72), a assinalar varandas e entradas de edifícios, e que remetem «para a estética do construtivismo racional internacional» (FERREIRA & ROCHA, 2018: 72) **(fig.260, 261 e 262).**

Externamente destacam-se os revestimentos cerâmicos- pastilha-, o reboco pintado- com policromias vibrantes- e motivos decorativos em azulejo com padrões geométricos.

A aplicação de materiais inovadores, como o ferro, o betão-armado, os aços possibilitaram o aparecimento do «telhado plano em laje de betão armado» (FERREIRA & ROCHA, 2018: 72) e a abertura de amplos vãos **(figs).**, abrindo o espaço interior ao exterior, e a criação, internamente, de espaços de maiores dimensões (TOSTÕES, 1997: 53)

Figura 260. *Pala de entrada no edifício,*
Fonte: foto de autoria própria (05/07/2022).

Localização: Rua do Campo Alegre.

Figura 261. *Janelas de grandes dimensões,*
Fonte: SWARK.

Localização: Rua de Passos Manuel.

Figura 262. *Profusão de janelas,* Fonte: foto de autor.

Localização: Rua Nossa Senhora de Fátima.

A *Arte Déco* chega ao Porto a partir dos anos 30 do séc.XX (BARREIRA, 2013: 59). A linguagem decó materializou-se nos edifícios com grande domínio da simetria e da geometria nas fachadas (BARREIRA, 2013: 58), dominadas por linhas verticais que alongavam as arquiteturas (BARREIRA, 2013: 66) **(figs. 263 e 264).** Janelas ritmadas e simétricas, fachadas em reboco, por vezes, em cores arrojadas e com elementos decorativos quase inexistentes dominam o léxico da *Arte Déco* na cidade do Porto. No entanto, na temática decorativa desta linguagem destaca-se o «uso do azulejo com uma iconografia muito própria: destaca-se a fonte «com os fios de água formando uma parábola» e a «corbeille», esta última particularmente frequente na cidade do Porto» (FERREIRA & ROCHA, 2018: 69).

Figuras 263 e 264. *Verticalidade nos elementos decorativos dos edifícios,* Fonte: fotos de autoria própria.

Localização: Praça de D. João I.

Ao nível do sistema construtivo destacou-se da utilização de materiais extremamente inovadores à época como o betão, cimento armado e aço (FERREIRA & ROCHA, 2018: 69).

O *Modernismo Português*, surgido nos anos 40 estende-se até aos anos 70 do séc. XX, tendo sido amplamente incentivado durante a ditadura salazarista em Portugal, como tentativa de criação de uma identidade arquitetónica portuguesa.

Figura 265. *Tom de habitação de linguagem modernismo português,* Fonte: foto de autoria própria.

Localização: Rua Barão de Forester.

Caracteriza-se pelo ressurgimento do léxico decorativo tradicionalista português (BARREIRA, 2013: 67) dos sécs. XVII e XVIII. Fachadas simples e depuradas assumem cores claras **(fig.265).** Ressurge a presença de torreões rematados por cata-ventos e esferas armilares, a pedra rusticada, elementos cerâmicos tradicionais e alpendre a assinalar a entrada da casa **(figs.266 e 267)** (OLIVEIRA & GALHANO, 1994: 354).

Figuras 266 e 267. *Alpendre e pedra na habitação respetivamente,* Fonte: fotos de autoria própria (08/03/2022).

Localização: foto 262 Praça Pedro Nunes.

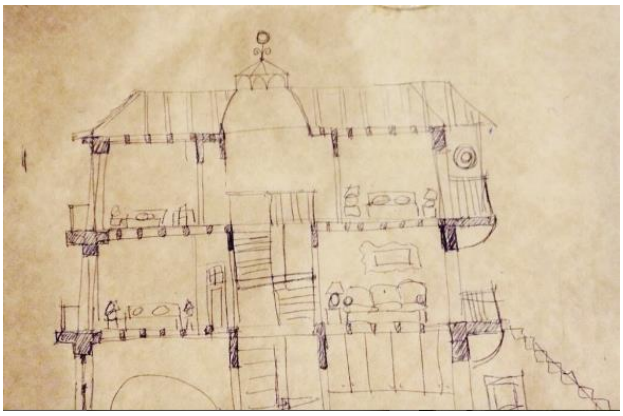
Ao nível do sistema construtivo destaca-se a introdução de novos materiais como o betão e o aço que passam a ser introduzidos na arquitetura em consonância com a manutenção do sistema tradicional com o uso da pedra **(figs.268 e 269)** e da madeira.

Figuras 268 e 269. *Tons claros nas habitações de linguagem modernismo português,* Fonte: fotos de autoria própria (02/03/2022).

Localização: Rua 05 de Outubro e Rua de Paula Vicente, respetivamente.

A *Casa Burguesa da cidade do Porto* remonta ao século XVIII e estende-se até inícios do séc.XX.

O piso-térreo pode ser destinado a funções económicas como loja ou oficina. Os pisos superiores do edifício são destinados à habitação familiar (OLIVEIRA & GALHANO, 1994: 312) **(fig.270).**



Figuras 270. *Organização interna da casa burguesa,* Fonte: SWARK.

Destaca-se pela sua fisionomia estreita e alta (ARAÚJO, 2015: 42). A fachada voltada para a rua, com duas ou três janelas distribuídos pelos habituais 3 ou 4 andares (ARAÚJO, 2015: 42) **(fig.271)**, é ricamente ornamentada em trabalhos azulejares articulados com o granito a emoldurar janelas e portas, para além de um trabalho singular nas ferragens **(fig.272).**

Internamente destacam-se a existência da clarabóia para iluminação da escada e de tetos com estuques decorativos.

Figura 272. *Organização de vãos e a aplicação de azulejo e trabalho de serralharia na fachada principal***,** Fonte: SWARK (20/03/2021).

Localização: Avenida Rodrigues de Freitas

Figura 271. *Profusão de Arquiteturas de caráter Estreitas e Altas na cidade,* Fonte: foto de autor (12/05/2022).

Localização: Praça Almeida Garret.

Ao nível construtivo, as casas são, nas fachadas, em granito e internamente em madeira **(fig.273)** (OLIVEIRA, 2013: 85). Têm ainda logradouros- pequenos espaços verdes- nas traseiras (TEIXEIRA, 2004: 27).

Figura 273. *Estrutura de tabique e a pedra visível num processo de reabilitação*, Fonte: SWARK.

Localização: Rua do Almada.

12.1.9 A Cornija e a Mísula

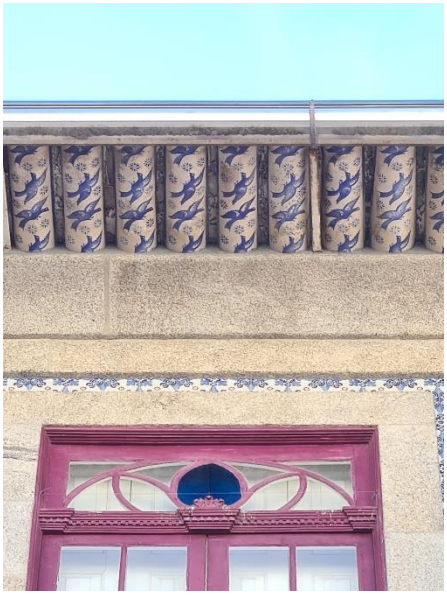
As mísulas e as cornijas são elementos caracterizadores das fachadas das casas da cidade do Porto.

As cornijas **(fig.274)** têm como função o prolongamento do beirado e assim, para além do suporte do elemento beirado, permitem uma maior proteção da fachada ao garantirem que as águas pluviais não escoam pela fachada (TEIXEIRA, 2004:173). No entanto as formas assumidas permitem transcender o simples caráter funcional passando a assumir, também, caráter decorativo a animar as fachadas.

Figura 274. *Cornija,* Fonte: foto de autoria própria (26/11/2021).

Localização: Rua de Cedofeita.

Associado à funcionalidade da cornija temos um elemento que auxilia à sua função: os telhões. Assumem-se como a primeira fileira de telha da casa, mas diferenciam-se das restantes ao terem um maior comprimento (cerca de 80cm) que, funcionalmente, têm como missão garantir o escoamento das águas das chuvas diretamente para a rua. Em semelhança às cornijas assumem, por vezes, um secundário papel decorativo uma vez que em alguns casos os telhões são ornamentados com faianças **(figs.275, 276 e 277).**



Figuras 275 e 276. *Telhões com motivos decorativos***,** Fonte: SWARK (02/02/2022).

Localização: Rua Miguel Bombarda.

Figura 277. *telhões com motivos decorativos na Casa São Roque,* Fonte: foto de autoria própria (12/11/2021).

A partir do séc.XIX o escoamento das águas passa a ser realizada, nas casas construídas neste período, por algerozes (TEIXEIRA, 2004:167): estruturas construídas em zinco, conduzem as águas para áreas de escoamento de águas pluviais públicas.

As mísulas têm um caráter funcional de igual importância nas casas do Porto: funcionam como elemento de suporte das lajes das varandas e sacadas **(fig.279).**

A partir do séc.XIX surgem, em alguns casos, o desaparecimento das mísulas em algumas casas fruto de inovações técnicas à época: a extração e corte da pedra passa a permitir que existam maiores lajes nas sacadas, o que permitiu um suporte de pedra à totalidade da estrutura das paredes, deixando de ser necessário o suporte por parte dos cachorros (TEIXEIRA, 2004:17).

Figura 278. *Exemplo de mísula em habitação da cidade,* Fonte: foto de autor (26/11/2021).

Localização: Rua da Torrinha.

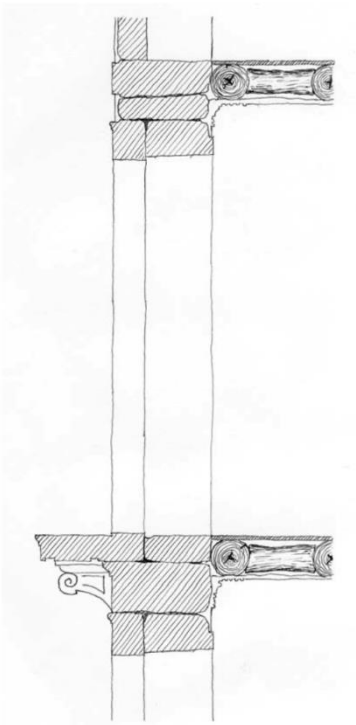
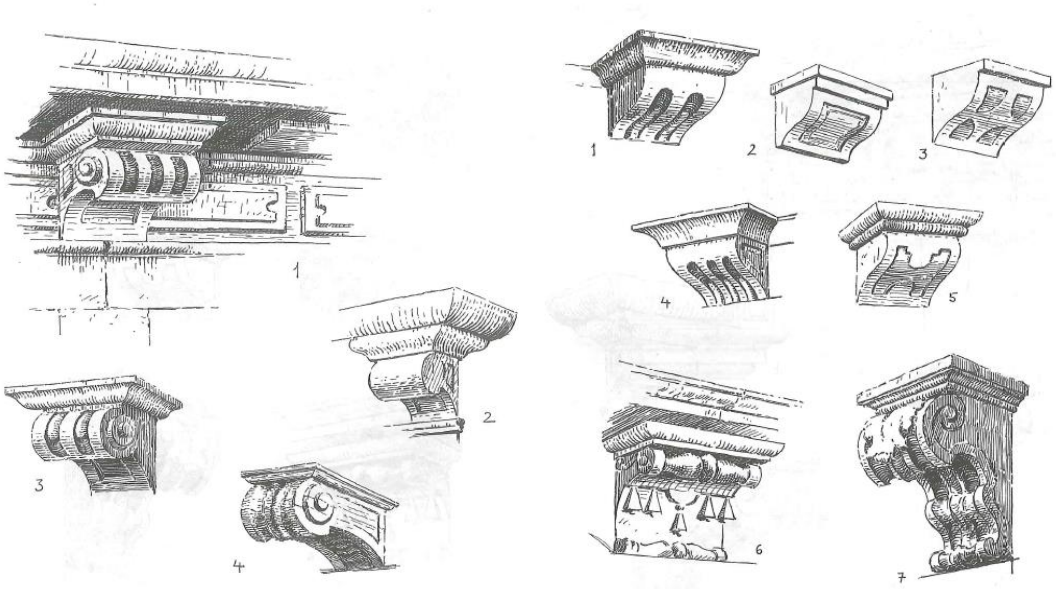


Figura 279. *Função da mísula,* Fonte: TEIXEIRA, Joaquim (2004) *Descrição do Sistema Construtivo da Casa Burguesa do Porto entre os Séculos XVII e XIX*, pág. 172.

Em termos decorativos é a mísula de caráter «largo e baixo, terminando em espiral virada para baixo e voltada para fora» **(fig.278)** (TEIXEIRA, 2004:339) a que prolifera em maior número pela cidade já desde o séc.XVII. A sua existência é também assinalada em cidades como Amarante ou Viana do Castelo.

No entanto há casos em que existe um enriquecimento decorativo destes elementos com multiplicação de canelados ou outros motivos mais expressivos **(figs.279 e 280).**



Figuras 279 e 280. *Aspetos decorativos nas mísulas,* Fonte: OLIVEIRA, Ernesto Veiga de; GALHANO, Fernando (1994) *Arquitetura Tradicional Portuguesa*, págs. 359 e 360 respetivamente.

Elementos sempre trabalhados em granito, é possível valorizar e interpretar este material: o granito é a pedra mais predominante no Porto e isso é explicado pela abundância da matéria pétrea nos arrabaldes da cidade (TEIXEIRA, 2004:334). Desde cedo o granito figura em portais, janelas, cunhais das casas do Porto e por isso «cidade de luz de granito» (FLORET, 2020: 78) segundo as palavras de José Gomes Ferreira. É o granito, nestes elementos das arquiteturas, que em consonância com a madeira na caixa de escadas, na estrutura do tabique- caracterizam as Casas que pontuam a cidade do Porto **(figs.281, 282 e 283)**.

Figuras 281, 282 e 283. *Granito em Edifícios da cidade,* Fonte: fotos de autoria própria (04/08, 15/09 e 04/08/2022 respetivamente).

Localização: Rua do Clube dos Fenianos, Avenida dos Aliados, Rua de Sá da Bandeira, respetivamente.

No entanto, e relacionado com o granito, é possível identificar algo muito específico. Apesar deste material abundar nos arrabaldes da cidade do Porto, e desde cedo descoberto o seu potencial pela durabilidade que representa, a verdade é que, se é transversal a presença deste elemento na estrutura das arquiteturas e até em alguns detalhes como cachorros ou mísulas, a verdade é que pedra trabalhada e visível nas fachadas demarca desde logo uma outra realidade. Quanta mais pedra trabalhada estivesse visível nas fachadas dos edifícios mais evidente era o poder económico da

família proprietária da casa, uma vez que, este trabalho, era extremamente dispendioso pelo trabalho manual a que obrigava.

12.1.10 Os Ferros Decorativos

Os primeiros trabalhos na cidade datam do séc.XIII e inicialmente, esta arte estava sediada na Rua dos Ferreiros. No início do séc.XIV muda-se a localização das oficinas para perto da muralha, uma vez que, por trabalharem com fogo, eram considerados ofícios perigosos para estarem no centro da cidade. Aos dias de hoje destaca-se a Rua dos Caldeireiros na cidade por ser, por excelência, localização de muitas oficinas de ferreiros.

O ferro é a matéria mais utilizada na arte das guardas na cidade do Porto sendo que, entre a técnica de ferro fundido ou ferro furjado, é amplamente aplicado como grades de varandas, proteção de bandeiras, elementos decorativos das casas, entre outros. «Sob a forma de chapa zincada, era aplicado em caleiras, algerozes, rufos e no revestimento de empenas, de fachadas de pisos recuados, águas-furtadas e clarabóias» (TEIXEIRA, 2004: 70). Podia ainda ser utilizado para quedas de água pluviais e revestimentos.

A verdade é que, se por um lado uma matéria altamente resistente, tinha o lado negativo de, para além de uma fácil oxidação quando submetida às alterações atmosféricas, era extremamente dispendiosa, dado que a matéria-prima era de origem inglesa, e muitas vezes utilizava-se a madeira como recurso.

É a partir do séc.XVIII que se vulgariza a utilização de grades de ferro na arquitetura civil (em janelas, portas, varandas) da cidade. Teve o ponto alto de utilização na passagem dos Oitocentos para o séc.XX- tal como refere a citação abaixo destacada- e isso teve vários reflexos para a vivência da cidade: utilizado como guardas, para além de uma medida de segurança destes espaços, vieram estruturar as fachadas com a acentuação de linhas verticais e horizontais, para além de criarem um grande jogo estético de cheios e vazios, ritmos diferenciados pelos motivos decorativos variados selecionados para cada casa em cada casa **(fig.284).**

> *De facto, a segunda metade do século XIX foi conhecida como da Arquitetura do Ferro, elevando as exigências estéticas, sendo difundidas peças com um alto nível de perfeição.* (VIEIRA, 2020: 52)

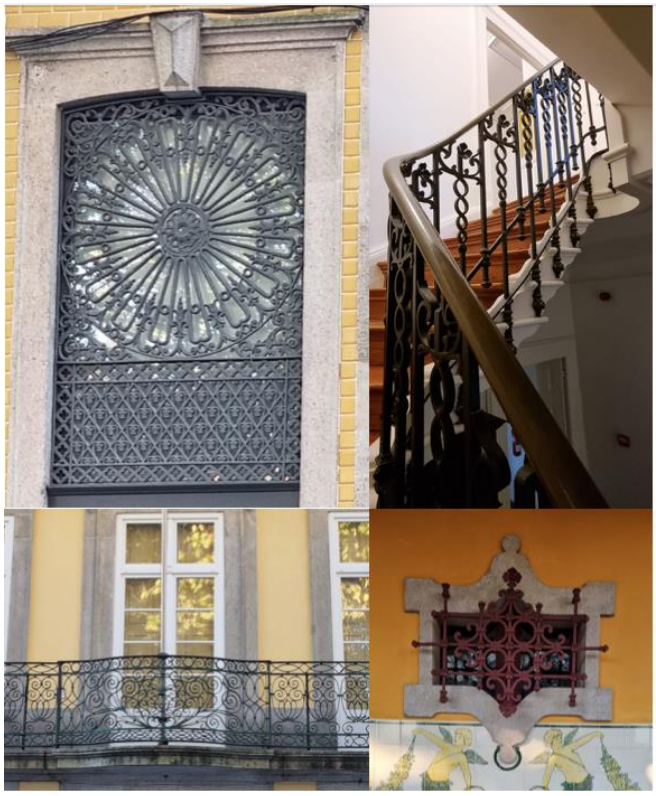


Figura 284. *Exemplos de utilização de ferro na cidade* Fonte: fotos de autoria própria..

Localização: Marquês (coluna à esquerda) e Casa São Roque (coluna à direita).

Na técnica do ferro fundido, verte-se o ferro em estado líquido (o ferro funde a cerca de 1520ºC) para moldes já pré-existentes (moldes estes em madeira, gesso ou chumbo compactado na areia (VIEIRA, 2020: 60)). No caso de gradeamentos com

desenhos mais complexos a estrutura-base segue esta matriz e a este modelo são depois unidas outras peças criadas individualmente.

A diferença entre o ferro fundido **(fig.285)** e a técnica do ferro forjado **(fig.286)** é que na forja o ferro é trabalhado em volutas, espirais, oitos, círculos, gregos, elípses, palmetas «por meio de enrolamentos, torções, golpes de martelo, entre outros, até à forma desejada» (VIEIRA, 2020: 59).

Figura 285. *Guarda em Ferro Fundido*, Fonte: SWARK (20/01/2022).

Localização: Praça D. Filipa de Lencastre.

Figura 286. *Guarda em Ferro Forjado,* Fonte: SWARK (20/01/2022).

Localização: Praça D. Filipa de Lencastre.

Figuras 287 e 288. *ferro fundido e ferro forjado respetivamente*, Fonte: VIEIRA, Juliana (2020) A ARTE DOS GRADEAMENTOS EM FERRO DO CENTRO HISTÓRICO DO PORTO, pág.63.

Uma vez que a técnica tem um grande trabalho manual existem dois problemas associados: a multiplicação dos motivos podia originar a que ficassem semelhante, mas não exatamente iguais. Por outro lado, ao trabalho manual está inerente a necessidade de tempo para a realização do trabalho da forja, e quando o desenho era complexo o trabalho era ainda mais lento o que não era ideal, para além de um elevado custo que a cada trabalho estava associado.

Também visualmente estes dois trabalhos do ferro são distinguíveis uma vez que, por ser trabalhado manualmente, o ferro forjado «tem aspeto rústico em sequência do emprego de força manual» (VIEIRA, 2020: 62). Já o ferro fundido apresenta-se com uma aparência granulada devido ao seu arrefecimento acontecer em moldes compactado na areia. No entanto, quando a técnica do trabalho do ferro é finalizada com uma cobertura em tinta, nem sempre é fácil diferenciar uma técnica da outra, a não ser pelo caráter visual que apresentam.

Até ao século XVIII foi a técnica da forja a mais utilizada, realidade que sofreria uma mudança em finais do séc.XIX. Ganhou força a utilização do ferro fundido uma vez que a sua produção, para além de mais rápida, era menos dispendiosa e tinha uma maior perfeição associada.

Entre as fundições presentes na cidade do Porto destacaram-se, nos Oitocentos, as Fundições da Deveza, do Bolhão e do Ouro. Por outro lado, a Fundição do Bicalho, a Fundição da Boa Viagem, a Fundição de Massarelos, a Fundição Bernardo Francisco de Oliveira & Ca foram também nomes destacados na cidade, com grandes produções (VIEIRA, 2020: 54) **(fig.290).**

Figura 290. *Fundições da cidade do Porto,* Fonte: VIEIRA, Juliana (2020) A ARTE DOS GRADEAMENTOS EM FERRO DO CENTRO HISTÓRICO DO PORTO, pág.54.

Em semelhança ao azulejo, apesar de uma funcionalidade associada ao trabalho em serralharia nas casas do porto (por exemplo nas bandeiras para proteção das estruturas em vidro nas portas ou janelas localizadas à face da rua), havia um interessante sentido estético invocado pela arte do ferro. Os modelos variam mas são em ruas mais nobres, movimentadas e comerciais onde prevalecem os mais complexos trabalhos de serralharia (tais como a Rua das Flores- grande rua comercial com grande variedade de motivos decorativos nas serralharias fruto também das renovações que as casas forma sendo submetidas na passagem dos anos; Rua de Santa Catarina; Rua de São João e Rua Mouzinho da Silveira) como forma de nobilitação de casas de grandes comerciantes, famílias de posses ou edifícios públicos da cidade. Explorando ainda esta ideia é de fácil perceção a nobilitação que estas estruturas espelhavam nas casas uma vez que em caso de padrões já pré-existentes o custo era mais económico do que encomendar um desenho novo, e exclusivo, aos ferreiros.

Os motivos, de forma genérica, variam em três grandes grupos **(fig.291):** alfabéticos e numéricos, fitomórficos ou geométricos, existindo ainda os motivos de gosto abstrato.

O grupo de padrões de caráter alfabético e numérico inclui datas, letras ou monogramas, normalmente associados à família proprietária da casa ou a datas de fim de construção da mesma, respetivamente.

Os motivos fitomórficos são os que englobam os motivos vegetalistas/naturalistas tais como folhas, flores, festões «geralmente a formar arabescos centrais» (VIEIRA, 2020: 66). Os motivos geométricos englobam linhas, retângulos, losangos, triângulos e os motivos mais abstratam incluem espiriais, volutas, anéis (VIEIRA, 2020: 66).

Figura 291. *Modelos decorativos nas guardas,* Fonte: VIEIRA, Juliana (2020) *A ARTE DOS GRADEAMENTOS EM FERRO DO CENTRO HISTÓRICO DO PORTO*, págs.67 e 68.

12.1.11 As Influências na Arquitetura da Cidade

Este subcapítulo inicia a sua exploração com a arquitetura a *casa do lote estreito e alto presente* (FERREIRA & ROCHA, 2018: 65) na cidade. Se intimamente ligada, por um lado, à realidade social marcada pela forte ocupação da cidade, ao nível populacional, e pela escassez de espaço, a verdade é que tem mais por onde explorar. Estas casas, têm como estrutura de sustentação grandes troncos de madeira que eram transportados nos barcos até à cidade, o que explica a dimensão do lote de 6 metros: para além de muito difícil encontrar árvores com dimensões superiores a 6 metros, até a logística de transporte importava dado que era complexo o transporte.

No entanto, apesar do que acima foi referido, é importante destacar que há claras influências originárias de outros pontos geográficos, em parte justificado pelo importante papel comercial que a cidade começou a assumir a partir do séc.XVII: no

Norte da Europa, é muito antigo o sistema fachwerk (TEIXEIRA, 2004: 42), caracterizado pelas dimensões das casas estreitas e altas. Sistema tradicionalmente encontrado em cidades portuárias, podemos ver exemplos na Holanda, Flandres. Esta estrutura do fachwerk, «dos países germânicos, Inglaterra e França, em que o tabique é feito por sectores compreendidos num esqueleto de madeira, com barrotes horizontais e a prumo, cortados por diagonais (…)OLIVEIRA, 1994: 336).

A tipologia habitacional *estreita e alta* (FERREIRA & ROCHA, 2018: 65) é amplamente funcional porque, se por um lado, solucionava o problema da habitabilidade e falta de espaço associado às cidades, não deixa de ser uma resposta bem pensada ao nível meteorológico: nos países do Norte da Europa o clima rigoroso exige uma resposta inteligente e assim estas construções funcionavam como forma de manutenção do clima interno da habitação. A utilização desta tipologia habitacional na cidade é interessante porque, apesar de não haver neve e temperaturas gélidas, o inverno na cidade é rigoroso com chuvas e temperaturas baixas, justificando a praticidade deste modelo na cidade portuense (ARAÚJO, 2015:47).

Figuras 292, 293 e 294. *Exemplos da Casa Estreita e Alta na cidade do Porto,* Fonte: fotos de autoria própria (23 e 24/06/2022).

Localização: Rua do Infante D. Henrique, Rua de S. Filipe de Néry, Rua dos Mercadores, respetivamente.

Casas altamente operativas também ao nível dos materiais através da economização de meios, uma vez que as fachadas das casas eram, normalmente, em granito e a estrutura interna da casa é a madeira: ambos materiais que abundavam nos arrabaldes da cidade do Porto.

Também em outras cidades vemos similaridades com a construção da casa estreita e alta como Braga ou Guimarães.

> *Trata-se de um saber empírico, isto é, adquirido e racionalizado a partir das experiências da obra e dos usos. Não são as Escolas nem são arquitectos reconhecidos que realizam a arquitectura corrente e dominante nos edifícios de habitação, durante este vasto período da História do Porto* (FERNANDES, 1999: 80)

Um outro exemplo- de reflexos de outros pontos geográficos- são as casas de veraneio muito presentes na zona da Foz do Porto **(fig.295).**

Figura 295. *Casa de Veraneio na Foz do Porto, Fonte*: TAVARES, Domingos (2017*) Transformações na Arquitetura Portuense*, pág. 128.

Figura 296. *Casa de vilegiatura na Foz do Porto,* Fonte: foto de autoria própria (17/08/2022).

Localização: Rua Marechal Saldanha.

Estas são casas reflexo do gosto pelos típicos *chalets* suíços **(fig.296)** que dominaram a paisagem desta zona da cidade na transição do séc.XIX para o séc.XX, no entanto com pequenos apontamentos de influência claramente francesa: recorte romântico e alvenarias em pedra (TAVARES, 2017: 77). Mantêm os largos beirais em madeira com coberturas em grande inclinação, que na zona dos Alpes são altamente funcionais para que não haja neve depositada nos telhados, fazendo-a deslizar. Na Foz do Porto, «na beira do mar, não deixavam de dar sinal de riqueza em lugares mais expostos à visibilidade das vizinhanças» (TAVARES, 2017: 77). Dentro de alguns exemplares destaca-se a residência Andresen da autoria de António da Silva.

A janela de guilhotina, que prolifera pela cidade do Porto, é reflexo das vivências comerciais que desde os inícios do séc.XVIII dominaram a cidade. Desde cedo, se instalou a comunidade inglesa no local do principal entreposto para a comercialização do vinho do Porto, depois de em 1703 ter sido fechado o tratado de Methuen para a negociação do vinho do Porto entre ingleses e portugueses (TEIXEIRA, 2004: 152). O sistema construtivo das habitações vai acabar por refletir algumas das vivências destas comunidades estrangeiras e prova disso é esta janela de estilo guilhotina. Modelo existente no norte da Europa, especificamente em Inglaterra, país de onde eram oriundos muitos dos que habitavam cada vez mais a cidade (TEIXEIRA, 2004: 32**) (fig.297[29]).**

Figura 297. *Janela de Guilhotina,* Fonte: SWARK.

[29] Na figura 297. São ainda visíveis a estrutura de tabique e a cruz de Santo André.

Figura 298. *Platibanda com balaustrada,* Fonte: PIRES, Juliana Sofia Lopes (2009) *Metodologia de Reabilitação de Clarabóias Antigas no Centro Histórico do Porto*, pág.32.

No entanto, para além da janela de guilhotina, também o estilo neopalladiano, surgido em Inglaterra, se difundiu na cidade e «servirá de modelo à arquitectura de expansão almadina» (TEIXEIRA, 2004: 18). Em semelhança à introdução da janela de guilhotina na cidade as habitações começaram a refletir a utilização da platibanda **(fig.298),** reflexo da influência neopalladiana que se vivia em Inglaterra.

Também a produção azulejar sofreu alterações fruto da Revolução Industrial que se vivenciava em Inglaterra: Com o avanço da Revolução Industrial não só a forma de produção do azulejo se alterou como também a forma como se produzia os motivos decorativos para o mesmo. O processo de estampilhagem **(fig.301)** deu lugar à estampagem mecânica nos finais do séc.XIX **(figs.299 e 300).**

Figura 299. *Azulejos de produção industrial* em visita à AZULIMA, Fonte: foto de autoria própria (26/10/2021).

Figura 301. *Azulejos de produção de estampilhagem em visita à AZULIMA,* Fonte: foto de autoria própria (26/10/2021).

Figura 300. *azulejos de produção industrial,* Fonte: SWARK.

Localização: Praça D. Filipa de Lencastre.

Figura 302. *Processo de produção de estampilhagem em visita à AZULIMA,* Fonte: foto de autoria própria(26/10/2021).

Ou seja, o processo começou a alterar-se, da aplicação do modelo no azulejo já previamente estampado em papel **(fig.302)**, passa-se para o azulejo estampado através do processo industrial de prensa.

É crucial, neste tema, individualizar alguns nomes de arquitetos, projetistas e engenheiros que em muito contribuíram para este cenário. Rigaud Nogueira é um nome que merece atenção nesta semana das influências na arquitetura da cidade do Porto, uma vez que conseguiu introduzir motivos de caráter árabe na arquitetura cidade, sem nunca descaracterizar ambas as partes. No entanto, «Para a cultura urbana portuense, as temáticas arabizantes do Sul só poderiam constituir matéria de excepcional exibicionismo» (TAVARES, 2017: 45)

Figura 303. *Arquiteturas da autoria de Rigaud Nogueira com caráter arabizante,* Fonte: foto de autoria própria (20/05/2022).

Localização: Avenida da Boavista.

As temáticas arabizantes da zona do Sul foram introduzidas nas suas arquiteturas através de arcos em ferradura ou remates ameados, conjugados com elementos característicos das casas da cidade, como o trabalho de granito lavrado a emoldurar janelas **(fig.303)**. No Palacete Silva Monteiro a sala de receção da senhora (compartimento de valorização do estatuto da mulher na habitação) com frisos em

folhas de acanto e com multiplicação de cornucópias reflete já influência da arte árabe **(fig.304)** .

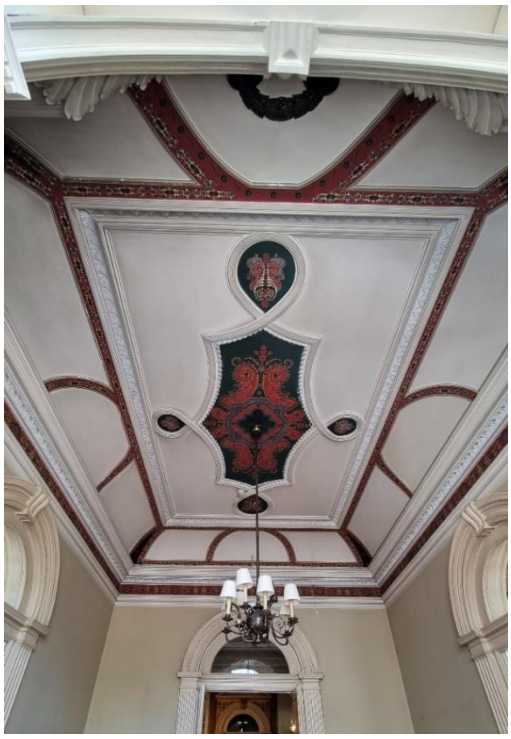


Figura 304. *Sala de receção da Senhora com motivos arabizantes no Palacete Silva Monteiro*, Fonte: foto de autoria própria (04/07/2022).

Outro nome de relevo no panorama das influências na arquitetura da casa do Porto é o arquiteto Marques da Silva. Renova a imagem da cidade ao introduzir, por exemplo, no edifício Quatro Estações, elementos como janelas de grandes dimensões **(figs.305).**

Esta arquitetura é um grande exemplo de uma influência externa, já que «Os envidraçados filiam-se na tradição nórdica muito presente na Baixa comercial do Porto, em geral inspirada na influência das cidades comerciais do mar do Norte (que marcou o ritmo das novas construções entre os séculos XVIII e XIX)» (TAVARES, 2017: 204). No entanto é ainda de refletir sobre as grandes inovações que se materializavam em Paris com a arquitetura baseada na utilização do ferro e do vidro, com a Exposição Universal de 1898, e que viria a influenciar a forma como a cidade portuense interpretaria a arquitetura à data.

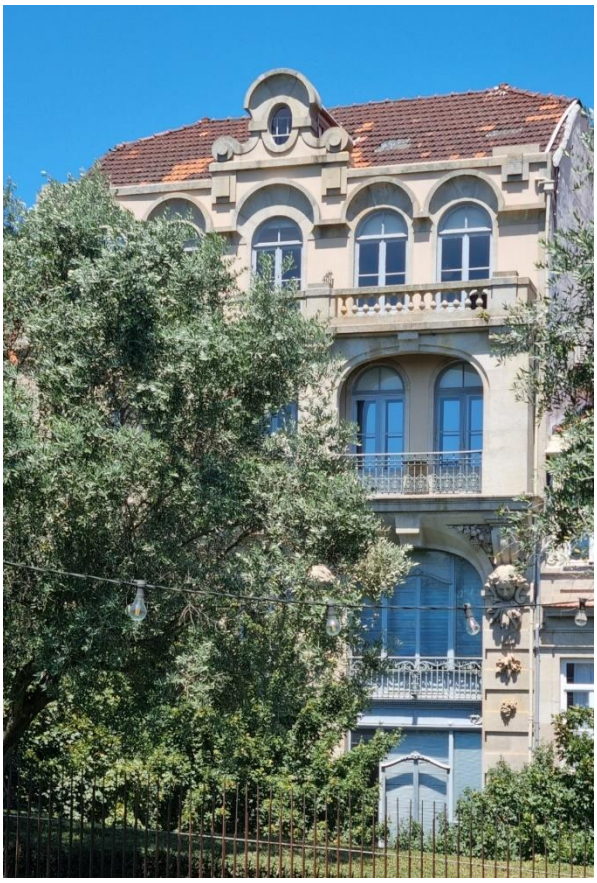
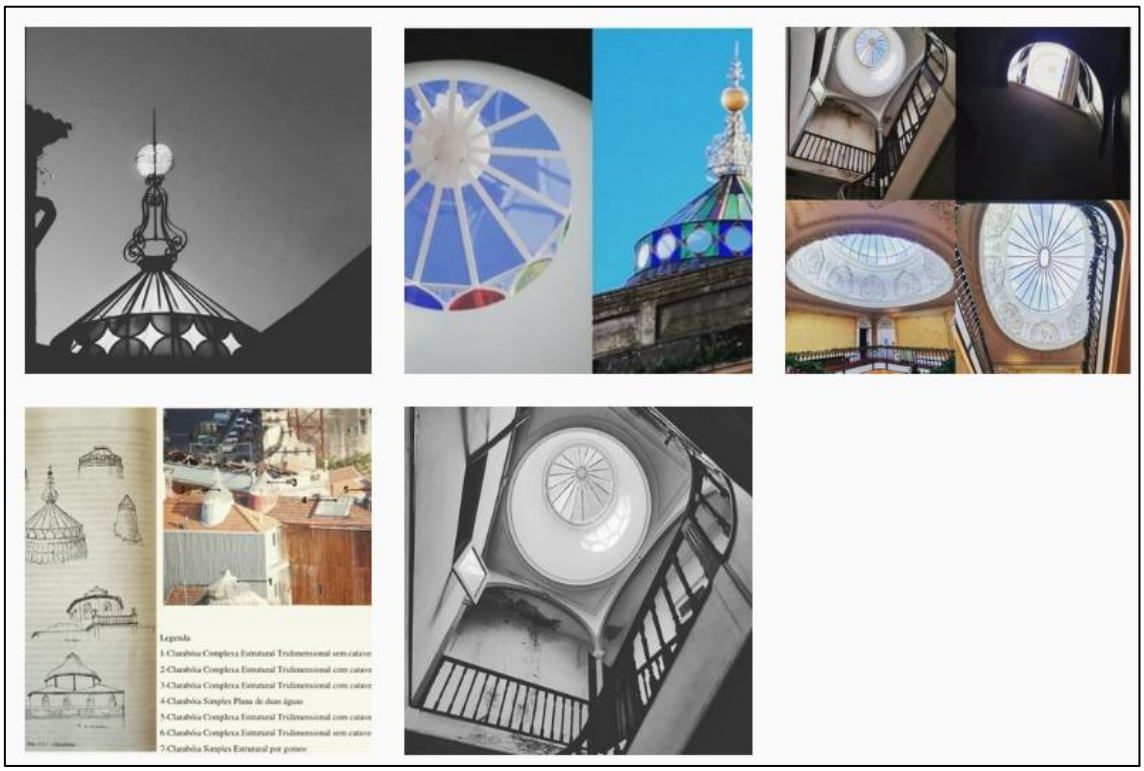


Figura 305. *Envidraçamentos no Edifício Quatro Estações da autoria de Marques da Silva*, Fonte: fotos de autoria própria.

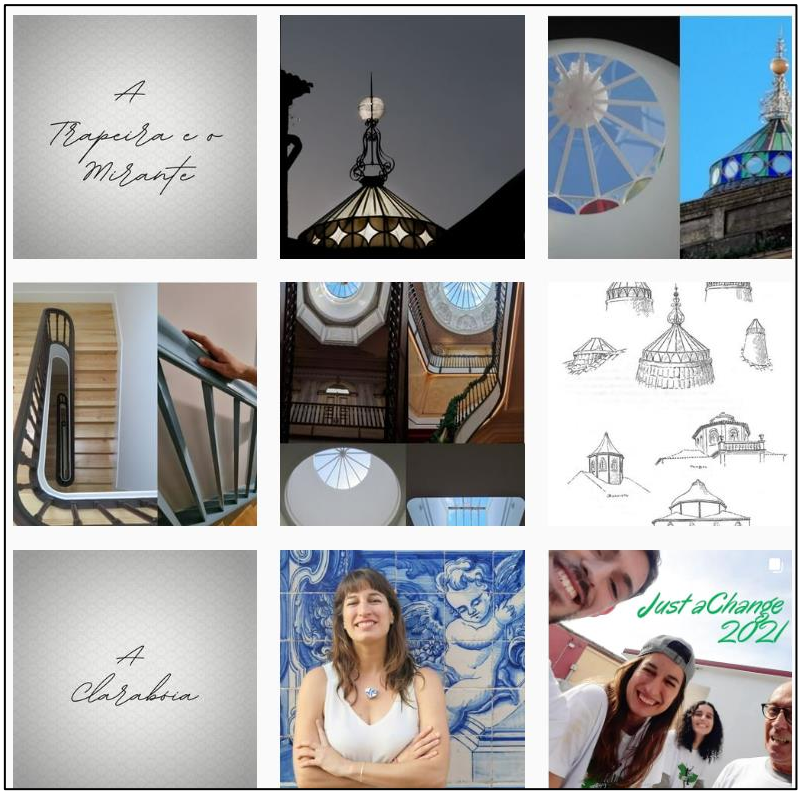
Localização: Rua das Carmelitas.

12.2 As publicações nas platafomas digitais: resultados

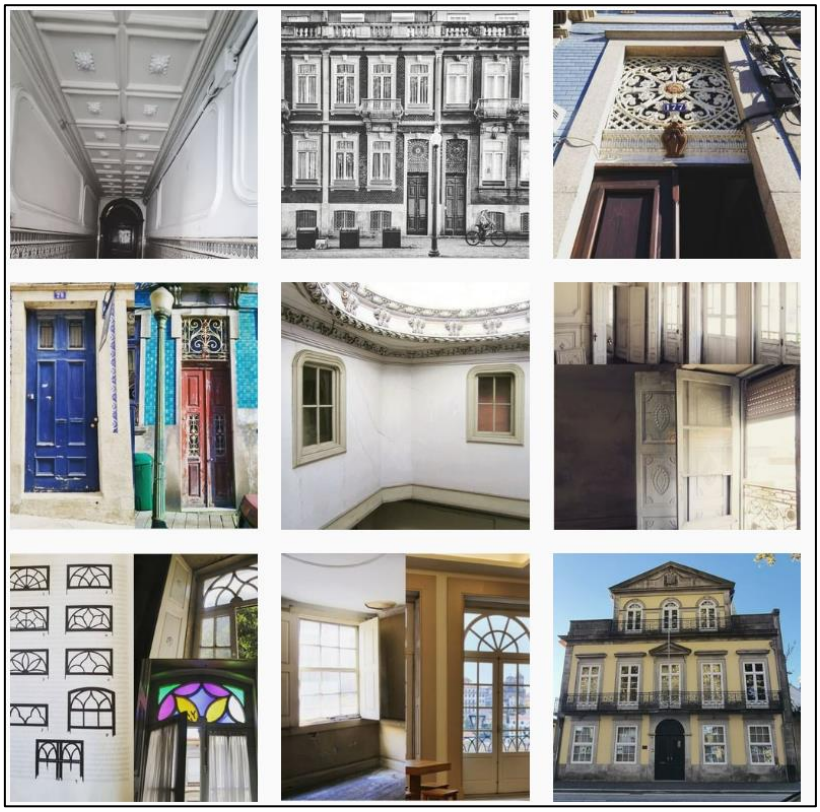
Para o trabalho das partilhas nas redes sociais foi criada uma página de teste na plataforma Instagram intitulada *Try All*. A esta página teve apenas acesso a empresa SWARK e foi através destas publicações que foram trabalhadas as melhorias a executar através de comentários publicados em cada uma das publicações permanentes e temporárias. Apesar de não materializarem o trabalho final desenvolvido na página da empresa, é fruto das alterações realizadas nesta página que surgem as publicações finais e que permitem uma comparação ao entre o processo e o resultado **(figs.306, 307, 308, 309, 310 e 311)**.



Figuras 306. *Captura de Ecrã Tema 'A Claraboia' na Plataforma Try All.*

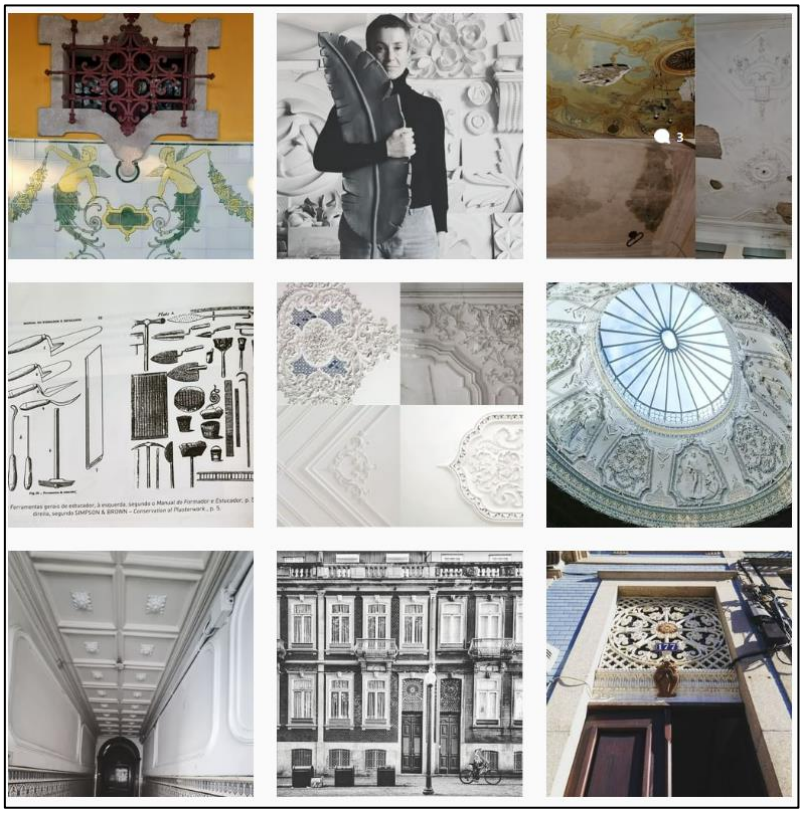


Figuras 307. *Captura de Ecrã Tema 'A Claraboia' na Plataforma SWARK.*

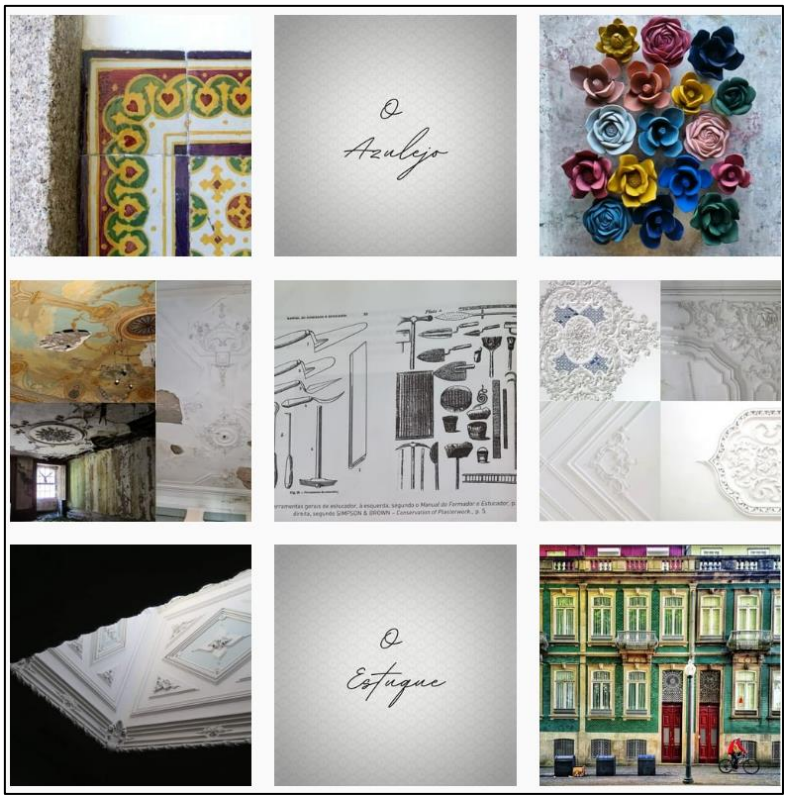


Figuras 308. *Captura de Ecrã Tema 'A Janela e a Porta' na Plataforma TryAll.*

Figuras 309. *Captura de Ecrã Tema 'A Janela e a Porta' na Plataforma SWARK.*



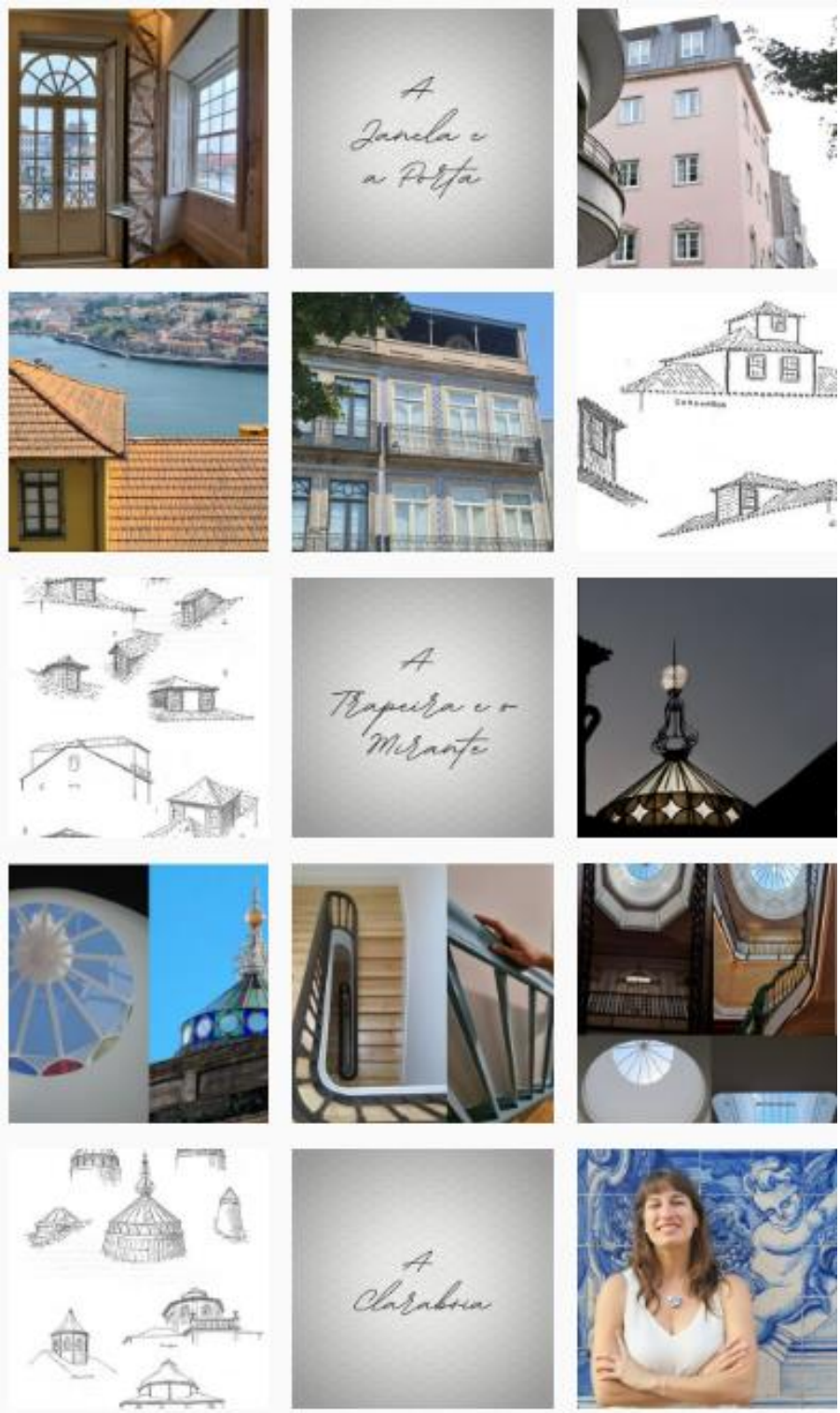
Figuras 310. *Captura de Ecrã Tema 'O Estuque' na Plataforma Try All.*



Figuras 311. *Captura de Ecrã Tema 'O Estuque' na Plataforma SWARK.*

De destacar que entre 9 e 17 de setembro de 2022 houve uma interrupção de partilhas por decisão da proprietária da empresa Sara Natária, que apresentou publicações referentes ao aniversário da SWARK e testemunhos da experiência com a empresa por ex-clientes. Assim, o último tema (*as linguagens arquitetónicas)* sofreram um adiamento das suas partilhas: iniciaram-se dia 18 e estendem-se no mês de outubro. Uma vez que o presente relatório foi entregue no final do mês de setembro de 2022 foi criada uma tabela- presente em Apêndice 5 - com as publicações agendadas para o mês de outubro.

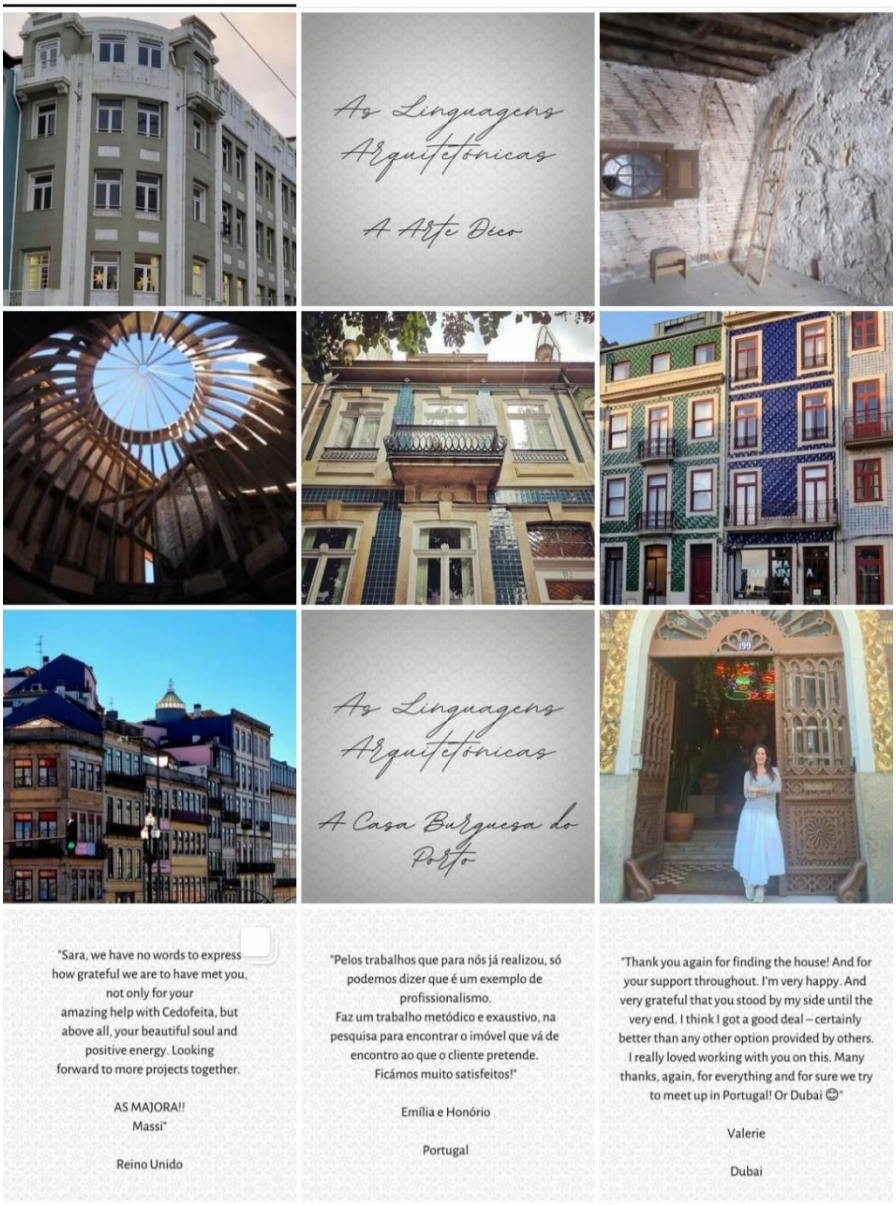
Tendo em vista que, dos dez temas a partilhar, se mantém apenas pendente o tema das linguagens arquitetónicas é já possível ver materializado o trabalho da maior parte das publicações, trabalho este presente nos apêndices 3 e 4 com tabelas que possuem capturas de ecrã de todas as publicações permanentes e temporárias, respetivamente, desenvolvidas até à data. É, também, já possível detetar a valorização do sentido estético na página de Instagram da SWARK com o esquema das primeiras publicações **(figs.312, 313 e 314)** devidamente alinhados, objetivo a atingir e referido no capítulo 4.5.


A
Janela e
a Porta
A
Rapeira e o
Mirante
A
Clarabóia

A
Missala e
a Colonja

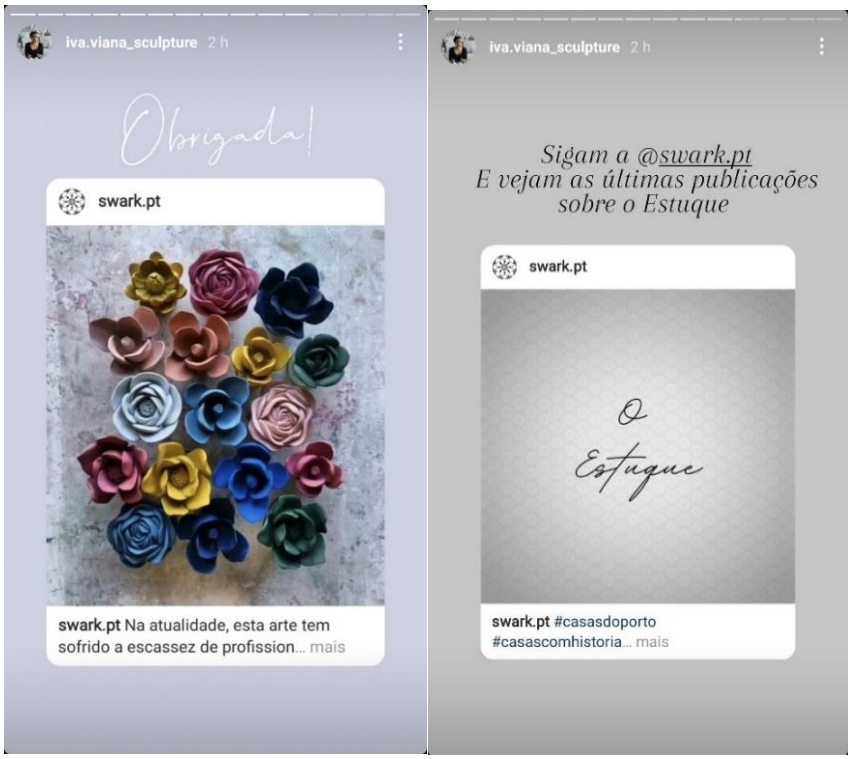
O
Azulejo

O
Estuque



Figuras 312, 313 e 314. *Capturas de ecrã na Plataforma Instagram do trabalho visual materializado com as publicações.*

O feedback pelos seguidores foi uma constante entre reações, comentários e perguntas. As próximas imagens são exemplos do *feedback* obtido com artistas e seguidores da página da empresa.



Figuras 315 e 316. *Capturas de ecrã na Plataforma Instagram, Feedback Artista Iva Viana ao tema do Estuque.*

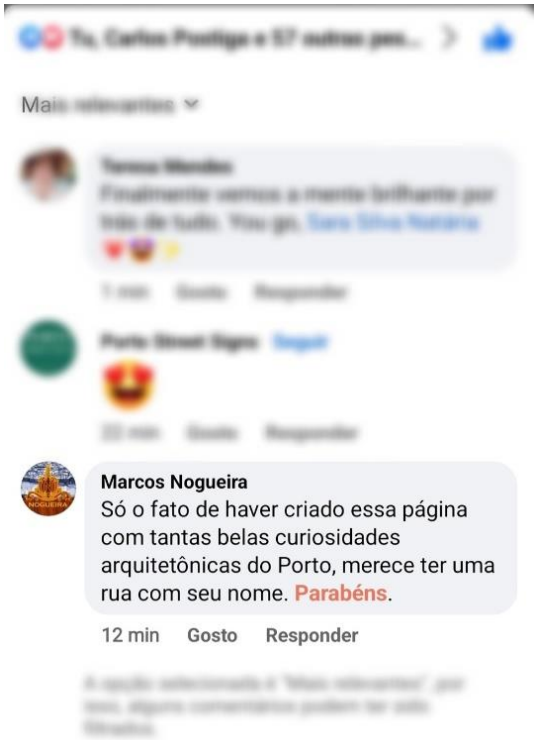


Figura 317. *Capturas de ecrã na Plataforma Instagram, Feedback de um Seguidor da SWARK.*

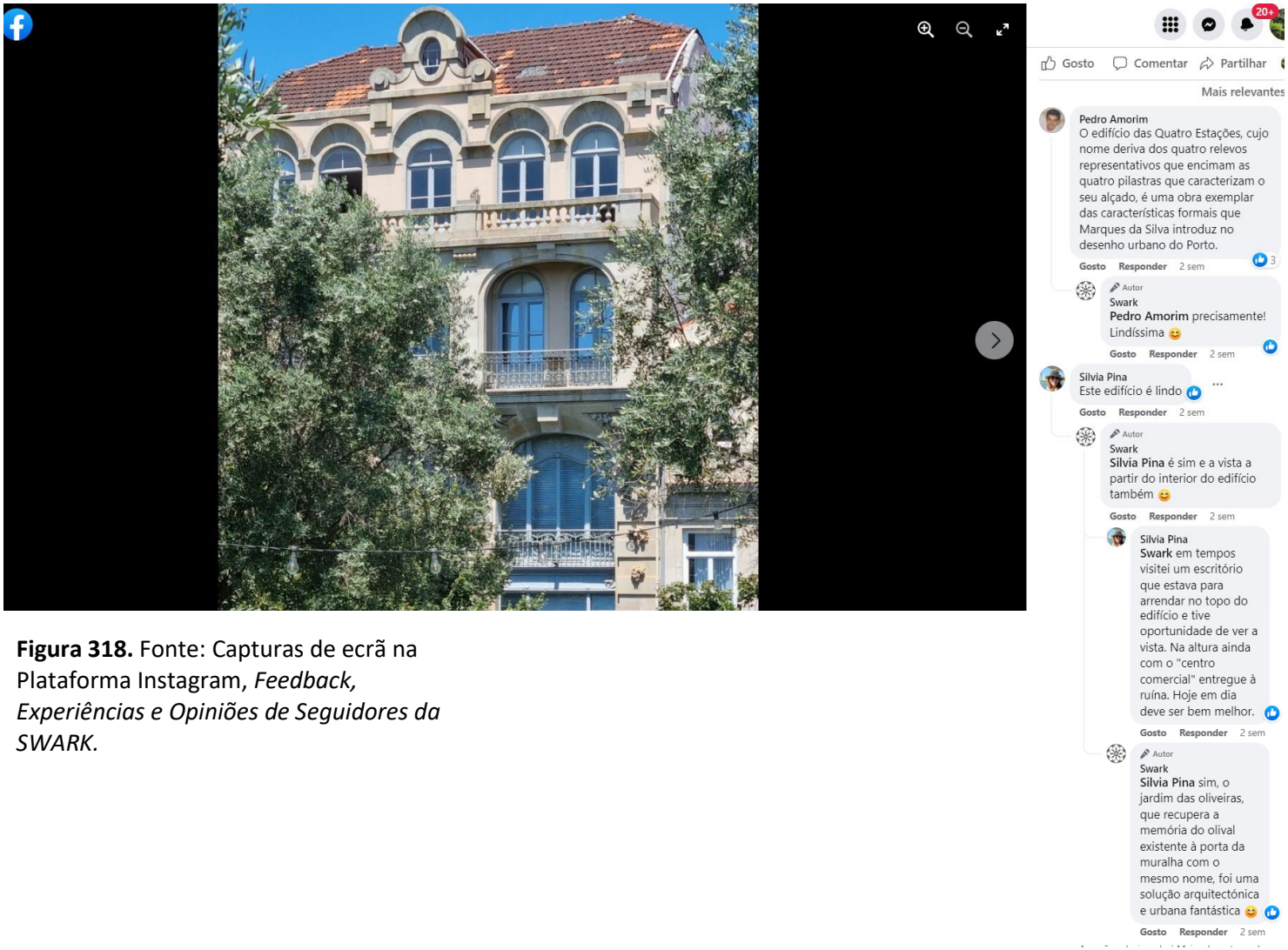
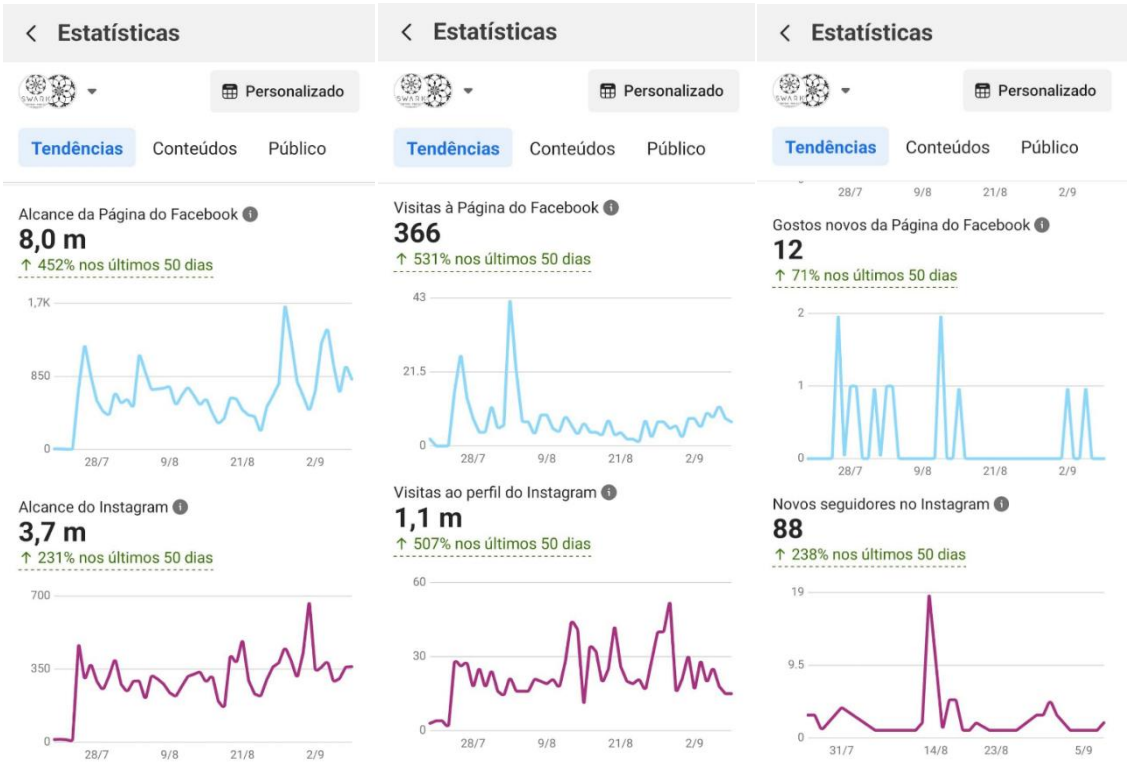


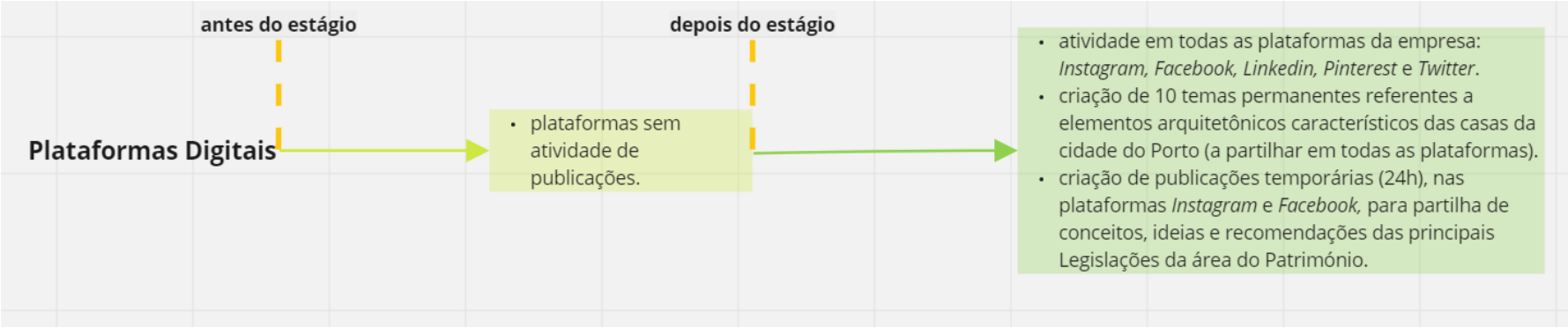
Figura 318. Fonte: Capturas de ecrã na Plataforma Instagram, *Feedback, Experiências e Opiniões de Seguidores da SWARK.*

Ao longo de todo o período de atuação nas redes socias foi possível materializar uma evolução nas plataformas digitais. Tendo como exemplo o *Instagram* e *Facebook*- páginas mais relevantes para a atividade da empresa- entre o início do trabalho (25 de julho de 2022 com 1124 seguidores) nas redes e a pausa para publicações da autoria da arquiteta Sara (9 de setembro de 2022 com 1204 seguidores), foi possível atingir um acréscimo de 80 novos seguidores da página. Dentro de todos os temas partilhados são os temas das *claraboias*, *porta e janela, estuque* e *influências nas arquiteturas* os que mais reações, comentários e partilhas obtiveram. São apresentados, de seguida, os gráficos indicativos das estatísticas do trabalho nas plataformas digitais (serviço disponibilizado na plataforma *Meta* para *Instagram* e *Facebook* exclusivamente) com especial destaque para os picos de interação nos temas mais valorizados pelos seguidores das páginas.



Figuras 319, 320 e 321. *Capturas de ecrã da plataforma Business Suite (separador Estatísticas) dos resultados nas Plataformas Instagram, Feedback da SWARK.*

Por fim, no fluxograma seguinte, destaca-se o impacto do trabalho das redes sociais no ambiente da empresa com o antes e depois da realização da atividade.



Figuras 322. Fluxograma comparativo com o antes e depois da atuação nas redes sociais da empresa SWARK, Fonte: Capturas de ecrã da plataforma *Miro.*

13. A inovação e oportunidade

13.1 Casos de estudo, redes sociais e lista de desejos: desafios, problemáticas surgidas e contributos para a área do património

O trabalho de divulgação de valores, conhecimento e investigação da área científica de História da Arte, e centrado na área do Património Arquitetónico, levantam problemáticas complexas que exigem cuidados acrescidos, sobretudo motivado pela existência de três interlocutores importantes aos quais deveria ser dada uma resposta: por um lado a investigação para o relatório de estágio, por outro as necessidades da empresa SWARK, sem esquecer o público-alvo. Esta reflexão será dividida entre o processo dos *casos de estudo* (com respetivas problemáticas, desafios e contributos surgidos) e o trabalho da mediação/ divulgação patrimonial (com as questões e contributos respetivos).

Através do processo de comunicação/divulgação de investigação em património e arquitetura adaptado, para as redes sociais da empresa, é possível realizar um conjunto de introspecções sobre problemáticas e contributos fruto deste processo.

A primeira grande problemática surgida com este trabalho é a perceção da ausência de profissionais mediadores patrimoniais a trabalhar as plataformas digital, o que desde já levanta uma grande lacuna. A maior parte do trabalho patrimonial que existe é desenvolvido em plataformas digitais vinculadas a grandes empresas dos setores público e privado do Património, muitas vezes desconhecidas e longínquas da realidade do público geral. Assim, é inevitável o surgimento da 1ª problemática a ter em conta no futuro: a necessidade da aposta dos profissionais com formação na área de História da Arte na comunicação patrimonial usando as plataformas digitais- a título pessoal ou através de uma empresa - para um maior contacto entre utilizadores de património e a sua realidade.

Um grande desafio fruto deste trabalho de comunicação patrimonial é sem dúvida a forma de comunicação e o conteúdo a partilhar. Este desafio surge pela necessidade de materializar uma das principais ideias que moveu a proposta deste

estágio: a de colocar a investigação desenvolvida na área de História da Arte ao dispor de um público-alvo mais abrangente. Este foi um grande desafio de ver concretizado porque, e seguindo a ideia acima destacada da ausência de profissionais da área a atuar na partilha de conteúdo patrimonial, a verdade é que foi complexo adequar a investigação a um público não especializado e tendo sempre como objetivo transmitir ideias diferenciadoras, identidade da SWARK, sem desvirtuar a investigação levada a cabo. Adequar a forma como se escreve sobre património revelou-se um trabalho desafiante, com necessidade de vários períodos de reformulações para serem adequados ao público-alvo desejado.

Um outro desafio que merece destaque neste ponto relaciona-se com outra lacuna surgida com os temas desenvolvidos. Os temas eram específicos de elementos das casas da cidade o que, em certos momentos, proporcionou um contacto mais aprofundado com o universo da arquitetura ou da engenharia. A aprendizagem com a leitura de teses de profissionais destas áreas é muito relevante pela capacidade de conhecimento, de muito valor, relacionado com as casas objeto de trabalho da empresa SWARK. No entanto, e não sendo estes universos nos quais existe uma formação ou especialização, atuou uma grande e preciosa ferramenta para um maior entendimento: a interdisciplinaridade. Foi através do contacto permanente com a supervisora do estágio assim como com colegas de áreas variadas que foi possível colmatar esta lacuna. Esta é sem dúvida uma problemática de e para o futuro: a importância de criação de equipas cada vez mais multifacetadas e interdisciplinares para darem resposta a múltiplos quadrantes de um único objeto de estudo.

Por outro lado, a realização do trabalho nas plataformas digitais, e em parte na *lista de desejos*, pretendia-se atrativo, que causasse interesse e curiosidade no leitor e não transparecesse o caráter académico do trabalho. O estudo das arquiteturas e dos espaços nos universos da *lista de desejos* e redes sociais foi realizado a partir do presente e, dentro do trabalho desenvolvido nestes meios, houve a inevitável necessidade de canalização e seleção de informação para atingir os objetivos definidos. Sobretudo o trabalho das redes assumira-se como uma *missão-piloto* na empresa que tinha de conseguir demonstrar resultados para legitimação da sua continuidade. Esta

problemática de seleção, canalização pode agora ser desfeita, uma vez que a recetividade do trabalho foi positiva, sendo agora possível alargar perspetivas, análises, estudos e exemplos a partilhar no mundo digital.

Um dos contributos deste trabalho foi ter iniciado o percurso de atuação, na área do património, usando como mecanismo as plataformas digitais, contactando assim mais diretamente com um público mais generalizado. Este mesmo trabalho poderá servir de base a outros profissionais da área científica do património para estabeleceram as suas bases para a divulgação patrimonial com o objetivo de aproximar o trabalho da área de História da Arte de um público mais abrangente.

Outro grande contributo foi o redireccionamento, também, para promoção de artistas nacionais que trabalham elementos destas casas (ex: o estuque, o azulejo). A política de divulgação de outros profissionais nacionais era desejo da SWARK e assim, para além de dar voz a artesãos nacionais, foi concretizado uma das intenções da empresa. Estas partilhas são a última publicação de cada tema.

Um contributo importante para o conjunto deste trabalho, relaciona-se com o conteúdo fotográfico partilhado nas redes sociais. Motivado por todos os anos em que já se inclui no mercado de *house-huntig* de casas com valor histórico e/ou patrimonial, a arquiteta Sara possuía um amplo espólio digital de fotografias de espaços e elementos de casas que visitou e/ou adquiriu para clientes, que não tinham qualquer visibilidade e utilidade. Em conjunto com fotografias de autoria própria, captadas ao longo de vários meses, estas fotos foram resgatadas da drive privada da empresa e hoje acompanham muitas das publicações digitais presentes nas páginas da empresa.

Na análise do trabalho relacionado com a *lista de desejos* surgiu uma problemática importante fruto da criação do *mapa de localizações* com área definidas de forma personalizada. Existindo vários documentos de teor oficial que delimitam, já, diferentes áreas na cidade, acabou por surgir a questão da operatividade destas delimitações já que, uma empresa como a SWARK, acaba por precisar de criar as suas próprias zonas.

> *Um dos casos de estudo deste estágio foi uma Casa reabilitada antes da definição da ARU onde se encontra atualmente. Neste caso podemos dizer que a SWARK e os seus clientes estiveram um bocadinho à frente do tempo comparativamente com as entidades que posteriormente reconheceram o valor e a importância daquela zona a nível histórico e patrimonial e criaram a área ade reabilitação urbana de Massarelos* (Entrevista Arq. Sara Natária, minuto 57:30- minuto 58:26).

A citação acima destacada adensa ainda mais a questão acima colocada. Faz, por exemplo, questionar se os intervenientes do terreno (como arquitetos) não deveriam ser incluídos neste processo de decisão. À pergunta se teria interesse em contribuir para o desenvolvimento dos documentos oficiais delimitadores das áreas, a Arq. Sara Natária respondeu que:

> *A SWARK terá toda a disponibilidade e interesse em dar opinião para ajudar a melhor esse instrumento (ARU) caso algum dia a CMP ou qualquer outra entidade tenha interesse em saber a opinião da SWARK* (entrevista Arq. Sara Natária, minuto 01: 02: 10- minuto 01: 02:30).

Por outro lado, na entrevista com a Arquiteta Sara Silva Natária acaba por ser abordada a questão dos edifícios históricos que transcendem geograficamente estas linhas definidoras de apoios económicos, ao que é lançada uma outra problemática: «Embora haja apoio para edifícios com mais de 30 ano, na minha opinião até é bastante reduzido. Estamos em 2022, um edifício com 30 anos já não está incluído naquilo que a SWARK considera como arquitetura histórica: o nosso limite temporal está entre os anos 60/70» (Entrevista Arq., Sara Natária, minuto 01: 05:49- minuto 01:06:24). Esta problemática faz questionar se estes apoios deveriam, ou não, ter, por exemplo, uma maior amplitude temporal para abranger um maior número de edifícios históricos.

Outra questão levantada no desenvolvimento de trabalho para o presente relatório é sustentada pela citação seguinte:

> *Eu acho que tudo o que seja divulgação sobre os trabalhos feitos, os estudos de qualquer edifício(…) quanto mais documentado estiver não só agora mas mais à frente para outro tipo de estudo. (…)O que estamos a fazer agora é história daqui a 50 anos* (Entrevista Arq.Adriana Floret, minuto 31:23-minuto 32:31)

Esta citação demonstra que o futuro poderá (quem sabe) realmente passar pela aplicação deste trabalho para munir o Património Arquitetónico de novas ferramentas para a sua preservação, tanto no universo da divulgação cultural como em cenário de reabilitação. Hoje mesmo a área da arquitetura sofre um momento de mutação já que « agora a partir do momento que tivemos o problema com o Covid, que a Baixa parou por completo porque deixamos de ter investimento estrangeiro nessa zona, sentimos que grande parte dos investidores regressaram mas para outro tipo de intervenção: a construção nova» (Entrevista Arq.Adriana Floret, minuto 06:37-minuto 07:01). Esta mudança de paradigma está também refletida na SWARK: clientes começam a procurar a empresa para a compra de arquiteturas com a linguagem arquitetónica brutalista. Este câmbio nos interesses dos investidores levou à necessidade de uma célere atuação, levando à necessidade de inclusão de uma última publicação, nas páginas das redes sociais da empresa, relacionado com esta linguagem arquitetónica. Mas esta alteração de paradigma faz questionar aquilo que incluímos dentro da arquitetura histórica: é o *Brutalismo* parte integrante desta realidade? Esta segunda fase do modernismo, pós anos 50 do séc.XX, começam já a ser considerada arquitetura histórica? Deveria a arquitetura *brutalista* ser protegido legalmente? Tudo isto são problemáticas surgidas que continuam em aberto, e o contacto com as mesmas, só foi constatável pelo trabalho de campo proporcionado com o estágio na SWARK.

Por outro lado, é essencial abordar os *casos de estudo* que são, hoje, um percurso com potencial de aplicação no mundo laboral.

A primeira problemática surgida com este trabalho foi o esforço constante de não focar o estudo das arquiteturas numa perspetiva do seu passado. Com os *casos de estudo* a ideia era pensar as arquiteturas partindo do presente, com características singulares ao longo da sua diacronia que explicam, e justificam, a sua sobrevivência. No entanto este processo revelou-se um dos mais desafiantes deste relatório de estágio.

Por outro lado, outra problemática surgida ao longo deste percurso de investigação está relacionada com a escassez de informação. Os casos de estudo que são trazidos para este relatório são habitações correntes da cidade, com as quais a empresa trabalha com o objetivo da «reafectação à antiga função de uso ou tão próximo funcionalmente quanto possível dessa original condição» (DRCN, 2020, Volume 07: 15). Tratando-se de casos de estudo de habitações correntes a verdade é que exigiu uma maior procura de informações que vieram a revelar-se escassas. A escassez de informação permitiu a aquisição de uma valência na área do Património: o trabalho com documentação manuscrita. Dos processos, arquivos e dados com os quais foi possível contactar para as diferentes habitações, a maior parte da documentação datava de finais do séc.XIX e início do séc.XX, o que explica que a maior parte da documentação fosse, maioritariamente, manuscrita. Por vezes com caligrafias de complexo entendimento, muitas delas em condições que não permitiam facilmente a descodificação do que estava escrito, permitiu adquirir esta valência de trabalho.

A falta de informação possibilitou um outro contributo: a exploração de ferramentas atuais como mapas históricos, disponíveis no site da CMP, com vista a dar resposta às dificuldades do processo. Antes de conseguir contactar com documentações relacionadas com os casos de estudo, foi o trabalho com os mapas interativo das CMP que foi possível iniciar o estudo e exploração das habitações. À problemática da dificuldade de acesso à informação está subjacente o contributo do uso ferramentas atuais em formato digital com potencial de aplicabilidade em outras investigações sobre arquitetura.

A última problemática deste trabalho prende-se com os testemunhos das arquitetas, autoras dos projetos das habitações estudadas. No caso da arquitetura da Rua de Cedofeita, habitação que será em breve alvo de um projeto de reabilitação, a

arquiteta Joana Vasconcelos possibilitou o entendimento de questões do projeto de arquitetura e algumas dúvidas que surgiram ao longo do trabalho. Por outro lado, a entrevista com a Arq. Adriana Floret relacionada com a habitação da Rua do Gólgota foi relevante num outro sentido: sendo um projeto de reabilitação já terminado, não foi possível contactar com a habitação em fase de reabilitação como a Casa na Rua de Cedofeita e a entrevista foi crucial para entender a situação do lugar antes da reabilitação, as diretrizes do projeto e a sua materialização. Estes testemunhos possibilitaram uma leitura mais abrangente e completa dos objetos, o que levanta uma outra problemática: não é mais possível estudar arquiteturas de uma forma isolada, quer do ponto de vista teórico ou prático. É essencial passar por estas experiências para que as respostas no tratamento de questões do património sejam cada vez mais completas e eficazes. Esta transversalidade no estudo acaba por explicar a versatilidade apresentada pelos *casos de estudo*. Aplicados futuramente em ambiente laboral, a um maior número de casos de estudo, terão a dupla valência de: por um lado funcionarem, no fundo, como um relatório patrimonial que, articulado com relatório de avaliação arquitetónica e de engenharia, permitirá consolidar projetos de reabilitação mais conscientes; por outro lado, poderão, também, ser um fim em si mesmos ao serem utilizados como mecanismos de divulgação patrimonial do próprio bem.

Um outro contributo que está, inevitavelmente, associado a estes *casos de estudo* são as múltiplas visitas realizadas a vários edifícios da cidade, partilhadas em *diário de bordo* presente no Apêndice 2, até para um melhor entendimento dos casos em investigação. Fruto deste trabalho surgiu um importante espólio fotográfico que é partilhado neste relatório como complemento ao resultado teórico, um grande contributo para outros estudos sobre a arquitetura cidade. A quantidade e variedade de registo fotográficos ao longo de todo o documento é único e por isso é devidamente valorizada ao todas as fotografias serem localizadas, no tempo e espaço, como instrumento auxiliar de investigações futuras.

Por fim, e para além de contributos e problemáticas para o relatório de estágio e respetiva investigação, também na empresa acolhedora este estágio, SWARK houve mudanças, evoluções fruto do trabalho realizado em estágio.

Centrada no projeto de *house-hunting* de casas, na cidade do Porto, com valor histórico e /ou patrimonial, com este projeto foi possível explorar outras valências, e ferramentas, das arquiteturas que movem o trabalho da empresa.

Este trabalho, para além de ter contribuído no sentido de uma maior sensibilidade para os elementos históricos e valores patrimoniais dos edifícios, criou um produto diferenciador, de estudo e análise das arquiteturas, ligadas à entidade de acolhimento deste estágio. A SWARK acompanhou uma nova forma de trabalho focada no estudo, investigação do património arquitetónico nos vários formatos *redes sociais, casos de estudo* e *lista de desejos*. O acompanhamento deste trabalho validou a importância de inclusão de profissionais das áreas do Património e da História da Arte no setor do *house hunting*, providenciando serviços de consultoria.

14. Considerações finais

Findo o presente estudo, e após reflexão relacionada com as tarefas desenvolvida na e para a Investigação e empresa SWARK, investigação de Património Arquitetónico, neste ponto, dar-se-á prioridade à exposição de inquietações e pensamentos, mais generalizados, relacionados com a área de História da Arte e Património.

Muitas vezes, em ambiente de ensino universitário surgia a seguinte pergunta:

> De que forma um profissional de História de Arte se pode articular num trabalho de pesquisa/ estudo no Património Arquitetónico?

A esta pergunta faltam ainda algumas respostas pela complexidade que lhe está subjacente. Certamente, no futuro abrir-se-ão cada vez mais caminhos que responderão a este questionamento, mas este trabalho vem destacar um desses caminhos. Apenas o profissional de História da Arte consegue dar resposta ao desenvolvimento de uma investigação histórica, patrimonial sobre edifícios históricos. Voltado para um sentido mais laboral, destaca-se a oportunidade de auxiliar gabinetes de arquitetura ou de intervenção/ estudo de Património Arquitetónico potencislzado pelo trabalho deste relatório.

A esta pergunta uma outra estava inerente:

> Como é que tal se adapta ao mundo laboral, por exemplo, da reabilitação, com o qual mais se contactou no estágio?

Para desenvolvimento de processos de reabilitação ou recuperação de um edifício existem, sempre, inspeções do foro arquitetónico e de engenharia. Tratando-se, o elemento de estudo, de arquiteturas com sentido histórico latente não deveria também existir uma inspeção de caráter patrimonial a este tipo de edifícios com os quais, por exemplo, a SWARK e outras empresas trabalham? O trabalho dos casos de estudo pode ser uma das respostas para esta problemática. O estudo das duas arquiteuras particulares que alimentam a investigação teórica deste trbalho, lançaram,

no entanto, não só uma lacuna mas uma constatação até então não conhecida. Os dois objetos de estudo localizam-se em ambientes diferenciados: num ambiente citadino a Casa na Rua de Cedofeita e, num ambiente periurbano, a Casa na Rua do Gólgota. Esta realidade revelara-se altamente impactante na informação existente sobre os casos de estudo dado que a casa localizada na Rua de Cedofeita tem uma quantidade e qualidade de informação que não é comum à habitação na Rua do Gólgota. A realidade que se constata é que existira uma clara diferenciação de tratamento e valorização entre os imóveis localizados em ambiente citadino e os que se localizam em ambiente rural. Atualmente este é um cenário já não verificado, uma vez que documentação mais recente demonstra já o mesmo grau de tratamento para casos de habitações alvos de alterações, acrescentos, demolições ou construção, mas recuando aos séc.XIX e séc.XX, é evidente a sobrevalorização das arquiteturas dentro da cidade do Porto comparativamente aquelas que se localizavam nos arrabaldes da mesma. Como forma de resolução desta problemática foi através do trabalho de campo intensivo e o trabalho de reabilitação da Casa na Rua do Gólgota que foi possível estudar a diacronia desta casa no tempo e espaço mas na relação da arquitetura com conjunturas social, económica, paisagística. Apesar deste estudo a investigação deste *Caso de Estudo* não está, no entanto, encerrado e deixa uma base teórica para a continuidade e aprofundamento do seu estudo.

A verdade é que a concretização do trabalho dos *casos de estudo* relevou, através do contacto com outros profissionais, que este trabalho não foi ainda desenvolvido o que levanta a possibilidade de que possa ter uma aplicação generalizada, à cidade do Porto, mas também a outras cidades, com forte interesse no caráter patrimonial.

Os contributos possibilitados pela atuação de um Historiador de Arte na reabilitação patrimonial são muitos dado que:

> *De facto, nós enquanto Arquitetos temos formação em História da Arquitetura, sabemos como chegar à informação, no entanto nem temos as ferramentas nem as competências que alguém cuja formação é*

inteiramente dedicada à área possui. (Entrevista Arq. Sara Natária, minuto 20: 50- minuto 21:24).

Este excerto da entrevista com a supervisora do estágio permite refletir que a ação conjugada é uma realidade do futuro e o papel do mediador cultural pode ser fundamental para este efeito dado que «é um comunicador que pretende estimular o diálogo interno (intrainstitucional), externo (interinstitucional) e coletivo, na procura incessante de reunir e rentabilizar os recursos disponíveis (humanos, materiais, financeiros) para encontrar os métodos e as estratégias adequadas de aproximação do objeto ao tipo de público que vai receber» (DRCN, 2020: 26). Permitirá assim, «estabelecer pontes comunicacionais; promover a escuta ativa; transformar-se e transformar; ser aceite pelos mediados; ajudar o outro a procurar o seu caminho e a rever-se nele» (DRCN, 2020: 26).

Se a importância de inclusão de profissionais de História da Arte no meio é corroborada por testemunhos como este surge, no entanto, aqui, uma lacuna: não existe qualquer regulamento criado que materialize a legitimidade da inclusão dos profissionais desta área científica em ambientes de trabalho da arquitetura, por exemplo, o que pode ser uma lacuna à atuação na área.

O trabalho das *redes sociais* é um relevante contributo para a aproximação do público geral ao universo da História da Arte e do Património. Ao longo dos vários meses focados a trabalhar as redes muitas foram as necessidades de alterações e reformulações textuais com vista à inclusão, abrindo as 'portas' da investigação a toda a gente. Este foi um dos maiores obstáculos deste relatório, porque é ainda escassa a atuação nas plataformas digitais no sentido de aproximação da área de estudo à sociedade generalizada. As áreas científicas devem conseguir mostrar-se e abrir-se a todos, e não o inverso. Foi, também, neste complexo percurso, que este relatório batalhou e que, inevitavelmente, explica atrasos que foram solucionados a tempo da entrega do presente trabalho. Mas a dificuldade potenciou o desenvolvimento de um trabalho melhor ponderado e operativo que permitiram apresentar um trabalho melhor consolidado.

O presente relatório assume-se, assim, como uma montra de resultados, primeiramente, numa tentativa de explorar o trabalho do terreno com a área de formação em História da Arte. Em segundo lugar, presta-se como um exemplo real da aplicabilidade e adaptação da área científica de História da Arte a um universo geral através de projetos de divulgação patrimonial nas redes sociais e da criação de *casos de estudo* que contribuem para o âmbito académico (através da documentação fotográfica produzida, e dos levantamentos realizados em contextos de propriedade privada, permitidos pela atuação da empresa) e constituem uma base para potenciar e implementar melhorias nos serviços prestados pela SWARK.

Num âmbito geral, este relatório conseguiu atingir os objetivos propostos, e elevou-os face ao que estava previamente predefino, ultrapassando barreiras e dificuldades. Conseguiu-se, inclusive, superar o que inicialmente fora proposto, o que resulta num grande sentido de oportunidade e inovação presente no documento através: da simbiótica relação entre teoria e prática; contacto com casos variado *in loco* através das visitas realizadas no tempo e espaço; um trabalho de campo valioso que resulta num conjunto fotográfico da cidade do Porto inédito e que está presente ao longo de todo o relatório.

Este relatório é fruto de um contexto e conjuntura no tempo e espaço, que apesar de ter elevado aquilo a que se propôs no início deste percurso, acabou por abrir novas questões, ideias, o que permite validar, não o seu término, mas pelo contrário o início da caminha.

15. Referências Bibliográficas

- **Bibliografia:**

- ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de. (1999) - *Património. O seu entendimento e a sua gestão*, Etnos, Porto.
- ALMEIDA, Pedro Vieira & FERNANDES, José Manuel. (1993) - *História da Arte em Portugal- A Arquitectura Moderna*, Editor Alfa, Lisboa.
- ALVARISCO. (1926) - Capella da Boa Viagem, em: *O Tripeiro*, Série III, Ano I, nº20.
- ALVARISCO. (1926) - *Matriz de Massarelos*, em: *O Tripeiro*, Série III, Ano I, nº20.
- ALVES, Jorge Fernandes (1999) -*Os brasileiros da emigração no Norte de Portugal*, Vila Nova de Famalicão.
- AMORIM, Sandra Araújo. (2001) - *Azulejaria de Fachada na Póvoa de Varzim (1850-1950)*, Gráfica Maia Douro, Porto.
- BERGER, John. (2002) -Modos de ver, Edições 70, Lisboa.
- BOTELHO, Maria Leonor. (2010) - *A Historiografia da Arquitectura da Época Românica em Portugal (1870-2010)*, Tese de Doutoramento Volume II, FLUP, Porto.
- BRITES, Joana. (2014) - *O Capital da Arquitetura: Estado novo, Arquitectos e Caixa Geral de Depósitos 1929-1970*, Tese de Doutoramento, Volume I, FLUC, Coimbra.
- CAPELA, José Viriato; MATOS, Henrique; BORRALHEIRO, Rogério. (2009)- *Memórias Paroquiais 1758: Memória, História e Património*, Braga.
- CARNEIRO, José Augusto (1910-1913). *Palácio e quinta de Massarelos*, em: *O Tripeiro*, Série I, Ano III, p.60.
- CARVALHO, Maria Filomena de (1997) - *Arquitetura e vilegiatura na Foz do Douro 1850-1910,* Universidade do Porto, Porto.
- CHOAY, Françoise. (1999)- A Alegoria do Património, Edições 70, Lisboa.
- COUTO, Júlio. (1995) - *Campo Alegre: da Nova Cidade à Universidade,* em *Boletim*, ano V.

- COUTO, Júlio. (1993) - *Monografia de Massarelos*, Porto, Junta de Freguesia de Massarelos.
- DIONÍSIO, Sant'Anna. (1996)- *Guia de Portugal IV Entre Douro e Minho volume I*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- DOMINGUES, A. M. P. (2009) -*Ornamentação cerâmica na arquitectura do Romantismo em Portugal*, FLUP, Porto.
- FARIA, Alfredo Ferreira de. (1910) - *O Bairro de Villar*, em: *O Tripeiro,* Ano II, Série I, nº46.
- FERNANDES, Francisco Barata. (1999) - *Transformação e Permanência na habitação portuense: as formas da casa na forma da cidade*, Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, Porto.
- FLORET, Adriana. (2020) - *Living in Porto: Floret Arquitetura*, Porto, Uzina Books.
- FRANÇA, José-Augusto. (2004) - *História da Arte em Portugal- O Modernismo*, Editorial Presença, Lisboa.
- FREITAS, Eugénio Eduardo Andrea da Cunha e. (1999) -*Toponímia Portuense*, Matosinhos, Contemporânea.
- GOMES, Nicole Andreia Oliveira. (2015) - *Novos usos para o património: 5 palacetes em hasta pública*, Dissertação de Mestrado, Universidade de Coimbra, Coimbra.
- KOTLER, Philip; KARTAJAYA, Hermawan & SETIAWAN, Iwan. (2017) - *Marketing 4.0: do Tradicional ao Digital*, Sextante Editor.
- LEITE, Maria de São José Pinto. (2008) - *Os estuques no século XX no Porto- A oficina Baganha*, Universidade Católica, Citar.
- MARTINS, Fausto Sanches. (2001) - *Azulejaria Portuense*, Edições INAPA, Lisboa.
- MARTINS, Guilherme d'Oliveira. (2020) - *Património Cultural- Realidade Viva, Fundação Calouste Gulbenkian,* Lisboa.
- MECO, José. (1993) - *Azulejaria Portuguesa*, Edições INAPA, Lisboa.

- OLIVEIRA, Ernesto Veiga de; GALHANO, Fernando. (1994) - *Arquitetura Tradicional Portuguesa*, Lisboa, Publicações Dom Quixote.
- PEIXOTO, Paula Torres. (2013) - *Palacetes de Brasileiros no Porto (1850-1930)- Do estereótipo à realidade*, Porto, Edições Afrontamento.
- PINTO, Jorge Ricardo. (2014) -*O 285 da Rua de Cedofeita*, Edições Afrontamento, Porto.
- PIRES, Maria do Carmo Marques. (2000) - *A Rua Álvares Cabral (1895-1940) Formas de Habitar*, Porto, FAUP Publicações.
- QUEIROZ, J. (1997) - *O ferro na arte funerária do Porto Oitocentista (…), 1833-1900*, FLUP, Porto.
- REIS, Henrique Duarte e Sousa. (1984) - *Apontamentos para a verdadeira história antiga e moderna da Cidade do Porto*, Volume I, Biblioteca Municipal do Porto, Porto.
- RIBEIRO, Ana Isabel. (2002) - *Arquitectos portugueses: 90 anos de vida associativa 1863-1953,* FAUP, Porto.
- ROCHA, Paulo Mendes da. (2018) - *Duas Casas*, Casa da Arquitectura- Centro Português de Arquitectura, Porto.
- SANTOS, Eugénio dos. (2014) - *Os brasileiros de Torna-Viagem*, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto.
- SEIFERT, Magda; BAÍA, Pedro. (2018) - *Porto Brutalista*, Circo de Ideias, Porto.
- SOUSA, Eduarda Vieira Filipe Freitas Gonçalo de Vasconcelos e; MENDONÇA, Isabel Mayer Godinho; RODRIGUES, Ramiro Moreira Araújo Ricardo; COSTA, José Maria & PINTO, Maria de São José. (2021) *Estuques e Estucadores de Viana do Castelo*, Câmara Municipal de Viana do Castelo, Viana do Castelo.
- SOUSA, Gonçalo de Vasconcelos e. (2013) - *Matrizes da investigação em Artes Decorativas*, Tese de Doutoramento, Universidade Católica do Porto, Porto.
- TAKAHASHI, Beatriz da Silva. (2019) – *Arquitetura em vão- Estágio na Casa da Arquitectura (Matosinhos)*, Relatório de Estágio, FLUP, Porto.

- TAVARES, Domingos. (2016) - *António Correia da Silva: Arquiteto Municipal,* Dafne Editores, Porto.
- TAVARES, Domingos. (2015) - *Casa de Brasileiros Porto*, Dafne Editora, Porto.
- TAVARES, Domingos. (2015)- *Palacete Marques Gomes*, Dafne Editora Porto.
- TAVARES, Domingos. (2017) - *Transformações na Arquitetura Portuense*, Porto, Dafne Editora.
- TEIXEIRA, Joaquim José Lopes. (2004) - *Descrição do sistema construtivo da casa burguesa do Porto entre os séculos XVII e XIX: Contributo para uma história da construção arquitectónica em Portugal.*
- TOSTÕES, Ana. (1997) - *Os Verdes Anos na Arquitetura Portuguesa dos Anos 50*, FAUP Publicações, Porto.
- VASCONCELOS, Flórido de. (1997) - *Os Estuques do Porto*, Câmara Municipal do Porto, Porto.

- **Referências em linha:**

- ABREU, Joana. *Preencher Vazios*, disponível em: https://www.instagram.com/p/CNieUiWFtxG/ , [último acesso a 23/09].
- *Adropeixe House*, Fonte: CASTANHEIRA, Carlos (2005-2008), disponível em: https://www.carloscastanheira.pt/project/adpropeixe-house/# (último acesso a 09/09/2022).
- ARAÚJO, Cristina. (2015) - *A Metamorfose da casa portuense: uma análise do caso da Vitória- Rua dos Caldeireiros*, Dissertação de mestrado, Porto, Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, Disponível em: https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/79454, [último acesso a 04/11/2021].
- *Áreas periurbanas*. Disponível em: https://www.forumdascidades.pt/content/areas-periurbanas, [último acesso a 28/09/2022].
- ARQUIVO DA CASA DE RAMALDE, *Planta das ruas do Rosário, Príncipe, Breyner, Cedofeita, Torrinha e Mirante*. Disponível em: https://gisaweb.cm-

porto.pt/units-of-description/documents/332124/?, [último acesso a 12/03/2022].

- ARQUIVO DA CASA DE RAMALDE, *Planta topográfica da cidade do Porto: [minuta de campo: quadrícula 214]*. Disponível em:https://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/839795/?, [último acesso a 12/03/2022].
- ARQUIVO DA CASA DE RAMALDE, *Planta topográfica da cidade do Porto: [quadrícula 214]*. Disponível emhttps://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/519491/?, [último acesso a 12/03/2022].
- ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA. (2001) - *Lei Base para o Património Cultural nº107/2001,* Lisboa. Disponível em: https://dre.pt/pesquisa/-/search/629790/details/maximized, [último acesso a 12/12/2021].
- BALCK, George. (1813) - *Planta Redonda.* Disponível em: https://artsandculture.google.com/asset/round-map-of-porto-by-george-balck-george-balck-arquivo-histórico-da-casa-do-infante/6AHTkNEL_5Eang?hl=pt, [último acesso a 08/04/2022].
- BARREIRA, Hugo Daniel da Silva. (2013) - *Improvisos de Progresso: Arquiteturas em Espinho (1900-1943)*, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Dissertação de Mestrado, Porto. Disponível em: https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/71887, [último acesso a 14/01] .
- CÂMARA MUNICIPAL DO PORTO. *ARU da Baixa do Porto.* Disponível em:https://www.cm-porto.pt/files/uploads/cms/cmp/124/files/601/aviso-i-97833-18-planta-delimitacao-aru-baixa.pdf, [último acesso a 01/04/2022].
- CÂMARA MUNICIPAL DO PORTO. *ARU da Foz Velha*. Disponível em: https://portaldomunicipe.cm-porto.pt/-/Área-de-reabilitação-urbana-da-foz-vellha?categoryid=99387, [último acesso a 01/04/2022].
- CÂMARA MUNICIPAL DO PORTO. *ARU de Campanhã.* Disponível em: https://portaldomunicipe.cm-porto.pt/-/Área-de-reabilitação-urbana-de-campanhã-estação?categoryid=99387, [último acesso a 01/04/2022].

- CÂMARA MUNICIPAL DO PORTO. *ARU de Massarelos*. Disponível em: https://portaldomunicipe.cm-porto.pt/-/Área-de-reabilitação-urbana-de-massarelos?categoryid=99387, [último acesso a 01/04/2022].
- CÂMARA MUNICIPAL DO PORTO. *ARU do Bonfim.* Disponível em: https://portaldomunicipe.cm-porto.pt/pt/-/Área-de-reabilitação-urbana-do-bonfim, [último acesso a 01/04/2022].
- CÂMARA MUNICIPAL DO PORTO. *ARU do Centro Histórico.* Disponível em: https://portaldomunicipe.cm-porto.pt/-/Área-de-reabilitação-urbana-do-centro-histórico-do-porto?categoryid=99387, [último acesso a 01/04/2022].
- CÂMARA MUNICIPAL DO PORTO. (2021) - *Carta do Património I- Património Urbanístico e e Arquitetónico e Património Natural.* Disponível em: https://geopdm.cm-porto.pt/dendrograma/pdm2021, [último acesso a 01/04/2022].
- CÂMARA MUNICIPAL DO PORTO. *Cartografia Telles Ferreira- Carta nº15.* Disponível em: https://mipweb.cm-porto.pt/MuniSIG/dados/dados_dmsi/cartograma2500/15.jpg, [último acesso a 04/04/2022].
- CÂMARA MUNICIPAL DO PORTO. (2018) Jardim Emílio David- Jardins do Palácio de Cristal. Disponível em: https://www.goporto.pt/portefolio/jardim-emilio-david-jardins-do-palacio-de-cristal, [último acesso a 06/09/2022].
- CÂMARA MUNICIPAL DO PORTO. (2021) - *Plano Diretor Municipal*, Porto, Portugal. Disponível em: https://www.cm-porto.pt/pdm/o-pdm, [último acesso a 04/04/2022].
- CARVALHO, Mariana Raquel Salino. (2018) - *Paranhos e a sua Morfologia Urbana. O estudo da Forma Urbana para a compreensão e salvaguarda do Património da Freguesia*, Relatório de Estágio, FLUP, Porto. Disponível em: https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/117307, [último acesso a 04/02].

- CONGRESSO INTERNACIONAL DE ARQUITETURA MODERNA. (1931) - *Carta de Atenas sobre o Restauro de Monumentos*, Atenas. Disponível em: extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://www.icomos.pt/images/pdfs/2021/3%20Carta%20de%20Atenas%20restauro%20monumentos%201931.pdf , [último acesso a 26/05/2022].
- CONSELHO DA EUROPA. (1975) - *Carta Europeia do Património Arquitectónico*, Estrasburgo. Disponível em:http://www.patrimoniocultural.gov.pt/media/uploads/cc/cartaeuropeiapatrimonioarquitectonico1975.pdf, [último acesso a 12/12/2021].
- CONSELHO DA EUROPA. (1990) - *Convenção para a Salvaguarda do Património Arquitetónico Europeu,* Granada. Disponível em:http://www.patrimoniocultural.gov.pt/media/uploads/cc/granada.pdf, [último acesso a 23/12/2021].
- CERQUEIRA, Ana Rita Martins. (2018)- *Reabilitação de Edifícios Históricos*, Dissertação de mestrado, ISEP, Porto. Disponível em: https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&ved=2ahUKEwiGi5y84az2AhWL3oUKHey_AAgQFnoECAMQAQ&url=https%3A%2F%2Frecipp.ipp.pt%2Fbitstream%2F10400.22%2F11900%2F1%2FDM_AnaCerqueira_2018_MEC.pdf&usg=AOvVaw1Sb0MWxZkUM13MVMcJabtg,[consultado a 24/10/2021] .
- CHAVES, António (2022) *Escultura*, disponível em: https://www.instagram.com/p/CBK5QnTHG-T/ , [último acesso a 25/09/2022] .
- CHAVES, António (2022) *Escultura*. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CBfaQWqn9C-/, [último acesso a 25/09/2022] .
- CINEMATECA PORTUGUESA. (1961) - *Imagens de Portugal*, nº228. Disponível em: http://www.cinemateca.pt/Cinemateca-Digital/Ficha.aspx?obraid=6234&type=Video , [último acesso a 20/09/2022].

- CINEMATECA PORTUGUESA. (1961) - *Imagens de Portugal*, nº278. Disponível em: http://www.cinemateca.pt/Cinemateca-Digital/Ficha.aspx?obraid=14233&type=Video , [último acesso a 20/09/2022].
- CONFERÊNCIA INTERNACIONAL SOBRE CONSERVAÇÃO. (2000) - *Carta de Cracóvia sobre os Princípios para a Conservação e o Restauro do Património Construído, Cracóvia, Polónia.* Disponível em: http://www.patrimoniocultural.gov.pt/media/uploads/cc/cartadecracovia2000.pdf, [último acesso a 08/12/2021].
- DIREÇÃO GERAL DO PATRIMÓNIO CULTURAL. *Conjunto da Foz Velha*. Disponível em: http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/342685, [último acesso a 04/04/2022].
- DIREÇÃO GERAL DO PATRIMÓNIO CULTURAL. *Zona Histórica da Cidade do Porto*, Disponível em:http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=6144, [último acesso a 04/04/2022].
- DIREÇÃO REGIONAL DA CULTURA DO NORTE. (2020) - *Mediação Cultural: objetos, modelos e público,* Revista Património a Norte, volume nº05, Direção Regional da Cultura do Norte. Disponível em: https://issuu.com/cultura.norte/docs/panorte_n_5_digital [último acesso a 15/01].
- ICOMOS. (1964) - *Carta de Veneza sobre a Conservação e Restauro de Monumentos e Sítios*. Disponível em: chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://www.icomos.pt/images/pdfs/2021/11%20Carta%20de%20Veneza%20-%20ICOMOS%201964.pdf, [último acesso a 25/09/2022].
- FERREIRA, Nuno Paulo Soares. (2017) - *A arquitectura residencial portuense na primeira metade do século XX,* Tese de Doutoramento, FLUP, Porto. Disponível

em: https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/109993, [último acesso a 09/03/2022].

- FERREIRA, Nuno & ROCHA, Manuel Joaquim Moreira da. (2018) - *Trajetos da Arquitetura Civil na Cidade do Porto do século XIX à primeira metade do XX*, CITCEM, Porto. Disponível em: https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/119158, [último acesso a 21/01/2022].
- FERREIRA, Paulo Gaspar. *Anima Luminária*. Disponível em: https://paulogasparferreira.com/anima-luminaria [último acesso a 09/09/2022].
- FREITAS, L., DEVY-VARETA, N., GOMES, A., SILVA, R. Santos, AFONSO, M.J. & CHAMINÉ, H.I. (2010)- *Águas subterrâneas na área urbana do Porto (Séculos XIX – XXI): Potencialidades da análise geográfica de uma Base de Dados Espacial*, Universidade de Coimbra, Coimbra. Disponível em: chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://www.uc.pt/fluc/cegot/VISLAGF/actas/tema3/l_freitas, [último acesso a 28/12/2021].
- ICCROM e ICOMOS. (1994) - *Documento de Nara sobre a Autenticidade*, Nara, Japão. Disponível em: https://www.icomos.pt/images/pdfs/2021/35%20Documento%20de%20Nara%20sobre%20autenticidade%201994.pdf, [último acesso a 28/12/2021].
- ICOMOS. (1964) - *Carta de Veneza sobre a Conservação e restauro dos monumentos e dos sítios*, Veneza, Itália. Disponível em: https://www.icomos.pt/images/pdfs/2021/11%20Carta%20_de%20Veneza%20-%20ICOMOS%201964.pdf, [último acesso a 02/12/2021].
- LOBO, Inês. (2010-2017) *Quelhas House* (2010-2017). Disponível em: https://www.ilobo.pt/Quelhas.html , [último acesso a 06/09/2022]
- LOBO, Inês. (2010-2017) *Quelhas House*. Disponível em: https://www.ilobo.pt/Quelhas.html , [última consulta a 06/09/2022].
- OLIVEIRA, Simão Costa de. (2013) - *A casa corrente do Porto: um estudo e projeto de reabilitação*, Dissertação de mestrado, Porto, Faculdade de Arquitetura da

Universidade do Porto. Disponível em: https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/80327?locale=pt, [último acesso a 20/10/2021].

- *Oral History Society*. Disponível em: https://www.ohs.org.uk/ (último acesso a 29/09/2022).
- PEREIRA, Maria Emília Castro Fernandes Macedo Lopes. (2010)- *Reabilitação de Tetos Estucados Antigos*, Relatório de Projeto, FEUP, Porto. Disponível em: https://paginas.fe.up.pt/~jmfaria/TesesOrientadas/MIEC/EmiliaPereirapdf/Reabilita_tectos%20estucados.pdf, [último acesso a 20/09/2021].
- PEREIRA, Paulo. (2020) - *Mosteiros: anamorfoses e metamorfoses* em *Convento de Vilar de Frades: Perspetivas de Intervenção 1994-2008*, *Revista Património a Norte*, volume nº7, Direção Regional da Cultura do Norte. Disponível em: https://issuu.com/cultura.norte/docs/drcn_pan_07_digital, [último acesso a 13/01].
- PIRES, Juliana Sofia Lopes. (2009) - *Metodologia de Reabilitação de Clarabóias Antigas no Centro Histórico do Porto*, Dissertação de Mestrado, FEUP, Porto. Disponível em: https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/58348, [último acesso a 13/09/2021].
- QUEIROZ, Francisco (2004). Os Pinto Leite: Uma família influente no Porto Romântico. Disponível em: chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/http://www.franciscoqueiroz.com/os_Pinto_Leite_uma_familia_influente_no_Porto_romantico.pdf, [último acesso a 28/09/2022].
- RAMOS, Sílvia Cristina Teixeira. (2017) - *Campo Alegre cidade: da sua longa metamorfose*, Tese de Doutoramento, Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, Porto. Disponível em: https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/110376, [último acesso a 11/02].
- REGO, Cristina Ramalho. (2016) - *Casa Burguesa do Porto*, Relatório de Estágio Porto, ISEP. Disponível em:

https://recipp.ipp.pt/handle/10400.22/10428?locale=en, [último acesso a 05/10/2021].

- SOARES, Renan Marinho de Morais. (2021) - *Do Sagrado ao Profano: a reutilização adaptativa nos mosteiros portugueses- Mosteiro de Santa Maria do Bouro, Mosteiro de São Bento da Vitória e Mosteiro de Santo Tirso*, Dissertação de Mestrado, FLUP, Porto. Disponível em: https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/139814, [último acesso a 12/02].
- SOUSA, Gonçalo de Vasconcelos. (2012-2015) - *Revista de Artes Decorativas*, Nº6, CITAR - Centro de Investigação em Ciência e Tecnologia das Artes da Universidade Católica Portuguesa, Porto. Disponível em: chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://citar.artes.porto.ucp.pt/sites/default/files/files/artes/CITAR/Edicoes/RAD_06.pdf, [último acesso a 01/09].
- SOUSA, Gonçalo de Vasconcelos. (2015-2019) - *Revista de Artes Decorativas*, Nº7, CITAR - Centro de Investigação em Ciência e Tecnologia das Artes da Universidade Católica Portuguesa, Porto. Disponível em: chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://citar.artes.porto.ucp.pt/sites/default/files/files/artes/CITAR/Edicoes/REVISTA-DE-ARTES-DECORATIVAS_M-07.pdf, [último acesso a 01/09].
- TAVARES, Ivo. *Casa do Gólgota*. Disponível em: https://www.ivotavares.net/golgota-floret-arquitectura-no-porto/#jp-carousel-61798 (último acesso a 09/09/2022).
- UNESCO. (2011) - *Recomendação sobre a Paisagem Histórica Urbana*, Paris, França. Disponível em: https://unescoportugal.mne.gov.pt/images/cultura/recomendacao_sobre_a_paisagem_historica_urbana_unesco_2011.pdf, [último acesso a 05/01].
- VIDAL, Perry. (1865) - *Planta da Cidade do Porto*. Disponível em: https://purl.pt/3556/3/, [último acesso a 08/04/2022].

- VIEIRA, Juliana. (2020) - *A arte dos gradeamentos em ferro do centro histórico do Porto: contributos para a sua preservação*, Dissertação de mestrado, Universidade do Porto, Porto. Disponível em: https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/131990, [último acesso a 22/12/2021].
- ZULMIRA. *Doors of Porto*. Disponível em: https://www.instagram.com/p/B_XRV9rAPOE , [último acesso a 23/09/2022].

- **Fontes:**

- ARQUIVO MUNICIPAL DA CÂMARA MUNICIPAL DO PORTO. (1907) - COTA D-CMP/7(190) - f.59-61.
- ARQUIVO MUNICIPAL DA CÂMARA MUNICIPAL DO PORTO. (1920) - COTA D-CMP/9(295).
- ARQUIVO MUNICIPAL DA CÂMARA MUNICIPAL DO PORTO. (1923) – COTA D-CMP/9(366) - f. 298-300.
- ARQUIVO MUNICIPAL DA CÂMARA MUNICIPAL DO PORTO. (1924) – COTA D-CMP/9(432) - f. 135-137.
- ARQUIVO MUNICIPAL DA CÂMARA MUNICIPAL DO PORTO. (1947) – COTA D-CMP/12(502/1947).
- ARQUIVO DA CONSERVATÓRIA DO REGISTO PREDIAL DO PORTO: *Descrições- Averbamentos- Anotações* Nº1567/200090817.
- ARQUIVO DA CONSERVATÓRIA DO REGISTO PREDIAL DO PORTO: *Descripção predial e Averbamentos*, Ap. 6/-09-07-1880.
- ARQUIVO DA CONSERVATÓRIA DO REGISTO PREDIAL DO PORTO: *Descripção predial e Averbamento*- B.582.15.
- ARQUIVO DA CONSERVATÓRIA DO REGISTO PREDIAL DO PORTO: *Inscrições- Averbamentos- Anotações* Nº1549/20031226.
- ARQUIVO DA CONSERVATÓRIA DO REGISTO PREDIAL DO PORTO: *Inscrições de Propriedade* Nº9922.

- ARQUIVO DA CONSERVATÓRIA DO REGISTO PREDIAL DO PORTO: *Inscrições de Propriedade* Ap.08/110795-99.973.
- ARQUIVO DA CONSERVATÓRIA DO REGISTO PREDIAL DO PORTO: *Inscrições de Propriedade* Ap.20/210102-109.796.
- ARQUIVO DA CONSERVATÓRIA DO REGISTO PREDIAL DO PORTO: *Inscrições de Propriedade* Ap.76/150699.
- CÂMARA MUNICIPAL DO PORTO. (2014) - *Processo de reclamação nº64869/14/CMP.*
- CÂMARA MUNICIPAL DO PORTO. (2016) - *Processo de demolição, alteração e ampliação nº237248/16/CMP.*
- CÂMARA MUNICIPAL DO PORTO. (2020) - *Processo de edificação, alteração e ampliação nº34147/20/CMP.*
- VASCONCELOS, Joana Leandro. (2022) - *Memória Descritiva e Caderno de Encargos Casa Cedo*.
- VASCONCELOS, Joana Leandro. (2022) - *Memória Descritiva e Caderno de Encargos Casa Cedo*.

16. Apêndices

16.1 Apêndice 1- Tabela de Terminologia

AUTOR E OBRA	TERMO UTILIZADO	PÁGINA
AMORIM, Sandra Araújo (2001) *Azulejaria de Fachada na Póvoa de Varzim (1850-1950)*	Arte Nova	pág.46
FERREIRA, Nuno & ROCHA, Manuel Joaquim Moreira da (2018) *Trajetos da Arquitetura Civil na Cidade do Porto do século XIX à primeira metade do XX*		pág.67
BARREIRA, Hugo Daniel da Silva (2013) *Improvisos de Progresso: Arquiteturas em Espinho (1900-1943)*		pág.54
TAVARES, Domingos (2016) *António Correia da Silva: Arquiteto Municipal*		pág.115
TAVARES, Domingos (2017) *Transformações na Arquitetura Portuense*		pág.177, 19
TOSTÕES, Ana (1997) *Os Verdes Anos na Arquitetura Portuguesa dos Anos 50*		pág.148
MECO, José (1993) *Azulejaria Portuguesa*		pág.84
LEITE, Maria de São José Pinto (2008) *Os estuques no século XX no Porto- A oficina Baganha*		pág.52, 66

AUTOR E OBRA	TERMO UTILIZADO	PÁGINA
VASCONCELOS, Flórido de (1997) *Os Estuques do Porto*		pág.49, 79
BRITES, Joana (2014) *O Capital da Arquitetura: Estado novo, Arquitectos e Caixa Geral de Depósitos 1929-1970*		pág.211
ALMEIDA, Pedro Vieira & FERNANDES, José Manuel (1993) *História da Arte em Portugal- A Arquitectura Moderna*		pág.91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 103
TAVARES, Domingos (2016) *António Correia da Silva: Arquiteto Municipal*	Art Nouveau	pág.119
TAVARES, Domingos (2016) *António Correia da Silva: Arquiteto Municipal*	Artes Decorativas	pág.105, 136
LEITE, Maria de São José Pinto (2008) *Os estuques no século XX no Porto- A oficina Baganha*		pág.67
VASCONCELOS, Flórido de (1997) *Os Estuques do Porto*		pág.49, 79
MECO, José (1993) *Azulejaria Portuguesa*	Arts Decoratifs	pág.84
TAVARES, Domingos (2017) *Transformações na Arquitetura Portuense*	Beaux-Arts	pág.85,149
TAVARES, Domingos (2016) *António Correia da Silva: Arquiteto Municipal*		pág.13, 20,136, 179, 199

AUTOR E OBRA	TERMO UTILIZADO	PÁGINA
FERREIRA, Nuno & ROCHA, Manuel Joaquim Moreira da (2018) *Trajetos da Arquitetura Civil na Cidade do Porto do século XIX à primeira metade do XX*		pág.66
BRITES, Joana (2014) *O Capital da Arquitetura: Estado novo, Arquitectos e Caixa Geral de Depósitos 1929-1970*		pág.200, 204
ALMEIDA, Pedro Vieira & FERNANDES, José Manuel (1993) *História da Arte em Portugal- A Arquitectura Moderna*		pág.116
BARREIRA, Hugo Daniel da Silva (2013) *Improvisos de Progresso: Arquiteturas em Espinho (1900-1943*	Artes Déco	pág.59
PIRES, Maria do Carmo Marques (2000) *A Rua Álvares Cabral (1895-1940) Formas de Habitar*		pág. 98, 125, 151, 153, 159, 163
AMORIM, Sandra Araújo (2001) *Azulejaria de Fachada na Póvoa de Varzim (1850-1950)*	Art Déco	pág.18
BARREIRA, Hugo Daniel da Silva (2013) *Improvisos de Progresso: Arquiteturas em Espinho (1900-1943*		pág.59
TAVARES, Domingos (2016) *António Correia da Silva: Arquiteto Municipal*		pág.105, 136

AUTOR E OBRA	TERMO UTILIZADO	PÁGINA
FERREIRA, Nuno & ROCHA, Manuel Joaquim Moreira da (2018) *Trajetos da Arquitetura Civil na Cidade do Porto do século XIX à primeira metade do XX*		pág.69
LEITE, Maria de São José Pinto (2008) *Os estuques no século XX no Porto- A oficina Baganha*		pág.52, 66
VASCONCELOS, Flórido de (1997) *Os Estuques do Porto*		pág.79
BRITES, Joana (2014) *O Capital da Arquitetura: Estado novo, Arquitectos e Caixa Geral de Depósitos 1929-1970*		pág.244
FRANÇA, José-Augusto (2004) *História da Arte em Portugal- O Modernismo*		pág.44
MECO, José (1993) *Azulejaria Portuguesa*	Arts Deco	pág.83, 84
TOSTÕES, Ana (1997) *Os Verdes Anos na Arquitetura Portuguesa dos Anos 50*	Moderna Arquitetura Portuguesa	pág.183
TOSTÕES, Ana (1997) *Os Verdes Anos na Arquitetura Portuguesa dos Anos 50*	Casa Portuguesa	pág.34
BARREIRA, Hugo Daniel da Silva (2013) *Improvisos de Progresso: Arquiteturas em Espinho (1900-1943)*		pág.57

AUTOR E OBRA	TERMO UTILIZADO	PÁGINA
FERREIRA, Nuno & ROCHA, Manuel Joaquim Moreira da (2018) *Trajetos da Arquitetura Civil na Cidade do Porto do século XIX à primeira metade do XX*		pág.68
ALMEIDA, Pedro Vieira & FERNANDES, José Manuel (1993) *História da Arte em Portugal- A Arquitectura Moderna*		pág.41, 46, 47, 48
ALMEIDA, Pedro Vieira & FERNANDES, José Manuel (1993) *História da Arte em Portugal- A Arquitectura Moderna*	Casa 'à antiga portuguesa'	pág.48
BARREIRA, Hugo Daniel da Silva (2013) *Improvisos de Progresso: Arquiteturas em Espinho (1900-1943)*	Português Suave	pág.66, 67, 151
ALMEIDA, Pedro Vieira & FERNANDES, José Manuel (1993) *História da Arte em Portugal- A Arquitectura Moderna*		pág.105, 145
FRANÇA, José-Augusto (2004) *História da Arte em Portugal- O Modernismo*	Português Moderno	pág. 44
ALMEIDA, Pedro Vieira & FERNANDES, José Manuel (1993) *História da Arte em Portugal- A Arquitectura Moderna*	Arquitetura Doce	pág.144
TOSTÕES, Ana (1997) *Os Verdes Anos na Arquitetura Portuguesa dos Anos 50*	Arquitetura Regional Portuguesa	pág.34

AUTOR E OBRA	TERMO UTILIZADO	PÁGINA
ALMEIDA, Pedro Vieira & FERNANDES, José Manuel (1993) *História da Arte em Portugal- A Arquitectura Moderna*		pág.153
BRITES, Joana (2014) *O Capital da Arquitetura: Estado novo, Arquitectos e Caixa Geral de Depósitos 1929-1970*	Arquitetura Popular Portuguesa	pág.289
ALMEIDA, Pedro Vieira & FERNANDES, José Manuel (1993) *História da Arte em Portugal- A Arquitectura Moderna*	Arquitetura Popular	pág.153
ALMEIDA, Pedro Vieira & FERNANDES, José Manuel (1993) *História da Arte em Portugal- A Arquitectura Moderna*	Arquitetura Nacional	pág.49
FRANÇA, José-Augusto (2004) *História da Arte em Portugal- O Modernismo*		pág.188
FRANÇA, José-Augusto (2004) *História da Arte em Portugal- O Modernismo*	Nacional Modernizado	pág.44
PIRES, Maria do Carmo Marques (2000) *A Rua Álvares Cabral (1895-1940) Formas de Habitar*	Casa tradicional	pág.96
BRITES, Joana (2014) *O Capital da Arquitetura: Estado novo, Arquitectos e Caixa Geral de Depósitos 1929-1970*	'Conservadorismo' arquitetónico	pág.189
AMORIM, Sandra Araújo (2001) *Azulejaria de Fachada na Póvoa de Varzim (1850-1950)*	Arquitectura Estado Novo	pág.18

AUTOR E OBRA	TERMO UTILIZADO	PÁGINA
FERREIRA, Nuno & ROCHA, Manuel Joaquim Moreira da (2018) *Trajetos da Arquitetura Civil na Cidade do Porto do século XIX à primeira metade do XX*	Portuguez Modificado	Pág.74
ALMEIDA, Pedro Vieira & FERNANDES, José Manuel (1993) *História da Arte em Portugal- A Arquitectura Moderna*		pág.142
ALMEIDA, Pedro Vieira & FERNANDES, José Manuel (1993) *História da Arte em Portugal- A Arquitectura Moderna*	Arquitetura Portuguesa	pág.115, 122, 144, 159,169
FRANÇA, José-Augusto (2004) *História da Arte em Portugal- O Modernismo*		pág.44
FERREIRA, Nuno & ROCHA, Manuel Joaquim Moreira da (2018) *Trajetos da Arquitetura Civil na Cidade do Porto do século XIX à primeira metade do XX*	Estilo Nacional Português	pág.74
ALMEIDA, Pedro Vieira & FERNANDES, José Manuel (1993) *História da Arte em Portugal- A Arquitectura Moderna*	Estilo Português de Arquitetura Moderna	pág.126
ALMEIDA, Pedro Vieira & FERNANDES, José Manuel (1993) *História da Arte em Portugal- A Arquitectura Moderna*	Estilo Tradicional Português	pág.122

AUTOR E OBRA	TERMO UTILIZADO	PÁGINA
BRITES, Joana (2014) *O Capital da Arquitetura: Estado novo, Arquitectos e Caixa Geral de Depósitos 1929-1970*	Modernismo português	pág.265
BRITES, Joana (2014) *O Capital da Arquitetura: Estado novo, Arquitectos e Caixa Geral de Depósitos 1929-1970*	Estilo Português	pág.265
BRITES, Joana (2014) *O Capital da Arquitetura: Estado novo, Arquitectos e Caixa Geral de Depósitos 1929-1970*	Arquitetura Regional	pág. 255
BRITES, Joana (2014) *O Capital da Arquitetura: Estado novo, Arquitectos e Caixa Geral de Depósitos 1929-1970*	Fascismo português	pág.213
BRITES, Joana (2014) *O Capital da Arquitetura: Estado novo, Arquitectos e Caixa Geral de Depósitos 1929-1970*	Fascismo modernista	pág.213
BRITES, Joana (2014) *O Capital da Arquitetura: Estado novo, Arquitectos e Caixa Geral de Depósitos 1929-1970*	Modernismos nacionais	pág.214
TEIXEIRA, Joaquim José Lopes (2004) *Descrição do sistema construtivo da casa burguesa do Porto entre os séculos XVII e XIX: Contributo para uma história da construção arquitectónica em Portugal*	Habitação Burguesa	pág.15, 30, 70
FERNANDES, Francisco Barata (1999) *Transformação e Permanência na habitação portuense: as formas da casa na forma da cidade*		pág.78

AUTOR E OBRA	TERMO UTILIZADO	PÁGINA
PIRES, Maria do Carmo Marques (2000) *A Rua Álvares Cabral (1895-1940) Formas de Habitar*	Habitação Unifamiliar	pág. 82, 93, 96, 99, 101, 102, 103, 108, 110, 112, 118, 124, 128, 130, 150, 151, 153, 158
PIRES, Maria do Carmo Marques (2000) *A Rua Álvares Cabral (1895-1940) Formas de Habitar*	Habitação Plurifamiliar	pág.102, 158
PIRES, Maria do Carmo Marques (2000) *A Rua Álvares Cabral (1895-1940) Formas de Habitar*	Habitação Coletiva	pág.132, 136
PIRES, Maria do Carmo Marques (2000) *A Rua Álvares Cabral (1895-1940) Formas de Habitar*	Casa Apalaçada	pág.96
PIRES, Maria do Carmo Marques (2000) *A Rua Álvares Cabral (1895-1940) Formas de Habitar*	Casa Grande	pág.102, 121, 128, 151
PIRES, Maria do Carmo Marques (2000) *A Rua Álvares Cabral (1895-1940) Formas de Habitar*	Palacete	pág.98, 101, 113, 114, 116, 151, 158
OLIVEIRA, Simão Costa de (2013) *A casa corrente do Porto: um estudo e projeto de reabilitação*	Casa Burguesa	pág.23
OLIVEIRA, Ernesto veiga de; GALHANO, Fernando (1994) *Arquitetura Tradicional Portuguesa*		pág.326, 329
ARAÚJO, Cristina (2015) *A Metamorfose da casa portuense: uma análise do*	Casa Bifamiliar e Plurifamiliar	pág.44

AUTOR E OBRA	TERMO UTILIZADO	PÁGINA
caso da Vitória- Rua dos Caldeireiro		
TEIXEIRA, Joaquim José Lopes (2004) *Descrição do sistema construtivo da casa burguesa do Porto entre os séculos XVII e XIX: Contributo para uma história da construção arquitectónica em Portugal*	Tipologia Tradicional Polifuncional	pág.27
OLIVEIRA, Simão Costa de (2013) *A casa corrente do Porto: um estudo e projeto de reabilitação*	Casa Polifuncional	pág.75
FERREIRA, Nuno & ROCHA, Manuel Joaquim Moreira da (2018) *Trajetos da Arquitetura Civil na Cidade do Porto do século XIX à primeira metade do XX*	Casa Típica do Porto	pág.65
TEIXEIRA, Joaquim José Lopes (2004) *Descrição do sistema construtivo da casa burguesa do Porto entre os séculos XVII e XIX: Contributo para uma história da construção arquitectónica em Portugal*	Casas de habitação corrente da cidade do Porto	pág.93

AUTOR E OBRA	TERMO UTILIZADO	PÁGINA
TEIXEIRA, Joaquim José Lopes (2004) *Descrição do sistema construtivo da casa burguesa do Porto entre os séculos XVII e XIX: Contributo para uma história da construção arquitectónica em Portugal*	Casas do Porto	pág.73, 77, 106
OLIVEIRA, Ernesto veiga de; GALHANO, Fernando (1994) *Arquitetura Tradicional Portuguesa*		pág.325
OLIVEIRA, Ernesto veiga de; GALHANO, Fernando (1994) *Arquitetura Tradicional Portuguesa*	Casa Portuense	pág.329
MECO, José (1993) *Azulejaria Portuguesa*	Arquitetura Moderna	pág.87
BRITES, Joana (2014) *O Capital da Arquitetura: Estado novo, Arquitectos e Caixa Geral de Depósitos 1929-1970*		pág. 192, 194, 195, 203, 207
ALMEIDA, Pedro Vieira & FERNANDES, José Manuel (1993) *História da Arte em Portugal- A Arquitectura Moderna*		pág.112
BRITES, Joana (2014) *O Capital da Arquitetura: Estado novo, Arquitectos e Caixa Geral de Depósitos 1929-1970*	Arte Moderna	pág.264
BARREIRA, Hugo Daniel da Silva (2013) *Improvisos de Progresso: Arquiteturas em Espinho (1900-1943)*	Modernismo	pág.66, 67

AUTOR E OBRA	TERMO UTILIZADO	PÁGINA
FERREIRA, Nuno & ROCHA, Manuel Joaquim Moreira da (2018) *Trajetos da Arquitetura Civil na Cidade do Porto do século XIX à primeira metade do XX*		pág.72
TAVARES, Domingos (2016) *António Correia da Silva: Arquiteto Municipal*		pág.105
BRITES, Joana (2014) *O Capital da Arquitetura: Estado novo, Arquitectos e Caixa Geral de Depósitos 1929-1970*		pág.210, 213, 245
ALMEIDA, Pedro Vieira & FERNANDES, José Manuel (1993) *História da Arte em Portugal- A Arquitectura Moderna*		pág.169
FRANÇA, José-Augusto (2004) *História da Arte em Portugal- O Modernismo*		pág.9
FERREIRA, Nuno & ROCHA, Manuel Joaquim Moreira da (2018) *Trajetos da Arquitetura Civil na Cidade do Porto do século XIX à primeira metade do XX*	Moderno	pág.74, 78
BRITES, Joana (2014) *O Capital da Arquitetura: Estado novo, Arquitectos e Caixa Geral de Depósitos 1929-1970*		pág.205, 206, 208
TOSTÕES, Ana (1997) *Os Verdes Anos na Arquitetura Portuguesa dos Anos 50*	Movimento Moderno	pág.183, 164

AUTOR E OBRA	TERMO UTILIZADO	PÁGINA
TAVARES, Domingos (2016) *António Correia da Silva: Arquiteto Municipal*		pág.114
BARREIRA, Hugo Daniel da Silva (2013) *Improvisos de Progresso: Arquiteturas em Espinho (1900-1943)*		pág.67
FERREIRA, Nuno & ROCHA, Manuel Joaquim Moreira da (2018) *Trajetos da Arquitetura Civil na Cidade do Porto do século XIX à primeira metade do XX*		pág.72
BRITES, Joana (2014) *O Capital da Arquitetura: Estado novo, Arquitectos e Caixa Geral de Depósitos 1929-1970*		pág.192,194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 206, 207, 214, 215, 240, 261, 262, 296, 299, 300
PIRES, Maria do Carmo Marques (2000) *A Rua Álvares Cabral (1895-1940) Formas de Habitar*		pág.152
BRITES, Joana (2014) *O Capital da Arquitetura: Estado novo, Arquitectos e Caixa Geral de Depósitos 1929-1970*	Estilo Moderno	pág.244
FRANÇA, José-Augusto (2004) *História da Arte em Portugal- O Modernismo*	Arquitetura Modernista	pág. 192
BRITES, Joana (2014) *O Capital da Arquitetura: Estado novo, Arquitectos e Caixa Geral de Depósitos 1929-1970*	Novo Movimento	pág.194

AUTOR E OBRA	TERMO UTILIZADO	PÁGINA
PIRES, Maria do Carmo Marques (2000) *A Rua Álvares Cabral (1895-1940) Formas de Habitar*	Tendência Modernista	pág.139
BRITES, Joana (2014) *O Capital da Arquitetura: Estado novo, Arquitectos e Caixa Geral de Depósitos 1929-1970*	Nova Arquitectura	pág.195
BRITES, Joana (2014) *O Capital da Arquitetura: Estado novo, Arquitectos e Caixa Geral de Depósitos 1929-1970*	Novo 'estilo' arquitectónico	pág.203

16.2 Apêndice 2- Diário de Bordo Visitas Estágio com a SWARK

Diário de Bordo do Estágio com a SWark

Dia 19 de outubro

No dia 19 de outubro visitei, em conjunto com a Arq. Sara, uma Casa na Rua de Cedofeita (nº334) que será reabilitada para futura guest-house.

DADOS A DESTACAR DA VISITA

- Destacaram-se os azulejos geométricos no exterior e com motivos vegetalistas no interior (Poderiam ser pinhas nos interiores).
- Janelas pequenas para casa de banho (normalmente reusa-se este espaço para lavandaria).
- Forma de ver período da casa é forma das vigas (estás ainda são redondas e não retangulares).
- Também a forma do corrimão que no século XX vem para fora da caixa de escadas e esta está incluída no corpo da escadaria.
- Multiplicação de portas num mesmo espaço.
- Guarda exterior em ferro e parte superior em madeira para ser mais agradável ao toque.
- Porta de entrada para escadaria não existiria (há separação entre os elementos da escadaria por esta parede acrescentada). Possivelmente acrescentada-pouco depois de completa a casa dado que parede em tabique tradicional- para uma maior privacidade à família dado que comércio de rua e oficina poderiam estar ligados.
- Vai existir um passadiço em vidro para ligar a casa ao espaço existente no logradouro que vai funcionar como espaço para eventos. Vai existir um piso acrescentado e como forma de minimizar o impacto na clarabóia vai haver uma circulação em túnel de

Dia 30 de outubro

No dia 30 de outubro fomos visitar uma fábrica de azulejos no Porto: a Azulima. Foi importante ouvir alguns ensinamentos sobre o azulejo e mosaico hidráulico que abaixo partilho.

DADOS A DESTACAR DA VISITA: Mosaico Hidráulico

- O standard é 20 por 20.
- Há a possibilidade de fazer peças de maiores dimensões, no entanto quanto maiores as peças mais risco há de partirem.
- O mosaico é feito com pó de mármore e cimento e o processo é feito ao contrário: primeiro pinta-se e depois é que se dá a camada de cimento. Vai à prensa hidráulica (para extrair o excesso de água) e depois fica a secar verticalmente um dia. É passado por água durante 1 dia. Demora uma semana a secar até ficar totalmente seco e pronto.
- É usado para pavimento

DADOS A DESTACAR DA VISITA: Azulejo

- O Padrão azul com flores e branco no azulejo, no Porto, é tradicionalmente usado nas cozinhas. Existe também o azulejo completamente branco com o friso a preto/verde para o mesmo efeito
- Existem três tipos de trabalho no azulejo: pintado completamente a mão, de estampilha com finalização manual, e serigrafia (industrial)
- No azulejo com processo de estampilha normalmente aplica se molde no azulejo antes de ir ao forno e passa se a trincha por cima do molde. Se o mosaico for muito complexo são precisos mais que um molde.
- As cores, quando aplicadas, nunca obtém a cor que vemos no final porque é no forno que os tons se dilatam.No Porto há os tons mais escuros, fechados devido também ao clima. Em Lisboa são os tons mais claros, pastéis que se mantém. Em Lisboa há sempre frisos nos acabamentos das fachadas (que não existe no Porto) que no Porto não acontece dado que utilizamos o granito, material muito pesado na fachada.

Dia 06 de novembro

No dia 6 de novembro visitamos a Casa Atelier Marques da Silva.

DADOS A DESTACAR DA VISITA

- Destacam-se pormenores como os rostos da mulher e filha no acesso à casa assim como uma grande riqueza da família que ali vivia pelo trabalho em granito lavrado que a casa materializa na sua fachada (criada para impressionar)
- Grande capacidade de entendimento e dinâmica na criação do espaço da casa: aproveitou o espaço pouco-nobre do lote (lote regular de 6m) para alongar a casa e virá-la completamente para o Palacete Pinto Leite e assim prolongar o espaço das duas casas (vaos estão até virados para o Palacete neste sentido)
- Espaço de atelier no piso rés-do-chão que tinha entrada livre- e desimpedia a entrada nobre da casa (materializada por um escadaria poderosa em granito) que funciona de forma independente-. Internamente há acesso entre atelier e espaço particular da casa através de escadaria interna
- Casa com grades vaos a valorizar espaço exterior marcado pela nobreza da Praça e as camélias do jardim da propriedade
- Espaço público da casa marcado por espaços típicos da alta esfera social da família que ali habitava: sala de receber com rico trabalho de tetos em estuque com motivos decorativos de flores. Neste espaço público ficaria ainda o vestíbulo com uma lareira imponente- onde se localizava a caixa de escadas- e ainda a sala de jantar virada para as traseiras.
- No piso superior ficariam a esfera privada da casa- vem demarcada das restantes, fruto das diretrizes que se vivia à época da forma como se deveria viver a casa- como os quartos.

Dia 13 de novembro

No dia 13 de novembro visitamos a Casa de São Roque.

DADOS A DESTACAR DA VISITA

- Destaca-se Marques da Silva intervenciona Casa de São Roque e transforma pequena casa num palacete eclético. Intervenção dura 11 anos. É este que faz a entrada nobre que hoje se mantém na casa
- Sentido de preservação da esfera pessoal da pública uma vez que havia dupla circulação na casa: para aceder ao piso superior não era necessário passar pela sala de estar e jantar. Havia corredor secundário (organização da casa por corredores)
- Tetos em estuque dos Meiras (também existia a família dos Bagalia como grande outra família produtora de estuques)
- Madeiras vindas do Brasil
- Gruta da autoria de Jacinto Matos
- Casa primitiva seria casa modesta com função de produção artesanal de vinho
- Jardim de inverno é dos únicos que nunca foi alterado e é da autoria de Marques da silva. Tem azulejo de Sevilha
- Casa mantém a linguagem foram do exterior (nos azulejos, nas ferragens) para o interior através dos azulejos , das ferragens com a mesma flor das ferragens exteriores

Dia 26 de novembro

No dia 26 de novembro visitamos uma casa de uma cliente da SW.ark na Rua da Torrinha (Nº142).

DADOS A DESTACAR DA VISITA

-
- Destacaram-se detalhes como Clarabóia alinhada com a cumieira do telhado
- A substituir as asnas de madeira há estruturas aéreas no quarto
- Casa não tinha varandas na parte traseira. Só se acedia ao logradouro pelo piso térreo. Assim, surge a necessidade de criar estrutura contemporânea na fachada traseira da casa. As Portas são estreitas porque mantém largura das primitivas janelas
- Interior mantém, nas janelas internas, os vidros originais
- Casa com criação de garagem que mantém só primitiva motivos decorativos das portas da casa: losango
- Casa com apontamentos em azul uma vez que houve um estudo prévio das cores da casa e entre o amarelo-torrado e o azul os proprietários decidiram o azul
- Casa com pavimento em mosaico hidráulico

Dia 02 de dezembro

No dia 02 de dezembro encontrei-me com a arquiteta Sara, da parte da manhã, no Cowork da Rua da Torrinha. Durante esta manhã estivemos reunidas a trabalhar no processo da wishlist: nas linguagens arquitetónicas (aspetos a melhorar e detalhes que a Sara queria transparecer na parte escrita), a ver textos para as redes sociais e a falar sobre as leituras a realizar no ramo do Marketing e de que forma isso poderia adaptar-se ao trabalho físico de mediação Patrimonial na SW.ark.

Dia 03 de dezembro

No dia 03 de dezembro estive todo o dia reunida com a arquiteta Sara. Da parte da manhã estive reunida com a arquiteta Sara a trabalhar para os textos das redes sociais, a trocar ideias sobre a Wishlist- entre as quais a arquiteta me pediu uma investigação de colégios e escolas para inclusão nas localizações da wishlist-. Da parte da tarde visitamos o Museu do Vitral. Neste museu foi interessante perceber o processo do vitral para adaptação ao tema das clarabóias (decoradas com este elemento).

DADOS A DESTACAR DA VISITA

- O termo vitral (stained glass) relaciona-se com vidro colorido e pintado, encaixado entre calmes e fixado numa estrutura própria.
- Para a realização do vidro colorido é muito habitual a técnica da pigmentação, no entanto, existem outras ainda hoje utilizadas: óxidos metálicos, esmaltagem.
- Este vidro é feito, num primeiro momento, através do processo de derretimento de areia sílica, sódio e cálcio num forno onde posteriormente se adiciona o processo de coloração do vidro através de óxidos metálicos é criado o vidro fundido colorido.
- Para adaptação do vitral à forma que se pretende o processo passa pelo técnico vitralista, que, com um cortador de vidro, corta o vidro seguindo o rebordo interior da linha de corte. Posteriormente este vidro, já com a forma desejada é fixado, com um prego, na sua alma do chumbo através de cuidadoso trabalho de martelo na peça lateralmente.
- O processo finaliza-se através do processo da solda, onde o vitralista solda cada junta do chumbo, com o trabalho de imperbealização da peça através da aplicação de massa de vidraceiro.

Dia 09 de dezembro

No dia 09 de dezembro, estive reunida todo o dia com a arquiteta Sara no Cowork. Foi feita uma última revisão das linguagens arquitetónicas, antes de as entregar ao professor Hugo, terminado o esboço de publicação do último tema das redes sociais e apresentei algumas reformulações ao nível das tipologias arquitetónicas, acrescentando novas opções e reformulando ao nível da terminologia, algumas das existentes. Da parte da tarde o tralho continuou, desta vez centrado nos textos das localizações, em eventuais alterações ainda a realizar, e a partilhar com a Arq. Sara o trabalho de investigação das escolas, já concluído, e pronto para que elegesse quais as que devem ser colocadas nas localizações da Lista de Desejos.

Dia 10 de dezembro

No dia 10 de dezembro, da parte da manhã, foi dia de visita ao Palacete Pinto Leite.

DADOS A DESTACAR DA VISITA

- Em 1943 a casa foi habitada por Marques da Silva e esposa por período de herança. Casa é habitada por David Marques da Silva até 2002.
- Casa feita entre 1872 e 1875 por Narciso José da Silva. Antigo colégio dos maristas muito semelhante ao nível de estrutura. Casa era de português emigrado no Brasil e a casa com linhas clássicas: Sonhavam com o estatuto que a casa materializa. Depois da falência vende a casa à avó de D.Júlia, D.catarina, que conhece Marques da Silva numa construção que estava a fazer perto do palacete.
- Entre 1904 e 1906 Marques da Silva chamado para alterações a casa: tira se elevador antigo, sala de jantar intervencionada.
- Tipologia de casa enphilide (porta em porta) e casa altamente ornamentada. Casa tem cércea diferente enquanto a casa atelier já alinha com a cércea da rua
- Sala de jantar afrancesado e com assinatura de Marques da Silva: diferencia-se por ser em pinho, lambrins sobem em em madeira, Louças de sanitário vindas de Londres (diferente momento de habitação da casa)
- Tambor da clarabóia com figuração de cadofeus, colmeias.
- Parte superior da casa tem salão nobre com tetos com pormenores de artes da música. Papel de parede pode ser já posterior a sua construção. Mantém se lustres primitivos.Madeira a imitar outra madeira (excentricidade e não por falta de dinheiro para bons materiais porque isso está presente na casa com madeiras, etc)
- Quartos da casa animados sobretudo através dos tetos. Havia taipal nos quartos para permitir circulação do padre para a capela. Capela privada que permitia o culto: com talha , vitral, imaginária, liturgia e privada e assim destinada para a família exclusivamente

Da parte da tarde estive reunida com a Arq. Sara a trabalhar num 1º documento a entregar a um cliente alemão pela compra de um apartamento na Rua de Cedofeita, nº.
Neste trabalho a Arq.Sara ambientou-me relativamente ao trabalho que realiza neste 1ºportfólio e dei então início à sua elaboração. Realizei o trabalho de SWOT inerente ao portfólio do apartamento, para além de uma recolha de imagem via Google Maps para inclusão na parte visual do mesmo. Fiquei ainda responsável de posteriormente realizar a organização de imagem deste trabalho.

Dia 17 de dezembro

No dia 17 de dezembro, da parte da tarde, reuni-me com a Arquiteta Sara na Rua de Cedofeita para a realização do trabalho fotográfico do apartamento nº365, da mesma rua, para a desenvolvimento do trabalho do portfólio a ele relativo e para entrega ao respetivo proprietário.
Depois de realizado este trabalho andamos pelas ruas do porto a fotografar arquiteturas para, posteriormente, serem colocadas nas 'Linguagens Arquitetónicas' da Wihlist.

Dia 21 de dezembro

No dia 21 de dezembro, da parte da manhã, reuni-me com a Arquiteta Sara no Palácio Torel, no Porto. Este foi um edifício encontrado pela arquiteta num trabalho de house-hunting para uma cliente francesa, e por isso foi altamente enriquecedor ver as imagens captadas na altura em que o edifício se encontrava à venda pela SW.ark, e comparar com a atualidade de um edifício reabilitado para servir de espaço hoteleiro de luxo. o edifício do Torel Palace ganhou, este ano, o Prémio de Melhor Reabilitação.

Depois de apreciar o edifício Torel Palace- e a sua deslumbrante clarabóia- acompanhei a arquiteta Sara numa visita à NCREP, uma empresa muito interessante, que nasceu na Incubadora de Empresas da UP, à semelhança da SW.ark. Hoje é uma empresa que atua em grande escala na cidade do Porto mas também, já, em Lisboa. Foi igualmente importante esta visita uma vez que permitiu-me contactar com profissionais (engenharia de estabilização é a área à qual a NCREP se dedica) que atuam na área da Reabilitação de Arquiteturas com Valor Histórico/ Patrimonial.

Dia 22 de Março

No dia 22 de março encontrei-me com a arquiteta Sara na zona de Matosinhos. Da parte da manhã aproveitamos para reunir e perceber o ponto de estado do trabalho e do que era necessário rever para dar como concluído (Lista de Desejos, trabalho nas redes sociais).

Da parte da tarde dedicamo-nos á exploração de dois imóveis com eventualidade de serem uma opção para um cliente com interesse na zona de Matosinhos. Um dos imóveis tinha o número 120 e localizava-se na Rua Roberto Ivens e o outro imóvel localizava-se já na Rua Mouzinho de Albuquerque nº76. Apesar das visitas realizadas não houve concretização de negócio uma vez que não cumpro nem os requisitos da SW.ark nem o dos clientes, que tinham já visto uma casa que lhes interessava e que se superiorizava face aos dois casos visitados no terreno.

Dia 28 de Junho

No dia 28 de junho encontrei-me com a arquiteta Sara no Cowork Selina, junto aos Aliados, Porto. Reunimos todo o dia, desde as 10h e até às 18h, e focamos o nosso trabalho na revisão de 82 publicações permanentes e 15 conjuntos de publicações temporárias desenvolvidas para a Swark e publicadas numa página de Instagram, criada para testar as publicações.

Durante todo o dia centrámo-nos na validação de imagem e texto de 70 publicações permanentes.

Dia 1 de Julho

Depois de no dia 28 de junho ter sido iniciado o processo de validação e retificação do trabalho desenvolvido para as redes sociais da empresa, no dia 1 de julho este processo de trabalho teve continuidade, desta vez no espaço Cowork da Torrinha. Neste dia debruçamo-nos a validar o que ficou ainda pendente das publicações permanentes, tendo sido, para além de validado e retificado o resto das publicações, o desenvolvimento de um conjunto de três novas publicações centradas nos mosaicos hidráulicos. Neste dia iniciou-se, com término, a análise dos instastories desenvolvidos e na retificação, sobretudo, das imagens apresentadas nos mesmos.

Dia 3 de Julho

No dia 3 de julho foi dia de visita ao Palacete Silva Monteiro, aberto ao público no âmbito da iniciativa 'Open House Porto'. Abaixo deixo algumas ideias retiradas da visita realizada a solo.

DADOS A DESTACAR DA VISITA

- Casa pertencia a Silva Monteiro (torna viagem- no Brasil cria empresa de importações com o irmão; retorna à cidade natal à posteriori depois de viagem pelos países da Europa para entendimento da vanguarda à época). Silva Monteiro foi diretor do palácio de cristal e vice-presidente da cidade do Porto; financiou escolas e bombeiros. Foi condecorado visconde e posteriormente conde pelo papel que teve pela família real.
- Casa é reflexo de riqueza mas havia já entendimento da valorização do espaço particular; utilização de folhas de acanto, mascaroes como forma de teatralização decorativa.
- Sala de visita conhecida como sala vermelha e sala chinesa influência de Luís XV na viagem a França. China era vista como sítio místico. Para lá de sala de visita poderá ter sido sala de fumo.
- Escadaria em neoclássico; imitação de mármore; pintura com aperto de mão (símbolo de maçonaria-era maçónico- ou boas vindas)
- Salão de baile em tons pastéis e sabe se que seria pela representação de instrumentos musicais no teto; personagens no teto são compositores do séc.XIX
- Sala árabe com cornucópias, folhas de acanto(friso) e teria sido sala de receção da senhora (alterações da importância de estatuto)
- Sala de jantar com tetos em folha de ouro virando ambiente de claro e escuro; autoria de Le Favre (pintor francês) e terá sido realizado depois de contactos na viagem a França.
- Piso de terceiro andar piso privado. Escadaria pobre para piso pra evitar curiosidade dos convidados.
- Clarabóia azul pedida exclusivamente no sentido de olhar para o céu. Representações do Rio de Janeiro e Massarelos e Lisboa (contacto entre Portugal e Brasil feita através de Lisboa) nas molduras; símbolos de comércio (onde vingou na vida) , agricultura (que apreciava na sua quinta), ciência e riqueza (trazida do Brasil)
- Salão nobre era onde davam festas; tetos são já alterados; jardim ao gosto romântico com fonte com representação das três graças Quartos da casa animados sobretudo através dos tetos. Havia taipal nos quartos para permitir circulação do padre para a capela. Capela privada que permitia o culto: com talha , vitral, imaginária, liturgia e privada e assim destinada para a família exclusivamente

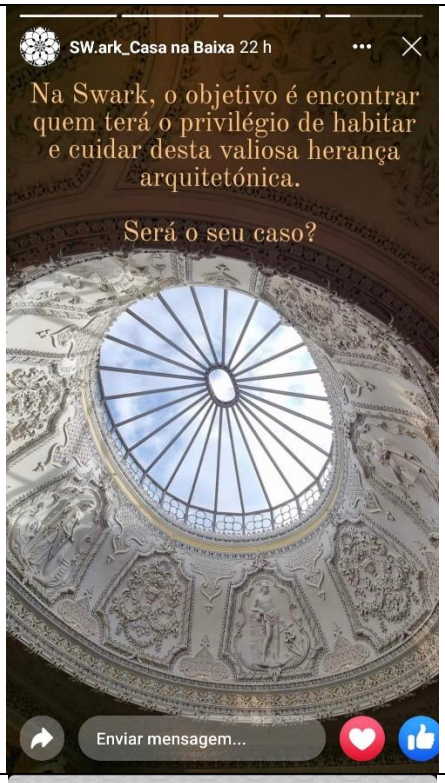
16.3 Apêndice 3- Tabela Publicações Temporárias nas Redes Sociais

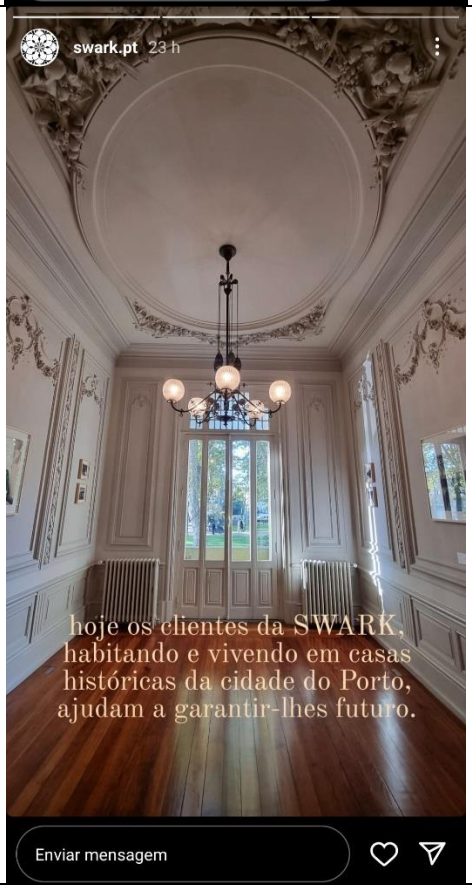
Data da publicação	Plataforma de Publicação	Registo Fotográfico
30 de julho (11h)	Instagram	

30 de julho (11:02h)			
30 de julho (11:04h)			

30 de julho (11:06h)				
30 de julho (11h)	Facebook			

30 de julho (11:02h)				
30 de julho (11:04h)				

30 de julho (11:06h)				
31 de julho (11h)	Instagram			

31 de julho (11:02h)				
31 de julho (11:04h)				

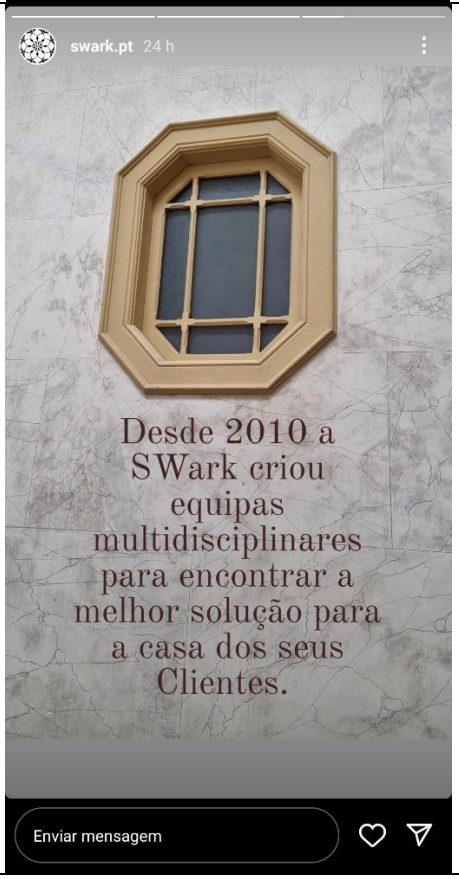
31 de julho (11h)	Facebook			
31 de julho (11:02h)				

31 de julho (11:04h)				
06 de agosto (11h)	Instagram			

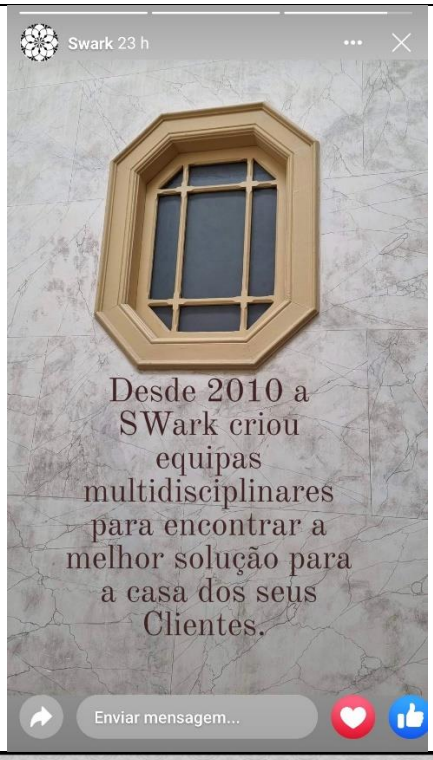
06 de agosto (11:02h)				
06 de agosto (11:04h)				

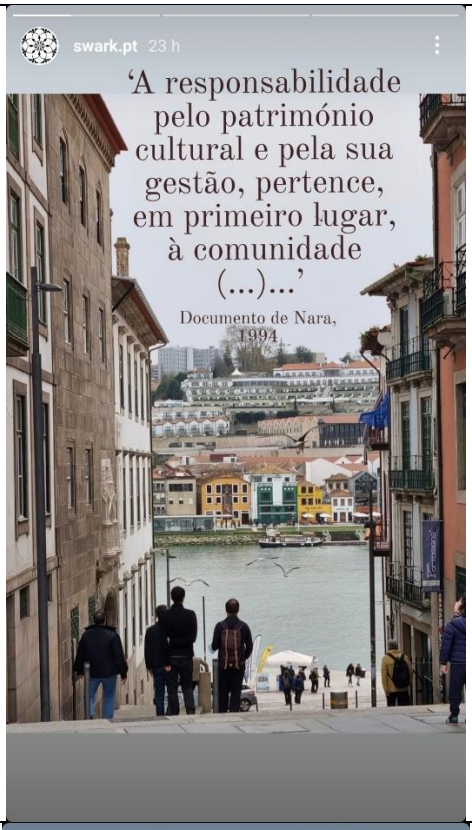
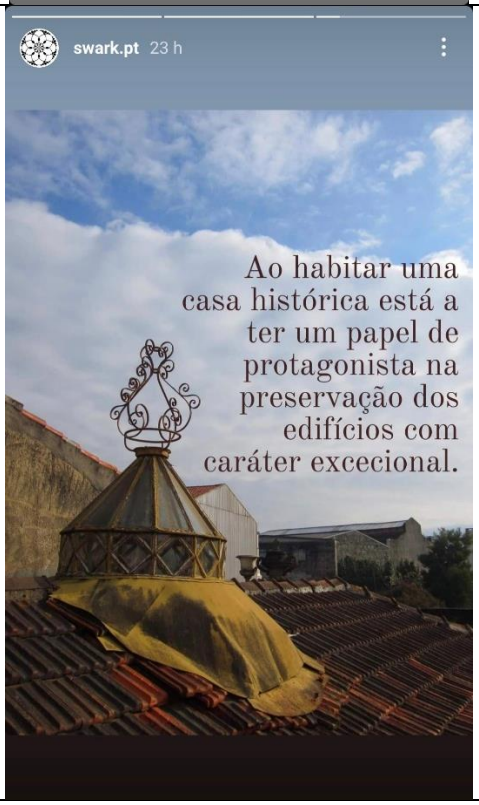
06 de agosto (11h)	Facebook			
06 de agosto (11:02h)				

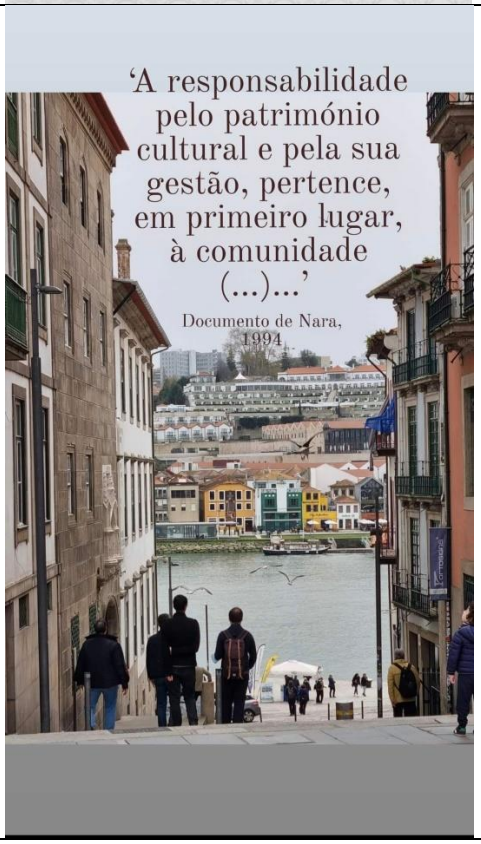
06 de agosto (11:04h)				
07 de agosto (11h)	Instagram			

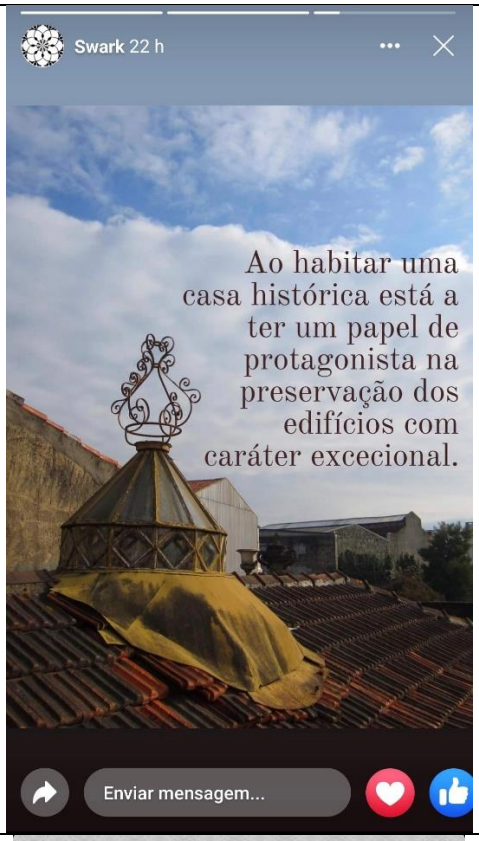
07 de agosto (11:02h)				
07 de agosto (11:04h)				

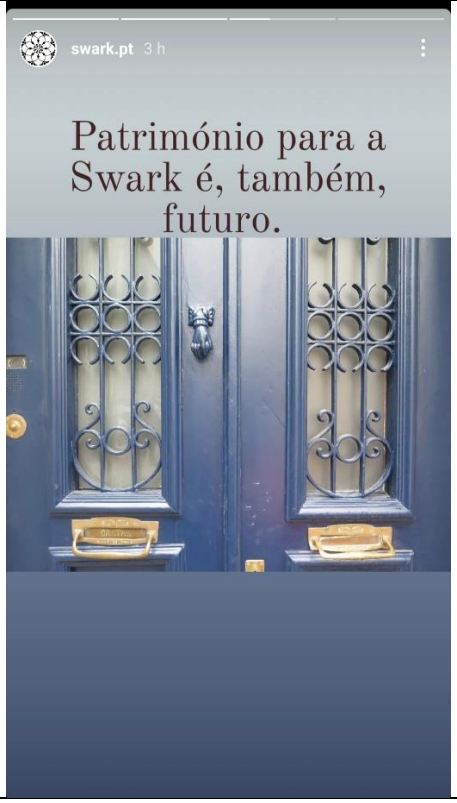
07 de agosto (11h)	Facebook			
07 de agosto (11:02h)				

07 de agosto (11:04h)			
13 de agosto de 2022 (11h)	Instagram		

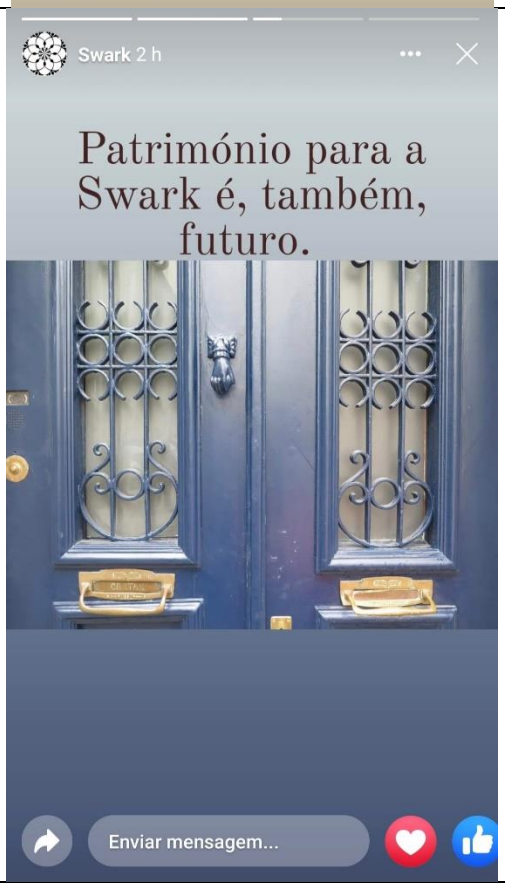
13 de agosto de 2022 (11:02h)				
13 de agosto de 2022 (11:04h)				

13 de agosto de 2022 (11h)	Facebook			
13 de agosto de 2022 (11:02h)				

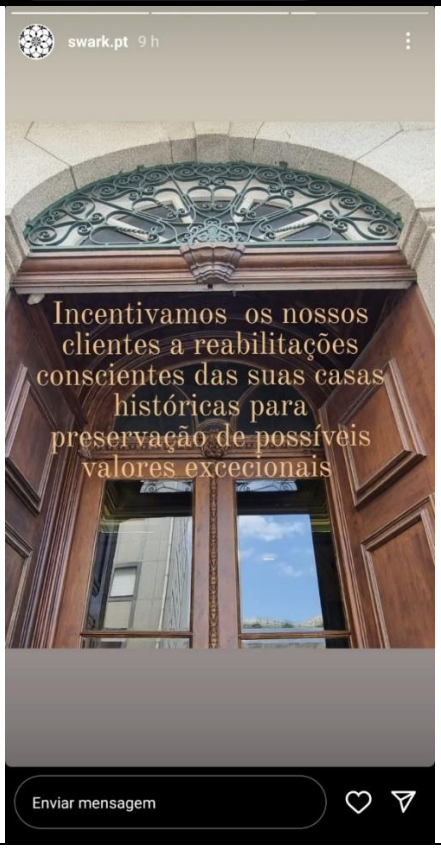
13 de agosto de 2022 (11:04h)				
14 de agosto de 2022 (11h)	Instagram			

14 de agosto de 2022 (11:02h)				
14 de agosto de 2022 (11:04h)				

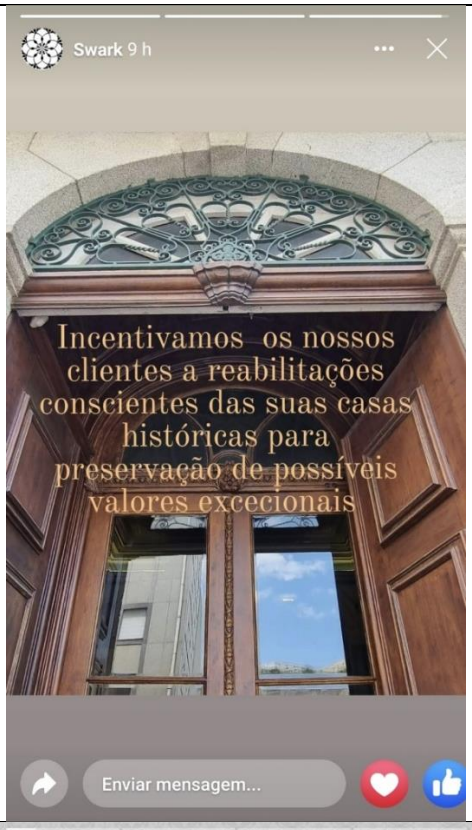
14 de agosto de 2022 (11:06h)			
14 de agosto de 2022 (11h)	Facebook		

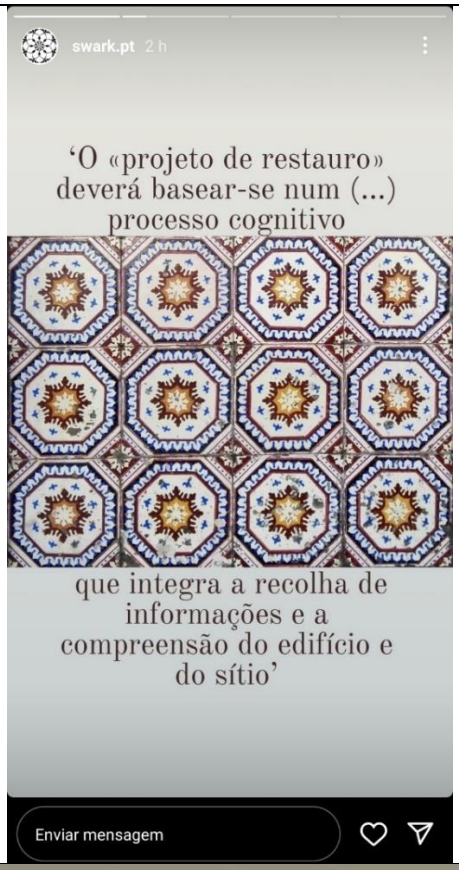
14 de agosto de 2022 (11:02h)			
14 de agosto de 2022 (11:04h)			

14 de agosto de 2022 (11:06h)			
20 de agosto de 2022 (11h)	Instagram		

20 de agosto de 2022 (11:02h)				
20 de agosto de 2022 (11:04h)				

20 de agosto de 2022 (11h)	Facebook		
20 de agosto de 2022 (11:02h)			

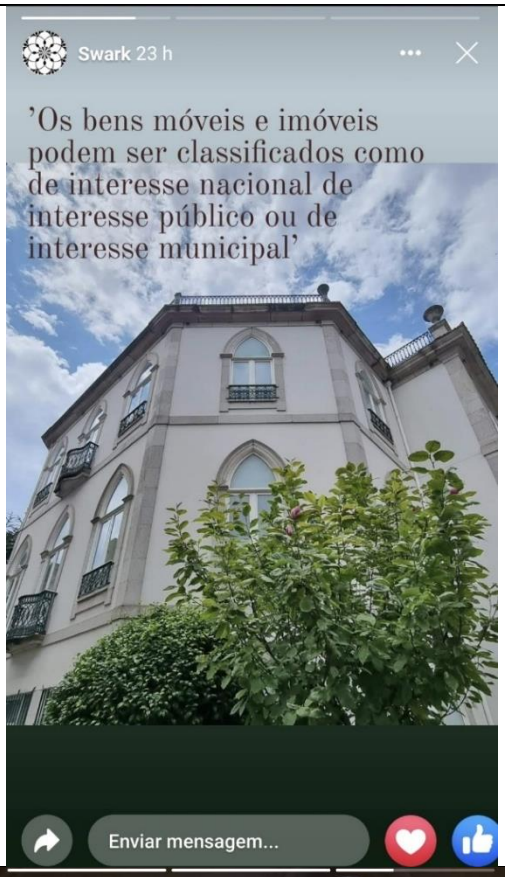
20 de agosto de 2022 (11:04h)				
21 de agosto de 2022 (11h)	Instagram			

21 de agosto de 2022 (11:02h)			
21 de agosto de 2022 (11:04h)			

21 de agosto de 2022 (11:06h)				
21 de agosto de 2022 (11h)	Facebook			

21 de agosto de 2022 (11:02h)			
21 de agosto de 2022 (11:04h)			

21 de agosto de 2022 (11:06h)			
27 de agosto de 2022 (11h)	Facebook		

27 de agosto de 2022 (11:02h)			
27 de agosto de 2022 (11:04h)			

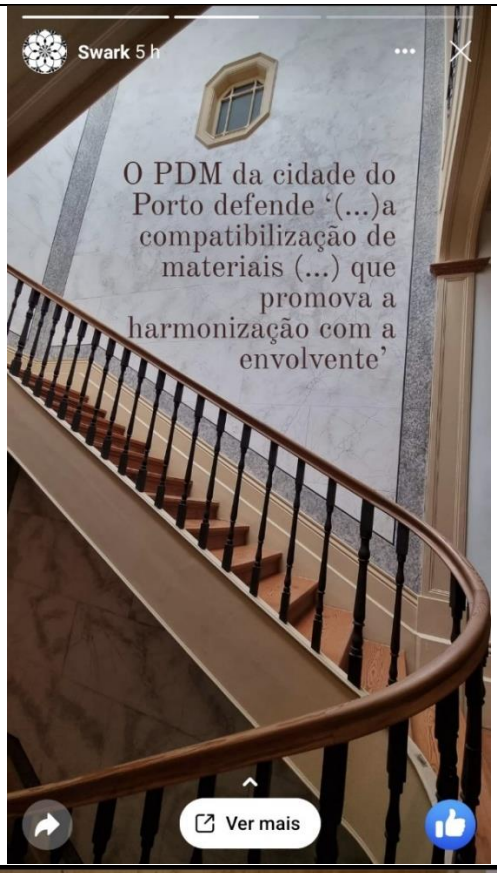
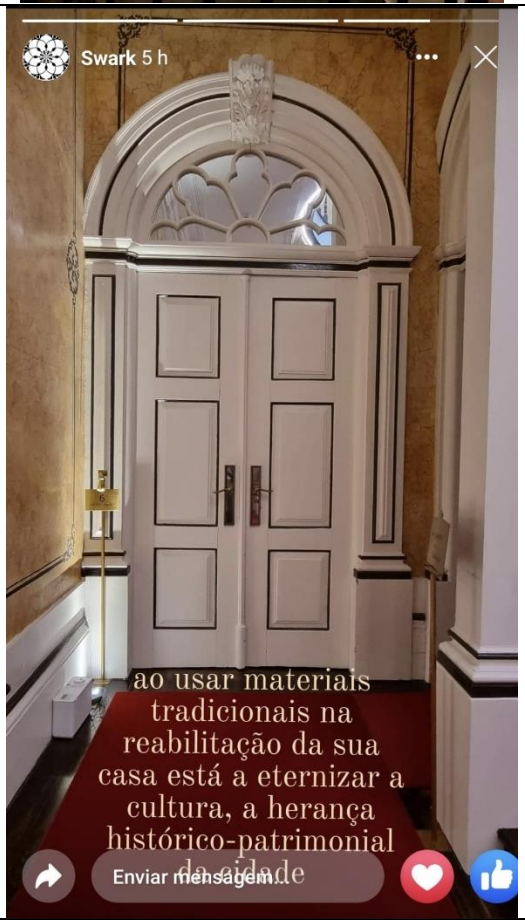
27 de agosto de 2022 (11h)	Instagram			
27 de agosto de 2022 (11:02h)				

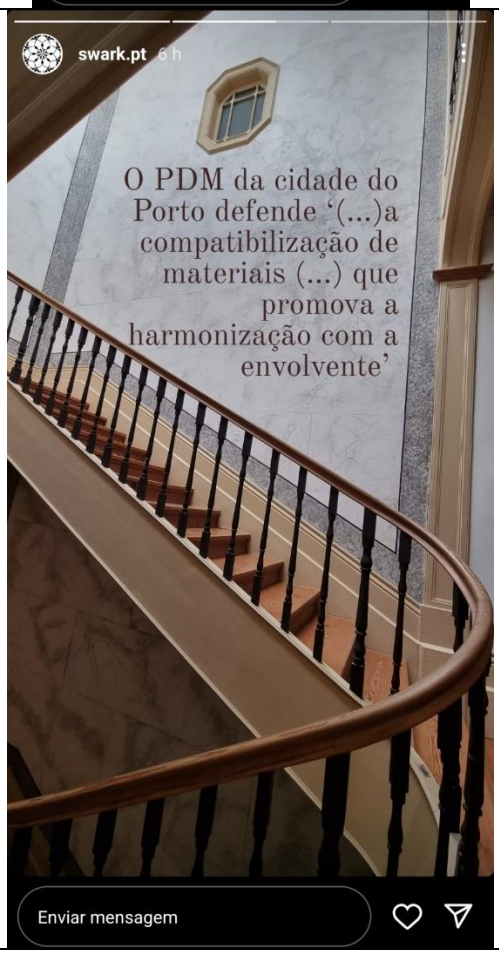
27 de agosto de 2022 (11:04h)				
28 de agosto de 2022 (11h)	Instagram			

28 de agosto de 2022 (11:02h)				
28 de agosto de 2022 (11:04h)				

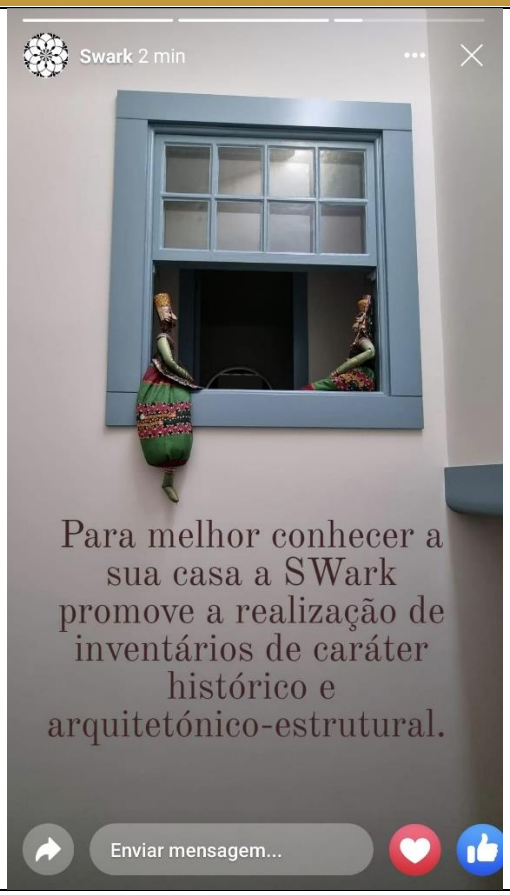
28 de agosto de 2022 (11h)	Facebook		
28 de agosto de 2022 (11:02h)			

28 de agosto de 2022 (11:04h)			
03 de setembro de 2022 (11h)	Facebook		

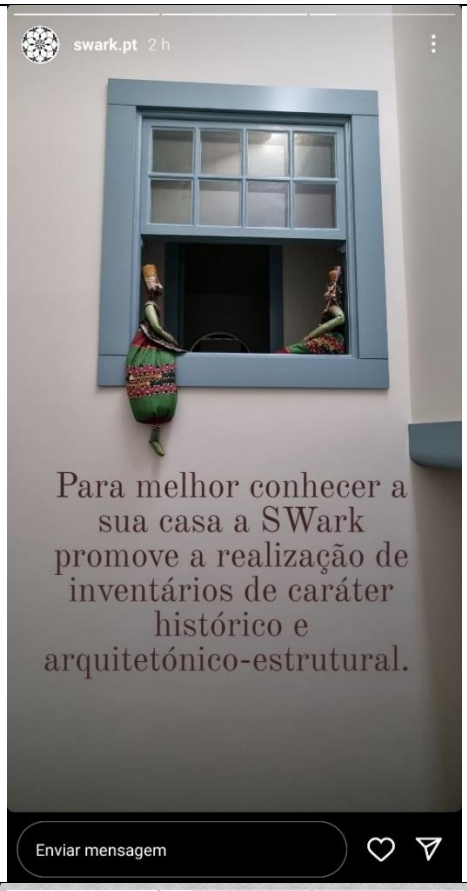
03 de setembro de 2022 (11:02h)			
03 de setembro de 2022 (11:04h)			

03 de setembro de 2022 (11h)	Instagram			
03 de setembro de 2022 (11:02h)				

03 de setembro de 2022 (11:04h)			
04 de setembro de 2022 (11h)	Facebook		

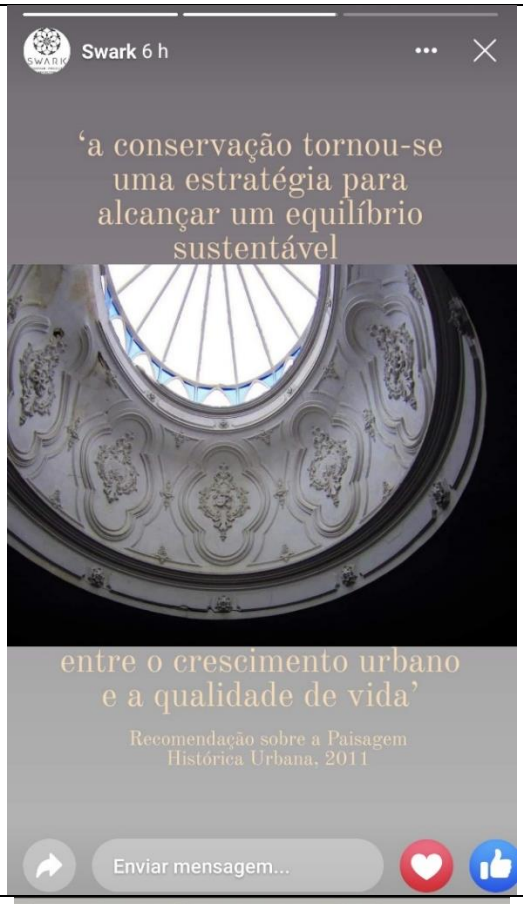
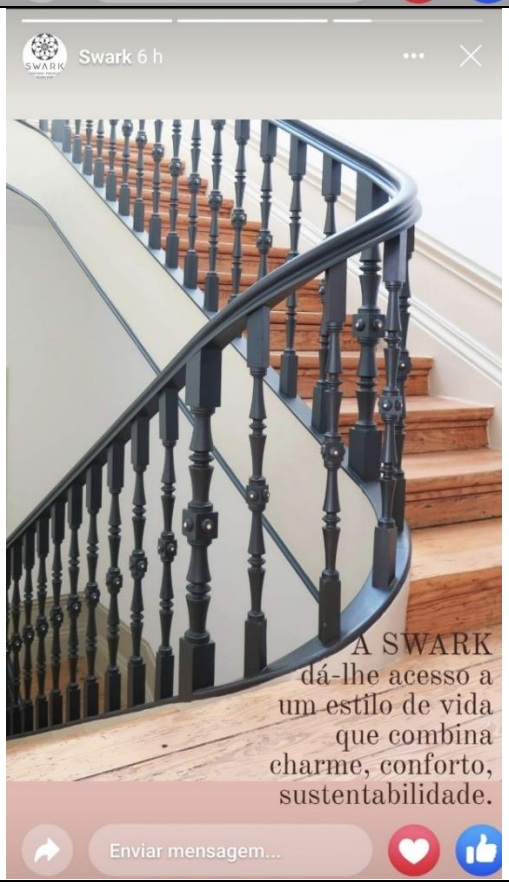
04 de setembro de 2022 (11:02h)			
04 de setembro de 2022 (11:04h)			

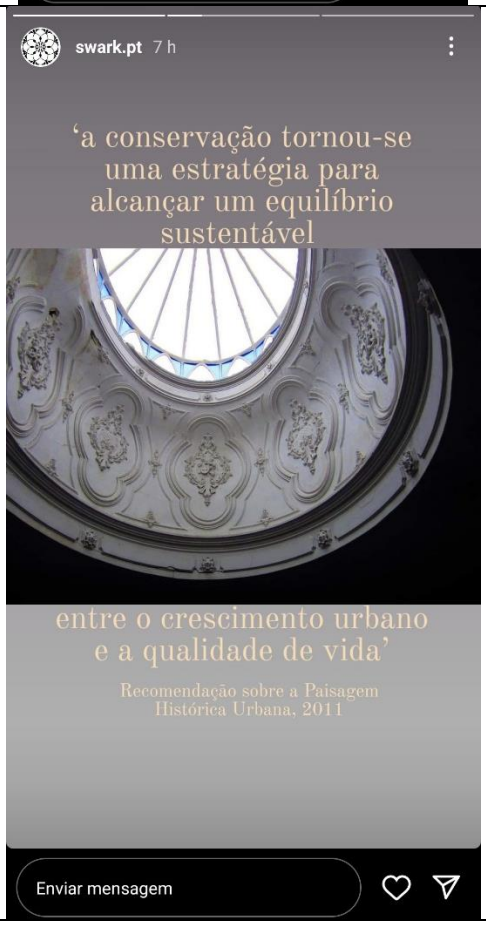
04 de setembro de 2022 (11h)	Instagram			
04 de setembro de 2022 (11:02h)				

04 de setembro de 2022 (11:04h)				
10 de setembro de 2022 (11h)	Instagram			

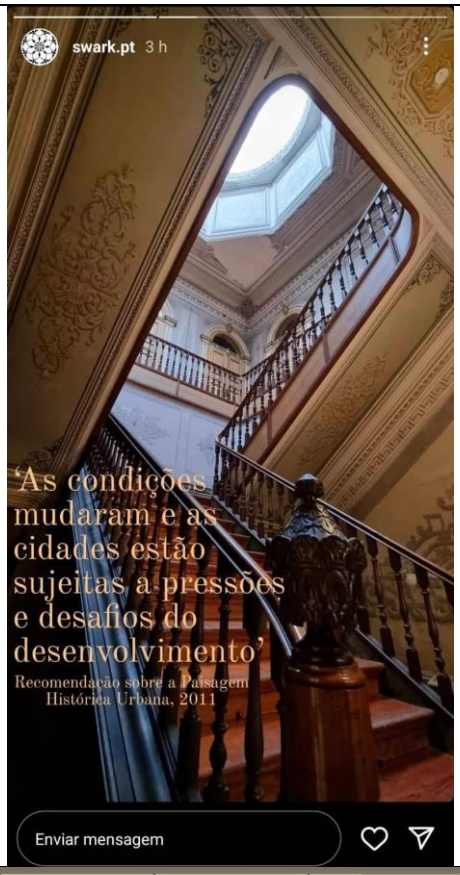
10 de setembro de 2022 (11:02h)			
10 de setembro de 2022 (11h)	Facebook		

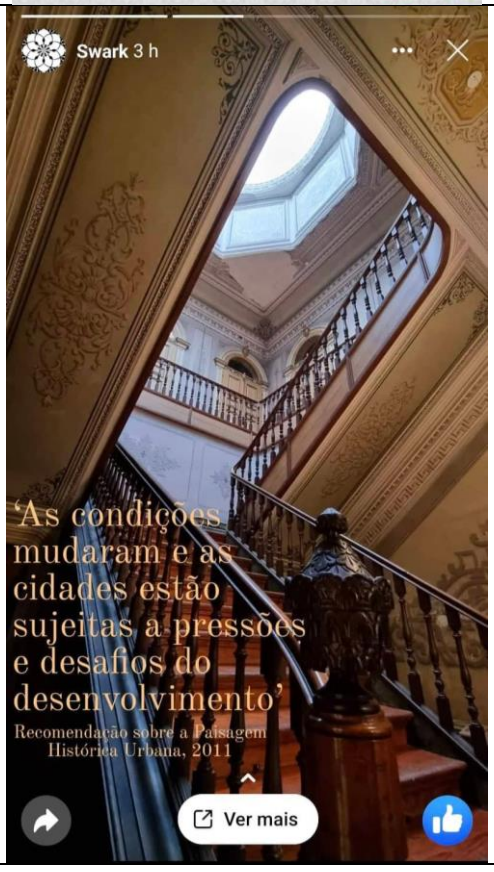
10 de setembro de 2022 (11:02h)			
11 de setembro (11h)	Facebook		

11 de setembro (11:02h)			
11 de setembro (11:04h)			

11 de setembro (11h)	Instagram			
11 de setembro (11:02h)				

11 de setembro (11:04h)				
17 de setembro de 2022 (11h)	Instagram			

17 de setembro de 2022 (11:02h)				
17 de setembro de 2022 (11:04h)				

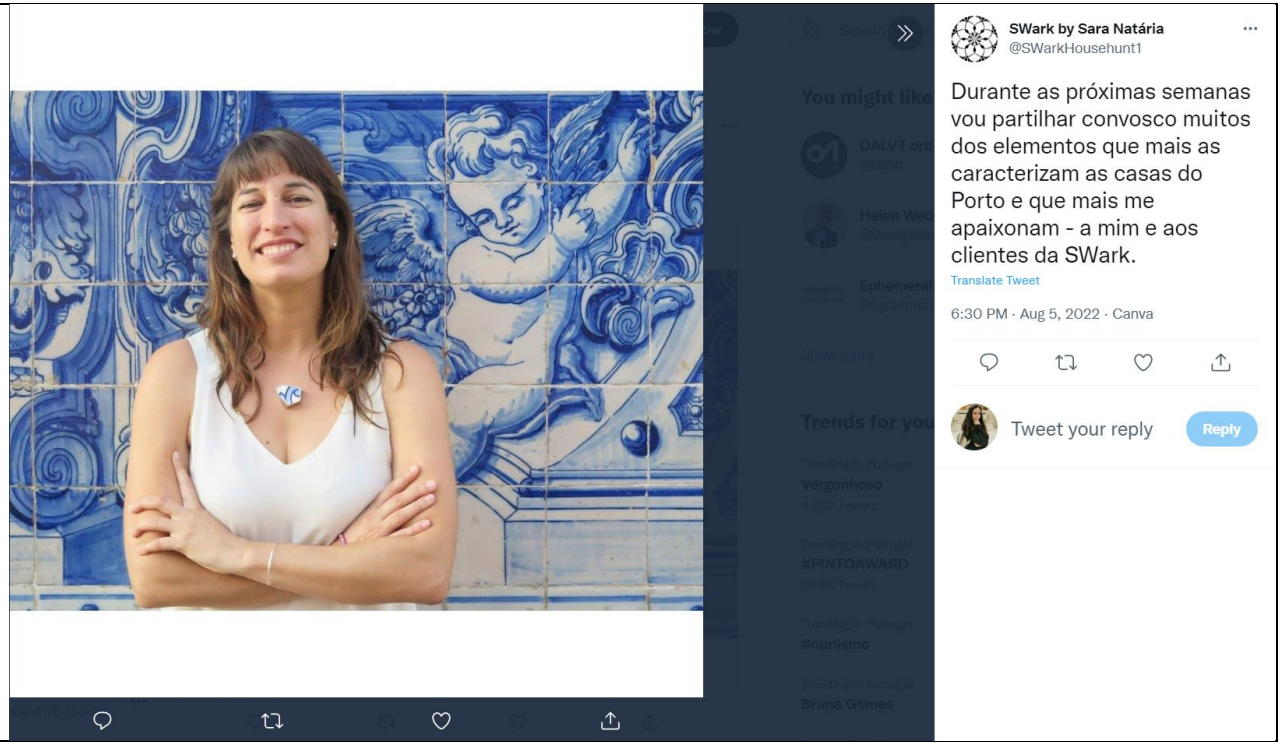
17 de setembro de 2022 (11h)	Facebook			
17 de setembro de 2022 (11:02h)				

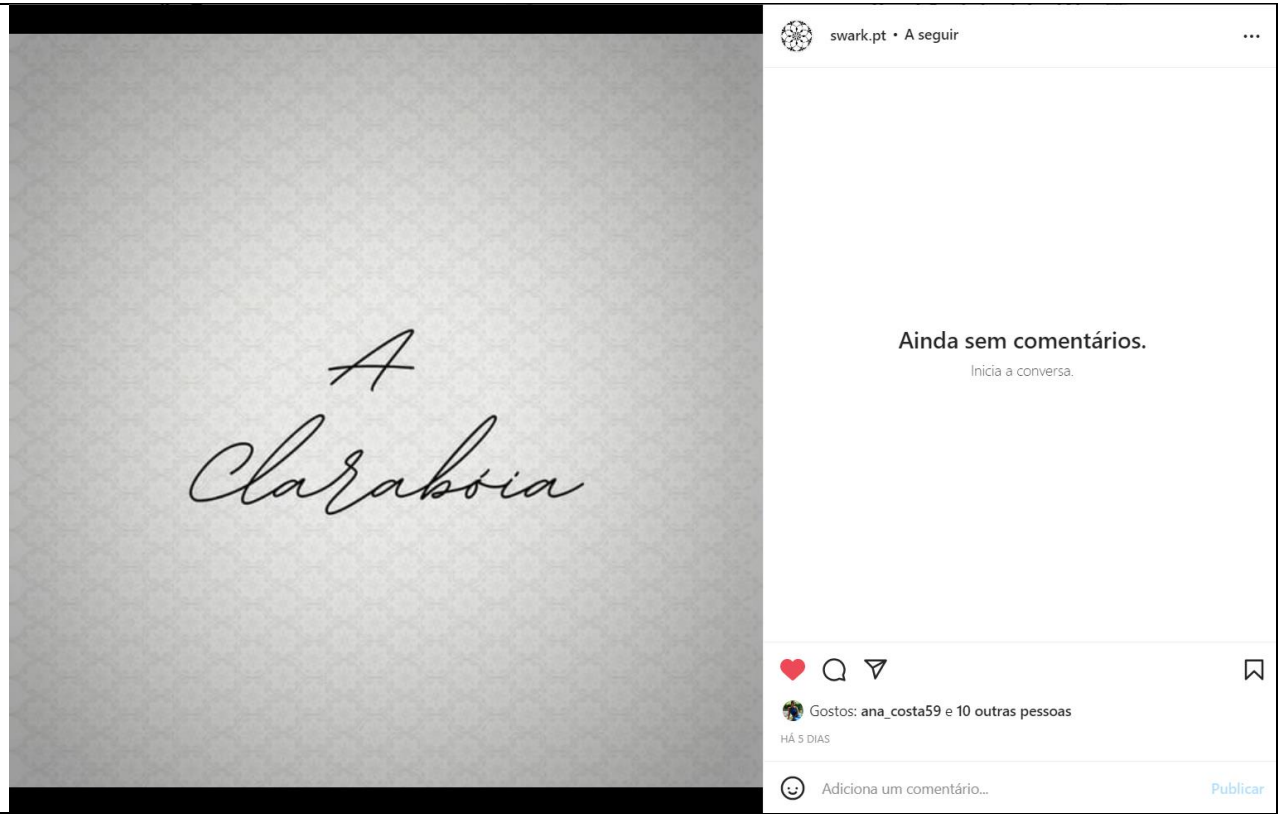
17 de setembro de 2022 (11:04h)			

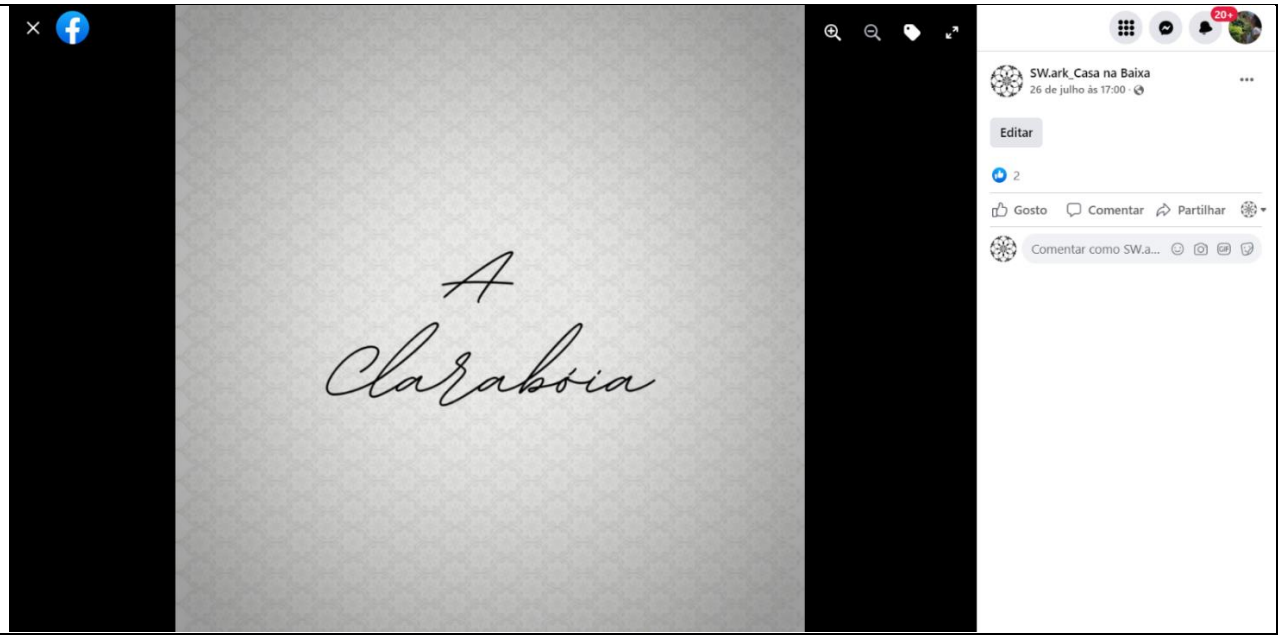
16.4 Apêndice 4- Tabela Publicações Permanentes nas Redes Sociais

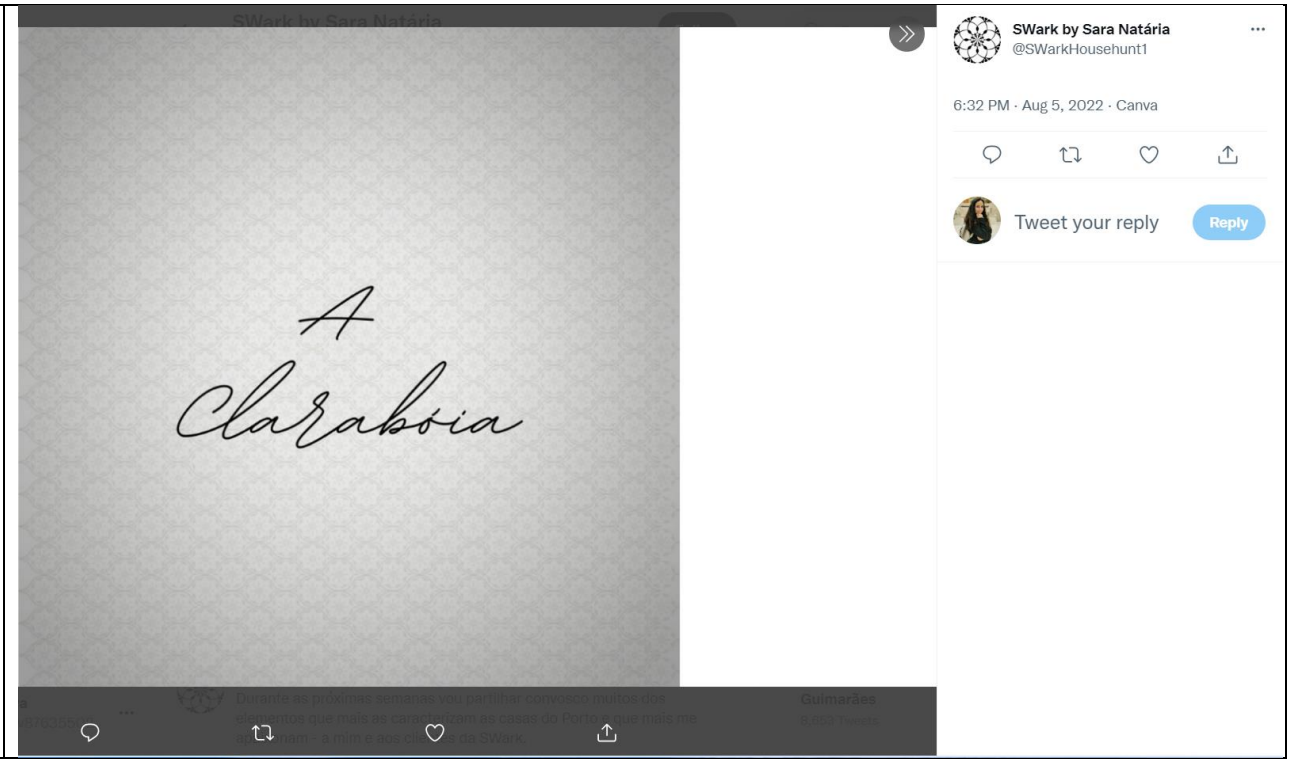
Tema	Data da Publicação	Plataforma de Publicação	Registo Fotográfico
Publicação de Apresentação do Trabalho	25 de julho de 2022 (18:30h)	Instagram	

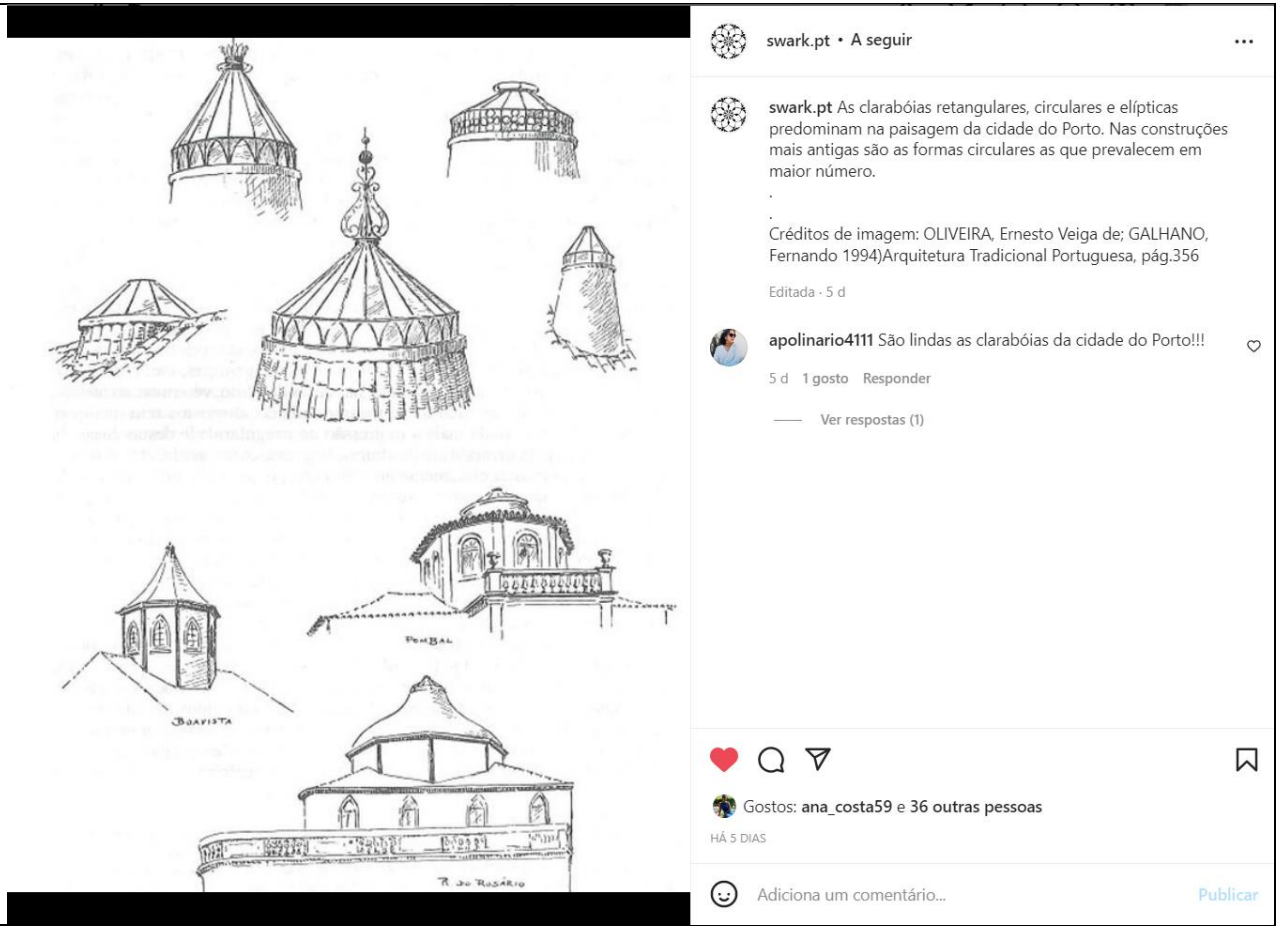
	25 de julho de 2022 (18:30h)	Facebook	

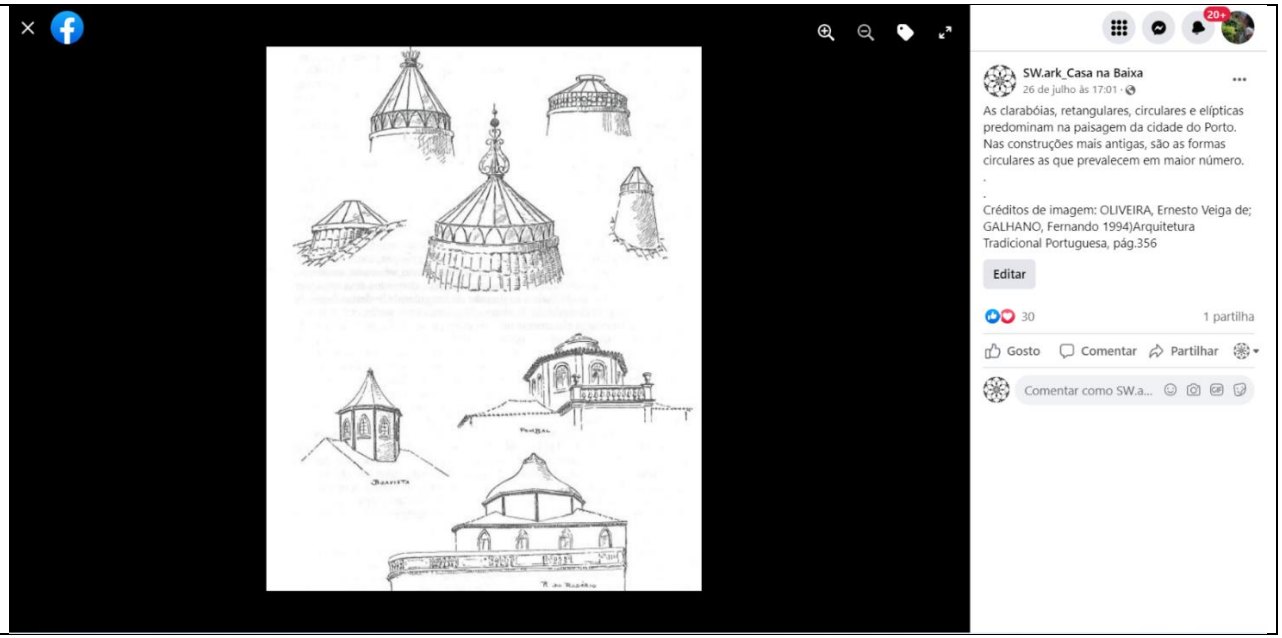
	5 de agosto de 2022 (18:30h)	Twitter	

A Clarabóia	26 de julho de 2022 (18:30h)	Instagram	

	26 de julho de 2022 (18:30h)	Facebook	

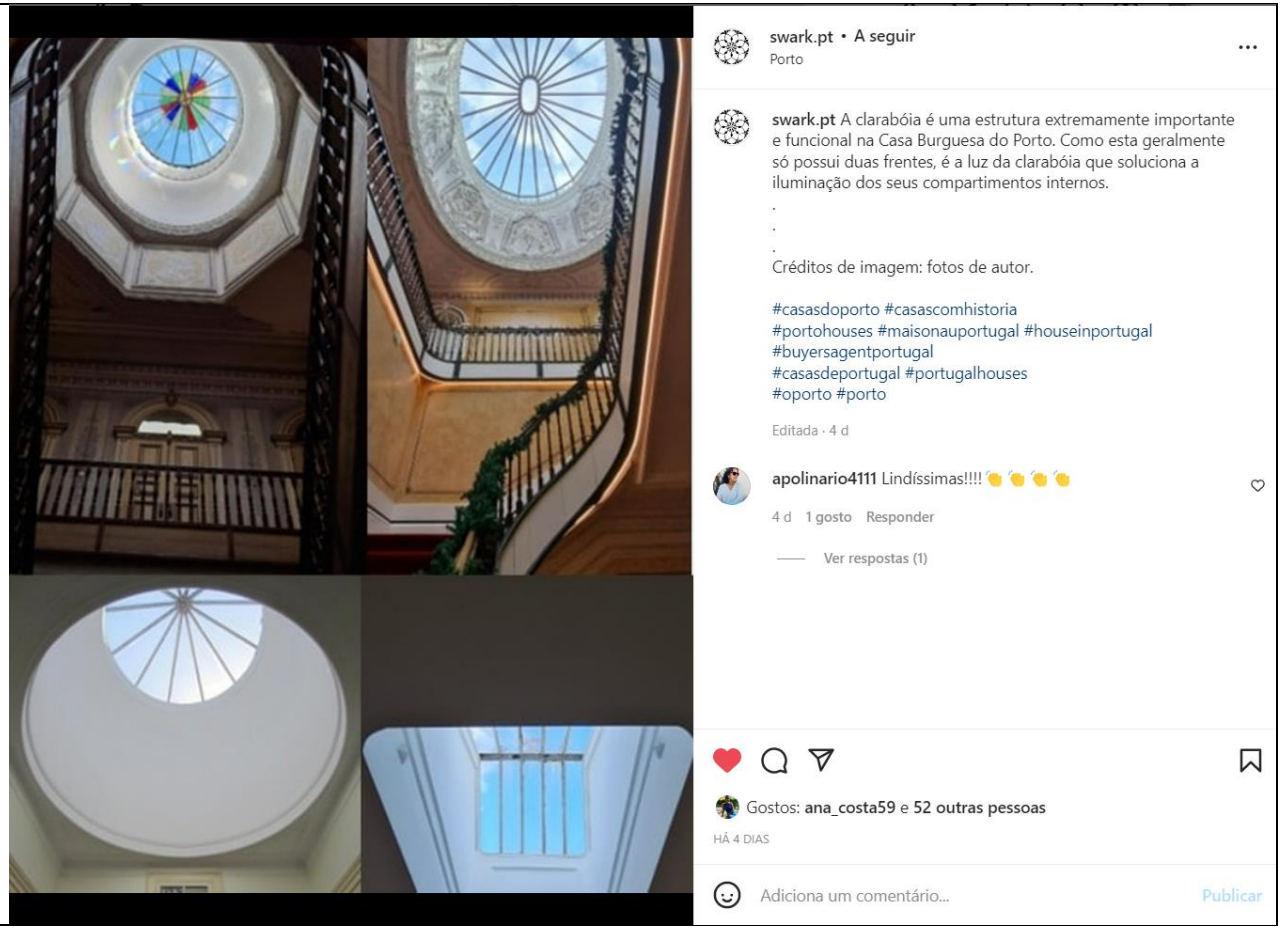
	5 de agosto de 2022 (18:32h)	Twitter	

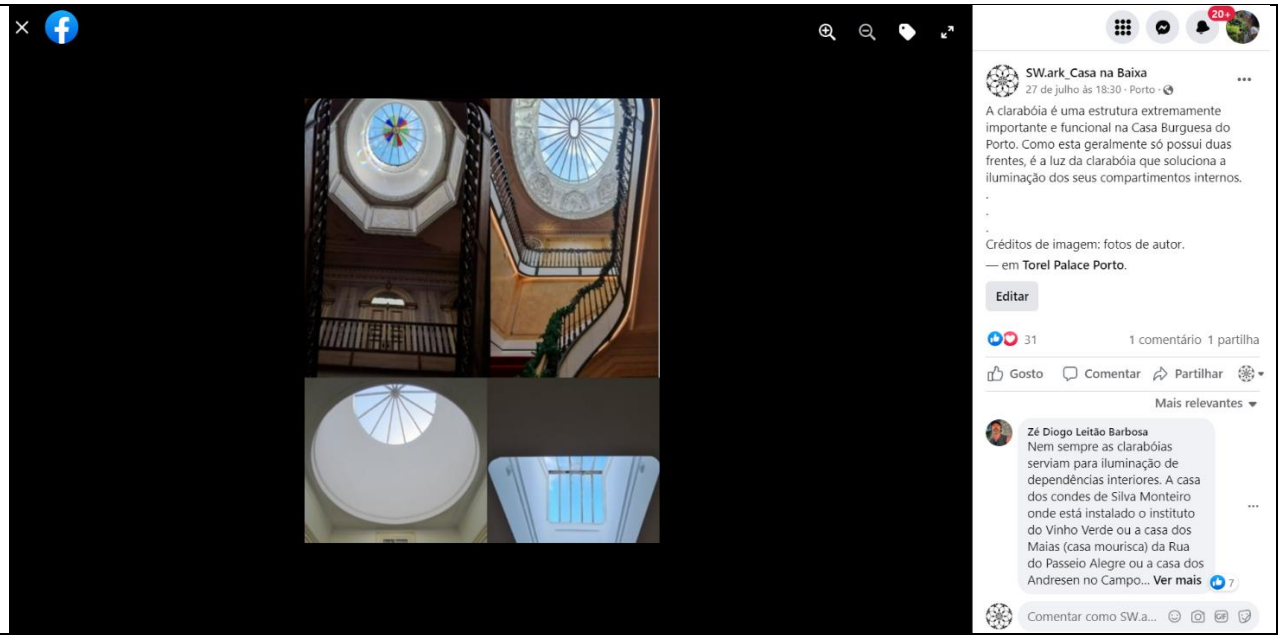
	26 de julho de 2022 (18:31h)	Instagram	

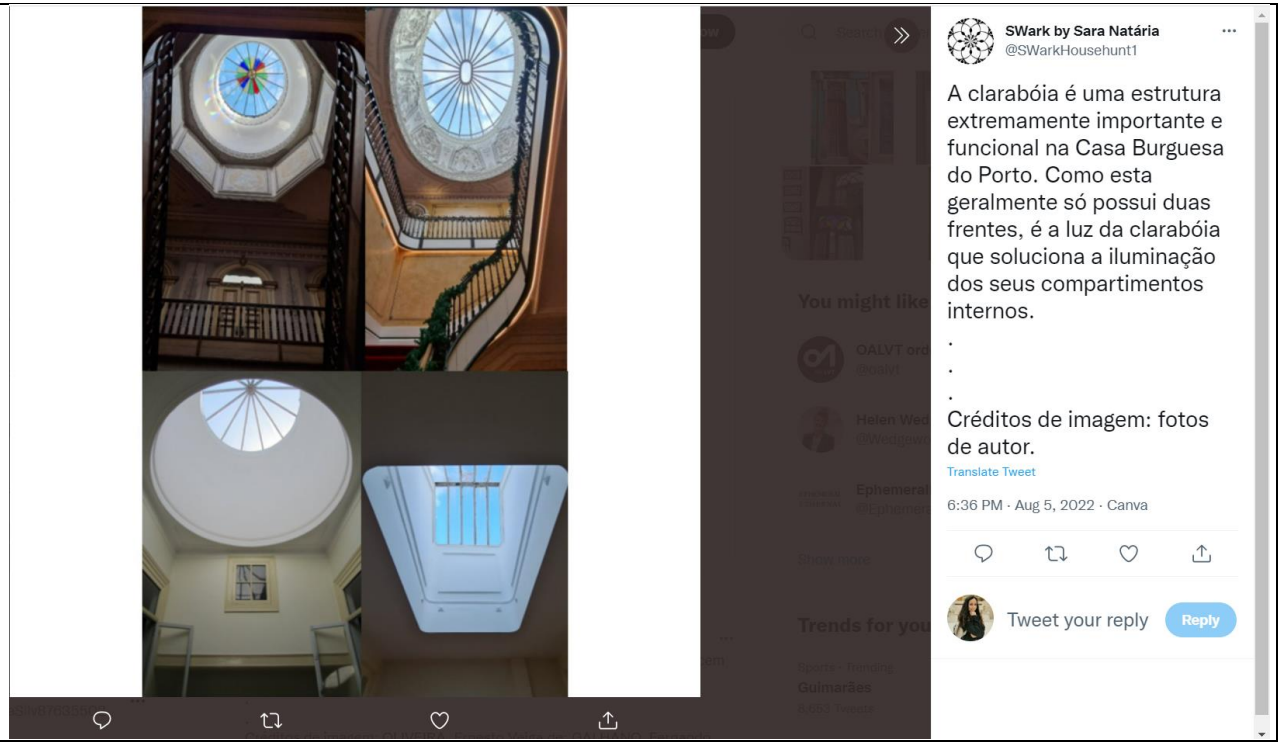
	26 de julho de 2022 (18:31h)	Facebook	

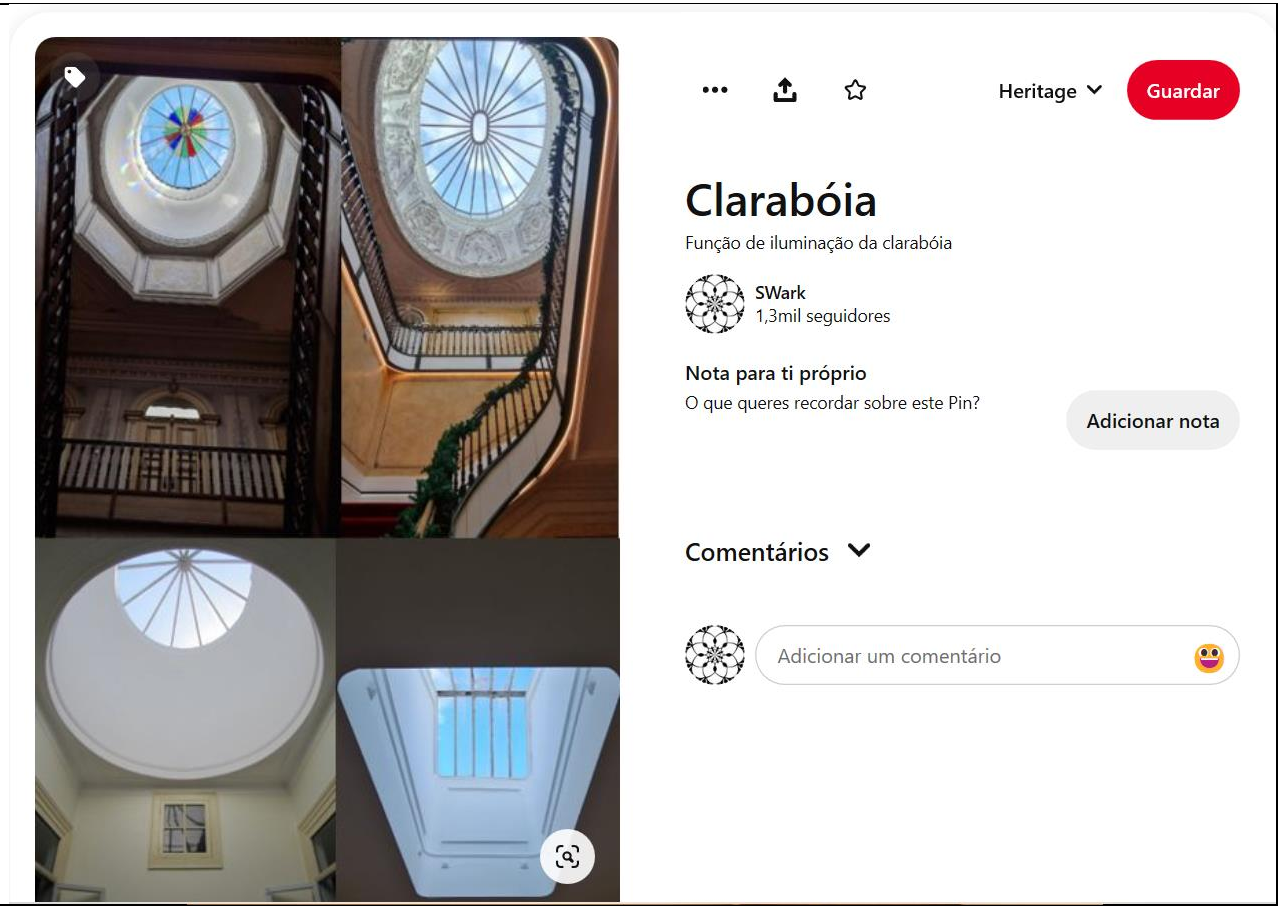
	5 de agosto de 2022 (18:34h)	Twitter	

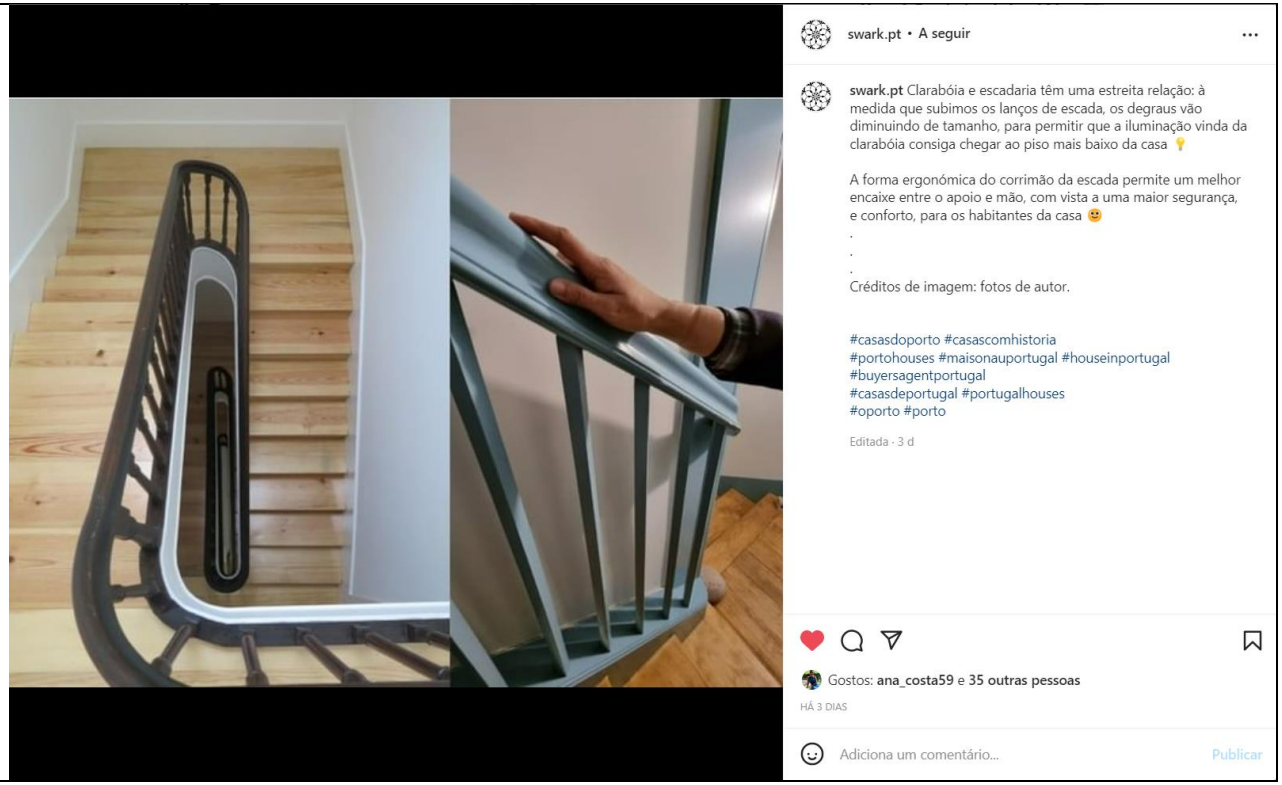
	5 de agosto de 2022 (18:34h)	Pinterest	

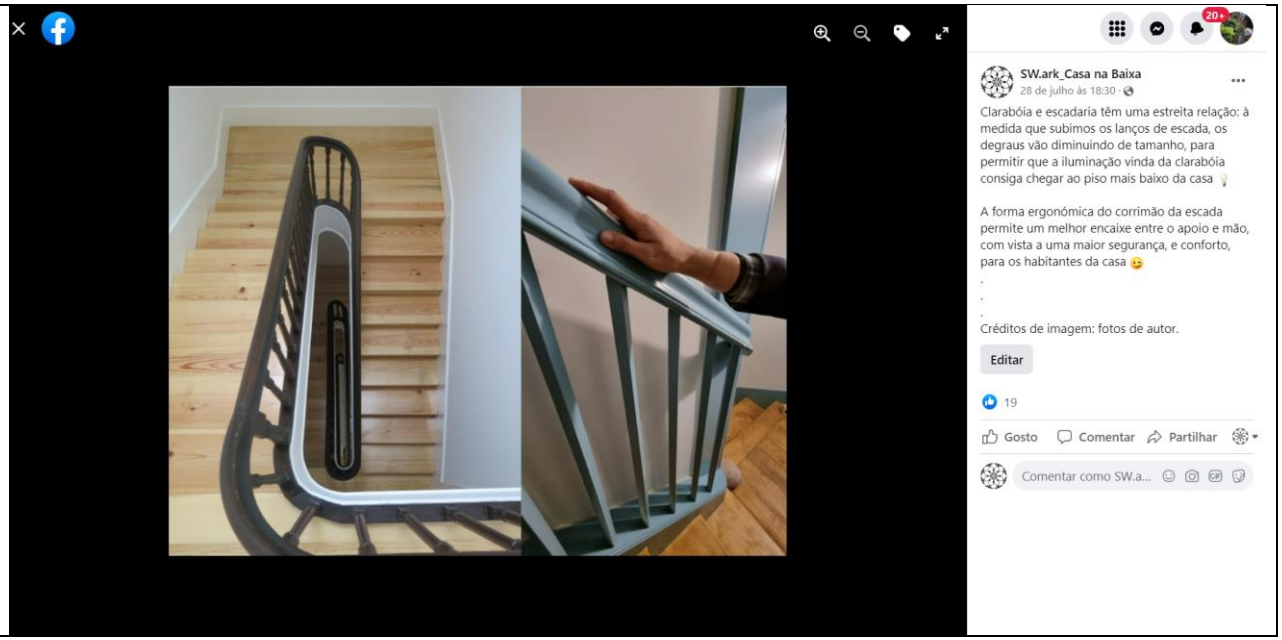
	27 de julho de 2022 (18:30h)	Instagram	

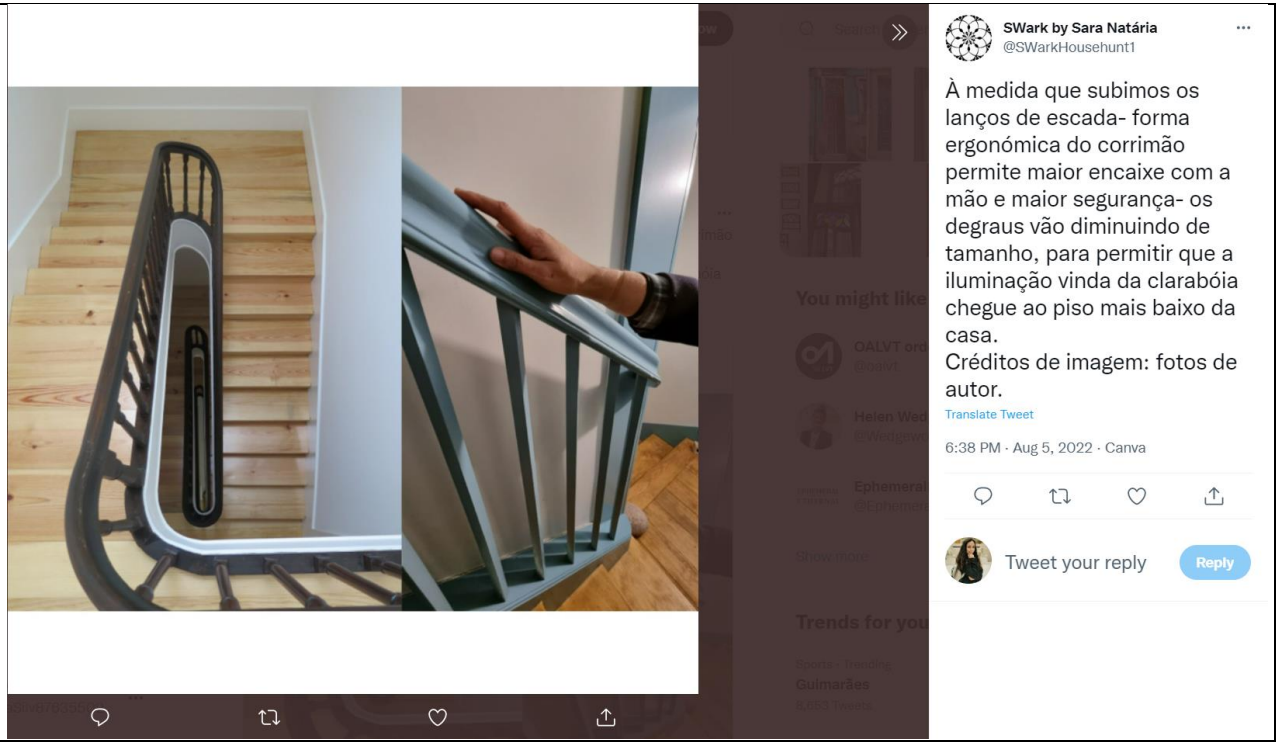
	27 de julho de 2022 (18:30h)	Facebook	

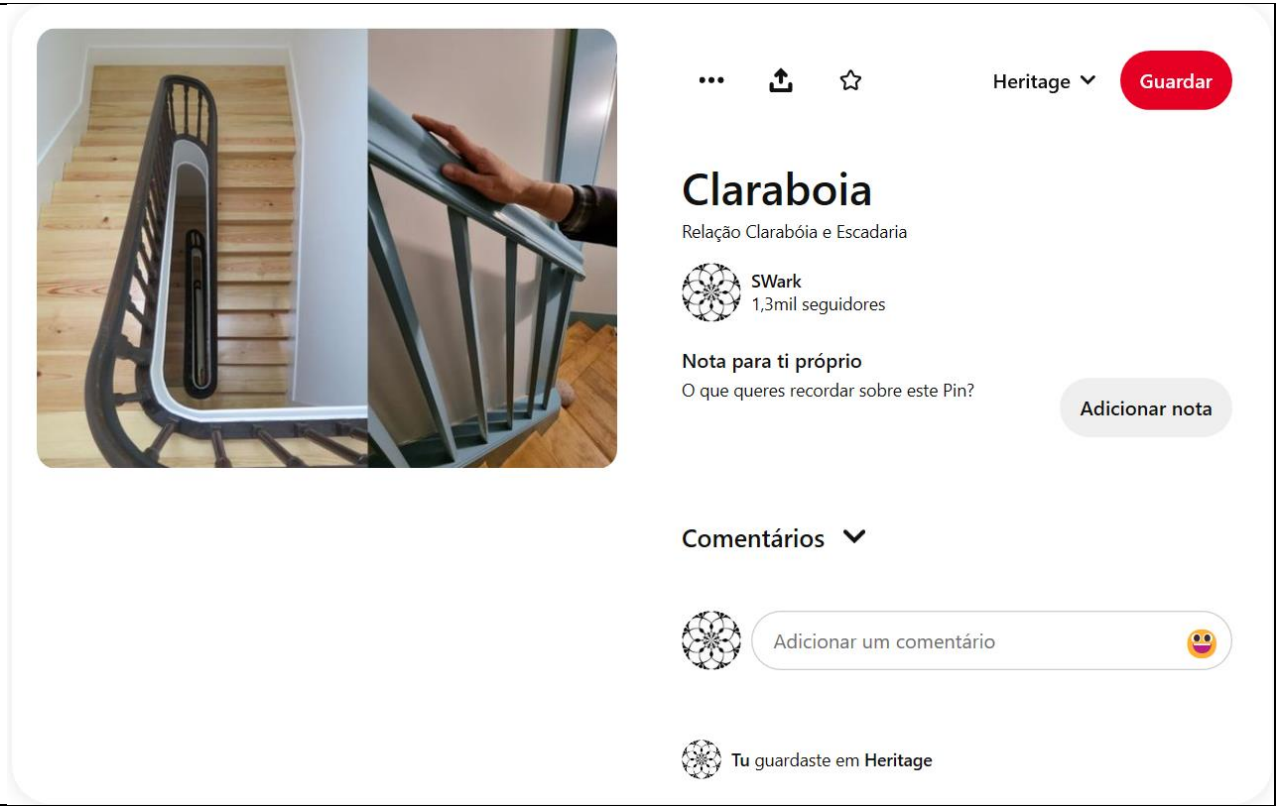
	5 de agosto de 2022 (18:36h)	Twitter	

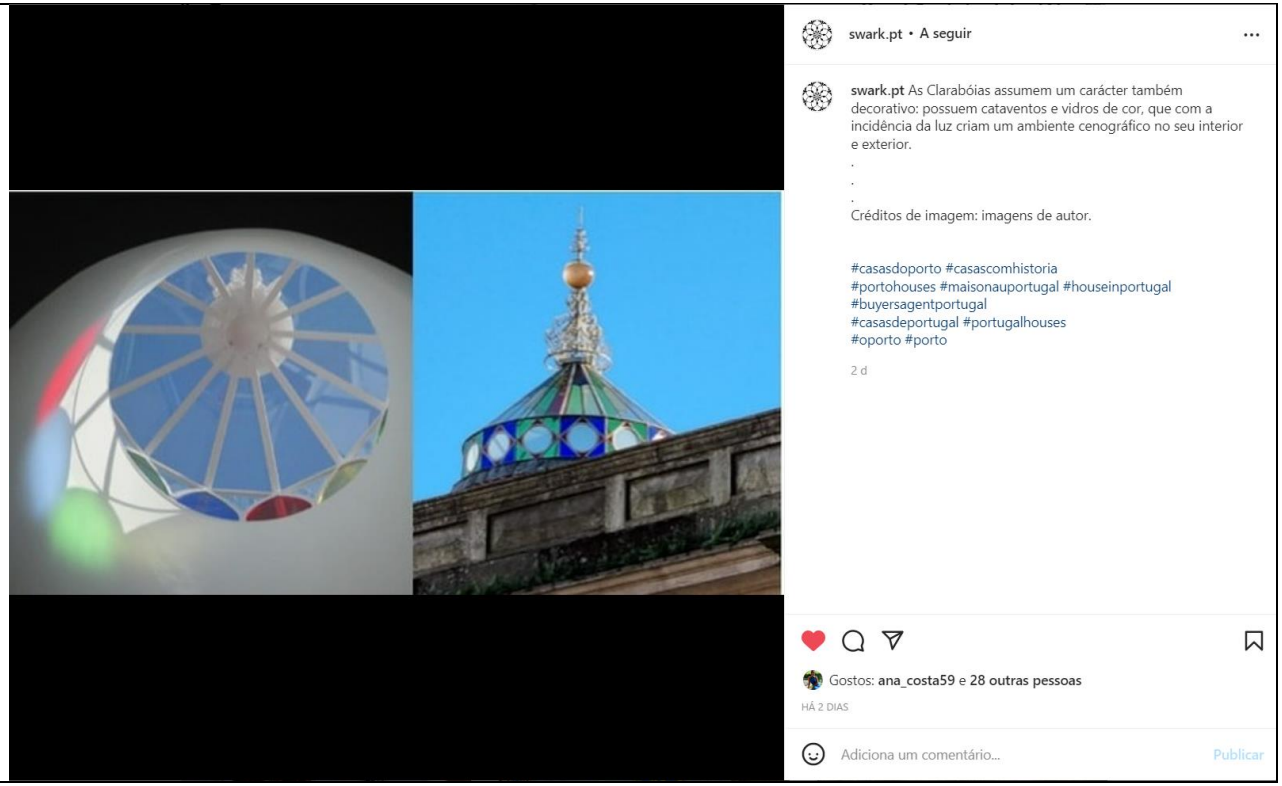
	5 de agosto de 2022 (18:36h)	Pinterest	

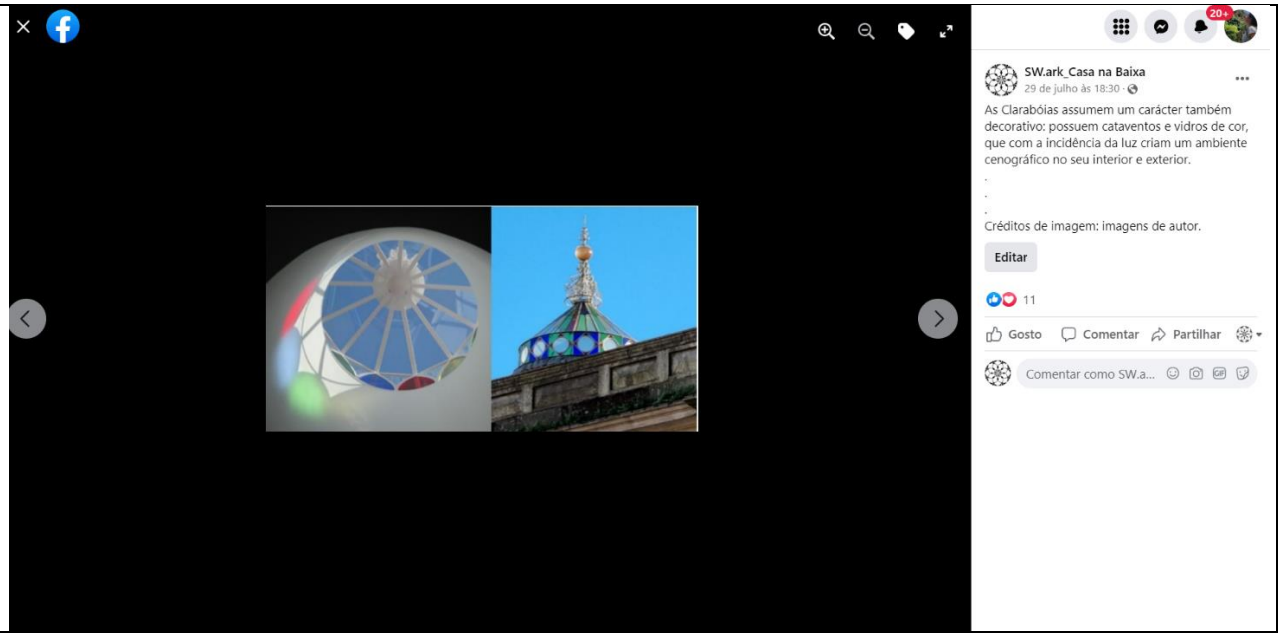
	28 de julho de 2022 (18:30h)	Instagram	

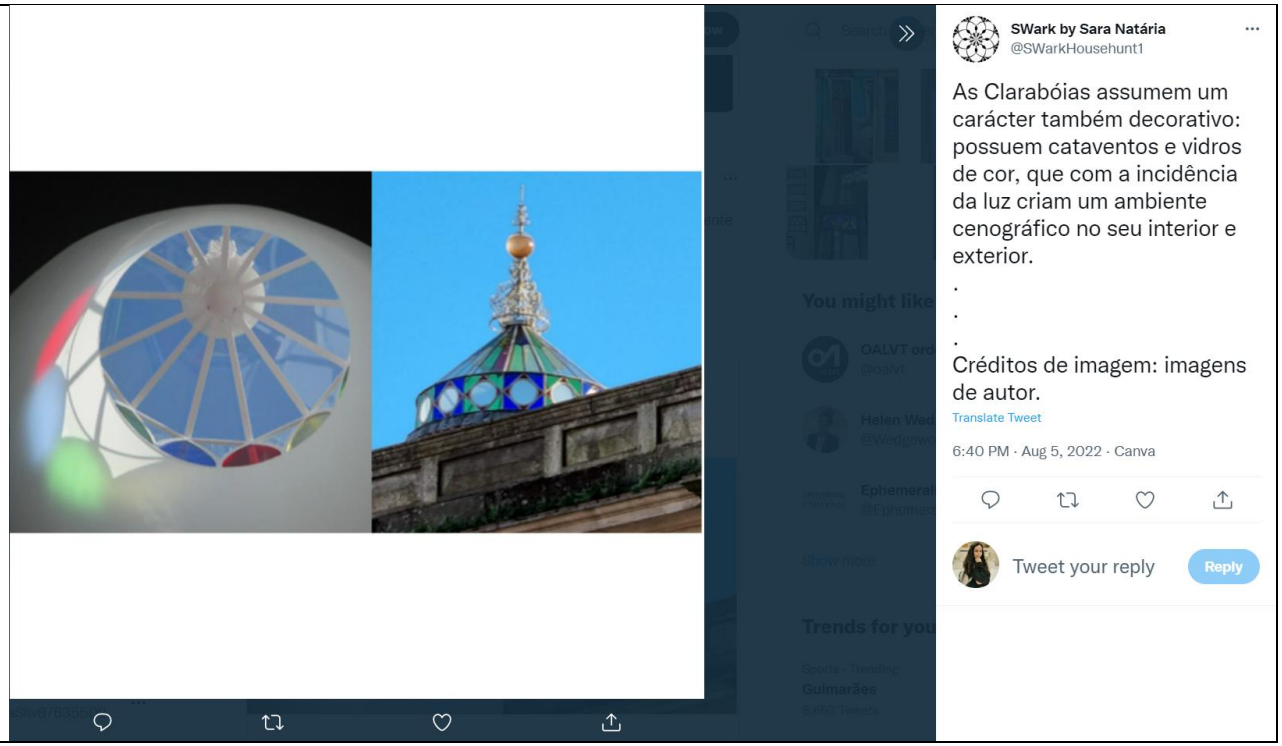
	28 de julho de 2022 (18:30h)	Facebook	

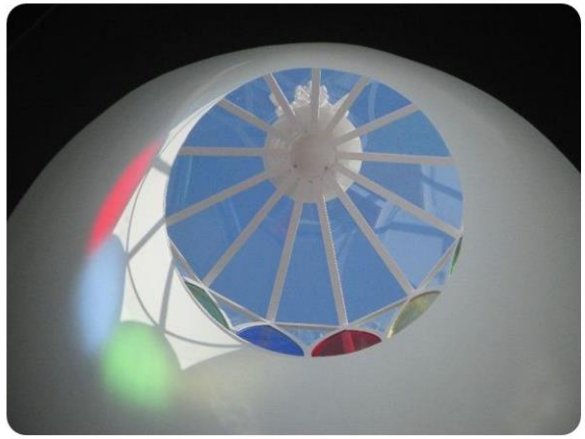
	5 de agosto de 2022 (18:38h)	Twitter	

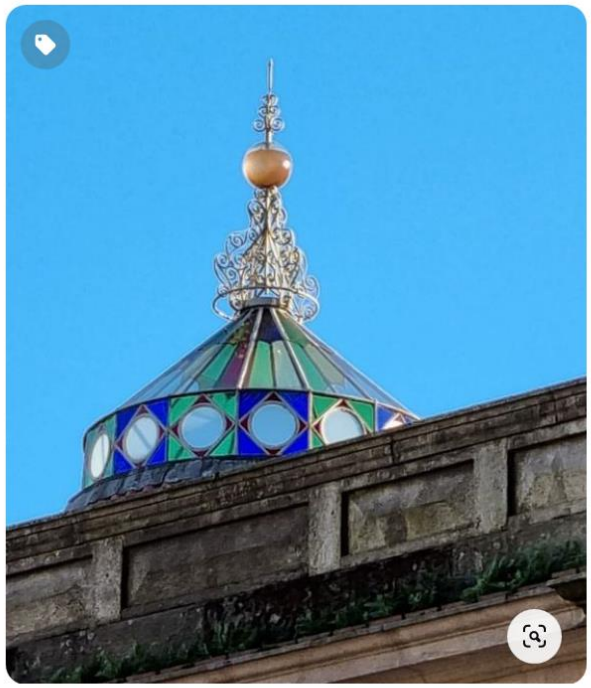
	5 de agosto de 2022 (18:38h)	Pinterest	

	29 de julho de 2022 (18:30h)	Instagram	

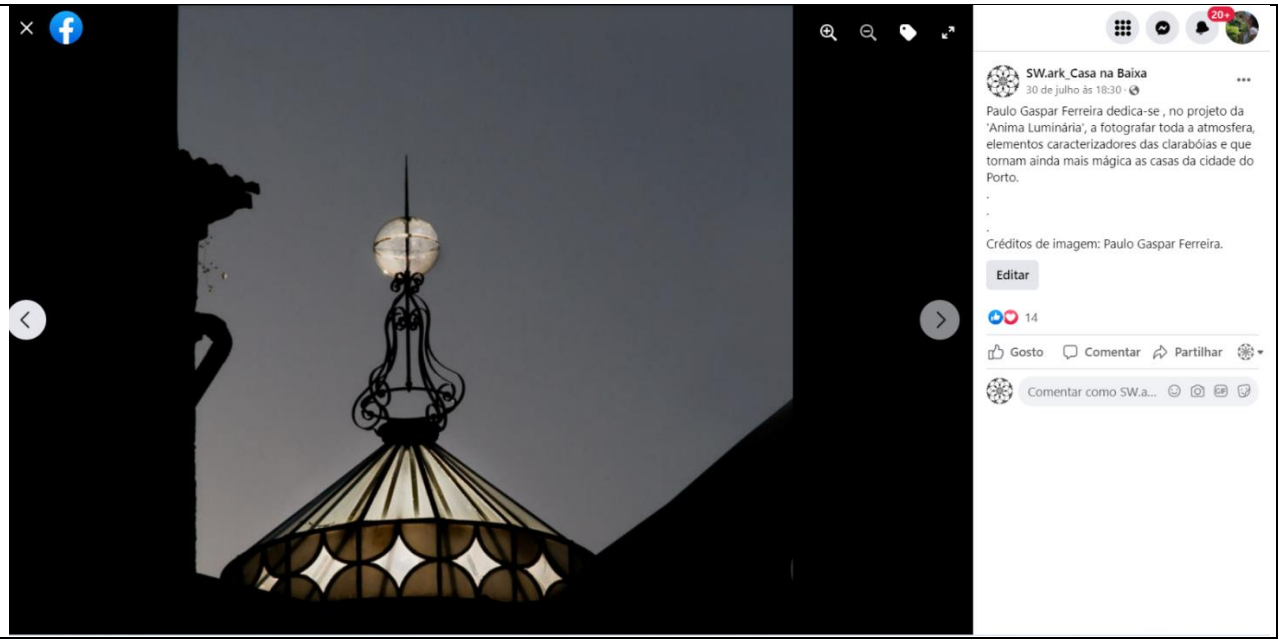
	29 de julho de 2022 (18:30h)	Facebook	

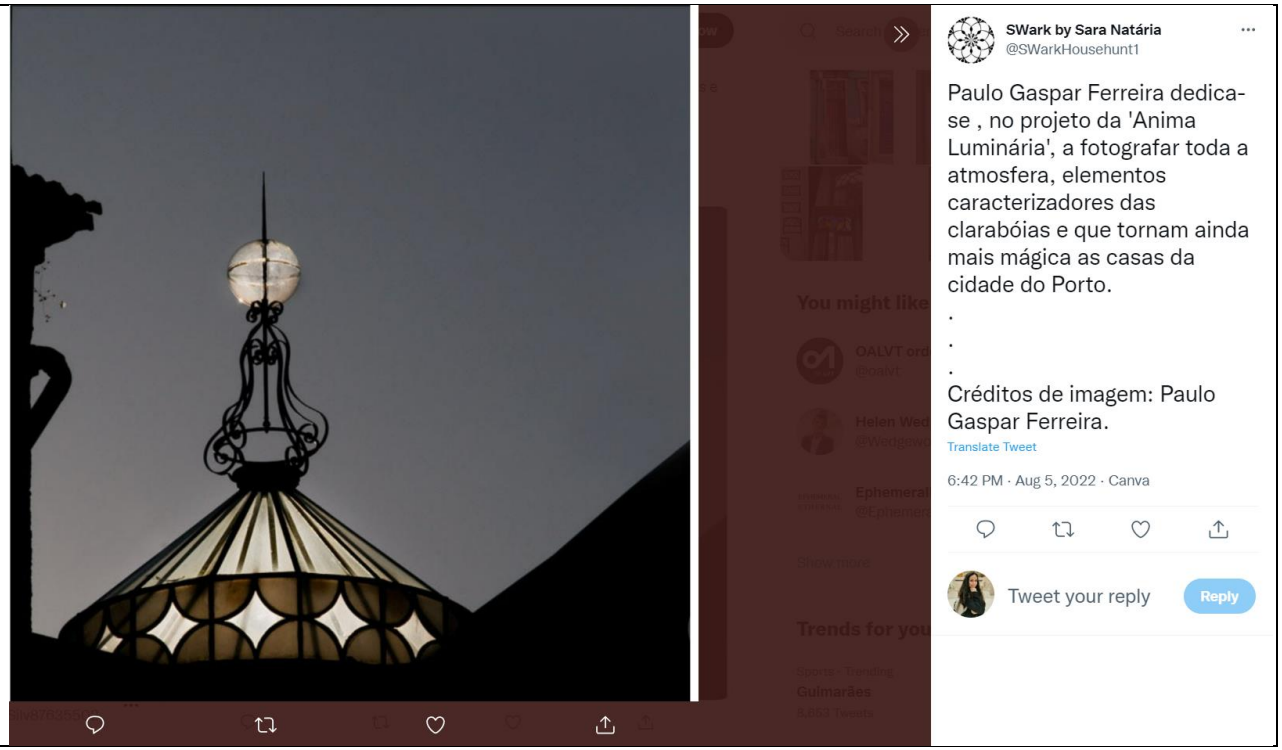
	5 de agosto de 2022 (18:40h)	Twitter	

	5 de agosto de 2022 (18:40h)	Pinterest	 Heritage Guardar **Claraboia** Elementos decorativos da claraboia: vidros de cor. Créditos de imagem: SWARK. SWark 1,3mil seguidores **Nota para ti próprio** O que queres recordar sobre este Pin? Adicionar nota **Comentários** Adicionar um comentário Tu guardaste em **Heritage**

	5 de agosto de 2022 (18:42h)	Pinterest	 Heritage Guardar Claraboia Elementos decorativos da claraboia: cata-ventos. SWark 1,3mil seguidores Nota para ti próprio O que queres recordar sobre este Pin? Adicionar nota Comentários Adicionar um comentário Tu guardaste em Heritage

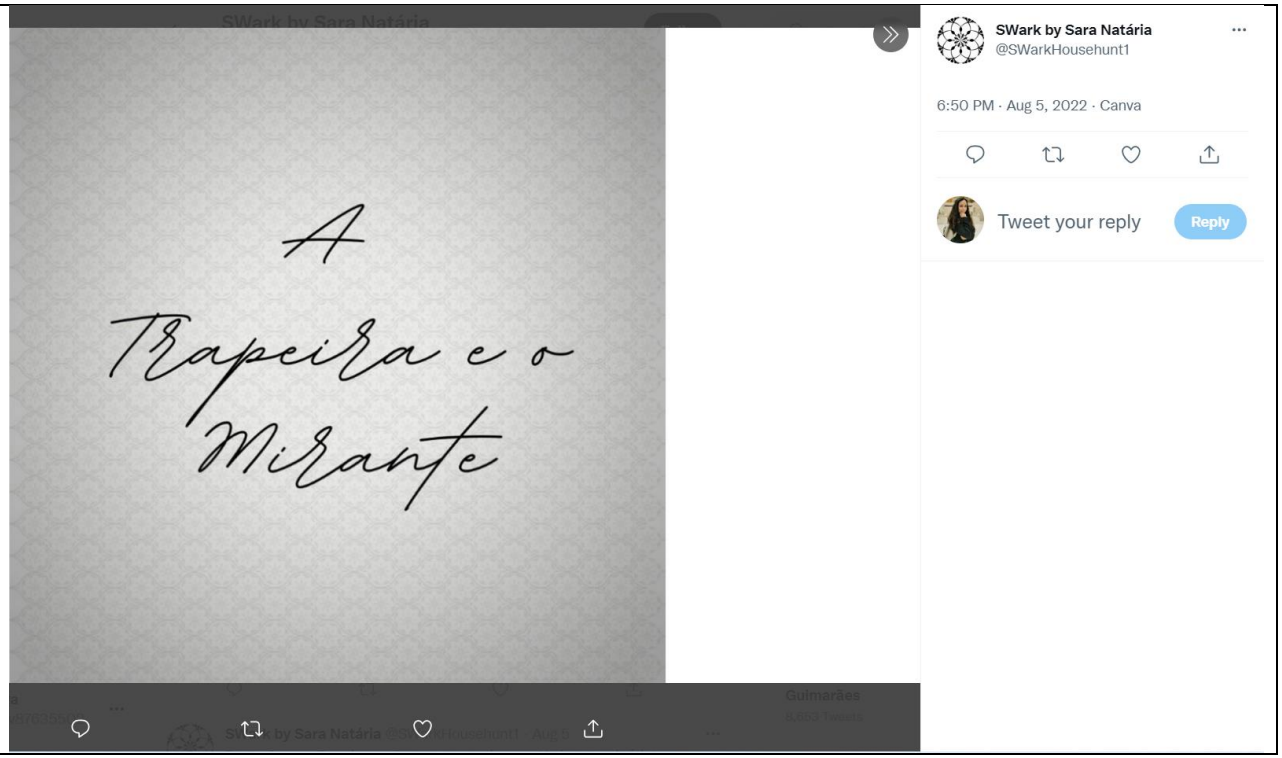
	30 de julho de 2022 (18:30h)	Instagram	

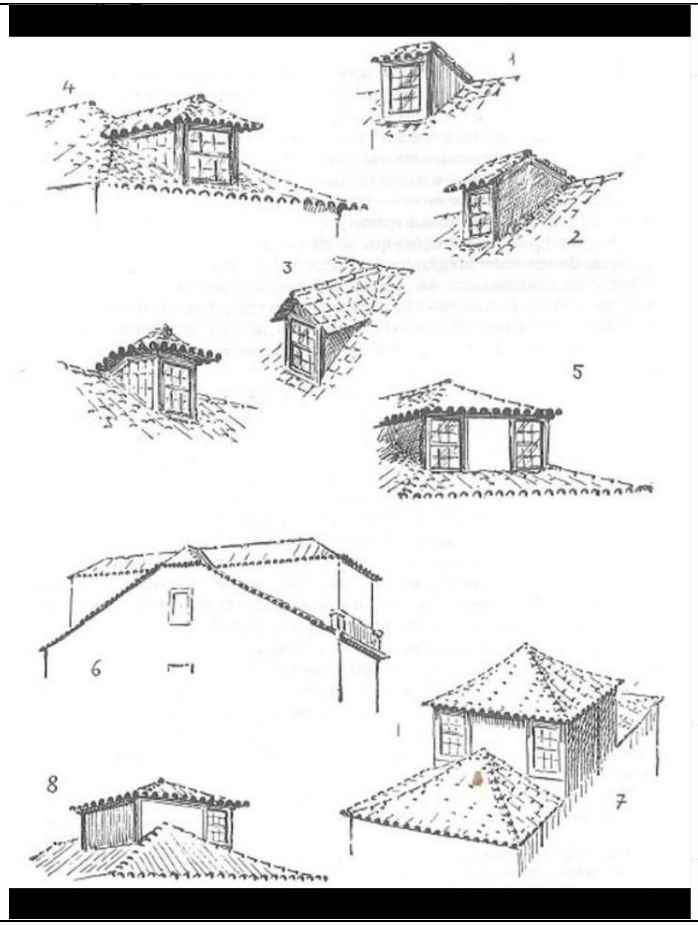
	30 de julho de 2022 (18:30h)	Facebook	

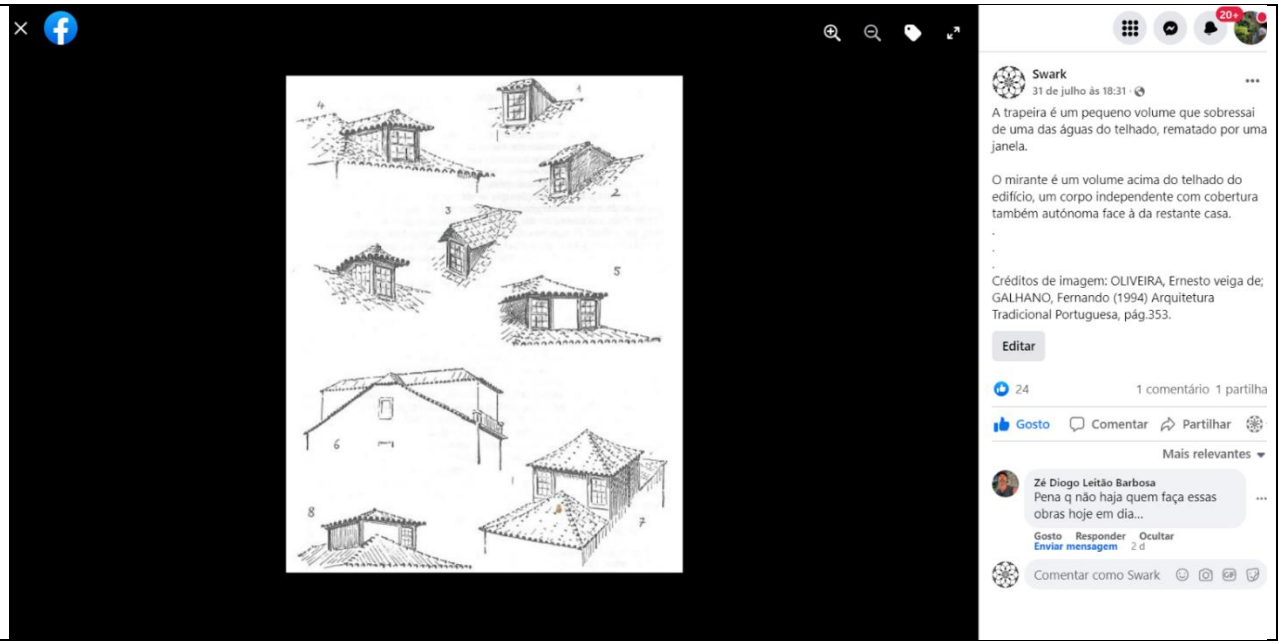
	5 de agosto de 2022 (18:42h)	Twitter	

A Trapeira e o Mirante	31 de julho de 2022 (18:30h)	Instagram	

	31 de julho de 2022 (18:30h)	Facebook	

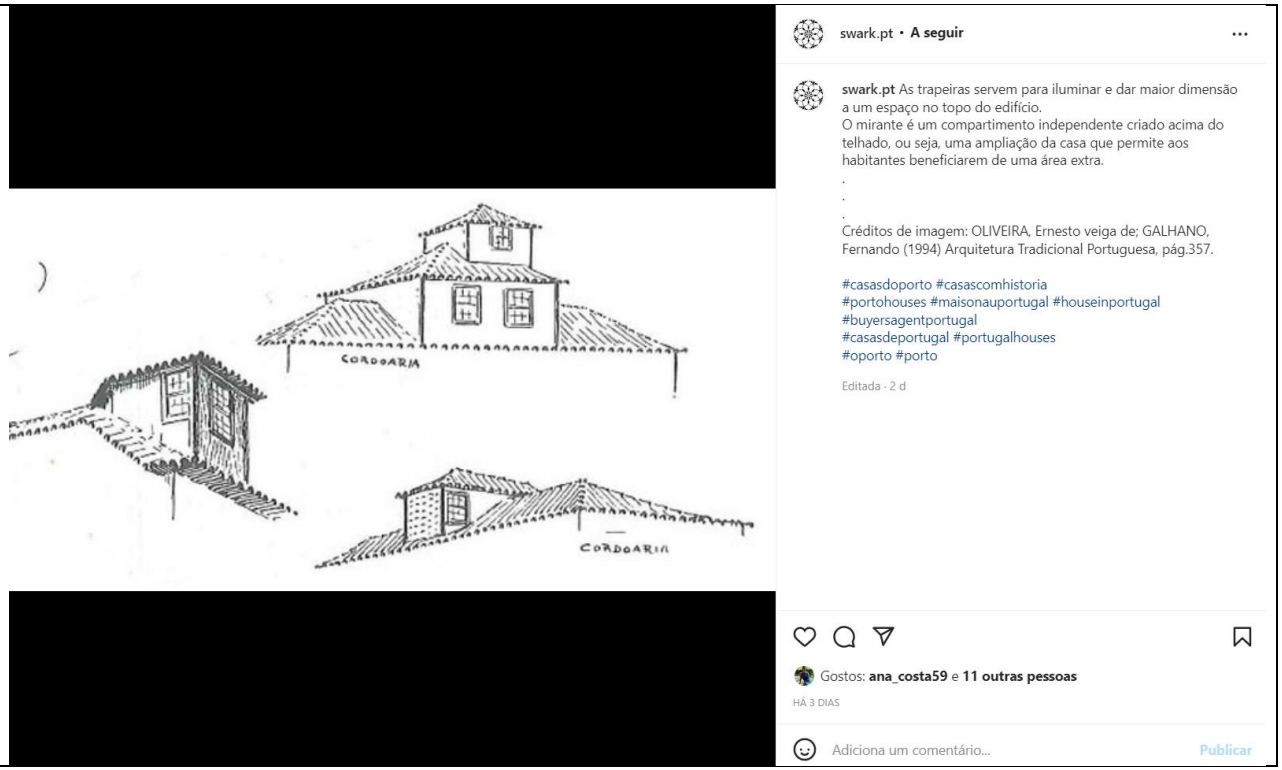
	5 de agosto de 2022 (18:50h)	Twitter	

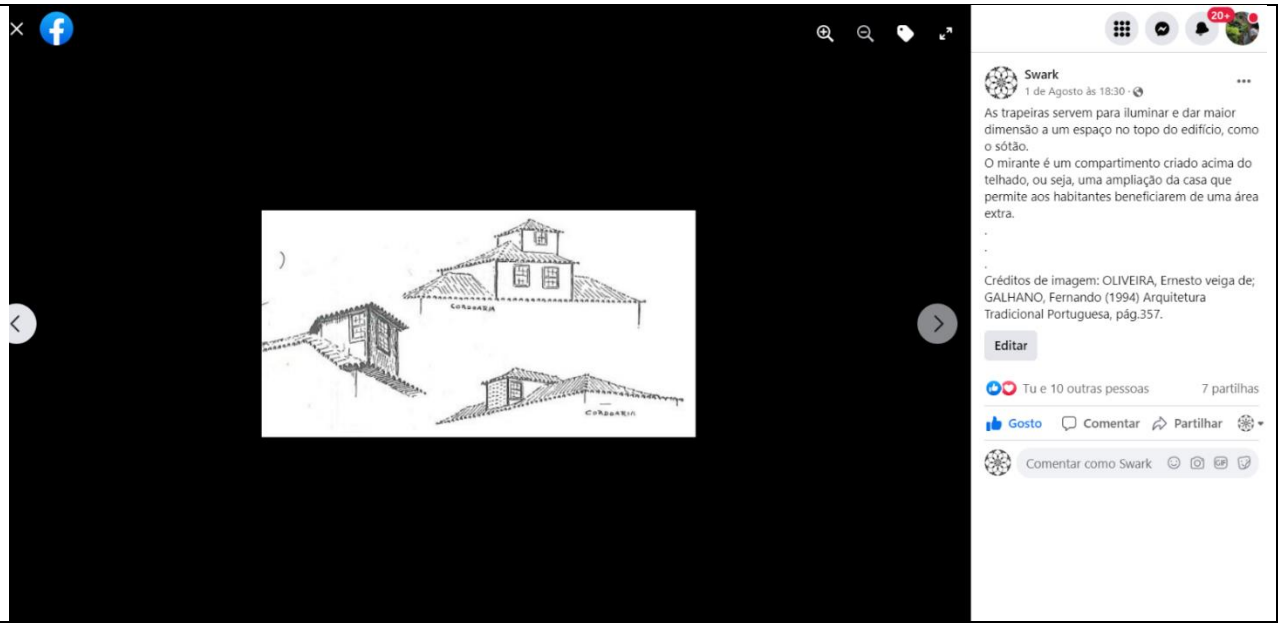
	31 de julho de 2022 (18:31h)	Instagram	

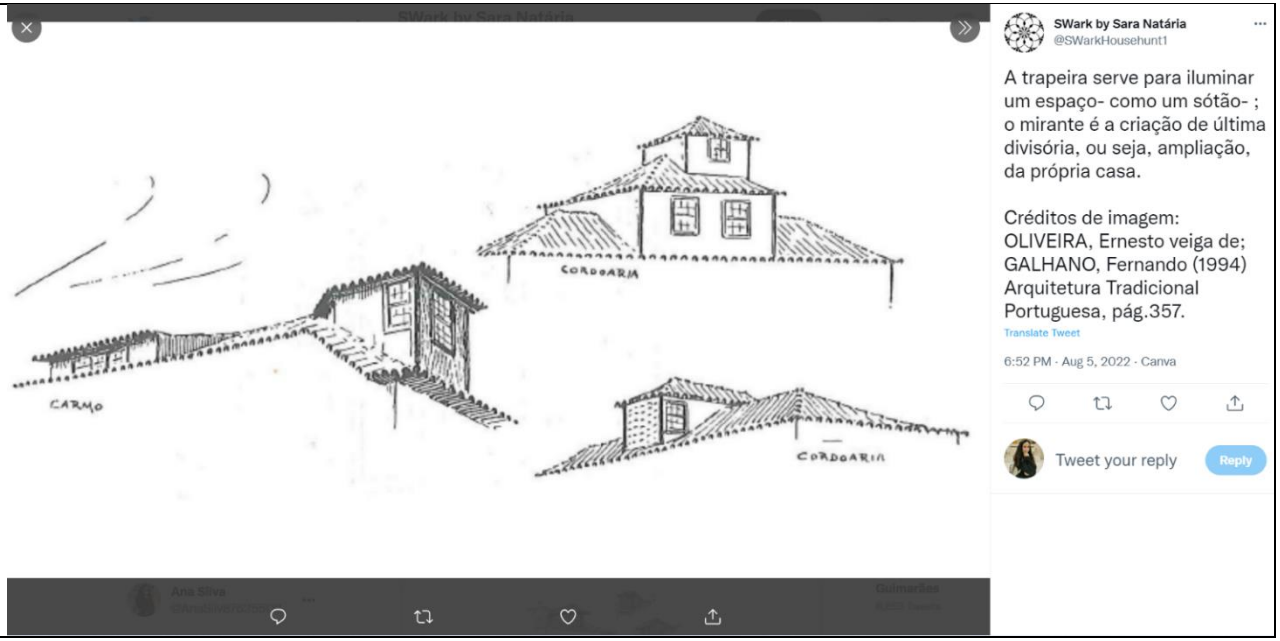
	31 de julho de 2022 (18:31h)	Facebook	

	5 de agosto de 2022 (18:51h)	Twitter	

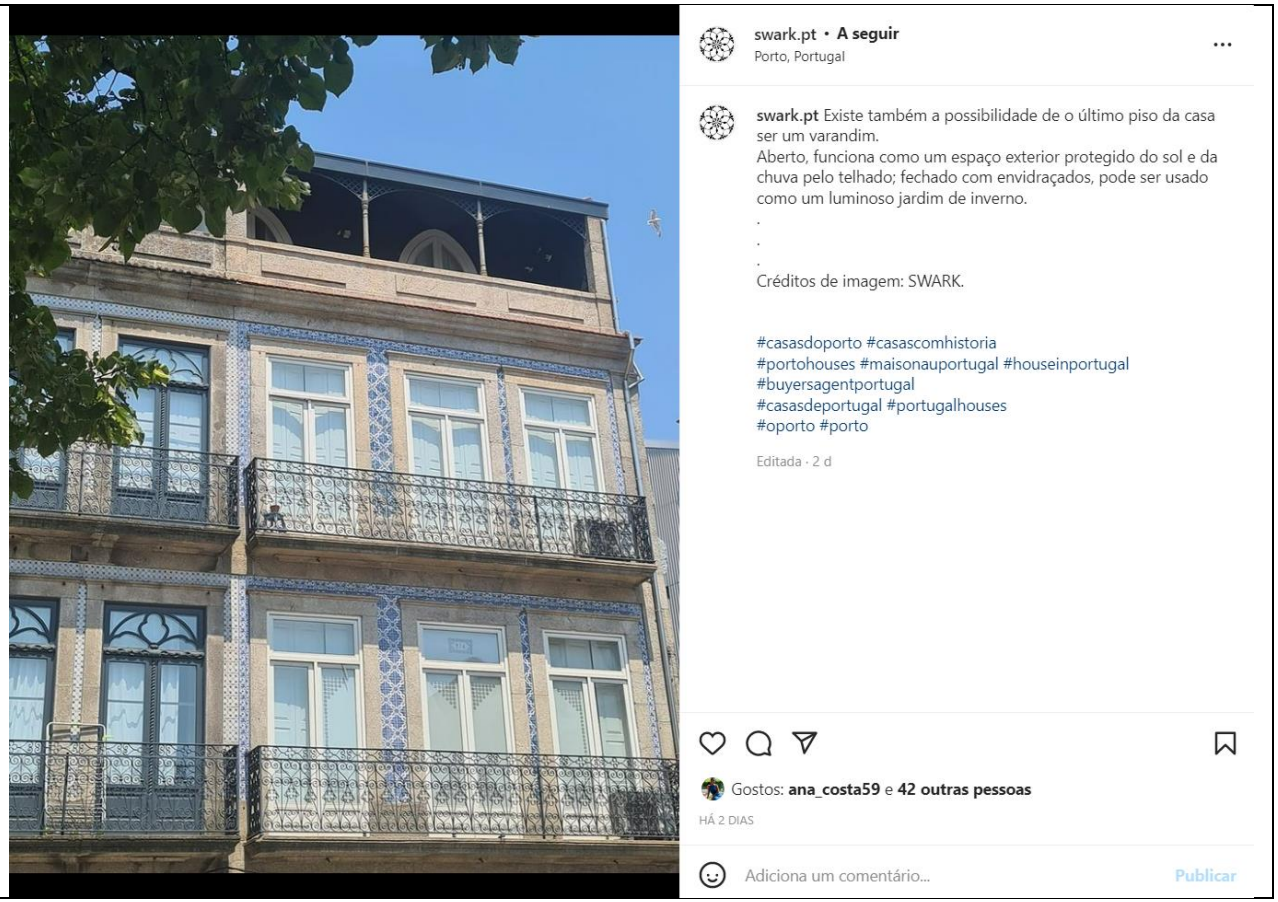
	5 de agosto de 2022 (18:44h)	Pinterest	

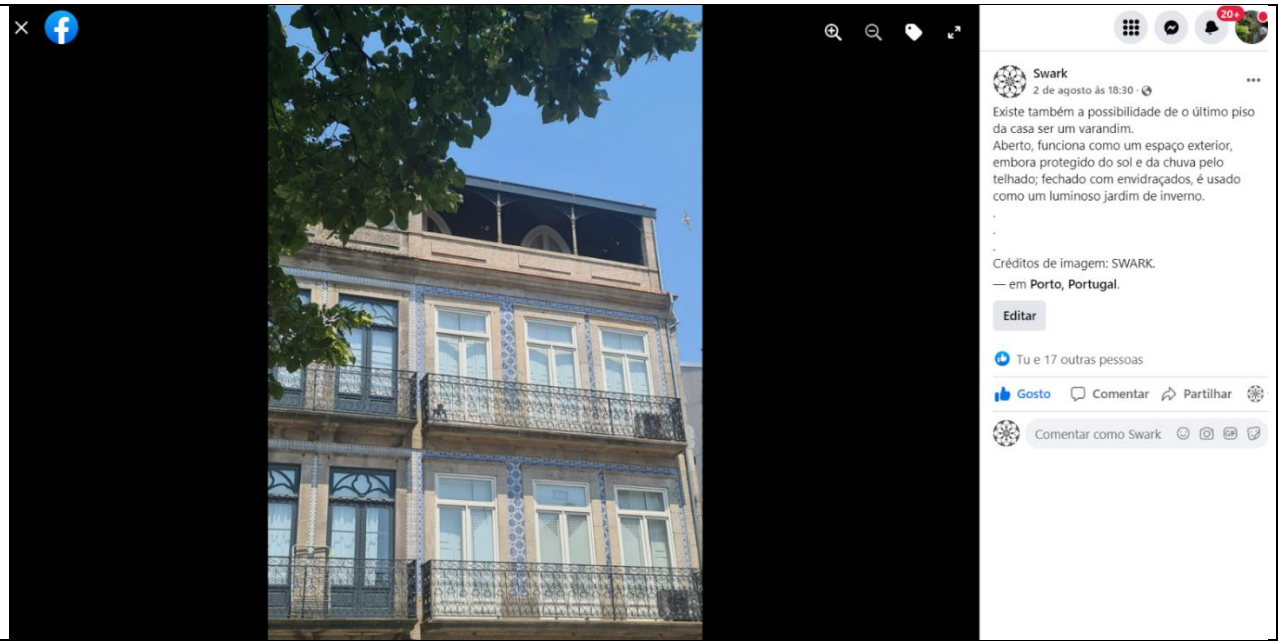
	1 de agosto de 2022 (18:30h)	Instagram	

	1 de agosto de 2022 (18:30h)	Facebook	

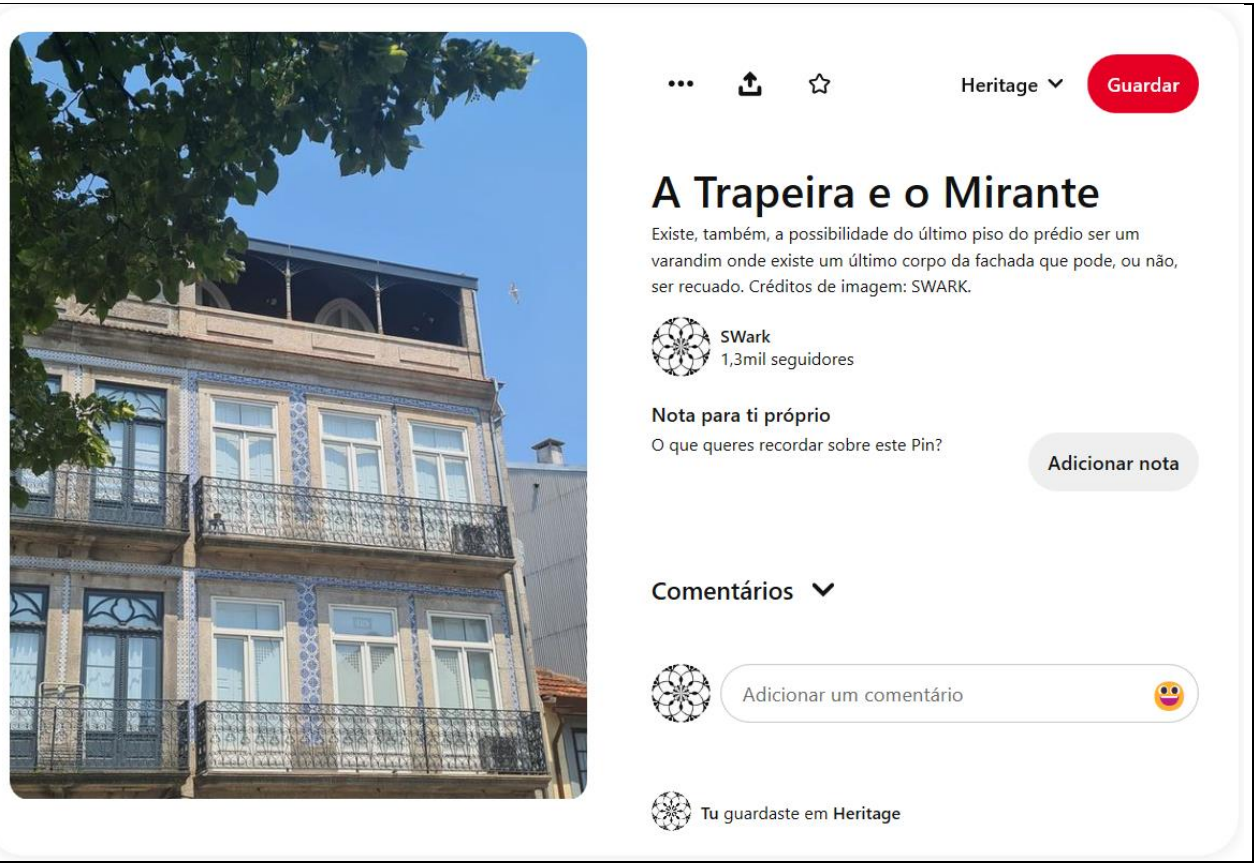
	5 de agosto de 2022 (18:52h)	Twitter	

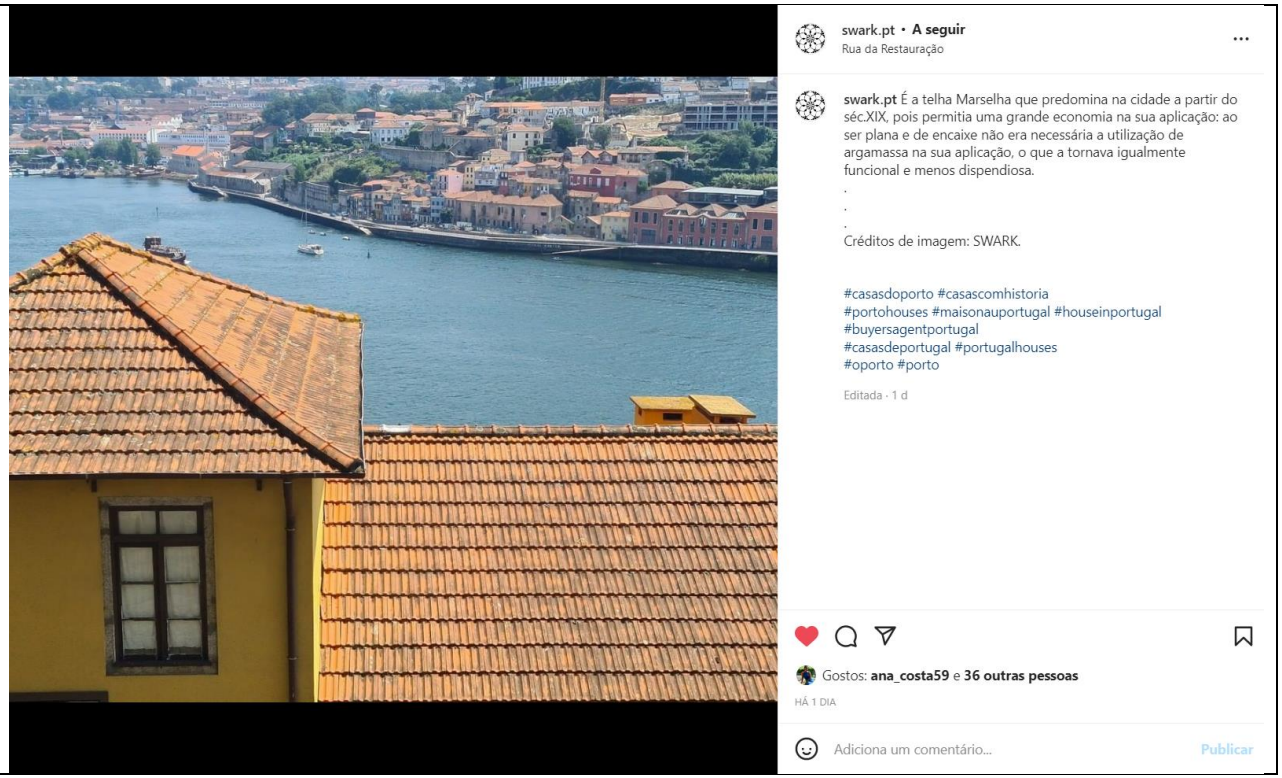
	5 de agosto de 2022 (18:46h)	Pinterest	

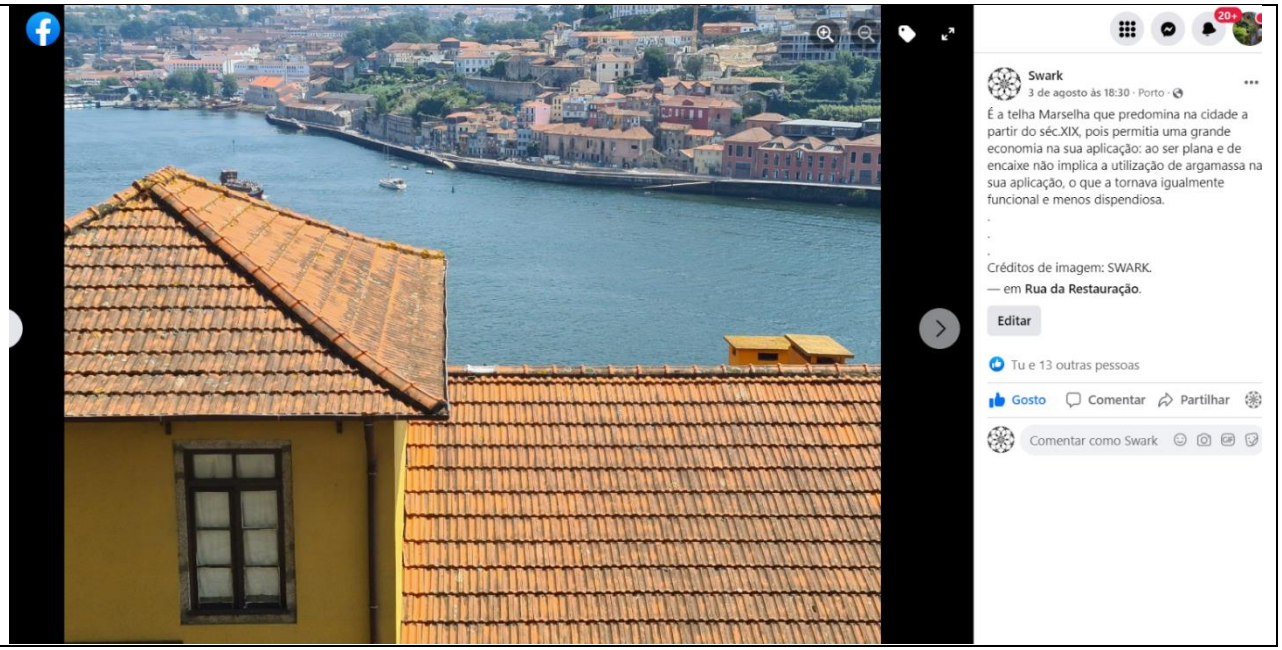
	2 de agosto de 2022 (18:30h)	Instagram	

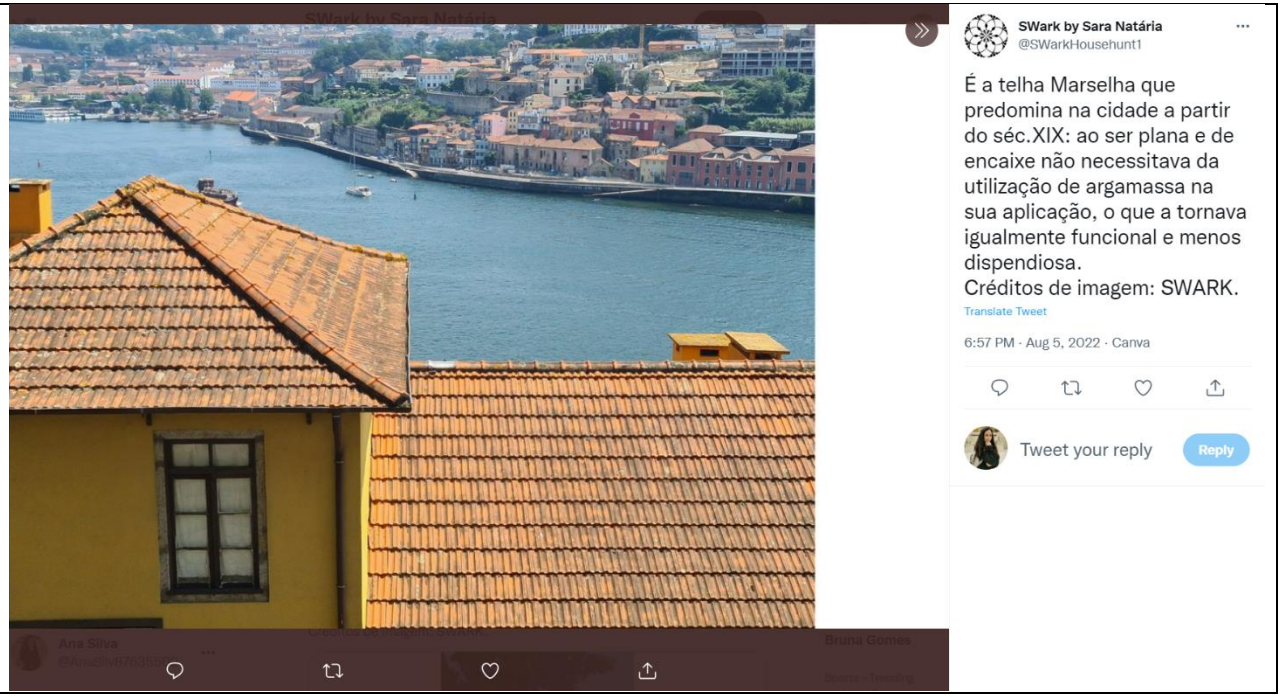
	2 de agosto de 2022 (18:30h)	Facebook	

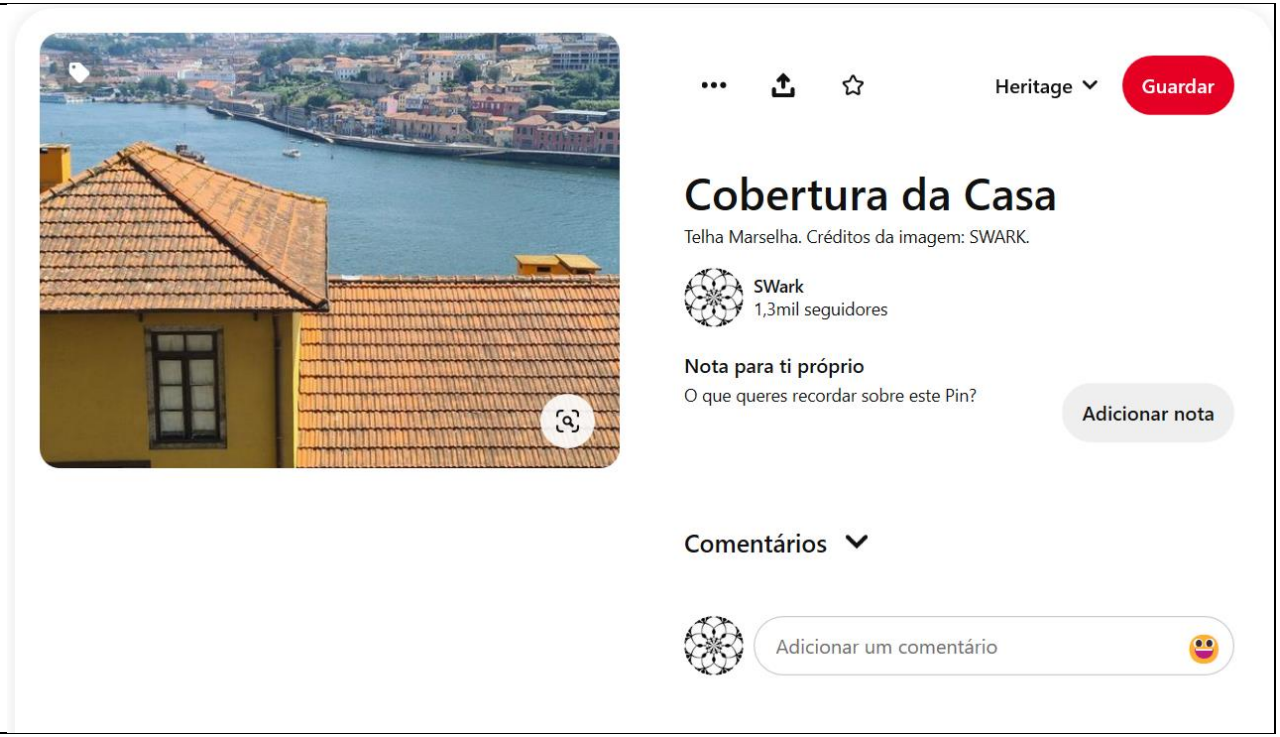
	5 de agosto de 2022 (18:56h)	Twitter	

	5 de agosto de 2022 (18:48h)	Pinterest	

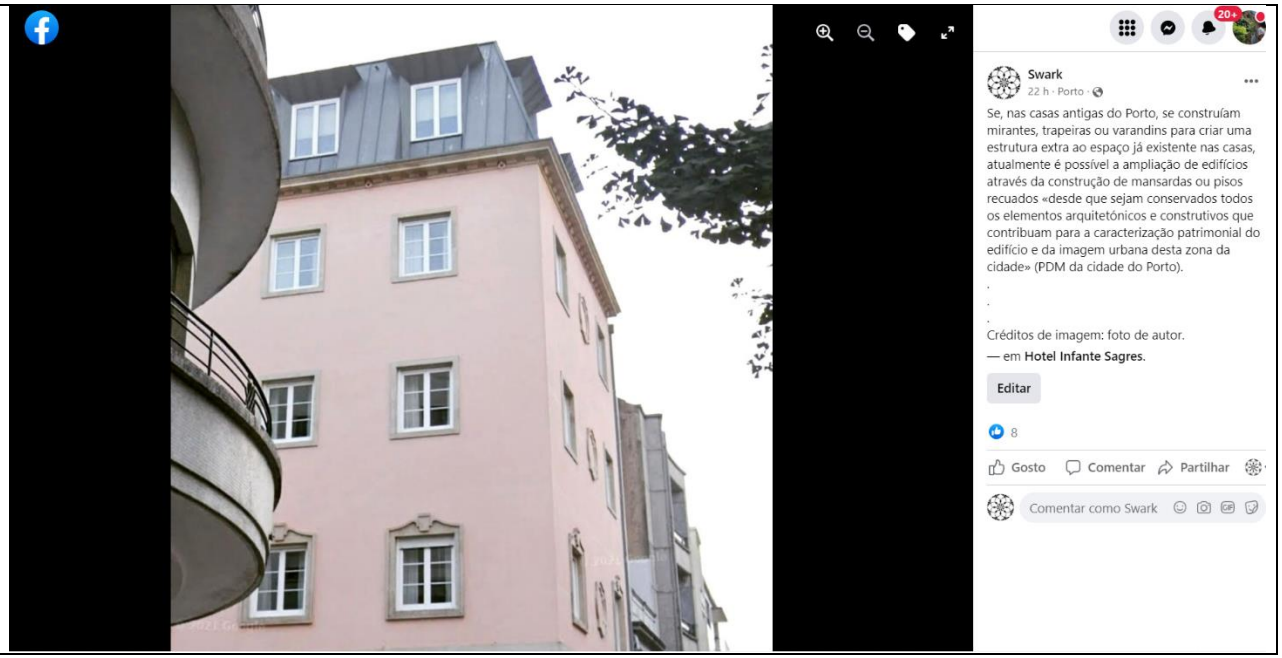
	3 de agosto de 2022 (18:30h)	Instagram	

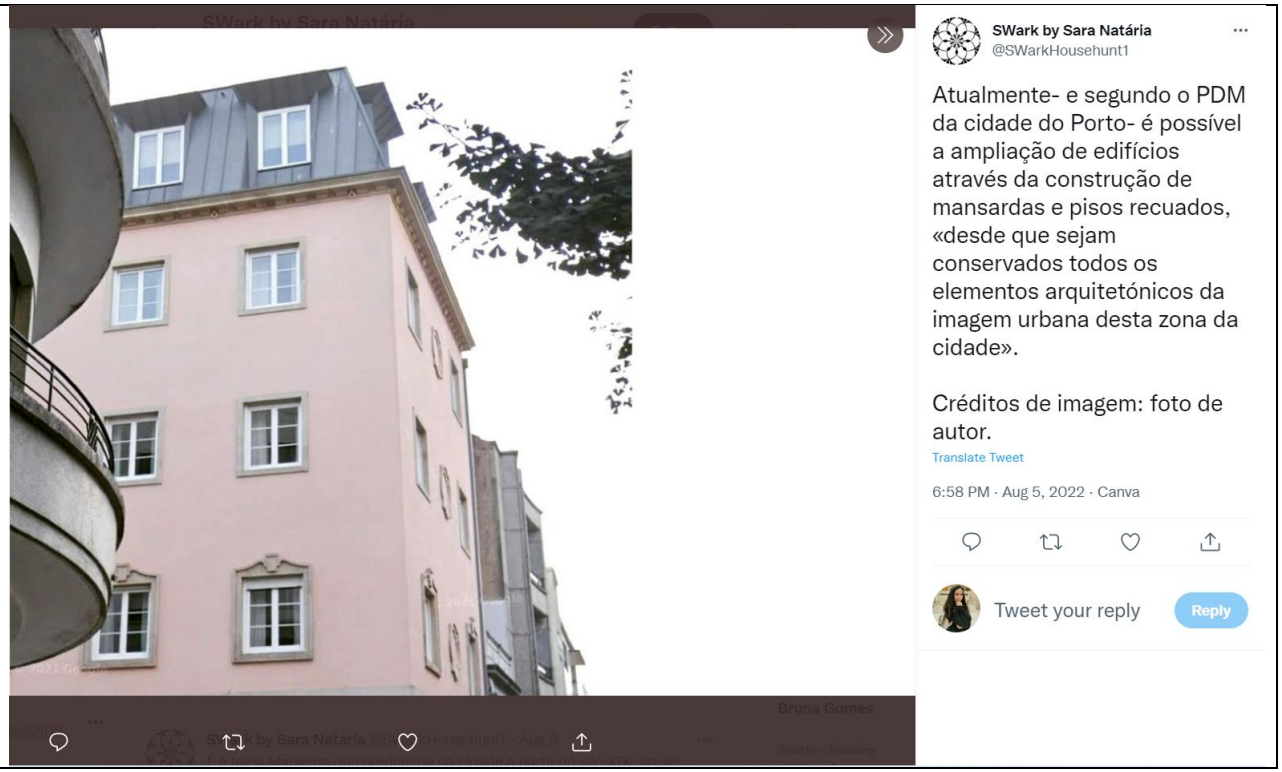
	3 de agosto de 2022 (18:30h)	Facebook	

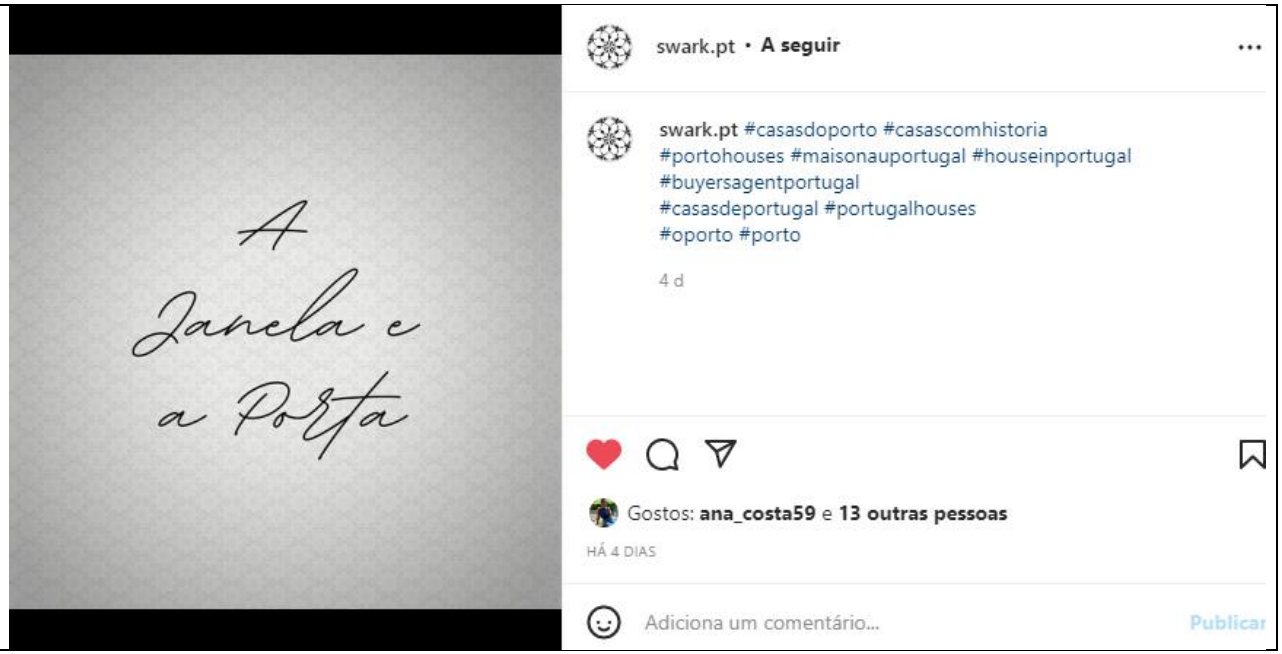
	5 de agosto de 2022 (18:57h)	Twitter	

	5 de agosto de 2022 (18:50h)	Pinterest	

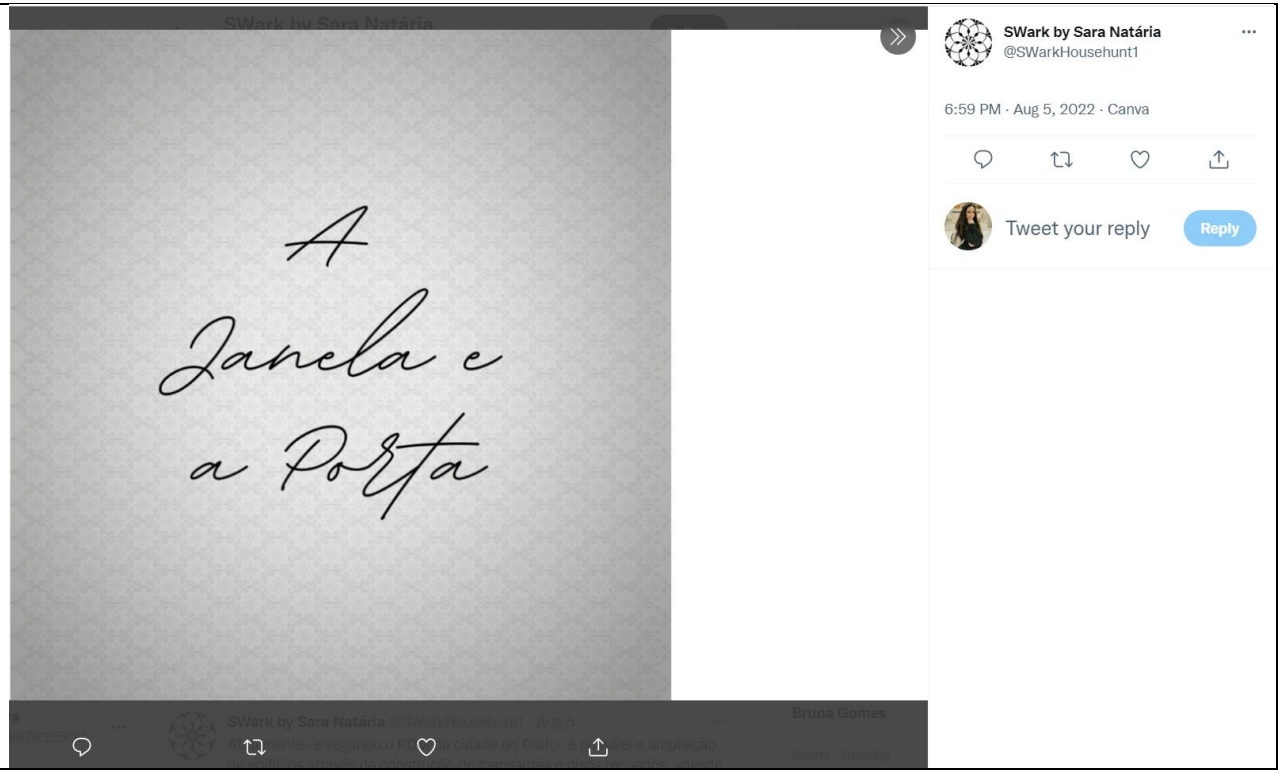
	4 de agosto de 2022 (18:30h)	Instagram	

	4 de agosto de 2022 (18:30h)	Facebook	

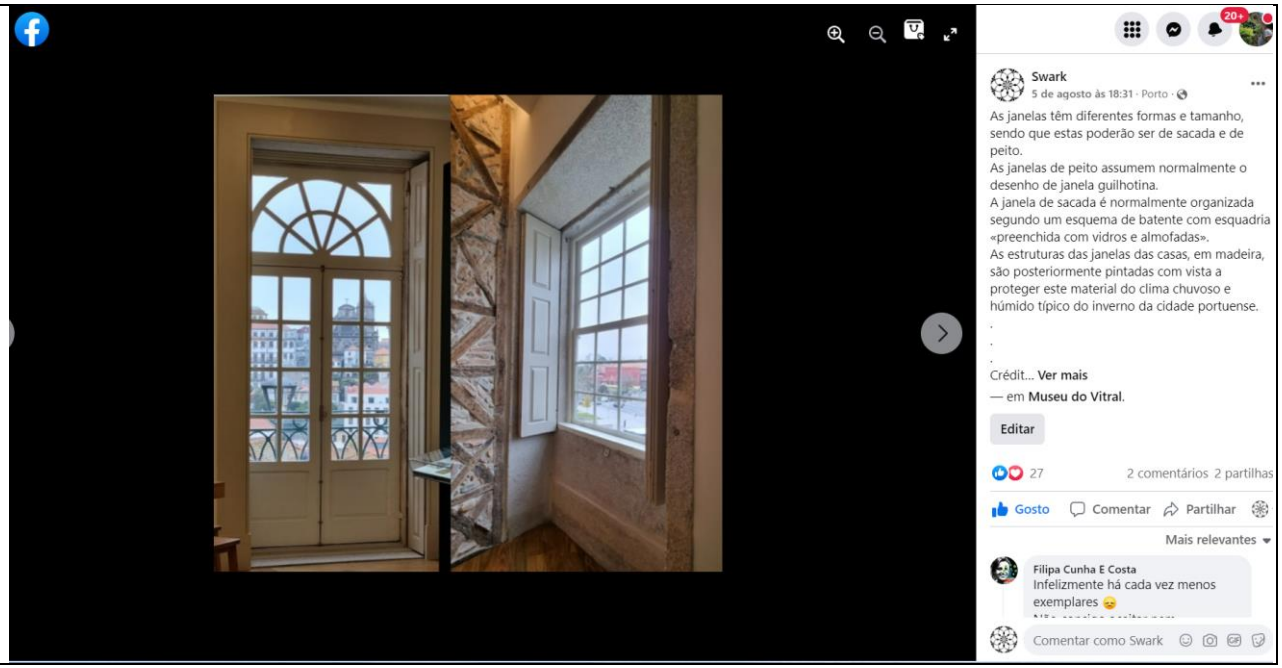
	5 de agosto de 2022 (18:58h)	Twitter	

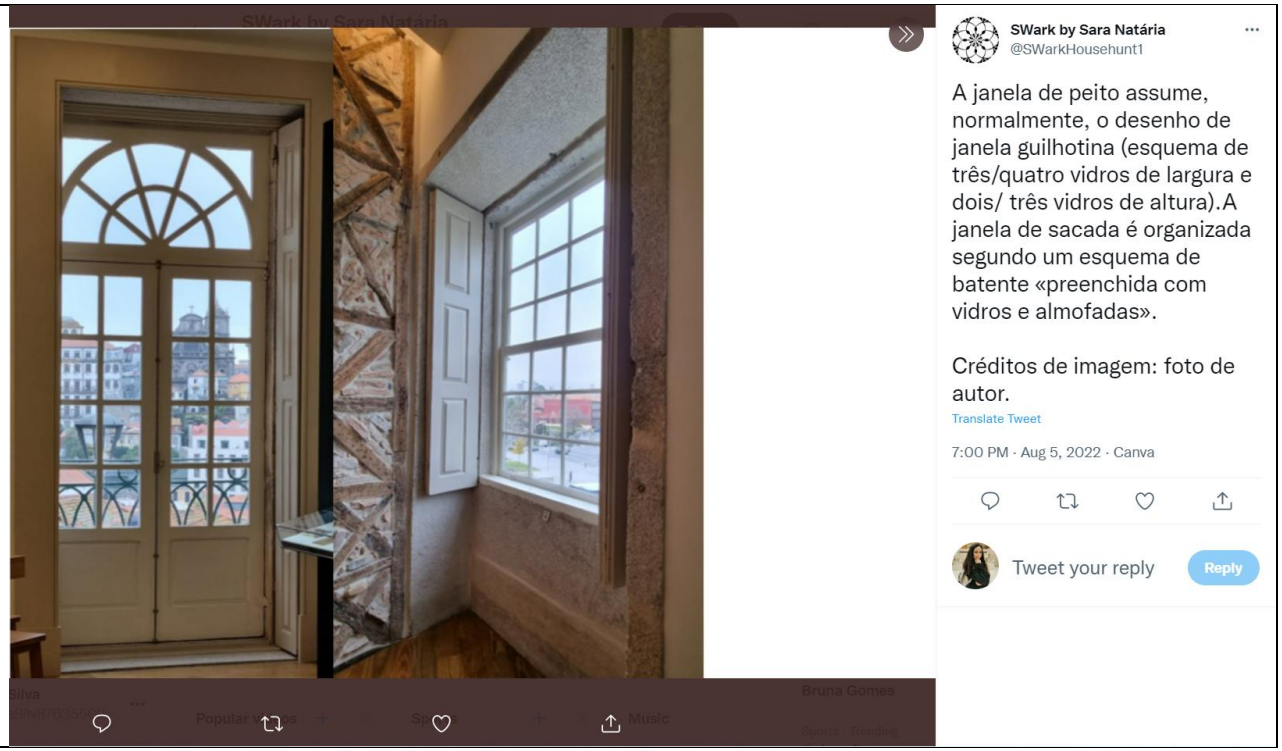
A Porta e a Janela	5 de agosto de 2022 (18:30h)	Instagram	

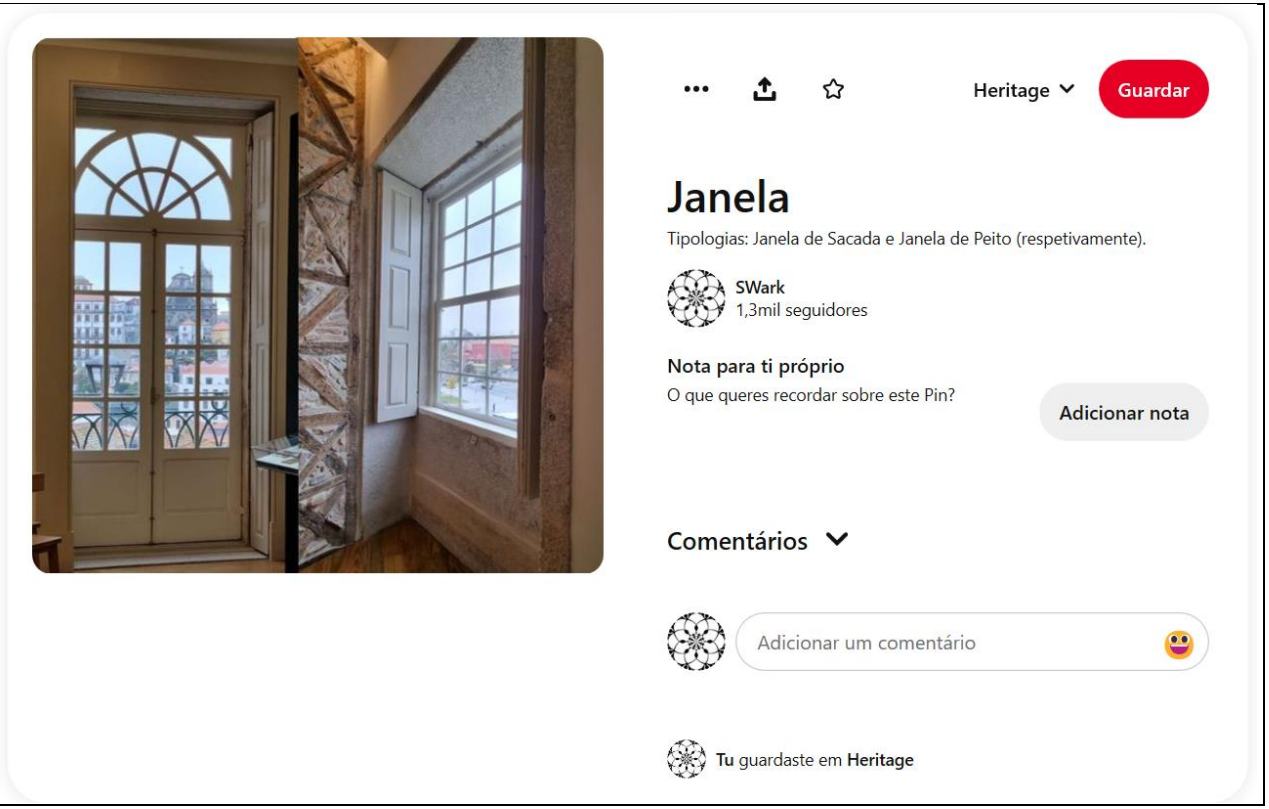
	5 de agosto de 2022 (18:30h)	Facebook	

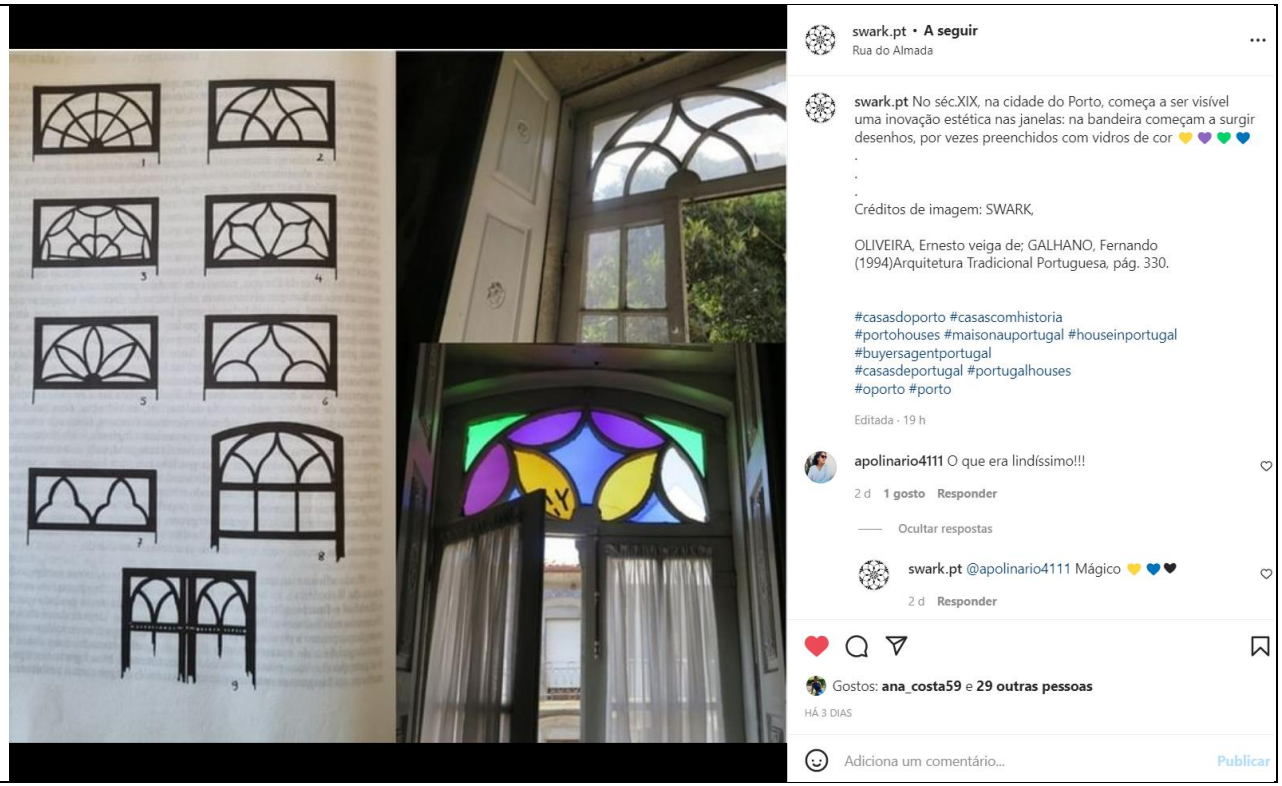
	5 de agosto de 2022 (18:59h)	Twitter	

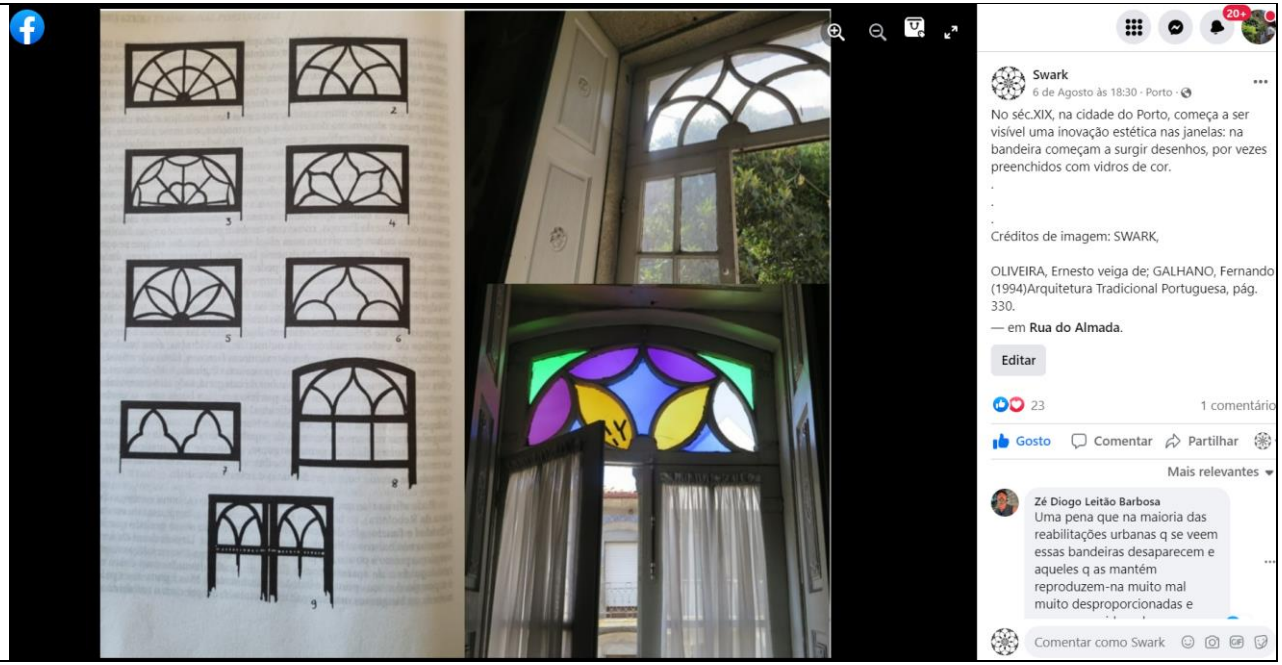
	5 de agosto de 2022 (18:31h)	Instagram	

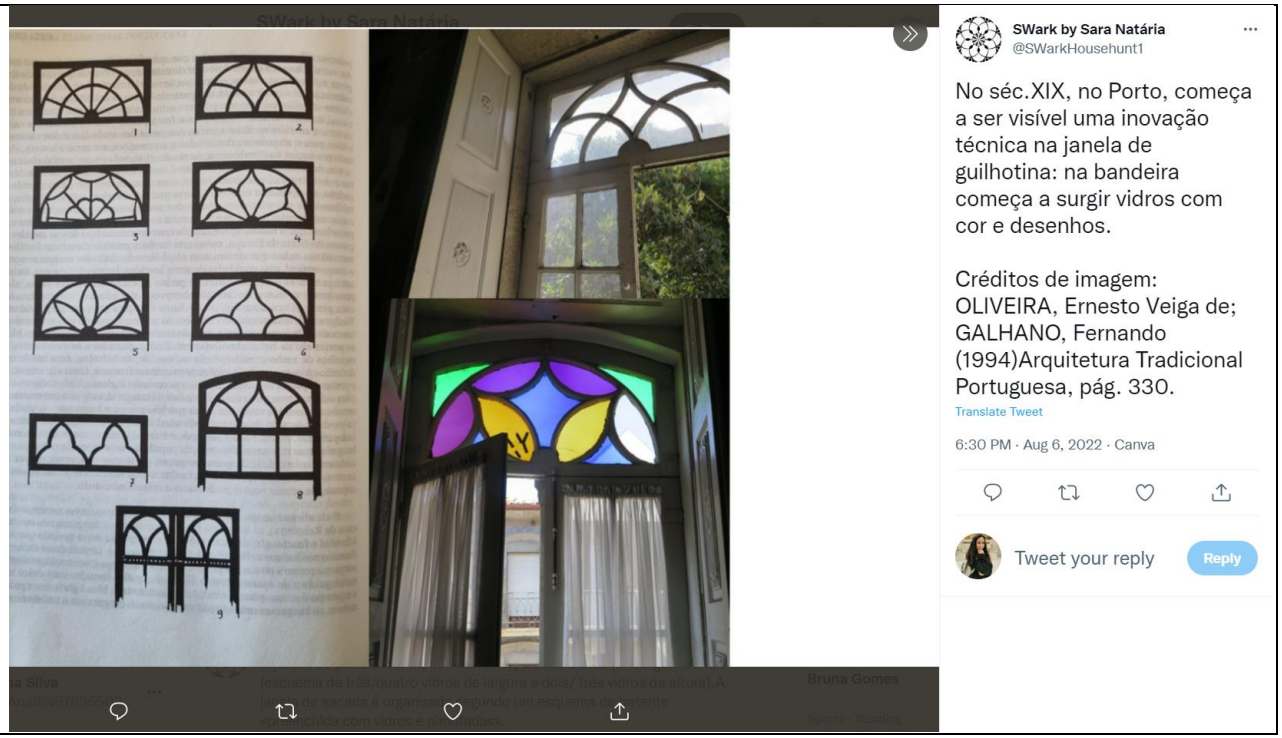
	5 de agosto de 2022 (18:31h)	Facebook	

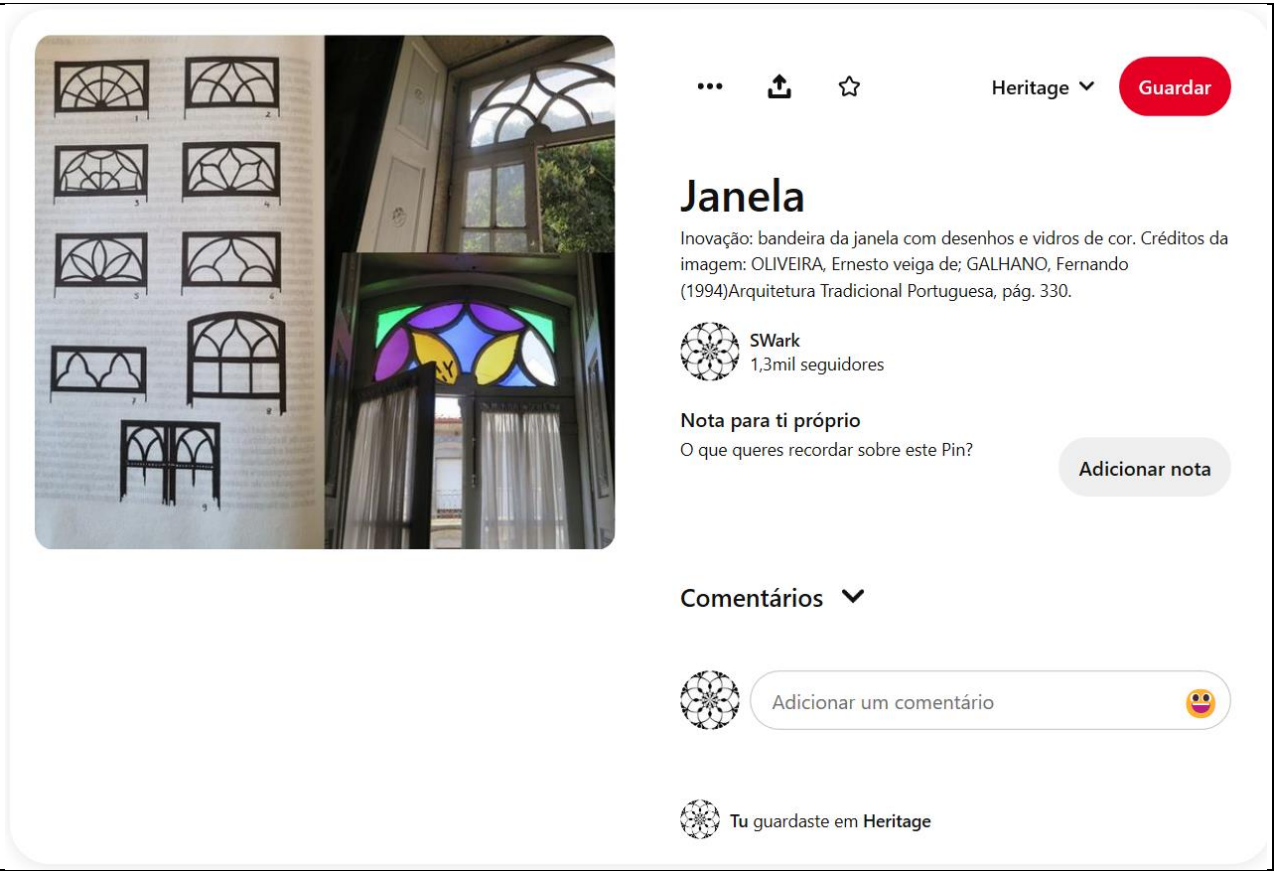
	5 de agosto de 2022 (19:00h)	Twitter	

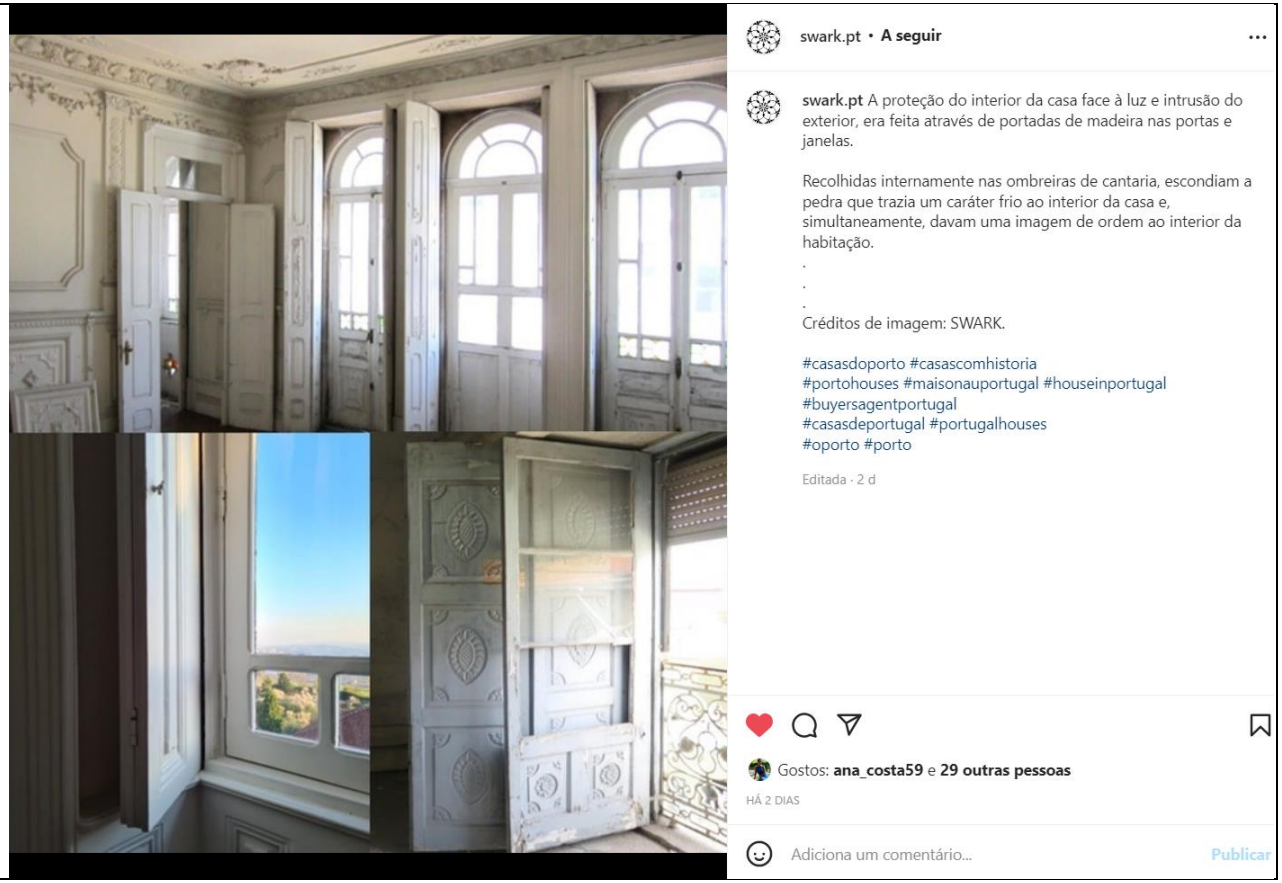
	5 de agosto de 2022 (18:52h)	Pinterest	

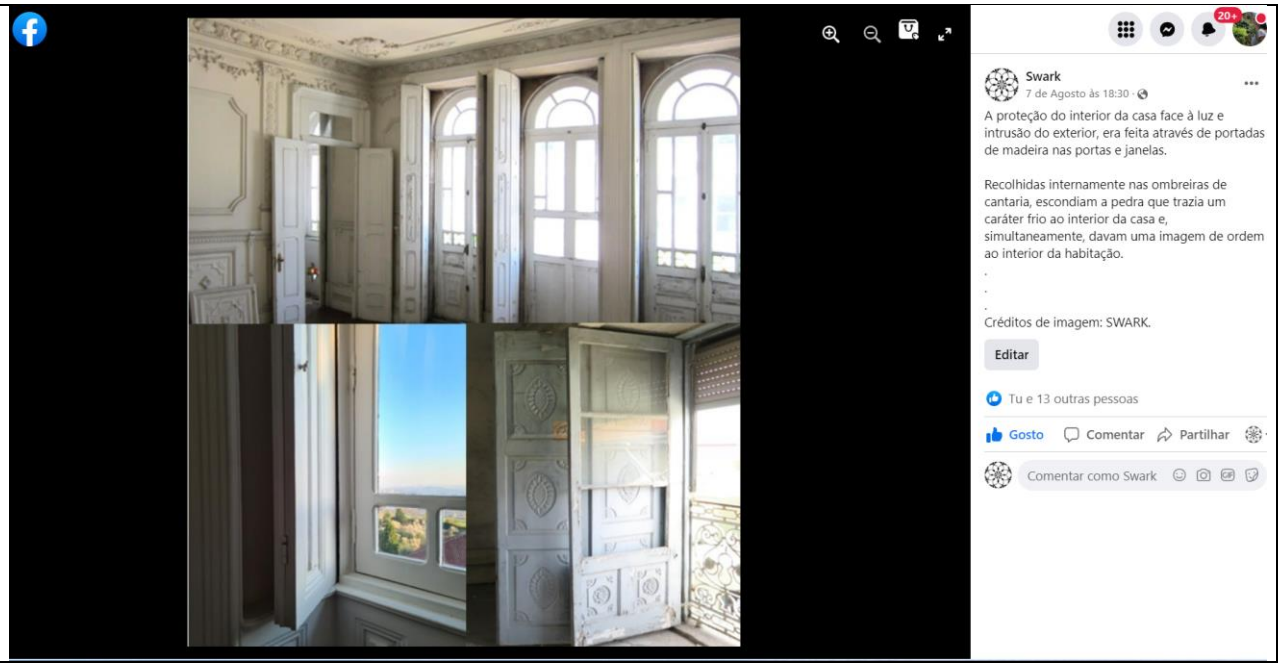
	6 de agosto de 2022 (18:30h)	Instagram	

	6 de agosto de 2022 (18:30h)	Facebook	

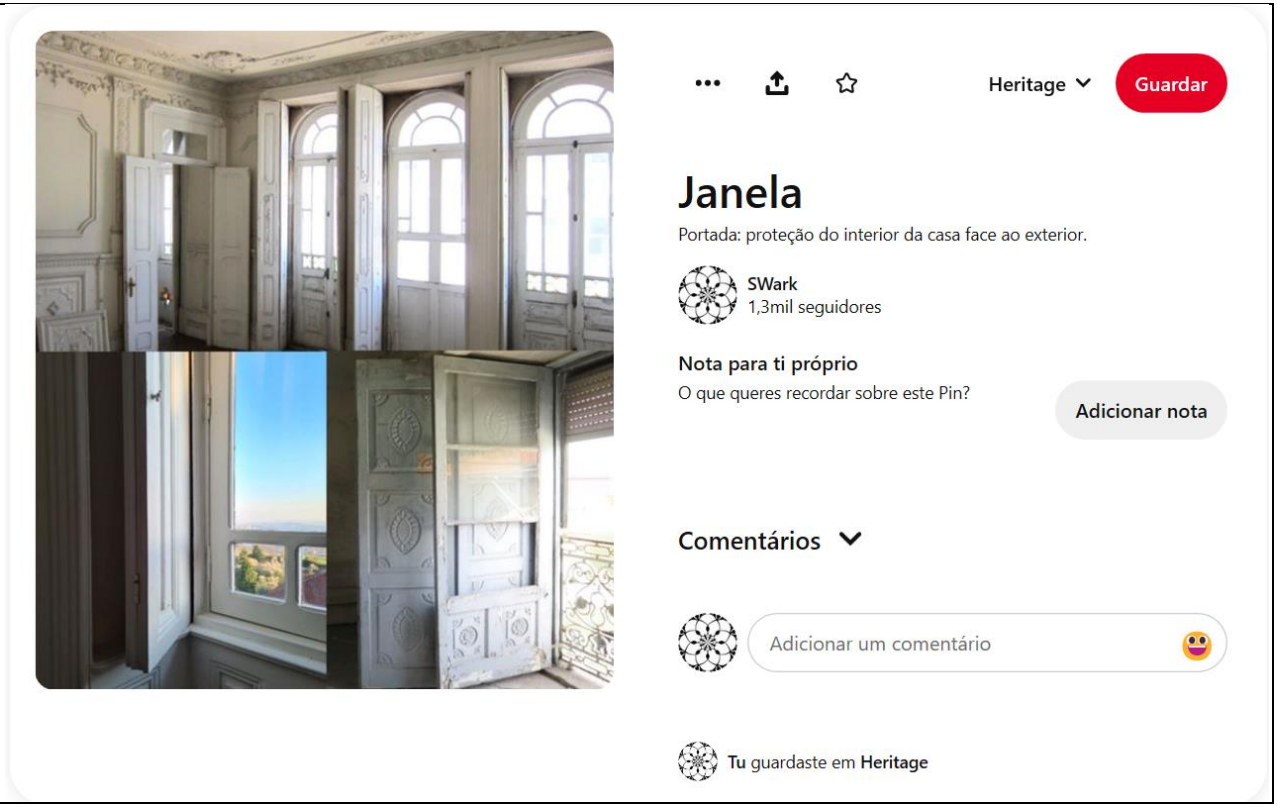
	6 de agosto de 2022 (18:30h)	Twitter	

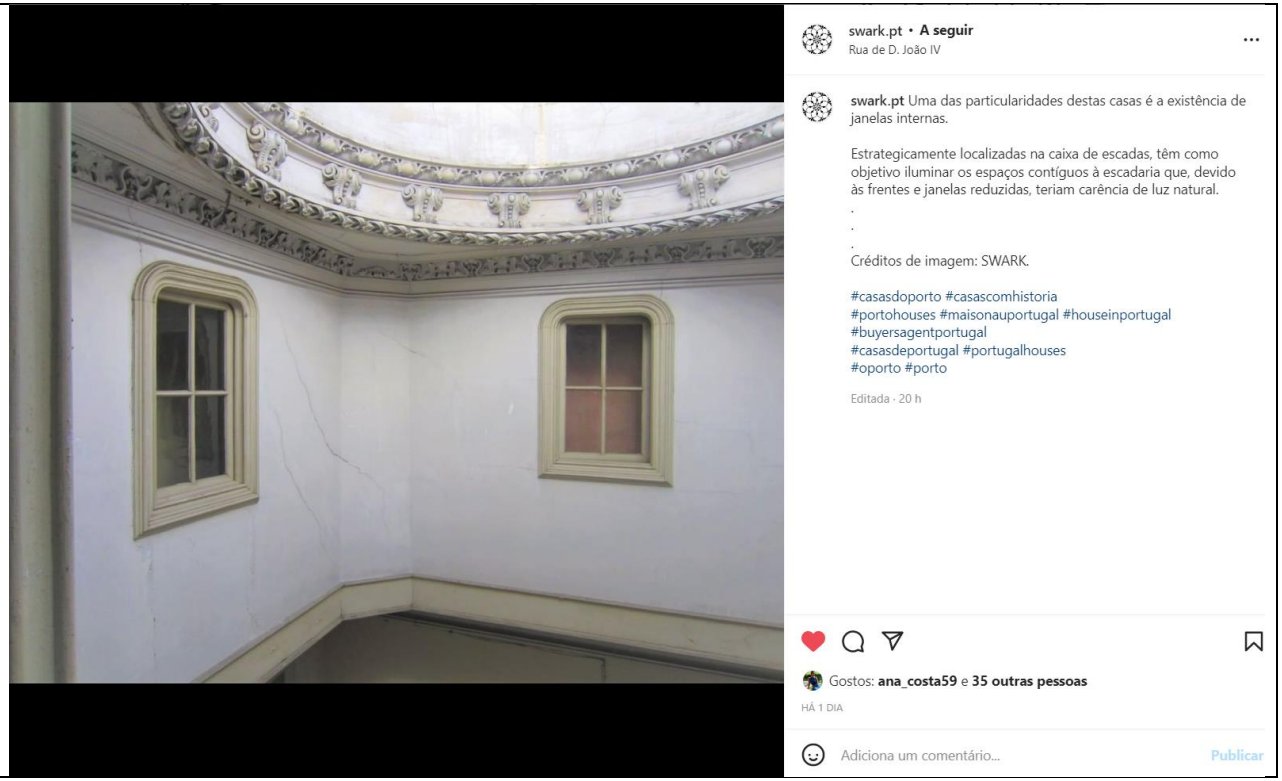
	6 de agosto de 2022 (18:30h)	Pinterest	

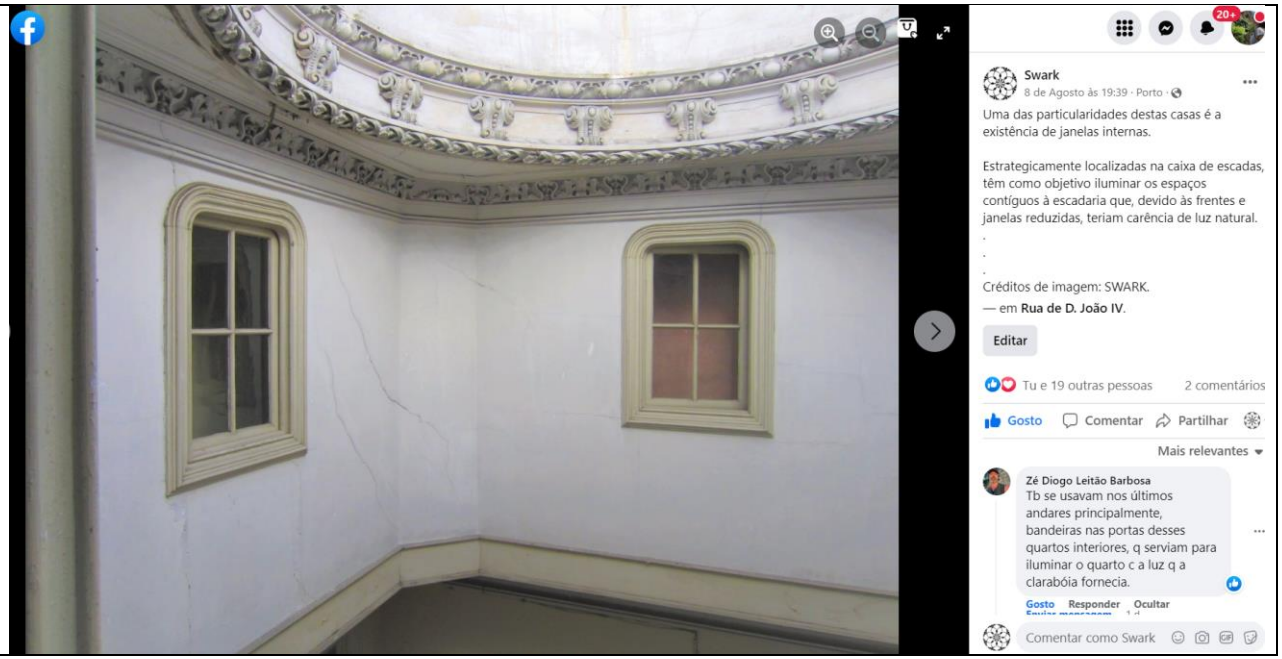
	7 de agosto de 2022 (18:30h)	Instagram	

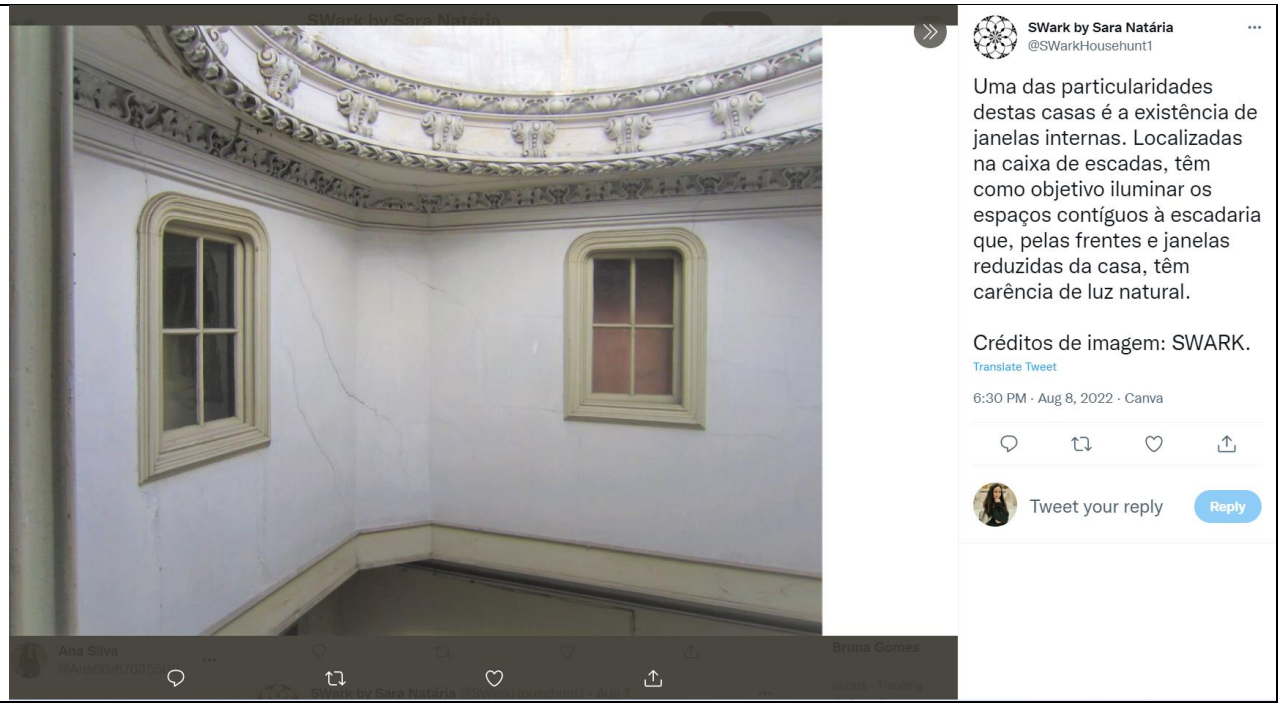
	7 de agosto de 2022 (18:30h)	Facebook	

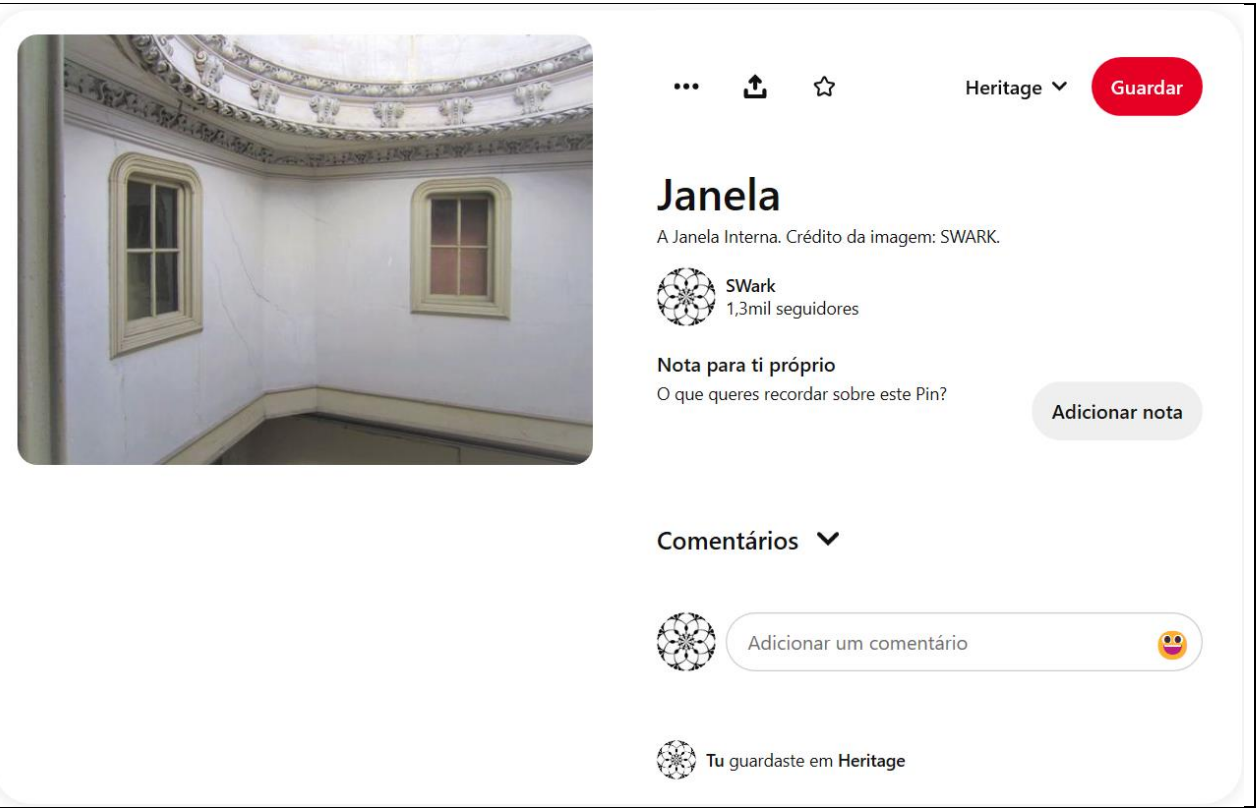
	7 de agosto de 2022 (18:30h)	Twitter	

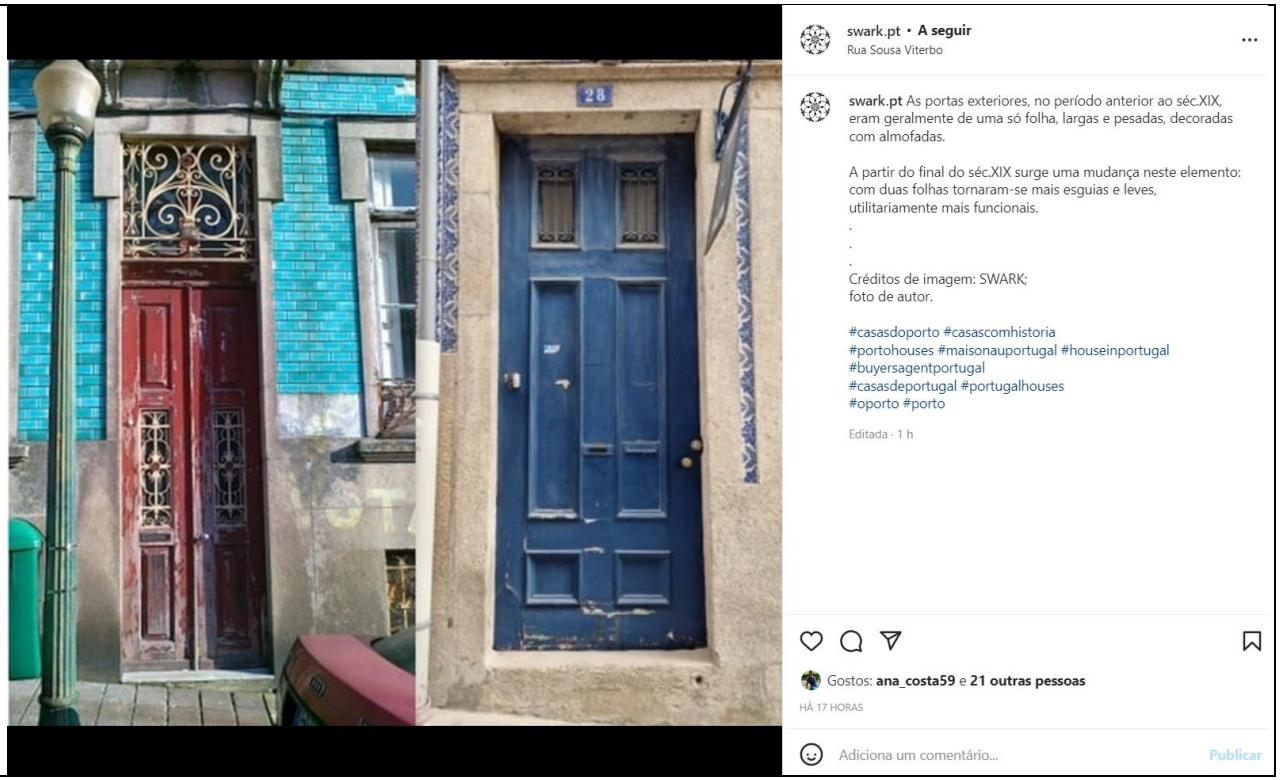
	7 de agosto de 2022 (18:30h)	Pinterest	

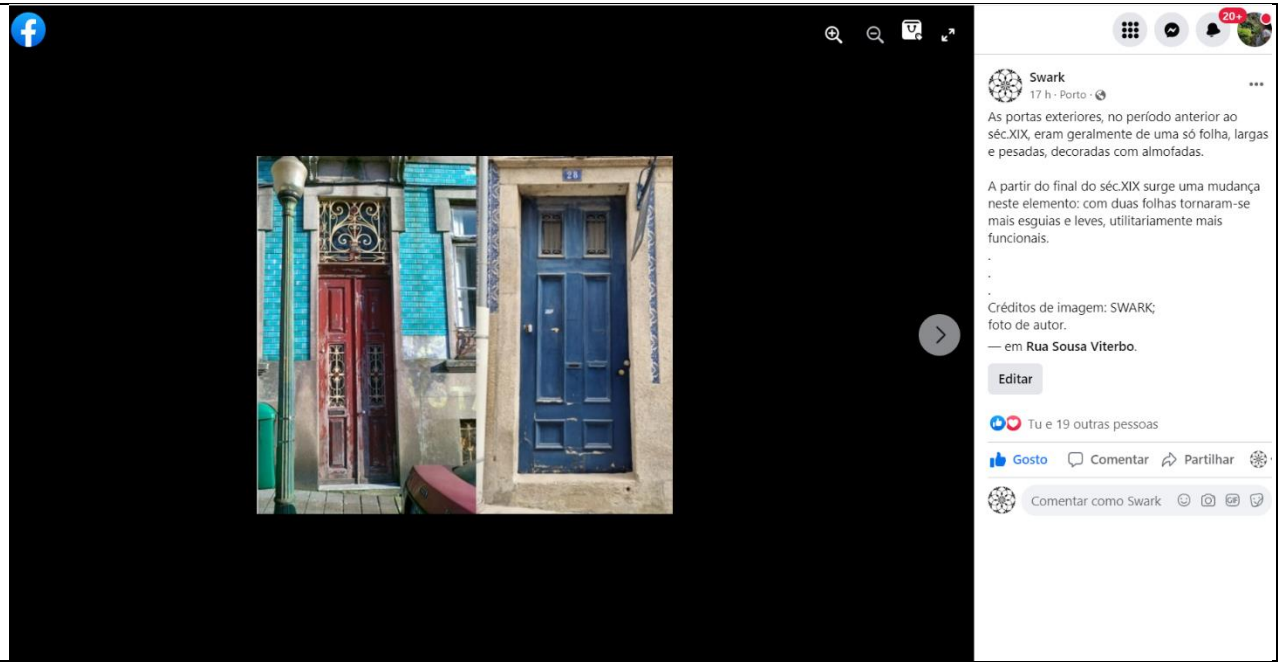
	8 de agosto de 2022 (18:30h)	Instagram	

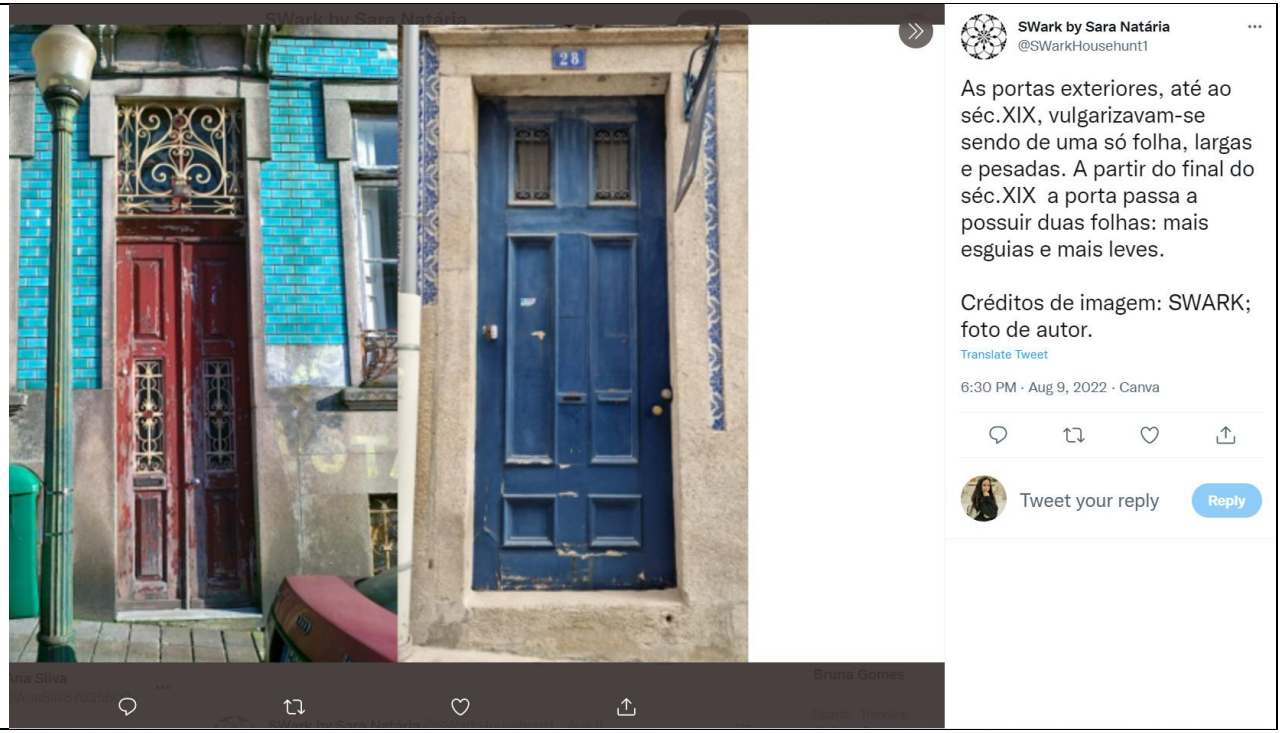
	8 de agosto de 2022 (18:30h)	Facebook	

	8 de agosto de 2022 (18:30h)	Twitter	

	8 de agosto de 2022 (18:30h)	Pinterest	

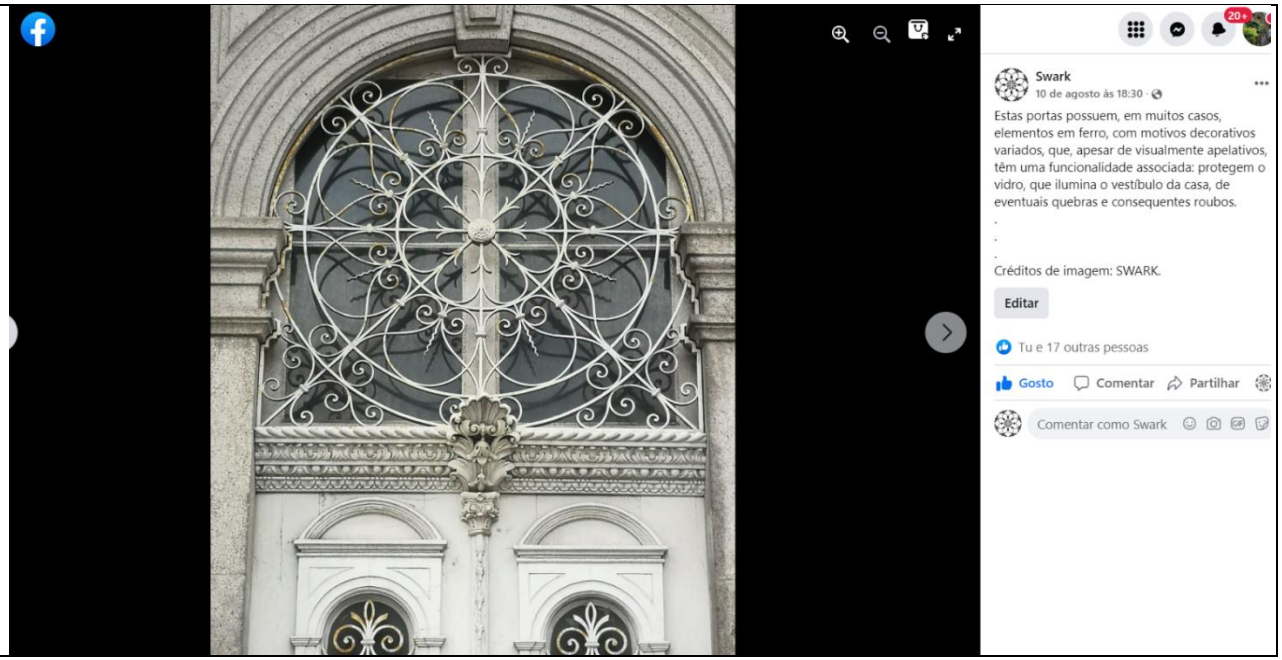
	9 de agosto de 2022 (18:30h)	Instagram	

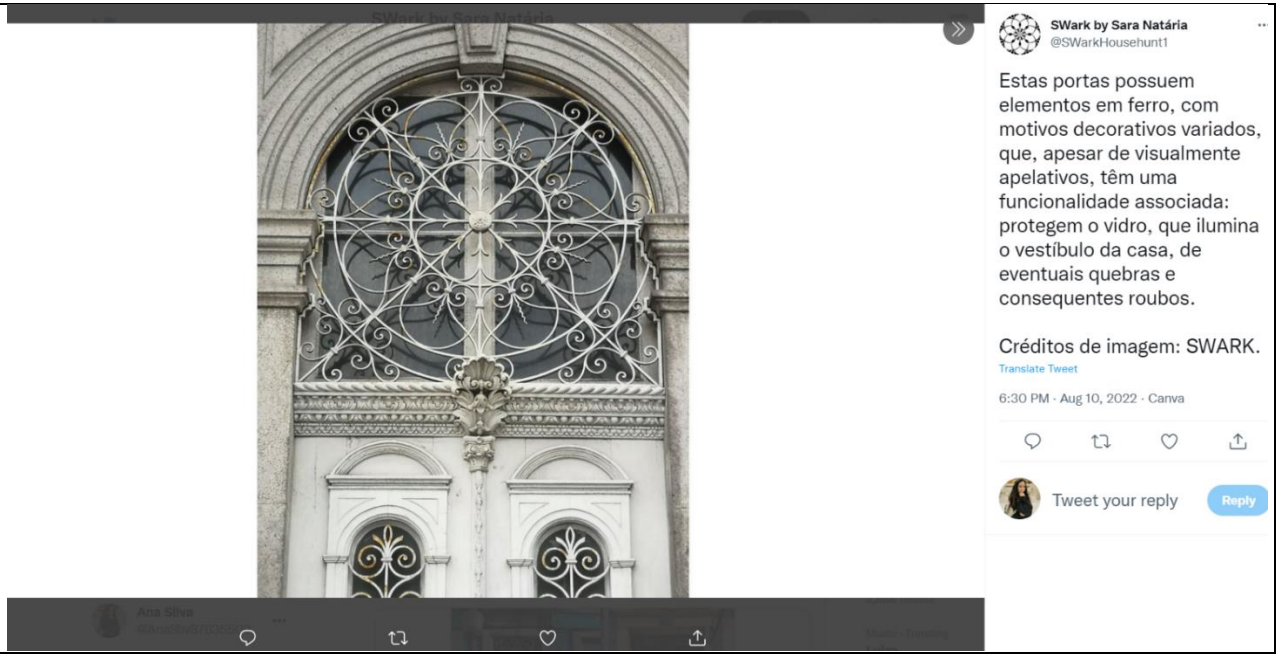
	9 de agosto de 2022 (18:30h)	Facebook	

	9 de agosto de 2022 (18:30h)	Twitter	

	9 de agosto de 2022 (18:30h)	Pinterest	Heritage Guardar **Portas** Porta de uma folha (até ao séc.XIX) e de duas folhas (final do séc.XIX). SWark 1,3mil seguidores **Nota para ti próprio** O que queres recordar sobre este Pin? Adicionar nota Comentários Adicionar um comentário Tu guardaste em **Heritage**

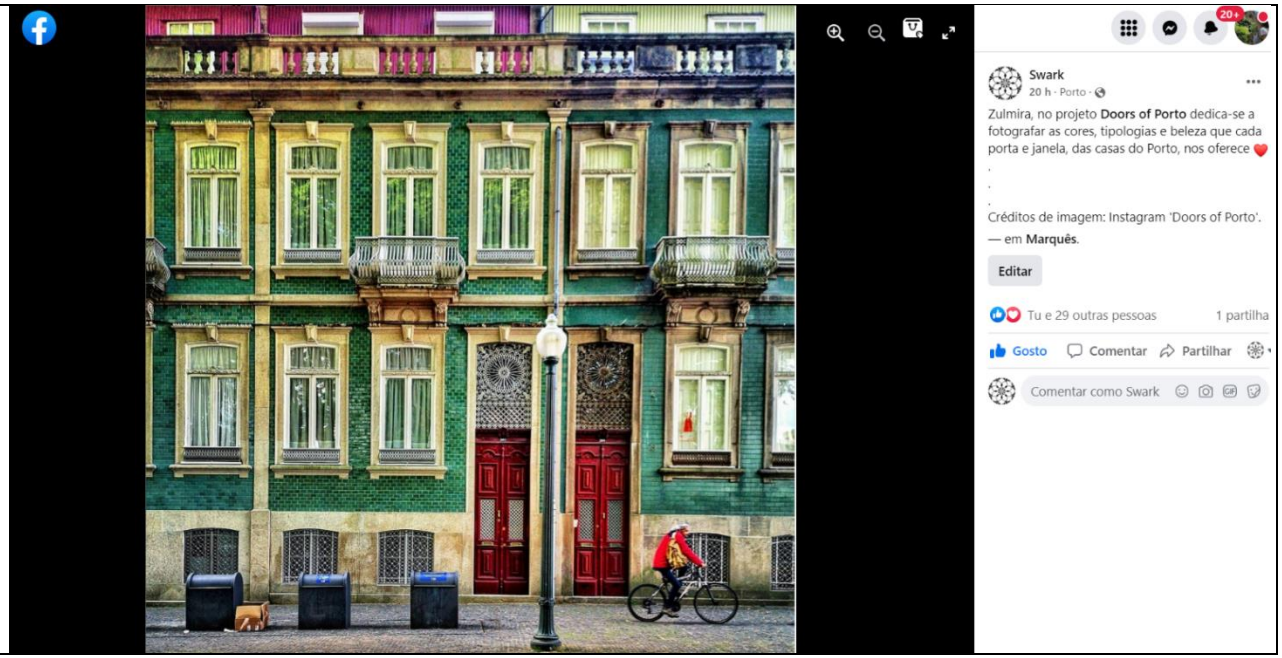
	10 de agosto de 2022 (18:30h)	Instagram	

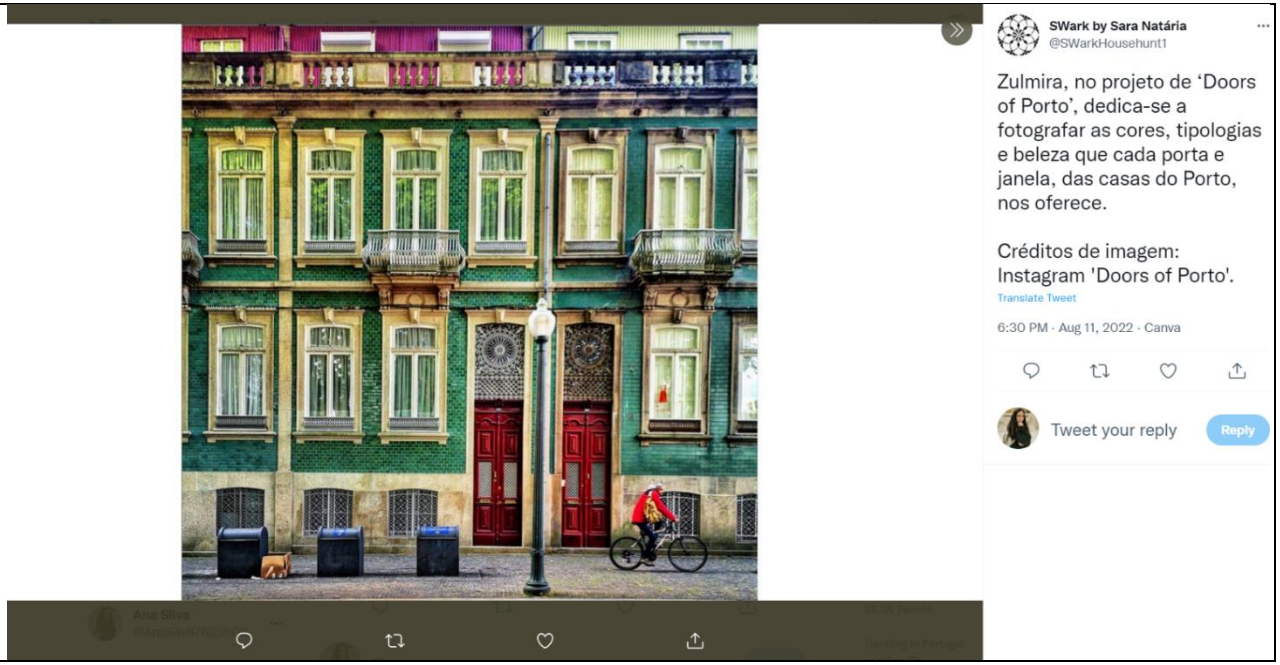
	10 de agosto de 2022 (18:30h)	Facebook	

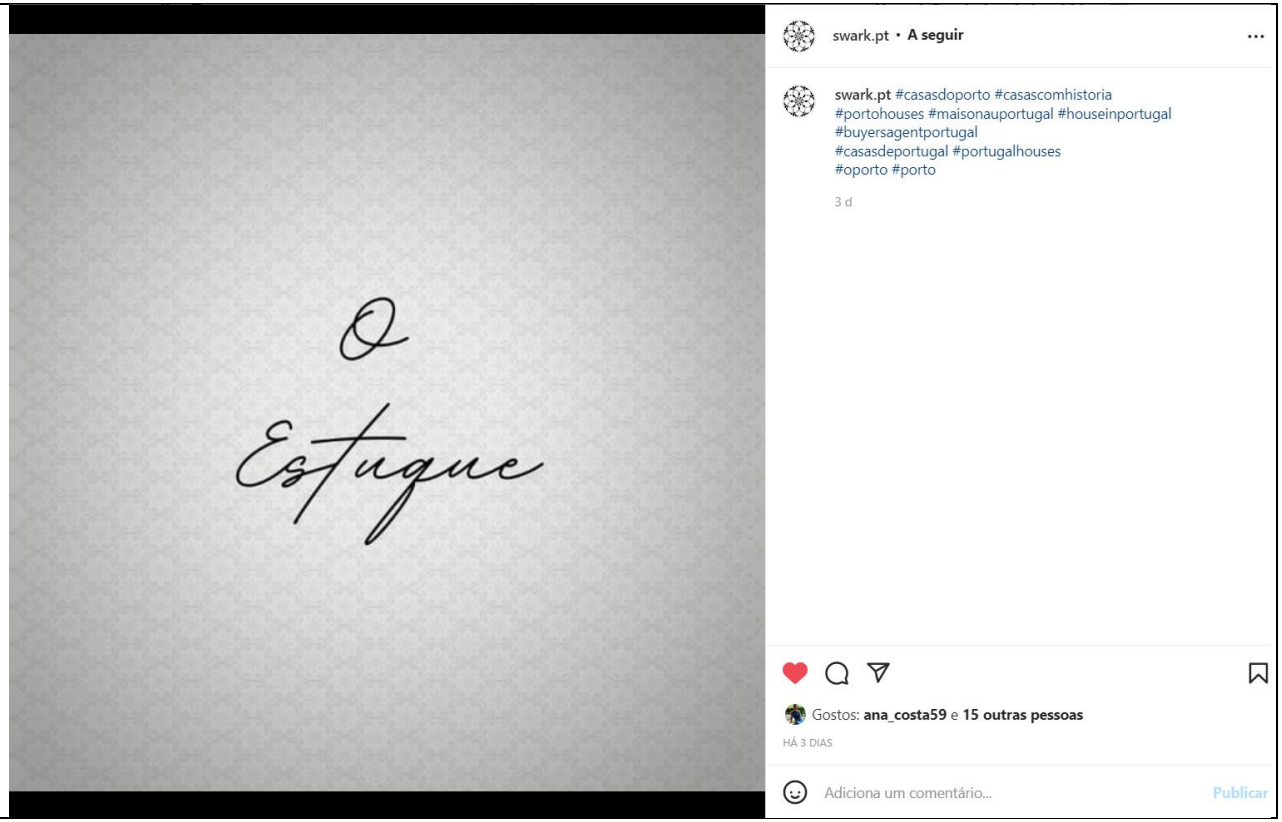
	10 de agosto de 2022 (18:30h)	Twitter	

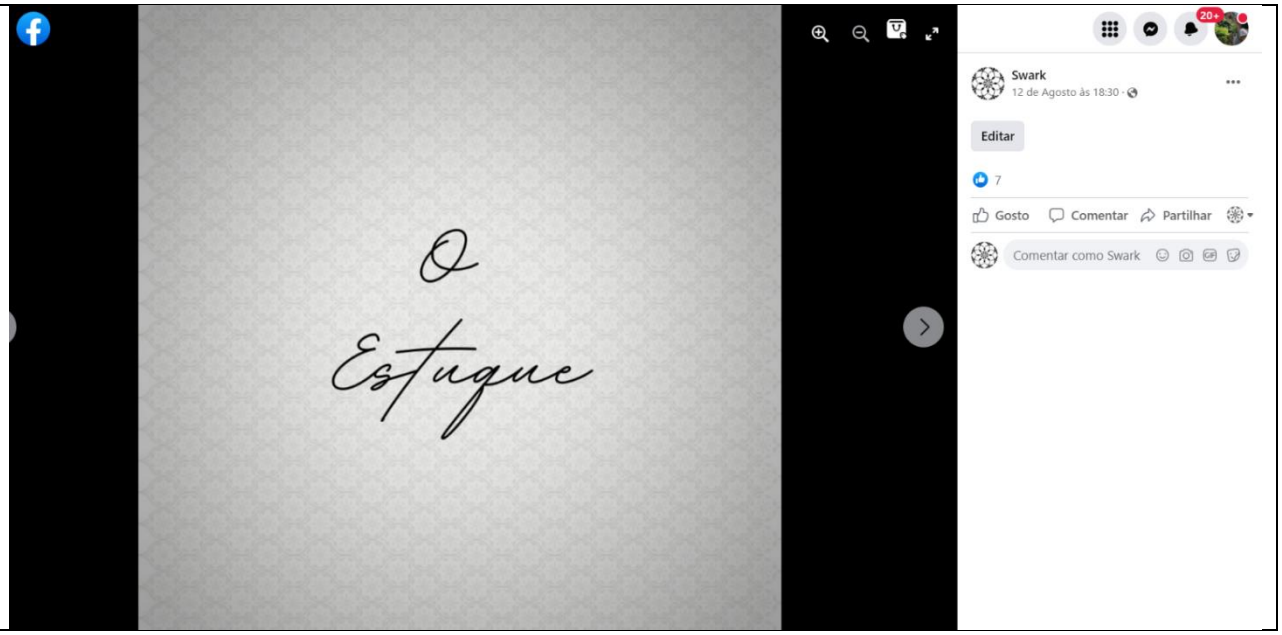
	10 de agosto de 2022 (18:30h)	Pinterest	Heritage Guardar **Portas** Bandeira: estrutura em ferro para proteção do vidro da casa de eventuais quebras e consequentes roubos. Créditos da imagem: SWARK. SWark 1,3mil seguidores **Nota para ti próprio** O que queres recordar sobre este Pin? Adicionar nota **Comentários** Adicionar um comentário Tu guardaste em **Heritage**

	11 de agosto de 2022 (18:30h)	Instagram	

	11 de agosto de 2022 (18:30h)	Facebook	

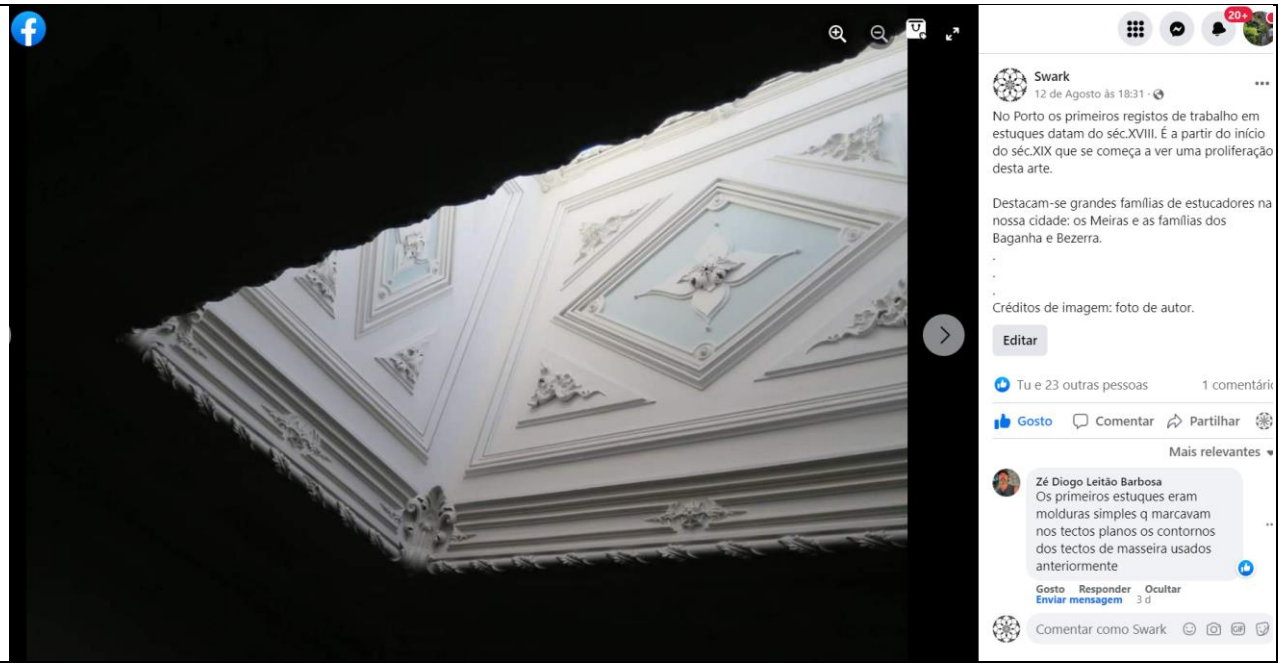
	11 de agosto de 2022 (18:30h)	Twitter	

O Estuque	12 de agosto de 2022 (18:30h)	Instagram	

	12 de agosto de 2022 (18:30h)	Facebook	

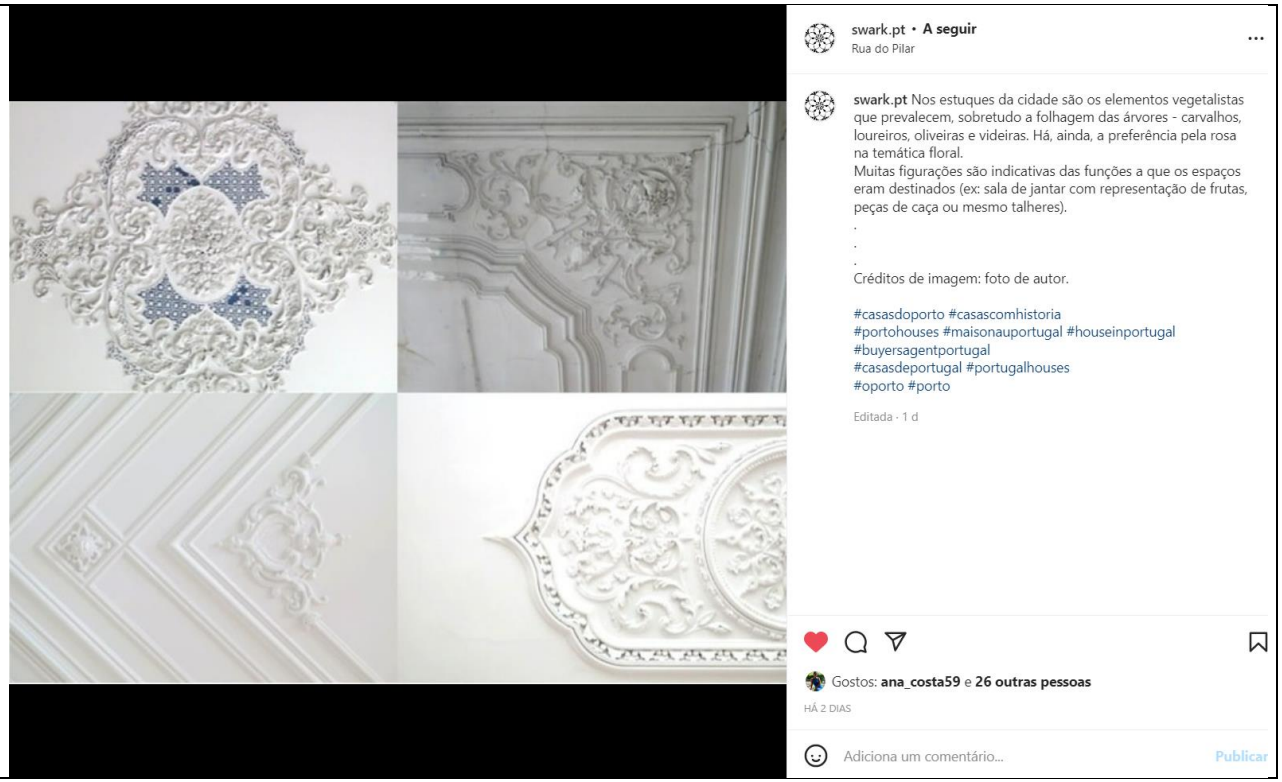
	12 de agosto de 2022 (18:30h)	Twitter	

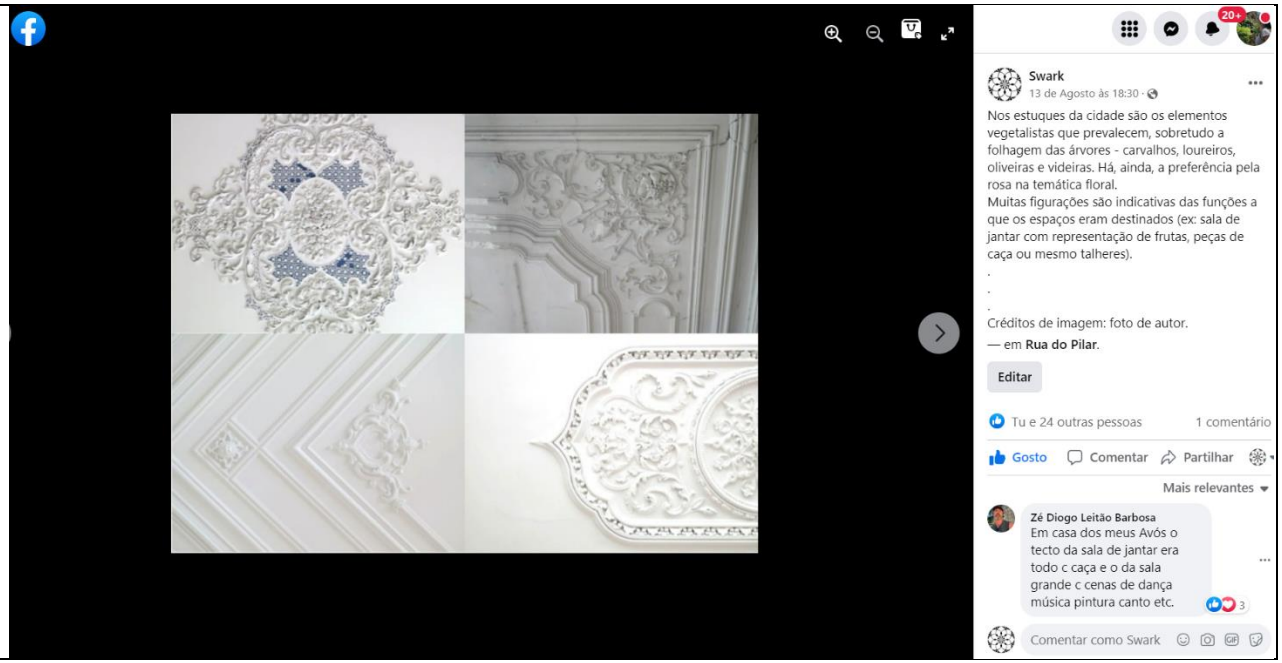
	12 de agosto de 2022 (18:31h)	Instagram	

	12 de agosto de 2022 (18:31h)	Facebook	

	12 de agosto de 2022 (18:31h)	Twitter	← Tweet SWark by Sara Natária @SWarkHousehunt1 No Porto os primeiros os primeiros trabalho em estuques datam do séc.XVIII e a partir do início do séc.XIX começa proliferar-se . Destacam-se grandes famílias de estucadores como os Meiras, os Baganha e Bezerra. Créditos de imagem: foto de autor. Translate Tweet 6:31 PM · Aug 12, 2022 · Canva

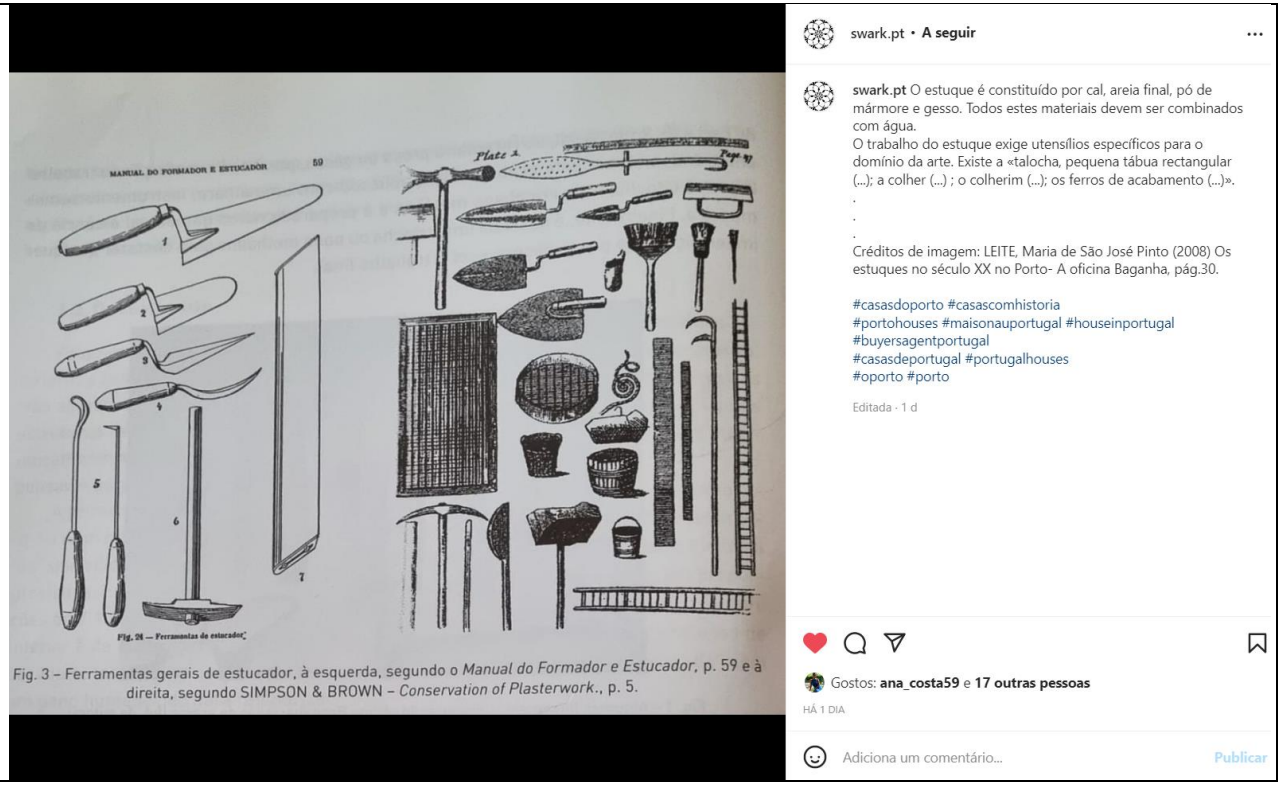
	11 de agosto de 2022 (18:30h)	Pinterest	Heritage Guardar **Estuque** No Porto os primeiros os primeiros registos de trabalho em estuques datam do séc.XVIII. É a partir do início do séc.XIX que se começa a ver uma proliferação desta arte. Créditos de imagem: SWARK. SWark 1,3mil seguidores **Nota para ti próprio** O que queres recordar sobre este Pin? Adicionar nota **Comentários** Adicionar um comentário Tu guardaste em **Heritage**

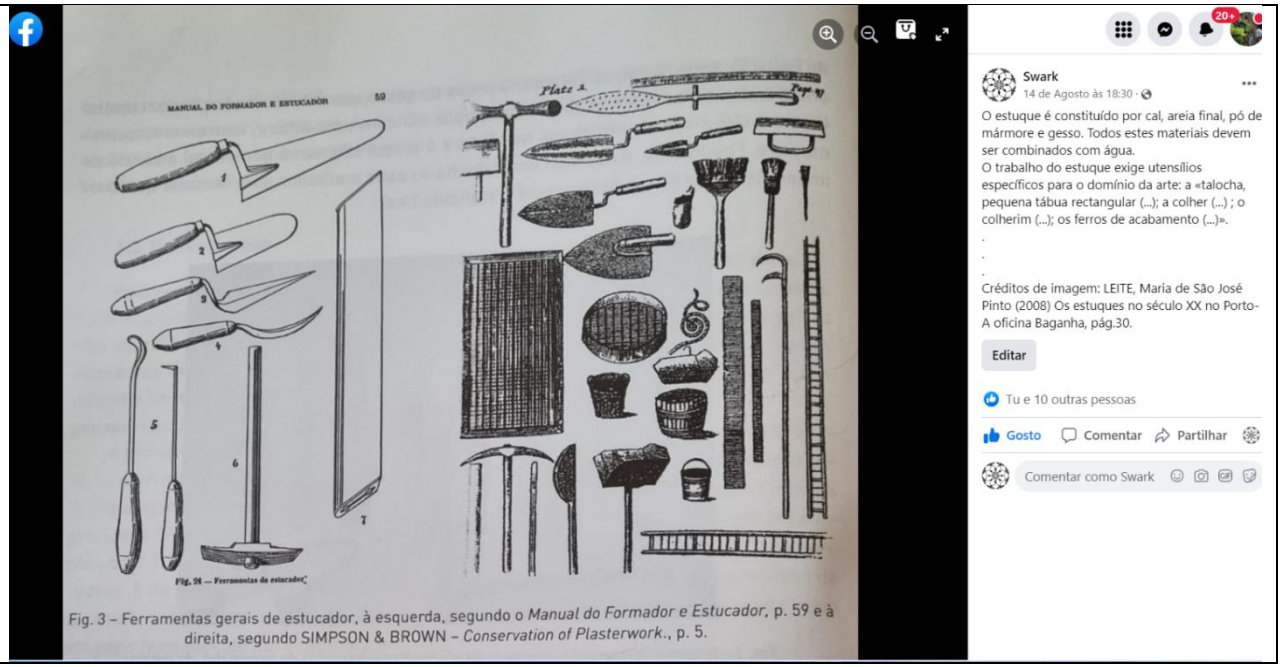
	13 de agosto de 2022 (18:30h)	Instagram	

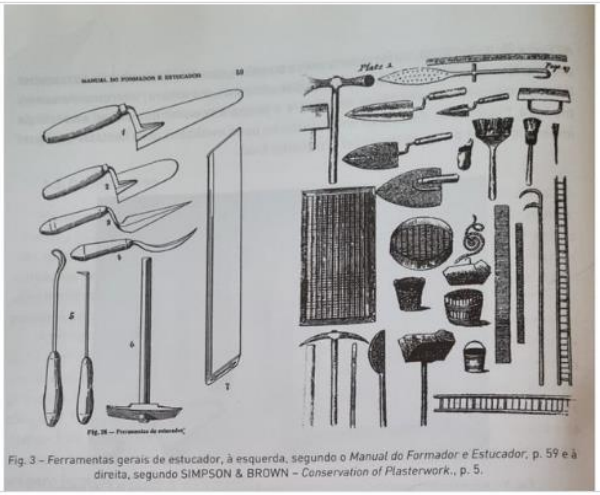
	13 de agosto de 2022 (18:30h)	Facebook	

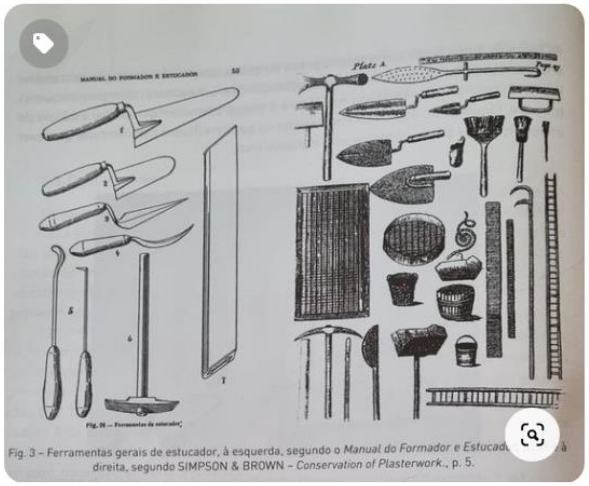
	13 de agosto de 2022 (18:30h)	Twitter	Tweet SWark by Sara Natária @SWarkHousehunt1 Nos estuques da cidade são os elementos vegetalistas e florais os que mais prevalecem (folhagem das árvores carvalhos, loureiros, oliveiras e videiras). Há, ainda, a preferência pela rosa na temática floral. Créditos de imagem: foto de autor. Translate Tweet 6:30 PM · Aug 13, 2022 · Canva

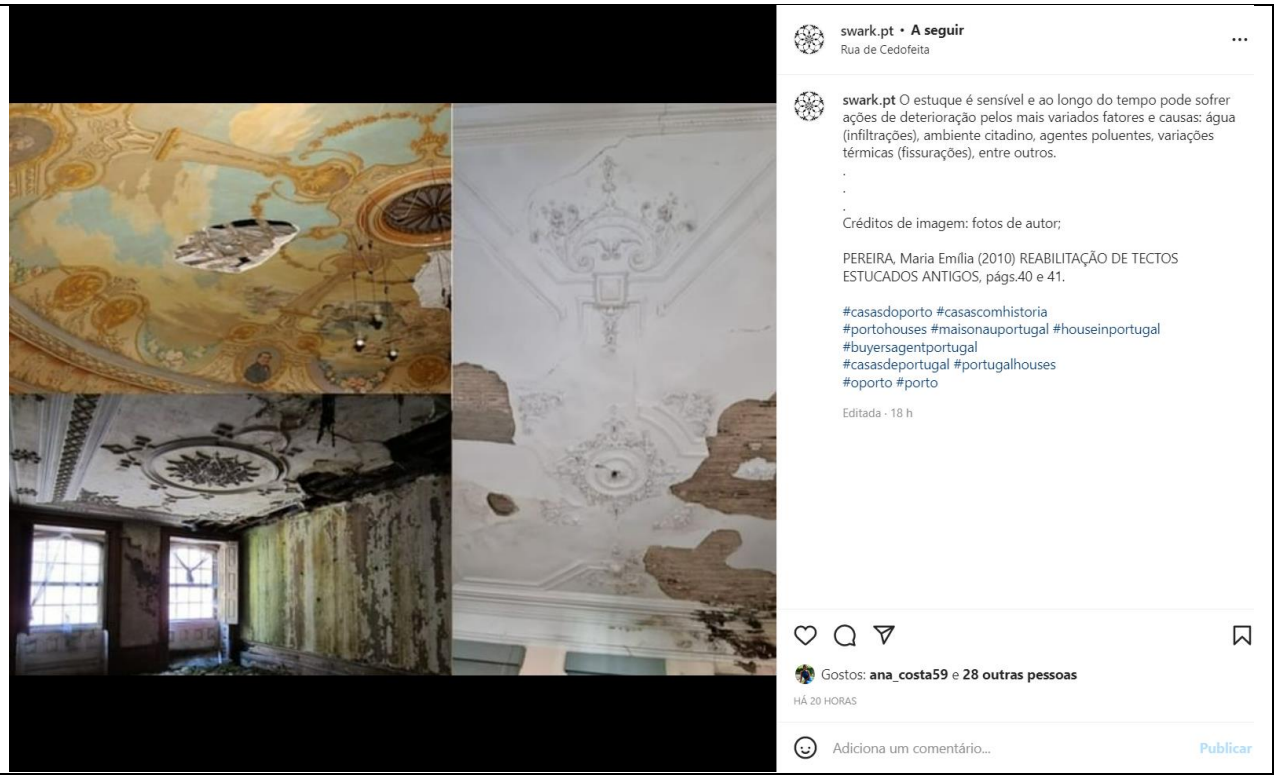
	12 de agosto de 2022 (18:30h)	Pinterest	

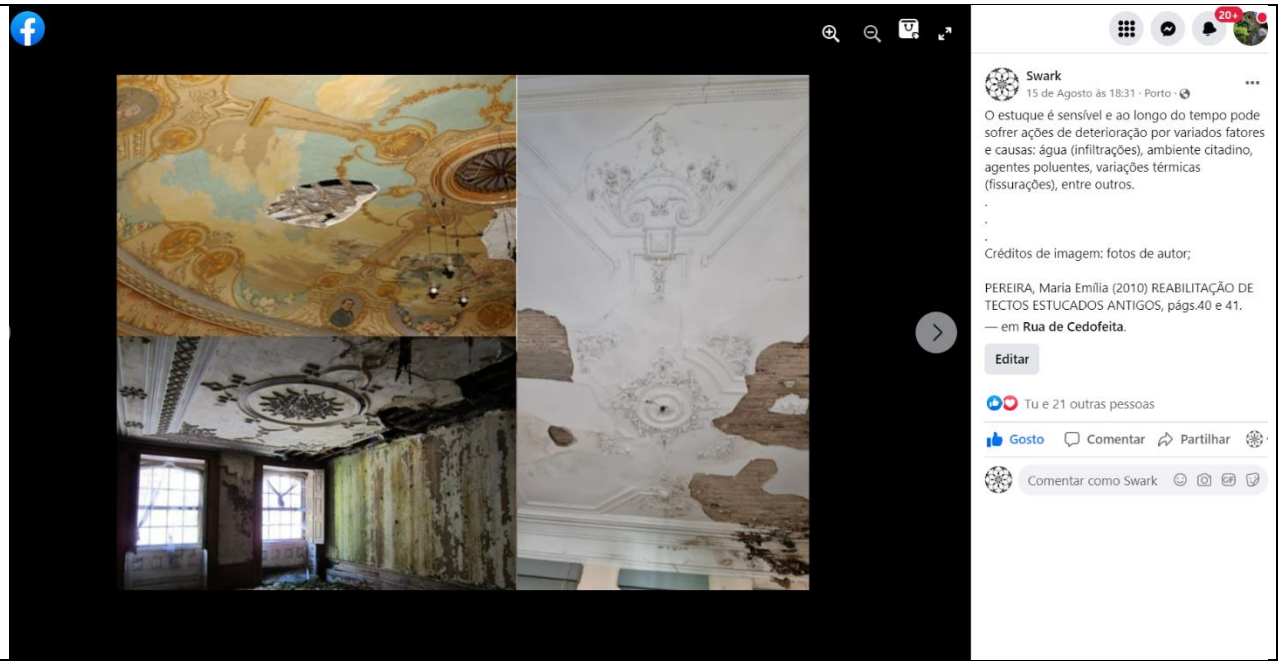
	14 de agosto de 2022 (18:30h)	Instagram	 Fig. 3 – Ferramentas gerais de estucador, à esquerda, segundo o *Manual do Formador e Estucador*, p. 59 e à direita, segundo SIMPSON & BROWN – *Conservation of Plasterwork*., p. 5.

	14 de agosto de 2022 (18:30h)	Facebook	 Fig. 3 – Ferramentas gerais de estucador, à esquerda, segundo o *Manual do Formador e Estucador*, p. 59 e à direita, segundo SIMPSON & BROWN – *Conservation of Plasterwork*., p. 5.

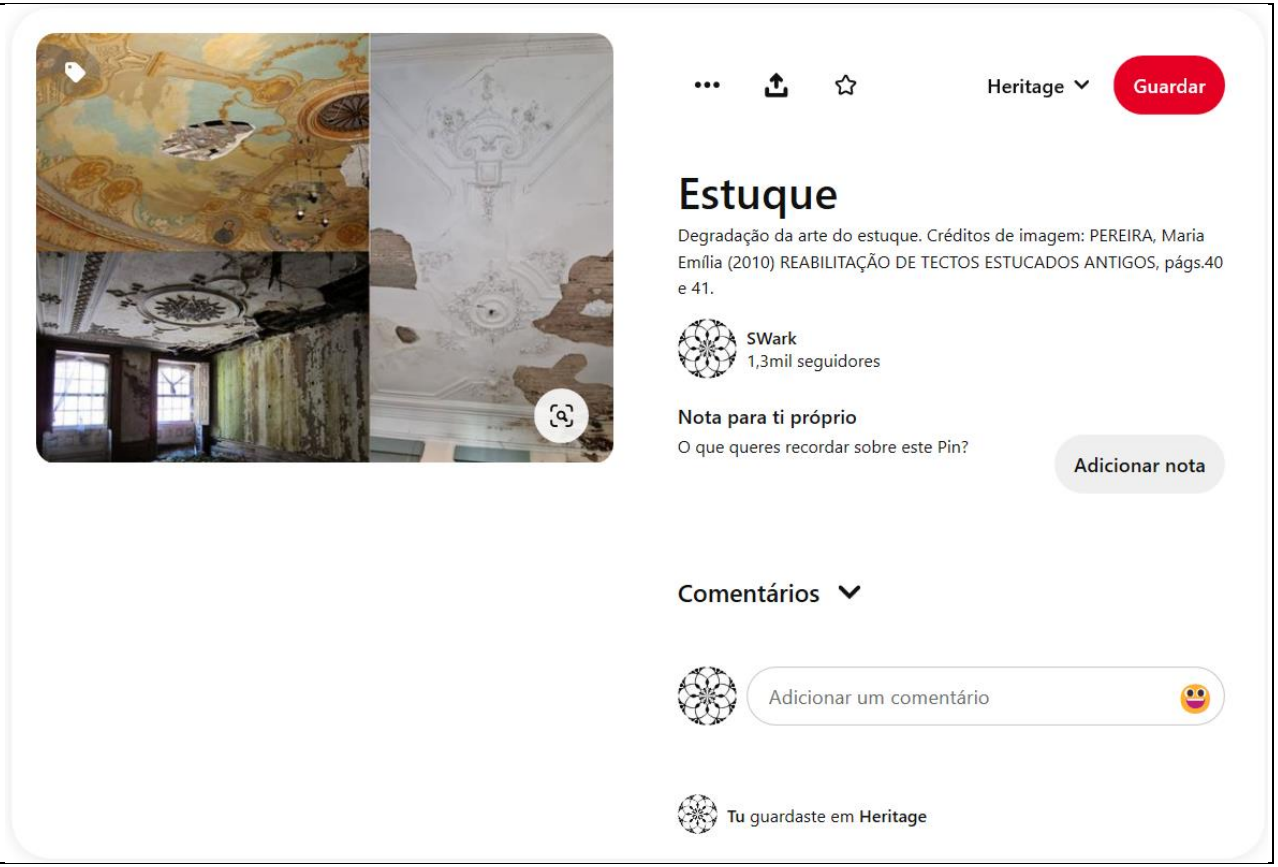
	14 de agosto de 2022 (18:30h)	Twitter	← **Tweet** **SWark by Sara Natária** @SWarkHousehunt1 O trabalho do estuque faz uso de utensílios específicos: a «talocha, pequena tábua rectangular, a colher,o colherim; os ferros de acabamento». Créditos de imagem: LEITE, Maria de São José Pinto (2008) Os estuques no século XX no Porto- A oficina Baganha, pág.30. Translate Tweet  Fig. 3 – Ferramentas gerais de estucador, à esquerda, segundo o *Manual do Formador e Estucador*, p. 59 e à direita, segundo SIMPSON & BROWN – *Conservation of Plasterwork*., p. 5. 6:30 PM · Aug 14, 2022 · Canva

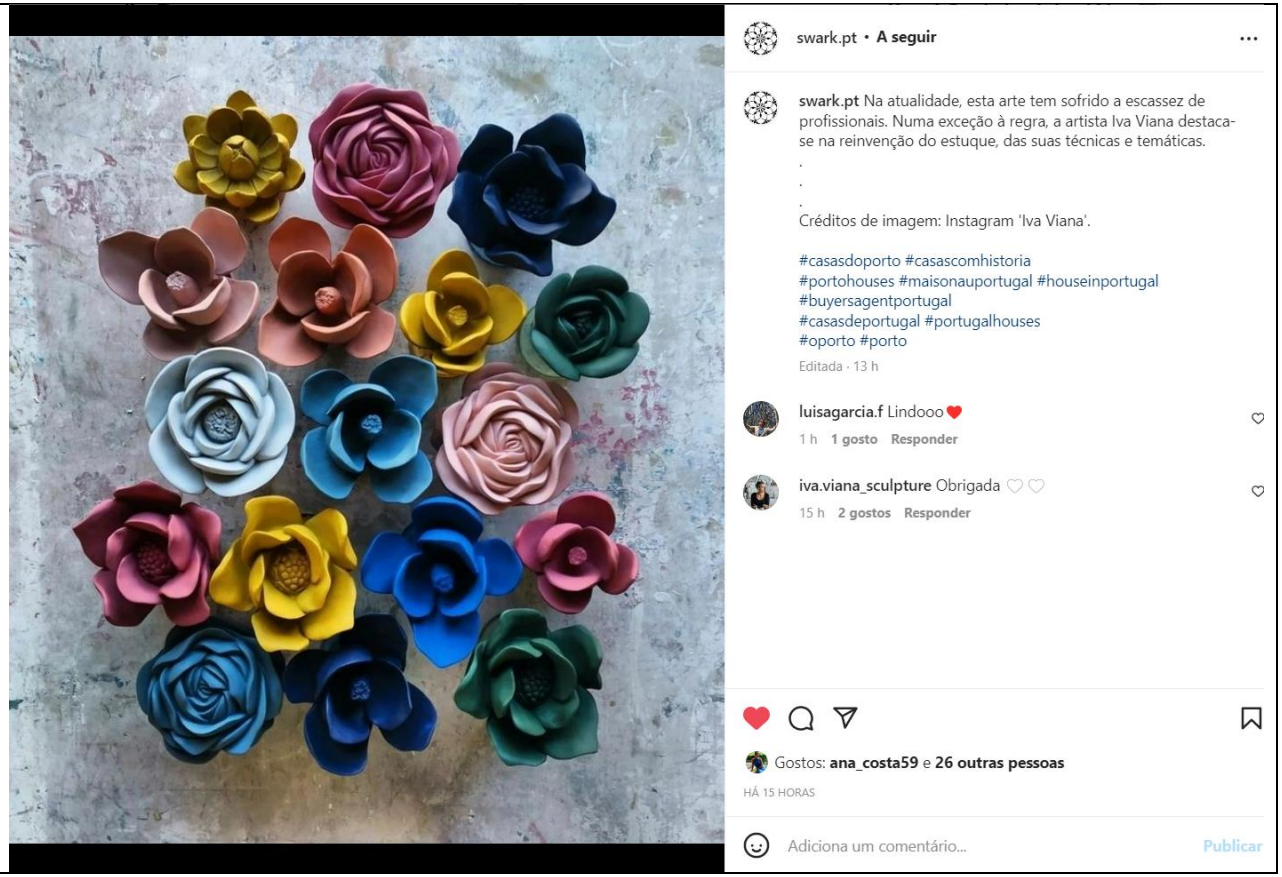
	13 de agosto de 2022 (18:30h)	Pinterest	 Fig. 3 – Ferramentas gerais de estucador, à esquerda, segundo o *Manual do Formador e Estucador*, à direita, segundo SIMPSON & BROWN – *Conservation of Plasterwork*., p. 5. Heritage Guardar **Estuque** O trabalho do estuque exige utensílios específicos para o domínio da arte. Assim, existe a «talocha, pequena tábua rectangular (...); a colher (...) ; o colherim (...); os ferros de acabamento (...)». Créditos de imagem: LEITE, Maria de São José Pinto (2008) Os estuques no século XX no Porto- A oficina Baganha, pág.30. SWark 1,3mil seguidores **Nota para ti próprio** O que queres recordar sobre este Pin? Adicionar nota **Comentários** Adicionar um comentário Tu guardaste em **Heritage**

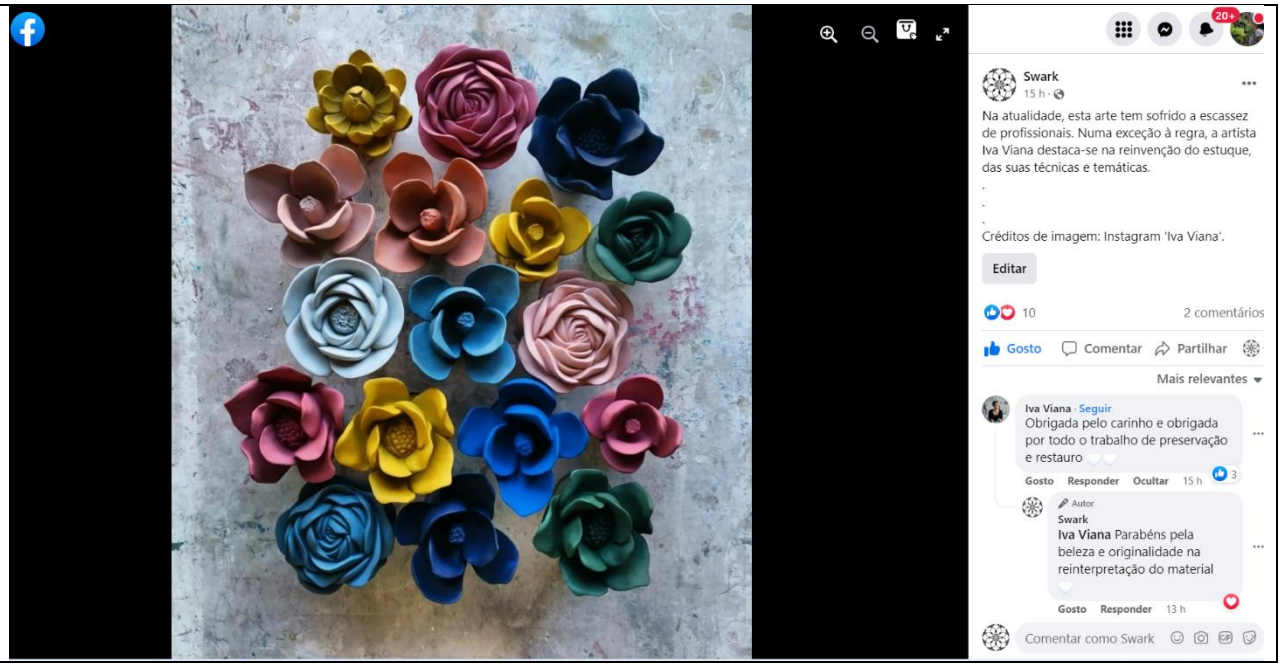
	15 de agosto de 2022 (18:30h)	Instagram	

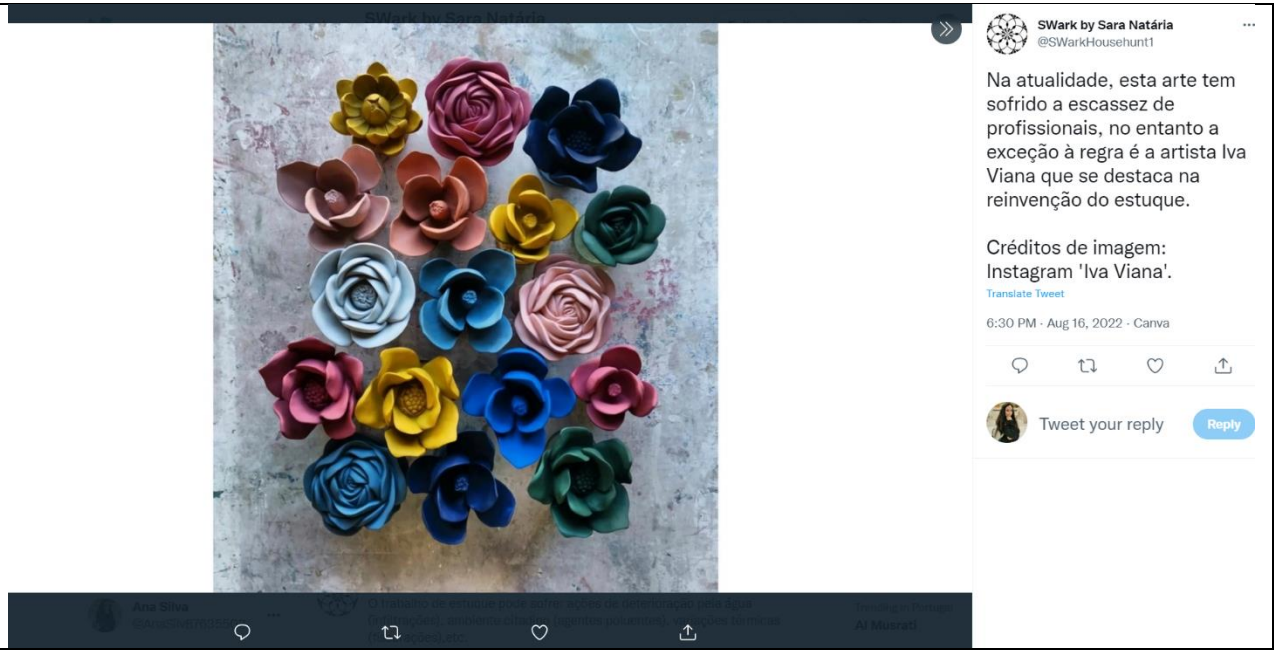
	15 de agosto de 2022 (18:30h)	Facebook	

	15 de agosto de 2022 (18:30h)	Twitter	← **Tweet** **SWark by Sara Natária** @SWarkHousehunt1 O trabalho de estuque pode sofrer ações de deterioração pela água (infiltrações), ambiente citadino (agentes poluentes), variações térmicas (fissurações),etc. Créditos de imagem: PEREIRA, Maria Emília (2010) REABILITAÇÃO DE TECTOS ESTUCADOS ANTIGOS, págs.40 e 41 Translate Tweet 6:30 PM · Aug 15, 2022 · Canva

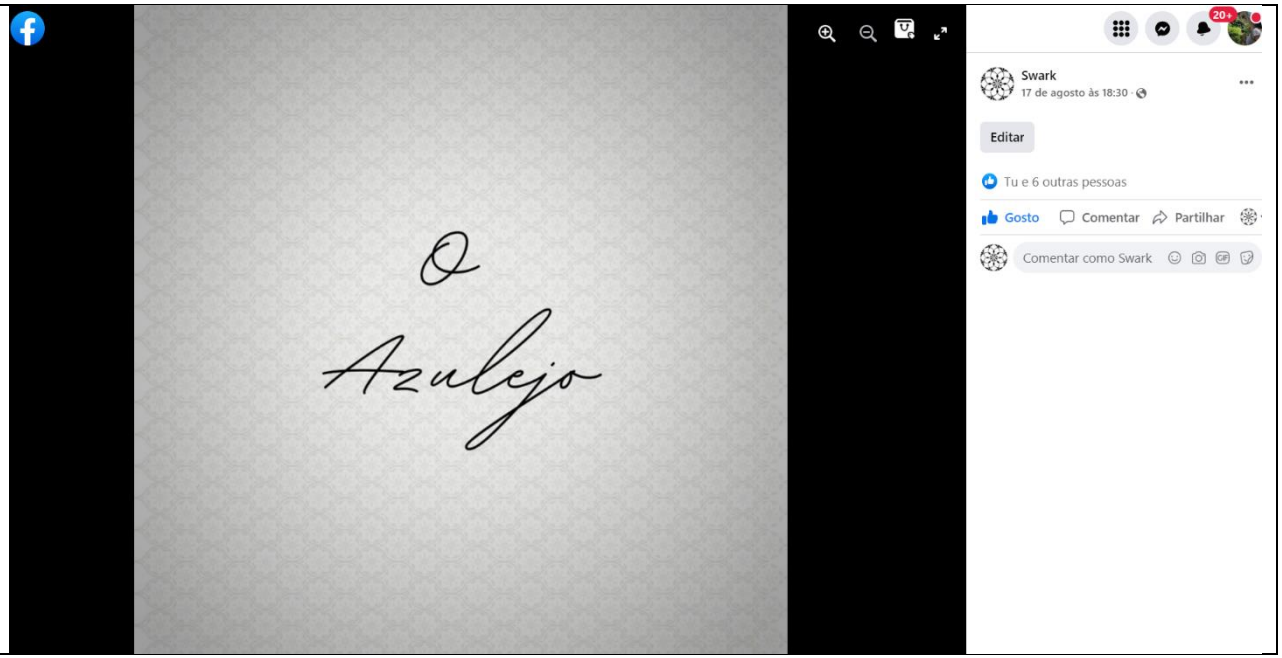
	14 de agosto de 2022 (18:30h)	Pinterest	

	16 de agosto de 2022 (18:30h)	Instagram	

	16 de agosto de 2022 (18:30h)	Facebook	

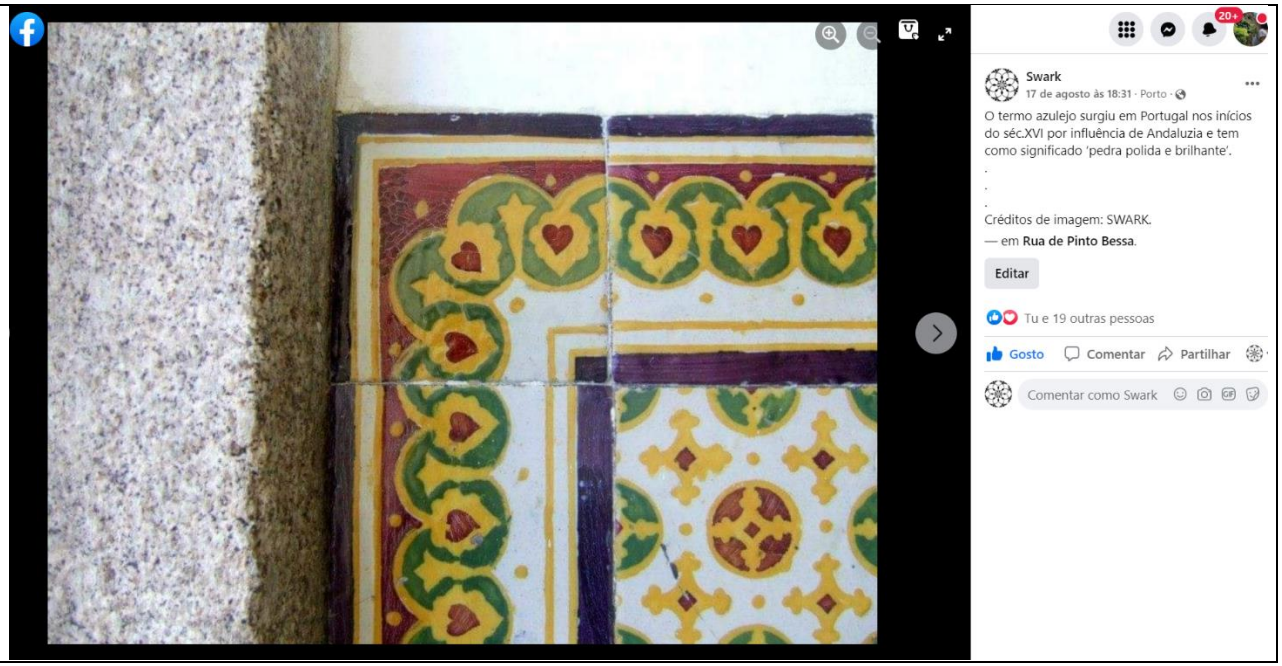
	16 de agosto de 2022 (18:30h)	Twitter	

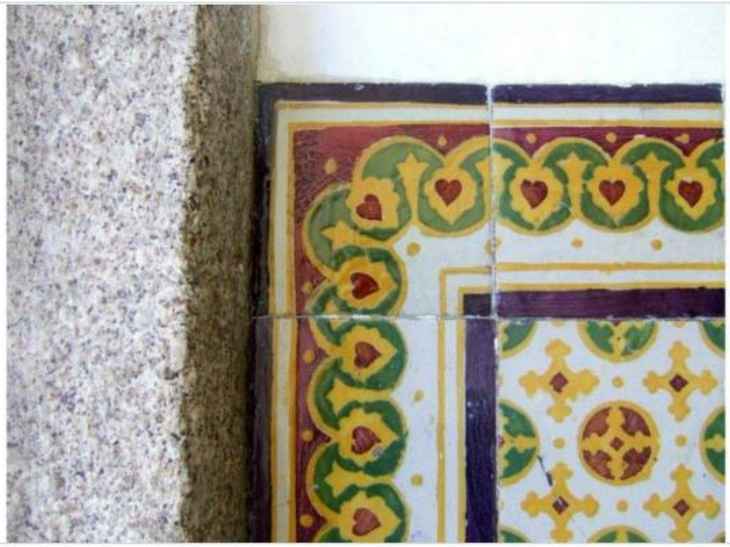
O Azulejo	17 de agosto de 2022 (18:30h)	Instagram	

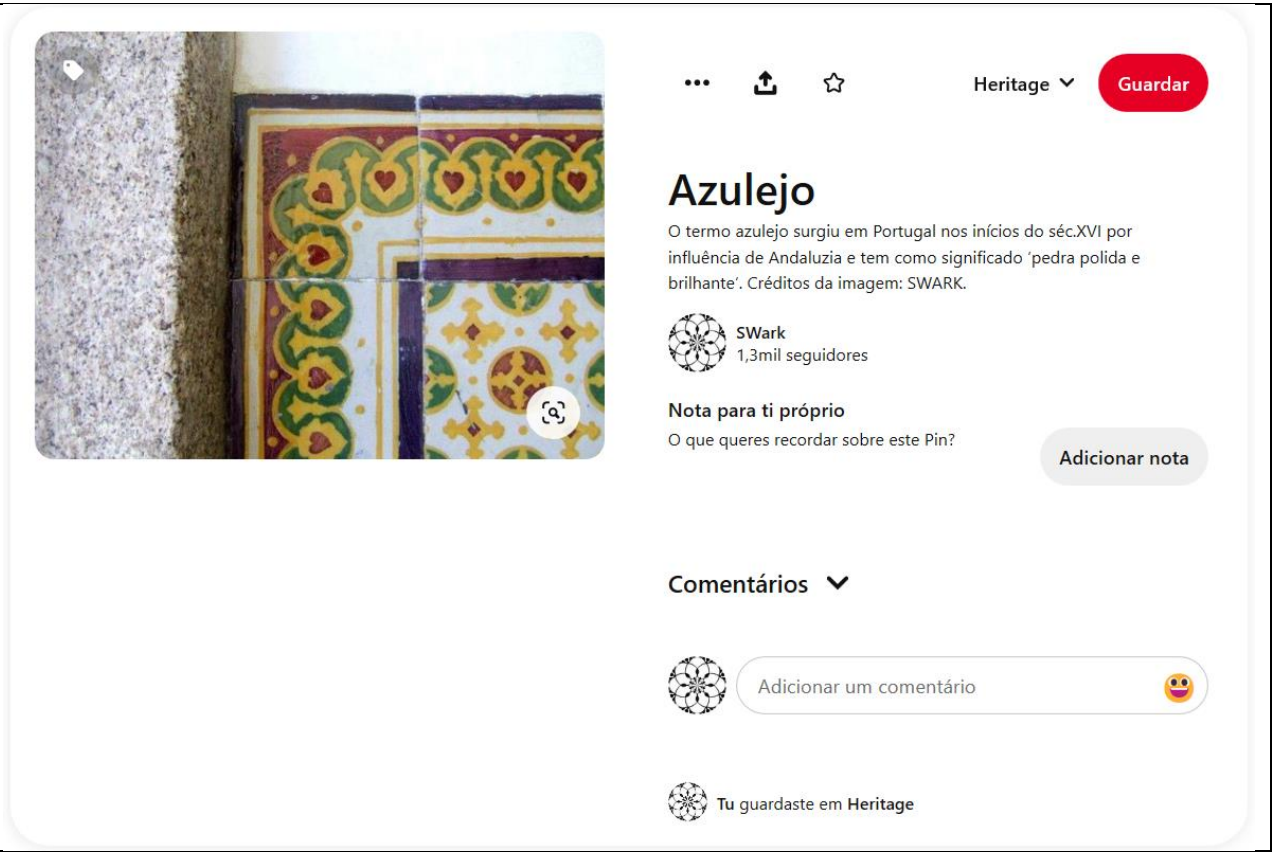
	17 de agosto de 2022 (18:30h)	Facebook	

	17 de agosto de 2022 (18:30h)	Twitter	

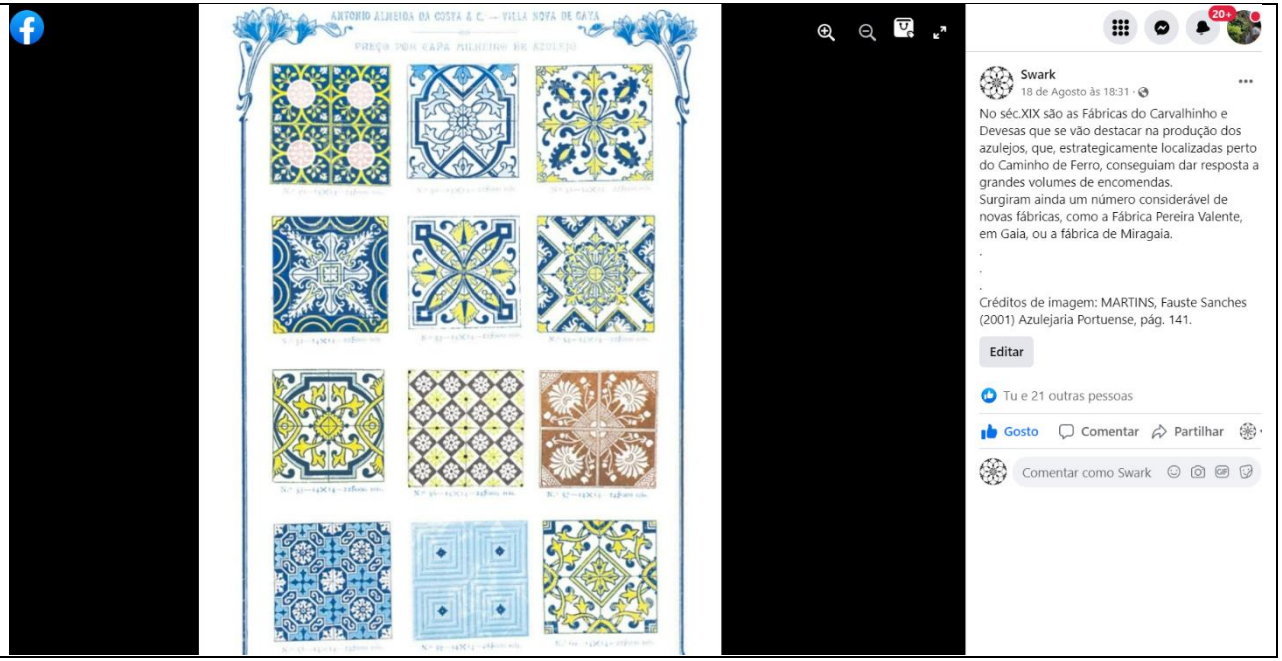
	17 de agosto de 2022 (18:31h)	Instagram	

	17 de agosto de 2022 (18:31h)	Facebook	

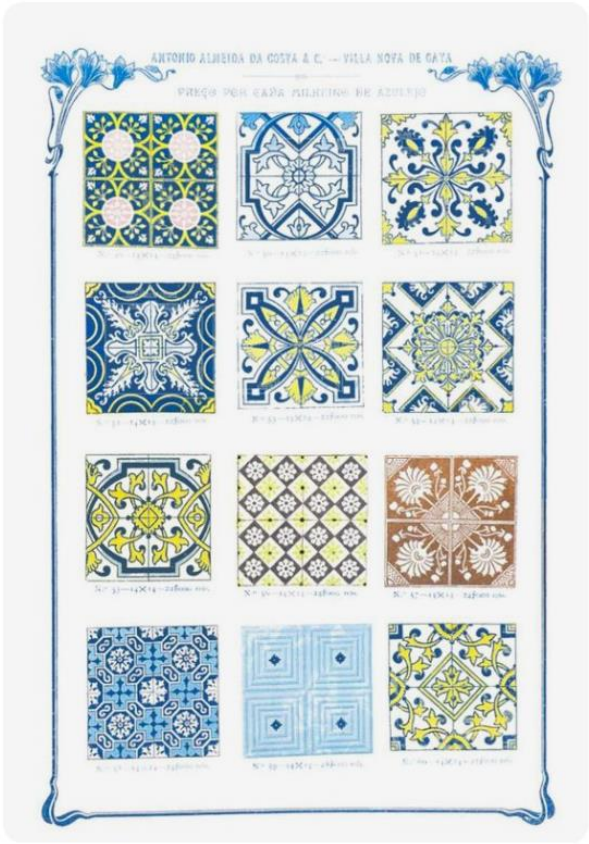
	17 de agosto de 2022 (18:31h)	Twitter	SWark by Sara Natária @SWarkHousehunt1 O termo azulejo surgiu em Portugal nos inícios do séc.XVI por influência de Andaluzia e tem como significado 'pedra polida e brilhante'. Créditos de imagem: SWARK. Translate Tweet  6:31 PM · Aug 17, 2022 · Canva

	15 de agosto de 2022 (18:30h)	Pinterest	

	18 de agosto de 2022 (18:30h)	Instagram	

	18 de agosto de 2022 (18:30h)	Facebook	

	18 de agosto de 2022 (18:30h)	Twitter	**SWark by Sara Natária** @SWarkHousehunt1 No séc.XIX destacam-se as Fábricas do Carvalhinho e Devesa. No entanto surgiram outras fábricas na cidade como a Fábrica Pereira Valente ou a fábrica de Miragaia. Créditos de imagem: MARTINS, Fauste Sanches (2001) Azulejaria Portuense, pág. 141. Translate Tweet 6:30 PM · Aug 18, 2022 · Canva

	16 de agosto de 2022 (18:30h)	Pinterest	

Heritage Guardar

Azulejo

No séc.XIX são as Fábricas do Carvalhinho e Devesas que se vão destacar. No entanto surgiram um número considerável de novas fábricas na cidade como a Fábrica Pereira Valente, em Gaia, ou a fábrica de... **Mais**

SWark
1,3mil seguidores

Nota para ti próprio
O que queres recordar sobre este Pin?

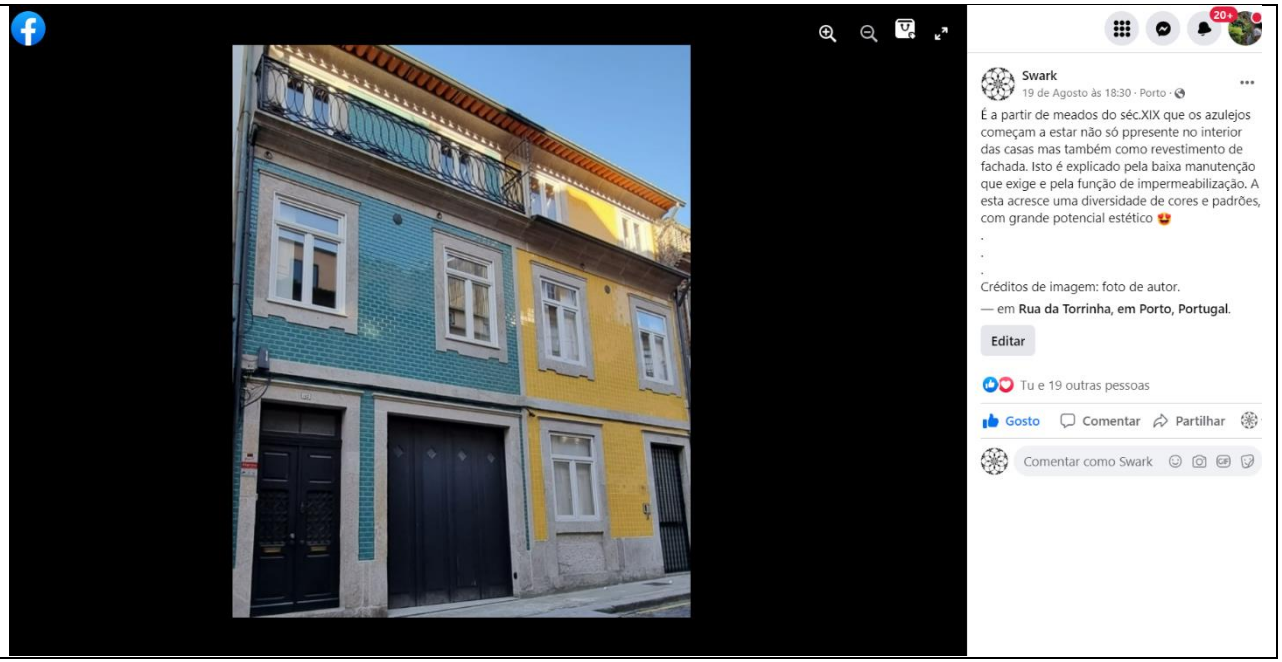
Adicionar nota

Comentários

Adicionar um comentário

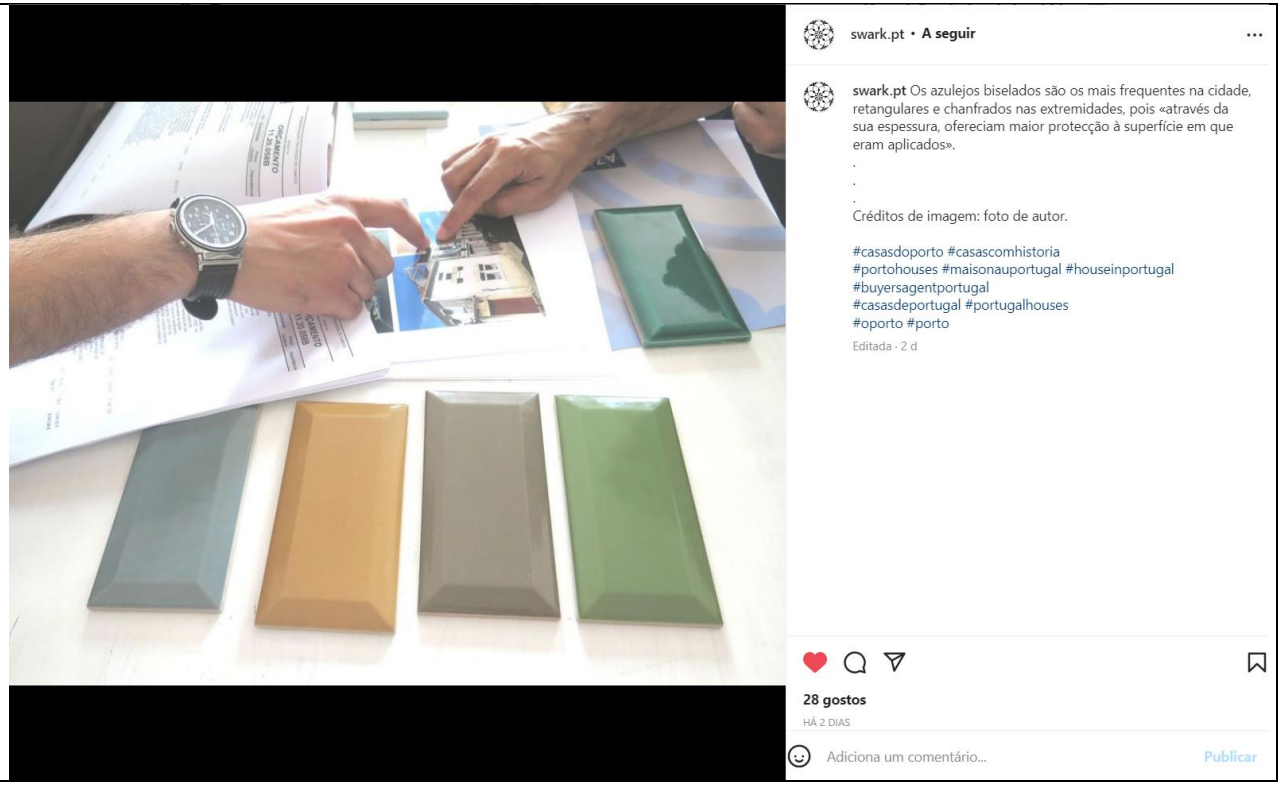
Tu guardaste em **Heritage**

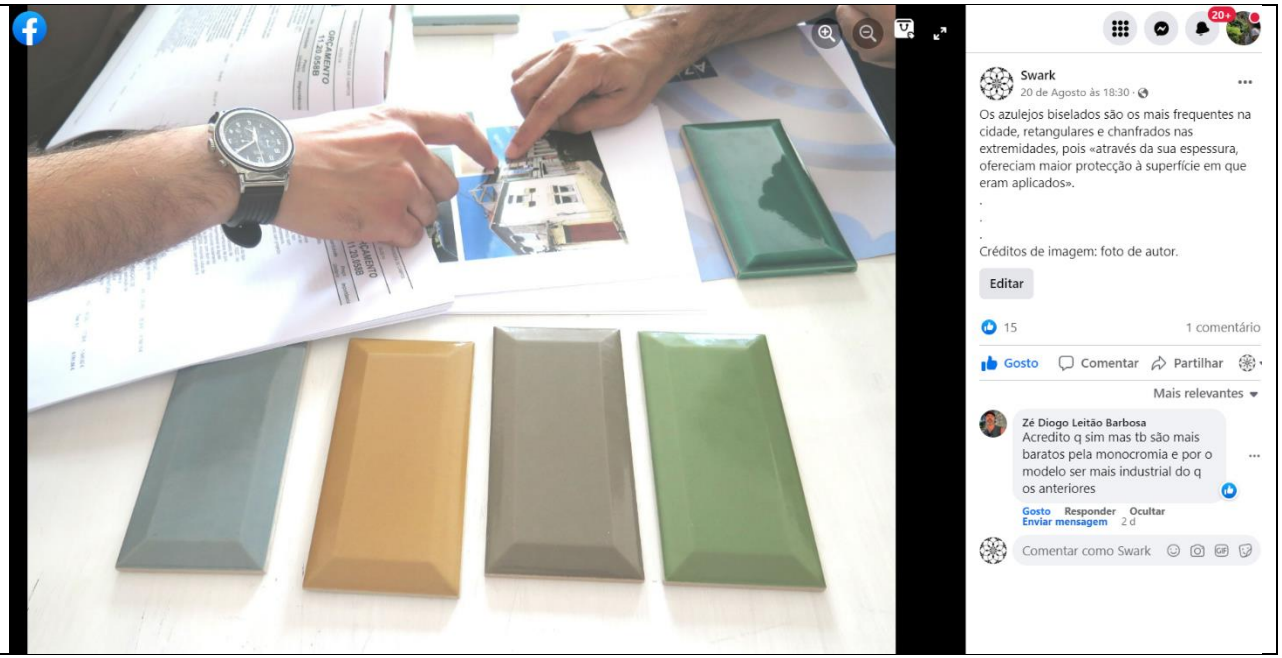
	18 de agosto de 2022 (18:30h)	Instagram	

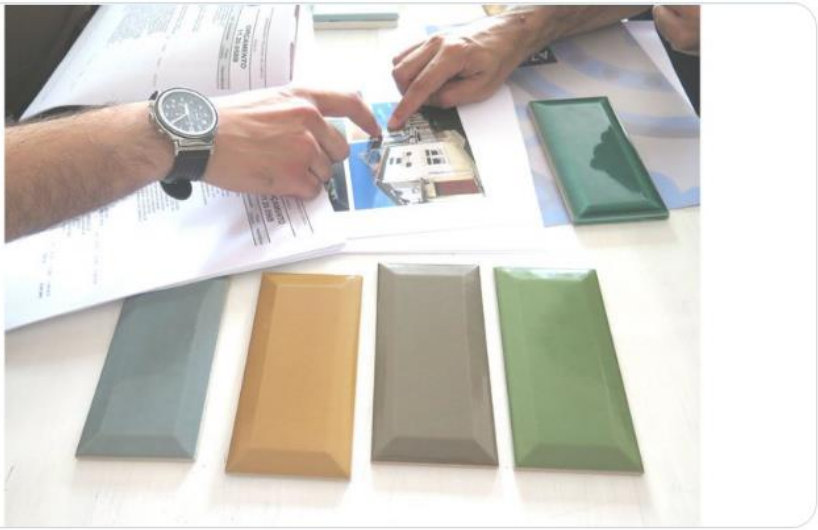
	18 de agosto de 2022 (18:30h)	Facebook	

	18 de agosto de 2022 (18:30h)	Twitter	SWark by Sara Natária @SWarkHousehunt1 A partir de meados do séc.XIX os azulejos para além de presente no interior das casas passam a estar como revestimento de fachada. A baixa manutenção, a função de impermeabilização e o potencial estético explicam a difusão. Créditos de imagem: foto de autor. Translate Tweet 6:30 PM · Aug 19, 2022 · Canva

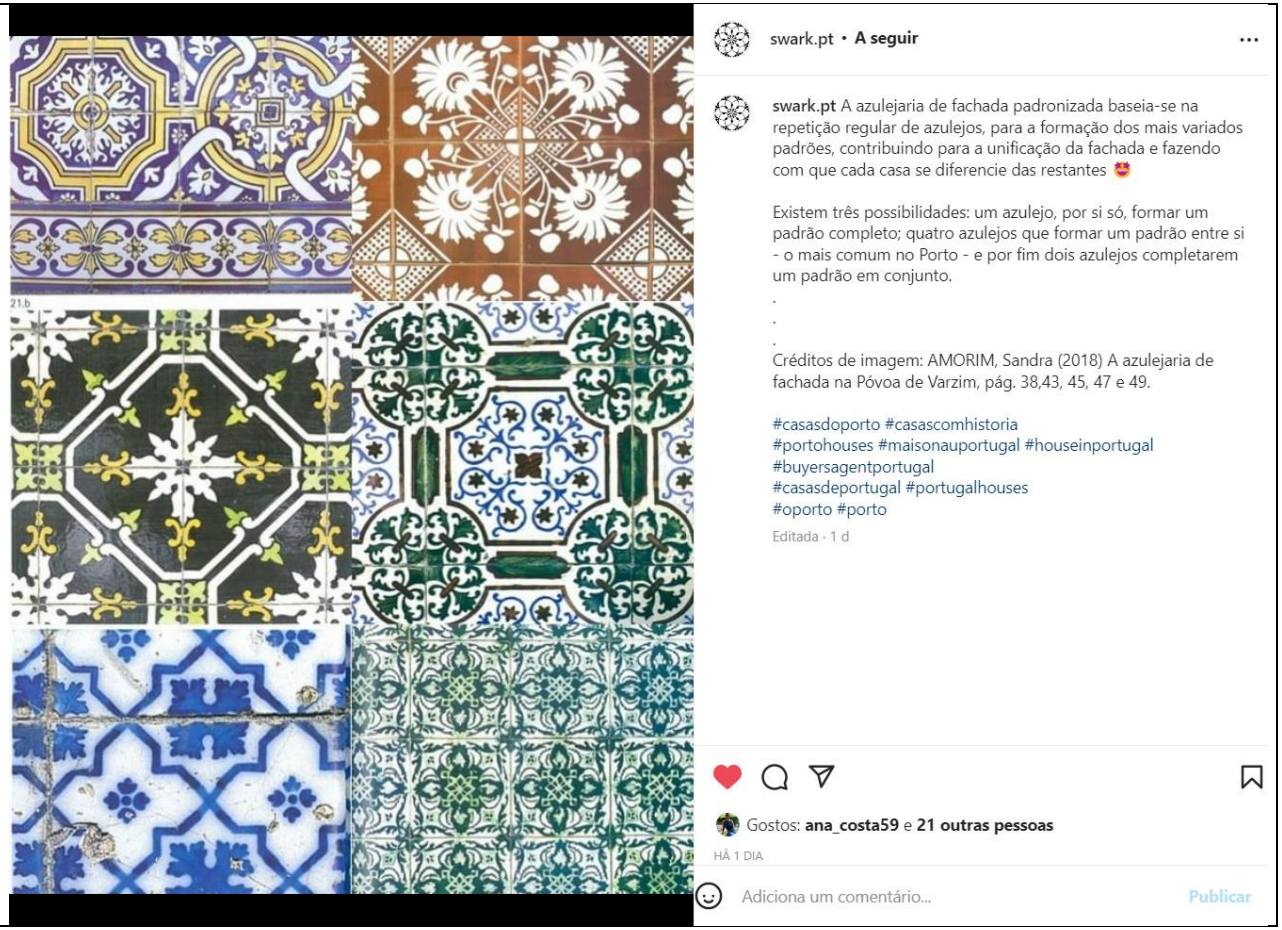
	17 de agosto de 2022 (18:30h)	Pinterest	Heritage Guardar **Azulejo** É a partir de meados do séc.XIX que os azulejos começam a não só estar presente no interior das casas mas agora como revestimento de fachada. SWark 1,3mil seguidores **Nota para ti próprio** O que queres recordar sobre este Pin? Adicionar nota **Comentários** Adicionar um comentário **Tu** guardaste em **Heritage**

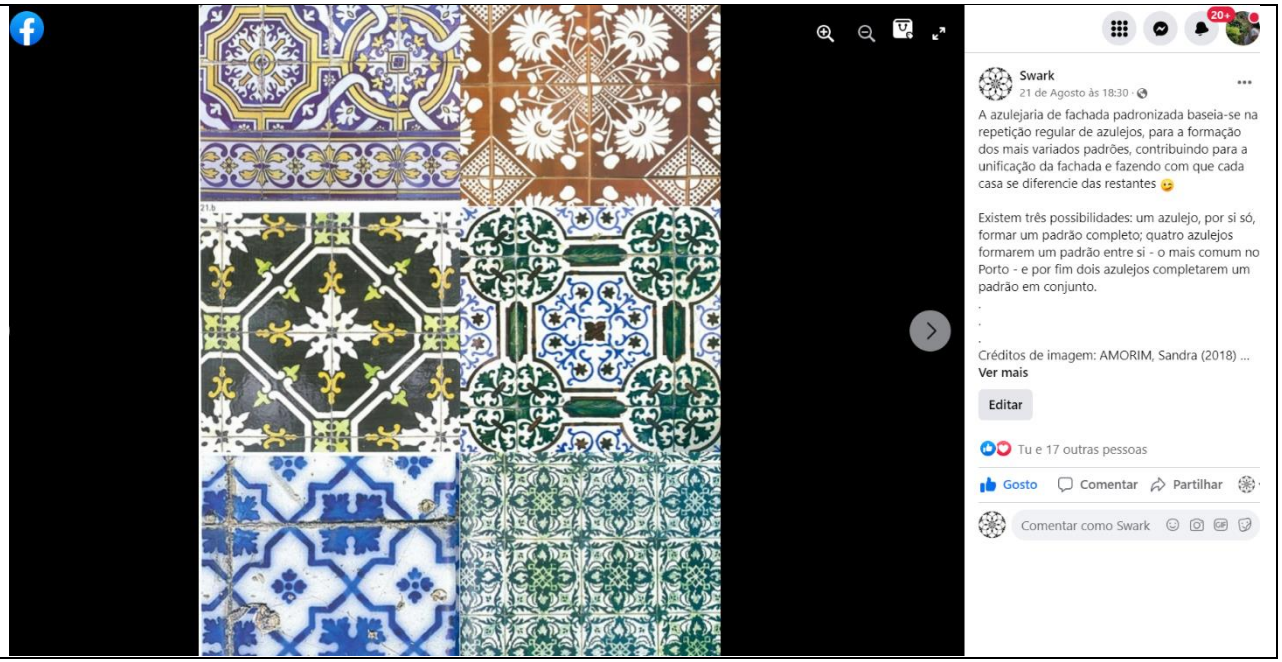
	19 de agosto de 2022 (18:30h)	Instagram	

	19 de agosto de 2022 (18:30h)	Facebook	

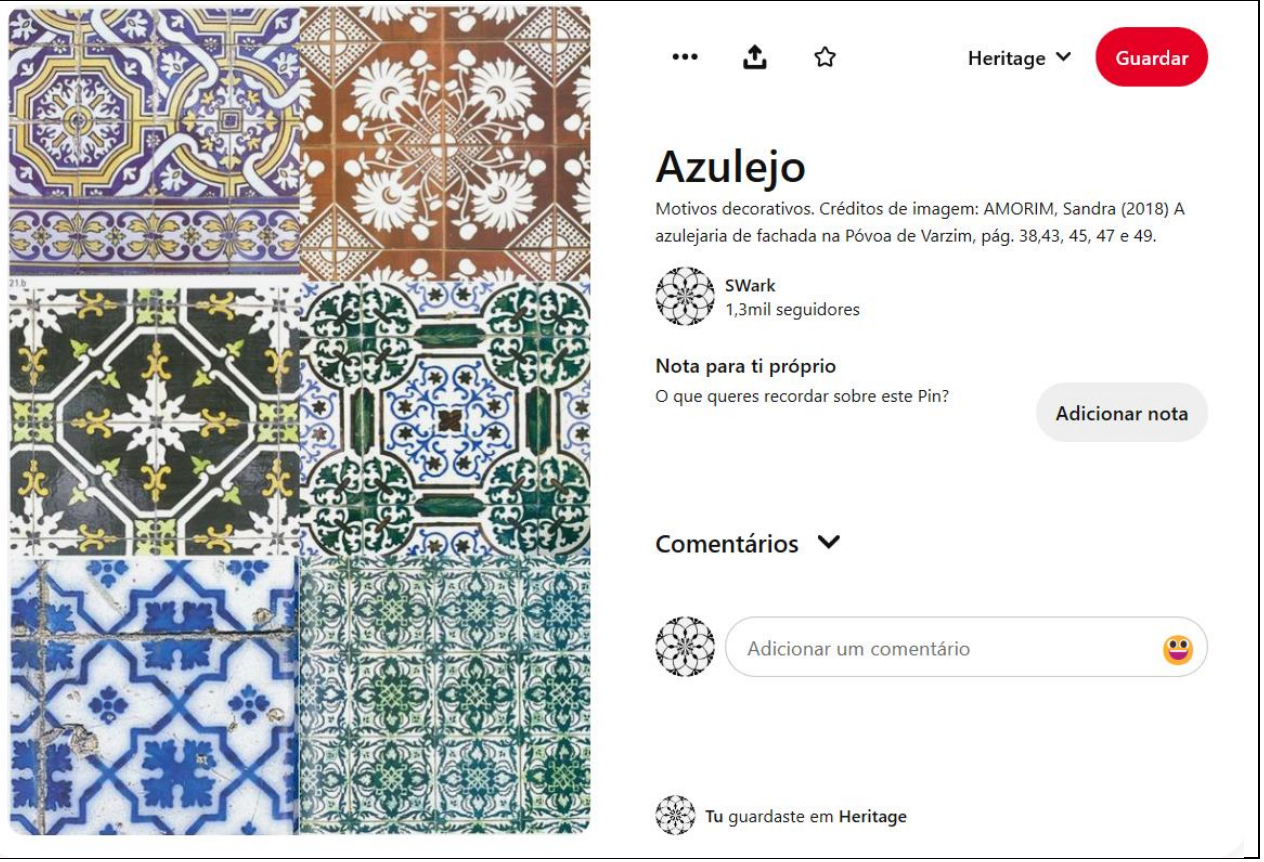
	19 de agosto de 2022 (18:30h)	Twitter	SWark by Sara Natária @SWarkHousehunt1 O azulejo biselado é o mais frequente na cidade, retangular e chanfrado nas extremidades, pois «através da sua espessura, ofereciam maior protecção à superfície em que eram aplicados». Créditos de imagem: foto de autor. Translate Tweet  6:30 PM · Aug 20, 2022 · Canva

	18 de agosto de 2022 (18:30h)	Pinterest	Heritage Guardar **Azulejo** O azulejo biselado é o mais frequente na cidade, retangular e chanfrado nas extremidades, pois «através da sua espessura, ofereciam maior protecção à superfície em que eram aplicados». SWark 1,3mil seguidores **Nota para ti próprio** O que queres recordar sobre este Pin? Adicionar nota **Comentários** Adicionar um comentário Tu guardaste em **Heritage**

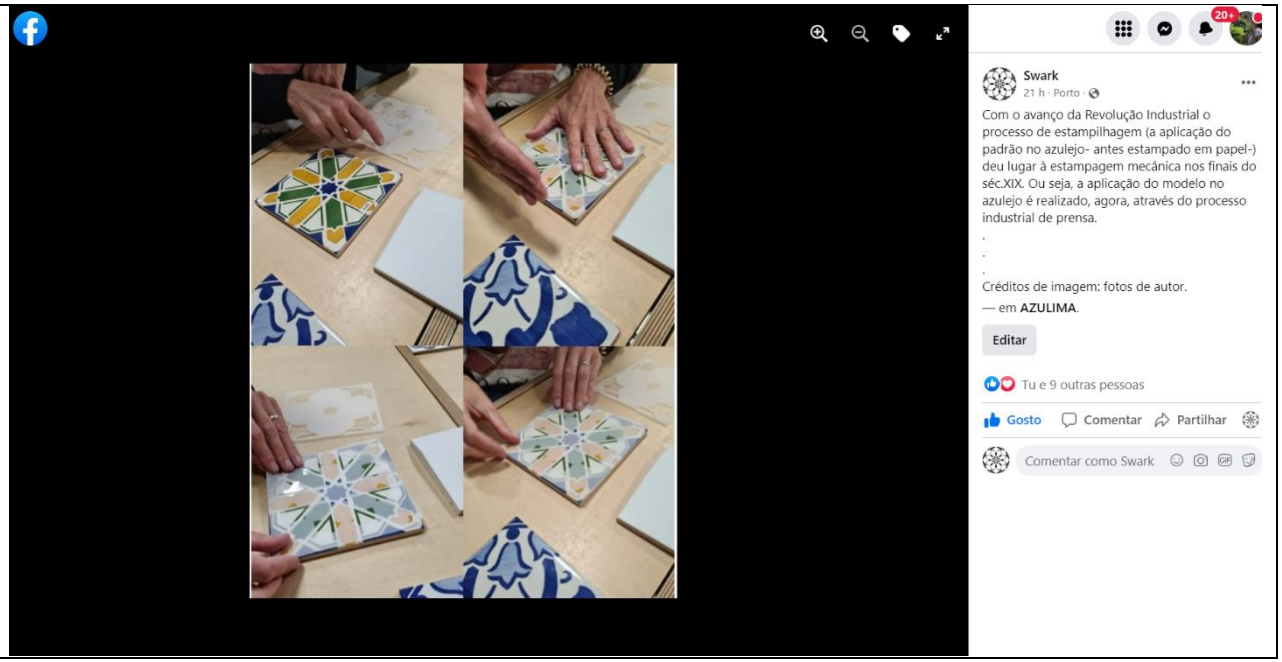
	20 de agosto de 2022 (18:30h)	Instagram	

	20 de agosto de 2022 (18:30h)	Facebook	

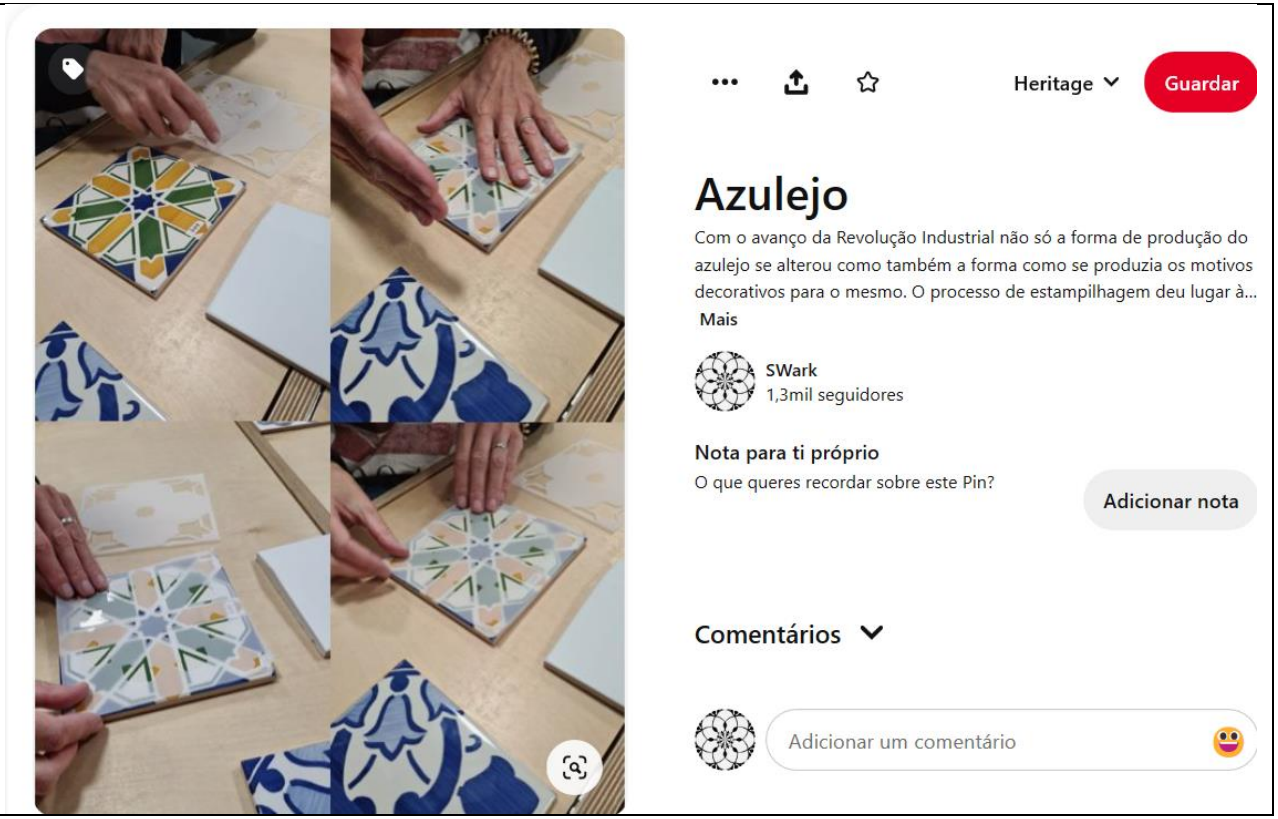
	20 de agosto de 2022 (18:30h)	Twitter	SWark by Sara Natária @SWarkHousehunt1 A azulejaria de fachada padronizada centra-se na repetição regular para formação de padrões. Este trabalho contribui para a organização arquitetónica do edifício e sensação de conjunto. Créditos de imagem: AMORIM, Sandra (2018) A azulejaria de fachada na Póvoa de Varzim, 38-49. Translate Tweet 6:30 PM · Aug 21, 2022 · Canva

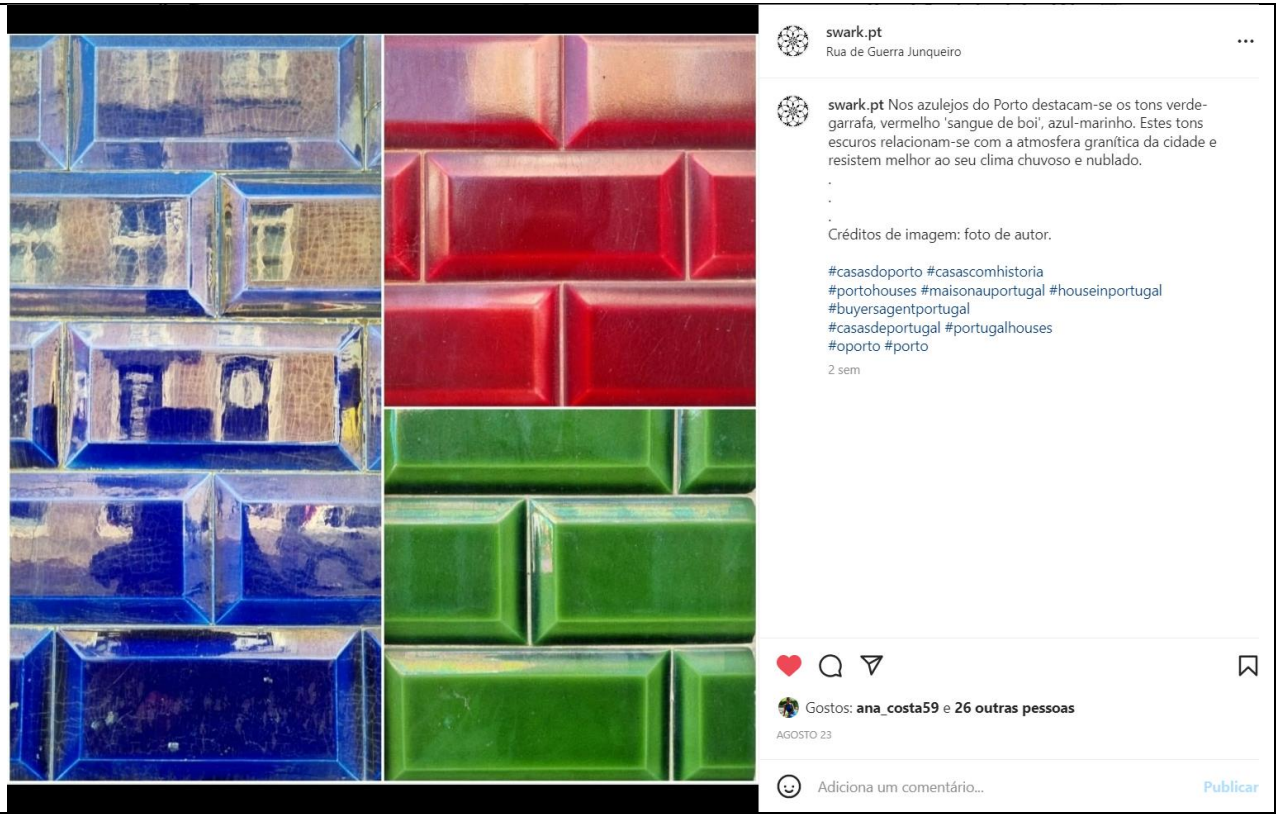
	20 de agosto de 2022 (18:30h)	Linkedin	
	19 de agosto de 2022 (18:30h)	Pinterest	

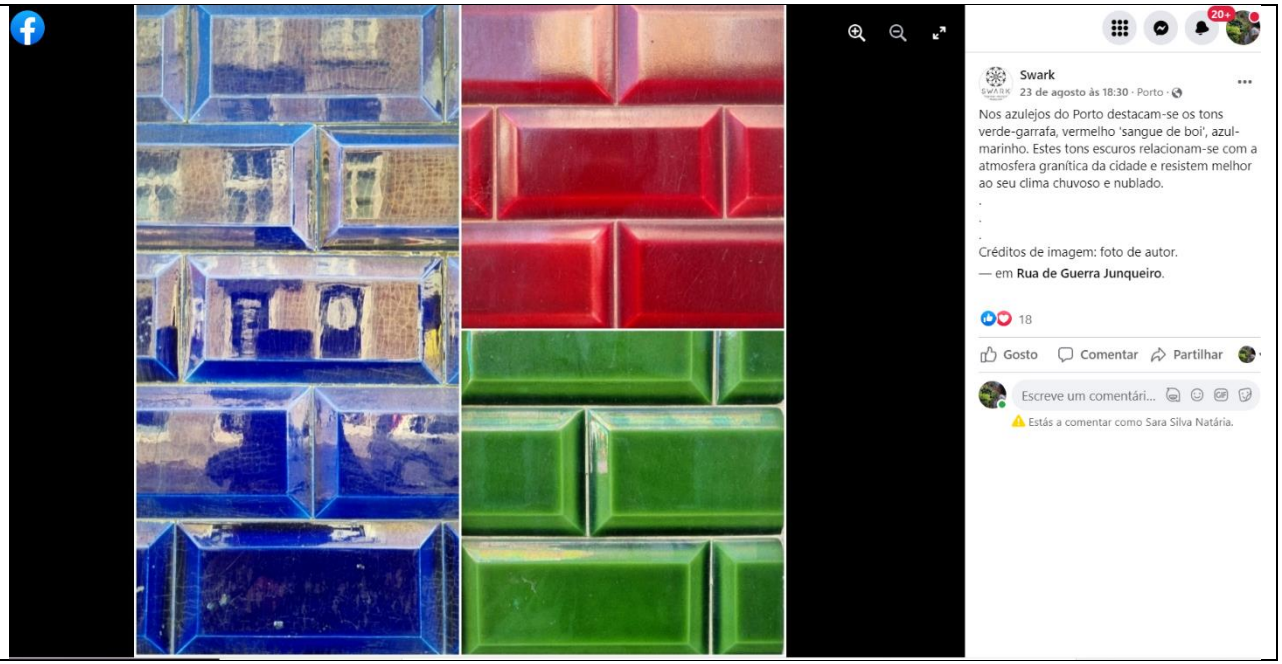
	21 de agosto de 2022 (18:30h)	Instagram	

	21 de agosto de 2022 (18:30h)	Facebook	

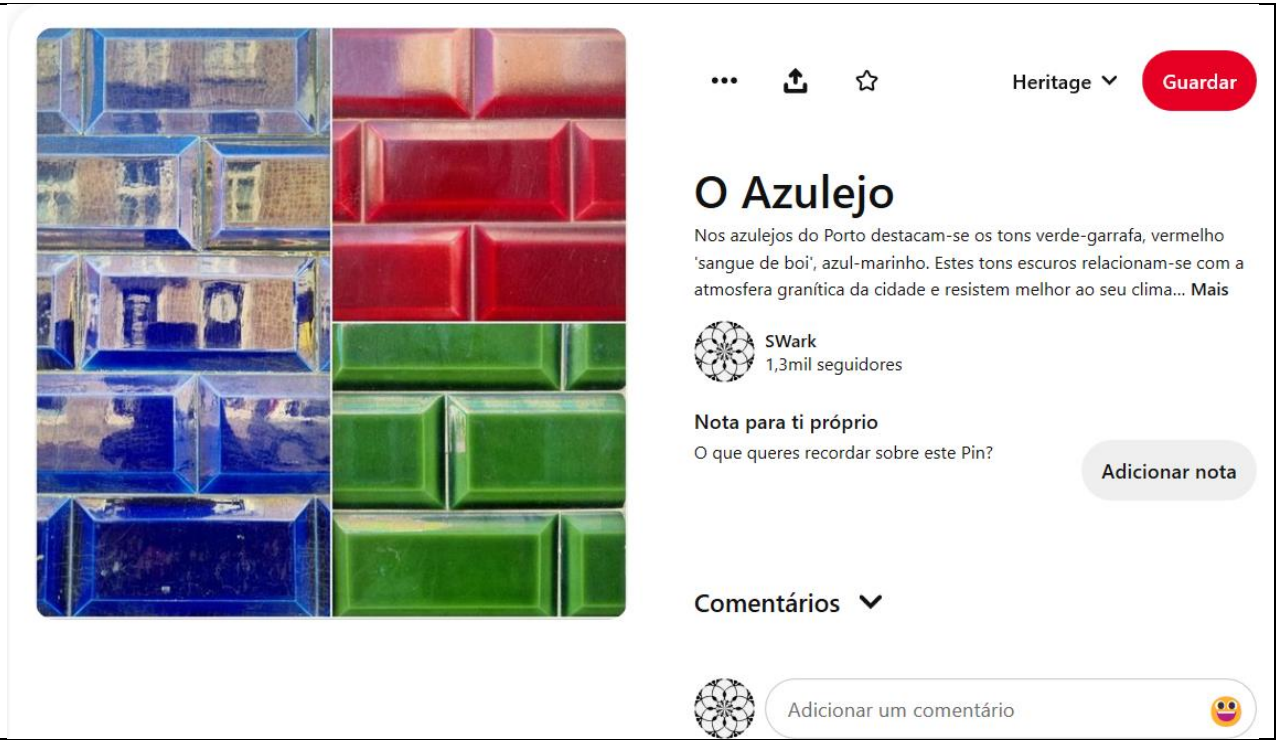
	21 de agosto de 2022 (18:30h)	Twitter	SWark by Sara Natária @SWarkHousehunt1 Com o avanço da Revolução Industrial o processo de estampilhagem (a aplicação do padrão no azulejo-antes estampado em papel-) deu lugar à estampagem mecânica nos finais do séc.XIX através do processo industrial de prensa. Créditos de imagem: fotos de autor. Translate Tweet 6:30 PM · Aug 22, 2022 · Canva

	20 de agosto de 2022 (18:30h)	Pinterest	

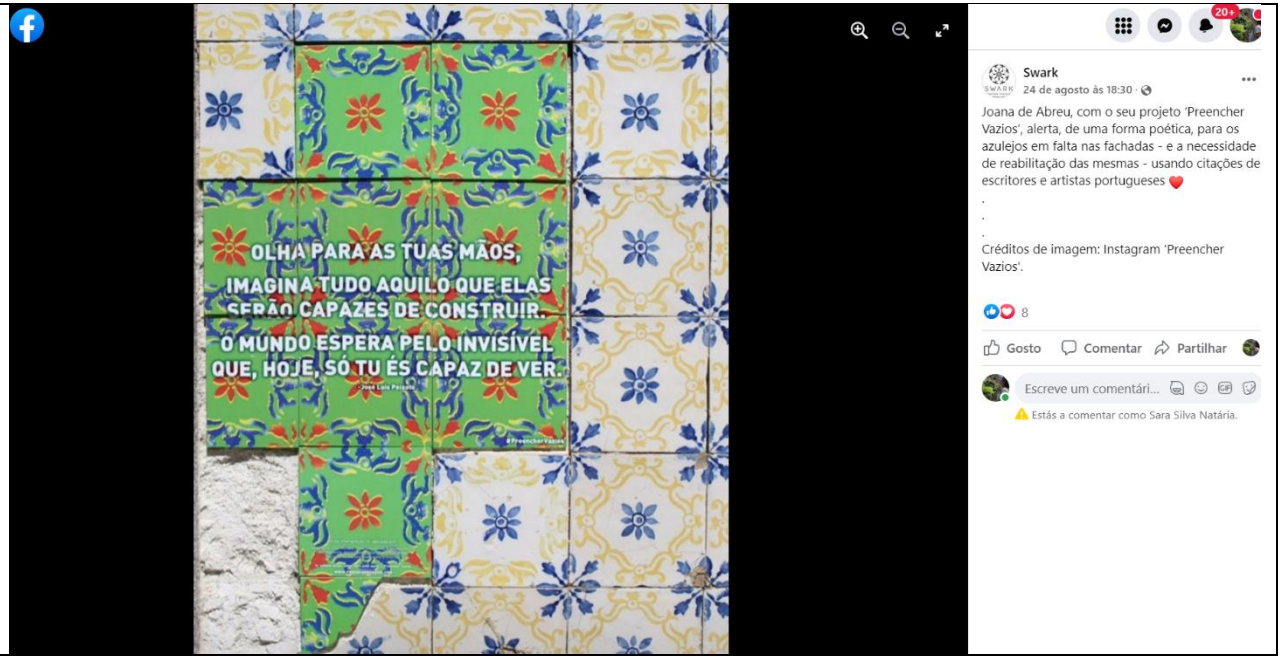
	22 de agosto de 2022 (18:30h)	Instagram	

	22 de agosto de 2022 (18:30h)	Facebook	

	22 de agosto de 2022 (18:30h)	Twitter	SWark by Sara Natária @SWarkHousehunt1 Nos azulejos do Porto destacam-se os tons verde-garrafa, vermelho 'sangue de boi', azul-marinho. Estes tons escuros relacionam-se com a atmosfera granítica da cidade e resistem melhor ao seu clima chuvoso e nublado. . . . Créditos de imagem: foto de autor. Translate Tweet

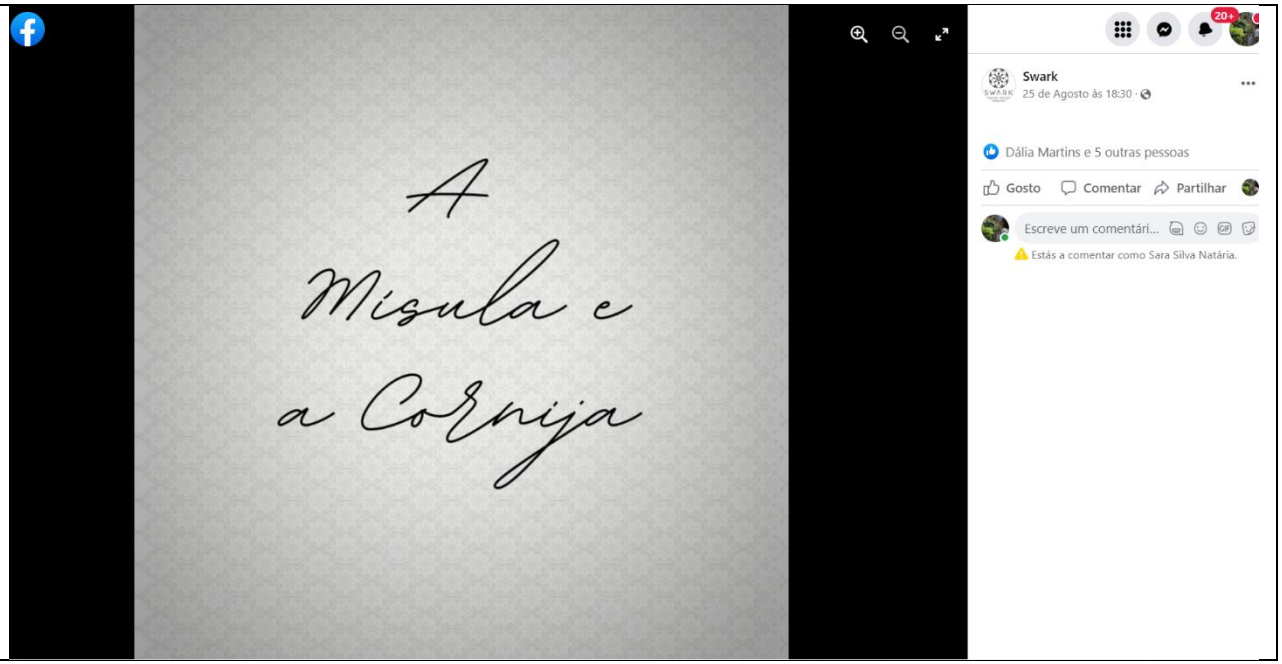
	21 de agosto de 2022 (18:30h)	Pinterest	

	23 de agosto de 2022 (18:30h)	Instagram	

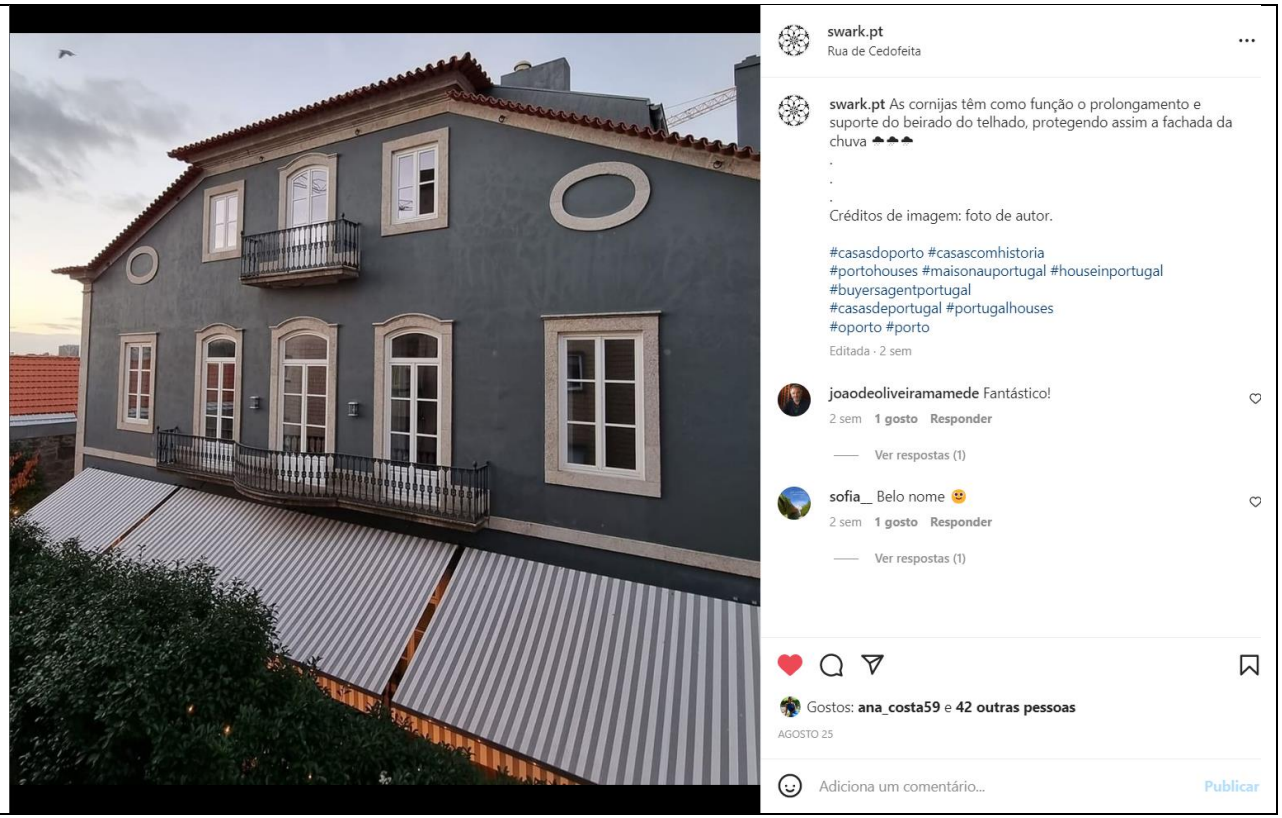
	23 de agosto de 2022 (18:30h)	Facebook	

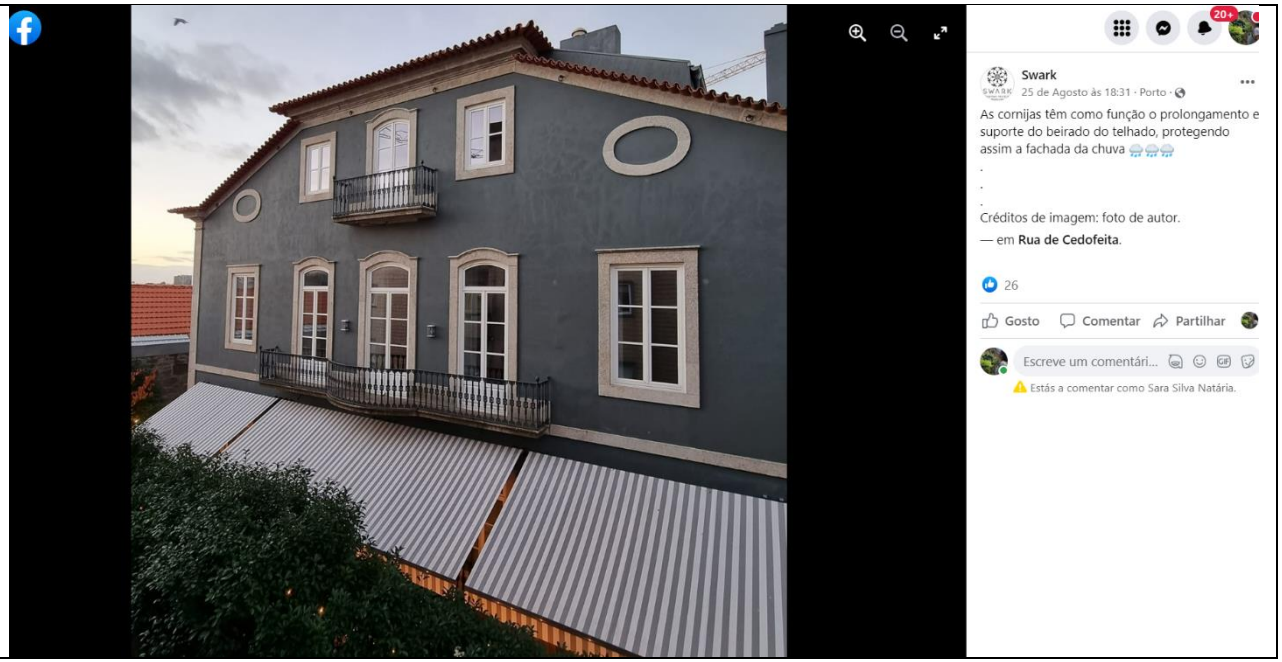
	23 de agosto de 2022 (18:30h)	Twitter	SWark by Sara Natária @SWarkHousehunt1 Joana de Abreu, no projeto 'Preencher Vazios' na cidade do Porto, alerta para azulejos em falta nas fachadas- e a necessidade de reabilitação das mesmas- usando citações e frases de escritores e artistas portugueses. Créditos de imagem: Instagram 'Preencher Vazios'. Translate Tweet

A Mísula e a Cornija	24 de agosto de 2022 (18:30h)	Instagram	

	24 de agosto de 2022 (18:30h)	Facebook	

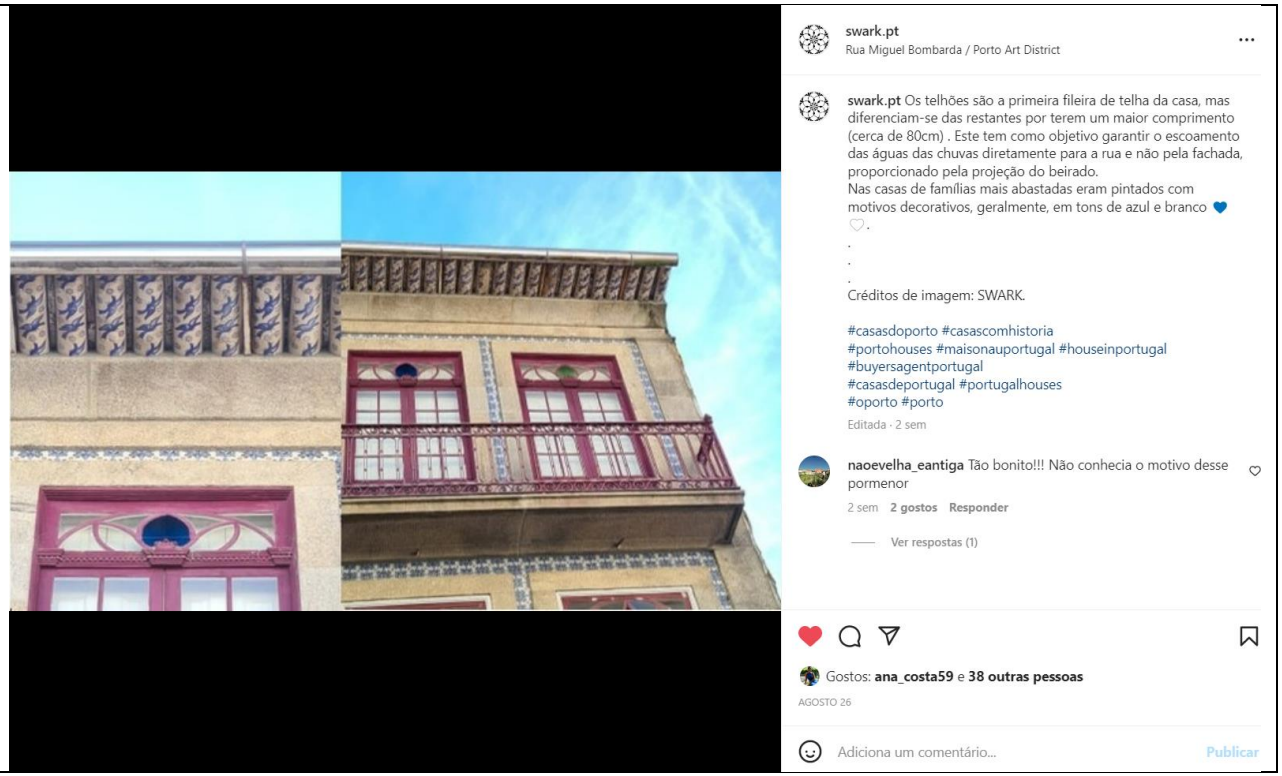
	24 de agosto de 2022 (18:30h)	Twitter	

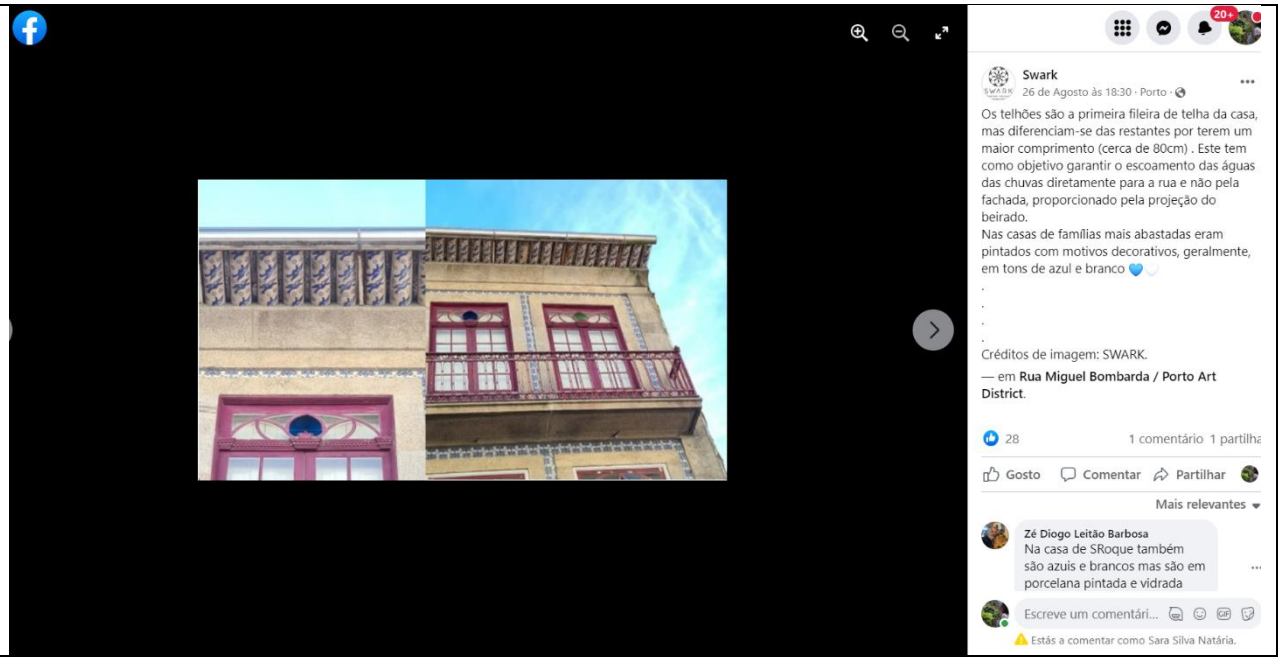
	24 de agosto de 2022 (18:31h)	Instagram	

	24 de agosto de 2022 (18:31h)	Facebook	

	24 de agosto de 2022 (18:31h)	Twitter	SWark by Sara Natária @SWarkHousehunt1 As cornijas que têm como função o prolongamento e suporte do beirado do telhado. Permitem uma maior proteção da fachada às águas da chuva. Créditos de imagem: foto de autor. Translate Tweet 6:31 PM · Aug 25, 2022 · Canva

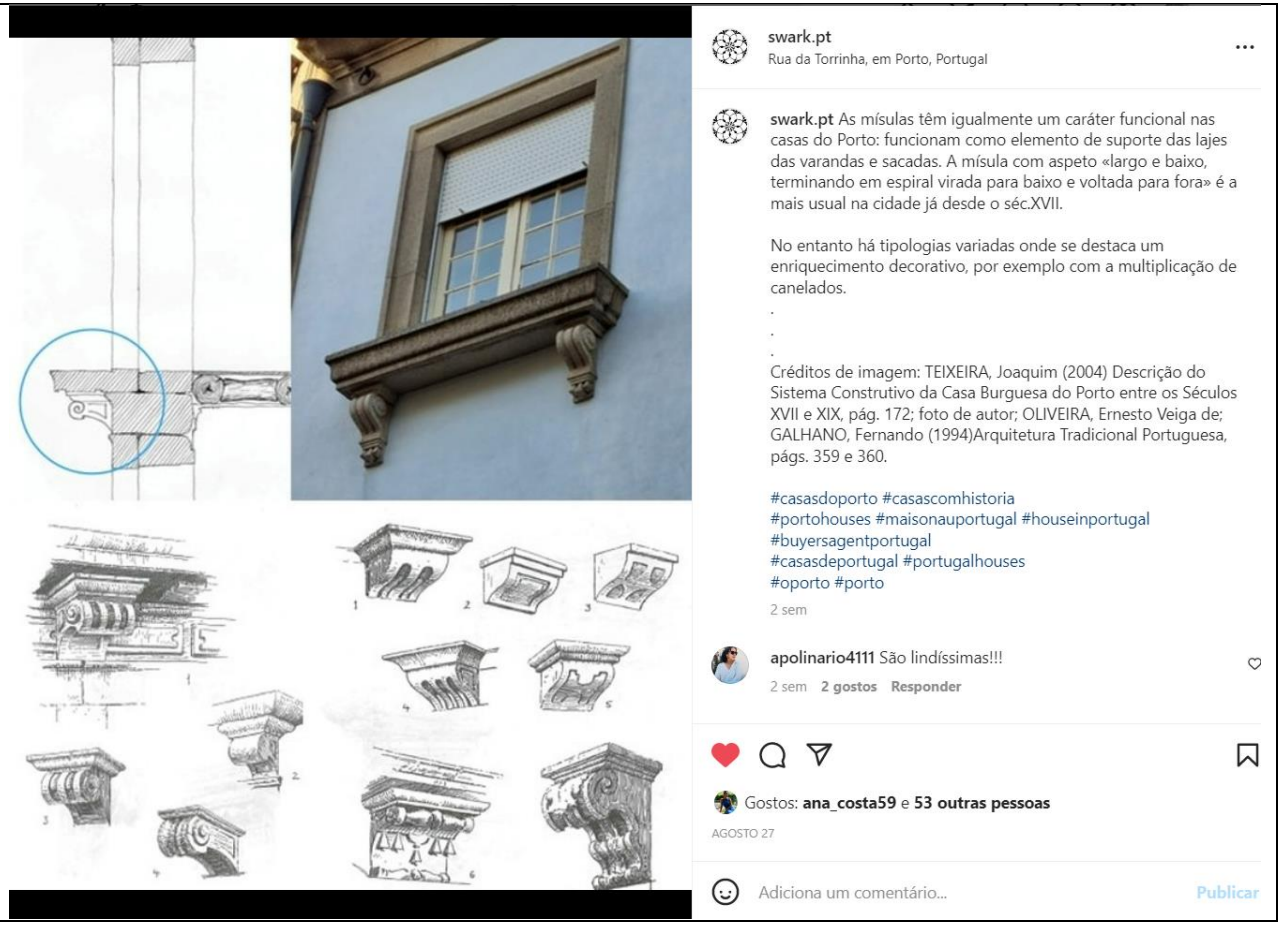
	22 de agosto de 2022 (18:30h)	Pinterest	

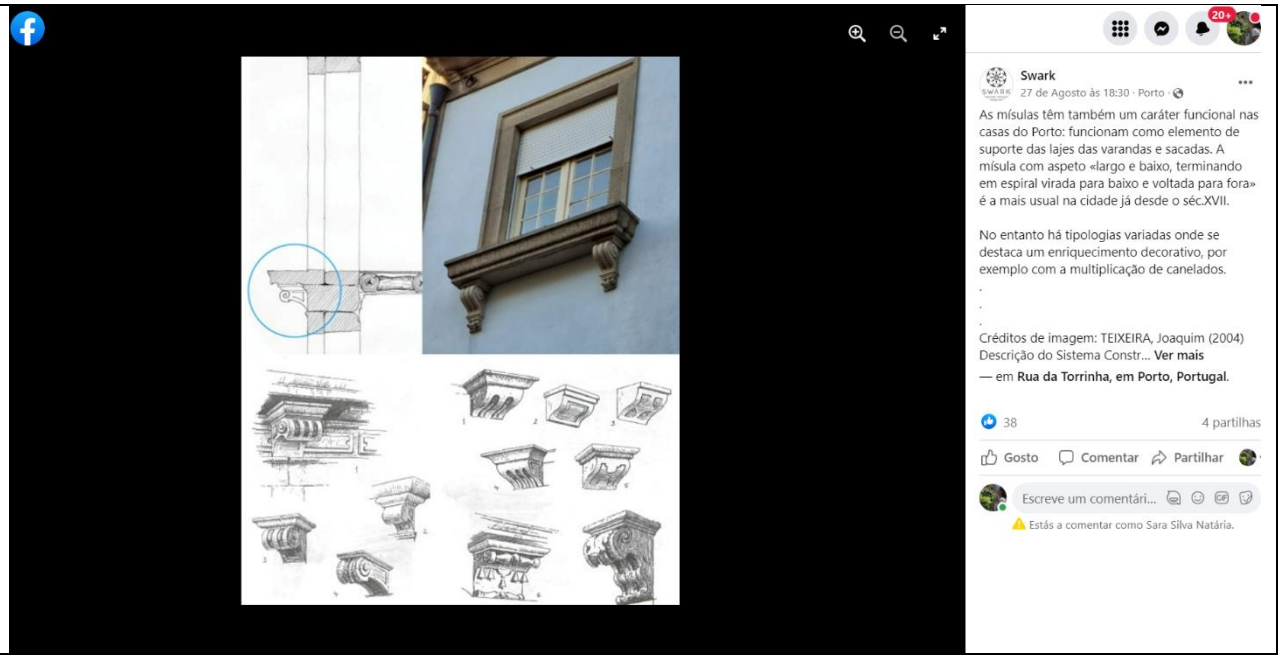
	25 de agosto de 2022 (18:30h)	Instagram	

	25 de agosto de 2022 (18:30h)	Facebook	

	25 de agosto de 2022 (18:30h)v	Twitter		SWark by Sara Natária @SWarkHousehunt1 Os telhões são a primeira fileira de telha da casa. Têm maior comprimento do que as restantes (80cm) para que o escoamento das águas pluviais se faça para a rua e não pela fachada. Em casas de famílias mais abastadas são pintados com motivos decorativos. Créditos de imagem: SWARK Translate Tweet 6:30 PM · Aug 26, 2022 · Canva

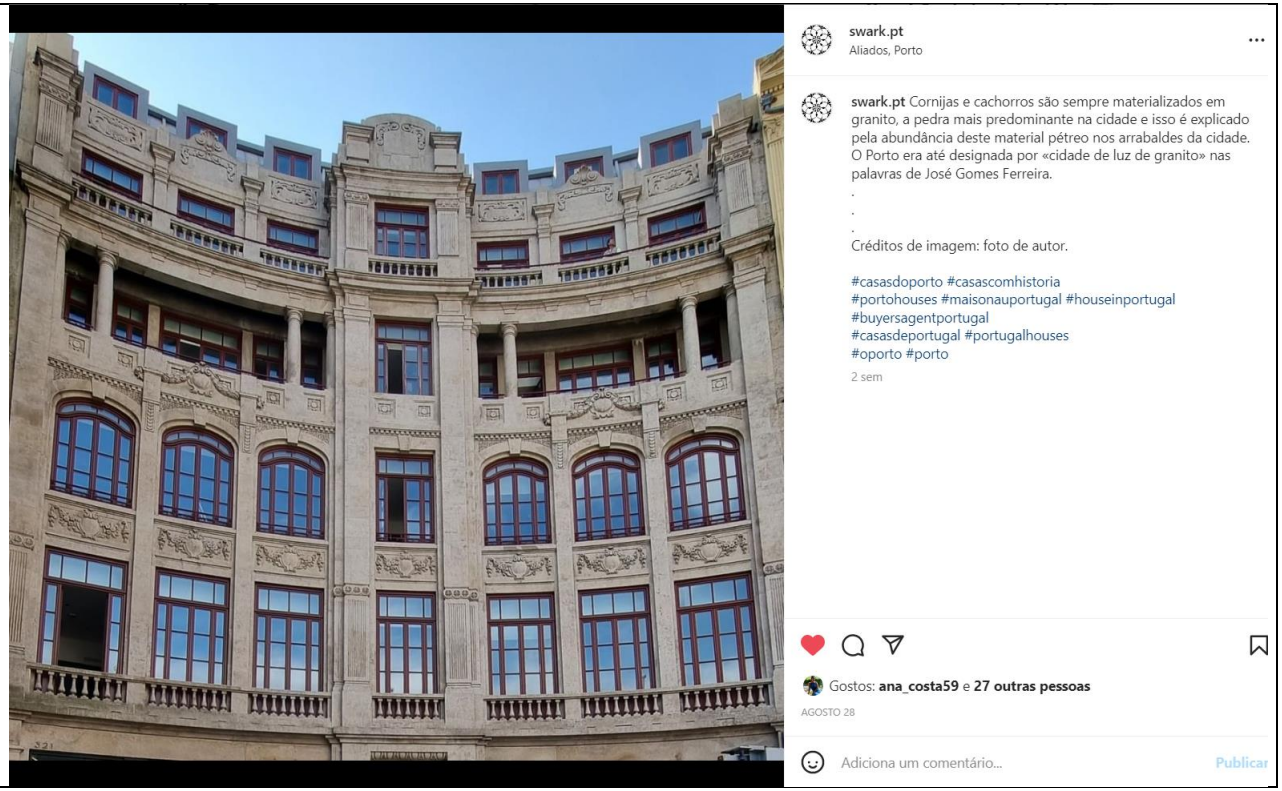
	23 de agosto de 2022 (18:30h)	Pinterest	

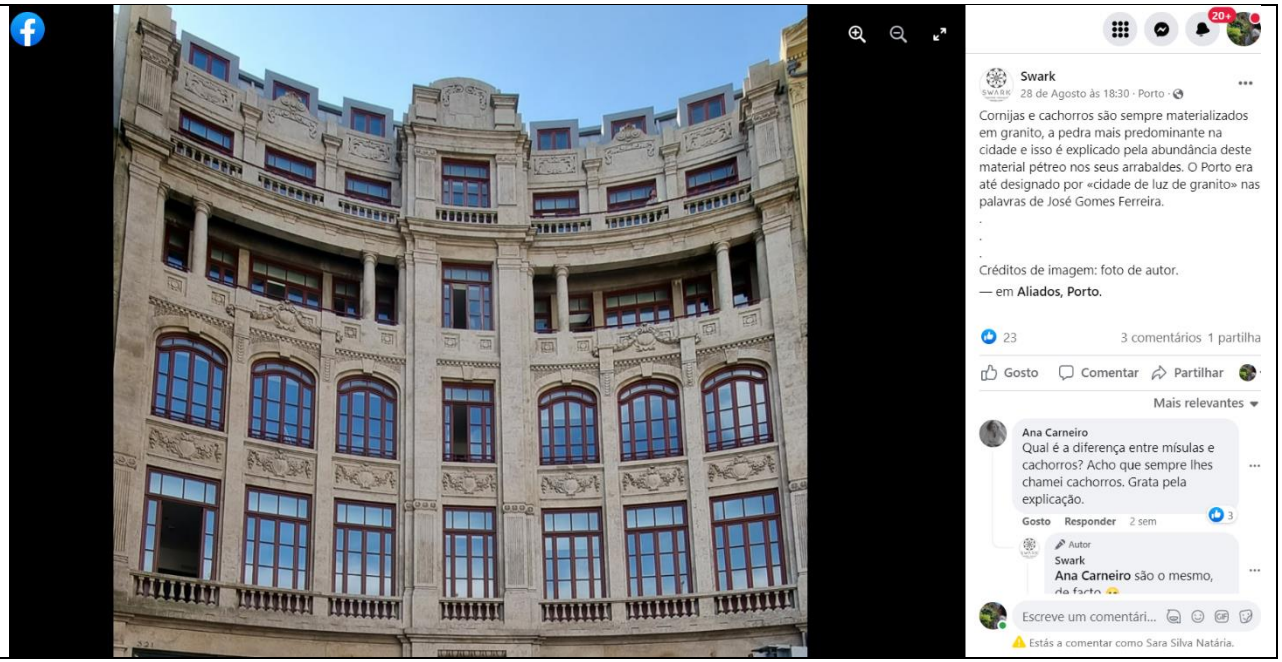
	26 de agosto de 2022 (18:30h)	Instagram	

	26 de agosto de 2022 (18:30h)	Facebook	

	26 de agosto de 2022 (18:30h)	Twitter	SWark by Sara Natária @SWarkHousehunt1 As mísulas, nas casas do Porto, funcionam como elemento de suporte das lajes das varandas e sacadas. Créditos de imagem: foto de autor;TEIXEIRA, Joaquim (2004) Descrição do Sistema Construtivo da Casa Burguesa do Porto entre os Séculos XVII e XIX, pág. 172. Translate Tweet 6:30 PM · Aug 27, 2022 · Canva

	24 de agosto de 2022 (18:30h)	Pinterest	

	27 de agosto de 2022 (18:30h)	Instagram	

	27 de agosto de 2022 (18:30h)	Facebook	

	27 de agosto de 2022 (18:30h)	Twitter	SWark by Sara Natária @SWarkHousehunt1 Cornijas e cachorros são sempre materializados em granito, o material pétreo mais abundante nos arrabaldes da cidade. Nas palavras de José Gomes Ferreira o Porto é «cidade de luz de granito». Créditos de imagem: foto de autor. Translate Tweet 6:31 PM · Aug 28, 2022 · Canva

	25 de agosto de 2022 (18:30h)	Pinterest	

Heritage Guardar

A Cornija e a Mísula

Cornijas e cachorros são sempre materializados em granito, a pedra mais predominante na cidade e isso é explicado pela abundância deste material pétreo nos arrabaldes da cidade. O Porto era até... **Mais**

SWark
1,3mil seguidores

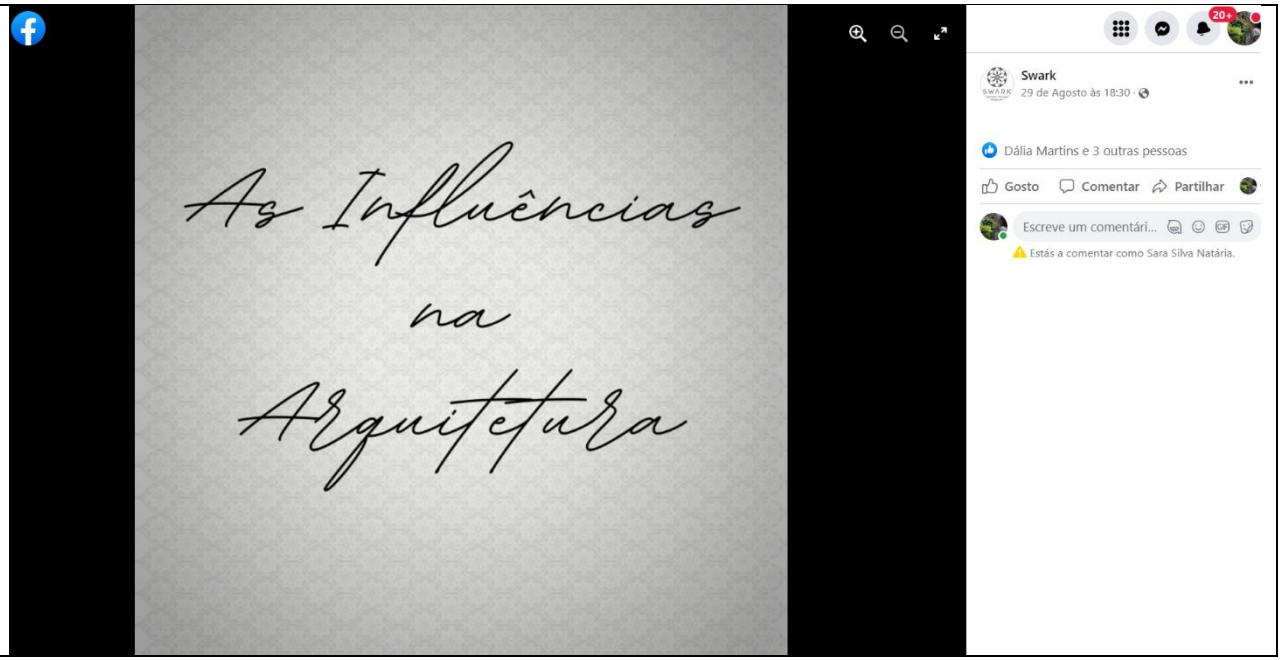
Nota para ti próprio
O que queres recordar sobre este Pin?

Adicionar nota

Comentários

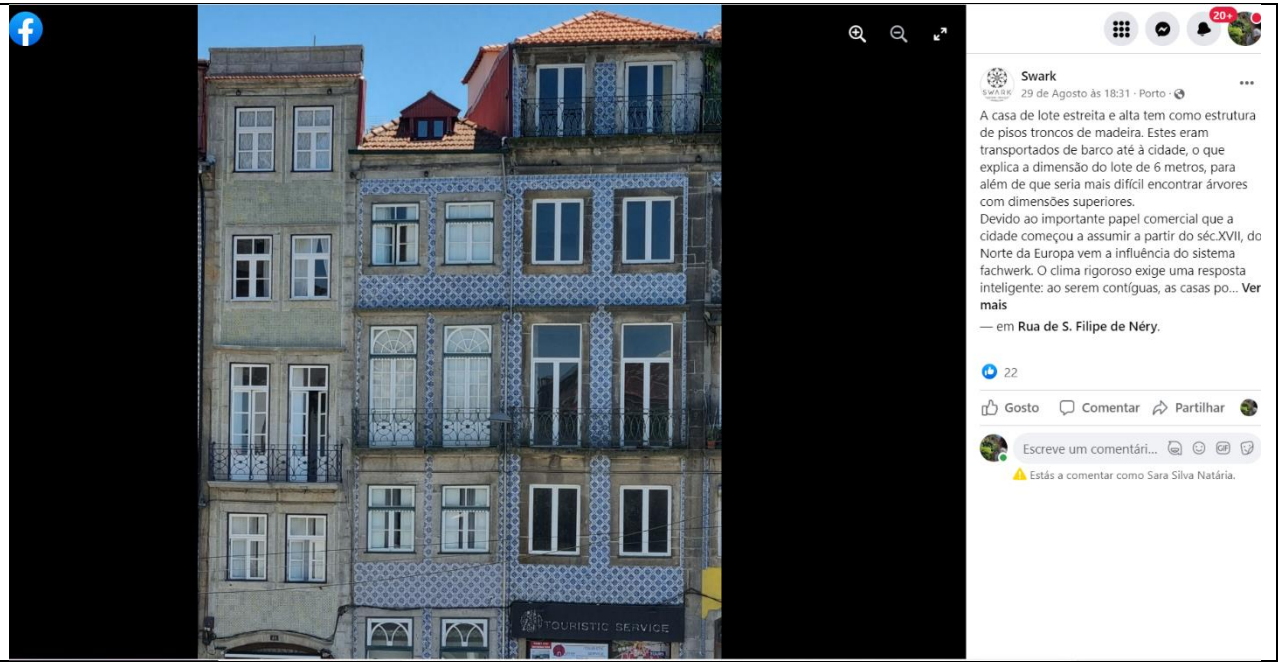
Adicionar um comentário

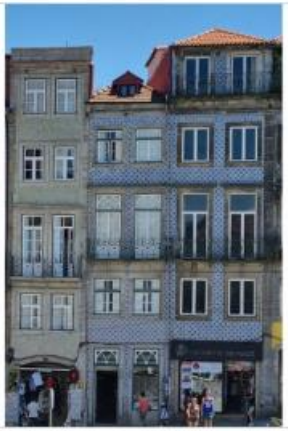
As Influências na Arquitetura	28 de agosto de 2022 (18:30h)	Instagram	

	28 de agosto de 2022 (18:30h)	Facebook	

	28 de agosto de 2022 (18:30h)	Twitter	

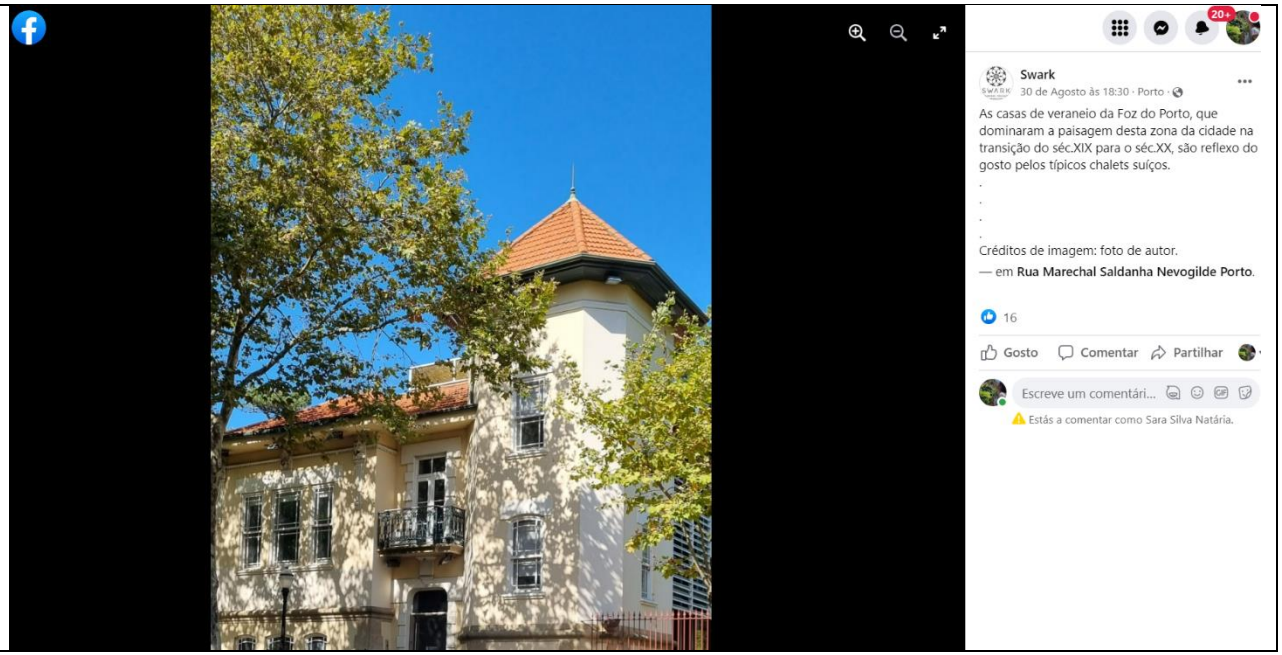
	28 de agosto de 2022 (18:31h)	Instagram	swark.pt Rua de S. Filipe de Néry swark.pt A casa de lote estreita e alta tem como estrutura de pisos troncos de madeira. Estes eram transportados de barco até à cidade, o que explica a dimensão do lote de 6 metros, para além de que seria mais difícil encontrar árvores com dimensões superiores. Devido ao importante papel comercial que a cidade começou a assumir a partir do séc.XVII, do Norte da Europa vem a influência do sistema fachwerk. O clima rigoroso exige uma resposta inteligente: ao serem contíguas, as casas possuem apenas duas frentes, o que é uma forma de manutenção do calor interno. . . . Créditos de imagem: foto de autor. #casasdoporto #casascomhistoria #portohouses #maisonauportugal #houseinportugal #buyersagentportugal #casasdeportugal #portugalhouses #oporto #porto Editada · 1 s Gostos: ana_costa59 e 37 outras pessoas AGOSTO 29 Adiciona um comentário... Publicar

	28 de agosto de 2022 (18:31h)	Facebook	

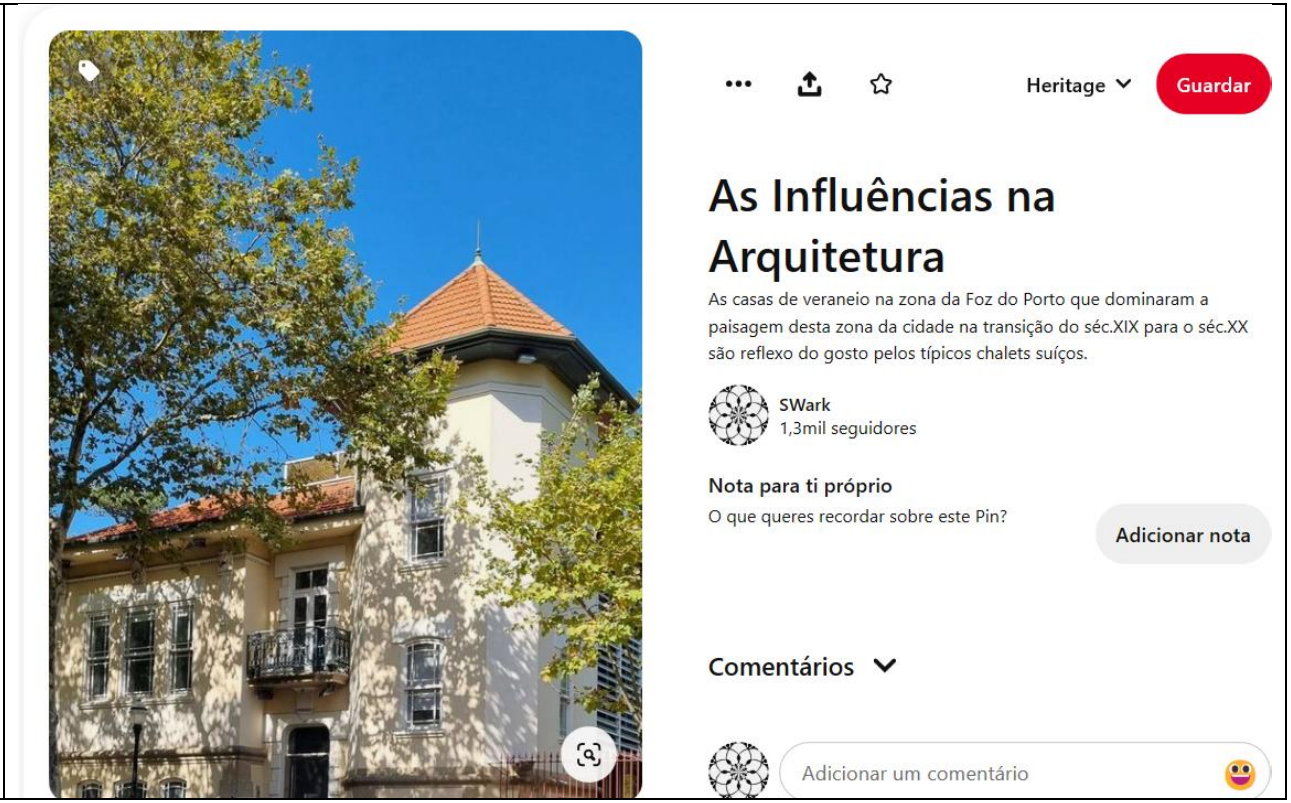
	28 de agosto de 2022 (18:31h)	Twitter	SWark by Sara Natária @SWarkHousehunt1 Do Norte da Europa, a partir do séc.XVII, surge a influência do sistema fachwerk: estas construções de duas frentes, com sistema contíguo funcionavam como manutenção do calor interno da habitação. Créditos de imagem: foto de autor. Translate Tweet  6:31 PM · Aug 29, 2022 · Canva

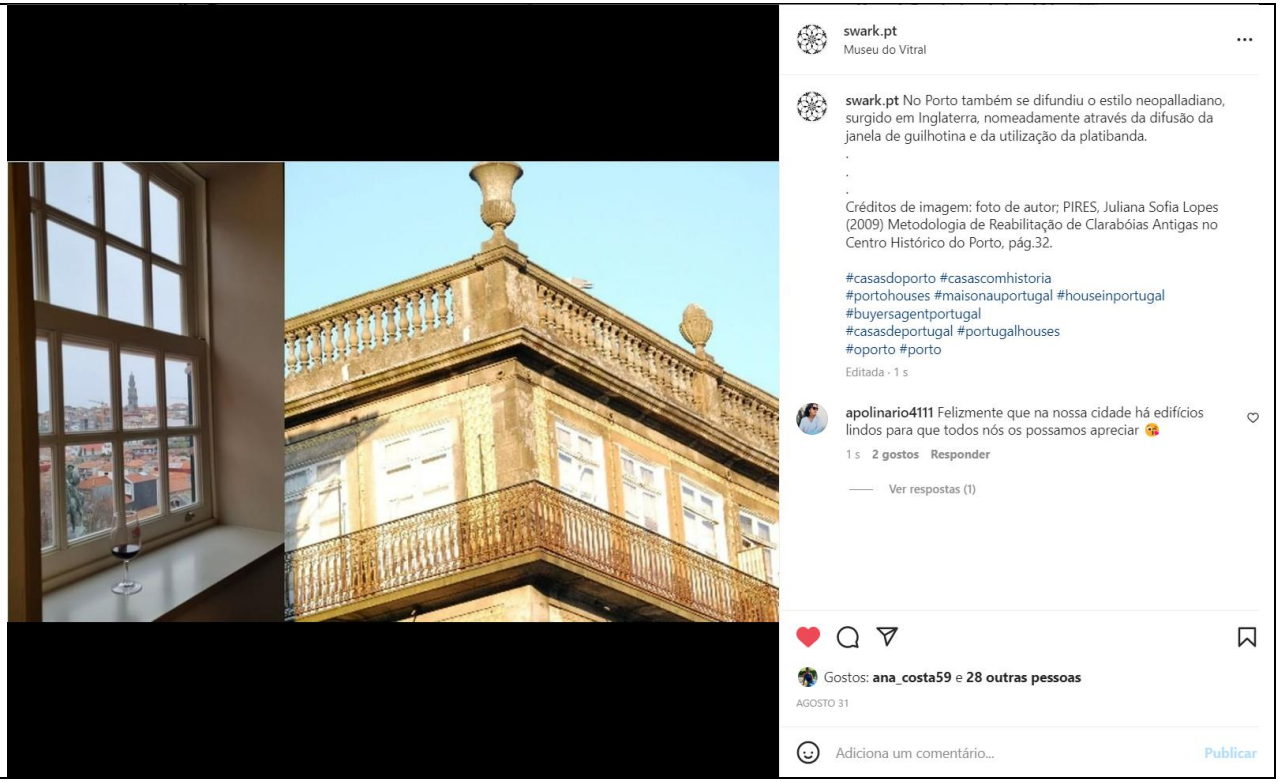
	26 de agosto de 2022 (18:30h)	Pinterest	Heritage Guardar **As Influências na Arquitetura** A casa de fisionomia estreita e alta, justificado pelo importante papel comercial que a cidade começou a assumir a partir do séc.XVII, é reflexo de influência do Norte da Europa com o sistema... **Mais** SWark 1,3mil seguidores **Nota para ti próprio** O que queres recordar sobre este Pin? Adicionar nota Comentários Adicionar um comentário Tu guardaste em **Heritage**

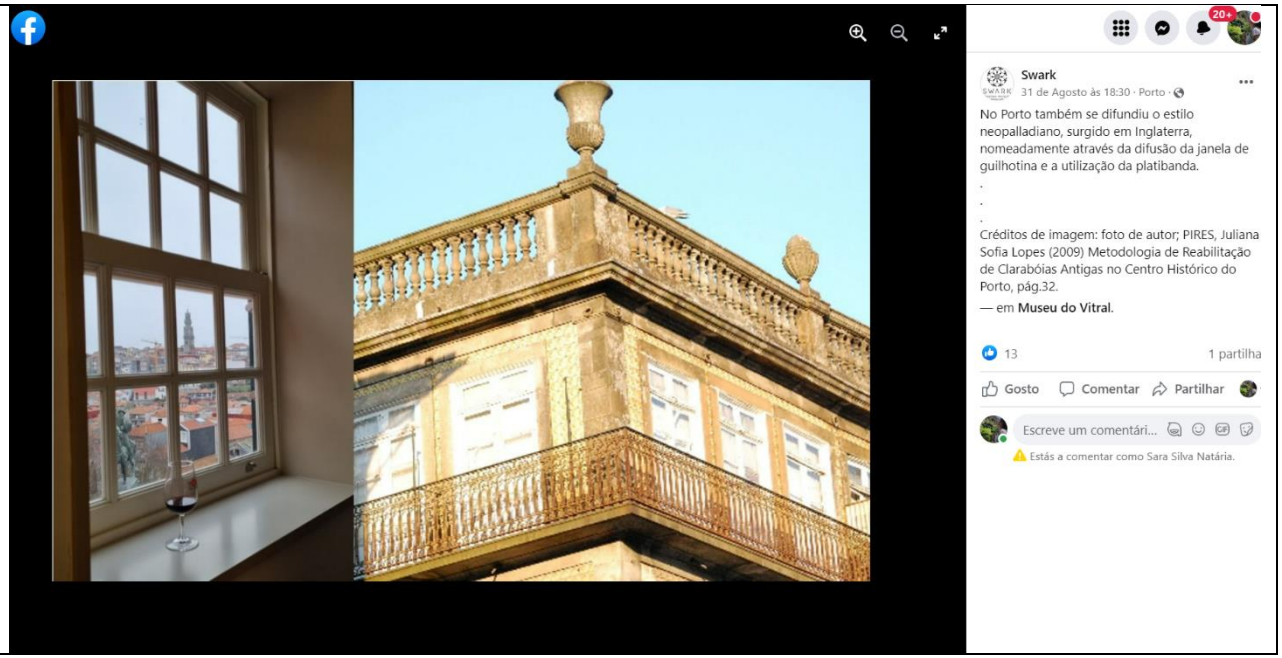
	29 de agosto de 2022 (18:30h)	Instagram	

	29 de agosto de 2022 (18:30h)	Facebook	

	29 de agosto de 2022 (18:30h)	Twitter	SWark by Sara Natária @SWarkHousehunt1 As casas de veraneio na zona da Foz do Porto, da transição do séc.XIX para o séc.XX, são reflexo do gosto pelos típicos chalets suíços. Créditos de imagem: foto de autor. Translate Tweet

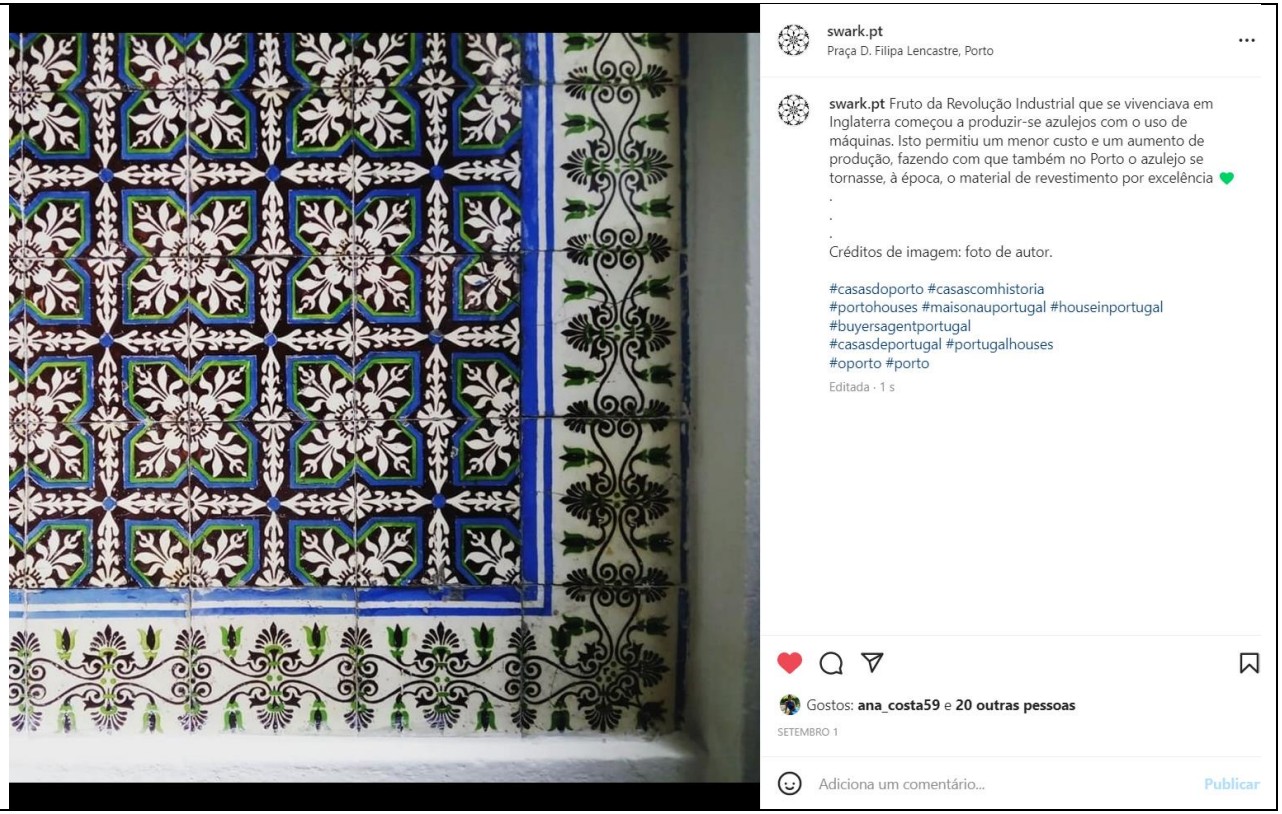
	27 de agosto de 2022 (18:30h)	Pinterest	

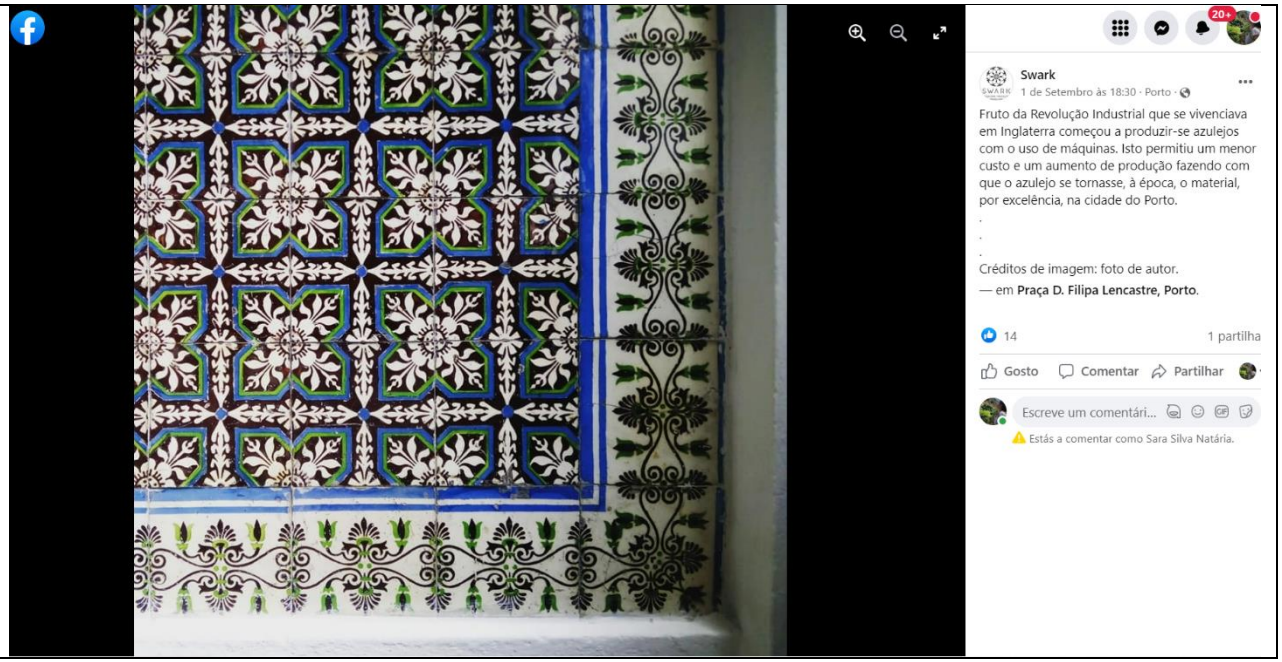
	30 de agosto de 2022 (18:30h)	Instagram	

	30 de agosto de 2022 (18:30h)	Facebook	

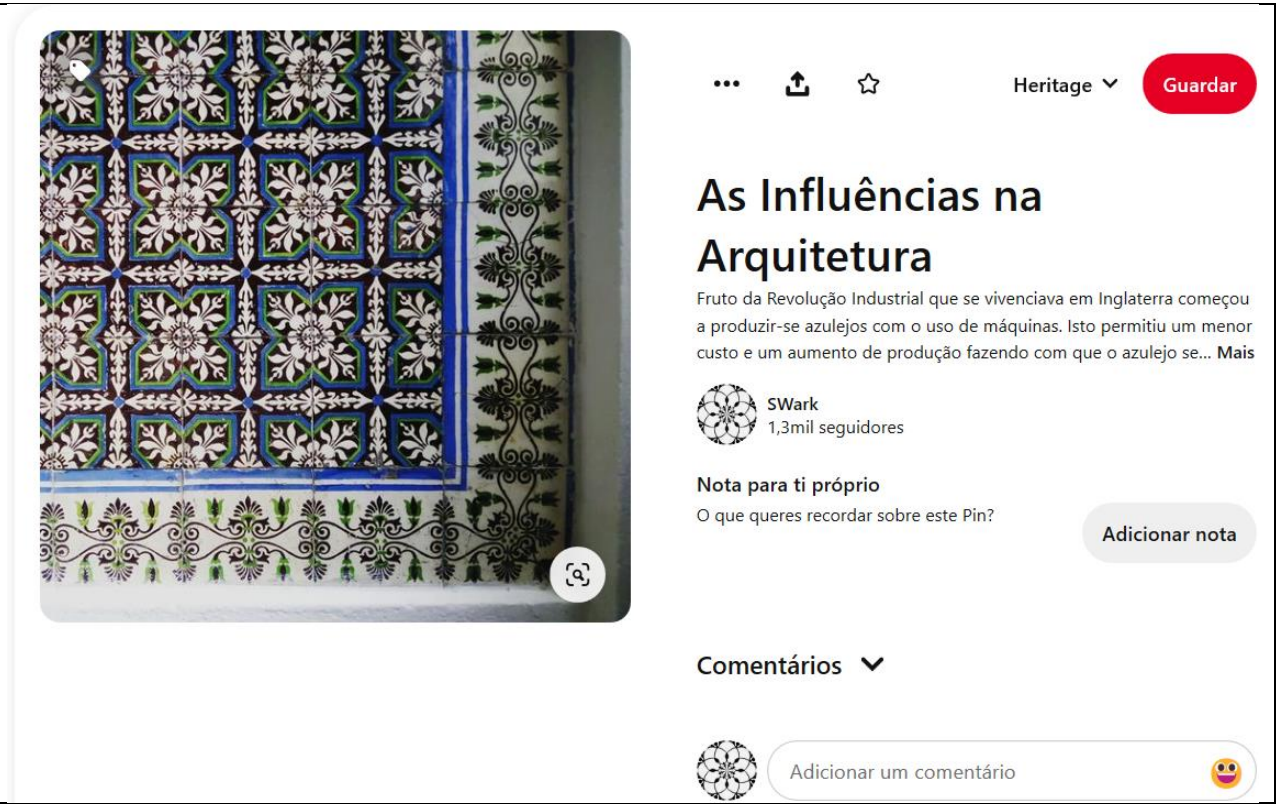
	30 de agosto de 2022 (18:30h)	Twitter	SWark by Sara Natária @SWarkHousehunt1 Na cidade portuense também se difundiu o estilo neopalladino, de Inglaterra, através do uso da janela de guilhotina e da platibanda. Imagem: PIRES, Juliana Sofia Lopes (2009) Metodologia de Reabilitação de Clarabóias Antigas no Centro Histórico do Porto, pág.32 Translate Tweet 6:30 PM · Aug 31, 2022 · Canva

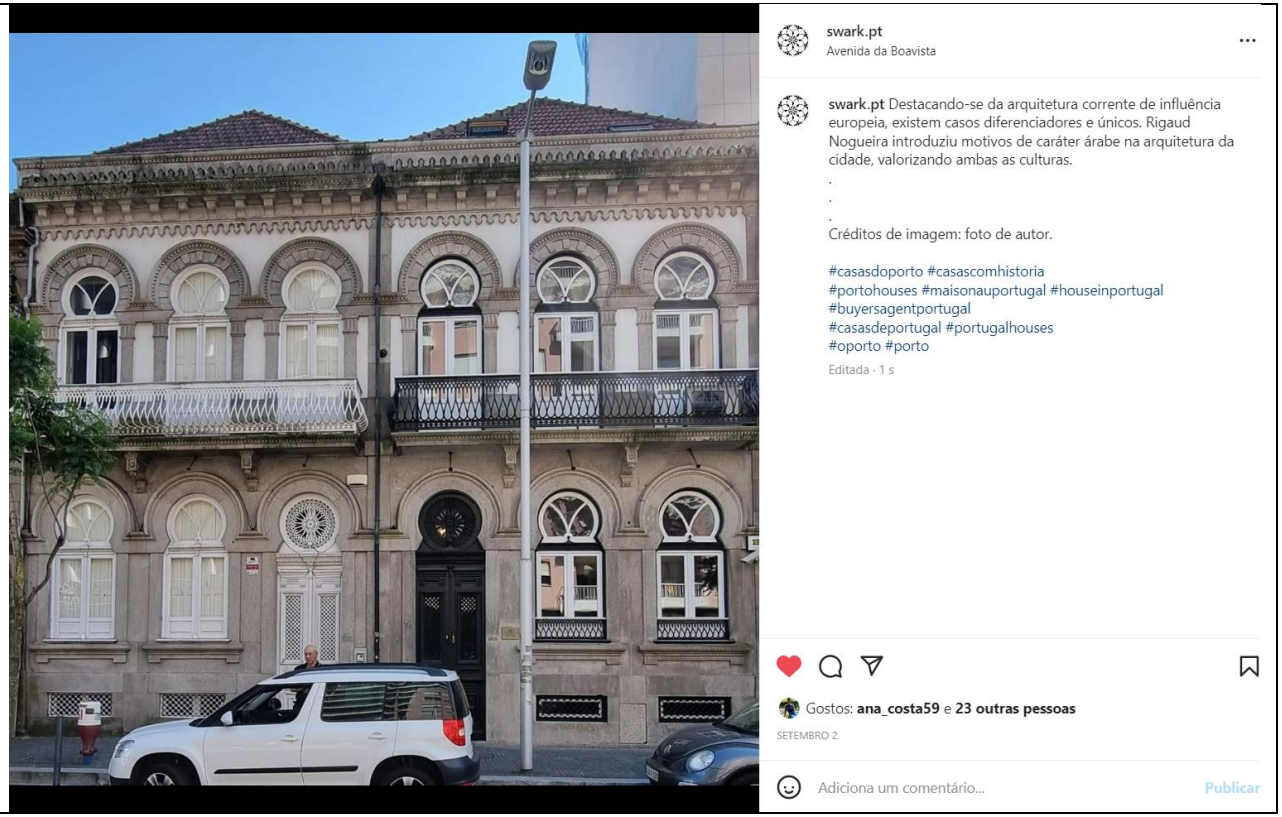
	28 de agosto de 2022 (18:30h)	Pinterest	

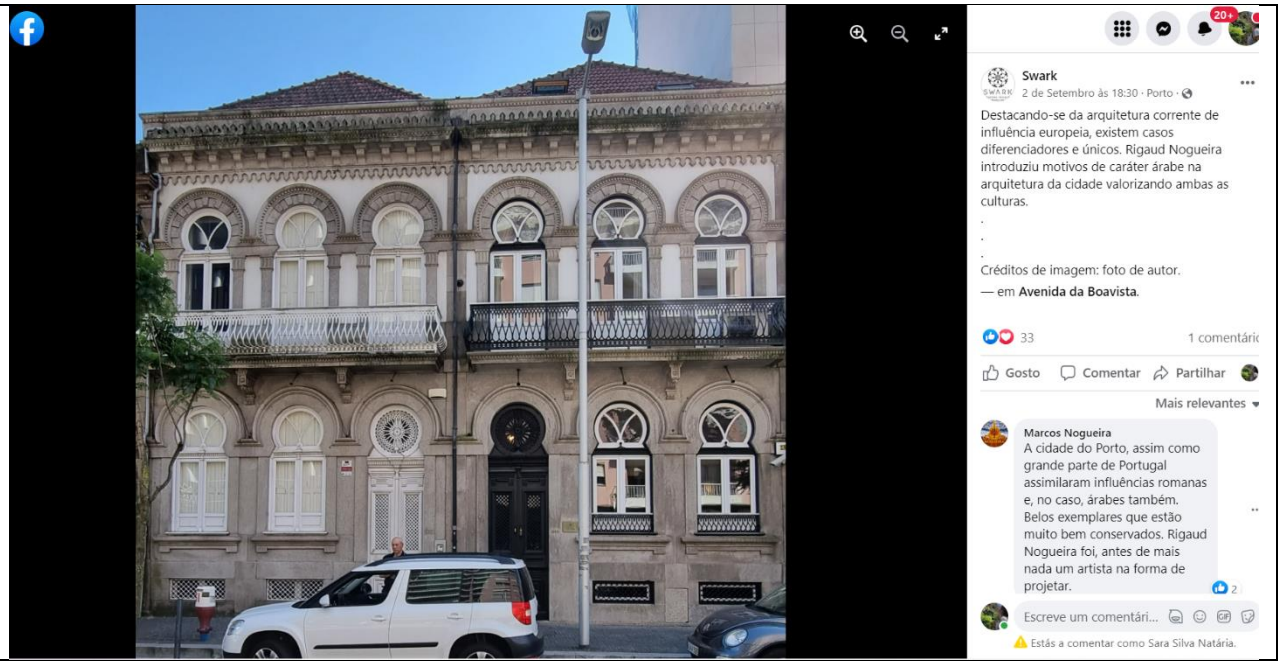
	31 de agosto de 2022 (18:30h)	Instagram	

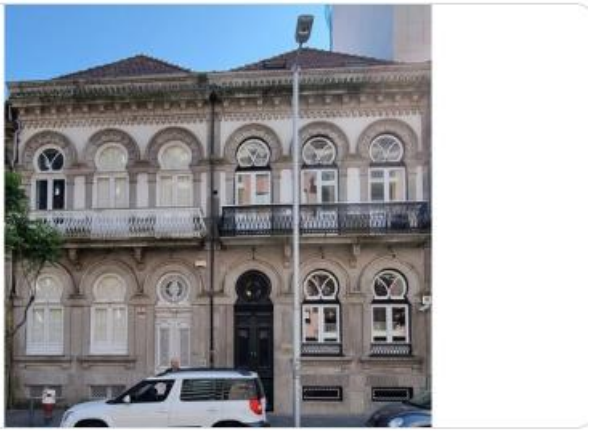
	31 de agosto de 2022 (18:30h)	Facebook	

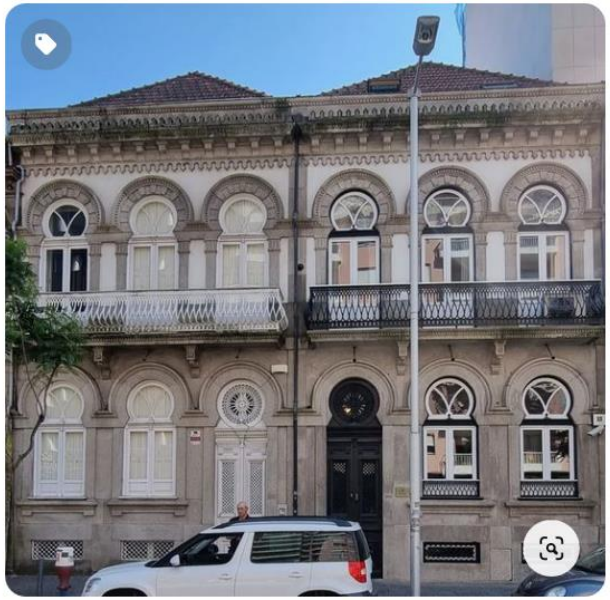
	31 de agosto de 2022 (18:30h)	Twitter	SWark by Sara Natária @SWarkHousehunt1 Fruto da Revolução Industrial que se vivia em Inglaterra começou a produzir-se azulejos com o uso de máquinas: permitiu um menor custo e um aumento de produção fazendo com que o azulejo se tornasse, à época, o material, por excelência, do Porto. Créditos de imagem: SWARK. Translate Tweet 6:30 PM · Sep 1, 2022 · Canva

	29 de agosto de 2022 (18:30h)	Pinterest	

	01 de setembro de 2022 (18:30h)	Instagram	

	01 de setembro de 2022 (18:30h)	Facebook	

	01 de setembro de 2022 (18:30h)	Twitter	SWark by Sara Natária @SWarkHousehunt1 Destacando-se da arquitetura corrente de influência europeia, existem casos diferenciadores e únicos. Rigaud Nogueira introduziu motivos de caráter árabe na arquitetura da cidade valorizando ambas as culturas. Créditos de imagem: foto de autor. Translate Tweet  6:30 PM · Sep 2, 2022 · Canva

	30 de agosto de 2022 (18:30h)	Pinterest	

Heritage Guardar

As Influências na Arquitetura

Destacando-se da arquitetura corrente de influência europeia, existem casos diferenciadores e únicos. Rigaud Nogueira introduziu motivos de caráter árabe na arquitetura da cidade valorizando ambas as... **Mais**

SWark
1,3mil seguidores

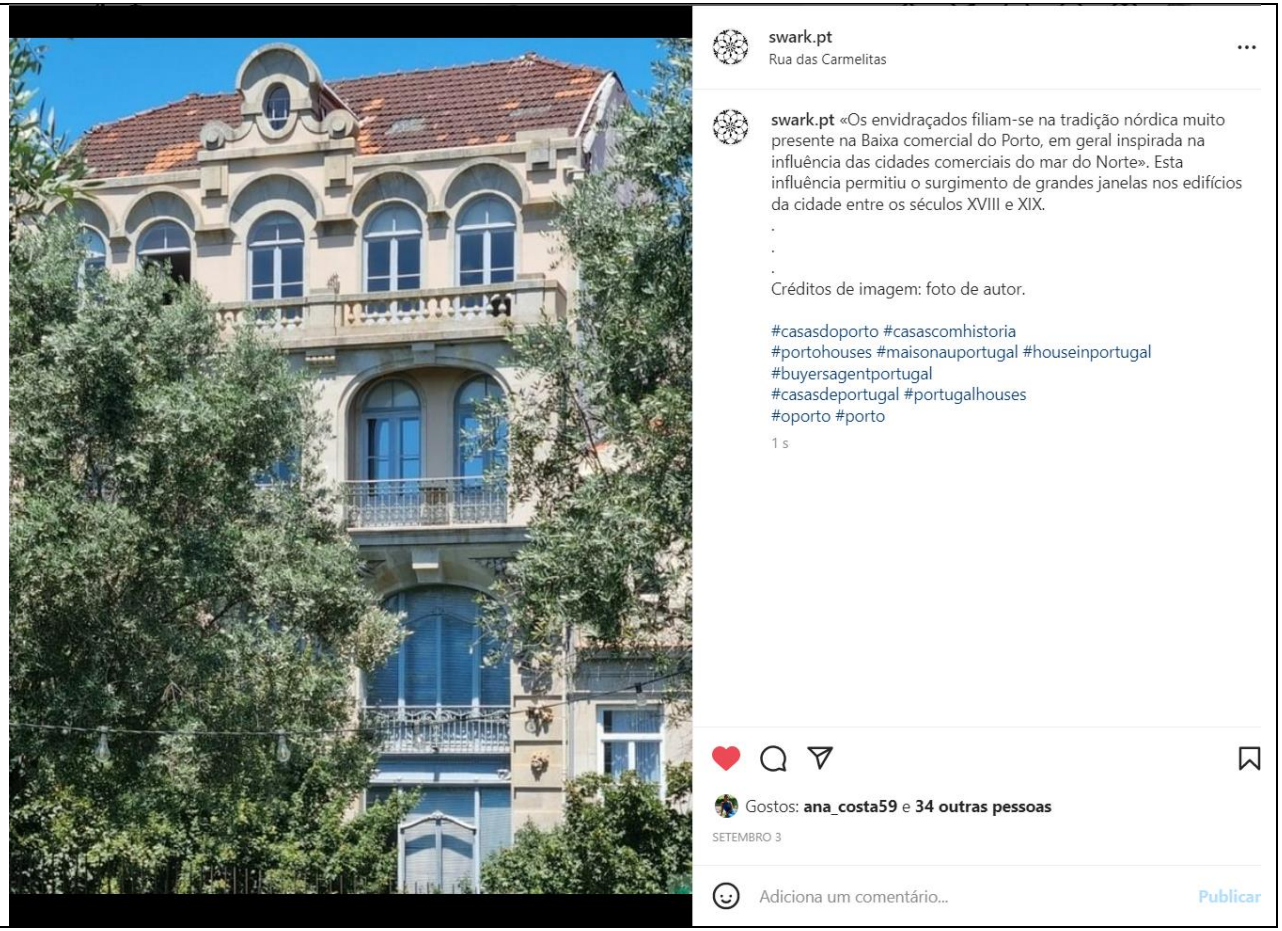
Nota para ti próprio

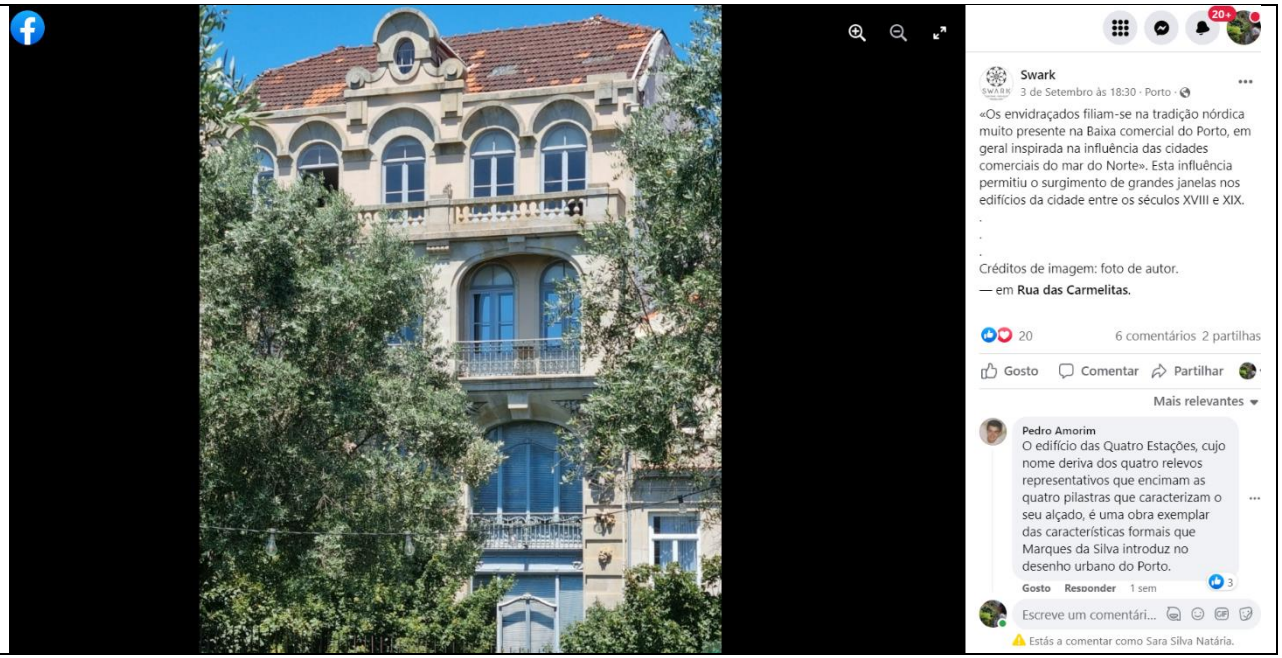
O que queres recordar sobre este Pin?

Adicionar nota

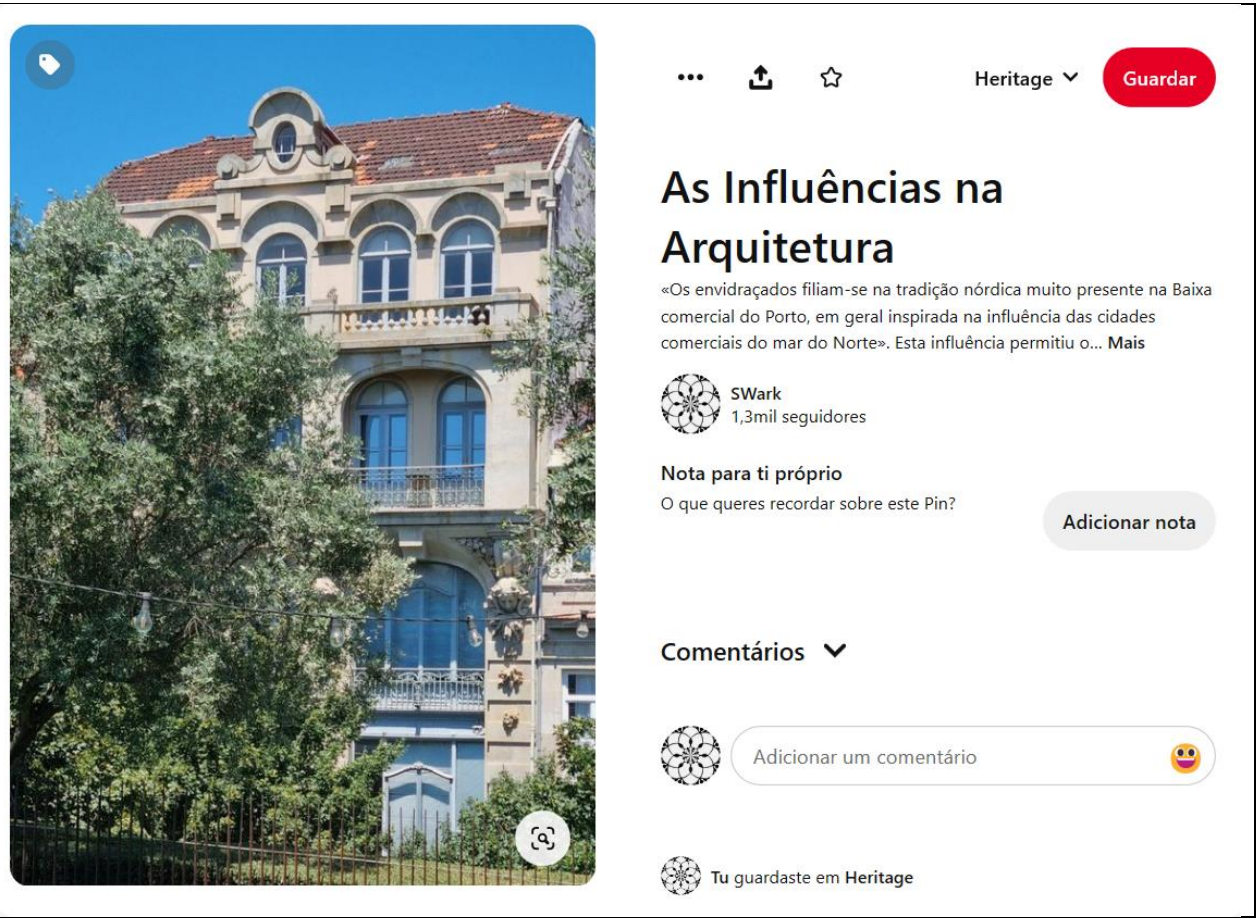
Comentários

Adicionar um comentário

	02 de setembro de 2022 (18:30h)	Instagram	

	02 de setembro de 2022 (18:30h)	Facebook	

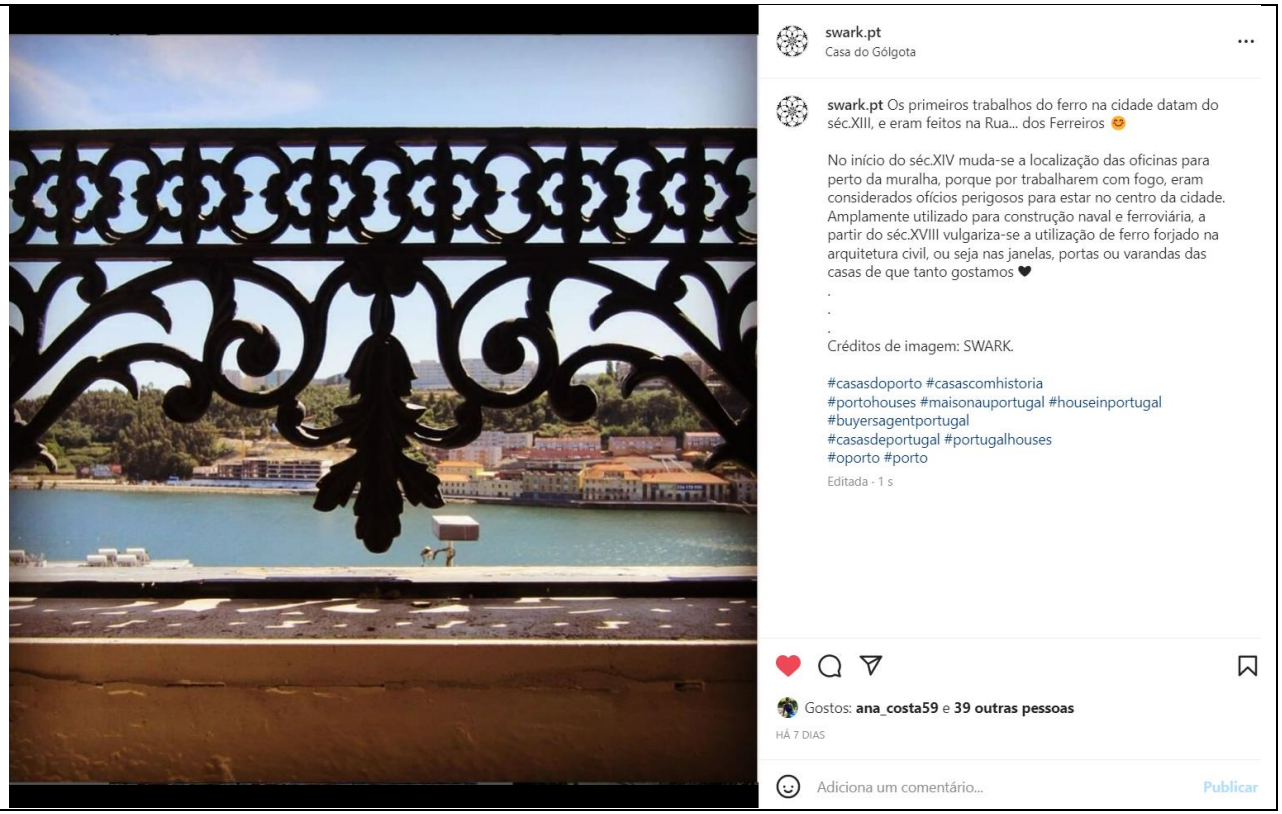
	02 de setembro de 2022 (18:30h)	Twitter	SWark by Sara Natária @SWarkHousehunt1 Entre os séculos XVIII e XIX «Os envidraçados filiam-se na tradição nórdica muito presente na Baixa comercial do Porto, em geral inspirada na influência das cidades comerciais do mar do Norte». Créditos de imagem: foto de autor. Translate Tweet 6:30 PM · Sep 3, 2022 · Canva

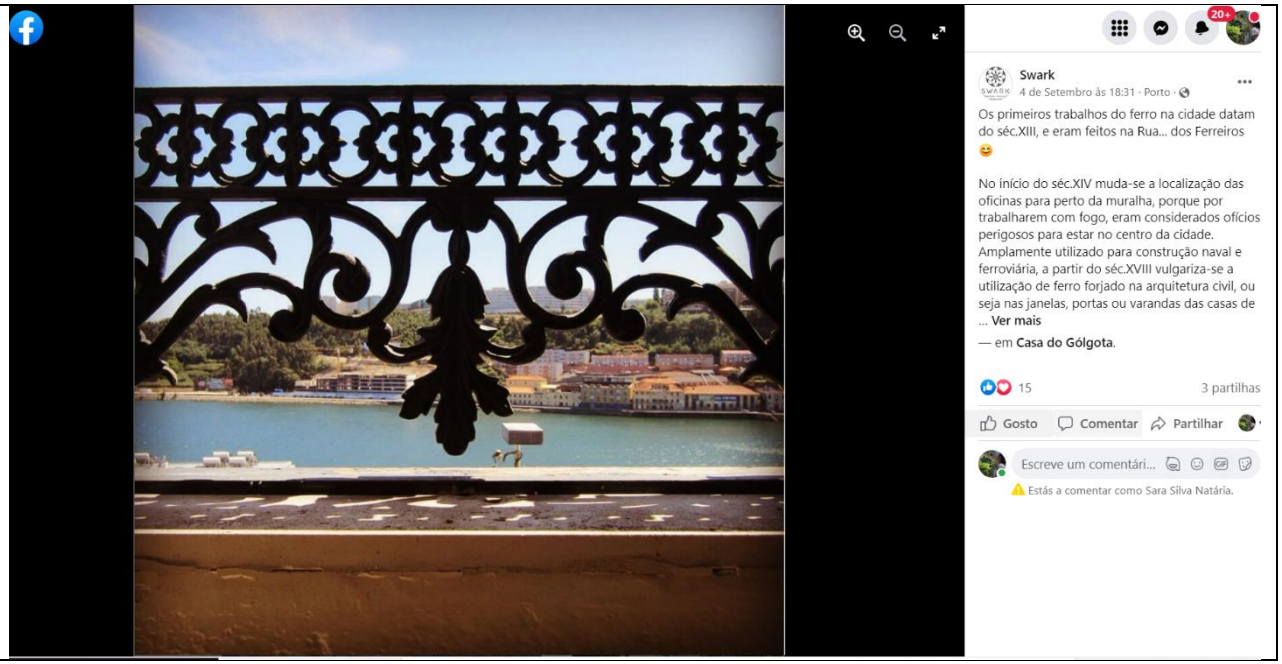
	31 de agosto de 2022 (18:30h)	Pinterest	

Os Ferros Decorativos	03 de setembro de 2022 (18:30h)	Instagram	

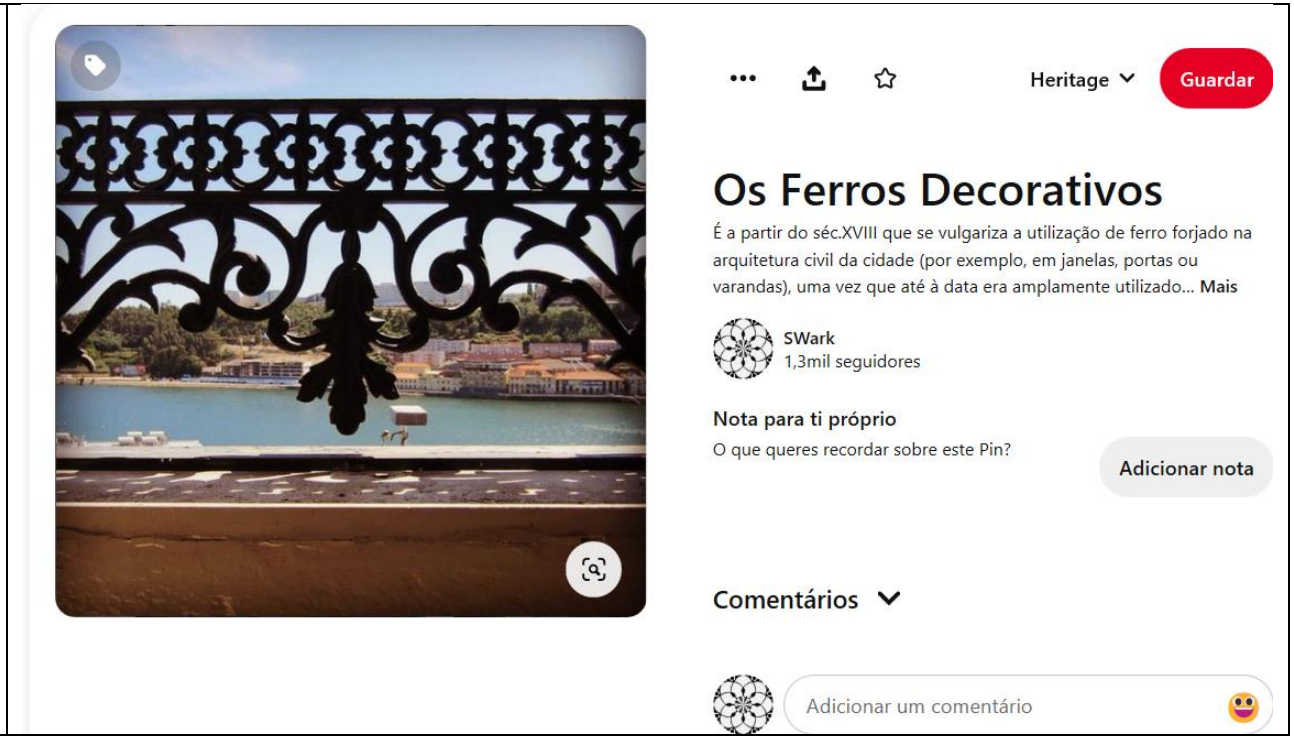
	03 de setembro de 2022 (18:30h)	Facebook	

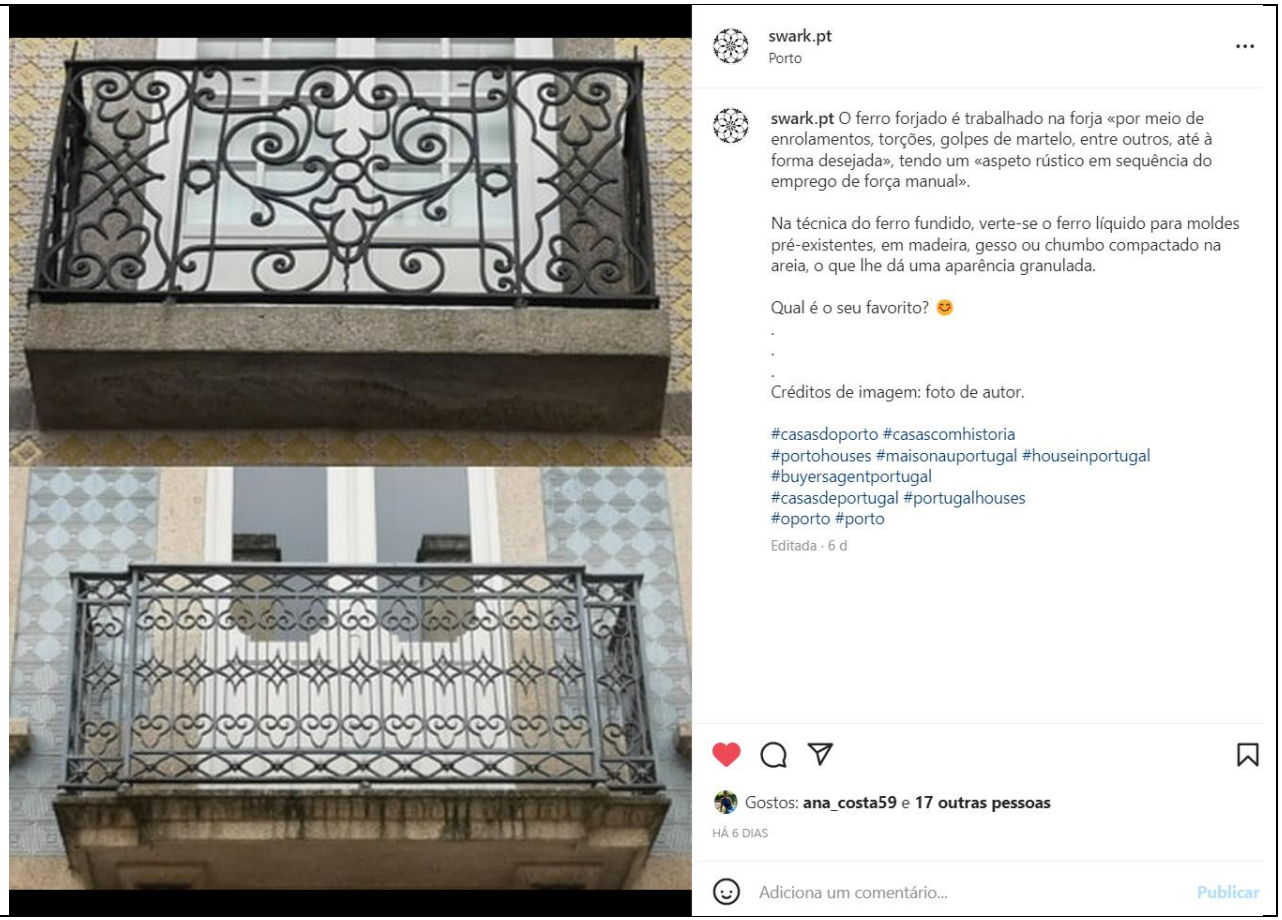
	03 de setembro de 2022 (18:30h)	Twitter	

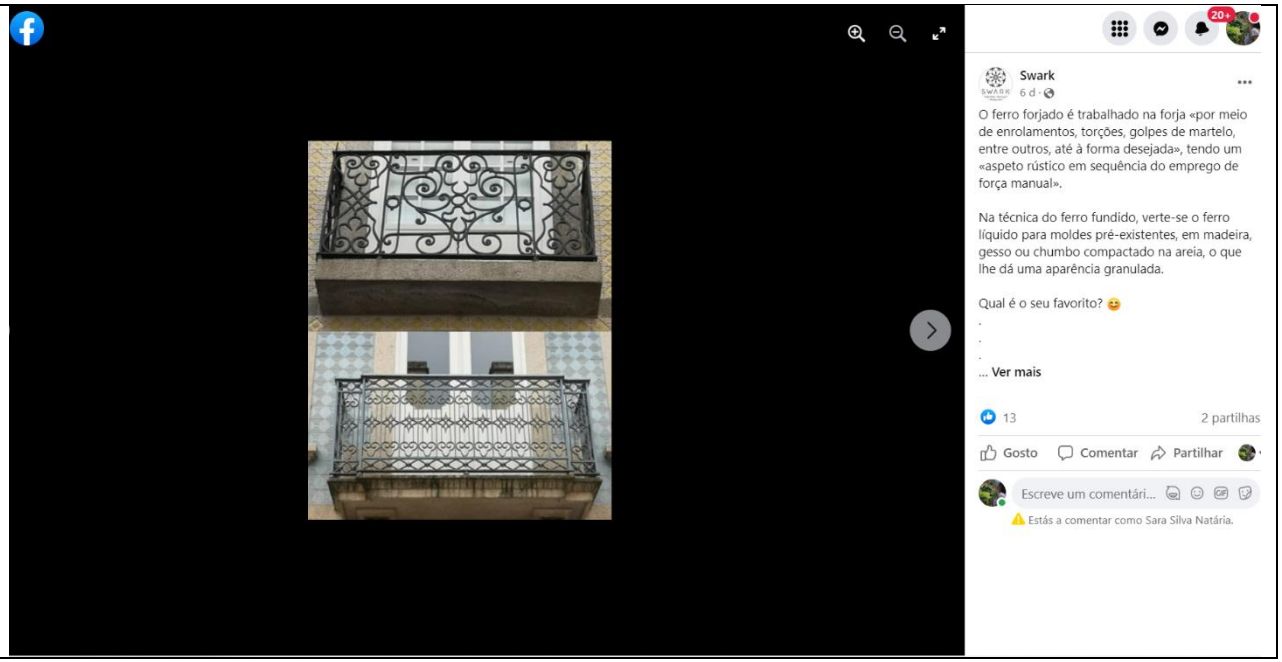
	03 de setembro de 2022 (18:31h)	Instagram	

	03 de setembro de 2022 (18:31h)	Facebook	

	03 de setembro de 2022 (18:31h)	Twitter	SWark by Sara Natária @SWarkHousehunt1 Os primeiros trabalhos do ferro na cidade datam do séc.XIII e sediavam-se na Rua dos Ferreiros. É a partir do séc.XVIII que se vulgariza a utilização de ferro forjado na arquitetura civil da cidade. Créditos de imagem: SWARK. Translate Tweet 6:31 PM · Sep 4, 2022 · Canva

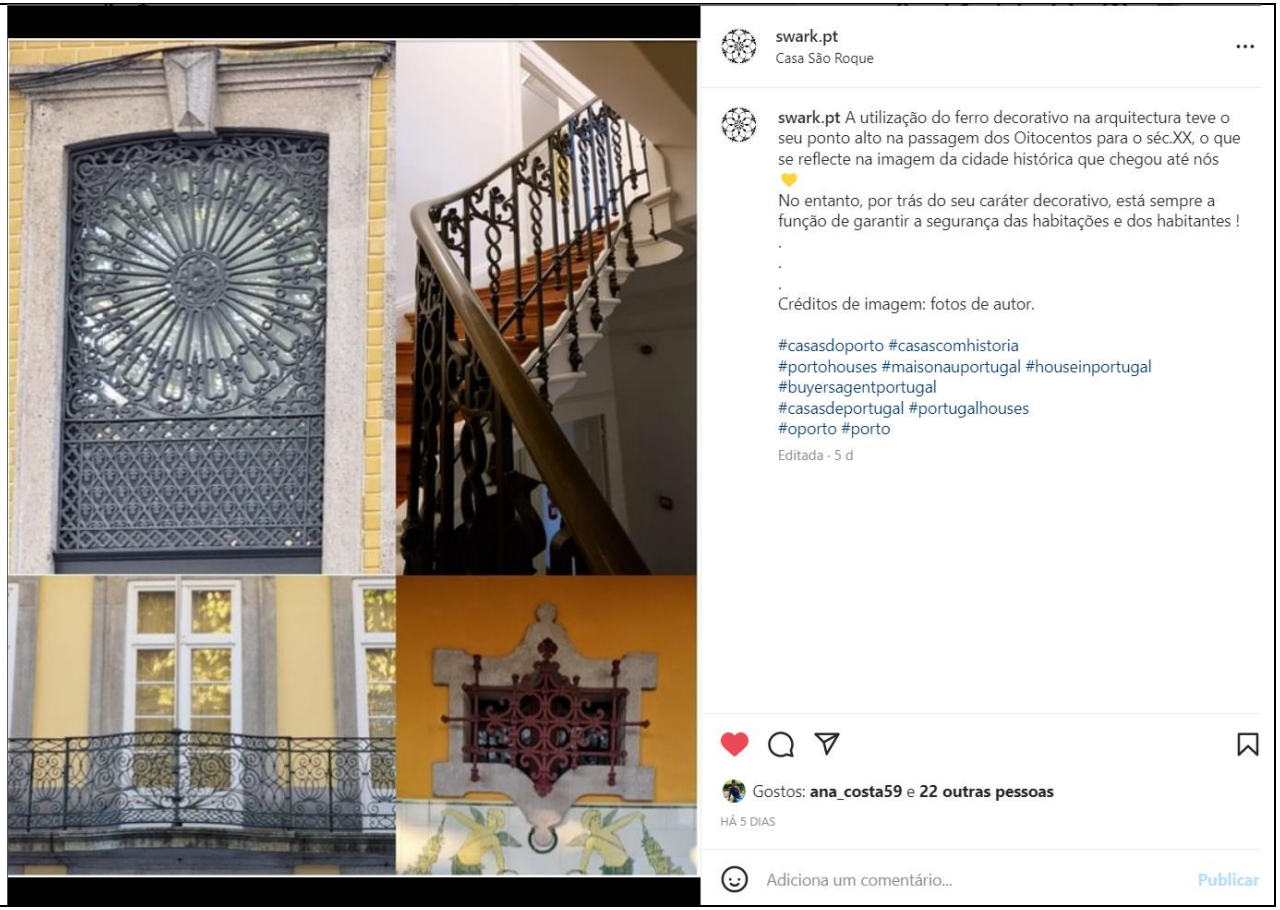
	01 de setembro de 2022 (18:30h)	Pinterest	

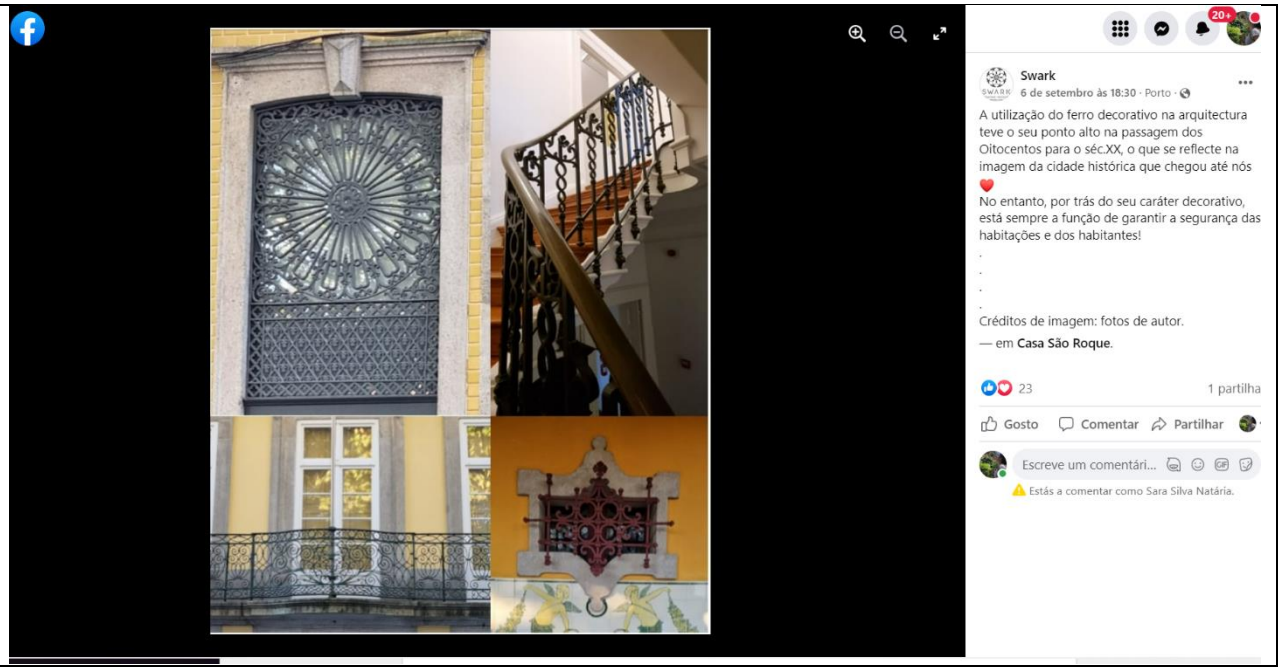
	04 de setembro de 2022 (18:30h)	Instagram	

	04 de setembro de 2022 (18:30h)	Facebook	

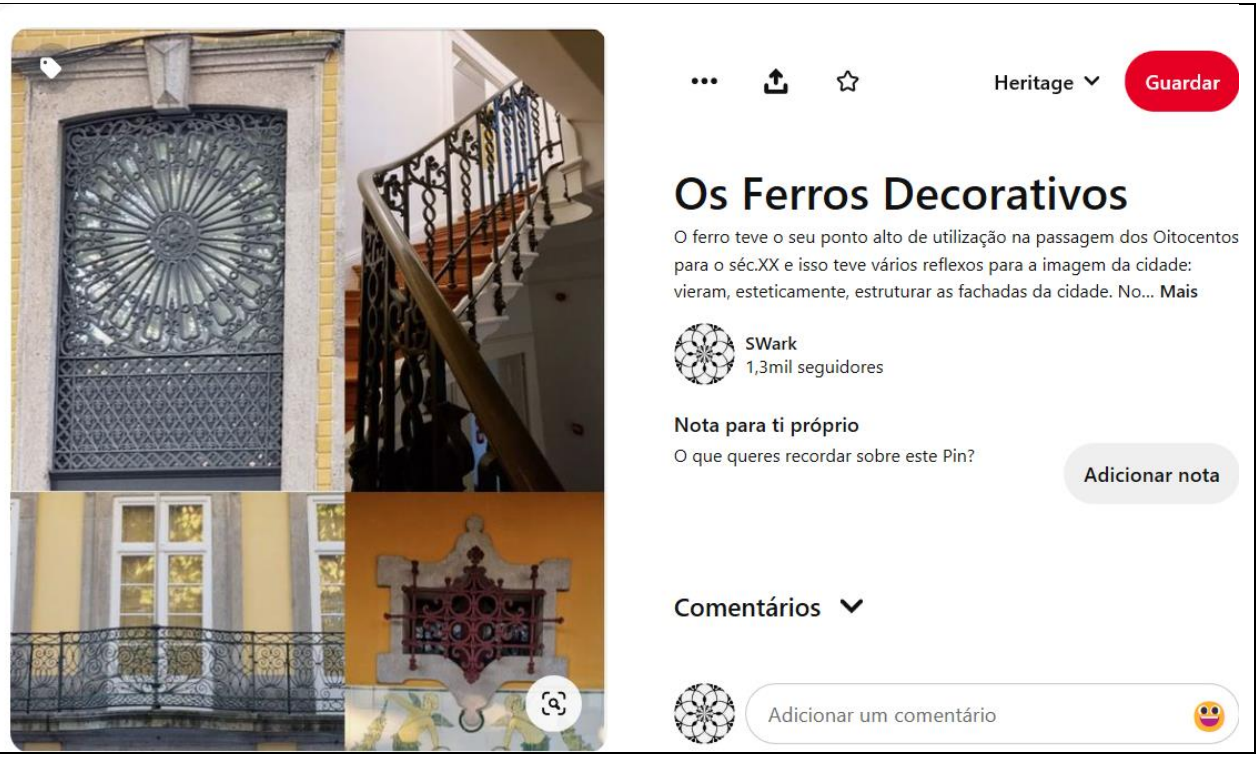
	04 de setembro de 2022 (18:30h)	Twitter	SWark by Sara Natária @SWarkHousehunt1 O ferro forjado é trabalhado na forja «por meio de enrolamentos, torções, golpes de martelo até à forma desejada». No ferro fundido, verte-se o ferro em estado líquido para moldes (em madeira, gesso ou chumbo) já pré-existentes. Créditos de imagem: foto de autor. Translate Tweet 6:30 PM · Sep 5, 2022 · Canva

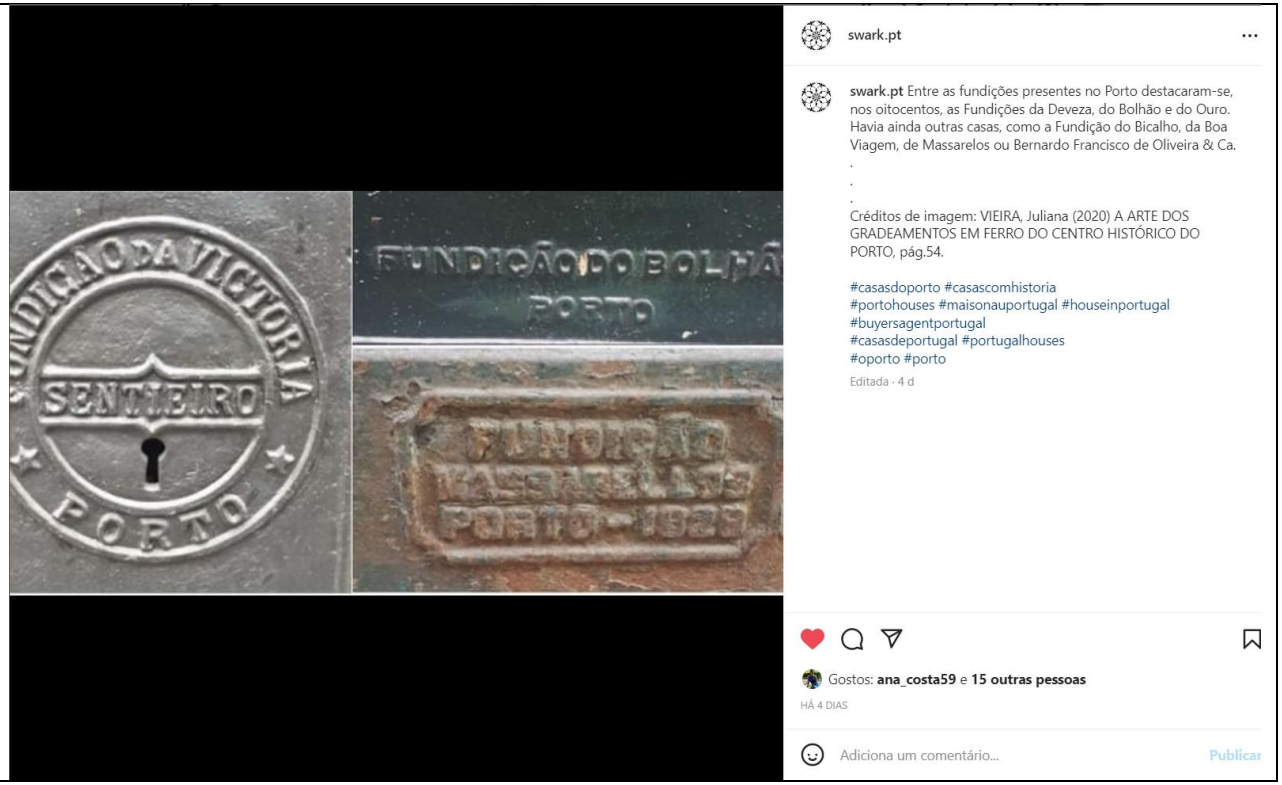
	02 de setembro de 2022 (18:30h)	Pinterest	Heritage Guardar **Os Ferros Decorativos** O ferro forjado é trabalhado na forja «por meio de enrolamentos, torções, golpes de martelo, entre outros, até à forma desejada», enquanto na técnica do ferro fundido, verte-se o ferro em estado... Mais SWark 1,3mil seguidores **Nota para ti próprio** O que queres recordar sobre este Pin? Adicionar nota **Comentários** Adicionar um comentário Tu guardaste em **Heritage**

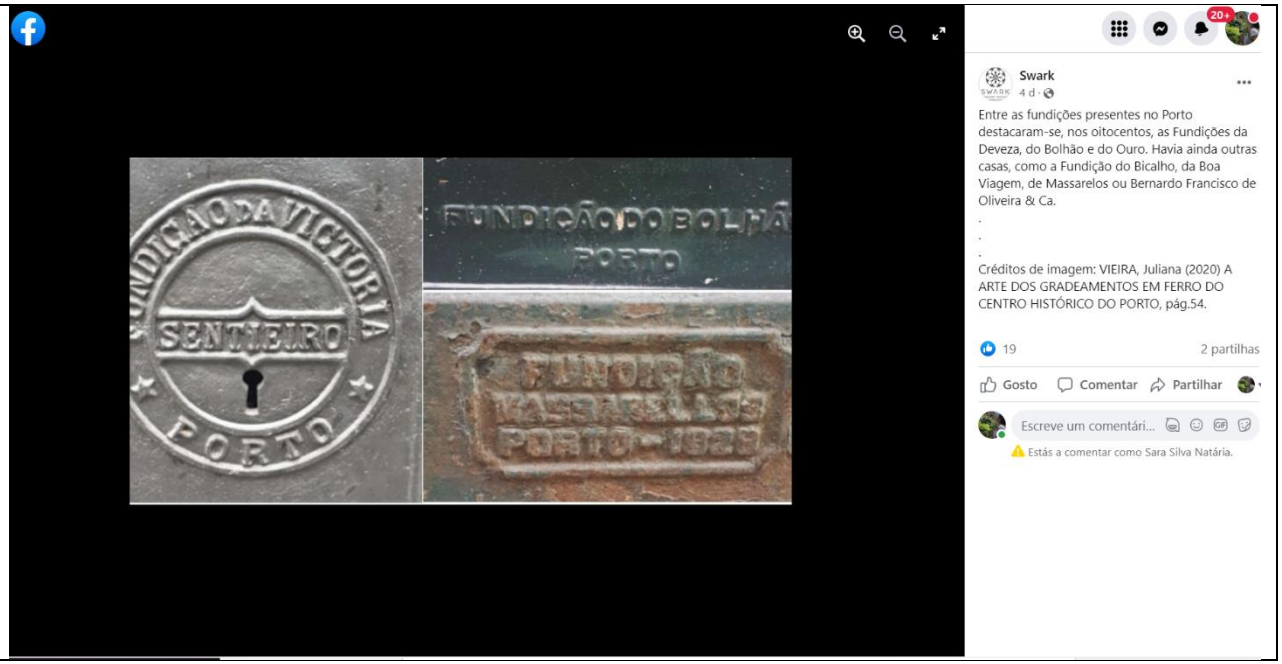
	05 de setembro de 2022 (18:30h)	Instagram	

	05 de setembro de 2022 (18:30h)	Facebook	

	05 de setembro de 2022 (18:30h)	Twitter	SWark by Sara Natária @SWarkHousehunt1 O ferro teve o seu ponto alto de utilização na passagem para o séc.XX e isso veio, esteticamente, estruturar as fachadas da cidade e ,funcionalmente, garantir mais segurança às habitações. Créditos de imagem: fotos de autor. Translate Tweet 6:30 PM · Sep 6, 2022 · Canva

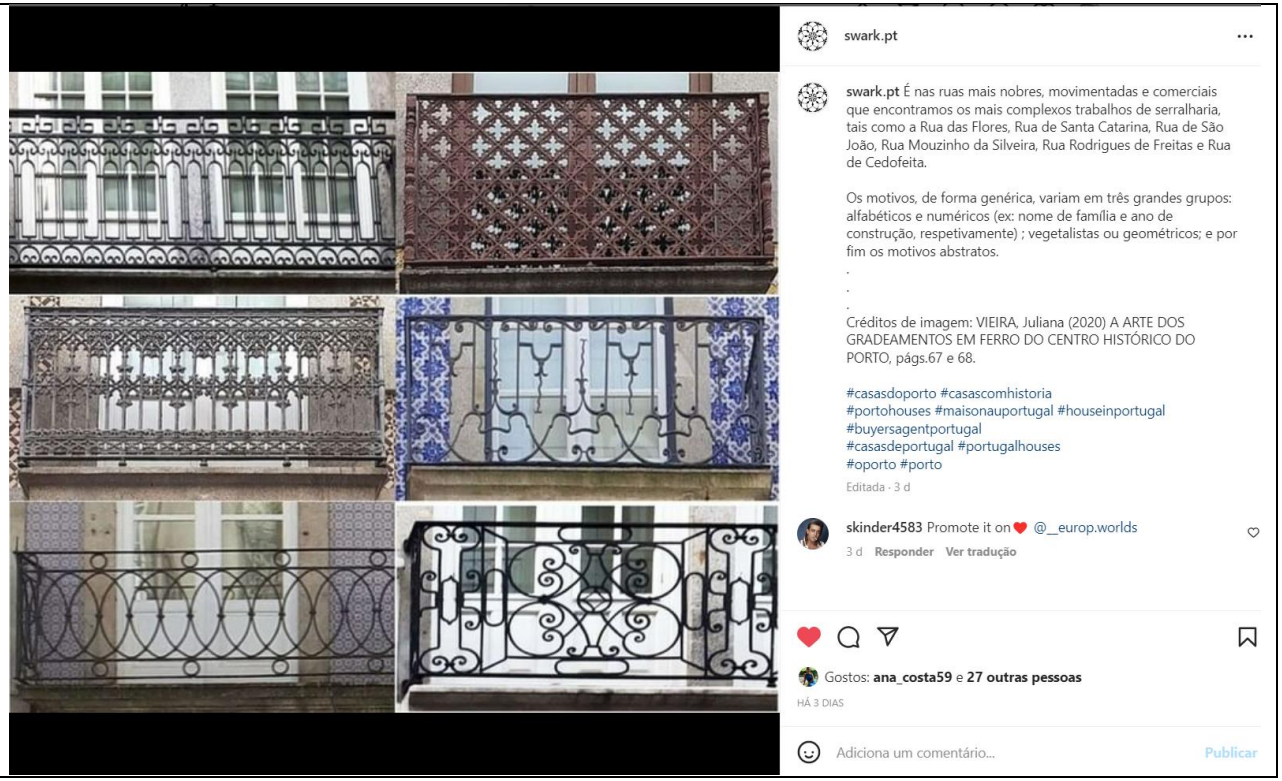
	03 de setembro de 2022 (18:30h)	Pinterest	

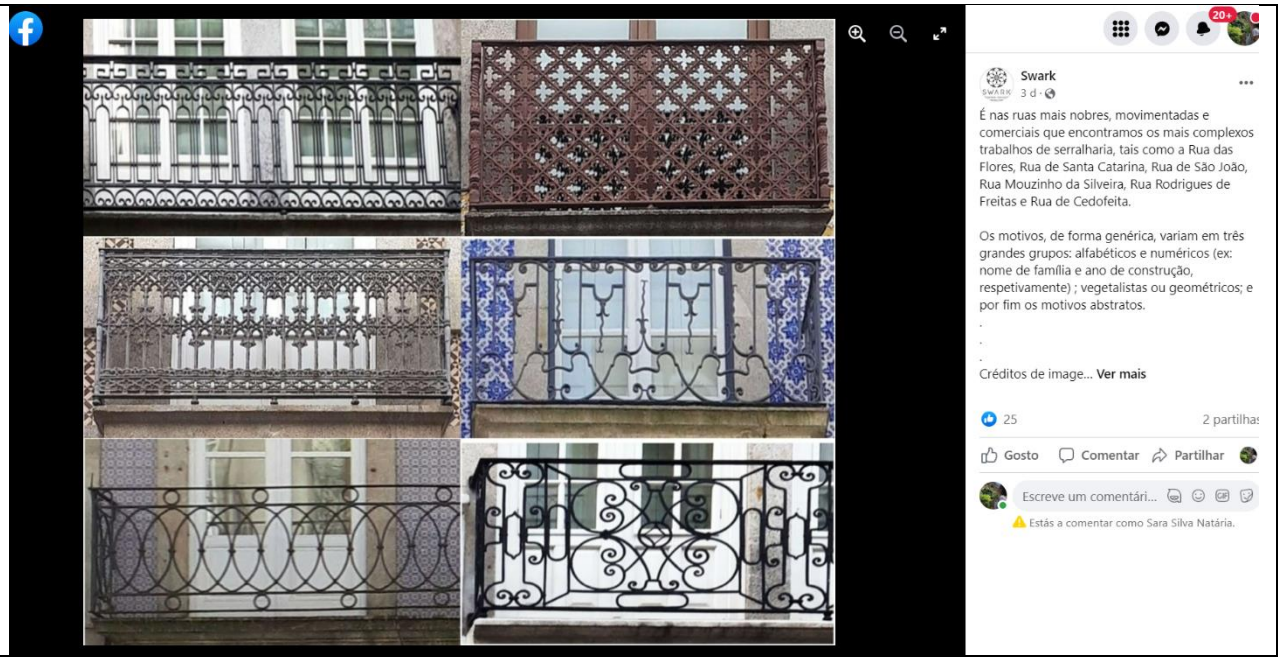
	06 de setembro de 2022 (18:30h)	Instagram	

	06 de setembro de 2022 (18:30h)	Facebook	

	06 de setembro de 2022 (18:30h)	Twitter	SWark by Sara Natária @SWarkHousehunt1 Entre as fundições da cidade do Porto destacaram-se as Fundições da Deveza, do Bolhão e do Ouro, a Fundição do Bicalho e a Fundição de Massarelos. Créditos de imagem: VIEIRA, Juliana (2020) A ARTE DOS GRADEAMENTOS EM FERRO DO CENTRO HISTÓRICO DO PORTO, pág.54. Translate Tweet 6:30 PM · Sep 7, 2022 · Canva

	04 de setembro de 2022 (18:30h)	Pinterest	 Heritage Guardar **Os Ferros Decorativos** Entre as fundições presentes na cidade do Porto destacaram-se, nos oitocentos, as Fundições da Deveza, do Bolhão e do Ouro. Por outro lado há ainda outras casas como a Fundição do Bicalho, a Fundição... Mais SWark 1,3mil seguidores Nota para ti próprio O que queres recordar sobre este Pin? Adicionar nota Comentários Adicionar um comentário

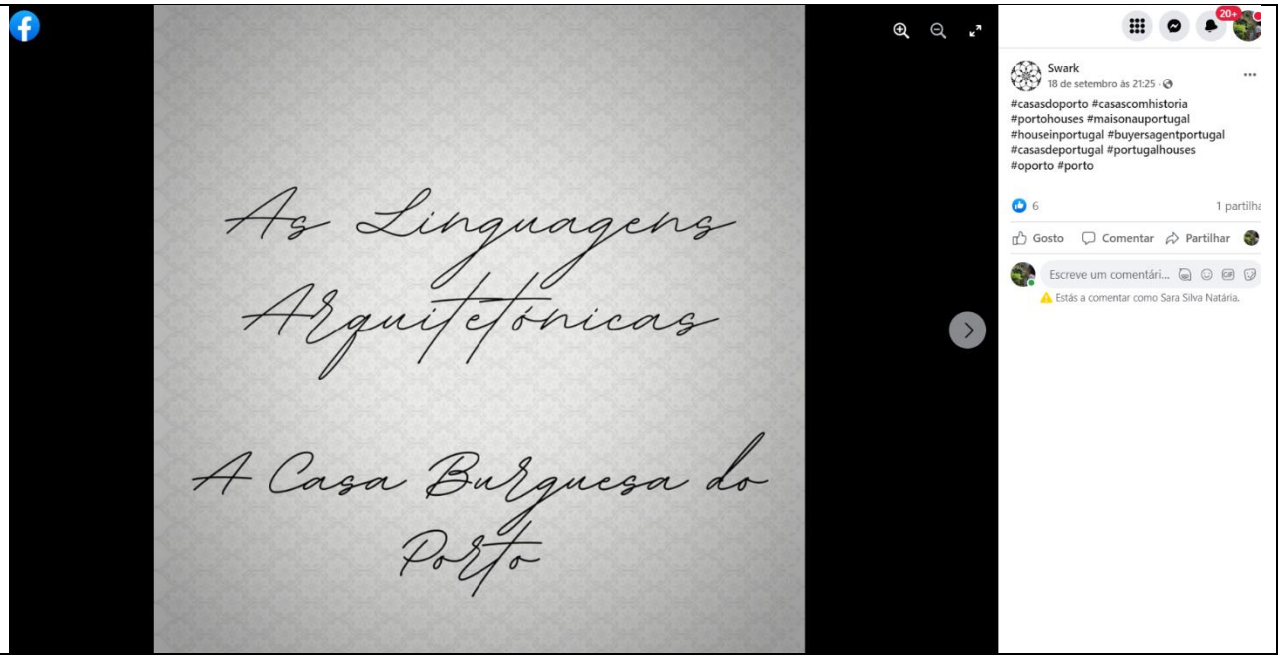
	07 de setembro de 2022 (18:30h)	Instagram	

	07 de setembro de 2022 (18:30h)	Facebook	

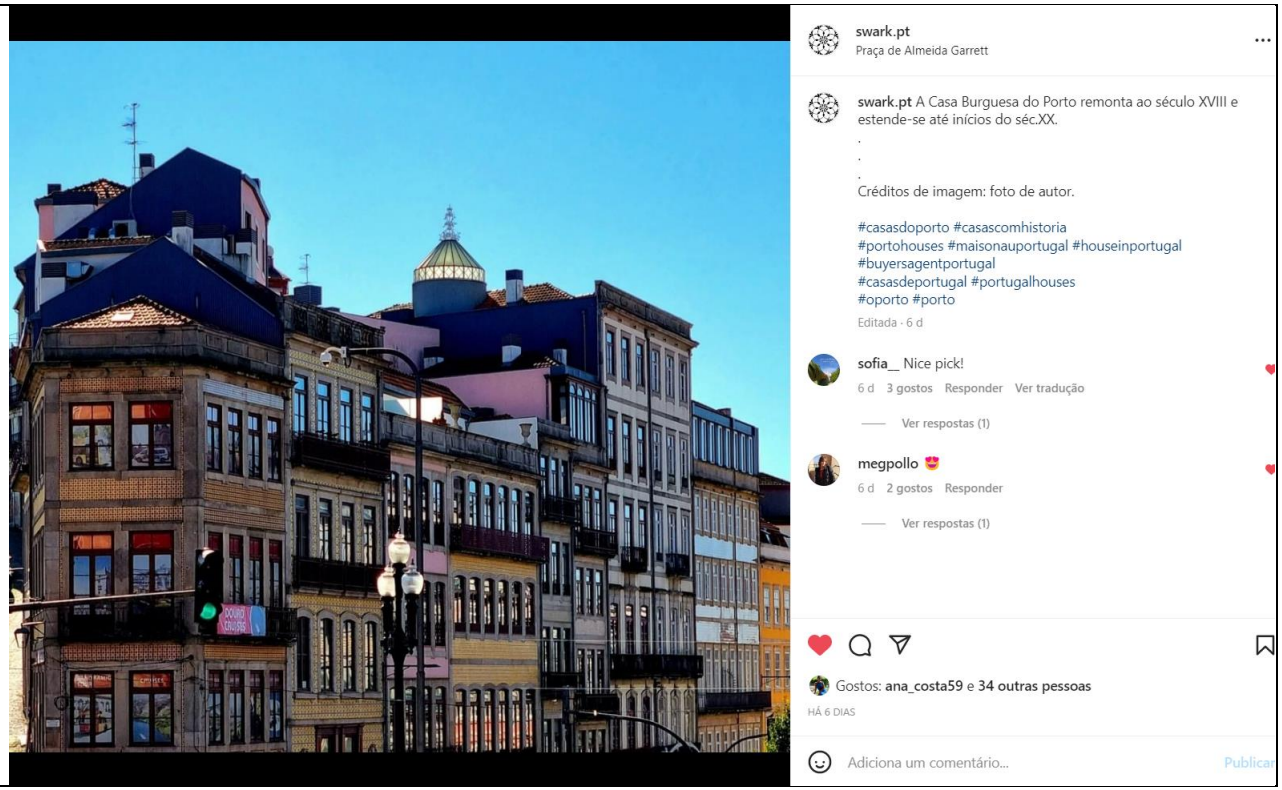
	07 de setembro de 2022 (18:30h)	Twitter	SWark by Sara Natária @SWarkHousehunt1 Os motivos, de forma genérica, variam em três grandes grupos: alfabéticos e numéricos; vegetalistas ou geométricos; motivos de gosto abstrato. Créditos de imagem: VIEIRA, Juliana (2020) A ARTE DOS GRADEAMENTOS EM FERRO DO CENTRO HISTÓRICO DO PORTO, págs.67 e 68. Translate Tweet 6:30 PM · Sep 8, 2022 · Canva 1 Like

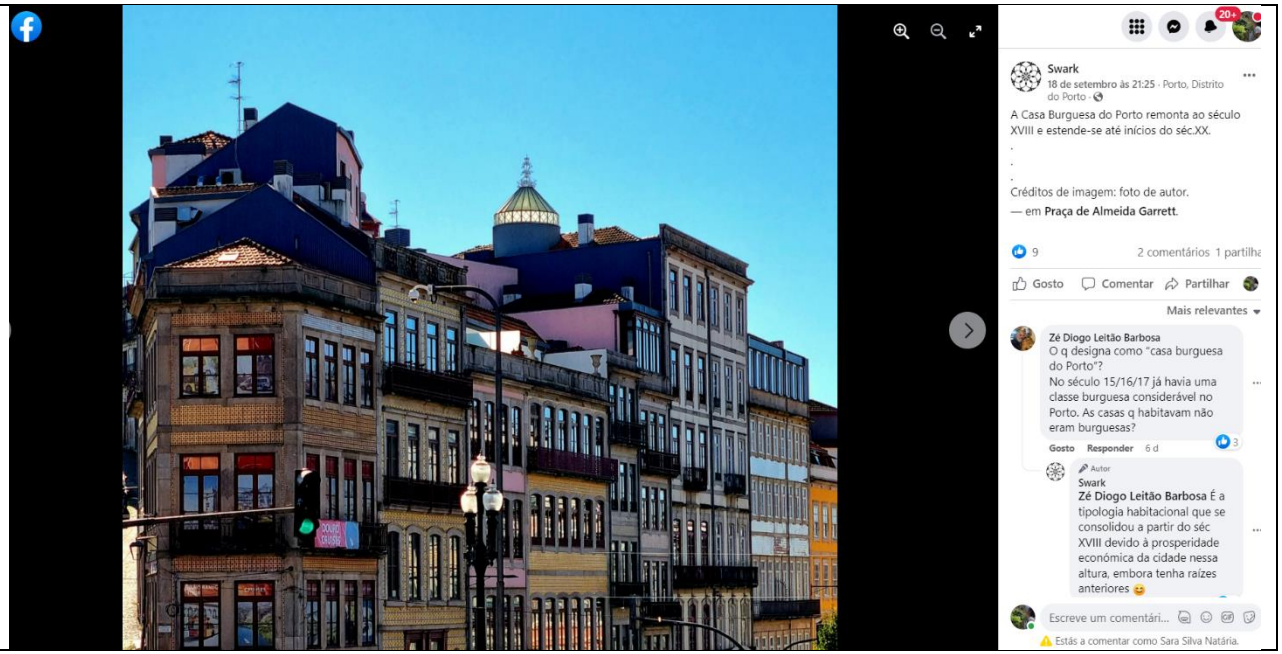
	05 de setembro de 2022 (18:30h)	Pinterest	Heritage Guardar **Os Ferros Decorativos** Os motivos, de forma genérica, variam em três grandes grupos: alfabéticos e numéricos (ex: nome de família e ano de construção, respetivamente) ; vegetalistas ou geométricos; e por fim os motivos de... **Mais** SWark 1,3mil seguidores **Nota para ti próprio** O que queres recordar sobre este Pin? Adicionar nota Comentários Adicionar um comentário
PAUSA NAS PUBLICAÇÕES (entre 09 e 17 de setemro de 2022)			

As Linguagens Arquitetónicas: A Casa Burguesa do Porto	18 de setembro de 2022 (18:30h)	Instagram	

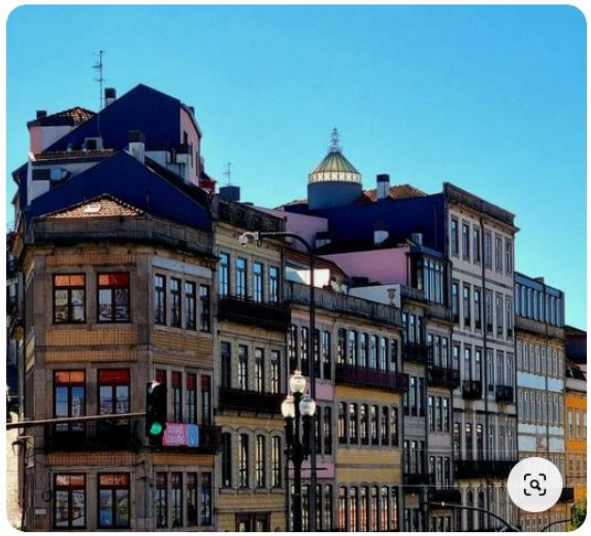
	18 de setembro de 2022 (18:30h)	Facebook	

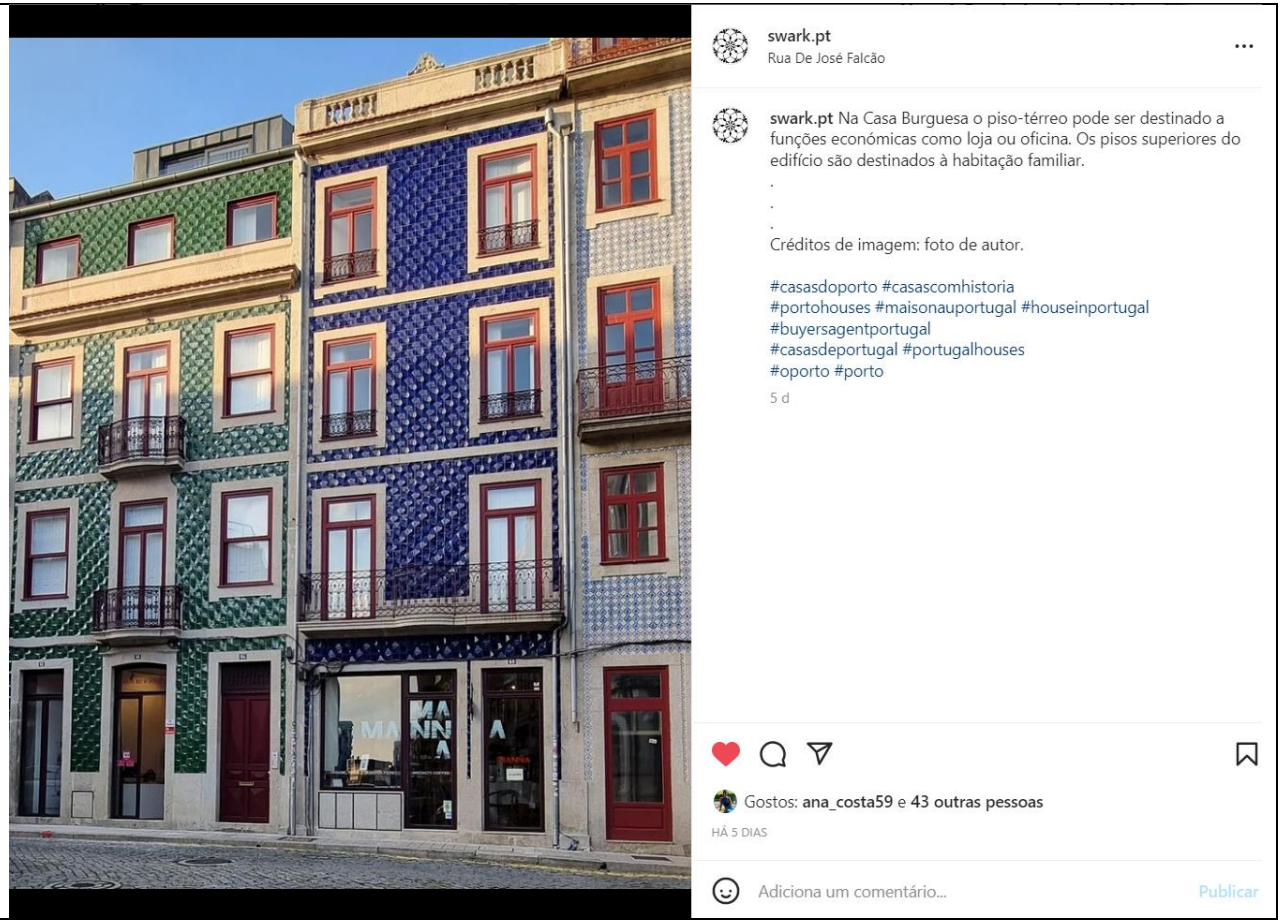
	18 de setembro de 2022 (18:30h)	Twitter	

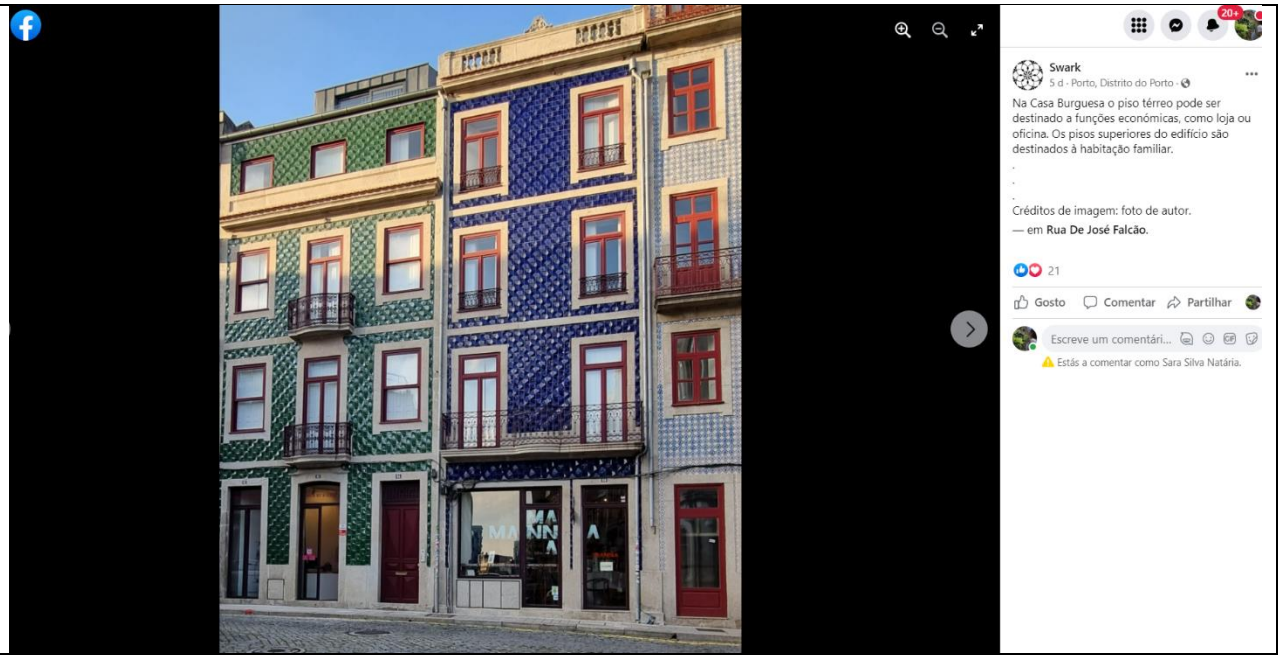
	18 de setembro de 2022 (18:31h)	Instagram	

	18 de setembro de 2022 (18:31h)	Facebook	

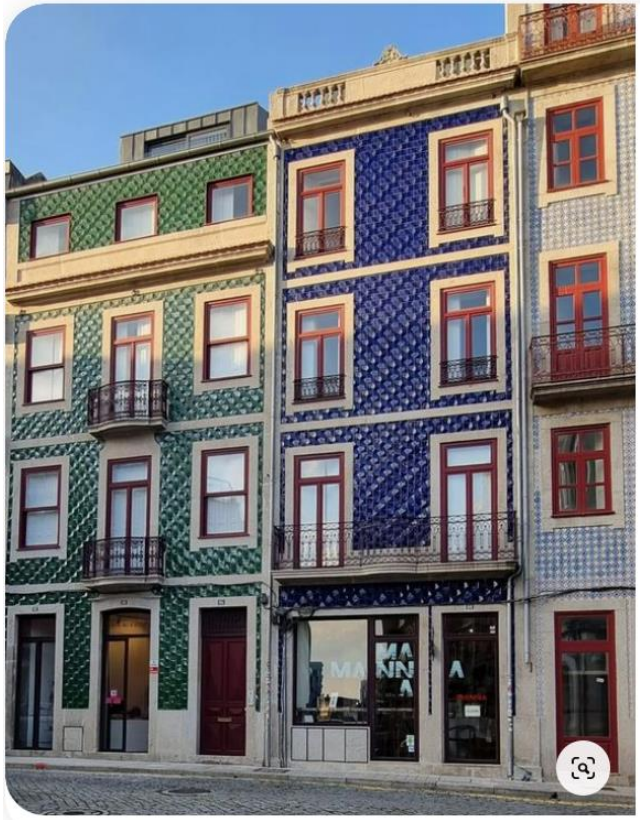
	18 de setembro de 2022 (18:31h)	Twitter	SWark by Sara Natária @SWarkHousehunt1 A Casa Burguesa na cidade do Porto remonta ao século XVIII e estende-se até inícios do séc.XX. Créditos de imagem: foto de autor. Translate Tweet 6:32 PM · Sep 18, 2022 · Canva

	18 de setembro de 2022 (18:30h)	Pinterest	 Colecção... Guardar As Linguagens Arquitetônicas- A Casa Burguesa do Porto A Casa Burguesa na cidade do Porto remonta ao século XVIII e estende-se até inícios do séc.XX SWark 1,4mil seguidores A seguir Comentários Adicionar um comentário SWark guardou em Heritage

	19 de setembro de 2022 (18:30h)	Instagram	

	19 de setembro de 2022 (18:30h)	Facebook	

	19 de setembro de 2022 (18:30h)	Twitter	SWark by Sara Natária @SWarkHousehunt1 Na casa burguesa o piso-térreo pode ser destinado a funções económicas como loja ou oficina. Os pisos superiores do edifício são destinados à habitação familiar. Créditos de imagem: foto de autor. Translate Tweet 6:30 PM · Sep 19, 2022 · Canva

	19 de setembro de 2022 (18:30h)	Pinterest	

Colecção... Guardar

As Linguagens Arquitetônicas- A Casa Burguesa do Porto

Na Casa Burguesa o piso-térreo pode ser destinado a funções económicas como loja ou oficina. Os pisos superiores do edifício são destinados à habitação familiar.

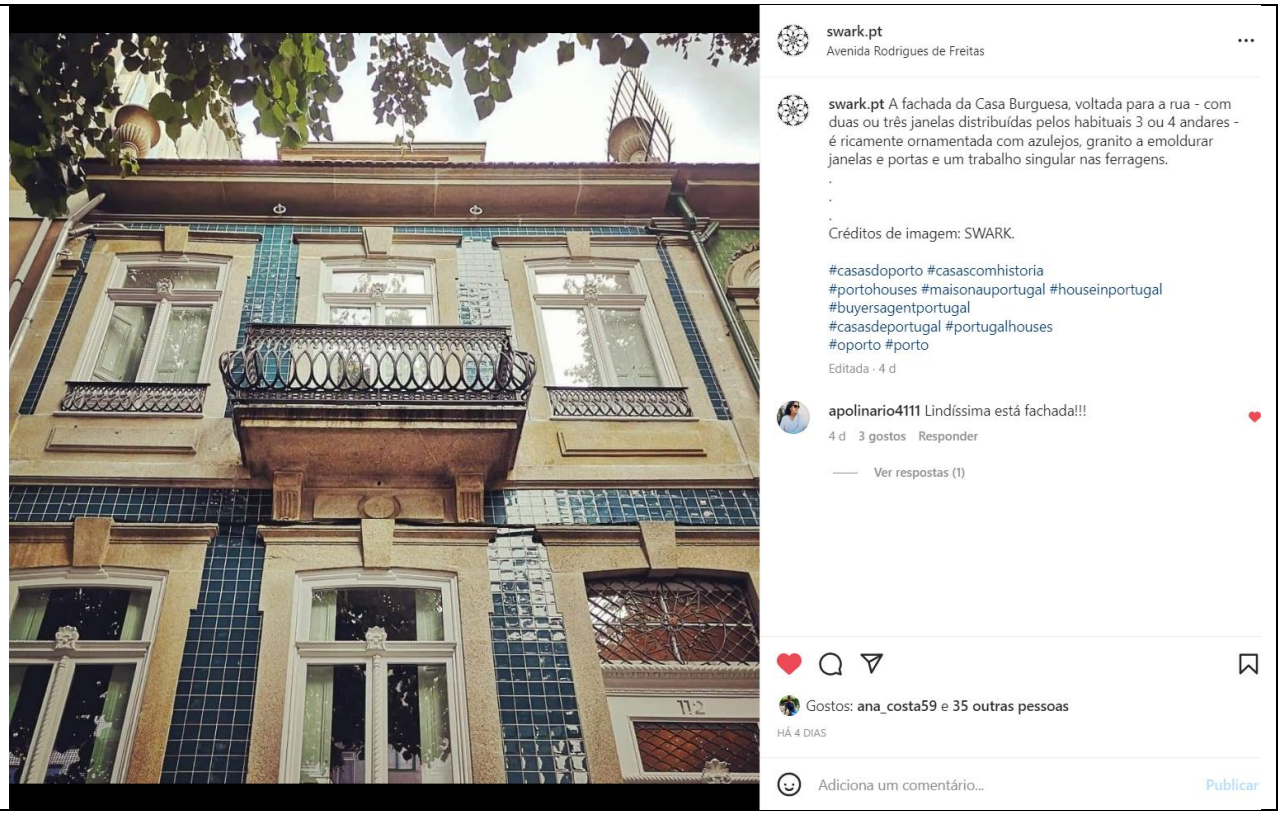
SWark
1,4mil seguidores

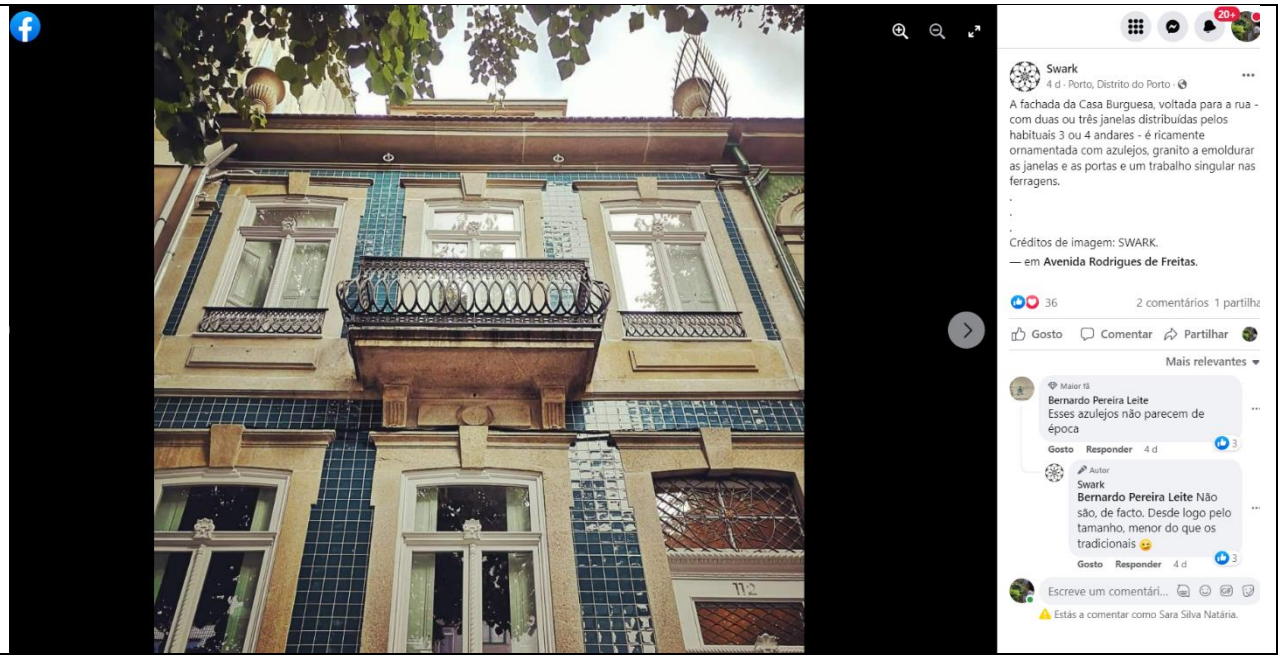
A seguir

Comentários

Adicionar um comentário

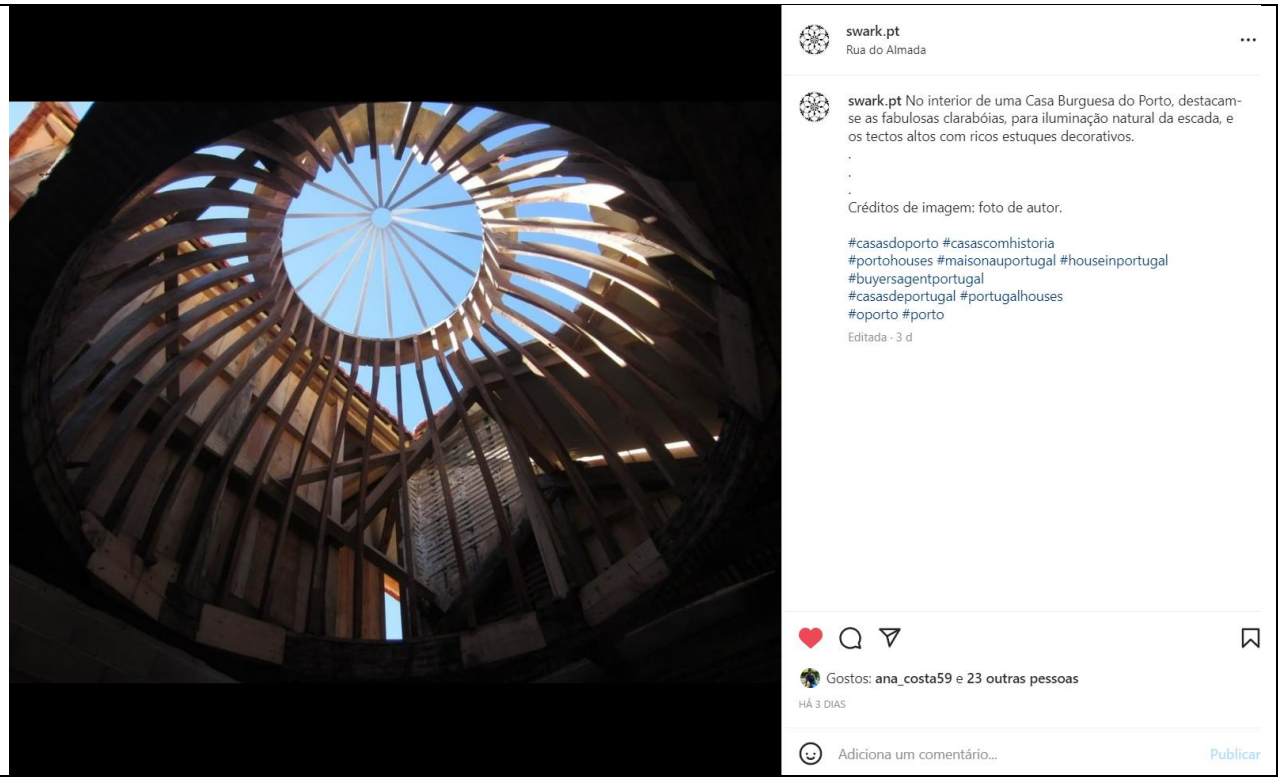
SWark guardou em Heritage

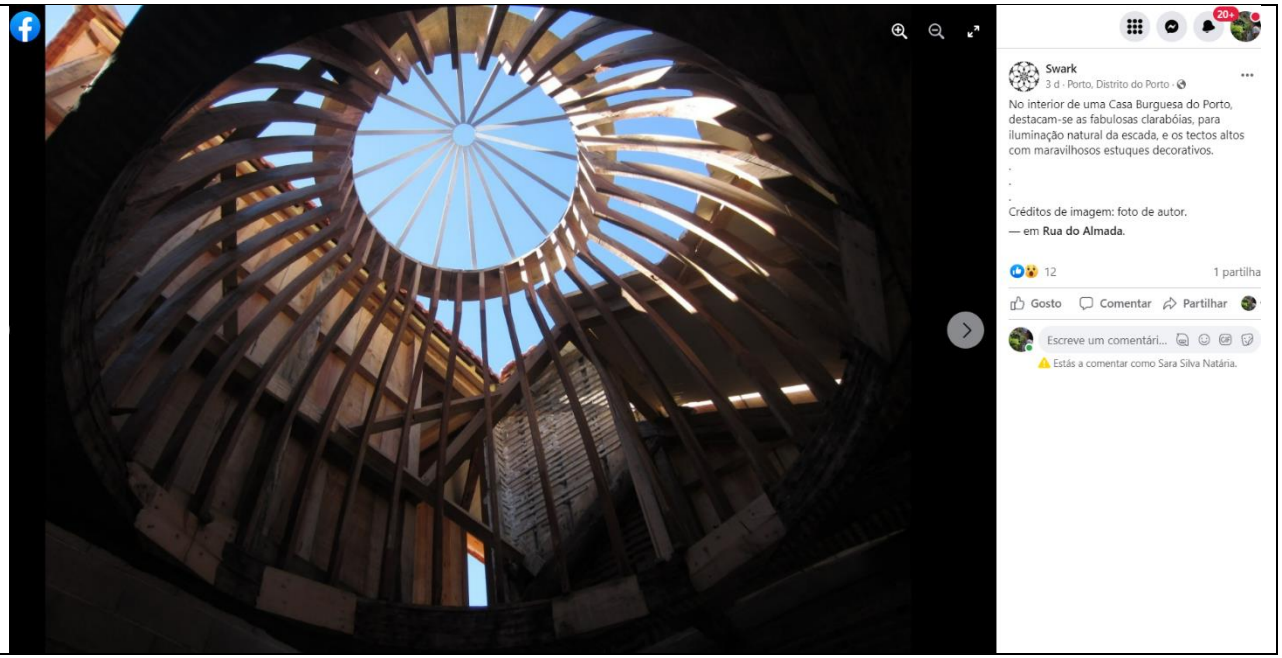
	20 de setembro de 2022 (18:30h)	Instagram	

	20 de setembro de 2022 (18:30h)	Facebook	

	20 de setembro de 2022 (18:30h)	Twitter	SWark by Sara Natária @SWarkHousehunt1 A fachada da Casa Burguesa voltada para a rua- com duas/três janelas distribuídos pelos habituais 3/4 andares- é ornamentada em trabalhos azulejares articulados com o granito a emoldurar janelas e portas, para além de um trabalho singular nas ferragens. Créditos de imagem:SWARK Translate Tweet 6:30 PM · Sep 20, 2022 · Canva

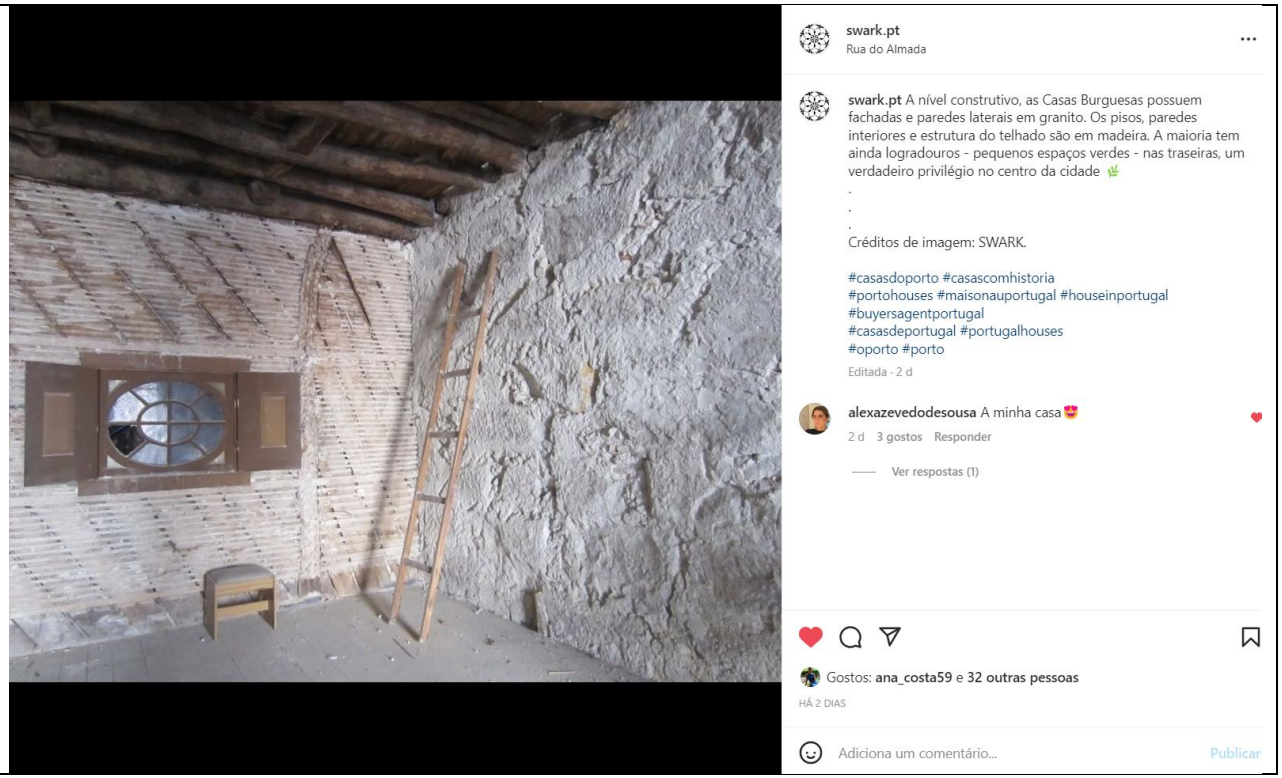
	20 de setembro de 2022 (18:30h)	Pinterest	Colecção... Guardar As Linguagens Arquitetônicas- A Casa Burguesa do Porto A fachada da Casa Burguesa voltada para a rua é ornamentada em trabalhos azulejares articulados com o granito a emoldurar janelas e portas, e um trabalho singular nas ferragens. SWark 1,4mil seguidores A seguir Comentários Adicionar um comentário SWark guardou em Heritage

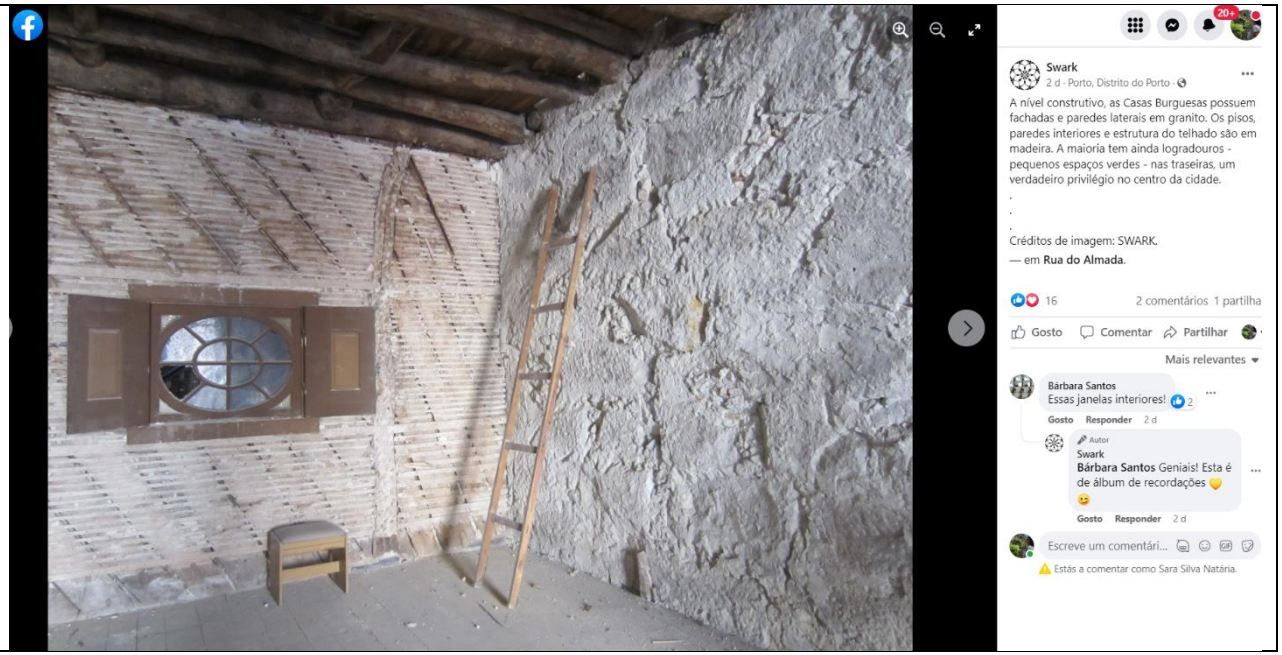
	21 de setembro de 2022 (18:30h)	Instagram	

	21 de setembro de 2022 (18:30h)	Facebook	

	21 de setembro de 2022 (18:30h)	Twitter	SWark by Sara Natária @SWarkHousehunt1 Internamente destacam-se a existência da clarabóia para iluminação da escada e de tetos com estuques decorativos. Créditos de imagem: foto de autor. Translate Tweet 6:30 PM · Sep 21, 2022 · Canva

	21 de setembro de 2022 (18:30h)	Pinterest	

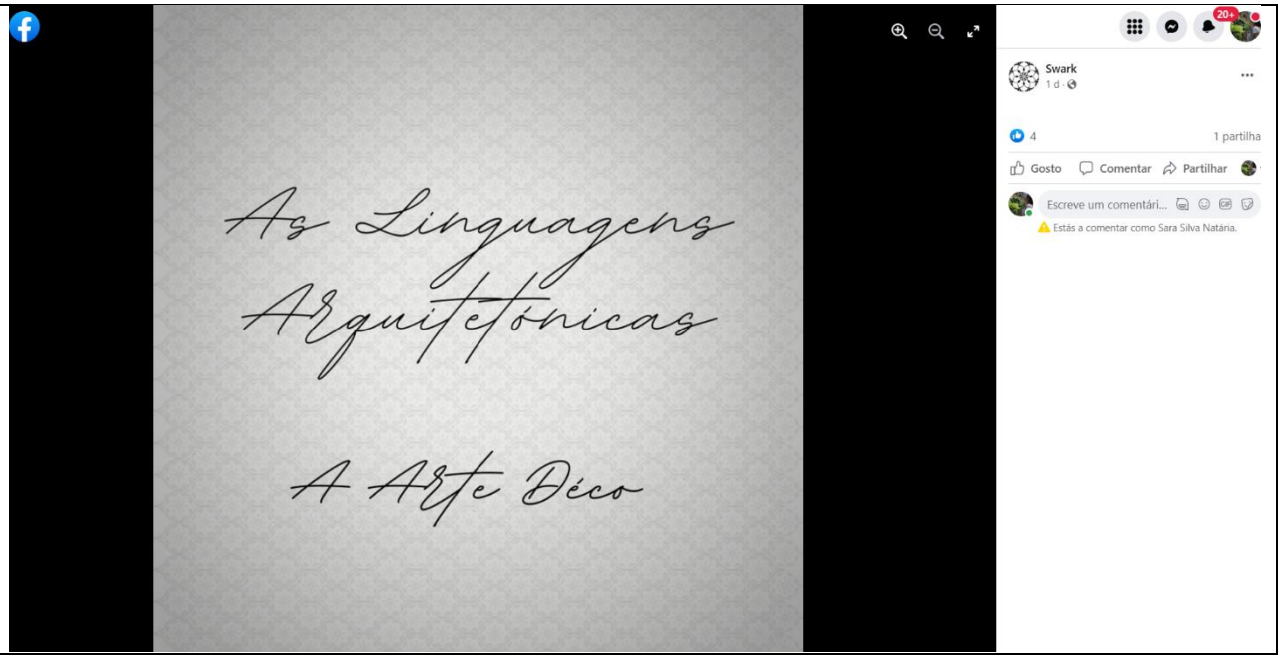
	22 de setembro de 2022 (18:30h)	Instagram	

	22 de setembro de 2022 (18:30h)	Facebook	

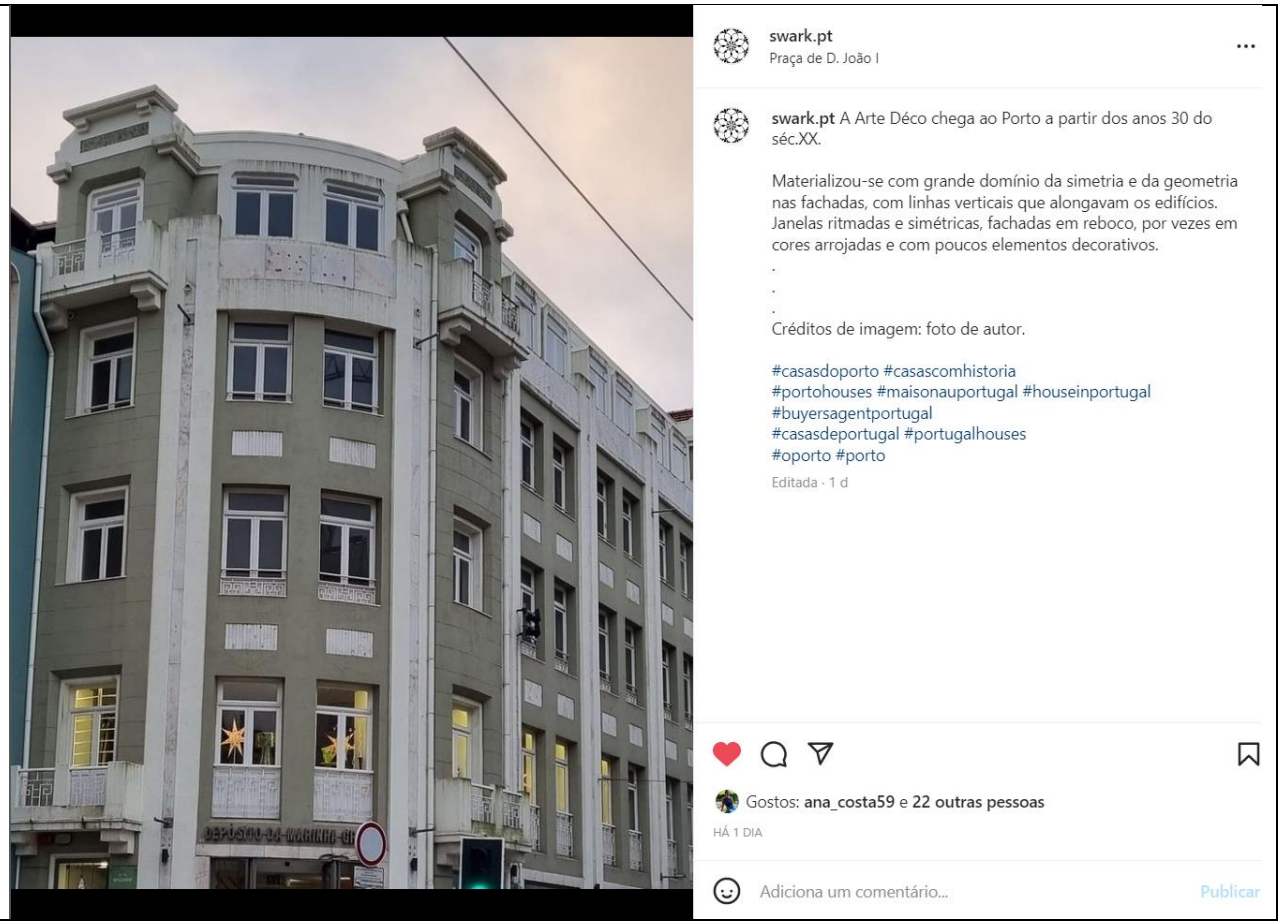
	22 de setembro de 2022 (18:30h)	Twitter	SWark by Sara Natária @SWarkHousehunt1 Ao nível construtivo, as Casas Burguesas são, nas fachadas, em granito e internamente em madeira. Têm ainda logradouros- pequenos espaços verdes- nas traseiras. . . . Créditos de imagem: SWARK. #porto #casasemportugal #maisonauportugal #houseinportugal #buyersagentportugal Translate Tweet

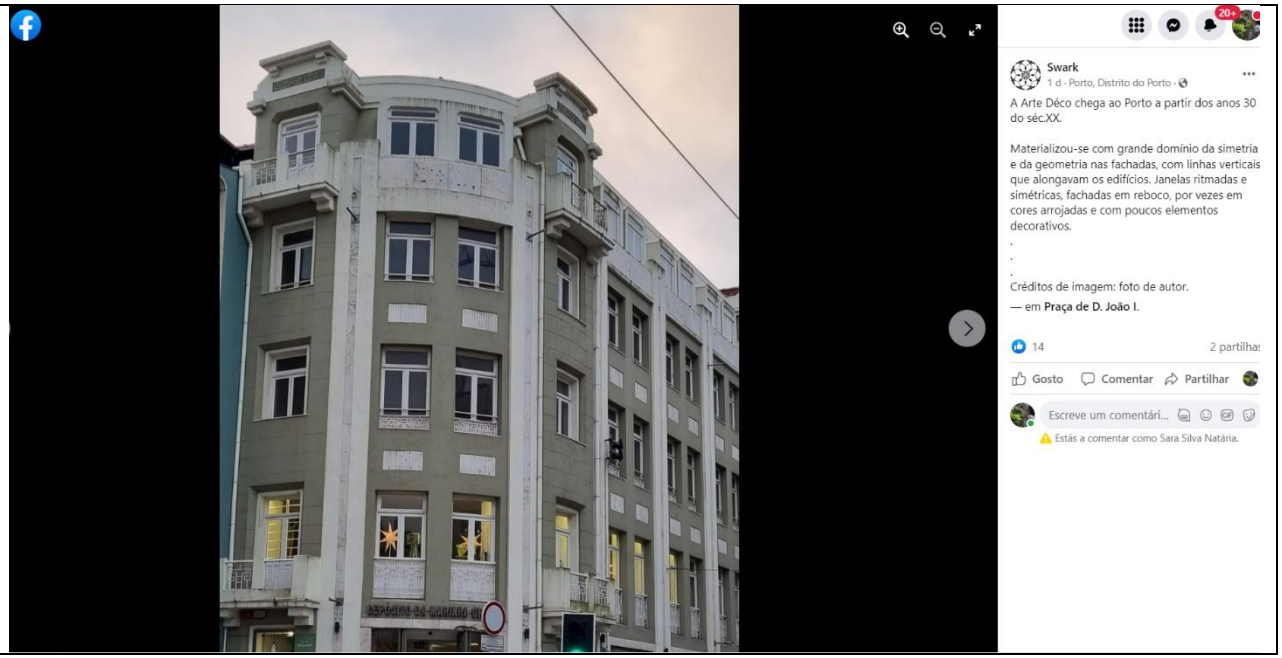
	22 de setembro de 2022 (18:30h)	Pinterest	

As Linguagens Arquitetónicas: A Arte Déco	23 de setembro de 2022 (18:30h)	Instagram	

	23 de setembro de 2022 (18:30h)	Facebook	

	23 de setembro de 2022 (18:30h)	Twitter	

	23 de setembro de 2022 (18:31h)	Instagram	

	23 de setembro de 2022 (18:31h)	Facebook	

	23 de setembro de 2022 (18:31h)	Twitter	SWark by Sara Natária @SWarkHousehunt1 A Arte Déco chega ao Porto a partir dos anos 30 do séc.XX.Materializa-se com linhas verticais que alongam as fachadas das arquiteturas. Janelas ritmadas e simétricas, fachadas em cores arrojadas e com escassez de elementos decorativos. Créditos de imagem: foto de autor. Translate Tweet 6:33 PM · Sep 23, 2022 · Canva

	23 de setembro de 2022 (18:30h)	Pinterest	

Colecção... Guardar

As Linguagens Arquitetónicas- A Arte Déco

A Arte Déco chega ao Porto a partir dos anos 30 do séc.XX. Materializou-se com grande domínio da simetria e da geometria nas fachadas, com linhas verticais que alongavam as arquiteturas.

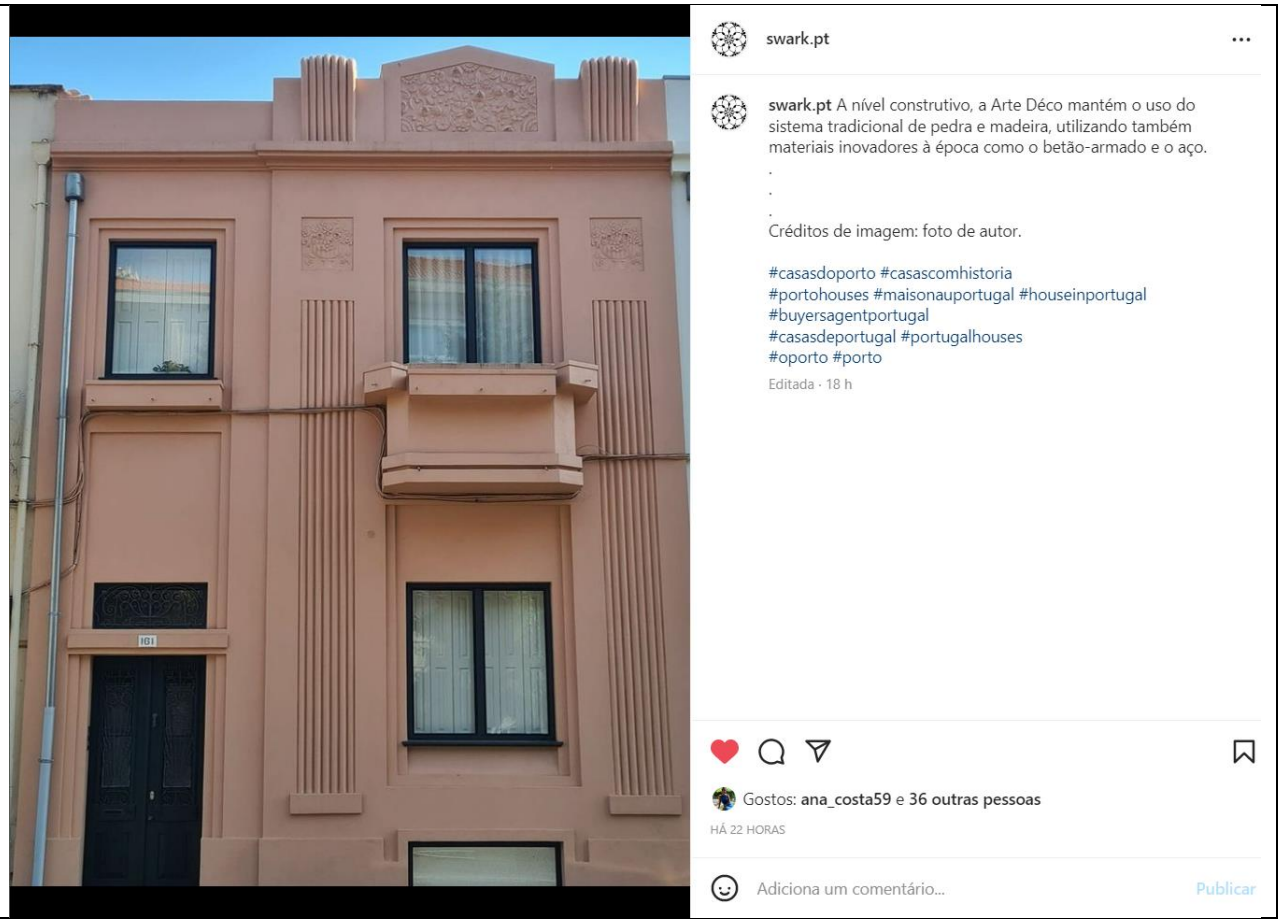
SWark
1,4mil seguidores

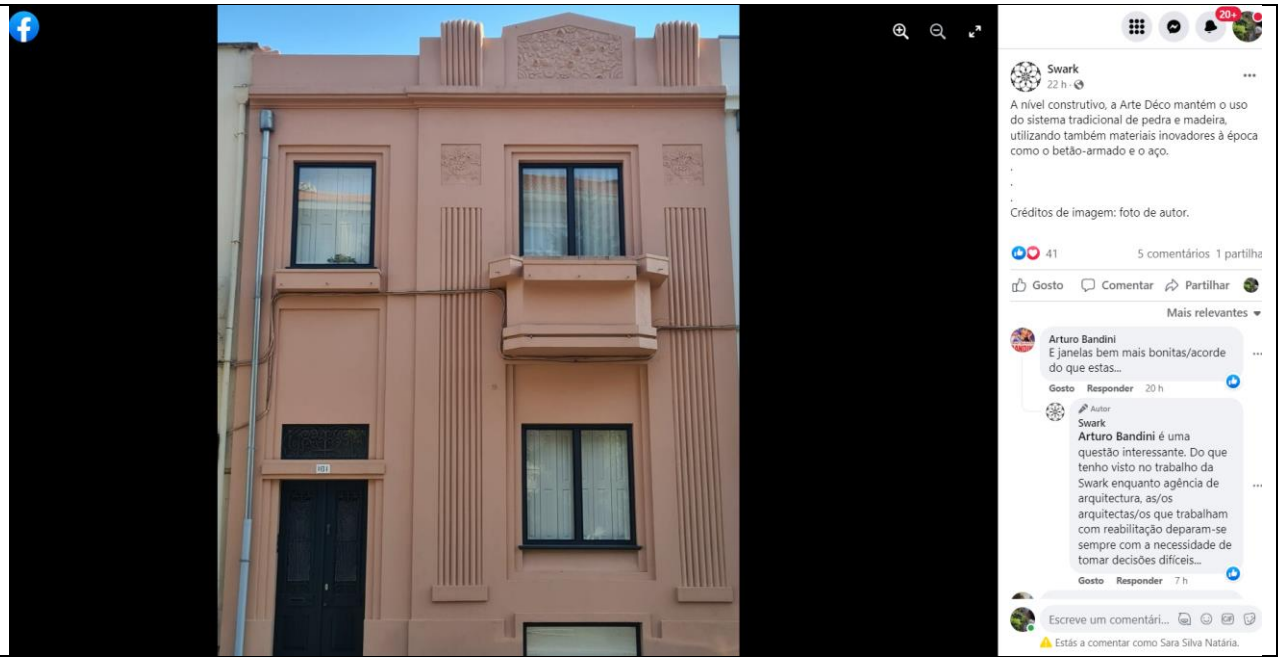
A seguir

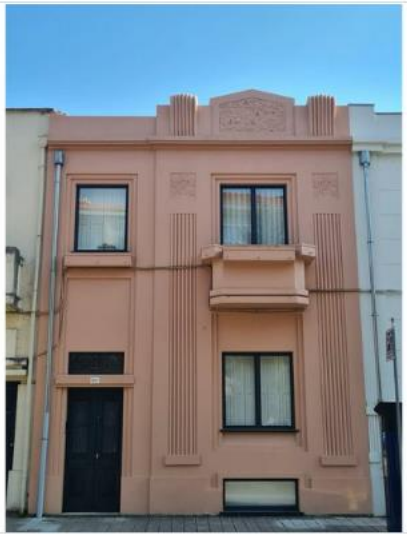
Comentários

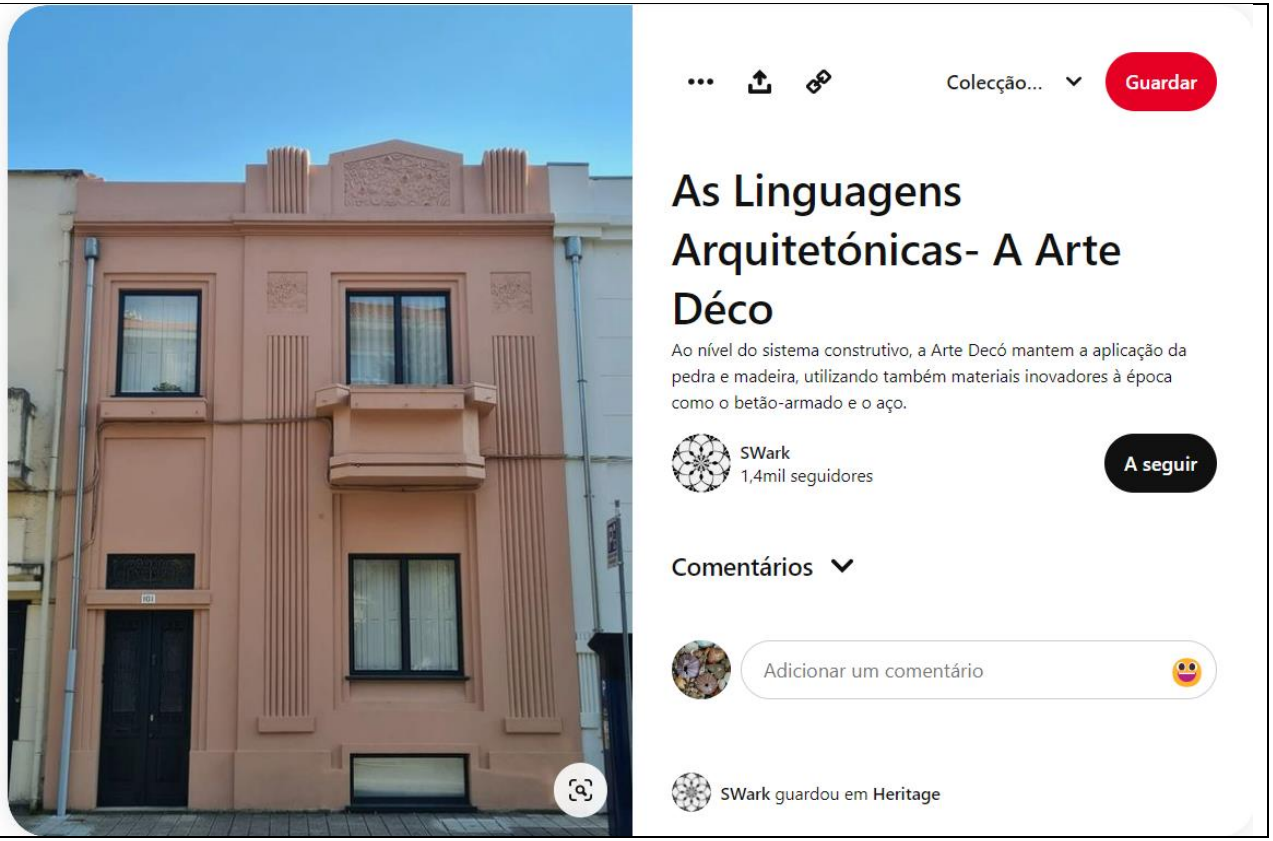
Adicionar um comentário

SWark guardou em Heritage

	24 de setembro de 2022 (18:30h)	Instagram	

	24 de setembro de 2022 (18:30h)	Facebook	

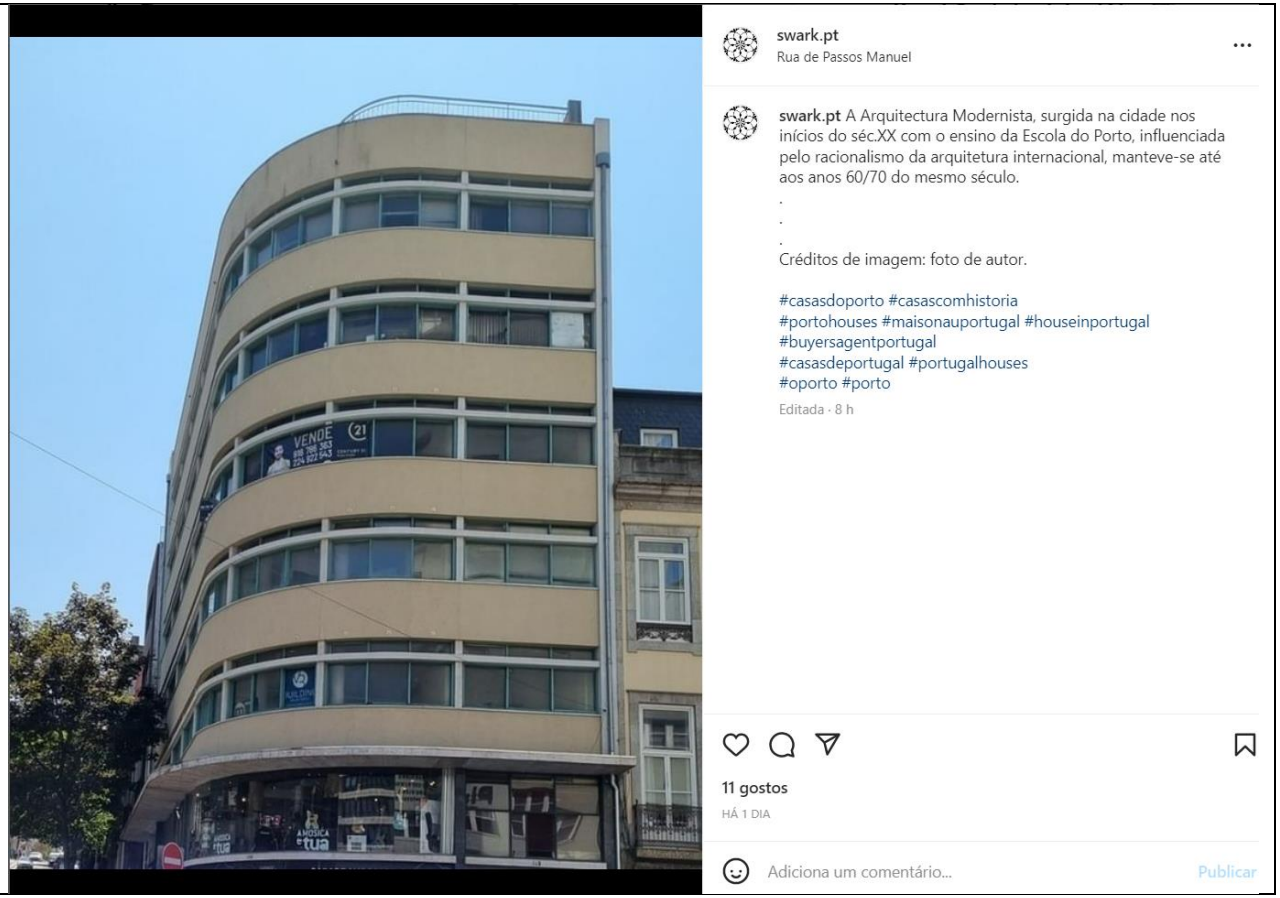
	24 de setembro de 2022 (18:30h)	Twitter	**SWark by Sara Natária** @SWarkHousehunt1 Ao nível do sistema construtivo, a Arte Decó, destacou-se na utilização de materiais extremamente inovadores à época como o betão, cimento armado e aço. Créditos de imagem: foto de autor. Translate Tweet  6:31 PM · Sep 24, 2022 · Canva

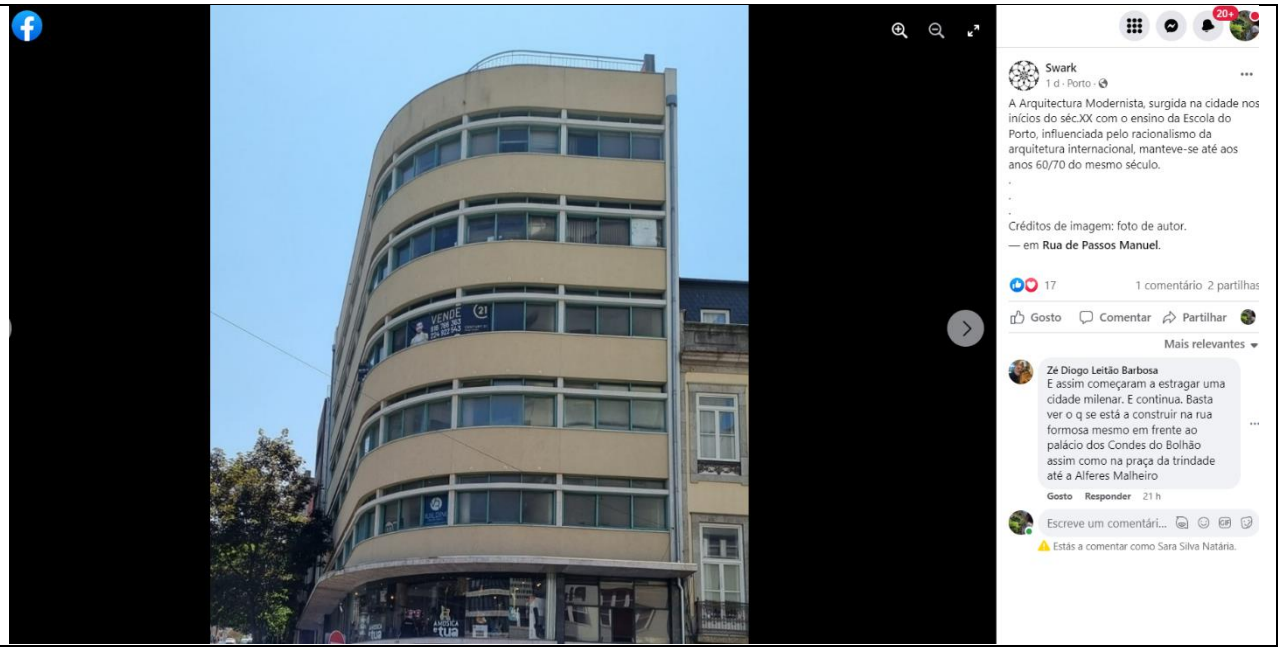
	24 de setembro de 2022 (18:30h)	Pinterest	

As Linguagens Arquitetónicas: A Arte Modernista	28 de setembro de 2022 (18:30h)	Instagram	

	28 de setembro de 2022 (18:30h)	Facebook	

	28 de setembro de 2022 (18:30h)	Twitter	

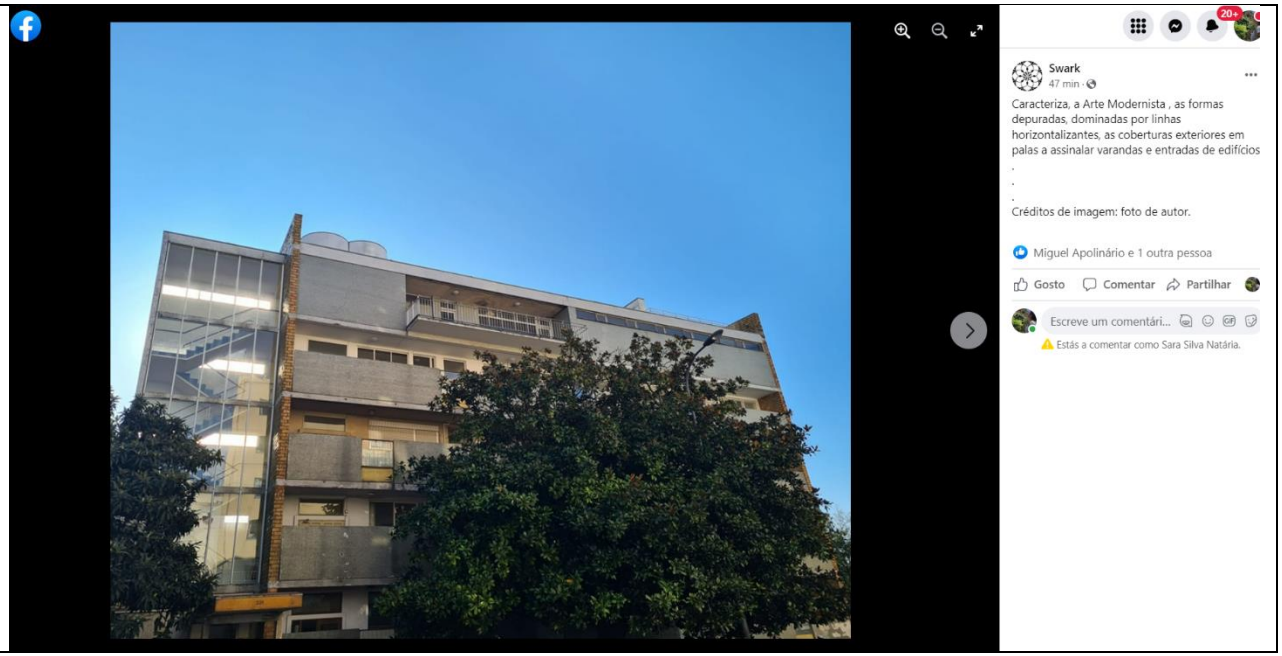
	28 de setembro de 2022 (18:31h)	Instagram	

	28 de setembro de 2022 (18:31h)	Facebook	

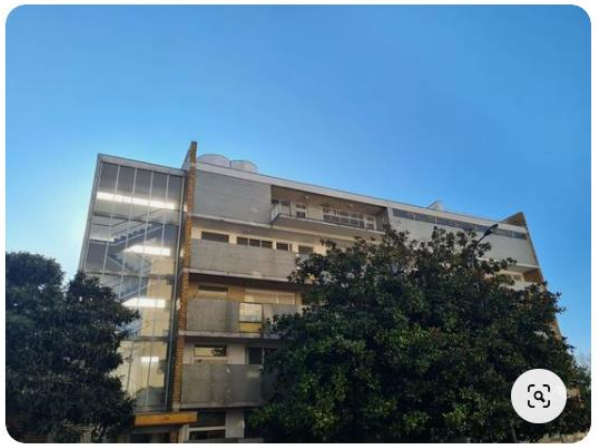
	28 de setembro de 2022 (18:31h)	Twitter	SWark by Sara Natária @SWarkHousehunt1 A Arte Modernista surgida na cidade nos inícios do séc.XX com o ensino da Escola do Porto, influenciada pelo racionalismo da arquitetura internacional, manter-se-ia até aos anos 60/70 do mesmo século. . . . Créditos de imagem: foto de autor. Translate Tweet 6:31 PM · Sep 28, 2022 · Canva

	28 de setembro de 2022 (18:30h)	Pinterest	SWark by Sara Natária @SWarkHousehunt1 A Arte Modernista surgida na cidade nos inícios do séc.XX com o ensino da Escola do Porto, influenciada pelo racionalismo da arquitetura internacional, manter-se-ia até aos anos 60/70 do mesmo século. . . . Créditos de imagem: foto de autor. Translate Tweet 6:31 PM · Sep 28, 2022 · Canva

	29 de setembro de 2022 (18:30h)	Instagram	

	29 de setembro de 2022 (18:30h)	Facebook	

	29 de setembro de 2022 (18:30h)	Twitter	SWark by Sara Natária @SWarkHousehunt1 Caracteriza, a Arte Modernista , as formas depuradas, dominadas por linhas horizontalizantes, as coberturas exteriores em palas a assinalar varandas e entradas de edifícios. . . . Créditos de imagem: foto de autor. Translate Tweet 6:30 PM · Sep 29, 2022 · Canva

	29 de setembro de 2022 (18:30h)	Pinterest	

Colecção... Guardar

As Linguagens Arquitetónicas: A Arte Modernista

Caracteriza, a Arte Modernista , as formas depuradas, dominadas por linhas horizontalizantes, as coberturas exteriores em palas a assinalar varandas e entradas de edifícios.

SWark
1,4mil seguidores

A seguir

Comentários

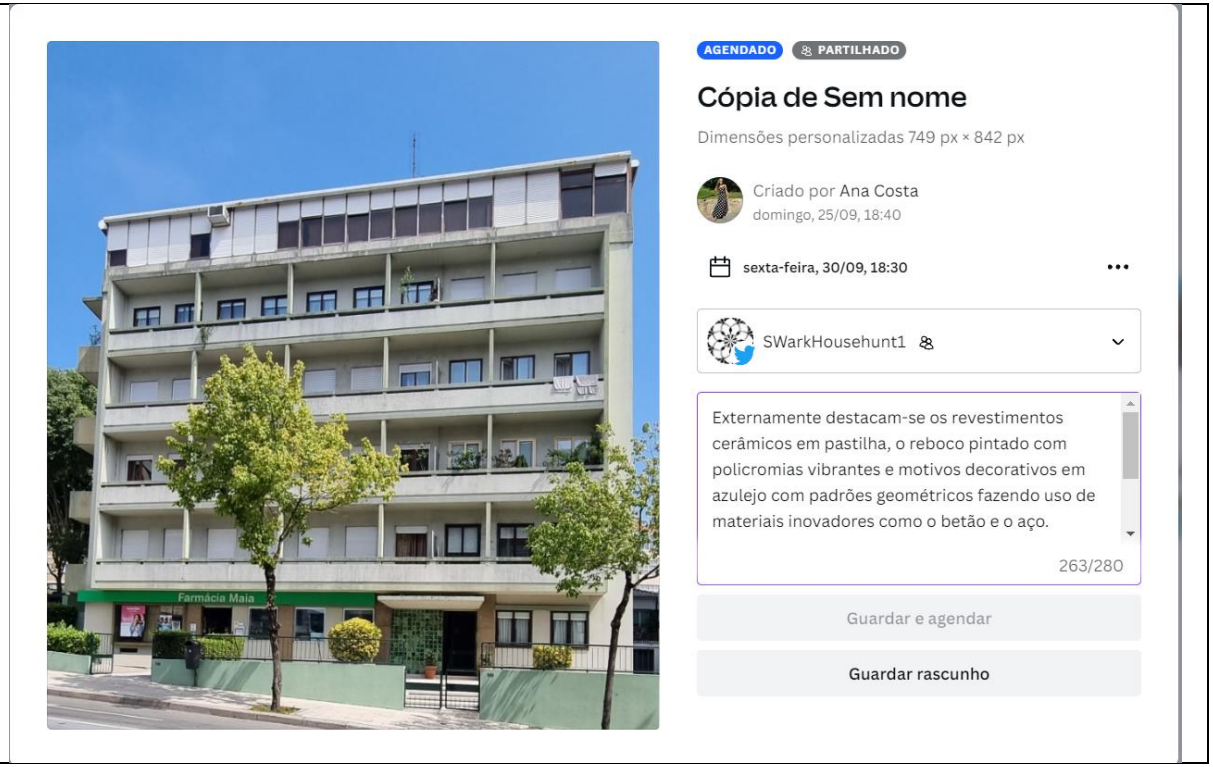
Adicionar um comentário

SWark guardou em Heritage

16.5 Apêndice 5- Tabela das Publicações Pendentes nas Redes Sociais

Tema	Data da Publicação	Plataforma de Publicação	Registo Fotográfico
As Linguagens Arquitetónicas : A Arte Modernista (continuação)	30 de setembro de 2022 (18:30h)	Instagram	

	30 de setembro de 2022 (18:30h)	Facebook	

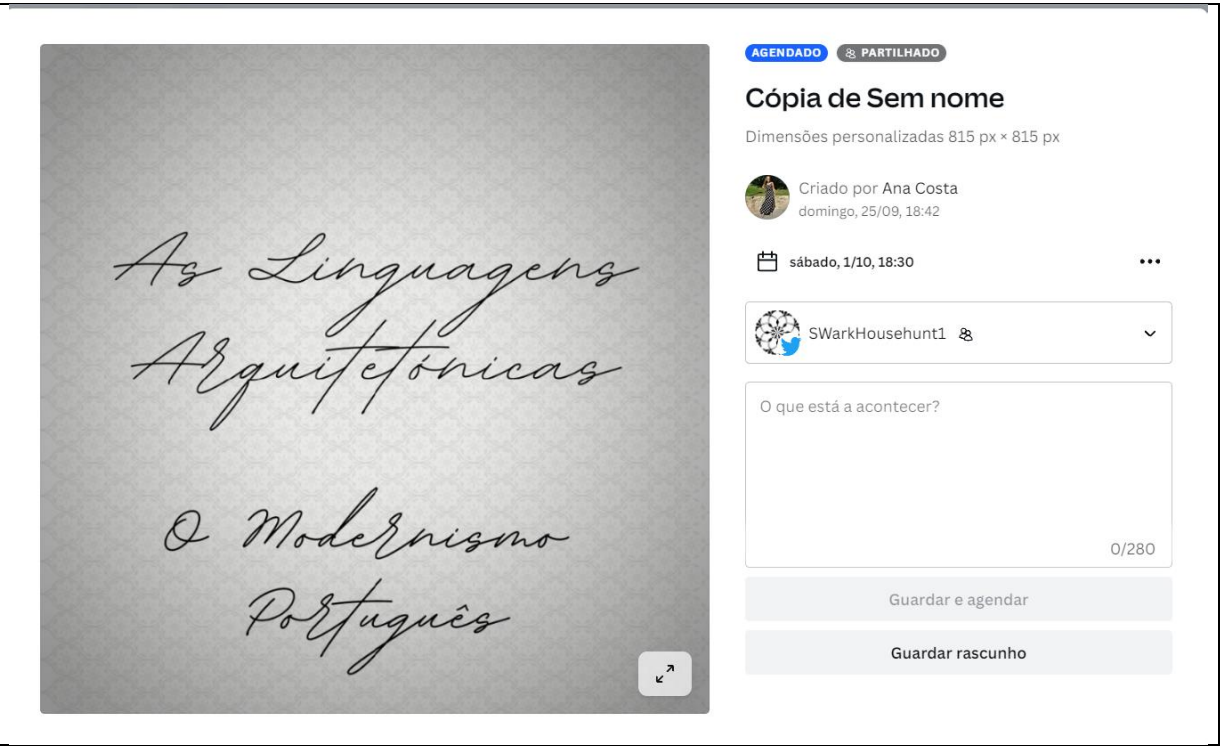
	30 de setembro de 2022 (18:30h)	Twitter	

	30 de setembro de 2022 (18:30h)	Linkedin	AGENDADO PARTILHADO Design sem nome Dimensões personalizadas 749 px × 842 px Criado por Ana Costa domingo, 25/09, 18:38 sexta-feira, 30/09, 18:30 Sara Silva Natária Externamente destacam-se os revestimentos cerâmicos em pastilha, o reboco pintado com policromias vibrantes e motivos decorativos em azulejo com padrões geométricos. 512/3000 Guardar e agendar Guardar rascunho

	30 de setembro de 2022 (18:30h)	Pinterest	

As Linguagens Arquitetónicas: O Modernismo Português	01 de outubro de 2022 (18:30h)	Instagram	

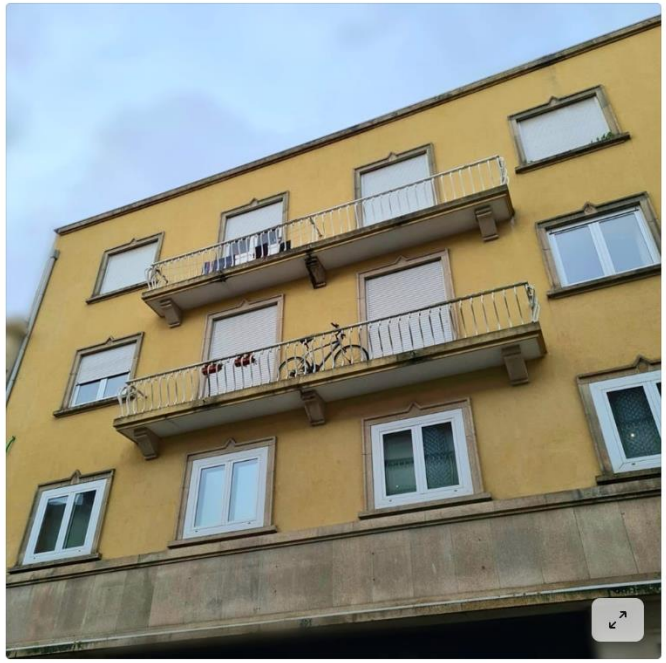
	01 de outubro de 2022 (18:30h)	Facebook	

	01 de outubro de 2022 (18:30h)	Twitter	

	01 de outubro de 2022 (18:30h)	Linkedin	

	01 de outubro de 2022 (18:31h)	Instagram	

	01 de outubro de 2022 (18:31h)	Facebook	

	01 de outubro de 2022 (18:31h)	Twitter	 AGENDADO PARTILHADO Design sem nome Dimensões personalizadas 972 px × 972 px Criado por Ana Costa domingo, 25/09, 18:43 sábado, 1/10, 18:31 SWarkHousehunt1 O Modernismo Português, surgido nos anos 40 e até aos anos 70 do séc. XX, foi amplamente incentivado durante a ditadura salazarista em Portugal, como tentativa de criação de uma 'identidade arquitetónica portuguesa'. 257/280 Guardar e agendar Guardar rascunho

	01 de outubro de 2022 (18:31h)	Linkedin	

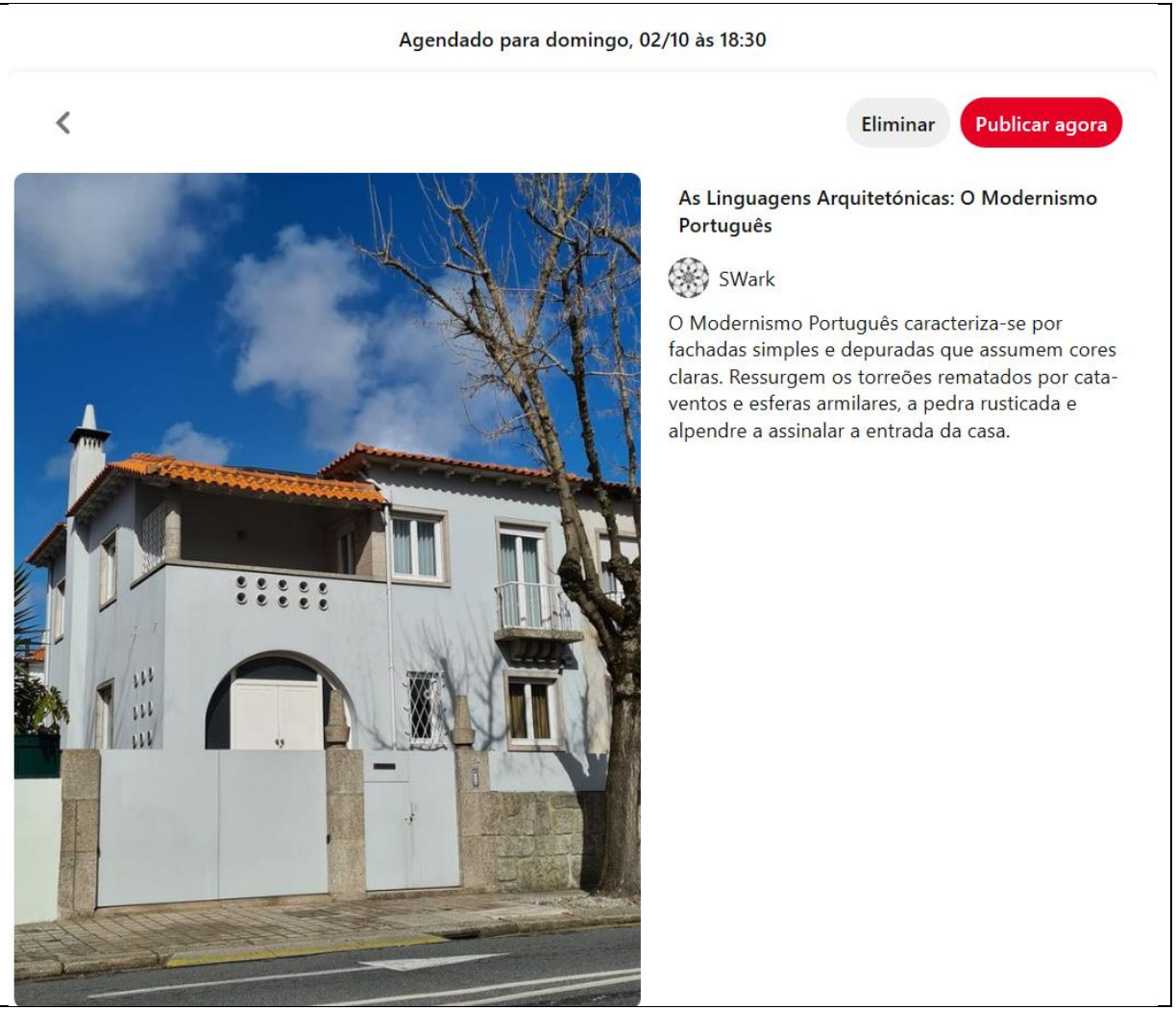
	01 de outubro de 2022 (18:30h)	Pinterest	

	02 de outubro de 2022 (18:30h)	Instagram	

	02 de outubro de 2022 (18:30h)	Facebook	

	02 de outubro de 2022 (18:30h)	Twitter	 AGENDADO PARTILHADO Cópia de Sem nome Dimensões personalizadas 1512 px × 2016 px Criado por Ana Costa domingo, 25/09, 18:45 domingo, 2/10, 18:30 SWarkHousehunt1 O Modernismo Português caracteriza-se pelo ressurgimento do léxico decorativo tradicionalista português dos sécs. XVII e XVIII. Ressurgem os torreões rematados por cata-ventos e esferas armilares, a pedra rusticada e alpendre na entrada 280/280 Alcançou o limite de 280 carateres permitido num post do Twitter. Lembre-se de que qualquer URL será modificado pelo Twitter para que tenha 23 carateres. Guardar e agendar Guardar rascunho

	02 de outubro de 2022 (18:30h)	Linkedin	AGENDADO PARTILHADO Design sem nome Dimensões personalizadas 1512 px × 2016 px Criado por Ana Costa domingo, 25/09, 18:44 domingo, 2/10, 18:30 Sara Silva Natária O Modernismo Português caracteriza-se pelo ressurgimento do léxico decorativo tradicionalista português dos sécs. XVII e XVIII. Fachadas simples e depuradas assumem cores 423/3000 Guardar e agendar Guardar rascunho

	02 de outubro de 2022 (18:30h)	Pinterest	

	03 de outubro de 2022 (18:30h)	Instagram	

	03 de outubro de 2022 (18:30h)	Facebook	

	03 de outubro de 2022 (18:30h)	Twitter	AGENDADO PARTILHADO Design sem nome Dimensões personalizadas 1090 px × 984 px Criado por Ana Costa domingo, 25/09, 18:47 segunda-feira, 3/10, 18:30 SWarkHousehunt1 Ao nível do sistema construtivo, no Modernismo Português, mantem-se a utilização da pedra e da madeira e pontualmente do betão e do aço, materiais inovadores já introduzidos pela arquitetura modernista. 235/280 Guardar e agendar Guardar rascunho

	03 de outubro de 2022 (18:30h)	Linkedin	

	03 de outubro de 2022 (18:30h)	Pinterest	

16.6 Apêndice 6- Consentimentos Arquiteta Joana Leandro Vasconcelos

Consentimento Informado

Eu, Ana João Costa e Silva, em período de término do Mestrado em História da Arte, Património e Cultura Visual, na FLUP- Porto-, venho por este meio solicitar permissão para utilização da entrevista, realizada no dia 11 de agosto de 2022 às 14h, relativa ao estudo da Casa Cedo, na Rua de Cedofeita, nº334, da cidade do Porto.

Esta permissão tem como objetivo a possibilidade de citação de partes da entrevista ao longo do corpo de texto do relatório de estágio assim como a disponibilização integral, de forma condicionada a pessoas com permissão, nos anexos do mesmo documento.

Eu, Arquiteta Joana Leandro Vasconcelos, fui informada dos objetivos da pesquisa de forma detalhada e tenho todas as dúvidas esclarecidas.

Declaro que concordo na utilização integral da entrevista para inclusão nos anexos condicionados do relatório de estágio da aluna, assim como na utilização de partes da mesma para citação no corpo de texto do documento oficial.

A Aluna

Ana João Costa e Silva

A Arquiteta

16.7 Apêndice 7- Consentimentos Arquiteta Adriana Floret

Consentimento Informado

Eu, Ana João Costa e Silva, em período de término do Mestrado em História da Arte, Património e Cultura Visual, na FLUP- Porto-, venho por este meio solicitar permissão para utilização da entrevista, realizada no dia 05 de setembro de 2022 às 11:30h, relativa ao estudo da Casa na Rua do Gólgota, nº90, da cidade do Porto.

Esta permissão tem como objetivo a possibilidade de citação de partes da entrevista ao longo do corpo de texto do relatório de estágio assim como a disponibilização integral, de forma condicionada a pessoas com permissão, nos anexos do mesmo documento.

Eu, Arquiteta Adriana Floret, fui informada dos objetivos da pesquisa de forma detalhada e tenho todas as dúvidas esclarecidas.

Declaro que concordo na utilização integral da entrevista para inclusão nos anexos condicionados do relatório de estágio da aluna, assim como na utilização de partes da mesma para citação no corpo de texto do documento oficial.

A Aluna

Ana João Costa e Silva

A Arquiteta

Adriana Floret

16.8 Apêndice 8- Consentimentos Arquiteta Sara Silva Natária

Consentimento Informado

Eu, Ana João Costa e Silva, em período de término do Mestrado em História da Arte, Património e Cultura Visual, na FLUP- Porto-, venho por este meio solicitar permissão para utilização da entrevista, realizada no dia 26 de setembro de 2022 às 15h, relativa ao processo de criação das áreas para o Mapa de Localizações da cidade do Porto incluído na Lista de Desejos.

Esta permissão tem como objetivo a possibilidade de citação de partes da entrevista ao longo do corpo de texto do relatório de estágio assim como a disponibilização integral, de forma condicionada a pessoas com permissão, nos anexos do mesmo documento.

Eu, Arquiteta Sara Silva Natária, fui informada dos objetivos da pesquisa de forma detalhada e tenho todas as dúvidas esclarecidas.

Declaro que concordo na utilização integral da entrevista para inclusão nos anexos condicionados do relatório de estágio da aluna, assim como na utilização de partes da mesma para citação no corpo de texto do documento oficial.

A Aluna

Ana João Costa e Silva

A Arquiteta